This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

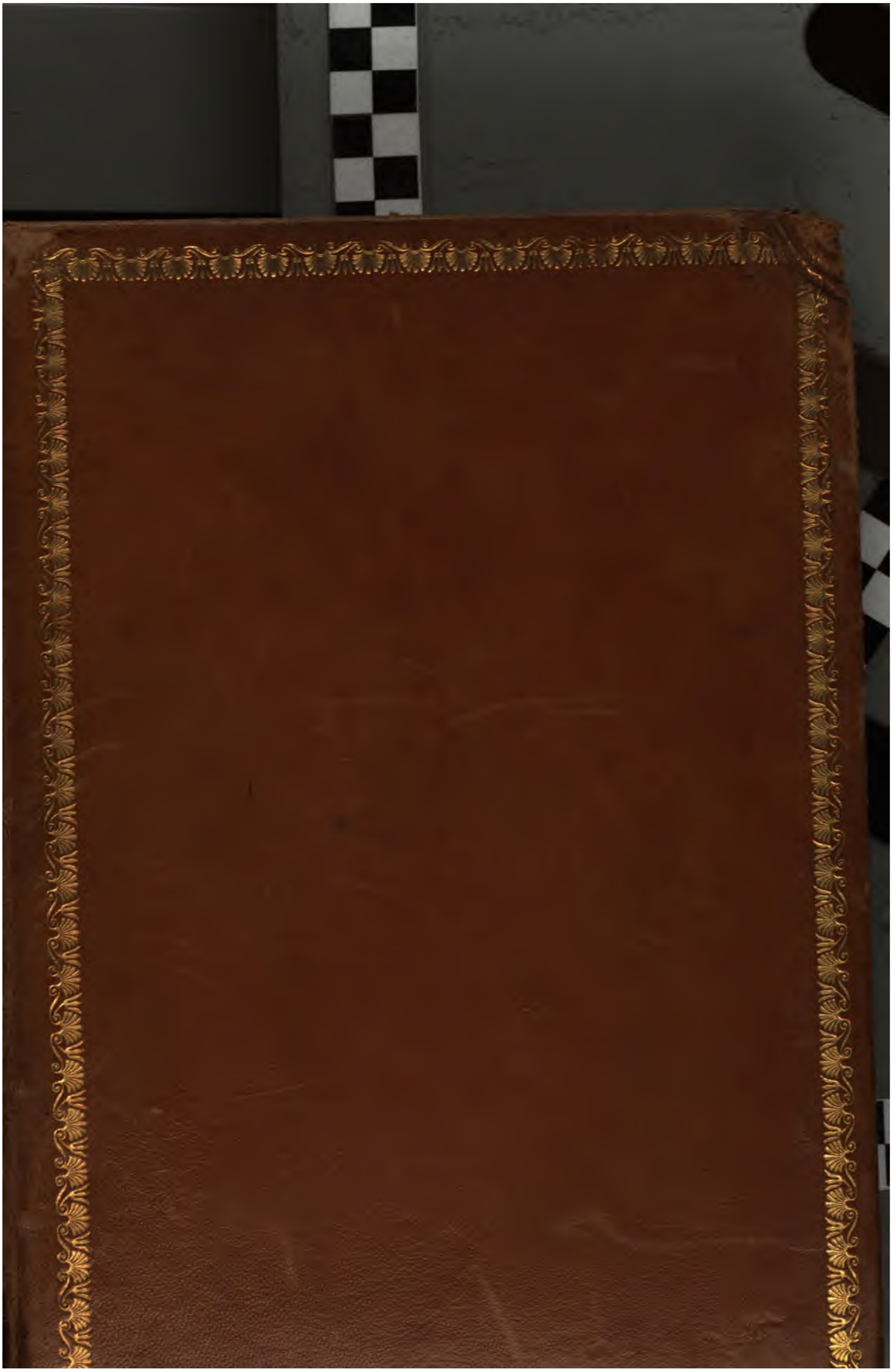
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`



DECADA QVARTA DA ASIA,

DOS FEITOS QVE OS PORTVGVESES FIZERAM NA CONQVISTA E DESCOBRIMENTO das terras, & mares do Oriente: em quanto gouernaraõ a India Lopo Vaz de ſaõ Payo, & parte de Nuno da Cunha.

Compoſta por mandado do inuenciuel Monarcha de Eſpanha dom Felipe Rey de Portugal o primeiro deſte nome:

POR DIOGO DO COVTO GVARDA MOR da torre do tombo do eſtado da India.

BODLEIANA · BIBLIOTHECA

Com licença da ſanta Inquiſição & Ordinario.

EM LISBOA.

Impreſſo por Pedro Crasbeeck, no Collegio de ſanto Agoſtinho. Anno M. DCII.

Com Preuilegio Real.

243. h. 21.

BIBLIOTHECA BODLEIANA

Licença do Padre Reuedor.

VI esta quarta decada da historia da India, autor Diogo do Couto: nem tem cousa dissoante a doutrina Catholica, & as que conta sãõ muito dinas de memoria, & que redundão em gloria de Deos, honra & reputação da nação Portuguesa. E o autor mostra muita diligencia em as ajuntar, & apurar a verdade, que he a primeira ley da historia, que faz mais agradauel com o bom methodo & clareza, & com exactas descripsoẽs de terras & mares do Oriente, & outras cousas de que dà noua noticia com erudição. Pello que entendo que a lição deste liuro sera proueitosa & gostosa, & de honesto entretimento. E que sera beneficio comum imprimirse. Nesta casa de saõ Roque da companhia de Iesu a 10. de Ianeiro de 602.

Francisco Pereira.

Licença da mesa geral da S. Inquisição.

VIsta a informação podese imprimir esta quarta decada da historia da India, & depois d'impressa torne a este conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correra. Em Lisboa 15. de Ianeiro de 602.

Marcos Teixeira. Bartolameu d'Afonseca. Ruy Pirez da Veiga.

Licença do Ordinario.

POdese imprimir 17. de Ianeiro 602.

Simão Borges.

EV el Rey faço ſaber aos que eſte Aluarà virem, q̃ aven do reſpeito ao que na petição atras eſcrita diz Diogo do Couto morador em Goa, guarda mor da torre do tombo do eſtado da India, & viſto as cauſas que alega, ei por bem & me praz, que por tempo de vinte annos imprimidor, nem outro liureiro algum, & peſſoa de qualquer qualidade que ſeja, não poſſa imprimir, nem vender em todos eſtes reinos & ſenhorios, nem trazer de fora delles o liuro em que ſe contão os feitos que meus vaſſalos os Portugueſes fizerão nas partes do Oriente, de que na dita petição faz menção, ſalvo aquelles liureiros & peſſoas que pera iſſo tiuerem ſeu poder & licença. E qualquer imprimidor, liureiro, ou peſſoa q̃ durando o dito tempo de vinte annos, que começarão de correr do tempo em diãte em que ſe começar cada liuro da dita hiſtoria a imprimir, ſendo primeiro viſto pellos Inquiſidores & ordinario, vender, ou imprimir os ditos liuros nos ditos meus reinos & ſenhorios, ou trouxer de fora delles, perdera pera elle dito Diogo do Couto todos os volumes que aſsi imprimir, vender, ou trouxer de fora. E alem diſto encorrera em pena de cem cruzados, a metade pera o dito Diogo do Couto, & aoutra a metade pera quem o accuſar. E mando as juſtiças, officiaes, & peſſoas a que o conhecimẽto diſto pertẽcer, cumprão, & guardem eſſe aluarà como ſe nelle contem. O qual ſera treſladado no principio de cada liuro & eſte quero que valha, tenha força, & vigor, poſto que o effeito delle aja de durar mais de hũ anno: ſem embargo da ordenação do ſegundo liuro titulo 20. que diſpoem o contrario. Franciſco Ferreira o fez em Lisboa a 22. de Março de mil & ſeiſcentos & dous. Pero da Coſta o fez eſcreuer.

REY.

AO INVICTISSIMO MO-
NARCHA D'ESPANHA DOM FELIPE
Rey de Portugal o primeiro deste nome.

EPISTOLA.

ACOVSA a que a natureza mais inclinou todas as criaturas assi racionais, como irracionais (segundo os Filosofos affirmão inuictissimo Monarcha) foy a conseruaçaõ de sua propria especie, trabalhando por produzirem outras semelhantes a si. Mas ao homem como mais excellente de todas lhe deu alem disto hum appetite quasi sobrenatural, que he desejar, & solicitar mais que tudo a conseruação de seu proprio nome, trabalhando por deixar delle hũa memoria eterna por feitos & obras heroicas, antes que por imperios, reinos, & senhorios. Disto temos hum muito claro exemplo no grande Alexandre, que sendo ja senhor do mundo, quando parecia que a cobiça humana estaua satisfeita, então lhe entrarão nouas inuejas, vendo o sepulchro de Achiles, porque não tinha outro Homero pera lhe acabar de rematar sua bemauenturança pera em tudo ser maior que todos. E por tanto maior tinha esta gloria de ficar no mundo viuendo por fama, que o imperio de todo elle: pois estando pera morrer, não deixou seus reinos a seu filho polo naõ achar digno delles, senaõ ao virtuoso Perdica: porque assi acrecentaua mais em sua fama, que naõ quis arriscar no filho pollas inclinaçaõ que lhe sintio. A mesma opiniaõ teue Phartes rey dos Parthos, que tendo tambem filhos deixou seus reinos ao famoso Mithridates, porque esperaua com seus feitos perpetuar mais sua memoria. Apos este apetite natural corrião aquelles famosos capitaẽs Themistocles & Iulio Cesar, quando hum muito pensatiuo dizia que os troféos de Melciades o

naõ deixauaõ quietar, & o outro quando vio em hum templo esculpidas algũas façanhas de Alexandre, entristeceose, por se ver em idade em que o outro conquistou o mundo, & elle naõ tinha feito nada. E assi he na verdade: porque nenhũa cousa puxa mais por hum varaõ de honra, que estes desejos de gloria & fama, porque tantos obraraõ, & fizeraõ tantas & taõ altas marauilhas, que pareciaõ passar os termos & limites da natureza humana. Isto sintio muito bem Thucidides, quando dizia que aquelle seria famoso & grande que corresse apos aquillo que andaua mais perto da inueja: entendendo que necessariamente auia ella de andar apos a virtude, que he o mesmo que Plutarcho affirma. Desta gloria eraõ os antigos Gregos taõ amigos, que o mor galardaõ que dauaõ aos seus famosos eraõ estatuas, que se punhaõ em lugares publicos pera memoria. E assi custumauaõ a dar a seus noueis escudos brancos, pera que fazendo façanhas taõ notaueis, que merecessem ficar em memoria, as podessem pintar nelles: pera com isso os obrigarem a fazerem feitos dinos de serem por elles eternizados. Isto sinificou Virgilio no quarto liuro de sua Æneida falando de Heleno, dizendo que morreo na guerra com seu escudo branco sem gloria: porque o mataraõ taõ moço, que naõ teue tempo de fazer cousa dina de se pintar nelle. E este taõ glorioso custume guardaraõ aquelles famosos principes dom Reimaõ de Saõ Gil de Proença, dom Reimaõ de Tolosa, & dom Anrique seu sobrinho, de quem vossa Majestade direitamente descende. Que saindo juntos pello mundo a ganhar fama, leuaraõ os escudos brancos, & com elles chegaraõ ao reino de Castella, & ajudaraõ a el Rey dom Afonso o sexto contra os Mouros: & pellos galardoar os casou com tres filhas. E destas coube em sorte a dom Anrique o senhorio de Portugal, que seu filho dom Afonso Anriques tanto dilatou. Este valeroso principe depois d'aquella taõ famosa & milagrosa vitoria do campo de Ourique em que venceo os cinco Reys Mouros, logo pintou em seu escudo, que

ainda

ainda era branco, àquelle final de noſſa redençaõ, que noſſo Senhor por muito particular mimo & merce lhe quis moſtrar no ceo por lhe dar eſperanças da vitoria. Eſtas armas por ſerem taõ glorioſamente ganhadas, deixou por herança aos Reys de Portugal como voſſa Majeſtade as tem. Eſta gloria das eſtatuas, & dos eſcudos brancos paſſarão depois os Athenienſes às eſcrituras, por verem que as imagens & pinturas eraõ mudas, & naõ podiaõ recitar ſeus feitos. D'aqui ſe eſtenderaõ aos Romanos, & a todas as mais naçoẽs do mundo, taõ deſejoſas todas d'hũa perpetua fama, que lhe naõ fica couſa que naõ ſeja logo por muitos & varios modos eſcrita. So a eſta noſſa naçaõ Portugueſa faltou eſta gloria, como ſe fora menos merecedora della, de que nos meſmos temos a culpa, parecendonos que ſò o obrar feitos illuſtres & inſines nos baſta: naõ vendo que eſta gloria em cada hum ſe paſſa, & que eſtoutra viue em todos eternamente: & que aſsi ficaõ ſendo ſuas obras mortas, como o eſtauaõ muitas & muy dinas de grandes eſcrituras, que neſte Oriente paſſaraõ, que em toda a outra naçaõ auiaõ de andar em mil volumes por eſpantoſas ao mundo. Eſta perda, que tanto nos deue enuergonhar, quis voſſa Majeſtade remedear com me mandar proſeguiſſe a hiſtoria da India, começando donde Ioaõ de Barros acabou, pera que ſaiſſem a luz os feitos que eſtes vaſſalos Portugueſes tem obrado neſtes eſtados. E tanta ventagem faz eſta merce a todas as que fez a todos depois que direitamente herdou eſſa coroa de Portugal, quanto vay da vida à morte, & do que ſempre dura ao que logo ſe acaba. Porque os juros, as fortalezas, as comendas, as tenças, & tudo mais de que encheo todos os Portugueſes aſsi deſſes reinos, como deſtes eſtados, couſas foraõ que acabaraõ ja em muitos, & naõ tardara muito que o faça em os mais. Mas ter voſſa Majeſtade tanta lembrança de todos, que ate os que acabaraõ ja ha tantos annos, quis que participaſſem da grandeza de ſuas merces, mandandome que lhe traga ſeus feitos a luz, couſa foy em que parece

& as porem nos mais altos corucheos da nefanda caſa de Mafamede: pera que no lugar de ſuas torpezas & abominações offereção ao altiſsimo Deos muitos ſacrificios de louuor com que o nome de voſſa Majeſtade fique muito acima de todos os que celebra a fama. Deſta cidade de Goa a vinte de Nouembro de 1597. annos.

Diogo do Couto.

A EL REY NOSSO SENHOR DOM FELIPE, REY de Portugal o primeiro deste nome, que mandou fazer esta obra.

SONETO.

OS ſceptros diuididos, os reynados
Famoſos na dourada antiguidade,
O ceo por grande bem da Chriſtandade
A vos Monarcha inuicto os tem dotados:
Sogeitando num ſó tantos eſtados,
Cifrou logo tambem na tenra idade,
De Rey taõ ſoberano, a mageſtade
E gouerno, dos Reys antepaſſados.
Dos voſſos Portugueſes conhecida
He a merce deſta obra (illuſtre ſorte)
De todos a qual mais agardecida,
Proteſtão de ſeruir com peito forte,
Que pois com fama dais a mortos vida
Aos viuos fazeis não temer morte.

A DIO-

A DIOGO DO COVTO CHRO-nista desta historia da India.

SONETO.

ESTando quasi ja desemparados
Os feitos pellas armas soberanos,
Que nas partes do Oriente os Lusitanos
Fizerão, pello Barros começados:
Dos mesmos (graue dor) mal recontados,
Em vos illustre Couto nestes annos,
Estão seguros ja liures de enganos,
Com real valhacouto registados.
A proezas heroicas he diuido
Hum Couto heroico, firme na verdade,
Tal Couto como vos, que sempre valha:
Partes de Choronista em grao sobido
Tendes a compasso de igualdade,
Tão Couto pella pena, como em malha.

A MESMA HISTORIA.

Soneto.

HIstoria em que a verdade se parece,
Co proprio original donde he formada
Em vos historia Indiana esta cifrada
Verdade que outras muitas enriquece:
Com vosco a Lusitania se ennobrece,
O mundo tem estampa em vos laurada
Em que ve da gente vossa debuxada
Lealdade, & armas liures de interesse:
Quem quiser ver amor brando amoroso
Eloquente Mercurio, duro Marte,
Ou Iupiter senhor imperioso:
Em vos tudo achara com sotil arte
Por estylo suaue & grandioso,
Que de tudo tendes tudo com grão parte.

TABOADA DA QVARTA DECADA.

LIVRO PRIMEIRO

Da quarta Decada.

CApitolo primeiro de como por morte do Gouernador dom Anrique de Meneſes ſocedeo na gouernança da India Pero Maſcarenhas que eſtaua por capitaõ de Malaca, & do modo por que Afonſo Mexia veador da fazenda abrio a terceira ſoceſſaõ em que ſocedeo Lopo Vaz de Sampayo, fol 1.

Capitolo 2. de como Afonſo Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampayo, & de como o Gouernador ſe partio pera Goa, & da grande vitoria que alcançou d'hũa grande armada do Camorim que eſtaua no rio de Bacanor, fol. 2.

Capitolo 3. do que o Gouernador paſſou em Goa com Franciſco de Sa capitaõ d'aquella cidade ſobre o naõ querer receber nella, & d'alguns capitaens que deſpachou pera fora, & de como o Gouernador partio pera Ormuz. fol 5.

Capitolo 4. do que aconteceo a Eitor da Sylueira no eſtreito de Meca, & de como foi ter a Macua, & mandou buſcar a dom Rodrigo de Lima ao Preſte Ioaõ, & do que lhe ſocedeo na viagem a te Ormuz. fol. 6.

Capitolo 5. do que aconteceo a Eitor da Sylueira, na viagem a te Ormuz, & de como o Gouernador recebeo o Embaixador do Preſte Ioaõ, fol. 8.

Capitolo 6. de como Afonſo Mexia mandou a Malaca chamar o Gouernador Pero Maſcarenhas, & do que elle fez depois que ſoube as nouas de ſua ſoceſſaõ, & do que aconteceo na jornada a Martim Afonſo de Mello Iuſarte, & a Franciſco de Sá de Meneſes, fol. 9.

Capitolo 7. de como Eitor da Sylueira partio de Ormuz a eſperar as naos de Meca, & de como Melique Saca, filho de Melique As, tratou de dar a fortaleza de Dyo aos Portugueſes: Do fundamento d'aquella ilha, & do tempo em que os mouros conquiſtaraõ a quelle reino, & do que paſſou Eitor da Sylueira com o Melique Saca, fol. 10.

Capitolo 8. de como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Sylueira, & elle ſe foi pera Chaul, ſem concluir é nada, & de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traiçaõ & a entregou a elRey de Cambaya, fol. 13.

Cap. 9. da armada que eſte anno de 26. partio do reino, & das

nouas ſoceſſoens, que elRey n'ellas mandou; & de como Afonſo Mexia veador da fazenda abrio a primeira ſoceſſaõ, em que ſocedeo Lopo Vaz de Sampayo, fol. 15.

Capitolo 10. do que fez o Gouernador Lopo Vaz de Sampayo em Cochim, & das naos que partiraõ pera o reino, & de como elRey dom Ioaõ recebeo o Embaixador Abexim, fol. 17.

LIVRO SEGVNDO
Da quarta Decada.

CApitolo primeiro da origem & principio do reino, & Reys de Malaca, & do tempo em que receberaõ aley de Mafamede, & do fundamento & deſcripſaõ da ilha de Bintaõ, fol 19

Capitolo 2. de como o Gouernador Pero Maſcarenhas partio pera Bintaõ, & de como desbaratou hũa armada d'elRey de Paõ, & do grande trabalho que os noſſos tiueraõ na entrada d'aquelle rio a te chegarem a cidade, fol. 21.

Capitolo 3. de como os mouros cometeraõ o nauio de Fernaõ Serraõ, & do perigo em que ſe vio, & de como o Gouernador o ſocorreo & cometeo a cidade, de Bintaõ, & a tomou, fol. 22.

Capitolo 4. do aluoroço que auia na gente da India ſobre o gouerno de Lopo Vaz de Sampayo, & de como ſe elle fez preſtes pera ir buſcar as Gales dos Rumés, fol. 25.

Capitolo 5 do que aconteceo a Pero Maſcarenhas a te chegar a Cochim, & de como Afonſo Mexia lhe defendeo a deſembarcaçaõ, & do que paſſou em Cananor, & de como ſe partio pera Goa, fol. 27.

Capitolo 6. do que fez o Gouernador Lopo Vaz de Sampayo tanto que teue nouas de Pero Maſcarenhas, & de como o mandou eſperar na barra, & o prenderaõ em ferros, & o leuaraõ a Cananor, fol 29

Capitolo 7. do que Chriſtouaõ de Souſa capitaõ de Chaul eſcreueo a Lopo Vaz de Sampayo ſobre as couſas de Pero Maſcarenhas, & de como chegou a Goa preſo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, & dos requerimentos que Pero Maſcarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampayo, fol. 30.

Capitolo oitauo das reuoltas que em Goa ouue ſobre as couſas dos dous Gouernadores, & de como Eitor da Sylueira, & Diogo da Sylueira ſe lançaraõ da parte de Pero Maſcarenhas, fol. 32.

Capitolo 9. do proteſto que Pero Maſcarenhas mandou aos vereado-

vereadores & fidalgos de Goa, & de como os apreſentaraõ a Lopo Vaz de Sampayo, fol. 34.

Capitolo 10. do que Lopo Vaz de Sampayo reſpondeo aos proteſtos de Pero Maſcarenhas. fol. 36.

Capitolo 11. de como os do bando de Pero Maſcarenhas trataraõ de prender Lopo Vaz de Sampayo, & das onioens que ſobre iſſo ouue, & de como Lopo Vaz de Sampayo os foi prender a todos, fol 38.

LIVRO TERCEIRO.

Da quarta Decada.

CApitolo primeiro do que acõteceo na jornada a Franciſco de Sa, & da deſcripſaõ da ilha da Iaoa, & de qual he a mayor & menor de Marco polo, & de como Franciſco de Mello meteo no fundo hũa nao de Turcos na barra do Achem, fol 40.

Capitolo 2. de como dom Garcia Anriquez fes pazes com elRey de Tidore, & a rezaõ que teue pera logo as quebrar, & de como faleceo aquelle Rey, & das ſoſpeitas que ouue ſer ajudado a iſſo cõ peçonha que ſe lhe deu, fol. 42.

Capitolo 3. do que aconteceo a dom Iorge de Meneſes na jornada de Maluco, & de como deſcobrio as ilhas dos Papuas, & da armada que partio de Caſtella pera aquellas ilhas de Maluco, & da derrota que leuou ate chegar a ellas, fol. 43.

Capitolo 4. de como dom Iorge de Meneſes chegou a Maluco, & fez tregoas com os Caſtelhanos, que ſe logo quebraraõ, & de como faleceo elRey Bayano, & lhe ſocedeo ſeu irmaõ Ayalo, & de como elRey de Lobin matou os Portugueſes que eſtauaõ em ſeu porto, & tomou hũa Galè por engano, fol. 47.

Capitolo 5. de como dom Simaõ de Meneſes ſoltou Pero Maſcarenhas, & dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz de Sampayo, & da armada que eſte anno de 27. partio de Portugal, & de como duas naos d'ella ſe perderaõ na ilha de ſaõ Loũrenço, fol 48.

Capitolo 6 da armada que o Turco Soleimaõ mandaua contra os Portugueſes, & das differenças que ouue entre os capitaẽs, & de como mataraõ o General, & a armada ſe desfez, fol. 51.

Capitolo 7. d'hum aſsinado que Antonio de Miranda d'Azeuedo deu a Pero Maſcarenhas de lhe obedecer, & do que aſſentaraõ o meſmo Antonio de Miranda & Chriſtouaõ de Souſa ſobre as couſas d'antre os gouernadores, fol 54.

Capitolo 8. de como ſe moſtrou a pauta a Lopo Vaz de Sampayo, & de como jurou de a comprir, &

ſe partio pera Cochim, a onde ſe auia de julgar a contenda, & do que paſſou em Cananor com Pero Maſcarenhas, fol. 55.

Capitolo 9. d'algũas deſauenças que ouue em Cochim entre os gouernadores, & de como ſe acrecentaraõ mais dous juizes por parte de Lopo Vaz de Sampayo, & do que mais paſſou, fol 58.

LIVRO QVARTO

Da quarta Decada.

CApitolo primeiro dos juizes q̃ ſe acrecentaraõ de nouo, & de como ſe deu a ſentença por Lopo Vaz de Sampayo, & de como Pero Maſcarenhas ſe embarcou pera o reino, fol 59.

Capitolo 2 do que paſſou dom Iorge capitaõ de Maluco com dõ Garcia Anriquez ſobre certos apontamentos que leuaua, & de como mandou a Malaca pedir ſoccorro, & prendeo dom Garcia Anriques em ferros, fol. 61.

Capitolo 3. de como os de dõ Garcia Anriquez o induziraõ a que prendeſſe dom Iorge, & de como o fez & ſe meteo na fortaleza, fol. 63.

Capitolo 4 do que fizeraõ os amigos de dom Iorge, & das couſas que ſocederaõ a te o ſoltarem, & do que aconteceo a os que dõ Iorge tinha mandado a Borneo, fol 64.

Capitolo 5. das couſas em que o Gouernador proueo em quanto eſteue em Cochim, & das armadas que deſpachou pera fora, & da grãde vitoria que dõ Ioaõ Deça ouue d'hũa armada de Calecut, & de como Chriſtouaõ de Mendoça foi entrar na fortaleza de Ormuz, & da morte do Guazil Rax Hamede, fol. 66.

Capitolo 6. do que aconteceo a Antonio de Miranda no eſtreito do mar roxo, & das preſas que fez, fol. 68.

Capitolo 7 de como Simaõ de Souſa Galuaõ, que ya pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem, & da grande & eſpantoſa batalha que teue com hũa ſua armada em que foi morto, & a Galé tomada, fol. 69.

Capitolo 8. de como Gonçalo Gomes d'Azeuedo q̃ ya pera Maluco, chegou a Banda, & do que a li paſſou com dom Garcia Anriquez, & de como chegou a Tidore Aluaro de Sayauedra Ceron, que partio da noua Eſpanha, & do que aconteceo a dom Iorge com elle, fol. 71.

Capitolo 9. do que aconteceo a Antonio de Miranda q̃ inuernou em Ormuz, & de como Diogo de Miſquita foi catiuo da armada de Cãbaya, & foi metido em hũas bõ barda pera que ſe fizeſſe mouro, & da grãde cõſtancia que teue: & de como eſta armada pelejou cõ Antique

rique de Macedo,& da braua batalha que tiueraõ,fol.74.

Capitolo 10. do que aconteceo na jornada a Martim Afonſo de Mello Iuſarte, & de como ſe perdeo na coſta de Bengala, & dos grandes trabalhos que paſſou a te ſer catiuo, fol.76:

LIVRO QVINTO

Da quarta Decada.

CApitolo 1. de como elRey dõ Ioaõ mandou Nuno da Cunha por Gouernador da India, & do que lhe aconteceo na jornada, fol.79.

Capitolo 2. do que ſocedeo as mais naos da cõpanhia do Gouernador Nuno da Cunha, & de como elle ſe perdeo na ilha de ſaõ Lourenço, & do que aconteceo a gente da companhia de Manoel de Laçerda,fol.81.

Capitolo 3.d'hũa armada noſſa que partio de Cochim, & ſe perdeo no rio de Chatua, & de como o Gouernador Lopo Vaz de Sampayo partio pera Cochim, & desbaratou hũa grande armada do Camorim,fol 83.

Capitolo 4. de como o Gouernador Lopo Vaz de Sampayo deſtruyo o Arel de Porca; & da armada que partio do reino, & do que lhes aconteceo na jornada,a te chegar a Cochim,fol 85.

Capitolo 5. de como o Gouernador Lopo Vaz de Sampayo foi auiſado d'hũa armada de Canbaya que andaua fora na coſta de Chaul,& de como a foi buſcar & a desbaratou de todo,fol.86.

Capitolo 6. da guerra que Eitor da Sylueira fez na coſta de Cãbaya, & de como deſtruyo a cidade de Baçaim,& as villas de Taná, Bombaim,& outras,& do que fez o Gouernador Lopo Vaz de Sampayo em Goa,& do que acõteceo a Antonio de Miranda no Malauar fol.88.

Capitolo 7. de como Chriſtouaõ de Mendoça capitaõ de Ormuz mandou Antonio Tenreiro por terra ao reino cõ nouas das Galés,& da jornada que eſte homem fez pello deſerto de Arabia: & de como chegou ao reino, & elRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz prender Rax Xarrafo, fol. 90.

Capitolo 8. das couſas que acõteceraõ em Malaca a te chegar Garcia de Sá & dos ardis de que o Achem vſou pera enganar Pero de Faria por ver ſe podia colher ẽ ſeu porto algũ nauio: & de outras couſas que mais paſſaraõ,fol 92.

Capitolo 9 de como elRey de Achem tomou por engano hũ Galeaõ de que era capitaõ Manoel Pacheco,& de como foraõ deſcubertos huns tratos que Simaya da Raya Chely de Malaca trazia cõ o do Achẽ, & de como foi morto, fol 94.

LIVRO SEXTO.

Da quarta Decada.

Capitolo primeiro do que acõteceo ao Gouernador Nuno da Cunha depois que partio da ilha de saõ Lourenço a te chegar a Mombaça, fol 95.

Capitolo 2. de como Nunõ da Cunha tomou a cidade de Mombaça, & das couſas que lhe aconteceraõ em quanto eſteue n'ella, fol.97.

Capitolo 3. de como o Gouernador Nuno da Cunha foi a Ormuz, & de como Manoel de Macedo chegou aquella fortaleza, & prẽdeo Rax Xatrafo & de como ſe aleuantou o Guaſil de Barem, & de como Nuno da Cunha mandou contra elle ſeu irmão Simão da Cunha, & do que lhe aconteceo, fol.98.

Capitolo 4 de como os noſſos deſembarcaraõ em Barem, & dos partidos que o Guaſil mandou cometer, & de como lhe bateraõ a fortaleza, & das grandes febres q̃ deraõ em todos os noſſos, que foi cauſa de ſe embarcarem, & de como Simaõ da Cunha faleceo de nojo, fol 101

Capitolo 5. do que dom Iorge de Meneſes capitaõ de Maluco paſſou com Fernaõ de la Torre, & da vitoria que dom Iorge de Craſto ouue d'hũa armada de Geilolo, fol.103.

Capitolo 6 da armada que eſte anno de 29. partio do reino, & de como Lopo Vaz de Sampayo ſe embarcou pera Cochim, & Nuno da Cunha chegou a Goa, & partio logo pera Cochim, & de como prẽdeo Lopo Vaz de Sampayo em terros, fol.104.

Capitolo 7. que contem a fala que Lopo Vaz de Sampayo fez a el Rey em relaçaõ fol.106.

Capitolo 8. das culpas que el Rey deu a Lopo Vaz de Sampayo, & de ſua repoſta a ellas, fol. 112

Capitolo 9. de como Antonio da Sylueira deſtroyo as cidades de Surrate & Reinel, & outras villas & pouoaçoẽs, & do que aconteceo a Diogo da Sylueira capitaõ mor do Malauar eſte veraõ, fo.116

Capitolo 10. das couſas que aconteceraõ no eſtreito do mar roxo, & de como Moſtafa baixa & el Rey de Xael foraõ cercar a cidade de Adem, & do que aconteceo a Eitor da Sylueira naquelle eſtreito & chegou a Adem & fauoreceo aquelle Rey, & o fez tributario ao de Portugal, fol 119.

Capitolo 11. das couſas que acõteceraõ em Maluco entre Portugueſes & Caſtelhanos, & de como dom Iorge de Meneſes os cercou na fortaleza de Tidore, & ſe entregaraõ a partido cõ condicaõ que ſe ſaiſſem daquellas ilhas, fol. 120.

LIVRO

LIVRO SETIMO

Da quarta Decada.

Capitolo primeiro do contrato & concerto que elRey dõ Ioaõ fez com o Emperador Carlos V. ſobre as ilhas de Maluco, & da armada que eſte anno partio do reino, fol 122.

Capitolo 2. dos grandes apercebimentos que o Gouernador Nuno da Cunha fez pera continuar na guerra de Cambaya, & da muito grande & poderoſa armada cõ que partio pera Dyo, fol. 124.

Capitolo 3. de como o Gouernador Nuno da Cunha cometeo a ilha de Beth, & a entrou, & do nouo & eſpantoſo caſo que aconteceo aos que eſtauaõ d'entro n'ella, porque ſe deu aquella ilha o nome que oje tem da ilha dos mortos, fol. 126.

Capitolo 4. de como chegou a Dyo Moſtafa Baxa com todos os mais Turcos que eſtauaõ em Xael, & fortificaraõ aquella ilha, & de como o Gouernador Nuno da Cunha cometeo a fortaleza de Dyo, & ſe retirou com dano, fol. 128.

Capitolo 5 da grande & cruel guerra que Antonio de Saldanha fez por toda a enceada de Cambaya, fol. 130

Capitolo 6. das deſauenças que Accedecan teue com o Idalcan, & das preeminencias d'aquelle cargo, & de como deu a elRey de Portugal as terras firmes de Salſete & Bardes, fol 131.

Capitolo 7. das couſas que eſte anno ſocederaõ em Maluco, ate chegar Gonçalo Pereira, & da morte d'elRey Bayano, & das cruezas & deshumanidades que dom Iorge de Meneſes vſou com os Ternateſes, fol. 132.

Capitolo 8. da deſcripſaõ de todo eſte mar do Leuante, & quais ſaõ as verdadeiras ilhas de Maluco. E da diuiſaõ dos cinco Archypelagos em que ſe reparte, & dos coſtumes & condiçoẽs de ſeus naturais, fol. 135.

Capitolo 9. do que ſe tem da antigũidade, & pouoaçaõ das ilhas de Maluco, com as aruores do crauo, & dos nomes que eſtas drogas tem por todo o mundo, fol. 137.

Capitolo 10. de muitas couſas notaueis que ha neſtas ilhas de Maluco, & dos fogos que algũas lançaõ, fol. 139.

Capitolo 11. da armada que eſte anno de 31. partio do reino, & de como Manoel de Macedo ſe perdeo em Calecaré, & do que ali paſſou, & de como o Gouernador Nuno da Cunha partio com hũa groſſa armada pera o Malauar: E da grande batalha que dom Roque Tello teue cõ hũa armada de Calecut fol. 141.

Capitolo 12. de como o Gouernador Nuno da Cunha chegou a Cha-

a Chale,& ſe vio cõ aquelle Rey, ſobre o lugar em que lhe auia de dar pera fazer a fortaleza, & dos tratos que ouue entre elle & o Camorim ſobre pazes,& de como ſe concluiraõ, & ſe começou a fortaleza, fol.143.

Capitolo 13 da armada que o Gouernador Nuno da Cunhã mãdou ao eſtreito deMeca,de que foi por capitaõ mor Antonio de Saldanha,& da guerra que Diogo da Sylueira fez por toda a coſta de Cambaya,fol.144.

Capitolo 14 do que o Gouernador Nuno da Cunha, fez em Chale,& acabou aquella fortaleza, & a proueo de capitaõ: E das cerimonias que os Naires guardaõ no negocio das jangadas, & que couſa ſaõ amoucos,fol.145.

LIVRO OITAVO

Da quarta Decada.

CApitulo primeiro das couſas que eſte anno paſſado aconteceraõ em Maluco, & de como os da terra mataraõ o capitaõ Gonçalo Pereira,& lhe ſocedeo Vicente d'Afonſeca,fol.147.

Capitolo 2. da armada que eſte anno de 32 partio do reino, & do que aconteceo a dom Eſteuaõ da Gama na coſta de Melinde: E da grande guerra que Diogo da Sylueira fez no reino de Cambaya, & de como deſtroyo as cidades de Por & Mangalor,fol.149.

Capitolo 3. das couſas em que o Gouernador Nuno da Cunha prouco,& da grande armada com que partio pera o Norte,fol.151.

Capitolo 4. do modo da fortificaçaõ da cidade de Baçaim,& de como o Gouernador Nuno da Cunha deſembarcou n'ella, & a entrou, & deſtruyo de todo, fol.152,

Capitolo 5. de como Diogo da Sylueira partio pera o eſtreito de Meca,& o Gouernador Nuno da Cunha pera Goa,ficando Manoel d'Albuquerque com hũa armada na coſta de Cambaya, & do que lhe aconteceo,fol 154,

Capitolo 6 das couſas que eſte anno aconteceraõ em Maluco,& do grãde aperto em que a Rainha poſ a os da fortaleza, & de como lhe entregaraõ por partido ſeu filho elRey Ayalo, & de como elle ſe paſſou a Tidore,& Vicente da Fonſeca aleuantou por Rey ſeu irmaõ Tabarija,fol.156.

Capitolo 7 de como elRey dõ Ioaõ deſpedio eſte anno de 33. tres armadas pera a India: duas em Março, & outra em Outubro de dez caraueIas de que veyo por capitaõ mor dõ Pedro de Caſtello branco, & do que acõteceo a Diogo da Sylueira, que inuernou em Ormuz,fol.156.

Capitolo 8. da rezão por que Soltaõ Badur mandou pedir ao Gouernador Nuno da Cunha que ſe

ſe viſſe com elle, & da grande armada que ſe chamou das viſtas, com que o Gouernador partio pera Dyo, & do deſafio que ouue entre Manoel de Macedo & Rumecan, de tantos por tantos, fol 158.

Capitolo 9. da differença que ha entre os Rumes & Turcos, & por que ſe chamão Rumes, & do que fez o Gouernador Nuno da Cunha, & de como Diogo da Sylueira foi com hũa armada ao eſtreito, fol 159.

Capitolo 10. do que aconteceo a Diogo da Sylueira na viagem do eſtreito, & de como dõ Pedro de Caſtello branco chegou a Goa cõ as caraueles, fol 160.

Capitolo 11. do que aconteceo a dom Eſteuaõ da Gama a te chegar a Malaca, & de como LacXimena capitaõ d'elRey de Viantana foi dar viſta a Malaca, & lhe ſayo dõ Paulo da Gama, & da cruel batalha que tiueraõ em que dom Paulo foi morto & disbaratado, fol 162.

Capitolo 12. de como dom Eſteuaõ da Gama foi contra o Rey de Viantana, & lhe deſtroio a cidade de todo, & dos proueitos que elRey tem das ilhas de Banda, & da calidade de ſeus fruitos, fol 164.

Capitolo 13. das couſas que eſte anno ſoccederaõ em Maluco, & dos ſenhores d'aquelle archypelago que ſe fizeraõ Chriſtaõs, & de como Triſtaõ de Taide prendeo elRey Tabarija & o mandou a India, & aleuantou por Rey ſeu irmaõ Aeiro, & da crueldade quẽ vſaraõ com ſua mãy por lho naõ querer dar, fol 167.

Capitolo 14. da jornada que o Turco Soleimaõ fez contra o Xathamas Rey de Perſia, & de como lhe entrou por ſeus eſtados a te a cidade de Tabris, & de como ao recolher deraõ os Perſas ſobre elle & o disbarataraõ: & de outras couſas, fol 168.

LIVRO NONO

Da quarta Decada.

CApitulo primeiro de como Martim Afonſo de Souſa partio do reino por capitaõ mor das naos, & do mar da India, & de como o Gouernador Nuno da Cunha ſe fez preſtes pera ir ao Norte, & dos recados que ſe paſſaraõ entre os Reys dos Magores & o de Cambaya, fol 170.

Capitolo 2. de como Soltaõ Badur mandou offerecer ao Gouernador Nuno da Cunha a cidade de Baçaim, & dos capitolos & cõdiçoẽs com que ambos aſſentaraõ as pazes, fol 171.

Capitolo 3. de como Soltaõ Badur foi contra o reino de Chitor, & tomou aquella cidade, & do que paſſou Simaõ Ferreira a te ſe ver cõ o Badur, & das couſas em que o Gouernador Nuno da Cunha

prouco a te ſe partir pera Goa, fol 173.

Capitolo 4. da conjuraçaõ que ouue antre os ſenhores das ilhas de Maluco contra os noſſos, & do grande aperto em que os poſeraõ, fol.175.

Capitolo 5. de como Hamau Paxa, Rey dos Magores foi buſcar Soltaõ Badur, & lhe tomou os reinos de Chitor & Mandou, a que acodio Soltaõ Badur, & das grandes couardias que fez, & de como o Magor o deſtroyo, & deſbaratou, fol.176.

Capitolo 6. dos limites que o antigo reino do Guzarate tem, & donde naceo o erro dos Geographos lançarem o rio Indo dentro na enceada de Cambaya, fol 179.

Capitolo 7. de como Soltaõ Badur tratou de ſe ir pera Meca, & foi contrariado dos ſeus, & de como mãdou pedir ſoccorro ao Gouernador Nuno da Cunha contra os Magores prometẽdolhe fortaleza em Dyo, & de como foi ter cõm elle Martim Afonſo de Souſa, fol.181.

Capitolo 8. da armada que eſte anno de 35. partio do reino, & de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, & o Gouernador Nuno da Cunha mandou cõ elle Simaõ Ferreira pera aſſentar com o Badur o cõtrato das pazes, & dos capitolos com que ſe concluiraõ, fol.182.

Capitolo 9. de como o Gouernador Nuno da Cunha ſe vio com Soltaõ Badur, & de nouo confirmaraõ as pazes, & ſe começou a fortaleza: & de algũs ſocorros que o Gouernador deu ao Soltaõ Badur contra os Magores, fol.184.

Capitolo 10. de como Hamau Paxa Rey dos Magores ſe recolheo pera ſeus reinos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes, & de como Soltaõ Badur o foi ſeguindo, indo em ſua companhia Martim Afonſo de Souſa, & do que lhe na jornada aconteceo, fol 186.

LIVRO DECIMO

Da quarta Decada.

CApitolo primeiro da origem & principio dos Magores, & Tartaros, & prouincias que poſuiraõ: & do tempo em que receberaõ a ley de Chriſto noſſo Redentor, & de como entre elles ſe conſtituyo a dinidade do Preſte Ioaõ, que chamaõ das Indias, & de como ſe trespaſſou no Emperador da Ethyopia, fol 188.

Capitolo 2. que trata de como eſtes Reys Chriſtaõs cõquiſtaraõ o Turceſtan, & das gentes que lhes foraõ fogindo a te Aſia menor, de que ſe ſenhorearaõ, dandolhe o nome da graõ Turquia, & dos Reys dos Magores que ouue des do graõ Tamorlaõ a te eſte Hamau Paxá, fol.191.

Capitolo 3. da rezaõ por que ſe

ſe recolheo Hamau Paxa,& largou o reino de Cambaya, & de como ſe leuantou nas partes de Bengala hum Patane chamado Xircan, & dos eſtados que conquiſtou,& de como deſtruyo & desbaratou Hamau Paxá, & lhe tomou ſeus reinos fol 194.

Capitolo 4. que trata de como os mouros conquiſtaraõ o Decan, & de todos os Reys que ouue a te Iſmael, que faleceo eſte anno de 35. em que andamos, & da antiguidade & nomes da ilha de Goa, & de como o Accedecan deu as terras firmes de Salſete & Bardes ao Gouernador Nuno da Cunha,fol. 196.

Capitolo 5. dos recontros que os noſſos tiueraõ com os mouros, & de como dom Ioaõ Pereira pelejou coelles & os desbaratou, & das couſas em que o Gouernador Nuno da Cunha proueo em Dyo, fol.200.

Capitolo 6 das pazes que dom Eſteuaõ da Gama fez com el Rey de Viantana, & das couſas que aconteceraõ em Maluco todo eſte veraõ,& d'hum caſo raro que acõteceo a hum d'aquelles ſenhores Chriſtaõs,fol 202.

Capitolo 7. dos capitaens que o Idalcan mandou ſobre as terras de Saſete, & da armada que eſte anno veyo do reino, & de como dom Gonçalo Coutinho capitaõ de Goa paſſou a terra firme em buſca dos imigos,fol.204.

Capitolo 8 de como dom Gonçalo Coutinho foi morto & desbaratado no Bory pellos capitaẽs do Idalcan,fol 205.

Capitolo vltimo dos recados que o Gouernador Nuno da Cunha teue de Dyo, & das pazes que fez com Accedecan,& lhe largou as terras firmes de Salſete & Bardes.fol 206.

FIM.

ERRATAS.

Folhas 3. column. 4. onde diz, se uão, l a de dizer, se não. fol. 10. colu. 3. onde diz, li, diga, lei. fol. 19. col. 2. Aluaparez, Alparez. fol. 24. colu. 4. Estrages, Estragos. fol. 25. col. 1. forão demandado, demandando. fol. 31. col. 4. pera a tempo, pera o tempo. fol. 35. col. 1. como amigo, como a imigo. fol. 35. col. 2. Gouernandor, Gouernador. fol. 51. col. 1. d'oquelle, d'aquelle. fol. 51. colu. 3. com que conuersamos, com quem. fol. 53. col. 1. com que, em que. fol. 56. col. 3. o padesse, o podesse. fol. 73. col. 3. derrroa, derrota. fol. 89. colu. 3. a su vontade, a sua. fol. 118. colu. 2. a resto, o resto. Na mesma folha & col. a palgar, a palpar. fol. 131. colu. 4. diuidos, diuisos. fol. 149. colu. 3. que nha entrado, que tinha entrado. Na mesma folha & colu. Christindade, Christandade. fol. 181. tonar a cobrar, tornar. fol. 197. colu. 2. mortalmente, moralmente.

CAPITVLO PRIMEIRO

DE COMO POR MORTE DO GOVERNADOR DOM ANRIQVE DE MENESES SOCEDEO NA GOVERNANÇA DA INDIA PERO MASCARENHAS, que estaua por capitão de Malaca: & do modo por que Afonso Mexia veador da fazenda abrio a terceira soceſsão em que socedeo Lopo Vaz de são Paio.

M. 26. FALECIDO o gouernador dõ Anrique de Meneſes na fortaleza de Cananor, em fim de Ianeiro deſte anno de 26. em que com o fauor diuino entramos, como no fim da terceira decada de Ioão de Barros ſe conta eſtando ſeu corpo depoſitado na capella da igreija, ſendo preſentes dom Simão de Meneſes capitão de Cananor, Afonſo Mexia veador da fazenda, Vicente Pegado ſecretario do eſtado, o lecenceado Ioão do Souro ouuidor geral, dom Vaſco Deça, Rui Vaz Pereira, dom Afonſo de Meneſes filho do conde de Cantanhede, Manoel de Brito, Antonio da Silua de Campo maior, Lopo de Miſquita, & Diogo de Miſquita ambos irmãos, Diogo da Silueira, Manoel de Macedo, Antonio de Miranda d'Azeuedo, dom Vaſco de Lima, Martim Afonſo de Mello Iuſarte, dom Iorge de Meneſes, dom Antonio da Silueira dom Iorge de Caſtro, Franciſco d'Ataide, & outros fidalgos, & cavaleiros. E preſentes todos abrio o veador da fazenda hum cofre em que eſtauão guardadas as ſoceſſoens da gouernança da India, que erão tres, que trouxe comſigo o conde Almirante dom Vaſco da Gama quando veio por viſorrei, que forão as primeiras que à India vierão: por que antes delle não auia eſta ordem, nem nos podemos ſaber a que elrei dom Manoel tinha dado ſendo caſo que faleceſſe o gouernador da India. Por que nem Ioão de Barros, nem Damião de Goes o declarão. Aberto o cofre tirou o veador da fazenda delle a ſegunda ſoceſſão, por que a primeira fora aberta por morte do meſmo conde Almirante, na qual tinha ſocedido dom Anrique de Meneſes, cujo corpo eſtaua preſente: & dando a ſoceſſão ao ſecretario elle a amoſtrou a todos pera que viſſem que eſtaua ſerrada & ſelada com o ſelo das armas reais ſem ſe nella bolir, nem tocar, & a deu ao capitão, & ao ouuidor geral pera que a examinaſſem bem, & elles a tornarão ao ſecretario que a abrio, & achouſſe nella Pero

A Maſ-

Mascarenhas, que estaua por capitão de Malaca. Este aluara de sucessão mostraua ser feito em Euora aos dez dias de Feuereiro de 1524. Nomeado Pero Mascarenhas por gouernador ficarão todos embaraçados, por que não podia vir de Malaca se não d'ali a quatorze meses. E por que se não poderão logo determinar no que se deuia fazer, enterrarão o corpo do gouernador dom Anrique de Meneses. A o outro dia se aiuntarão todos em casa do capitão, onde o veador da fazenda lhes fez hũa breue fala, em que lhes representaua as necessidades em que o estado estaua: assi polas nouas que auia de gales de Rumes, como pola guerra que estaua aberta com Cambaya, & có o Camorim: pera o que era necessario tomarse determinação sobre aquelle negocio do gouernador pois Pero Mascarenhas estaua tão longe. Sobre isto se mouerão grandes alterações, sendo quasi todos de parecer que se esperasse por Pero Mascarenhas, & que entretanto se ordenassem regentes, que gouernassem em seu lugar. Estando a cousa assi baralhada em porfias, disse o Lecenceado Ioão do Souro que se se poderá saber qual era o fidalgo da terceira sucessão, que esse se poderia eleger pera aquelle negocio. Afonso Mexia deitando a orelha aquelle ponto disse, que mao seria senhores abrirse a terceira sucessão, & entregarse este gouerno ao que nella estiuer, iurando primeiro todos os que aqui estão, que qualquer que se achar nella gouernará a India atè vir Pero Mascarenhas, aquem atornará a entregar, & que tanto que elle chegasse, nenhum conheceria mais outro Gouernador senão a elle. Não pareceo mal aquillo a algũs fidalgos que cuidauão poderião socceder naquelle lugar, dizendo que o milhor meyo que naquelle negocio se podera tomar, era aquelle: mas só dom Vasco D'eça reprouando aquelle parecer falou muito alto dizendo: que nas sucessões da India senão podia bolir senão pella ordem que elrey mandaua, que era por falecimento da pessoa que gouernasse o estado: & que Pero Mascarenhas que socederá per morte do gouernador dom Anrique estaua viuo, & que abrindose outra sucessão se daria materia a grãdes diuisões, por que pella ventura que o homem que socedesse na outra via, não quereria depois entregar a India a Pero Mascarenhas, no que forçado auia de auer desconcertos, & bandos, porque Pero Mascarenhas era hum fidalgo muito caualeiro, de grãdes merecimentos, & muito aparentado, & que das desauenças que disso socedessem, todos os que presentes estauão auião de dar conta a elrey. Pareceo isto tambem a algũs que estauão do outro parecer, que se retratarão, & disserão, que aquillo

que

que dom Vaſco Deça tinha dito, era o que compria ao ſeruicio de Deos, & d'elrey, & que elles erão do meſmo parecer: Mas o veador da fazenda como ficaua então ſendo a primeira peſſoa da India, pellos poderes de ſeu cargo, diſſe: que elle tomaua ſobre ſi aquelle negocio, & que ſe abriria a ſoceſsão, & o que nella ſe achaſſe aſsinaria hũ auto em q̃ ſe obrigaſſe a entregar a India a Pero Maſcarenhas, & q̃ elle veador da fazẽda cõ todos os fidalgos & officiaes q̃ ali eſtauão farião hum iuramento ſolene, que lhe farião entregar a India tanto q̃ chegaſſe de Malaca. E logo o ouuidor geral deu iuramento a todos, q̃ obedecerião a Pero Maſcarenhas tanto que vieſſe, & não ao que gouernaſſe pella terceira ſoceſsão porque não auia de ſer gouernador mais que até ſua vinda. D'iſto tudo fez o ſecretario Vicente Pegado hũ auto, em que ſe aſsinarão todos, & juntos na igreija tirarão a terceira ſoceſsão, & abrindoa achouſſe nella Lopo Vaz de São payo, que eſtaua por capitão de Cochim. Eſte aluara moſtraua ſer tão bem feito em Euora, aos vinte & ſeis de Feuereiro do anno de mil, quinhentos, & vinte & quatro, deza ſeis dias depois do de Pero Maſcarenhas, & logo ali o veador da fazenda, & todos os que tinhão aſſinado, no auto, tornarão a retificar o paſſado iurando de nouo de não obedecerem a Lopo Vaz mais que até a hora que chegaſſe Pero Maſcarenhas, a que logo farião entregar a India. Diſto tornou o ſecretario fazer outro auto, em que todos ſe tornarão a aſsinar que foi feito aos tres de Feuereiro de mil quinhentos, & vinte ſeis. E logo ſe embarcarão todos pera Cochim pera irem entregar o gouerno a Lopo Vaz de ſaõ Payo.

CAPITVLO II.

De como Affonſo Mexia entregou a India a Lopo Vaz de ſaõ Payo, & de como o gouernador ſe partio pera Goa, & da grande vitoria que ouue d'hũa armada do Camory, no rio de Bacanor.

POVCOS dias puzerão o veador da fazenda, & todos aquelles fidalgos a té Cochim, & deſembarcando em terra ſe ajuntarão logo na ſee onde mandarão chamar Lopo Vaz de ſaõ Payo, & o veador da fazenda lhe deu conta do que eſtaua aſſentado, & lhe leo os autos & iuramentos que eſtauão feitos entre todos aquelles fidalgos, & capitães, primeiro que ſe abriſſe a terceira ſoceſſaõ em que elle eſtaua, notificandolhe o modo de como auia de ter o gouerno, que era até vir Pero Maſ-

carenhas, aquem todos auião de obedecer, como a verdadeiro gouernador. E aceitando Lopo Vaz a poſſeſsão por aquelle modo, logo aſsi lhe deu iuramento em hum miſſal, que tanto que Pero Maſcarenhas vieſſe lhe entregaria a gouernança, & elle ficaria depois como peſſoa priuada, & debaixo de ſua iurdição, & de tudo iſto fez o ſecretario otro auto em que ſe Lopo Vaz aſsinou, & com elle o veador da fazenda, fidalgos, capitães, & todos os officiaes da juſtiça, & fazenda, os quaes tornarão a iurar de nouo de obedecer a Pero Maſcarenhas, tanto que chegaſſe de Malaca. Acabado eſte auto foi logo Lopo Vaz entregue da gouernança da India, dando a omenage d'ella pella forma acuſtumada, nos reinos de Portugal, declarãdo n'ella que gouernaria ate chegar Pero Maſcarenhas, que era o legitimo gouernador, a quem logo a entregaria. D'aqui por diante começou Lopo Vaz de ſaõ Payo a correr com ſuas obrigações, & a primeira couſa em que proueo foi na capitania de Cochim, que deu a dõ Vaſco Deça, & em deſpachar pera Bengala Ruy Vaz Pireira, aquem deu aquella viagem, que era de muito proueito. E dando ordem a muitas couſas embarcouſſe com muita preſſa por ſer auiſado que no rio de Bacanor eſtaua hũa grande armada de Calecut, de que era capitão Coriale marca mouro grande coſſairo. Leuaua o gouernador algũs galeões, de que erão capitães Diogo da Sylueira da Tereua, dom Affonſo de Meneſes, dom Pedro Manoel, Manoel de Brito, Manoel de Macedo, Antonio da Sylua, Diogo de Meſquita, Lopo de Meſquita, a fora alguns catures & nauios de remo cuja copia & capitães não achamos. O gouernador hia embarcado na gale baſtarda de que era capitão dom Vaſco de Lima, com toda eſta armada ſe fez a vella a dezaſeis de Feuereiro: & tomando Cananor achou cartas de dom Iorge Tello, & de Pero de Faria que eſtauão com dous galeões no Malauar, em que lhe fazião a ſaber que ficauão ſobre a barra do rio Bacanor, & que tinhão d'entro encerrada hũa armada do Camori de mais de ſetenta vellas, em que auia mais de tres mil mouros, & que eſtauão fauorecidos de hum capitão d'elrey de Narſinga, cuja a terra era, que tinha derredor de vinte mil homens. Tanto que o gouernador vio as cartas, & que ſoube o poder dos imigos, vendo que em toda a ſua armada não auería mais de ſete centos homens, deſpedio hum catur muito ligeiro pera Goa com cartas a Chriſtouão de Souſa, & a Antonio da Silueira, que la eſtauão com ſeus galeões pera que logo ſe foſſem pera elle: & deſpedio Manoel de Brito no ſeu galeão pera que ſe foſſe ajuntar com dom

Iorge

Iorge, & Pero de Faria, no rio de Bacanor pera que a armada dos imigos não pudesse sair pera fora. Partidos estes nauios tomou o gouernador alguns mantimentos, & agoa, & logo se fez a vella. Cotiale capitão mor da armada Malauar, logo foi auisado de como o gouernador era partido de Cochim em busca d'elle, & não se atreuendo a pelejar com os galeões que estauão sobre a barra, determinou de o esperar em terra, pera o que mandou com muita breuidade fazer defronte da cidade, onde tinha a armada, algũas tranqueiras em que açestou muita artelharia, & no rio d'hũa & d'outra parte mandou atrauessar muitas estacadas de paos grossos para impedir a passagem aos nossos nauios, deixandolhe pello meyo hũ canal não estreito, que não pudessem por elle entrar senão hum & hum a hũ, para das tranqueiras os meterem no fundo, & de hũas estacadas as outras mandou atrauessar viradores grossos por debaixo da agoa, para que os nauios encalhassem nelles. O gouernador foi seguindo sua viage até chegar a Bacanor, onde sorgio & soube d'aqueiles capitães o modo de como os imigos estauão fortificados, fazẽdolhe a entrada duuidosa, mas o gouernador como era muito caualeiro, & fora de todo o medo, sem embargo de todas as difficuldades que lhe representauão, determinou de entrar o rio, & pelejar com os imigos em terra, sem esperar pellos capitães q̃ tinha mandado chamar a Goa, & mandou logo ordenar em quatro bateis grandes & fortes mãtas, & arrombadas, & em cada hũ mãdou meter hũ camello de marca grãde pera bateré as estãcias: & pondo este negocio em cõselho disse nelle a todos os capitães, q̃ a elle lhe parecia bẽ cometer os imigos sem esperar pella armada de Goa, porq̃ não era credito do estado deixarse estar sobre aq̃lla barra sem a entrar, & ir cometer os imigos em suas trãqueiras, por q̃ auerião elles q̃ os receaua, que o estado da India não se auia de sustenrar & dilatar, senão com a reputação, & opinião com que se ganhou, a qual tanto que os portugueses a perdessem com os imigos, logo se perderia tudo, & que sobre isto lhe podião liuremente dizer o que lhes parecia. E votando aquelles capitães forão todos de parecer, que se não arriscasse o estado da India em hum feito tão duuidoso, & em que nada se ganhaua, antes se perderia muito acontecendo hum desastre que o tempo não fugia, que os imigos d'entro os tinhão seguros, que se esperasse pellos capitães que tinha mandado chamar a Goa, & que então se cometessem os imigos, & que Deos lhe daria a vitoria, mas que era necessario terse primeiro alguns comprimentos com o capi

tão d'elrey de Biſnaga que alieſtaua, pois era amigo do eſtado. Alguns cuidarão, que algũs d'eſtes capitães de inueja de Lopo Vaz gouernar a India lhe querião tirar aquelle vitoria & honra das mãos. E Fernão Lopez de Caſtanheda diz que andauão os mais d'elles pejados no gouerno de Lopo Vaz, porque cuidaua cada hum que lhe cabia aquelle lugar milhor que a elle: o que parece foi imaginação, porque primeiro que Lopo Vaz foſſe entregue da India, podião elles eſtorualo, por ſeré muitos, & muito principaes fidalgos, que ſe quiſerão, não conſentirão a Afonſo Mexia o que fez, nem aceitarão em Cochim a Lopo Vaz por gouernador: mas a verdade he, que o feito era temerario, que na vitoria todos auião de ter tamanho quinhão como Lopo Vaz. Vendo elle todos aquelles capitães d'aquelle voto, diſſe, que ficaſſe a couſa ſem ſe reſumir a té ver o rio, o que elle em peſſoa queria fazer de madrugada, & atè mandar recado ao capitão d'elrey de Biſnaga. E logo deſpedio hum mouro que ſe lançou em terra com recado a quelle capitão, em que lhe fazia a ſaber, que elle era ali chegado pera pelejar com aquella armada do Camori, que era imigo do eſtado da India, & que ſoubera eſtar elle capitão aly, & como elrey de Portugal era grande amigo do de Biſnaga, & elle como quem eſtaua em ſeu lugar não queria deſeruilo em nada, lhe pedia que lhe mandaſſe entregar aquelles nauios que eſtauão d'entro, pois erão de mouros ſeus imigos, ſenão que ſoubeſſe de certo que os auia de ir buſcar, & que não quiſeſſe elle romper a paz que eſtaua feita entre ſeus Reys, porque o de Biſnaga não ſe auieria por ſeruido d'elle. Eſte recado ſe deu ao capitão, que reſpondeo que aquella armada ſe recolhera n'aquelle rio, & que não era licito entregala elle pois ſe recolherão aly debaixo do emparo & fauor d'elrey de Biſnaga: & que ainda que elle os quiſeſſe entregar os mouros eſtauão tão fortes que ſe uão atreuia com elles: que ſe elle os queria ir tomar que muyto bem o podia fazer, porque elle ſe não ſairia da ſua cidade, nem lhe daria fauor & aiuda. Eſta reposta veio ja de noite, com o qual o gouernador ſe determinou de ir pelejar com os mouros. E ſendo meio quarto d'alua rendido eſcolheo tres catures os mais ligeiros de todos, & embarcandoſſe em hum leuou cõſigo os outros, dos quaes erão capitães Manoel de Brito, & Payo Roiz Daraujo, & com a enchente foi entrãdo pello rio, & notando o modo das eſtacadas: iſto não pode ſer em tanto ſilencio, q̃ não foſſem ſentidos dos mouros,

que descarregarão n'elles hũa tempestade de bombardadas, que lhe não fizerão dano, por irem os caturres cosidos com a terra. O gouernador foi passando por todos os pelouros até chegar a ver as tranqueiras que estaua reconhecendo a sua vontade sem as bombardadas que chouião sobre elle o diuirtirem. Depois de bem notado tudo tornou a voltar pello rio abaixo, & mandou por homens de confiança cortar os cabos que atrauessauão as estacadas deixando o caminho desempedido. Chegada a armada mandou chamar os capitães & lhes deu contado que vio, facilitandolhes a desembarcação, & vitoria, mas nem com isso deixarão de lhe dizer, que se esperasse pella gente de Goa, com o que o gouernador sobre esteue, porque não quis cometer este feito contra vontade dos homens, por que o gosto & o desgosto d'elles, algũas & muitas vezes da & tira a vitoria: mas todauia não tardarão os de Goa dous dias que não chegassem, trazendo Christouão de Sousa, & Antonio da Sylueira, nos seus galeões, de ventagem de trezentos homẽs. O gouernador fez nouo ajuntamento, & tornou a tratar o negocio dãdo de nouo enformação do que vira, para aquelles capitães que erão chegados de nouo saberem o que passaua. E tornando a votar sobre aquillo, forão os mais dos primeiros de parecer, que se auia de dissimular com aquelle negocio, assi pello feito ser temerario como por não romper cõ o Rey de Bisnaga, cuja a terra era, mas Christouão de Sousa, & Antonio da Sylueira disserão que em nenhũ modo deixasse de cometer os imigos de toda a maneira que estiuessem, ainda que se arriscasse tudo, porque se deixassem de o fazer, cobrarião os mouros tanto bico, que os irião cometer d'entro a Goa q̃ pera o gouernador da India dissimular não auia de tomar aquella barra, mas ja que estaua sobre ella, & tinha mandado recado ao capitão d'elrey de Bisnaga de comprimentos, que não conuinha ao credito & reputação dos portugueses, & do estado, deixar de cometer os imigos. Assentado nisto, em que quasi todos tornarão a cõformar, deulhes o gouernador recado que se fizessem prestes pera o outro dia que erão vinte & cinco de Fenereiro, ordenando ali cõ os capitaes o modo que se auia de ter na desembarcação, que auia de ser por esta maneira. As quatro barcassas na dianteira, para inuistirem as estacadas, & baterem as tranqueiras, & nellas pos capitaes de muita confiança, de que não acho os nomes mais q̃ a Manoel de Brito, & Payo Rodriguez D'araujo. Apos os bateis auia d'entrar o capitão mór do Malauar dom Iorge tello, com todos os nauios de remo, os capitaes dos

galeões

galeões em seus bateis, & em outros nauios, & detras de todos o gouernador com alguns capitães velhos. E fazendosse todos prestes no quarto d'alua forão entrando o rio com grande estrondo de pifaros, tambores, trombetas, & outros instrumentos de guerra, passando as barcassas pellas estacadas fazendo caminho aos catures a té pojarem de fronte das tranqueiras indo rompendo por meyo de nuués de bombardadas, & espingardadas, & frechadas, & pondosse a tiro de espingarda começarão a bater as estancias dos mouros, em que fizerão grãde dano atè chegar toda a armada. Dom Iorge tello que leuaua a dianteira endereitou com a terra por meyo d'aquella infernalidade, indo ja de mestura com elles Manoel de Brito, & Payo Rodriguez D'araujo, que se passarão a nauios pequenos deixando as barcassas a bataria, & pojando em terra saltarão dos dianteiros Manoel de Brito, & Payo Rodriguez com hũa companhia de soldados, & apos elles o capitão mor com perto de quinhẽtos homẽs, & postos em terra acharão os mouros fora das tranqueiras que os esperauão com grande determinação, & trauando com elles hũa fermosa batalha, em que ouue dano de parte a parte, forão os nossos lançandoos imigos do campo & metendoos pellas tranqueiras, onde se defenderão com muito valor muito grande espaço. Mas como os nossos hião cõ aquelle furor & determinação passando por todos aquelles empedimentos, & riscos, caualgarão as trãqueiras, onde fizerão nos imigos grande estrago, & vendosse tão apertados largarão tudo, & acolheráose a cidade que estaua hũ pouco pello sertão: na qual estaua o capitão d'elrey de Narsinga com toda a gente posta em armas pera a defender, se os nossos a quisessem cometer. O gouernador que vio nossas bãdeiras aruoradas nas tranqueiras chegou a ellas, & mandou tocar a recolher, & disse a os fidalgos velhos q̃ se posessem nas portas que hião, pera o çertão pera q̃ não deixassẽ sair ningẽ pera fora, por q̃ reçeou q̃ ouuesse algũ dess arranjo, & q̃ quisessem os soldados seguir os mouros atè a cidade onde estaua o capitão d'elrey de Narsinga, ja que lhe elle teue tanto respeito que não sayo d'ella. Depois de ter isto seguro, mandou dar fogo as tranqueiras, & a todas as embarcações dos mouros, & a hum grande almazem de todas as drogas que estauão pera carregar, mandando embarcar oitenta pessas de artilheria que auia nas tranqueiras, & nauios. Feito este negocio, que foy hum dos grandes da India, & de menos perda, porque não morrerão mais de quatro portugueses embarcousse o gouernador, & deu a vella

a vella pera Goa. Andaua n'este tẽ po d'armada nas ilhas de Maldiua Iorge Cabral, q̃ o gouernador dõ Anrique tinha despedido de Cochim a esperar as naos de Meca, como se ve na terceira Decada de João de Barros, andando este fidalgo entre aquellas ilhas, chegaraõlhe nouas de Cochim da soceſſaõ de Pero Mascarenhas, & como era muito seu amigo, determinou de o auisar, & entregando a armada, que era de sete nauios de remo a hum dos capitães, elle na sua galeota deu a vella pera Malaca, & de sua jornada a diante daremos rezão.

CAPITVLO III.

Do que o gouernador passou em Goa com Francisco Desa, capitão daquella cidade, sobre o não querer receber n'ella & de algũs capitães que despachou pera fora, & de como o gouernador partio pera Ormuz.

ESTAVA por capitão da cidade de Goa hum fidalgo velho de muitos seruiços chamado Francisco Desa veador da fazenda da cidade do Porto, filho do segundo João Rodriguez Desa Alcaide mor d'aquella cidade, & senhor de Matosinhos, & das terras de Seuer, Baltar, & Paiua. O qual Francisco Desa tinha elrey dom João mandado em companhia do conde Almirante, quãdo veio por visorrei, para ir fazer hũa fortaleza no porto da Sunda, por ser auisado, que em Seuilha se trataua de mandar fazer ali outra por caso do trato da pimenta, por ser ali hũa grande escala d'ella. E por que o conde Almiráte não teue tempo de o auiar, quando socedeo o gouernador dõ Anrique lhe deu a capitania de Goa. Este fidalgo como era grande pessoa na India, sabendo o que se fizera em Cananor nas soceſſoẽs, & como o veador da fazẽda sem consultar os fidalgos & capitães da India abrira a terceira soceſſaõ, estando declarado na primeira Pero Mascarenhas, teueo muito a mal, & ouue q̃ Afonso Mexia tomara mais do que era seu, & que fora cõtra o seruiço d'elrey: & consultando estas cousas cõ os vereadores da cidade, & cõ as pessoas principaes d'ella assentarão que o veador da fazenda, no abrir da terceira soceſſaõ tinha desacertado, & que não estauão obrigados a obedecer por gouernador da India, senão a Pero Mascarenhas. Concluidos nisto, sabẽdo q̃ Lopo Vaz hia pera aquella cidade, assentarão de o não recolherẽ, & de lhe fazerẽ seus protestos, porq̃ o não conhecião por gouernador, porq̃ não estauão obrigados, nẽ por juramẽto, nẽ por algũa outra cousa a isso: & assi fecharão as portas da cidade, & poserão n'ellas grandes guardas & vigias, & mandarão por hũa fusta na barra com hum

hũ tabalião para notificar a Lopo Vaz o que eſtaua aſſentado, não tardou muitos dias que elle não chegaſſe, & entrando pello rio lhe ſayo o nauio, & o official lhe notificou hũ proteſto que leuaua, requerendolhe que não entraſſe d'entro, que o não auião de recolher na cidade, porque não conhecião por gouernador ſenão a Pero Maſcarenhas, q̃ era feito por elrey, & não a elle q̃ era feito pello veador da fazenda, ſem ordem nem inſtrução d'elrey. Lopo Vaz ficou enfadado, & ſem reſpõder couſa algũa foi entrãdo pello rio acima a té ſurgir defronte da cidade. Aly lhe tornarão a fazer o meſmo requerimẽto, & elle mandou outro a cidade, no que ſe gaſtou grande eſpaço, reſumindoſſe os da cidade em lhe não abrirem as portas. Os fidalgos & capitães da companhia de Lopo Vaz vẽdo a couſa d'aquella feição, reçeando hum deſaſtre, cometerão aquelle negocio a Chriſtouão de Souſa, por ſer hũ fidalgo muito reſpeitado de todos: & deſembarcando em terra foiſſe ver com a cidade, & com o capitão, que eſtauão poſtos em armas, & de tal maneira os perſuadio, que os abrandou, & conſentirão na entrada de Lopo Vaz, que logo deſembarcou, & ſe aposentou em terra, & começou a correr com as couſas do gouerno. E por que ſe reçeou que vindo Pero Maſcarenhas foſſe Frãciſco de Sa da ſua parçialidade determinou de o faſtar deſi, & tratou logo cõ elle de o mandar a Sunda, a fazer a fortaleza que elrey mandaua: & porque achou tambem cartas d'aquelle Rey, em q̃ pedia ao gouernador da India, que mandaſſe fazer hũa fortaleza n'aquelle ſeu porto, que lhe daria para ella ſitio, & todo o neceſſario, porque deſeja ua muito de ter comercio & amiſade com os portugueſes: Franciſco Deſa folgou muito cõ a jornada pois viera do reino aſsinado pera ella, & aſsi fez ſeus apontamentos, concedendolhe o gouernador tudo o que lhe pedio, que foi hũ galeão, hũa nao, duas carauelas, duas galeotas, cinco fuſtas, & quatro cẽtos homens. Com eſta armada começou a correr Franciſco Deſa, & Lopo Vaz deu a capitania de Goa a Antonio da Sylueira, que depois teue aquelle eſpantoſo cerco de Dio, o qual antes de Lopo Vaz ſoceder no gouerno o tinha deſpoſado cõ hũa filha ſua por palauras de futuro. E porque dõ Iorge de Meneſes filho de dom Rodrigo de Meneſes eſtaua prouido pello gouernador dõ Anrique da capitania de Maluco, o deſpachou pera ir entrar nella dandolhe dous nauios cõ cem homẽs, & muitos prouimentos: & cõ elle pera capitão mor daquelle Archipelago, Simão de Souſa Galuão filho de Duarte Galuão. E porter ja recado q̃ Iorge Cabral era partido pera Malaca, & que ficauão aquelles canaes das

ilhas

ilhas de Maldiua ſem guarda, deſpachou com muita preſſa Martim Afonſo de Melo Iuſarte, a que deu hũa armada de cinco fuſtas & hũa caravela em que elle hia. Todos eſtes capitães deſpedio em Março, indo dom Iorge debaixo da capitania de Franciſco de Sa a te Malaca. Partidas eſtas armadas, vendoſſe o gouernador vago, determinou de ir a Ormuz a temperar as couſas de Diogo de Mello com o guazil Rax Xarafo, por lhe virem cartas que o tinha prezo, auexado, & tyrannizado ſobre o que ja o gouernador dom Anrique lhe tinha eſcrito, ſem lhe dar nada de ſuas cartas, nem ſe moderar em ſua condição, por ſer hũ fidalgo forte de natureza, tinha prezo o guazil em hũa aſperiſſima priſaõ debaixo de hũa eſcada, em tẽpo das calmas de Ormuz, (cuja quentura ſe ha couſa na terra que ſe poſſa cõparar a hũa ſemelhãça do inferno, aquella ſó o hé) não lhe dando de comer ſenão muito mal, & de beber pior. O que lhe não perdoarão os praguẽtos da India, em hũs porques que fizerão, falando hũ com Diogo de Mello, ſobre o que Xarafo, & elrey Dormuz eſcreuerão muitas cartas ao gouernador dom Anrique, que forão aquella mouçã ter as mãos de Lopo Vaz E parecendolhe que lhe conuinha acudir aquellas couſas primeiro que vieſſe Pero Maſcarenhas, porque o conhecia por homem muito inteiro na juſtiça, & que não auia de ſofrer aquellas couſas a Diogo de Mello, que era ſeu tio irmão de ſua máy, determinou de o jr fazer amigo com o guaſil, & atalhar aquellas deſordens. Eſta ida pos em conſelho dos capitães, que lho eſtranharão, lembrandolhe que o Malauar eſtaua de guerra & que ſe falaua em galez de Rumes, & que era neceſſario, ſe foſſem as nouas certas, tomarẽno em Goa, pera ſe preparar contra ellas, & não fora da India, & em parte que não podia vir ſenão com mouções, no que ſe arriſcaua a muito: mas ſem embargo d'eſtas rezões ſe embarcou, deixando nomeado por capitão mor do mar a Antonio de Miranda d'Azeuedo, a quẽ deixou todos os nauios de rẽmo, & elle por fim de Março ſe fez a vella, leuãdo a galè baſtarda, de que era capitão dom Vaſco de Lima, em que elle hia embarcado, & quatro galeões, de que erão capitães dom Afonſo de Meneſes, Diogo da Sylueira, Manoel de Macedo, & Manoel de Brito, deſpachando primeiro Chriſtouão de Souſa pera ir entrar na capitania de Chaul, de que era prouido.

CAPITVLO IIII.

Do que aconteceo a Eitor da Sylueira no eſtreito de Meca, & de como foi ter a Maçua, & mandou buſcar dom Rodrigo de Lima ao Preſte Iõão, & do que lhe ſoçedeo na viagem ate Ormus.

NA

NA terceira Decada de Ioão de Barros se conta, como o gouernador dom Anrique de Meneses, primeiro que faleceſſe, deſpedio pera o eſtreito de Meca Eitor da Sylueira por capitão mor de hũa armada groſſa, leuando por regimento, que foſſe eſperar as naos de Meca a monte de Felix, & que aly eſperaſſe por elle a te meado Março, (por que tinha elle determinado ir aquelle eſtreito por auer nouas de galez) E que tardando elle até então, ſe foſſe a Maçuà eſperar dom Rodrigo de Lima, que eſtaua por embaixador na corte do Emperador da Abaſsia, ao qual tinha eſcrito que eſte Abril o mandaria buſcar, & depois de o recolher ſe foſſe inuernar a Ormuz. Partio Eitor da Sylueira & ſem achar contraſte chegou ao cabo de Gardafui, onde ſe deixou andar até meado Março, ſem lhe acontecer couſa digna de eſcritura: & vendo que o gouernador tardaua, por comprir com ſeu regimento ſe fez a vella, & entrando as portas do eſtreito foi demãdar a ilha de Daleca onde chegou o primeiro de Abril: dali deſpedio hum correio com cartas a dom Rodrigo de Lima, em que lhe fazia a ſaber de ſua chegada, & de como o eſperaua aly. Eſta carta mandou ao capitão de Arquico, pera que lha deſſe, ou mandaſſe. Eſtaua dom Rodrigo de Lima em Barua, onde auia pouco era chegado com hum embaixador do Emperador de Ethyopia chamado Zagazabo, o que tinha deſpachado pera ir a Portugal com cartas, & preſentes para elrey dom Ioão, & pera dali paſſar a Roma, em companhia do padre Franciſco Aluarez, a quem vinha entregue pera o apreſentar a ſua Sanctidade, pera em ſeu nome lhe dar obediencia, como filho Catholico. Eſtauão dom Rodrigo & os mais muito triſtes receando ouueſſe algum eſtoruo a inda eſte anno, pera não ir a armada por elles, como o gouernador lhe tinha prometido, & d'aly deſpedirão dous Portugueſes, pera eſtarem no porto de Arquico eſperando a armada, que auia de vir da India, pera tanto que a viſſem lhe mandarem recado. Eſtando eſtes yigiando o mar chegarão aquelle porto hũas naos dos mouros com grandes feſtas, & tangeres, dando por nouas que os Portugueſes erão todos mortos, & que tinhão perdida a India. Com eſtas nouas que pella terra ſe eſpalharão ouue grãdes alegrias, & aluoroſſos entre os mouros. Os Portugueſes que aly eſtauão tanto que virão as feſtas, & ouuirão as nouas, com grande dor & triſteza de ſeus corações ſe partirão logo pera Barua & as derão a dom Rodrigo de Lima. Era eſte dia do ſabbado ſancto veſpora de

ra de paſcoa, em q̃ todos eſtauão mũy aluoroſſados pera feſtejarem a reſurreição do ſenhor, & em ouuindo as nouas aſsi ficarão cortados, que como homens paſmados não ſabião o que fizeſſem, mas como ja não auia outro remedio, fizerão ſeus diſcurſos, aſſentãdo de ſe tornarem pera a corte do Preſte Ioão, & ali acabarem ſuas vidas, & buſcarẽ recolhimẽto & quietação conforme ao que lhes o tempo offereceſſe, mas como Deos noſſo Senhor pay de miſericordia, & cõſolação, via q̃ ſeus ſeruos andauão em ſeu ſeruiço naquella Chriſtandade tão eſcõdida ao mũdo, não quis q̃ ſua triſteza duraſſe muito, & ordenou q̃ o dia de paſcoa, a noite, dia todo de merçes ſuas, lhes vieſſem differentes nouas, q̃ forão, ſer chegada a noſſa armada a Maçua, & logo apos ellas chegarão as cartas de Eitor da Sylueira, com o que todos como doudos de alegria não ſabião o que fizeſſem. Dõ Rodrigo quiſera logo partir, mas o padre Frãciſco Aluarez lho impedio, dizendo, que pois Deos n'aquelle dia lhes fizera hũa tão ãſsinalada merçe, que eſperaſſem ate paſſarẽ aquelles dias de feſta, em que era rezão deſſem muitas graças ao altiſsimo Deos, pois em tẽpo de tanta magoa & dor (como tão pouco auia tiuerão) lhes mandara nouas tão alegres. Paſſada a paſcoa em q̃ todos ſe confeſſarão & comungarão cõ grandes alegrias das almas & dos corpos, logo ſe puſerão ao caminho hum dia que foi aos noue de Abril, indo o Viſorrey de Barua em ſua companhia com mil hõmẽs de mullas, & algũs poucos de caualo. Aquelle dia forão dormir a Darigil hum pouo duas legoas de Barua, ali ſe coſtumauão as ſegundas & terças feiras ajuntar as cafilas que auião de ir pera Arquico, por amor dos alarues que ha muitos por aquelle caminho: aqui ſe ajũtarão dous mil homẽs, & todos juntos forão caminhando pera Arquico, que era quatorze legoas de jornada. Neſte caminho gaſtarão ate o ſabbado ſeguinte, & chegando a Arquico apoſentarão ſe fora por ſer noite, porque quis o Viſorrey entrar com elles de dia, & entregalos ao capitão mor. Ao outro dia chegarão a praya, onde Eitor da Sylueira os reçebeo com grãdes feſtas, ſaluas de artelharia, & cõ todos os inſtrumẽtos de paz, & de guerra. O Viſorrei lhe entregou dom Rodrigo de Lima, & o embaixador Zagazabo, & todos os portugueſes, & os preſentes q̃ leuauão aſsi pera o gouernador, & Rey de Portugal, como pera o ſummo & ſanto Pontifice. Eitor da Sylueira deſpedioſſe logo do viſorrey, que mandou dar a armada çincoenta vacas, muitos carneiros, galinhas, & outros mantimentos, & a oito de Abril derão à vella, & forão ſeguindo ſua viagem, & ao primeiro de Mayo chegarão a ilha

de Camarão, pera fazerẽ agoada. Ali deſenterrou o padre Franciſco Aluarez muito ſecretamente a oſſada de Duarte Galuão, que elle meſmo tinha enterrada, como na terceira decada ſe diſſe, & a embarcou no galeão em que hia, cõ tenção de a leuar ao reyno: d'ali ſe fizerão a vella, para irem enuernar a Ormuz como leuauão por regimento: & deixalosemos em ſua viagẽ, por continuarmos cõ a do Gouernador. ¶ Partido logo Lopo Vaz de ſaõ Payo de Goa, como atras diſſemos, foi atraueſſando o golfo de Ormuz, em q̃ achou grãdes calmarias, q̃ forão cauſa de gaſtar muitos dias, & lhe morrer muita gẽte, & entrãdolhe o tempo, foi ferrar o porto de Calayate, cujo Xeque eſtaua aleuãtado contra os portugueſes por mandado d'el Rey de Ormuz, & de Rax Xarrafo, porq̃ pellas auexaſſoẽs que padeceio, & recebião de Diogo de Mello, eſcreuerão a toda aquella coſta q̃ ſe leuantaſſe cõtra os portugueſes, que foi quaſi outra como a que o meſmo Xarrafo fez em tẽpo do gouernador dõ Duarte de Meneſes (como na terceira decada de Ioão de Barros ſe conta.) Lopo Vaz tanto q̃ ſoube do negocio, pezoulhe em eſtremo das deſordẽs de Diogo de Mello, & tratou de quietar o Xeque, o que fez cõ lhe affirmar que a nenhũa outra coſa ya a Ormuz, mais q̃ a ſoltar Xarrafo, & a lhe fazer juſtiça, & pera caſtigar Diogo de Mello ſe o mereceſſe: Com iſto ſe compoz o Xeque, & ſe quietou mandando refreſcos ao Gouernador. Fazẽdoſſe d'ali a vella chegando a agoada de Teiue, achou o galeão de Franciſco de Mẽdoça, hũ dos capitaẽs da conſerua de Eitor da Sylueira, q̃ com tẽpo ſe apartou da armada: d'elle ſoube as nouas de dõ Rodrigo de Lima, & do embaixador q̃o Emperador da Ethyopia mandaua a Portugal, do q̃ leuou eſtranho contentamẽto, & tomando o galeão conſigo foy ter a Maſcate, que tambem eſtaua aleuantado, & trabalhou por quietar o Xeque como fez, & deixando tudo paçifico chegou a Ormuz, onde foi mũy bem recebido do capitão, & ſe agaſalhou na fortaleza. A primeira couſa que fez foi mandar ſoltar Rax Xarrafo, & leualo diante de ſi, & fazendolhe muitas hõras lhe diſſe, que elle era ali vindo a lhe fazer juſtiça, que a requereſſe contra Diogo de Mello, que ſem embargo de ſer ſeu tio, lha aueria de fazer muito inteiramente. O Gouernador foi dahi a tres dias viſitar el Rey D'ormuz, affirmandolhe que não ya áquella fortaleza a mais que a fazer juſtiça ao Guazil, & a caſtigar Diogo de Mello. O Guazil tanto que ſoube que o Gouernador era ſobrinho do capitão, & que o punha a cabiçeira da ſua meſa, ouue q̃ lhe não faria juſtiça em nada, & fazendo da neceſsidade virtude, diſ-

se ao Gouernador a segunda vez que o visitou, que elle não queria cousa algũa de Diogo de Mello, que lhe pedia o fizesse amigo com elle: o Gouernador chamou Diogo de Mello, & o reconciliou com o Guazil, & elle lhe pedio muitos perdões, & teue com elle muitos comprimentos.

CAPITVLO V.

Do que aconteceo a Eitor da Sylueira na viagem ate Ormuz, & de como o Gouernador receheo o embaixador do Preste Ioão.

PARTIDO Eitor da Sylueira da ilha de Camarão, foy nauegãdo dez dias com vento em popa a te sairẽ do estreito pera fora: & na paragem de Adem lhe deu hũ tempo tão rijo, & forte, que não poderão sofrer as vellas, & cõ sós os papafigos forão correndo a vontade dos vẽtos: & a segunda noite q̃ foi de grãdissima çarração se apartou toda a armada, & foi cada hũ correndo pera sua parte a Deos misericordia, & quasi alagados. Durou lhe este trabalho quatro dias, nos quaes o galeão saõ Leão perdeo o batel com hũ grumete Fraçes, não dormindo em todos elles pessoa algũa, porq̃ não largarão os aldropes das bõbas das mãos, por irem alagados, & desaparelhados de feição, que quasi yão desconfiados: mas Deos que sempre acode nas mores necessidades os encaminhou ate embocarẽ o estreito da Persia, do cabo de Iasques pera dentro, & o primeiro que foi tomar a agoada de Teiue foi Françisco de Mendoça, que ali tinha chegado poucos dias antes do Gouernador, que ali o achou, como atras dissemos. Os mais nauios tirãdo o capitão mor forão tomar Mascate a vinte & oito de Mayo. O capitão mor com quem ya embarcado dõ Rodrigo de Lima, & o embaixador Abexi, foi corrẽdo tempo com o mesmo trabalho que os outros, gouernandose tão mal, que não podẽdo tomar o estreito da Persia, foi correndo com os ponẽtes pera a costa da India com tenção de tomar terra a onde podesse: & quãdo cuidou q̃ ferrasse a costa de Chaul, achouse na ençeada de Cambaya ja com o inuerno çerrado, pello que lhe foi forçado tornar a voltar pera Ormuz, o que fez com muito trabalho de todos, bordeando de hũa parte pera a outra, com os mantimentos ja gastados, & a agoa quasi de todo, por que com o trapear do galeão se lhe abrirão as vasilhas, & sendo ja entrada de Iunho sem esperança de poderem tomar porto, ouueraõse todos por perdidos. Eitor da Sylueira sem mostrar hum ponto de desconfiança, animaua, & consolaua a todos, sendo o que dormia menos, &

corria peor,& o primeiro que ferraua do trabalho, & todauia vendoſſe taõ apertado tomou parecer com os officiaes ſobre o q̃ fariaõ, & aſſentaraõ que ja ſenão podia ir demandar ſenaõ Ormuz, porque como o inuerno era entrado, & os ſudueſtes curſauaõ,ainda que foſſe com trabalho, que melhor era marear para la. Com iſto mandou recolher todo o mantimento que auia na nao,& agoa,(que tudo era bẽ pouco) d'entro na ſua camara,& começou a repartir iſto com grãde tento,acodindo aos mais neceſsitados,mas como tudo era pouco & a gẽte muita, logo ſe lhe acabou, ficando ſem nenhũ remedio, ſem eſperanças d'elle ſenão as de Deos,em que ſempre foraõ muito ſeguros, & aſsi ſẽ comer nẽ beber nauegaraõ tres dias, ſendo Eitor da Sylueira,& dõ Rodrigo de Lima,os que n'eſtes trabalhos ſe moſtraraõ ſempre muito alegres a todos,porque como todos trazião os olhos nelles, eralhes aſsi neceſſario, por que com iſſo ſe animauaõ, & continuauaõ no trabalho, porque ſe fora d'outra maneira largaraõ tudo, & ſem duuida ſe perderaõ. Mas Eitor da Sylueira com hum animo muito grande, & com hum primor nũca vſado, proçedeo neſta viagem de feiçaõ, que confundia a todos, porque deſque recolheo na ſua camara a agoa, & o mantimento, nunca mais entrou nella,& ſe agaſalhou na tolda, por dar exemplo a todos,viſitãdo duas vezes no dia os doentes, que eraõ muitos, dandolhes em quãto ouue que,algũa couſa pouca,naõ tomãdo nunca mais pera ſi: & certo que era eſte fidalgo de tanta bondade, que mais ſintia ver aquelles enfermos,ſem ter cõ que lhes ſoccorrer, que o riſco,& perigo em que hia. Indo aſsi neſta deſconſolaçaõ aos ſete dias do mes de Iunho a tarde ouueraõ viſta de Maſcate,porque Deos os encaminhou pello eſtreito d'entro,ſem o elles ſaberẽ, & ja a eſte tempo hiaõ taõ fracos,& debilitados, que não podiaõ cõſigo. E porque o vento era eſcaſſo & naõ puderaõ ferrar o porto,começaraõ a bordear,ja com tanto alento,que os doentes que eſtauaõ para morrer, parecia q̃ reſuſcitauão, & acudiaõ auer a terra. Foi o galeaõ logo viſto de duas fuſtas que andauaõ ali d'armada q̃ acudiraõ a elle, & entrando d'entro os que andauaõ nellas, foraõ feſtejados de todos como homẽs q̃ lhes traziaõ o remedio: & vẽdo o deſtroſſo & miſeria d'aquelle galeaõ ficarão paſmados,& mãdarão leuar toda a agoa q̃ trazião,& algũas cõſeruas,& biſcouto, q̃ repartiraõ por todos;& cõ muita preſſa ſe tornarão a Maſcate,& carregando de agoa & mantimẽtos,voltarão o meſmo dia pera o galeão,& tudo ſe repartio por todos.Aquella noite foi pera elles a melhor, & mais alegre da vida,porq̃ os ays, as dores, os gemidos,

midos,& ſoſpiros paſſados ſe conuerterão em folias, feſtas, & alegrias em que paſſarão toda a noite. A o outro dia acudirão de terra muitos bateis eſquipados,& tomãdo o galeão a toa o meterão em Maſcate, onde acharão algũs naũios deſua cõpanhia,porq̃ os mais erão paſſados a Ormuz. Aqui ſe deixou Eitor da Sylueira ficar algũs dias em quanto os doentes refreſcaraõ, & cõualecerão de todo, & como ſe puderão embarcar deu a vella pera Ormuz, & foy ſorgir no pouzo defronte da fortaleza. O gouernador foi logo auiſado de ſua chegada,& mandou os viſitar, & pedir q̃ ſe não deſembarcaſſem ſenão ao outro dia, mandandolhes deſpejar em terra caſas pera todos; & armar & negociar asdo embaxador do Abexi, & prouer de todas as couſas neceſſarias. Ao outro dia pella menhã deſẽbarcarão todos, leuãdo Eitor da Sylueira,& dõ Rodrigo de Lima o embaxador Zagazabo no meyo, cada hũ por ſua mão,desfazendoſſe a fortaleza, & a armada toda em bõbardadas,& em eſtrõdos de alegria. E entrados na fortaleza forão a igreija a dar graças a Deos noſſo ſenhor: ali foi o gouernador buſcalos,& os abraçou a todos com grandes moſtras de prazer, & alegria, ali eſtiueraõ hũ pouco até que os mandou recolher pera ſuas caſas,& logo mandou a Eitor da Sylueira, & a dom Rodrigo de Lima, & ao embaxador Abexi,duzẽtos cruzados a cada hũ,& ao padre Franciſco Aluares çento. Ao outro dia foraõ todos a fortaleza,& o gouernador os eſperou na porta da igreija,& eſtiuerão a hũa miſſa que ſe diſſe cõ muita ſolennidade. Acabada ella foraõſe pera os apoſentos do gouernador leuando dom Rodrigo ſempre pella mão ao embaxador, que hia acompanhado de algũs fidalgos Abexis, & os preſentes em maõs de ſeus criados, que o embaxador apreſentou ao gouernador, & lhe deu as cartas. O preſente pera o gouernador era,hũa roupa de ſeda,com çinco chapas d'ouro diãte,& outras çinco detras, & em cada hombro hũa,& todas ſerião do tamanho da palma da maõ,muito fermoſas, & lauradas, a carta era em reſpoſta da que lhe eſcreueo o gouernador Diogo Lopez de Siqueira,que nos temos em noſſo poder,& por ſer muito comprida deixamos de a relatar. Lopo Vaz eſtimou muito o preſente, & teue cõ o embaxador grandes comprimentos, & mandou aos officiaes d'elrey,que correſſem d'ali por diãte cõ a deſpeza de ſua caſa, pera a qual aſsinou hũ tanto cada dia: & aſsi meſmo mandou pagar geralmente a toda a gente da armada, & darlhes meſas. Aqui os deixaremos,porque he neceſſario continuarmos com as couſas que ſucederaõ na India,depois do gouernador partir pera Ormuz.

CAPITVLO VI

De como Afonso Mexia mandou a Malaca chamar o gouernador Pero Mascarenhas, & do que elle fez depois que soube as nouas, & do que aconteceo na jornada a Martim Afonso Insarte, & a Francisco Desa.

PARTIDO Lopo Vaz de sáo Payo de Cochim, tratou Afonso Mexia de mandar auisar a Pero Mascarenhas de sua socessão, & mandou negoçear o galeão de que Antonio da Sylua de Meneses era capitão, o qual Lopo Vaz deixou em companhia de dom Iorge Tello d'armada na costa do Malauar: & entregou a Antonio da Sylua o treslado dos autos, papeis, & socessões, pera as dar ao gouernador Pero Mascarenhas, a quem escreueo que se fosse logo pera a India. Este galeão deu a vella meado Março, & foi seguindo sua viagem, aquem logo tornaremos, porque he necessario continuar cõ os capitães que Lopo Vaz despedio pera fora, & se ia primeiro com Martim Afonso de Mello Insarte. ¶ Partido este capitão de Goa, foi seguindo sua viagẽ ate chegar as ilhas de Maldiua, & elle se pos em hum d'aquelles canaes mais ordinario das naos, & mandou os nauios de remo tomar outros: & em Março foi dar com elle hũa nao de Rumez que hia de Tanacari pera Meca, que leuaua trezentos homẽs brancos de peleija, & muito bem artilhada, & petrechada de tudo, como aquella que hia muy rica, & prospera. Martim Afonso tanto que ouue vista d'ella leuou ancora & deu o traquete pondosse em armas, & preparando sua artelheria muy bem: tanto que chegou a tiro descarregou nella sua munição arrombandoa por algũas partes, & logo a foi inuestir, & lhe lançou seus arpeos. Deuaua Martim Afonso cincoenta bõs soldados a fora os officiaes. Ferrada a nao começousse sobre a entrada d'ella, hũa muito cruel batalha, em que peleijarão muito bẽ d'ambas as partes, & ainda que dos mouros cayão muitos feridos dos golpes dos nossos, erão elles tãtos, que a onde derrubauão dous se punhão logo quatro. Martim Afonso como era muito caualeiro, com ver a desigualdade que auia, determinou ou de morrer, ou de rẽder a nao, fazendo por seu braço muy grandes caualarias: os seus animados com o que lhe vião fazer, trabalhauão pello imitar, lançando entre os mouros muitas panellas de poluora, com que os abrazauão, mas não largauão os lugares. E como a nao era grande, poderosa, & com tanta gente, por muito que os nossos trabalharão a não puderão entrar, ficando assi abordados todo aquelle dia & noite, peleijando

leijando d'ambas as partes ſem tomarem deſcanſo. Ao outro dia poſto que os noſſos eſtauão cãſados, & a mor parte feridos, tanto trabalharão, tão altas proezas fizerão, que com grande dano dos imigos entrarão a nao, & meterão todos os della a eſpada, ſem lhe ficar algum. Rendida a nao (não ſem cuſto do noſſos, de que tambem morrerão alguns) lançárão ao mar os mortos, & ſurgirão com a nao que eſtaua cheа de fazendas. Ali ſe deixarão eſtar até meado Abril que derão a vella pera Goa, leuando a nao conſigo, & chegados aquella cidade foy deſcarregada, & vendida a fazenda, & derão as partes aos ſoldados, ficando hũa grande ſoma a elrey. ¶ Agora continuaremos com Iorge Cabral, que (como diſſemos) partio das ilhas de Maldiua pera Malaca a dar as nouas a Pero Maſcarenhas de ſua ſoceſſão: & indo ſeguindo ſua jornada com bom tempo chegou aquella fortaleza, & foi muyto bem recebido de Pero Maſcarenhas aquem deu as nouas, q̃ elle eſtimou muyto, por ver a conta que elrey tinha com ſeus merecimentos, & prometeo a Iorge Cabral aquella capitania de aluiçaras. E por que não tinha papeis, nem cartas do veador da fazenda, não tomou titulo de gouernador, & foi correndo com o cargo de ſua capitania, eſperando que lhe vieſſe tudo na moução, o que não tardou, porque hũ mes depois da chegada de Iorge Cabral, ſorgio n'aquelle porto o galeão de Antonio da Sylua, & deſembarcando deu a Pero Maſcarenhas as cartas, & papeis que leuaua, mandandolhe notificar que foſſe logo tomar entrega da gouernãça da India. Com eſtes papeis ſe ajuntarão todos os fidalgos, capitaẽs, cidadoẽs, & officiaes de juſtiça, & fazenda, & logo por todos foi auido por gouernador da India, fazendoſſe diſſo hum termo em que todos ſe aſsinarão. O gouernador Pero Maſcarenhas começou a correr como gouernador, & determinou de ſe ir a eſperar os leuantes aos ilheos de Pulopuar, para ver ſe em Outubro podia paſſar a India. E poſto que teue contrariedades da parte dos pilotos, todauia entrada de Agoſto ſe embarcou no galeão em que foi Antonio da Sylua, & meteo depoſſe d'aquella capitania a Iorge Cabral, ao que veo com embargos Ayres da cunha porque conforme ao regimento que aly deixou Afonſo D'albuquerque, a elle pertencia aquella capitania, por capitão mor d'aquelle mar, o que elrey depois confirmou por hum aluara, pello qual Nuno Vaz Pereira por morte de Iorge de Brito ouue ſentença contra Antonio pacheco que era Alcaide mor. A tudo reſpondeo Pero Maſcarenhas gouernador, que elle não quebraua regimẽtos, que aquella fortaleza não vagaua por

ſua

ſua morte, ſenaõ por ſoceder na gouernança da India, & que o ſeu tempo que lhe faltaua por ſeruir o podia dar aquem quiſeſſe: ſobre iſto proteſtou Ayres da cunha por ſeus ordenados contra elle. Partido o gouernador de Malaca, foi tomar os ilheos de Pulopuar, onde ſurgio pera eſperar pellos leuantes: & eſtando aqui lhe deu hum tempo taõ groſſo que eſteue perdido, & lhe foi forçado fazerſe â vella pera Malaca, onde chegou com o maſto quebrado por tres partes. Aqui achou Franciſco Deſa, & dom Iorge de Meneſes, que por acharé tempos contrarios, tardaraõ atè entaõ, os quaes o receberão como a gouernador da India, dandolhe a obediencia. E ſabendo elle que dom Iorge leuaua a capitania de Maluco, por lha ter dada o gouernador dom Anrique lha confirmou, & o deſpachou, dãdolhe mais hum nauio, & o deſpedio com regimento que ſe foſſe por via de borneo, por ſer ajornada mais curta, que pella laoa, por onde era forçado inuernar em Amboino. Simaõ de Souſa galuaõ que hia pera capitão mor do mar de Maluco, deixouſe ficar em Malaca, aſsi por ſaber ali, que o que leuaua era couſa pouca, como por que Pero Maſcarenhas trataua de ir ſobre Bintão, em quanto Franciſco Deſa ali eſtaua com ſua armada, por ſer muito neceſſario pera aquietaçaõ d'aquella forta-

leza, tirar d'ali aquelle imigo: lo que tinha mandado prep muitas couſas pera aquella jo da, de que adiante daremos r

CAPITVLO VII.

De como Eitor da Sylueira par Ormuz a eſperar as naos de & de como Melique As capit Dio, tratou de dar aquella fo za aos portugueſes. Do funda to d'aquella ilha, & do tem que os mouros conquiſtaraõ a reino, & do que paſsou Eitor d ueira com Melique As.

DEIXAMO gouernador po Vaz de ſa yo enuerna em Ormuz, de prouco muitas couſas d'aquelle rein ranto que ſe acabou o mes d goſto, deſpedio Eitor da Syl por capitaõ mor de quatro leoẽs, & duas caruelas, pera i perar as naos que auião de i Meca pera Cambaya, que ſen hiaõ demandar a ponta de D onde lhe deu por regimento eſperaſſe por ellas. Os capitaẽs ſua companhia eraõ Franciſc Mendoça, Manoel de Brito, & noel de Maçedo, que hiaõ em leoẽs: os das caranelas naõ a mos os nomes. Partido Eito

Syl

a de Ormuz logo o gouer-
deu a vella a pos elle pera
itor da Sylueira chegando
de Dyo, deixouſſe ali an-
erando pellas naos, & hũs
tros deixaremos por hum
porque he neceſſario d'ar-
tão das couſas que neſte tẽ
ederão no reino de Cam-
ue fazem ao fio da noſſa hi
& primeiro que tudo dire-
ſua origem, & fundamen-
o que Ioaõ de Barros o te-
uito bem feito na ſua tercei
da. Mas porque algũas cou
ficarão, as quaes nos alcan-
de mais perto, que não ſe-
pouco goſto pera os curio-
tornaremos a reçitar, por
m o fauor diuino auemos
ntinuando, com todos os
que forão ſocedendo nelle, a
poder de Magores. ¶ Pel-
he de ſaber, que eſte reino
amamos de Cambaya he o
zarate, que os mais dos geo
s lanção erradamente do
era fora, como em outra par
ſtraremos. Eſte reino foy
pouoado de dous generos
tios, Guzarates, & Banea-
dos muito ſuperſticioſos,
em ſeu lugar ſe vera, quan-
rmos de toda eſta gentilida
India. Os Guzarates todos
dos a mecanica, em que ſe
araõ de todos os do Orien-
s loucainhas ja em tempo
omanos erão muito eſtima-
das, as quaes hião ter a elles por
via do mar roxo, como ſe ve em
Arriano autor grego no tratado
que fez ſobre aquella nauegação,
no qual nomea muitas & diuerſas
ſortes de roupas, como ſaõ, gani-
ſe, monoche, ſagmatogene, milo-
chini, que diz ſerem muito finas, &
de algodão: pello que quanto a
nos parece, que erão os canequis,
bofetas, beyrames, ſabagagis, & ou
tras, que ſe achão eſcritas nos li-
uros das leis dos Romanos, dos
quaes cuſtumauão a pagar gran-
des direitos, & ainda oje entre nos,
com aquelle reino eſtar deſtroido,
pellas mudanças que nelle ouue, a
fineza de ſuas roupas, de muitas
ſortes, a delicadeza de ſuas obras,
ſaõ tidas em mais perfeição que
todas as da India. Os Baneanes ſaõ
todos dados a mercançia, em que
tambem preçederão a todos, por
ſua grande abelidade, & agudeza,
pella qual, & per outras partes que
nelles ſe notão, preſumẽ os Theo-
logos Chriſtãos da India, que deſ-
cendem d'algum dos tribos de Iſ-
rael, que ſaõ deſapareçidos: & ain-
da mais o pareçem no grande eſtu
do & cuidado que todos poem
em enganar os Chriſtãos, como
couſa que tem por preçeito. Am-
bas eſtas naçoẽs de gentes ſaõ tão
fraquiſsimas, & afeminadas, que
não fazem differença a molheres,
mais que nas barbas. Viuerão eſtes
homẽs muitas centenas de annos
ſem ſentirem iugo alheio ate quaſi

os de

os de noſſa redenção, de çento que deſçerão deſſes deſertos de de baixo do Norte hum grande enxame de gentios repartidos em tribus, hũs Magores, outros Tartaros, outros Chacatais, & outros Reſbutos, que vierão conquiſtando tudo o que jaz do Caucaſo pera baixo até eſte reino de Cambaya, repartindoſſe eſtes tribus por eſtas prouincias, ficandoas ſenhoreando, & aquellas do Agara, Mandou, & outras por derredor ficarão em poder de Magores, cujos Reis as ſenhorearão muitos annos, & ainda oje na çidade do Mandou, ſe vem tres ou quatro ſepulturas de Reis que ali reinarão, çujos letreiros dizem ſerem Magores. E ainda ſe preſume mais, que eſtes Magores forão ſenhores de toda a India até o maritimo d'ella onde ainda oje ſe vem duas fermoſas çidades fundadas por elles, hũa na coſta de Dyo, & outra na do Canara, chamadas Mangalor, cujo verdadeiro nome he Mongulor, porque aſsi ſe chamão eſtas gentes, & não Magores, & na da coſta do Canara ſe vẽ taõbẽ ſepulturas antiquiſsimas, por cujos letreiros ſe ve que jazem ali Reis Magores, ſegundo nos affirmarão algũs Canaras doutos, & antigos. Depois foi eſte reino Guzarate ſenhoreado de Resbutos, homẽs muito dados as armas, mas grandes ladroẽs & tyrannos. Eſtes pareçe que tirarão eſte reino das mãos dos Magores, & repartirão todas aquellas Prouincias entre ſi, tomando as cabeças o titulo de Raiás, que he o meſmo que gouernadores. Eſtes ficarão ſenhores de todo o Induſtão ate mũy perto dos annos, mil & trezentos, que tornou a fortuna a deſandar eſta roda (como tem feito em todas as Monarchias, & não poderaõ deixar de o fazer em quanto durar o mundo, por ſer naturalmente variauel, & inconſtante.) Vieraõ todos eſtes Raias a ſerem conquiſtados de hum Rey do Dely chamado Soltão Noſaradi, que ſe aleuantou no mundo, quaſi cem annos primeiro que o graõ Tamurlang, & foi mayor que elle, aſsi em forças, como em eſtados, porque veio a ſenhorear desdo rio Indo ate o Gange, & tem mais de quarenta graos delatitud pera o Norte. Neſte reino do Guzarate deixou hum gouernador, & em todos os do Decan outro, de quem em ſeu lugar falaremos. E recolhido pera o Dely, faleçeo em poucos tempos. Tanto que ſua morte foi ſabida, logo ſe lhe rebelarão todos os eſtados, & leuantaraõſe cõ elles os capitaes tomando titulos de Reis: eſte do Guzarate ſe intitulou Soltão Maamed, que foi homem valeroſo, & ſoubeſe ſuſtentar n'aquelle imperio, deixandoo a ſeu filho Daudar can muito engrandecido. Eſte Daudarcan não foi de menos animo que ſeu pay, & engrandeçeo em ſeu reino todo

o que

o que pode,& foi o que edificou a çidade de Dyo na quella ilha,que antigamente era habitada de peſcadores:tendo aſsi niſto,como em tudo o mais a que depois chegou a meſma fortuna que a cidade de Veneza,taõ pequena em ſeu principio, tamanha depois em grandeza,riqueza,& poder. Reinou eſte Rey muitos annos,& ſocedeolhe ſeu filho Soltaõ Mahamede,que auia ja mais de quarenta annos que reinaua,quando aquelle valeroſo capitaõ Vaſco da Gama deſcubrio a India. Eſte foi o que deu aquella ilha a Melique As (como ſe ve na terceira Decada de Ioaõ de Barros.) Por ſua morte herdou o reino ſeu filho Amodofar, que teue muitos filhos, & o primogenito ſe chamou, Soltan Bador, & naõ Badur,como as hiſtorias da India lhe chamaõ. Eſte ſendo ainda moço, ou por dizerem a ſeu pay os aſtrologos, que em poder do filho mais velho ſe perderia aquelle reino; ou (o que parece mais certo) que por deſejar de o dar ao outro filho mais moço, a que eſtaua afeiçoado, pareçe que moſtraua ma vontade ao Bador, que ou por q̃ ſoſſe auiſado d'iſto, ou porq̃ entẽdeſſe no pay que lhe deſejaua a morte,furtoulhe o corpo,& foiſſe por eſſe Induſtaõ açima em trajos de peregrino, a que elles chamão Calandar,& aſsi andou muitos annos, aprendendo differentes lingoas,vendo, & notando nouos ritos, & coſtumes, & couſas muito nouas, & peregrinas. Em quanto elle aſsi andou faleçeo o pay,& ſoçedeo no reino o irmaõ aque o pay deſejaua de o dar, que durou pouco, & deixou o reino ao outro irmaõ mais moço,a que naõ ſoubemos os nomes. Correndo as nouas por eſſe Induſtaõ da morte de Modofar, chegaraõ ao Bador,que logo voltou pera vir requerer o ſeu reino,& aſsi em trajos de Calandar,dizem,que entrou na corte do Amadaba, onde eſtaua inda ſua mãy uiua, & o Rey ſeu filho, que era ainda mançebo, & ſem ſe dar a conhecer a peſſoa algũa, entrou com a mãy,& ſe lhe deſcobrio, pedindolhe que quiſeſſe ordenar cõ que ouueſſe o ſeu reino. A Rainha (pode muito bem ſer,que naõ foſſe ſua mãy,ſenão ſua madraſta, & que os Guzarates que iſto contaõ ſe embaraſſem) lhe diſſe, que ſe foſſe,porque ſe ſeu irmaõ ſoubeſſe d'elle, que o mandaria matar, do que nos inferimos que ella ſeria mãy do Rey,& naõ do Bador. Elle vendo ſeu deſengano, foiſſe pera o Rey do Mandou, & ſe lhe deſcobrio pedindolhe aiuda & fauor pera cobrar ſeu reino. E como os grandes do mundo, nenhũa couſa mais os moue,que miſerias de hũ Principe deſterrado, prometeolhe todo o fauor, ate ir em peſſoa ajudallo: & pera iſſo ſolicitou alguns Reys vizinhos, que ſe ajuntaraõ com elle com grande poder. Algũs eſcri-

eſcritores noſſos dizem, que o Bador que ſe fora ver com a Rainha de Chitor, que ſe chamaua Cremé ti, que auia pouco veuuara, & lhe ficara hum filho minino, em cujo lugar ella gouernaua aquelle reino, & que ella fora a autora da liga com o Rey do Mandou, & outros pera reſtituirem Bador no ſeu reino, no que ſe enganarão: antes o mor imigo que eſta ſenhora teue foi o Bador, porque depois de eſtar quieto no reino de Cambaya, lhe foi tomar o ſeu, como na quinta decada dizemos. Em fim juntos aquelles Reys com o Bador, que tambem ſoliçitou por cartas algũs ſenhores de Cambaya, pera ſerem de ſua parte, foi contra o irmaõ, & entrou conquiſtando aquelle reino, & ſaindolhe o irmão ao encontro em hũa batalha campal, foi morto, & desbaratado: & o Bador ſe apoderou d'aquelle reino. Soçedeo iſto no anno de vinte & çinco atras paſſado. O Bador, como era mao, cruel, & fraco, (couſas que andaõ ſempre juntas fraqueza, a crueza,) começou a matar todos os capitaẽs que fauoreçeraõ o irmaõ, & o quis fazer a outro ſo que lhe ficaua, que era o menor de todos: que por ſer auiſado, ſe acolheo em trajos mudados, & ſe foi por eſſa terra d'entro, & day a algũs annos por via do Cinde foi ter a Ormuz, ſendo capitaõ d'aquella fortaleza Antonio da Sylueira q ie teue rebate d'elle, & o tomou, & embarcou pera G[illegible] o mandou ao Gouernador [illegible] da Cunha, como na quinta d[illegible] diremos. Eſtaua naquelle t[illegible] por capitaõ de Dyo Melique filho de Melique As, aquem [illegible] taõ Mamude tinha dado a[illegible] ilha. Eſte reçeandoſe das [illegible] cruezas que o Bador vſau[illegible] todos, naõ ſe auendo por [illegible] d'elle, determinou preitearſe [illegible] os Portugueſes, & darlhes a[illegible] fortaleza pera ſegurar ſua vi[illegible] a de ſua molher, & filhos, & [illegible] theſouros. Pello q̃ logo de[illegible] recado a Chriſtouaõ de Sou[illegible] pitaõ de Chaul, pedindolh[illegible] mandaſſe hum homem ho[illegible] pera tratar com elle couſa[illegible] compriaõ ao ſeruiço d'elR[illegible] Portugal. Chegou eſte hom[illegible] Chaul, & deu o reçado a C[illegible] uaõ de Souſa, que o deteue [illegible] que cada dia eſperaua pell[illegible] uernador. Poucos dias depo[illegible] gou áquella çidade Eitor d[illegible] ueira com tres naos de Mec[illegible] tomou na ponta de Dyo, [illegible] quintos ſo pera elRey, mon[illegible] ſeſſẽta mil pardaos, & logo a[illegible] ze de Setembro hum dia ou[illegible] depois, chegou o Gouernador [illegible] foi bem reçebido da çidade, & [illegible] ſentandoſſe na fortaleza, lhe [illegible] ſentou Chriſtouaõ de Souſa [illegible] baixador do Melique Sacá, [illegible] lhe deu o ſeu recado. O Gou[illegible] dor vendo que o negocio e[illegible] importançia, determinou de [illegible]

peſsoa a Dyo, mas foi contrariado dos capitaés, dizendolhe que não conuinha abalarſe pera couſa que não ſabião ſe ſeria inuenção, mas que mandaſſe hũa peſſoa de confiança, & que ſe detiueſſe naquella cidade, até ver o em que aquillo paraua. Com iſto deſpedio o Gouernador Eitor da Sylueira com algũs nauios ligeiros, & hũa galé em que elle ya, & ſurgio na baya de Dyo, mandando pello Embaixador pedir a Melique Saca que ſe viſſem ſós, o que Melique Saca fez, & de noite foi Eitor da Sylueira à porta da fortaleza, & à borda da agoa veio Melique Saca falarlhe: & nas praticas que teue coelle lhe diſſe, que elle deſejaua muito de entregar aquella fortaleza ao Gouernador da India, mas que auia de ſer com condição, que o auia de mandar por em Iaquete com toda a artelharia d'ella, que auia de leuar, & que lhe auião de dar a metade do rendimento da alfandega d'aquella ilha. Eitor da Sylueira lhe louuou ſua determinação, & ſe lhe offereceo ao por liuremente na parte que quiſeſſe: & que pera as condiçoẽs que lhe punha elle trazia poderes do Gouernador, em cuio nome tudo lhe cõcedia. Concluidos n'iſto tornouſſe Eitor da Sylueira pera a armada, por que Melique Saca lhe pedio que ſe detiueſſe alguns dias em quanto negociaua ſuas couſas.

CAPITVLO VIII.

De como Hag Mamude tirou a Melique Saca, de entregar a fortaleza a Eitor da Sylueira, & elle ſe foi pera Chaul, ſem concluir em nada & de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por treição, & a entregou a el Rey de Cambaya.

ESTAVA com Melique Saca hũ mouro ſeu parente chamado Hag Mamude, homem mao, perueſo, & muito ambicioſo: eſte ſabendo dos tratos que o parente trazia com Eitor da Sylueira, porque ſe fiou d'elle: & entendendo nelle o grande medo que tinha d'elRey, conçebeo em ſeu animo deſejo de ſe fazer ſenhor d'aquella ilha: & nas praticas que tiuerão ſobre o negoçio, ſempre lhe gabou a determinação que tinha tomado na entrega da fortaleza, mas que hũa ſó couſa receaua, & era, que como Eitor da Sylueira o tiueſſe em ſeu poder, com a cobiça do muito theſouro que tinha, lhe quebraſſe a fé, & elle ficaſſe ſem fortaleza, ſem fazenda, & ſem liberdade. Naõ ſoou iſto mal ao

Melique Saca, porque, como todos os mouros saõ falsos,& feméti dos, sempre imaginão nos outros o que elles fariaõ,& pedio ao Hag Mamude,que o aconselhasse n'aquelle negocio. O Hag Mamude como tinha ja traçado na fantesia a malicia,& treição,que cõ elle depois vsou,disselhe, que era de pareçer, que respondesse a Eitor da Sylueira que pera maior dissimulação d'aquelle negocio, se fosse elle pera Chaul, & que entre tanto ficaria negoceando suas cousas, & embarcando sua fazẽda em algũas Cotias que pera isso tinha, fazendolhe crer que ja na çidade auia sobre isso algũ reboliço: & que depois de embarcar a artelharia,pera que auia mister vagar,entregaria a fortaleza a elle Hag Mamude: & que depois d'elle ido pera Iaquete elle o mandaria chamar,& lhe entregaria a fortaleza O Melique Saca não entẽdendo o amargoz que ya debaixo d'este dourado,pareçeo lhe aquelle conselho bem,& pedio lhe que fosse elle o portador d'aquelle recado. Hag Mamude foisse hũa noite a galé de Eitor da Sylueira, & lhe pintou aquillo como lhe pareçeo cõuinha a sua tençáo, Eitor da Sylueira pareçendolhe que o Melique Saca estaua ja arrependido lhe disse, que do aluoroço da çidade lhe não desse cousa algũa,porque como a fortaleza estaua sobre o mar,facilmẽte se podia embarcar com tudo o que quisesse, & elle ficar logo de posse taleza, sem lho ningem po torvar. Hag Mamude lhe que aquillo naõ podia ser, pera embarcar toda a arte & fazenda, auia mister dias, & muito vagar, & q quella armada estiuesse a aquelle tempo, não fari que encher aos da çidade peitas, porque ja trazião que o bom seria desapareçe & que como Melique Saca tudo embarcado, logo o ria chamar a Chaul: & q erão mais dez ou doze dias da Sylueira vendo aquẽll tellas acabou de assentar Melique Saca estaua, de t rependido, & que o mesm Mamude o aconselharia, uertiria de sua determinaç Mamude se despidio de Sylueira, que logo despach nauio muito ligeiro com ao Gouernador, em que l conta de tudo o que pass dindo que lhe mandasse que faria n'aquella mate ta carta amostrou o G dor em conselho aos c pera lhe aconselharem o c ponderia: & debatido e les aquelle negoçio, ficou lho partido em differente çeres: porque hũs dizião, q guem melhor que o mesm da Sylueira que la estaua c goçio entre as mãos, se

determinar n'aquelle, que era de tanta importançia,& de que tanta hóra poderia reſultar ao eſtado da India,que ſe lhe remeteſſe toda a reſolução d'elle. Outros em que a enueja parece tinha entrado, por ſer aquelle o mor negocio, & mais hóroſo da India,diſſerão,que pois Eitor da Sylueira eſtando la onde via tudo,mandaua pedir conſelho, ſem ſe ſaber determinar,que o bõ ſeria mandar la outro capitão que foſſe homem que não ficaſſe depẽdurado de pareçer alheio, ſenaõ, que ſe pudeſſe reſumir com o ſeu proprio, cuidando cada hum dos que n'iſto votarão,que poderia ſer eleito pera aquillo,& fazer n'aquelle negocio mais que Eitor da Sylueira,que era hum dos capitaẽs de eſforço,conſelho, & experiencia, que em ſeu tempo ouue. Iſto foi ſempre muito antigo na India entre os fidalgos, vituperarem hũs,a os outros que eſtão em melhor lugar, & que ſaõ mais pera elle, ſó por verem ſe os podẽm a bater pera ſe elles aleuantarem: tendo muitas vezes no votar mais reſpeitos a os ſeus particulares,que ao ſeruiço de Deos, & d'elRey, pello que algũs forão cauſa, de ſe perderem grandes occaſioẽs, & de ſocederẽ muitos deſaſtres, & grandes deſauenturas E tornando a noſſo fio, vendo o Gouernador aquella confuſaõ,foi com os que votarão que ſe remeteſſe o negocio a Eitor da Sylueira,& logo lhe reſpondeo pello meſmo nauio, que fizeſſe elle o que lhe milhor pareceſſe, pois eſtaua com o jogo na mão. D'iſto tambem ouue entre elles algũas murmuraçoẽs dizendo,que tambem o Gouernador tiuera n'aquillo reſpeito ao ſeu particular, & que queria grangear Eitor da Sylueira pera o ter da ſua parte, porque parece que ja entendião nelle agoas de não entregar o gouerno a Pero Maſcarenhas. Dada eſta carta a Eitor da Sylueira, como o tomou ja deſconfiado, & enfadado das dilaçoẽs do mouro, parecendolhe que nunca entregaria a fortaleza, largou tudo, & deu a vella pera Chaul, ſem outras occaſioẽs mais que as de ſuas ſoſpeitas em que ſe enganou, como depois ſe verá. Chegado Eitor da Sylueira a Chaul, pellas informaçoẽs que deu ao Gouernador deſiſtio do negocio, & determinou de o mandar ao eſtreito de Meca, por auer algũas nouas de galès, de que taõbem quis auiſar elRey, & mandou com muita breuidade negoçear hum d'aquelles galeoẽs de que deu a capitania a Franciſco de Mendoça, & o deſpedio pera o reino em fim de Outubro, eſcreuendo a el Rey tudo o que até então tinha ſoçedido, & certeficandolhe fazerenſe em ſuéz preſtes muitas galés pera paſſarem a India, pedindo gente, muniçoẽs, & outras couſas, porque ja de Ormuz

tinha eſcrito de ſua ſoçeſſaõ: enco
mendando muito a Franciſco de
Mendoça, que trabalhaſſe por to-
mar as naos antes que partiſſem
do reino. Deſpedio d'ali tambem
o Gouernador o nauio do trato
de C, o fala, de que era capitaõ Nu
no Vaz de Caſtelbranco, dando-
lhe por regimento deſſe as nouas
das galés por toda a coſta de Me-
linde, & Moçambique, porque
eſtiueſsem ſobre auiſo, & o meſ-
mo eſcreueo a Ormuz, & as mais
çidades da India, pedindolhes
que o quiſeſſem ajudar com al-
gũs nauios, porque determinaua
de ir buſcar os Rumes, & peleijar
com elles, o que todas fizerão mũy
bem, porque a çidade de Goa ar-
mou logo hum galeão, hũa cara-
uela, & hũa gale no eſtaleiro, & as
fizeraõ á cuſta dos moradores
com muita breuidade. A cidade
de Chaul fez outra galé. O Go-
uernador deſpedio d'ali gente &
munições pera Ormuz, & eſcre-
ueo a Diogo de Mello, que man-
daſſe ter na boca do eſtreito Perſi
co nauios ligeiros para o auiſarem
ſe ouueſse galés. Prouidas eſtas cou
ſas, & outras, querendo o Gouerna-
dor embarcarſe pera Goa, tornou
a tomar pareçer ſobre as couſas de
Dyo, & aſſentouſe que deixaſse a
li Eitor da Sylueira com armada,
& que mandaſse ſaber de Melique
Saca ſua determinação: mas Eitor
da Sylueira, que ſe achou no meſ-
mo conſelho, affirmou que tudo
o de Melique Saca erão inuẽ
& enganos, & que elle ſabia m
çerto que nunca entregaria a
taleza. & aſsi çertificou iſto, qu
ſiſtio o Gouernador da empr
& deu a vella pera Goa. E em
to faz eſta jornada, cõtinuare
com Melique Saca, que come
ua verdade, & ſua tẽção foi ſer
entregar aquella fortaleza aos
tugueſes, por ſegurar ſua vida
Eitor da Sylueira dando a vel
ra Chaul começou a embarca
telharia & ſua fazẽda, & paſs
laquete pouco & pouco. Hag
mude como trazia maos pẽſa
tos, & era imigo dos portugu
como todos os mouros o ſaõ
natureza, uẽdo a preſsa que M
que Saca daua no deſpejar da
leza, começou em ſegredo a a
gẽte, & ſendo o Melique Saca
gar a hũa quinta ſua q̃ tinha c
tra bãda, duas legoas pella ter
tro (q̃ inda oje guarda ſeu n
& ſe chama, a quinta do Meli
meteoſe Hag Mamude na ci
có muita gẽte armada, & com
apellidala por d'el Rey de Cãb
& logo lhe deſpedio recados
apreſsados do q̃ tinha feito,
determinação de Melique Sac
doſe eſte recado a elRey, log
partio pera Dyo aforrado cõ
ou doze mil cauallos Melique
ca q̃ eſtaua na quinta ſoube
atreiçaõ que lhe o parẽte orde
& entaõ entẽdeo a malicia &
ção cõ que o acõſelhara naqu

co

couſas, & partindoſe apreſsado pera Dyo, paſsouſe a ilha, & foi deſembarcar a porta da fortaleza, em que ainda eſtaua ſua molher, filhos, & familia, & metendoſe dentro ſem ningem lho poder eſtoruar, deſpedio logo recado mũy apreſsado a Chaul, a chamar Eitor da Sylueira pera lhe entregar a fortaleza. Eſte recado foi dado a Chriſtouão de Souſa, que por não ter nauios naõ foi em peſsoa, mas deſpedio hũa almadia ligeira com recado ao Gouernador, & entretanto foi entretendo o Melique Sacà, çinco ou ſeis dias, mandandolhe affirmar que logo ſeria com elle. El Rey de Cambaya como ya pella poſta, chegou a outra banda de Dyo tres dias depois q̃ o Melique Saca deſpedio o recado a Chaul, o qual ſabẽdo da chegada d'elRey, logo ſe embarcou cõ ſua familia, & ſe paſsou a Iaquete, deixando a fortaleza deſpejada. El Rey de Cãbaya paſſouſe a ilha, & deu a capitania d'aquella fortaleza a Hag Mamude, reſeruãdo pera ſi as rendas da alfãdega. Eſte mouro foi depois o mor imigo q̃ o eſtado teue como pello diſcurſo da hiſtoria ſe vera, dõde ſe ve claro quãto pode hũ deſcuido, & quanta força tẽ hũ reſpeito particular, que muitas vezes foraõ cauſa de grãdes danos, & fizeraõ perder grandes occaſioẽs, como vimos neſte negocio, de q̃ reſultou perderẽ os portugueſes d'eſta vez eſta fortaleza, & vir a poder do mor imigo q̃ a India teue, & cuſtar depois tãtas mortes de fidalgos, & caualeiros, tãtas deſpezas em armadas, primeiro q̃ tornaſſe a vir a noſſo poder, tendoa deſta vez na mão ſem cuſto, & ſem trabalho.

CAPITVLO IX.

Da armada que eſte anno de vinte & ſeis, partio do reino, & das nouas ſoceſſoẽs que elRey mandou: & de como Afonſo Mexia veador da fazẽda abrio a primeira ſoceſſão, em que ſoçedeo Lopo Vaz de São Payo.

PELLAS cartas que o Gouernador Dom Anrique de Meneſes mandou per terra ao reino, em que daua conta a elRey da morte do Cõde Almirãte, & de ſua ſoceſſaõ, & do eſtado em que a India ficaua, que forão dadas a elRey eſte Outubro paſſado de vinte & çinco, ſoube elle as nouas do que na India paſſaua. E ſe embargo de andar occupado em ſuas vodas, por caſar com a Rainha dona Caterina Irmã do Emperador Carlos quinto, não ſe deſcuidou de prouer nas couſas da India, mãdãdo negoçear çinco naos com muita preſſa, que deſpedio eſte Março de vinte & ſeis, prouendo em muitas couſas neceſſarias ao bom gouerno da India, principalmente nas ſoceſſoẽs

da gouernança, em que fez mudança,como logo ſe verá. Eſta armada naõ leuou capitaõ mor: os capitaẽs eraõ Franciſco d'aNhaya. Triſtaõ Vaz da Veiga,Antonio da Breu, (que leuaua a capitania mor do mar de Malaca) & Vicente Gil, filho de Duarte Triſtaõ, armador das naos: o outro foi Antonio Galuão, filho de Duarte Galuaõ, que por ſe negociar mais tarde, quando quis ſair pera fora faltoulhe o tẽpo,& depois ſe fés a vella a deza ſeis de Mayo taõ tarde, que ja ſe deſconfiaua de poder paſſar a India. Eſta nao indo ſeguindo ſua viagem entrando na coſta de Guinè,lhe deraõ tamanhas calmarias, que o deteueraõ por ela quarenta dias, & quando lhe deu o tempo que ja foi em fim de Iunho, ouue grandes requerimentos dos officiaes que ſe tornaſſe pera o reino, por que alem de ſer muito tarde ,a nao era roim, & ſofria mal a vella: mas como Antonio Galuaõ era homem virtuoſo,& de grande animo & eſforço, quietou a todos com lhes dizer, que eſperaua em Deos que lhe auia de dar muito boa viagem dali por diante,& que os auia de leuar a India juntamente com as outras naos, & pondo cobro na agoa,& mantimẽtos, foiſeguindo ſua viagem, ora com contraſtes, ora com bonanças,ate dobrar o cabo de boa eſperança, ja no mes de Setembro. Dali foi tomando ſua derrota com determinação de ir por fora:mas o piloto lhe requereo que foſſe tomar Moçambique, & que d'ali yriaõ inuernar a India em Abril,& que aſsi ſegurauaõ as vidas, & a nao, por que indo por fora podiãolhe entrar os leuantes que era ja tempo, que os podiaõ tomar em paragem que quando quiſeſſem voltar para Moçambique naõ podeſſem. Antonio Galuaõ lhes diſſe, que eſperaua na vitgem noſſa Senhora,que os auia de leuar a Cochim. E aſsi era taõ deuoto da Senhora,que quebrandolhe hum dia ſeu a verga grande, não quis que trabalhaſſem, & aquelle dia não fez viagem, & aſsi ella teue particular cuidado de ſuas couſas. Antonio Galuaõ porque o piloto lhe encampou a nao a tomou a ſua conta, mandando a viz, tomando o ſol, & carteando, porq era n'iſto muito eſperto, & deu lhe noſſo ſenhor taõ bõ tẽpo que, em fim de Outubro foraõ auer viſta das ilhas de Maldiua, onde lhe ſayo hũa embarcaçaõ da terra cõ hum piloto que os encaminhou até os lançar fora d'ellas: & em quinze de Nouembro foraõ tomar Cochim, onde ja eſtauaõ as naos de Triſtaõ Vaz da Veiga, & Franciſco d'aNhaya,que tambem foraõ por fora, com tempos bem roins. As naos de Vicente Gil, & de Antonio D'abreu foraõ por d'entro, & ficaraõ inuernando em Moçambique. Chegadas as naos deraõ ao veador dafazẽda os facos das vias,

& d'ou-

& dentro achou duas ſoceſſoẽs da gouernança da India, com duas cartas dirigidas ao veador da fazenda, que continhaõ o ſeguinte. ¶ Afonſo Mexia, eu elRey vos enuio muito ſaudar, por duas vias que vaõ neſta armada, vos mando dous ſacos de cartas, & deſpachos das couſas deſſas partes, que ouue por meu ſeruiço que agora foſſẽ. Hum delles leua Triſtaõ Vaz da Veiga, & outro Franciſco d'aNhaya, tomai as cartas que vaõ pera vos, & as do capitão mor, lhe dai, & aſsi a todas as outras peſſoas pera quem vaõ, & naõ fique nenhũa por dar, aos que eſtiuerem fora donde vos eſtiuerdes mandailhas a muito hom recado, & neſta armada me enuiai hum rol, do modo que tiueſtes em as dar, & em as enuiar, & tomai diſto bom cuidado, porque ei por muito meu ſeruiço ſerem dadas todas as ditas cartas. As prouiſoẽs que aqui vaõ das ſoceſſoẽs da gouernança da India, tende naquella boa guarda, & ſegredo, que cumpre a meu ſeruiço, como de vos confio, eſcrita em Almeirim a trinta de Março. Pero D'alcaçoua carneiro a fez, anno de mil, quinhentos, & vinte & ſeis. Tinha outra particula mais abaixo, que dizia aſsi. E das outras prouiſoẽs que ja la tendes, não ſe a de vſar, & as tereis em boa guarda, & mas trareis quando embora vierdes. A outra carta era eſcrita a quatro d'Abril, çinco dias depois, & naõ tinha eſta poſtilla, que fala no abrir das ſoceſſoẽs. Viſtas eſtas cartas pello veador da fazenda, & cõſiderando eſta adiçaõ derradeira da primeira via, que dizia que ſe naõ vſaſſe das ſoceſſoẽs que na India eſtauaõ, determinou logo de abrir aquellas que yaõ de nouo. E ajuntandoſe na ſẽ de Cochim, cõ o capitaõ Dom Vaſco Deça, & Antonio Riquo, que naquellas naos tinha vindo com o cargo de ſecretario, Ioaõ do Souro, Ouuidor geral, Ioão Rabello feitor, & Alcaide mor. Duarte Teixeira Theſoureiro das mercadorias, os capitaẽs das naos do reino, os vereadores & officiaes da camara: & lendolhes a carta delRey lhes diſſe, que por ella ſe moſtraua muito claro, que a tençaõ delRey era naõ ſe vſar das ſoceſſoẽs que na India eſtauão, ſenão d'aquellas que naquellas naos mandaua, pello que elle as queria abrir. A iſto atalhou Dom Vaſco Deça, dizendo que ſeria muito grande deſeruiço delRey ſe tal fizeſſe, porque ſua tençaõ não era, nem podia ſer, que tendoſe ja vſado das ſoceſſoẽs que eſtauão na India, ſe abriſſem as outras, porque aſsi ficaua elRey afrontando o fidalgo que tiueſſe ſo cedido, ficando em obrigação delhe ſatisfazer ſua honra, por que os Reys, a que mais eſtimauão era a de ſeus vaſſallos, por que ſe foſſe d'outra maneira não aueria quem arriſcaſſe as vidas por ſeu ſeruiço,

como

(como os fidalgos cada dia fazião) com esperanças de elle os honrar, & lhes fazer merçes, que se elRey mandára pór aquella particula, fora por cuidar naõ se ter ainda vsado das soçessoẽs, & que se sua intenção fora abrirense estas, & não se vsar das que ja la estauão, forçado ouuera de declarar, que posto que se tiuesse vsado das soçessoẽs que na India estauão, auia por bẽ abrissem aquella, que de nouo mandaua, & que o homem que tiuesse socedido nas outras se embarcasse pera o reino, mandando nao, & ordem pera isso: & que atenção d'elRey mandar ter em segredo as soçessoẽs que na India d'antes estauão, era, por não saberem os capitaẽs que nellas estauão, se fazia elle nellas algũa mudança, pellos naõ escandalizar, que lhe requeria da parte d'elRey, naõ bolisse nas soçessoẽs, por que Pero Mascarenhas era legitimo Gouernador & não desse occasiaõ a diuisoẽs, & alteraçoẽs em meyo de tãtos imigos, & mais em tempo que erão tão certas as nouas de galès de Rumes, que pera as esperar era neçessario estarem todos vnidos, & conformes, & não em bandos, como estauão çertos bolindose nas soçessoẽs. D'este pareçer forão a mor parte dos que ali estauão, & os outros do do veador da fazenda, que se resumio em abrir a primeira soçessão, dizendo que elle tomaua sobre si aquelle negocio, & que elle daria conta a elRey do que fizera. E abrindo a primeira soçessão a deu a Fernão Nunez escriuão da fazenda, que a leo alto, & achousse nella dizer elRey que auia por bem que por morte do Gouernador Dom Anrique soçedesse em seu lugar Lopo Vaz de saõ Payo, com dez mil cruzados de ordenado, çinco mil em dinheiro, de que se pagaria na India, & os outros çinco mil em pimenta comprada do seu dinheiro ao partido do meyo. E que seria capitão mor do mar Antonio de Miranda d'Azeuedo com dous mil cruzados, de ordenado cada anno, mil em dinheiro, & mil em pimenta ao partido do Gouernador, & que faleçendo elle Lopo Vaz, depois de entrar na gouernança, em tal caso auia por bem que soçedesse Pero Mascarenhas, com o mesmo ordenado. Esta soçessão foi feita em Almeirim por Jorge Rodriguez a quatro de Abril, de mil quinhentos & vintáseis. O veador da fazẽda mandou ali fazer hum auto da publicação em que se assinou, com os que foraõ do seu pareçer, mas todos os mais clamarão & protestarão dizendo ao veador da fazenda, que elle roubaua a honra a Pero Mascarenhas, que era hum fidalgo muito honrado, & de grandes mereçimentos, & que ja se não escusauão diuisoẽs, & bandos, de que elle auia de dar conta a elRey. Afonso Mexia despedio logo hum

catur,

catur, em que foi dom Anrique Deça com recado a Lopo Vaz do que tinha feito, mandandolhe a noua ſoceſſaõ,& o auto da poſſe da gouernança da India, que lhe daua:& eſcreueo à çidade de Goa, requerendolhe, que conheçeſſem Lopo Vaz por verdadeiro Gouernador,por que elRey aſsi o mandara, naquellas naos,& que ouueſſem por bem o que eſtaua feito.

¶ Deixemos Dom Anrique Deça, & tornemos a continuar com o Gouernador Lopo Vaz,que deixamos partido pera Goa, aos dous dias que partio de Chaul foi ſurgir ſobre abarra de D'abul , onde ja trazia determinado de dar hũ bom caſtigo, porque ſayão de ſeu porto algũas fuſtas a roubar os mercadores que nauegauão, & carregauão d'entro algũas naos pera Meca, que leuauaõ muita pimenta. Ali ordenou toda a ſua gente, & deu ordem à deſembarcação, dando a dianteira a Eitor da Sylueira, & paſſou toda a gente aos nauios ligeiros, & bateis dos galeoẽs, & o Gouernador na galé baſtarda foi entrando pello rio dentro com grandes eſtrondos de inſtrumentos: & ſendo a meyo rio, chegou à galé do Gouernador hũa embarcação em que vinha o Tanadar da çidade,& entrando na galé apreſentouſe diante do Gouernador com muita humildade, & lhe pedio perdão de ſuas culpas, & que elle eſtaua muito preſtes pera as ſatisfazer,& de nouo guardar as pazes, com as condiçoẽs que elle quiſeſſe. ● Gouernador o reçebeo humanamente,& lhe diſſe que lhe perdoaua,por que os Gouernadores d'elRey de Portugal, tinhaõ por obrigação,recolherem,fauorecerem, & perdoarem a todos os que ſe lhe humillaſſem, que elle lhe perdoaua com condição que logo mandaſſe entregar todos os nauios de remo com ſua artelharia que ouueſſe naquelle porto, & aſsi meſmo hũa nao que eſtaua a carga pera Meca,por ter em ſi muita pimenta. O Tanadar lhe diſſe que em tudo o ſatisfaria, que não paſſaſse mais auante. O Gouernador mandou ſurgir no meyo do rio: o Tanadar ſem ſair da galè mandou trazer tudo o que o Gouernador lhe pedio, & lhe entregou algũs nauios, & a nao com a carga que tinha. O Gouernador lhe conçedeo nouas pazes, & fauores, com que elle ficou ſatisfeito. Aqui chegou hum Thome Pirez capitão de hum catur ſeu, muito apreſſado, & pedio aluiçaras ao Gouernador de como ſoçedera na gouernança pellas vias que elRey mandara nas naos, & que Dom Anrique Deça ficaua em Goa,& os papeis. O Gouernador lhe deu aluiçaras ſentindoſſe nelle grande aluoroço, porque auia que ja ficaua ſeguro na gouernança. Eſtas nouas ſe eſpalharão logo pella arma da eſtranhando todos o que Afonſo Me-

ſo Mexia fizera, & diſſerão publi camente, que Pero Maſcarenhas era o verdadeiro Gouernador, & que a elle conheciaõ por eſſe. Lopo Vaz deu logo a vella pera Goa, onde foi recebido como Gouernador, & dom Anriqne Deça lhe moſtrou o treſlado da ſoceſſaõ, & outra da poſſe, pello que entregou logo a capitania mor do mar a Antonio de Miranda D'azeuedo, & mandou preparar hũa armada de galeões pera irem ao eſtreito, & deu aquella jornada a Eitor da Sylueira. E em quanto ſe ficou preparando, elle ſe embarcou pera Cochim pera ir fazer a carga as naos do reino. Poucos dias depois do Gouernador partido ſe embarcou Eitor da Sylueira, & dando a vella logo a ſaida de Goa achou o recado de Chriſtouão de Souſa, em que o mandaua chamar para ir tomar poſſe da fortaleza de Dyo. E apreſſandoſe com eſtas nouas, chegou a Chaul onde ja era chegado recado, que Melique Saca era fugido, & que elRey de Cambaya ficaua em Dyo: & aſsi por hum nauio que chegou de Adem, veio noua certa, como de Sues era partida hũa groſſa armada de Rumés, que o Turco mandaua a India contra os Portugueſes. Com eſtas nouas requereo Chriſtouaõ de Souſa a Eitor da Sylueira que ſe tornaſſe pera o Gouernador, porque não era bem foſſe ao eſtreito com aquella armada, a riſco de dar com as galés, & perderſe, no que ſe arriſcaua toda a India, porque não ficaua ao Gouernador armada, com que poder peleijar com os turcos. Eſte requerimento pareceo bem a Eitor da Sylueira, & tornou a voltar pera Goa.

CAPITVLO X.

Do que fez o Gouernador em Cochim, & das naos que partirão pera o reino, & de como elRey Dom Iohão, recebeo o Embaixador Abexi.

PARTIDO Lopo Vaz de ſaõ Payo da cidade de Goa, em poucos dias chegou a Cochim, onde foi muito bem recebido de Afonſo Mexia. E como naquella cidade eſtaua a mor parte da nobreza da India, em que entrauão muitos parentes, & amigos de Pero Maſcarenhas, auia grandes murmuraçoẽs ſobre a ſoceſſaõ de Lopo Vaz, & muitos ajuntamentos, & magotes publicos, com eſtrondos, & vnioẽs dizendo ſoltamente, que roubauão a honra a Pero Maſcarenhas, & que elle era o verdadeiro Gouernador da India, & como Lopo Vaz tambem tinha muitos do ſeu bando, yão-ſe trauando brigas, & inda algũs deſafios particulares, & o que mais auiuou iſto foi,

foi chegar hum Iunco de Malaca pellas oitauas do Natal, em que da ua nouas de como Pero Maſcarenhas ficaua embarcado pera a India, & obedecido por Gouernador, pella poſſe & autos que lhe mandou o veador da fazenda, por Antonio da Sylua de Meneſes. D'iſto ficou Lopo Vaz de ſaõ Payo muito enfadado, & determinou de atalhar algũas deſordens, com mandar auiſar Pero Maſcarenhas do que era ſoçedido, porque não cuidaſſe que vinha pera gouernar a India: & logo mandou o treſlado da ſoceſſaõ que veio do reino, & o auto da poſſe, a Anrique Ferreira Alcaide mor de Coulão, pera que vindo ali Pero Maſcarenhas lho notificaſſe, mandandolhe por hũa prouiſaõ, que ſe quiſeſse obedeçer aquelles autos, que o agazalhaſſe muito bem, & quando não, que deixaſſe comprimentos, & o não recolheſſe na fortaleza. E porque as vnioẽs crecião cada vez mais, quis o Gouernador juſtificarſſe com os homens, principalmente cõ os capitaẽs das naos, porque em Portugal lhe não eſtranhaſſem o que fizera. E mandou chamar Baſtião de Souſa aquem tinha dado a capitania da nao de Antonio d'Abreu, & Antonio Galuão, Franciſco d'a Nhaya, Triſtão Vaz da Veiga, & Felipe de Craſto, que ali inuernou do anno paſſado: & preſente o Secretario Antonio Rico, lhes diſſe, que da vnião que em Cochim auia ſobre ſua ſoçeſſaõ, não queria tomar o caſtigo que o caſo mereçia nos perturbadores do pouo, porque deſejaua de os moderar, & quietar por bem, que lhes pedia muito, como fidalgos, honrados, & capitaẽs d'elRey, & que o não auião miſter pois ſe yão pera o reino, que lhe diſſeſſem liuremente o que lhes pareçia d'aquelle negoçio, & ſe entẽdião que por virtude da ſoçeſſaõ que ſe abrio podia elle ſer Gouernador da India, & ſobre iſto lhes deu juramento dos ſanctos Euangelhos. E como elle lhes perguntou iſto ſimpleſmente, com a meſma ſimpliçidade lhe reſpõdérão que não tinhaõ duuida a elle ſer Gouernador, porque da ſoçeſsaõ ſe entendia claramente ſer eſſa atençáo d'elRey: ſenão quanto Triſtão Vaz paſſou a diante, & diſſe, que por ſe euitarem couſas em deſeruiço de Deos, & d'elRey, elle diuia de ſer Gouernador da India, pois ja eſtaua de poſſe, & que quanto ao direito de Pero Maſcarenhas era neçeſsario ver todas as prouiſoẽs paſsadas, porque ſem iſso elle não podia reſoluerſe em couſa algũa. De tudo aquillo mandou Lopo Vaz fazer hum auto em que todos ſe aſsinarão. A meſma pergunta fez a hum frey Ioão de Hayo, da ordem dos pregadores, homem bom letrado, que lhe affirmou que era verdadeiro Gouernador, & que para ſer mais notorio a

todos,

todos, elle o affirmaria o dia ſeguinte, (que era da Circunciſaõ do Senhor) em que auia de pregar, & aſsi o fez: porque no cabo do ſermão tratou das murmuraçoẽs que na terra auia contra Lopo Vaz de ſaõ Payo, por parte de Pero Maſcarenhas, eſtranhandoo muito, & affirmando, q̃ Lopo Vaz de ſaõ Payo eſtaua legitimamente depoſſe da gouernança, por aſsi ſer a tenção d'elRey: dando ſobre iſto muitas rezoẽs. E concluio cõ dizer, que o meſmo que ali dizia, ſuſtentaria em Salamanca, & Paris, & em Portugal, para onde aquelle anno ya, pello que ſe diuia de crer que falaua verdade ſem ſoſpeita pois era frade, que não tinha neceſsidade do Gouernador, affirmando, que era mor amigo de Pero Maſcarenhas, que ſeu. E requereo a Lopo Vaz da parte de Deos, & de'lRey, que lhe lembraſſe que tinha entre mãos hum negoçio de muita importançia, & de que ſe podia ſeguir hum grande trabalho à India, & que era obrigado a caſtigar os perturbadores da quietaçaõ, & que ſe degradaſſem de Cochim os homens, que falaſſem cõtra o ſeu direito. Lopo Vaz com eſtas couſas cobrou mais alento, & logo proçedeo contra alguns que tinhão mais culpa, que forão, Vicente pegado, que acabára de ſer Secretario, & Simão Toſcano da obrigação de Pero Maſcarenhas, que degradou, hum pera Chaul, & outro pera Coulaõ. E dando expediente á carga das naos as fez a vella atè dez de Ianeiro: embarcando o Gouernador na de Triſtão Vaz da Veiga, a Dom Rodrigo de Lima com o Embaixador Zagazabo, aquem deu todas as couſas neceſsarias muito abaſtadamente. Na nao de Antonio Galuão ſe embarcou a oſsada de ſeu pay, & o padre Franciſco Aluarez, que atrouxe de Camarão. Eſtas naos tiuerão tão boa viagem, que chegarão a Lisboa veſpora de Santiago, eſtando elRey em Coimbra fugido de hum rebate de peſte: & por ter ja nouas do Embaixador por hũa caravela que das ilhas terçeiras lhe mandaraõ diante, tinha dado recado em Lisboa que logo o leuaſſem a Santarem, & foraõ apoſentados, elle & dom Rodrigo de Lima, em Alfange, onde lhe elRey mandou dar todas as couſas neceſſarias, pera ornamento de ſua caſa, peſſoa, & criados. Aqui eſtiueraõ algũs dias até el Rey os mandar leuar, a Coimbra, com grande companhia de criados, mullas, & azemalas, & antes de chegarem a cidade os foi eſperar ao caminho Digo Lopez de Siqueira, Almotaçe mor, que foi Gouernador da India, que era o meſmo que áquella embaixada mandara dom Rodrigo de Lima, que eſtaua acompadado de muitos parentes, amigos, & criados, o reçebeo com muitos gaſalhados. A entrada da çidade o

mandou

mandou elRey receber pello Marques de villa real, & por todos os prelados & senhores que auia na corte, que o leuarão até o paço: O Marquez entrou na casa onde el Rey estaua, cõ o Embaixador Zagazabo por hũa mão, & dom Rodrigo de Lima da outra parte por outra. Estaua elRey na sala ricamẽte armada, & tinha cõsigo o Cardeal, & Iffantes: & ao entrar da porta deçeosse elRey do estrado, & o recebeo a borda d'elle com grandes gasalhados, perguntando lhe pella saude do Emperador seu senhor, de sua molher, & filhos. O Embaixador lhe respondeo que todos ficauão bem, & desejosos de saberem nouas da de S. A. Depois d'estes primeiros comprimentos lhe disse elRey, que recebia muito grande consolaçãb com aquella embaixada, & que esperaua que d'ella se seguiria algum grande & assinalado seruiço de Deos nosso Senhor, & do Emperador da Ethyopia seu irmão, & a elle muita honra. Zagazabo deu a elRey duas cartas, hũa pera elRey dom Manoel (porque ainda era vivo quando o despachou.) E a outra pera elle; & assi lhe deu hũa coroa de ouro, & prata, & lhe disse, que o Emperador seu senhor mandaua aquella coroa a elRey dom Manoel, porque de filho pera pay nunca vinha a coroa, senão de pay pera filho, & porque como o tinha por esse tomara arreuimento pera lhe mandar aquella, pella qual era conhecido em seus reinos, & assi queria que sua alteza, o fosse em todos os da Abassia; & que depois de o ter despachado pera elRey dom Manoel, soubera de seu falecimento, & lhe mandara, que tudo o que trazia pera elle desse a S. A. pois era seu filho, & lhe ficaua a elle em lugar de irmão. Iuntamente com isto lhe entregou o padre Francisco Aluarez duas cartas que leuaua, a seu cargo pera o summo Pontifice, pellas quaes lhe mandaua dar aquelle Rey a obediencia como filho da igreja Romana: & assi lhe entregou hũa boceta pequena em que ya hũa cruz d'ouro com o santo lenho, que se abrio, & elRey de joelhos tomou a cruz & abeijou, dandoa ao Secretario Antonio Carneiro, com as cartas, pera se tornar tudo ao padre Francisco Aluarez, quando o despedisse pera Roma, & disse ao Embaixador, que daua muitas graças a Deos, pois por seu meyo chegaua auer logeitarse o Imperio da Abassia a igreja Romana. E despedindo o Embaixador mandoulhe dar casa muito honradamente, com tres mullas, pera elle, & pera dous frades que leuaua cõsigo, & assinou lhe pera a sua mesa dous cruzados cada dia, com hum tostão pera cada cauallgadura, & assi lhe mandou hũa rica cama, & hũa baixella de prata de todo seruiço pera

sua meſa, & lhe deu pera ter cuidado de ſua caſa, hum Franciſco Perez, caualeiro honrado. O anno ſeguinte deſpedio elRey o Embaixador, entregue ao padre Franciſco Aluarez, pera ir dar à obediencia ao ſanto Padre; & por que eſta jornada he da eſſencia da Chronica d'elRey dom Ioão, o deixaremos, ſomente diremos a ſubſtancia da embaixada. Mandaua aquelle Rey pedir ao ſanto Padre que lhe concedeſſe d'ali por diante patriarchas pera os inſtruirem nos eſtatutos Romanos, por que os que até então tinhão, erão da igreija Grega: & o que ao preſente reuiuia, que ſe chamaua Marcos, era homem que paſſaua de ſeſſenta annos. Vzauão os Abexins por morte de ſeus Patriarchas mandar pedir outros à Ieruſalem, que ſe elegião por todos os frades que auião na caſa ſancta, de ſua nação, mas ſempre era eleito d'aquelles que ſeguem a regra de ſanto Antonio primeiro Ermitão, & auia de ſer natural de Alexandria. Eſtes patriarchas não tinhão poderes pera mais que pera dar ordens, & criſmar, que os biſpados, & beneficios, ſó o Preſte Ioão os podia prouer. O ſummo Pontifice recebeo eſta embaixada, com grande alegria, dizendo por ſua venerauel, & ſanta boca, muitas palauras em louuor do Emperador da Abaſsia, & lhe concedeo tudo o que lhe mandou pedir; conſagrando em Patriarcha de Ethyopia hũ religioſo douto nas letras diuinas, & na lingua Chaldea, & Grega, homem eſtrangeiro, & nunca achamos quem nos diſſeſſe de que nação era, mas quanto a nos, auemos que era Armenio, de que adiante trataremos, com o fauor diuino.

LIVRO II. DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Da origem, & principio do reino, & Reis de Malaca, & do tempo em que receberão a ley de Mafamede, & do fundamento, & deſcripſão da ilha de Bintão.

AGORA continuaremos cõ Pedro Maſcarenhas, que deixamos fazẽdoſe preſtes pera ir ſobre Bintão. E primeiro que tratemos d'eſta jor-

ta jornada, nos pareçeo bem darmos rezão do fundamento d'este reino Malayo: & principio de seus Reis, por guardarmos a ordem que leuamos n'esta nossa historia, que he mostrar o tempo em que todos os Reis mouros, com quem contendemos, recebérão a ley de Mafamede. ¶ Pello que se adesaber, que estes Malayos, sempre se tiuerão por mais honrados, que todos os visinhos, pella diuindade que tem attribuido a sua genitura, & principio de que fabulão patranhas, que não tem fundamento algum. Dizem que hum Rey, que era senhor de todo o mundo, desejádo de saber os segredos do mar, mandara fazer hum caixão de ferro com algũas vidraças, em que se fizera lançar no pego desse mar Occano, & que o Rey das agoas o recebera muito bem, & lhe dera hũa filha em casamento de que ouuéra dous filhos: & indo a visitar seus reinos nunca mais tornara: a mãy saudosa do marido mandara os filhos em busca d'elle, & os caualgara em golfinhos, em que aportarão ambos na ilha de Camatra na praya de Pleamba, á que corruptamente chamamos Palibão. Sendo estes moços (que erão muito perto de dez annos) vistos da gente da terra, vendoos tão formosos, & tão ricamente ataviados, os leuarão ao seu Rey, que os recolheo & criou como filhos, & hum d'elles casou depois com hũa filha d'elRey de Iápara, na costa da Iáöa, & outro com hũa filha de hũa senhora de Sincapura viuua, chamada Milãotania. E deixando as fabulas que contão n'esta criação, & casamentos, a verdade hé que o Rey de Pleamba teue dous filhos que casou com estas duas molheres. Este que socedeo no reino de Sincapura viueo muitos annos: & por sua morte lhe socedeo hum chamado Rajal Sabu, que foi o primeiro que pouoou Malaca, como logo diremos. E assi Ioão de Barros nas suas decadas, como Afonso d'Albuquerque em seus comentarios, & Damião de Gois na chronica d'elRey dom Manoel; lhe chamão Xaqué Darxa, por este nome não he conhecido entre os naturaes, nem este titulo de Xaque propriamente quer dizer Rey nem se vsou entre estes gentios, senão depois que receberão a ley de Mafamede: mas porque homens tão graues, não auião de escreuer sem fundamento, querendoos saluar a elles, a nos nos parece que teria ambos estes nomes: & que elRey de Sincapura se chamaria Rajal Sabu: & que depois de o ser de Malaca se intitulasse do outro de Xa. E taõbem se pode cuidar nacer esta confusão dos escritores Malayos: porque depois que aprenderão as letras Arabigas, em que renouarão suas escrituras, tratando

de todos os Reis, assi gentios como mouros, os nomearão com este titulo de Xá, sem fazerem differença dos gétios que antes de mouros se chamauão Rayas: mas toda uia algũas escrituras antigas ainda nomeão este por Rayal Sambu. Este sendo Rey de Bintão, tomou hũa filha a hum seu veador da fazenda, & a teue por manceba alguns annos: & parece que depois tomãdo d'ella alguns ciumes, a enuergonhou publicamente, & a deitou fóra. O páy afrontado d'aquillo, como era pessoa principal, & de muita posse, carteousse com alguns senhores da costa da Iaoà, que vierão em seu fauor com poderosas armadas, & desembarcando em Sincapura, não ousando o Rey aos esperar fogio, & passousse á costa de Malaca, para hum lugar chamado Sencuder, junto de Vjantana, ficando o reino de Sincapura, & Bintão em poder do vassallo, em cujos erdeiros andou muitos annos. Ali em Sencuder esteue o Rey degradado alguns tempos, dandose bem com os da terra, & ordenando armadas com que salteaua aquelles estreitos. E tendo a informação d'aquella parte onde depois se fũdou Malaca, que então era hũa pobre pouoação de pescadores, passandose a ella assentou ali sua viuenda, & começou a fundar hũa noua cidade. E porque soube que a terra era d'el Rey de Sião, lhe mandou pedir que lha quisesse dar com o titulo de Rey, que elle se lhe obrigaria a vassalagem: o que elle fez assinandolhe os limites, que na segunda decada de Ioão de Barros se verão. A esta cidade que logo se começou a engrandecer, pos este Rey por nome Malaca, que em lingua propria quer dizer, degredo, porque foi ter a ella degradado, & deitado fora de seu antigo reino, & assi foi crecendo em poucos annos, que se fez maior que todos os visinhos, assi em poder, como em riqueza, por acarretar áquelle porto todas as embarcações de todas as partes do Oriẽte, com o que veio a engrosar, & a ter hũa certa superioridade sobre os mais Reys visinhos, como Emperador de todos. Teue este Rey dous filhos o erdeiro chamado Manbar, o outro Caçemor & depois do pay viuer muitos annos, socedeolhe o filho mais velho: que receandosse do irmão, o degradou pera hũa daquellas ilhas do mar, onde viueo pobremente. Reinou Manoar alguns annos, & faleceo sem filhos, pello que os do reino forão buscar o irmão, & o iurarão por Rey. Em tempo d'este, forão ter a Malaca, algũas naos dos portos de Arabia, & veio hum anno n'ellas hum cassis pera ir pregar a ley de Mafamede por aquellas partes. Este ficando ali com el Rey, assi se lhe afeiçoou, & elle

lhe

lhe representou a largueza de sua
çeita, que o conuertco a ella, &
lhe mudou o nome, & lhe pos o
de Mahamede, por honrra do seu
profeta, & lhe deu o titulo de Xá,
chamandolhe Xá Mahamede. Es-
te foi o primeiro Reyu nouro que
Malaca teue, o que sgueteo muy
perto aos annos do Senhor, de
mil, trezentos, oitenta, & qua-
tro, em que começamos a ori-
gem dos Reis destes nossos tempos: & ouue es-
te muitos annos & socedeo lhe seu
filho Mansurá, & a elle seu fi-
lho Alaladarxá, a este seu filho A-
lapidin, & a elle o socedeo seu fi-
lho Mahamede Xá, (que foi a
quem Afonso d'Albuquerque to-
mou a cidade de Malaca,) que
se passou pera Muar, até que An
tonio correa o lançou do pago,
como na segunda decada delle
de Barros se conta, & dali se pas-
sou a ilha de Bintão setenta le-
goas ao nacente de Malaca, fo-
ra do estreito de Sincapura pega-
da a terra firme, da que a diuide
hum estreito rio que se vai meter
no mar, & a cerca toda a roda: ao
longo deste rio hum pedaço dos
fós desta sitiada a cidade que tam-
bem se chama Bintão, & corta pel
lo meyo a equinocial, na parte on
de está a cidade se faz hũa baya,
por que entra hum braço do rio,
com hum canal que vai em muitas
voltas, por onde entrão os seus jun
cos, & embarcações. N'este canal
mandou elRey fazer hũa estacada
de mastos muy grossos, que tambe
ya em caracol, como o canal, dei-
xando hum tão estreito, que não
podia nelle virar hũa galé, & a ci-
dade mandou cercar de hũa tran
queira de dous faces, muy larga &
grossa, entulhada, cõ seus balluar-
tes grandes & fermosos: & pera a
banda que vai pera a terra firme
sobre o rio armou hũa ponte até a
outra banda pera seruentia da ilha,
em que mandou fabricar dous for
tissimos balluartes, hũ na entrada
da ponte da banda da ilha, & outro
na da terra firme. Destes balluar
tes, & na fortificação da cidade ha-
uia trezentas peças de artelharia de
brõzo, de Camellos até meyos ber
ços. Derredor da cidade no lugar
da cava hũa ordem de estrepes
postos em renes, hũs pera defende
rem a entrada, & outros a saida, to
dos muito crueis & perigosos, por
serẽ euados nas pontas. Esta parte
em que esta a povoação he toda
muito apaulada, & alagadiça: & es
ta he a rezão porque todas suas ca
sas saõ edeficadas sobre grandes
estejos de pao, leuantadas no ar, &
a seruentia he por pontes, só as ca-
sas delRey saõ fundadas sobre
hum cezo, de sorte, que com es-
te modo de fortificação & impe-
dimento de canal, ficaua a cidade
muito pera se reçear. & elRey n'el
la muito seguro. D'aqui lança-
ua suas armadas fora, com que
fazia muito grande guerra a Ma-
laca, defendendo a nauegação

d'aquelles estreitos aos nauios que yão da láca, & d'outras partes carregados de fazendas, & mantimentos pera Malaca, com o que pos aquella cidade muitas vezes em grandes trabalhos, & necessidades: principalmente em tempo do mesmo Pero Mascarenhas, de que elle estaua muito escandalizado. E vendo agora que forçado auia de esperar a mouçáo, que era em Dezembro, & que tinha ali a armada de Francisco de Sá, que ya pera a Sunda, determinou de ver se podia tirar aquelle imigo d'aquella ilha, & castigalo como merecia. Pelo que todo o tempo depois que arribou de Pulopuar até então, gastou em apercebimentos pera a jornada. D'isto foi logo el Rey de Bintão auisado, & mandou pedir socorro a el Rey de Paõ, que era seu genro, & elle se preparou pera esperar Pero Mascarenhas, que sabia que lhe auia de dar muito trabalho, pella experiencia que tinha de seu saber, & esforço.

CAPITVLO II.

De como Pero Mascarenhas partio pera Bintão, & de como desbaratou hũa armada d'el Rey de Paõ, & do grande trabalho que os nossos tiuerão na entrada do rio.

ESTANDO Pero Mascarenhas presles pera a jornada mandou fazer alardo da gente portuguesa, & Malaya, que auia de leuar, & achou portugueses quinhentos & cincoenta, em que entrauão os quatrocentos da armada de Francisco de Sá, (posto que Castanheda diz, que não leuou mais de trezentos, mas no protesto que Pero Mascarenhas mandou à cidade de Goa, contra Lopo Vaz de Sáo Payo, como adiante se verá, diz que quando fora a Bintão, leuara quinhentos & cincoenta portugueses, & naturaes sisdentos.) E embarcandose entregou a fortaleza a Jorge Cabral, & se fez a vella com dezanoue embarcações dous galeoẽs, hũa galé, quatro fustas, dous bateis grandes cõ mantas pera baterem a cidade, quatro lancharas, cinco calaluzes, & dous bargantins. O Gouernador ya na galé, Francisco de Sá em hũ galeão, Ayres da Cunha em hũa fusta, Fernão Serrão em hũa carauela, Antonio da Cunha, Duarte Coelho, Sãmão de Sousa Galuão, Ioão pacheco, & outros pellas mais embarcações. Dos Malayos yão por capitaẽs dous Bandaras principaes chamados Sina Raya, & Tuão Mafamede. Com esta frota foi surgir defronte da barra de Bintão, & vendo o canal, & as estacadas, bem entendeo

tendeo que lhe auião de dar trabalho, & logo mandou sondar o canal da baya, por Duarte Coelho, que andou por todo elle com o prumo na mão, & notando o modo das estacadas pareceolhe difficultoso entrar por ali a armada, ao menos sem se arrancarem todas as estacadas, & voltando a Pero Mascarenhas lho disse assi, & lhe deu informação de tudo o que vira, & da fortificação da cidade, que reconheceo com muito risco, affirmandolhe, que querendo desembarcar na face da cidade (porque não auia outra desembarcação) custaria a vida á mor parte de sua gente, assi pella muita artelharia que tinha, como por causa da fortaleza da cidade, & da altura de seus muros. O Gouernador Pero Mascarenhas ouuio tudo, presentes os capitaẽs, com cuio parecer assẽtou que se cometesse a ilha pella põte, por onde se seruia pera a terra firme, que não auia de estar tão fortaleçida, & que se arrancasse a estacada para a armada poder entrar d'ẽtro. Com esta resolução cometeo aquelle negocio a Fernão Serrão, por ser para todo o feito ariscado, & prefeslhe cincoenta homens pera o ajudarem n'aquelle trabalho. Fernão Serrão fortaleçeo o seu nauio com grandes & fortes arrombadas, pera defensaõ da artelharia dos imigos: & estando prestes tomarão algũs nauios de remo a carauela á toa, & a embocarão por meyo do canal, & chegando a estacada lhe lançarão aos paos grossos viradores, & guarnecendoos aos cabrestantes pondo todos nelles suas forças, forão arrancando hũa & hũa, com tanto trabalho, que lhes rebentou o sangue pellas bocas, das forças que nos peitos punhaõ. N'isto gastou oito dias por serem as estacadas muitas, & se deterem em cada hũa grande espaço, & chegou a carauela a surgir de fronte da cidade, donde o começarão a varejar com a artelharia soberbissimamente, & elle tambem lhe deu sua bataria, mas senão forão as arrombadas sempre fora metido no fundo. O dia que isto socedeo chegou á vista da armada hũa de trinta & tres lancharas, que era o socorro d'elRey de Paõ que mandaua a seu sogro, em que yão embarcados perto de dous mil homens. O Gouernador Pero Mascarenhas reçeandose, que se elle entrasse os canaes, saisse a armada de Bintão de dentro, & estoutra pella banda de fora, & que o tomassem no meyo, por caso d'aquellas estreituras, & que lhe dessem muito trabalho: pello que determinou de mandar cometer esta armada em mar largo, & elegeo pera isso Duarte Coelho, aquem deu quatro lancharas, & cinco calaluzes, & elle na sua fusta. Duarte Coelho que era muito caualeiro, tomando o remo em punho foi demandar os imigos & chegando a tiro de berço, lhe deu sua

salua

falta de bombardadas, de que lhe desapparelhou algũas. Vendo os imigos a determinação dos nossos (posto que elles estauão em muito de vantagem em numero de embarcações, & gente) não ousando a esperar, voltarão a toda a arrancada. Duarte Coelho vendo os ir em desbarato os foi seguindo co bombardadas, de que lhe matou muita gente, & tanto apertarão bombardadas que fizerão virar vinte & tres das lanchãras, em hũa daquellas ilhas, dando se logo a gente a terra, deixando as embarcações aos nossos, que os nossos tomarão com todo o seu rechejo, sem lhe custar gota de sangue, as outras dez lanchãras, por ficarem mais abalroadas, & por fazerem mais agua, não poderão seguir o seu caminho, que Duarte Coelho foi seguindo com a sua galeota, & porque era pejada de remo, mandou se a hum bargantim com vinte ou seis bõpanheiros, & apertando co remo as foi seguindo. Chegando a tiro despingarda, vendo os imigos aquella embarcação só, & tão alongada das outras, tornarão a ella. Duarte Coelho bem entendeo que tinha feito grande erro em seguir os imigos, só podendo se contentar com a victoria que tinha auido, mas não deixou de ir por diante com tenção de pelejar com todos, porque antes queria morrer que voltar. Os mouros vendo que todauia aquella embarcação hya por diante sem voltar, pararão. Duarte Coelho vendo que não remauão, tambem deixou o remo, os imigos cortarão apertar o seu, & elle fez o mesmo sempre com a proa nelles, elles todauia receando tornarão a apertar, & Duarte Coelho fez o mesmo, fizerão esta querena por tres vezes, & como isto era ja perto da noite, foisse ella serrando, & cobrindo o ar, como que os imigos se tornarão em outra volta, & Duarte Coelho se tornou pera a armada, & ajuntando as embarcações dos mouros se foi com ellas por popa, & entrou em Bintão, onde foi muito festejado de Pero Mascarenhas, & em que aquella victoria por bom prenostico. E assi disse a todos que pois lhe nosso Senhor começara a fazer mercês, que tiuessem confiança que tãobem lhe daria Bintão.

CAPITVLO III.

De como os imigos cometerão o nauio de Fernão Serrão, & do risco em que se via, & de como o Gouernador lhe foccorreo, & cometeo a cidade de Bintão, & a tomou.

DEPOIS QVE Fernão Serrão no porto de Bintão, depois que (como disse mos) arrancou as estacas com hum trabalho, que só portugueses pudeião aturar, viosse em muito grande perigo,

perigo, por ficar todo descuberto á bataria dos imigos que de todas as partes o perseguião, desparando no costado do seu nauio aquella infernal multidão de pilouros de ferro coado, & de pedra, com que o esburacarão por muitas partes, começando por ellas a fazer tanta agoa, que se ya ao fundo, & sem duuida se perdéra senão fora o grande esforço, & diligencia cõ que Fernão Serrão acudio a tudo, repartindo os homens pello trabalho, com que vencião todos aquelles riscos. E como tinha recado de Pero Mascarenhas que se fosse a barbar com a ponte, foi passando por todos estes perigos, em que gastou os mais medonhos, & espantosos quinze dias que se podem imaginar, porque em todos elles foi as toas, & não andauão em cada hum mais, que a compridão de hum virador: & todo o tempo que se gastára em escreuer os muitos & grandes trabalhos, & perigos, que este capitão passou, fora muy bem empregado, mas não temos palauras com que o encarecer, basta que elle fez tudo quãto hum valeroso, & esforçado capitão pudera fazer até que abarbou a ponte, com hũa grande grita & aluoroço dos seus, dando no baluarte que ali estaua hũa fermosa sálua de bombardadas, & espingardadas. ElRey de Binrão ficou muito agastado, d'aquelle negocio affrontando & desonrando seus capitaes, que de corridos, & enuergonhados não ousauão apparecer diante d'elle. E ajuntandose todos tratarão de fazer dar o nauio á costa: & pera isso buscarão muitos ardis ate lhe irem cortar as amarras de noite, & de margulho: mas forão sentidos pella grande vigia que os nossos tinhão, & logo surgirão com outra amarra mandandoa guarnecer, & forrar com cadeas de ferro: ao outro dia que isto passou mandou elRey Alacximena seu capitão mor do mar, que negoceasse todos os nauios que pudesse, & fosse cometer a caruela: o que elle fez com perto de vinte lancharas em que leuaua quinhentos homẽs, que elle pera isso escolheo: & remeteo com a caruela mui determinadamente, & a inuestio pella proa, & pella popa, lançandose logo d'entro n'ella mais de duzentos mouros, Fernão Serrão que ja estaua preparado os recebeo com grande animo trauandose entre todos hũa muito aspera batalha, & deixando a proa encomendada a homens de confiança acudio a popa por onde yão entrando os imigos, & com seu muito valor os deteue. As lancharas de fora se puserão as bombardadas com a caruela descarregando sobre ella espessas nuues de frechas, de que o nauio por todas as partes ficou empenado, & muitos dos nossos encrauados. Os mouros que entrarão pella proa apertarão tanto cõ os nos-

os nossos, que os leuarão ate o con
ues, onde se trauou hũa muito
cruel batalha. Fernão Serrão que
andaua de popa, tanto que vio ali
o negocio taõ arriscado, deixando
n'aquelle lugar os companheiros,
voltou só pera o conues: & como
hum leão brauo se meteo entre os
mouros, fazendo nelles hum gran
de estrago, & com sua chegada se
detiuerão, porque yão encurralan
do os nossos. O Gouernador Pero
Mascarenhas q̃ vio o trabalho em
que a carauela estaua, não queren
do arriscar as embarcaçoẽs gran-
des, pella muita artelharia que da
fortaleza jugaua em roda viua, pe
ra defender que lhe não fosse so-
corro, chamou Duarte Coelho, &
disselhe, que ambos auião de ir so
correr aquella carauela, & meten-
dose cada hum em seu balanco, cõ
dez ou doze homens cada hum,
tomaraõ o remo em punho, & fo-
raõ passando por aquella furia in-
fernal das bombardadas ate che-
garem ao nauio, & pondo as proas
nas lancharas que estauaõ abordo
as axoraraõ com muitas panelas
de poluora, fazẽdo lançar ao mar
os que nellas estauão: & sobindo
à carauela acharaõ Fernaõ Serraõ
caido d'aquella hora no chão, cõ
mais de vinte feridas, & derredor
d'elle hum monte de mortos, & os
mouros mũy acesos, & determina
dos, & remetendo a elles com a-
quelle impeto & furor que a hon
ra & paixaõ lhes fazia leuar metẽ-

dosse no meyo fizerão n'elles
estrago, que em pouco espaço
teraõ a mor parte d'elles a espa
& os outros cortados tambem
las, & do medo se lançaraõ ao r
& o mesmo fizerão os da pop
tando a carauela despejada, &
dos os nossos muito mal feri
Pero Mascarenhas fez aleua
Fernão Serrão, & recolhelo pe
camara, & o mandou curar pe
te si, & o mesmo fez a todos os
dados, & querendo prouer a c
uela, & deixar nella Duarte C
lho, & leuar Fernão Serrão pe
armada, o não consentio elle,
zendo a Pero Mascarenhas, que
quanto elle fosse viuo defend
a sua carauela a todo o poder
Rey de Bintão, ainda que foss
si lançado n'aquella cama, qu
feridas logo sararião, & que s
ellas estaua muito prestes pera
ceber outras de nouo pello se
ço d'elRey. O Gouernador P
Mascarenhas lhe agardeçeo m
to aquillo, mandando embar
nos balancos os soldados mais
rigosos, porque os mais naõ qui
rão largar o seu nauio, nem o
capitão: & deixando na carau
algũs dos companheiros que le
raõ, tornaraõse pera a arma
Passada esta vitoria determinou
Gouernador Pero Mascarenh
de cometer a cidade pella ban
da terra firme, por onde estaua
sentado em conselho, & pera f
zer isto mais a seu saluo, fez m

de querer cometer a cidade pel
ce d'ella, pera embaraçar os i-
os, pera o que mandou prepa-
algũs cestoẽs, & pipas, que ja
ua feitos de Malaca, & enco-
dou a Sina Raya da Raya,
com os seus Malayos, & co-
a portugueses que lhe daria
mbarcasse os cestoẽs, & pi-
na praya, & que logo as en-
sse de terra, & assentassem al-
s falcoẽs, & começasse a bater
lade, porque pella menhã a que
ometer, por ali com todo o
er; deitando esta fama, por-
se pella ventura os Malayos
ssem algũas intelligencias com
e dentro, & auisassem a elRey
arte por onde elle determina-
le cometer, se descuidasse das
ras. Sina Raya fez o que o Go-
nador lhe mandou, & pojou
terra de noite pello escuro, &
armou as pipas & cestoẽs, &
eo tudo de terra, & assentou
lcoẽs, tudo com muita pressa
reuidade. Lac Ximena, que es
por capitão n'aquella tran-
ira sentio a obra, & mandou a-
r elRey, & pedirlhe mais gen-
orque o querião cometer por
Com este recado mandou el
tirar todos os mouros que es
ão repartidos pellas outras es-
tias, & os mandou passar pera
ella, pella confiança que n'el-
inhá. Foi na cidade grande o
roço, quando lhe disseraõ q̃
portugueses querião cometer
por aquella parte; porque ouue-
rão que os tinhão nas mãos, & que
nenhum lhes escaparia. Pero Mas-
carenhas deu recado a Sina Raya,
que tanto que no quarto d'alua
visse fogo em algũa parte, fizesse
que cometia a tranqueira com
grandes estrondos, & alaridos, &
deixando os nauios em seu lugar
(porque os da cidade os não sen-
tissem) embarcousse com toda a
gente em balancos, & bateis, & em
muito silencio foi desembarcar na
terra firme em parte que ficaua
hũa legoa da ponte, & dali come-
çou a marchar entrada do quarto
d'alua, metendose por hũs cami-
nhos apaulados, & todos de vaza,
em que os nossos atolauão atẽ as
cintas, & alem disso todos cheios
de aruores brauas, em que yão
marrar por ser muito escuro, &
foi defeição, que estiuerão perdi-
dos, & se Deos os não fauorecera,
não era possiuel corpos humanos
poderẽ sofrer aquelles trabalhos,
porque yão todos taes, & tão en-
uazados, & quebrantados, que
não podião consigo, & passando
por todos estes perigos chegarão a
ponte hũa hora ante menhã com
tamanho aluoroço como se fos-
sem descansar, & naõ tiuessem
por passar outros maiores riscos, &
trabalhos. E como a ponte da ban
da da terra firme, não tinha guarni
ção, por se naõ temetem d'aquella
parte, forão logo entrando por el-
la dando o Gouernador a diantei-

ra a

ra a Francisco de Sá, para quem se passarão alguns fidalgos, & caualeiros desejosos d'honra, & chegarão a onde estaua Fernão Serrão, que já os esperaua, por estar auisado do negocio. E como estaua a barbado com a ponte saltou em terra com todos os seus soldados, ainda que naõ saõs das feridas, & de enuolta com os da dianteira forão cometer o baluarte da entrada da põte, que era de madeira como dissemos. Os que ali estauão de guarnição, como se não receauão d'aquella parte, dormião descansadamente, & nunca sentirão cousa alguã. Os nossos cometerão o baluarte com muitas panelas de polluora, com que os imigos despedarão, em meyo das labaredas, & ardendo n'ellas largarão o baluarte, & acodirão abaixo ao postigo por onde a ponte se seruia, onde já estauão Ayres da Cunha, Ioaõ Pacheco, & outros, que com fogo, & vaiuens arrombáraõ as portas por onde entrárão. E posto que acharão nos imigos grande resistencia, todauia esanssalizados do fogo, & do ferro, largarão tudo & foraõ fugindo pera a cidade, ficando o baluarte despejado, a que logo poserão fogo, que ardeo com muita braueza. Sina Raya, o nosso capitaõ Malayo, que estaua na praya em vendo o fogo, começou a bater a cidade, & com grandes gritas & estrondos fez que cometta a entrada. Lac Ximena que estaua sobre auiso, posse a esperar os nossos com grande aluoroço, por que auia que se satisfaria nelles da quebra passada, de quando cometeo Fernão Serrão, de que sayo escalurado, & corrido, & estando n'este feruor, forão dar com elle, os que fogiaõ da ponte, & lhe derão nouas do que por la ya, com o que elle ficou sobre salteado, & o mesmo fez elRey tanto que o soube. Os nossos forão entrando a cidade, indo lhe pondo fogo em todas as casas, que erão de madeira, de que se elle apossou com sua braueza acostumada. Vendo elRey, que cuidaua que tudo era mentira, ser tamanha verdade, o que lhe disseraõ, naõ teue mais tẽpo que pera se por em hum elefante, & fugir, sem leuar mais que sua pessoa. Ia n'este tẽpo ya amanhecẽdo, & os nossos vião tudo muito bẽ, & yaõ mais a sua võtade fazẽdo pella cidade grandes estragos. Pero Mascarenhas que ya por hũa parte, encontrou com hum capitão chamado Laxa da Raya, com perto de mil & quinhentos homens, & pondo o Gouernador o guiaõ de Christo no meyo, elle se pós diante dos seus com grande valor & esforço pelejando, & animandoos, & tal estrago fez nos imigos, que foi espanto. Aqui se assinalarão muito Aluaro de Brito, & Antonio de Brito, Simaõ de Sousa Galuaõ, Ayres da Cunha, Francisco de Mello Pereira, Ioaõ Pache-

co, Franciſco de Sá,& outros fidal gos & caualeiros, que todos eſte dia dérão grandes prouas de ſuas peſſoas,matando cada hum d'elles muitos mouros. O Laxa Raya q̃ era grande caualeiro, teue ſempre o roſto aos noſſos fazendo taõbẽ grandes caualarias, & quis Deos que lhe deſſem duas eſpingardadas com que ſe foi logo recolhendo,& os ſeus ſe puſeraõ em disbarato: Pero Maſcarenhas lhe foi ſeguindo o alcanſe, em que os noſſos ſoldados fizeraõ grandes cruezas:Franciſco de Sá,Fernão Serraõ, Duarte Coelho,& os mais que os ſeguião,forão demandãdo os paſſos d'elRey,& déraõ cõ Lac Xime na que ja ſabia da fogida d'elRey, & tambem ya recolhendoſe com hũa grande companhia de mouros,& remetendo os noſſos a elles, trauaraõ hũa muito cruel batalha em que ouue grandes danos, mas como Lac Ximena peleijaua com desconfiança,vendo o eſtrago que os noſſos faziaõ, largou tudo & foiſſe recolhendo, ficando d'eſta feita a çidade em maõs dos noſſos. Seria ja quando ſe acabou de arrematar a vitoria, meyo dia, & foi hũa das maiores que na India ſe alcançou, porque na çidade auia ſete mil homens eſcolhidos,& muitos mouros, de que morreraõ quatro centos a fora muitos feridos, & dos noſſos naõ morrerão mais que dous ou tres, & n'enhũ de nome. Auida a vitoria mandou o Gouernador ſaquear a çidade, em que ſe achárão muitos & ricos deſpojos,porque eſtaua com todo ſeu recheio.Pello muro & baluarte ſe acharaõ trezentas peças d'artelharia, que o Gouernador mandou recolher.Eſta noite ſe agaſalhou o Gouernador na caſas d'el Rey, mandando por capitaẽs nas portas que yão pera o Sertaõ,& ao outro dia, & cinco ou ſeis mais, q̃ durou o ſaco ſempre ſe achou que recolher: & n'lles chegou elRey de Linga,grãde amigo dos portugueſes, que vinha em ſeu ſoccorro, cõ dezoito lancharas,o que foi recebi do muito bem do Gouernador, & mandou que com toda a ſua gẽte, & algũs portugueſes foſſe correr a ilha,& trabalhaſſẽ por auer aquelle Rey as maõs, o que elle não aguardou,por q̃ ja ſe tinha paſſado a Viantaua, onde fundou noua çidade,& em que viueo pouco, porque logo faleçeo,& lhe ſoçedeo ſeu filho Alaudim,que he o que Caſtanheda,& Petro Mapheo dizẽ ſer eſte, que Pero Maſcarenhas lançou fora de Bintão, ſendo na verdade ſeu pay,como nos o aueriguamos cõ os Embaixadores de Ior, que a India vierão: pella ilha foraõ mortos muitos Malayos, & catiuas duas mil almas; & não tendo ali mais que fazer, mandou o Gouernador por fogo a toda a çidade q̃ ardeo tres dias.Aqui veyo ter com Pero Maſcarenhas, o ſenhor que foi de Bintaõ a quẽ aquelle Rey to-

mou aquella ilha,& lhe pedio o reſtituiſſe nella,que elle queria ſer vaſſalo de Portugal; o Gouernador lha conçedeo,& lhe paſſou carta de vaſſalagem,& de como lhe concedia aquella ilha com condição, que nunca mais elle nem ſeus herdeiros fizeſſem ali fortaleza algũa, nem trarião armadas no mar. N'eſtas couſas gaſtou o Gouernador perto de hum mes,& deſpedio d'ali Françiſco de Sá pera a Sunda,& elle ſe tornou pera Malaca a eſperar a moução pera ſe ir pera a India.

CAPITVLO IIII.

Do aluoroço que auia na gẽte da India, ſobre o gouerno de Lopo Vaz de ſaõ Payo,& de como ſe elle fez preſtes pera ir buſcar as galés dos Rumes.

TORNANDO a continuar cõ o Gouernador Lopo Vaz de ſaõ Payo,que deixamos em Cochim, dãdo expediente a muitas couſas,deraõlhe cartas de Goa,& de Chaul, em que lhe certificauão eſtarẽ em Camaraõ as galés de Rumes cõ determinação de paſſarem a inuernar a Dyo,& d'ali fazerem guerra a toda a India, & irem ſobre Goa; & não ſe recolherem até deitarẽ fora todos os portugueſes. Cõ eſtas nouas ſe maléconiſou o Gouernador, & ajuntando os capitaẽs & fidalgos acõſelho,foraõ os mais d'elles de pareçer;que foſſe eſperar as galés á ponta de Dio,& que ali pelejaſſe cõ ellas,& que lhe ſeria facil a vitoria,por que as tomaria com a artelharia abatida,& deſtroçadas, & desbaratadas da viagem, & que ſe lhes deſſem tempo pera ſe refor marem & ajuntarem com a armada de Cambaya, ſem duuida nenhũa ſe farião ſenhores da India. Cõ eſta reſoluçaõ ſe começou a fazer preſtes,& deſpedio hum catur muito ligeiro a Choromandel,diri gido a Ambroſio do Rego, que ali eſtaua por feitor,a quẽ eſcreueo,& mandou grandes prouiſoẽs, pera mandar a pregoar por toda aquella coſta,em que mandaua a todos os portugueſes que por ella andauão, que tanto que aquella viſſem ſe foſſem logo pera Cochim onde os eſperaua,pera o acõpanharẽ n'aquella jornada, ſo pena de ſerẽ auidos por traidores,& aleuantados,& ſe proçeder contra elles,& cõtra ſuas fazendas,onde quer que foſſem achadas,como eſſes: & que a todos os que pera elle vieſſem perdoaua quais quer culpas que tiueſſem, & aos ſentençiados ja,todos os degredos,& penas crimes, em que eſtauão condenados. D'eſta prouiſaõ zombarão todos,porq̃ por aquella coſta não eſtaua auido por verdadeiro Gouernador. Os apparatos

da

da armada yão creçendo a mor preſſa, & o Gouernador Lopo Vaz andaua todos os dias na ribeira dando ordem & auiamento a tudo,& como não ceſſauão as murmuraçoẽs de ſeu gouerno,& da ſoçeſſaõ que ſe abrio, auia muitos q̃ publicamente dizião, que fingião aquellas nouas das galés, pera ter aquella occaſião de as ir buſcar por ſe afaſtar de Pero Maſcarenhas, & não ſe encontrarem, por ſe não por com elle a direito, & que para lhe ficar a elle melhor partido,queria leuar toda a armada que auia na India,em que conſiſtia todo o poder d'ella, porque não ficaua algum outro a Pero Maſcarenhas,& com iſto dizião tambem publicamente que o naõ auiaõ de acompanhar,porque cada dia ſe eſperaua por Pero Maſcarenhas.Tudo iſtò foi as orelhas de Lopo Vaz, do que ficou muito enfadado, & de feito não queria a mor parte da gẽte receber ſoldo,nem embarcarſe, eſtando elle ja de todo pera o fazer,& querẽdo atalhar eſtas deſordens,eſtando hũ domingo á miſſa, em ſe leuantando o ſanctiſsimo Sacramento diſſe em alta vós; juro n'aquella hoſtia conſagrada, em que eſtá o verdadeiro corpo de noſſo Senhor Ieſu Chriſto, que n'eſta jornada não tiue, nem tenho outra tenção, ſenão de ir buſcar a armada do turquo, & peleijar com ella, porque ſe aſsi o não fizer, farſeão elles ſenhores de toda a India, & por eſta ſer minha tenção mando a todo o homem portugues, tirando os da obrigação d'eſta fortaleza,que logo ſe embarquem comigo,& não o fazendo, ſaibão çerto todos os que ficarem que os ei de caſtigar grauiſsimamente. Feita eſta diligencia começouſſe a embarcar, & o meſmo fizerão todos, por auerem que era verdadeira a ida em buſca dos Rumes,com quem todos deſejauaõ de ſe verem as maõs. Poſto no mar deixou por regimento ao veador da fazenda Afonſo Mexia, que quando Pero Maſcarenhas chegaſſe de Malaca áquelle porto, lhe mandaſſe notificar ſua ſoçeſſaõ, pera que ſoubeſſe a mudança que elRey tinha feito, pera que não cuidaſſe que auia de deſembarcar como Gouernador: & que ſe o quiſeſſe fazer como fidalgo particular o deixaſſe, & quando não,que lhe defendeſſe a deſembarcaçaõ as lançadas. Com eſte regimento deixou hũa carta pera Pero Maſcarenhas, pera lha mandar a barra, quando ali chegaſſe, em que o conſolaua da mudança que elRey tinha feito nas ſoçeſſoẽs da gouernança, fazendo a elle ſegundo nas proximas, ſendo primeiro nas paſſadas, fazendolhe comprimentos largamente, pera ver ſe com elles lhe podia tapar a boca. E dada a vella antes que Ianeiro ſe acabaſſe chegou a Cananor, a onde ſe vio

com dom Simão de Meneſes, que ali eſtaua por capitão, & lhe deu o meſmo regimento ſobre as couſas de Pero Maſcarenhas, & deixou n'aquella coſta por capitaõ mor Iorge de Souſa, com dez, ou doze nauios de remo, d'ali ſe fez a vella pera Goa, & em Batecalá achou Eitor da Sylueira, que (como atras diſſemos) deixara de paſſar o eſtreito, por conſelho de Chriſtouão de Souſa, pella certeza que auia das galés, & d'elle ſoube todas as nouas, com que deſpedio hum catur ligeiro a Chaul, com cartas a Chriſtouão de Souſa, em que o auiſaua de como ya eſperar os Rumes, & lhe pedia, que lhe tiueſſe preſtes todos os nauios, & gente, que podeſſe, pera o acompanhar, porque ſe não detiueſſe ali. E indo na derrota de Goa, achou no caminho Fernão de Morais em hum nauio que vinha de Ormuz com cartas de Diogo de Mello, & d'elRey, em que lhe fazião queixas muito grandes de Rax Xarrafo, & lhe requerião que o mandaſſe leuar d'aquella fortaleza, porque em quanto nella eſtiueſſe, naõ deixaria de tentar alguũa nouidade, como ja fizera em tempo do Gouernador Diogo Lopez de Siqueira. Com iſto ficou o Gouernador muito enfadado, por que erão couſas, que podião dar muito trabalho ao eſtado. Chegando a Goa apoſentouſe em ſaõ Françiſco, onde chamou aconſelho todos os capitaés, çidadoẽs, meſtres, & pilotos, & lhes propos, como os Rumes eſtauão na ilha de Camarão, & que por algũs auiſos que tiuera ſabia de çerteza que auião de inuernar nella, pera em Agoſto paſſarem a India: & que ſem embargo de eſtar aſſentado que os foſſe eſperar na ponte de Dyo a el le lhe parecia milhor iſos buſcar a Camarão, porque os tomaria em terra, & com as galés deſemaſteadas, & deſguarneçidas, & que por nenhum caſo lhes poderião eſcapar: que viſſem todos o que lhes parecia d'aquelle negoçio. Debatido entre todos tornaraõ a concordar em os ir eſperar á ponta de Dyo, a onde forçado auião de ir demandar, & que inda pera o fazer, era neceſſario eſperar pellas naos do reino q̃ auião de vir na entrada de Setembro, por que não auia na India armada nem gente baſtante pera os ir ali eſperar, quanto mais iſos buſcar a Camarão, a onde forçado auia de chegar com a armada diuidida, & deſtroçada, & mais tendo exemplos de caſa, dos deſaſtres & perdiçoẽs que paſſarão Afonſo d'Albuquerque, & Diogo Lopez de Siqueira, quando entrarão aquelle eſtreito, que quando elles eſtauão tão certos na paragem de Dyo, pera que era canſar em os ir buſcar taõ longe. De tudo iſto mandou o Gouernador fazer hum auto aſsinado por todos, & deſiſtio da ida, mandando

dando recolher a armada pera dẽtro. Tanto que ſe iſto vio começarão a reſuſcitar as murmuraçoẽs paſſadas, affirmando que ſempre fora entendido ſeré aquellas couſas do Gouernador cõprimẽtos, & ficçoẽs, pera ſe ſair de Cochim, porſe não encontrar ali cõ Pero Maſcarenhas, & tornaraõ a auer nouos bandos, & ajuntamentos. O Gouernador deſpedio Manoel de Maçedo em hũa caravela, pera ir a Ormuz com prouiſoẽs, & papeis, pera prender Rax Xarrafo, & leualo pera Goa, dandolhe por regimento que tornaſſe a inuernar. E deſpedio Antonio de Miranda d'Azeuedo, capitão mor do mar, com ſua armada pera Cochim, dandolhe por regimento que leuaſſe grandes vigias em Pero Maſcarenhas, & que encontrandoo lhe requereſſe da parte d'elRey, & da ſua, que ſe foſſe inuernar a Cananor, ou em Cochim, & que quãdo não quiſeſſe ſenão paſſar a Goa, voltaſſe com elle até a barra, dõde o não deixaria paſſar até lho fazer a ſaber, & deulhe hũa carta pera lha dar, em que o conſolaua, & lhe dizia, que ſe quiſeſſe tornar por capitão de Malaca, que lhe acreçentaria os ordenados, & faria muitas merçes. Iſto trataua o Gouernador, por que lhe não vinha bem entrar Pero Maſcarenhas em Goa, porque ſabia mũy bem à juſtiça que contra elle tinha, & como toda a gente era amiga de nouidades, cauſaria hum grande aluoroço, & o farião por com elle a direito, couſa que lhe não vinha bem.

CAPITVLO V.

Do que aconteceo a Pero Maſcarenhas ate chegar a Cochim, & de como Afõſo Mexia lhe defendeo a deſembarcação, & do que paſſou em Cananor, & de como ſe partio em hum catur pera Goa.

CHEGADO Pero Maſcarenhas a Malaca, proueo em muitas couſas d'aquella fortaleza, & como entrou o mes de Dezẽbro negoçiou os nauios que auia de leuar pera Goa, & mandou embarcar a fazenda que auia d'elRey, & de vinte do mes por diante ſe fez a vella pera Goa, com tres galeoẽs carregados de drogas: & fazendo ſua viagem proſperamente chegou a Coulaõ, onde foi reçebido do feitor, & Alcaide mor, como ſeu Gouernador: poſto que tinha regimẽto de Lopo Vaz de São Payo em contrario, & d'elle ſoube todas as couſas que erão paſſadas ſobre as ſoçeſſoẽs, do que ficou aſſas apaixonado: & tomando ali conſelho ſobre o que faria, lhe diſſe hum Simaõ Caeiro, que elle fizera Ouuidor geral, que ſe foſſe logo a Co-

chim, & caſtigaſſe rijamente o veador da fazenda, porque abrio a ſoçeſſaõ: & que poſto que ja eſtaua aberta, lhe naõ perjudicaua a ſeu direito, porque elle pella primeira, era o verdadeiro Gouernador da India. Com iſto partio Pero Maſcarenhas, & ſurgio na barra de Cochim o derradeiro de Fenereiro, hum ſabado a tarde. O veador da fazenda que trazia ſuas vigias, ſabendo de ſua chegada, mandou logo dous juizes, & em ſua companhia Duarte Teixera theſoureiro das mercadorias d'elRey, & Manoel Lobato ſeu eſcriuão, pera que foſſem a naõ de Pero Maſcarenhas, alhe notificar a noua ſoçeſſaõ de Lopo Vaz de ſaõ Payo, & o treſlado do regimento que lhe deixára, & que lhe requereſſem da parte d'elRey, que obedeçeſſe ao dito Lopo Vaz de ſaõ Payo, pois era Gouernador da India. Entrados eſtes homẽs no galeão fizerão ſuas notificaçoẽs a Pero Maſcarenhas, do que ſe elle apaixonou, & diſſe, que a ſoçeſſaõ que ſe ábrira era falſa, & que não eſtaua aſsinada por elRey dom Ioão, & que elle eſtaua de poſſe da gouernança, como ſe via por hum auto que elle meſmo Afonſo Mexia lhe mandara a Malaca, & porque o ſeu Ouuidor géral lhe diſſe que não diſſimulaſſe com aquellas couſas, que erão caſo de treição, mandou logo Pero Malcarenhas fazer hum auto, em que ouue os juizes por ſuſpenſos, & preſos os mandou pera ſuas caſas, & a Duarte Teixeira, & Manoel Lobato, mandou logo lançar grilhoẽs, & os deixou ficar preſos no galeão. Sabido iſto pello veador da fazenda, mandoulhe requerer, que lhe ſoltaſſe o theſoureiro, & eſcriuaõ das mercadorias, porque ſe poderia perder a fazenda d'elRey, que eſtaua em ſeu poder; mandandolhe requerer de nouo, que obedeçeſſe a Lopo Vaz de ſaõ Payo como a Gouernador, & que ſe foſſe pera Goa onde o acharia, & requereria ſua juſtiça. A iſto reſpondeo Pero Maſcarenhas, que ao outro dia lhe daria a reposta em terra. O veador da fazenda temendoſe, que elle deſembarcaſſe de noite, & que ſe meteſſe na cidade, repicando o ſino ajuntou todos os caſados, & armandoſe forão vigiar a praya, como ſe nella ouueſſem de deſembarcar os Rumes, que eſtauão em Camaraõ: mandando o veador da fazenda por vezes requerimentos a Pero Maſcarenhas, que não deſembarcaſſe, affirmãdolhe no derradeiro q̃ lhe auia de defender por armas a deſembarcação porq̃ aſsi lho mãdaua o Gouernador da India. O Gouernador Pero Maſcarenhas eſtene pera paſſar a Goa, mas os ſeus lhe aconſelharão q̃ em nenhũ modo deixaſſe de deſembarcar, com cor de dizer que yá ouuir miſſa a terra por ſer domingo, porque tanto que puſeſſe os pés em terra, como

mo era legitimo Gouernador, forçado lhe auião de acudir todos os do pouo, & que então poderia prẽder Afonso Mexia, & castigalo conforme a suas culpas. Com isto desembarcou ao outro dia pella menhã nos bateis das suas naos, não consentindo que algum dos seus leuasse armas; leuando Ouuidor geral, & meirinho com suas varas. Chegando a praya onde o veador da fazenda andaua em hum fermoso caualo acubertado, armado em coura de laminas, de lança, & adarga, & acompanhado de todos os casados: & vendo chegar os bateis mandou que ferissem a todos os que nelles vinhão, & que os matassem se quisessem desembarcar: & assi arremeteraõ todos ás embarcaçoẽs, sem darẽ pelos brados que lhes Pero Mascarenhas da ua, requerendolhes da parte de Deos, & d'elRey que estiuessem quedos, porque elles vinhão pacificamente como Christaõs á ouuir missa. Afonso Mexia dandolhe pouco de tudo, mandaua que os lancealsẽ como começarão a fazer, sem os da parte de Pero Mascarenhas terem com que se defender. Todos os naturaes da terra acudirão á praya, & vendo fazer aquillo a hum homem que ya com nome de Gouernador, estauão pasmados de cousa taõ fea, Pero Mascarenhas primeiro que se pudesse recolher foi mũy bem espancado, & ferido em hũ braço, aquelle a que tanto numero de inimigos em Bintão não podera fazer nojo, virem os amigos em sua propria cidade, desembarcando pacificamente ao afrontarem, & mal tratarem, cousa foi nunca imaginada de portugueses, & menos castigada de todas as que vimos, sendo ella dina d'hum exemplar castigo: por que quando n'esta nossa historia se lesse hum caso tão abominauel, se achasse logo junto d'elle a justiça, pera que visse o mũdo quam inteiramente os Reis de portugal a guardão com todos, & que assi como sabem remunerar seruiços, assi tem por obrigação castigar culpas, & delitos. Em fim os da companhia de Pero Mascarenhas se afastarão pera fora, & se tornarão pera as naos, bem moidos, & escalaurados, saindo ferido de hũa chussada roim Iorge Mascarenhas sobrinho de Pero Mascarenhas. E sendo nas naos mandou o Gouernador Pero Mascarenhas fazer hũ auto pello Ouuidor geral, d'aquella resistencia mandando a pregoar pella armada ao veador da fazenda, & moradores de Cochim por traidores, & aleuantados contra a coroa real Afonso Mexia despedio logo hum catur ligeiro pera Goa com cartas pera o Gouernador Lopo Vaz, de tudo o soçedido, em que foi Ayres da Cunha, que tam bem leuou cartas de Pero Mascarenhas pera elle, & pera todos os fidalgos, em que lhes daua conta do

que

que lhe Afonso Mexia fizerá, pedindo aos fidalgos todos, que determinassem, qual era o verdadeiro Gouernador, porque elle não queria fazer sem justiça. Afonso Mexia mãdou requerer ao Gouernador Pero Mascarenhas, que lhe mandasse entregar os galeões d'elRey com toda sua fazenda, pera se vender, & se quisesse ir pera Goa, lhe daria hũa caravela; disto foi contente Pero Mascarenhas, porque depois que se lhe passou aquelle grande accidente de paixão, determinou de leuar o negocio por termos de paciencia, por imitar Afonso d'Albuquerque, nas cousas que lhe socederão com o visorRey dõ Francisco d'Almeida. O veador da fazenda mandou a caravela a Pero Mascarenhas, a que se passou, & recolheo cõ sigo os que quiserão, os mais se forão pera terra, & entre elles foi Iorge Mascarenhas, porque estaua mal, a quem o veador da fazenda mandou logo leuar prezo a Coulão; & assi prendeo em ferros todos os mais que se desembarcarão. Pero Mascarenhas se fez à vela, com determinação de ir a Cananor, esperar reposta de suas cartas: & porque dom Simão de Meneses era seu amigo, onde podia ser achasse milhor gasalhado que em Cochim: & surgindo n'aquella barra, mandou recado a dom Simão de sua chegada, que lhe mandou dizer, que lhe pezaua muito de sua vinda ser em tempo, em que lhe não podia fazer seruiço algum, como seu seruidor que era: porque tinha ordem do Gouernador Lopo Vaz de sãõ Payo, em que lhe mandaua, que se fosse ter áquella fortaleza, & n'ella quisesse desembarcar como fidalgo particular, tão honrado, & de tanto merecimento, que o reçebesse conforme a sua pessoa, mas que se o quisesse fazer cõ nome de Gouernador, que lho não consintisse, & elle pello que diuia a sua lealdade, não podia fazer outra cousa: porque Lopo Vaz estaua auido por Gouernador da India, & estaua em lugar d'elRey. Pero Mascarenhas lhe mãdou dizer que fazia n'aquillo muito bem, que não queria d'elle mais que hum catur pera ir n'elle para Goa, por ir ainda mais razo, & cõ menos sospeitas de querer algũa cousa por força, senão por justiça. o que lhe Dõ Simão louuou muito & lhe mandou hum catur muito bem negociado, em que não leuou mais, que Simão Caeiro, & hũ çarote de Seixas, & dous pagens que o seruissem: & assi se partio pera Goa, pareçendolhe, que os fidalgos, & capitaes da India, quando Lopo Vaz se não quisesse por em justiça com elle, lho farião fazer, porque auia, que tanto que Lopo Vaz se pusesse com elle a direito, pello muito que tinha, não podia deixar de auer sentença contra elle.

CA-

CAPITVLO VI.

Do que fez Lopo Vaz de ſaõ Payo, tanto que teue nouas de Pero Maſcarenhas: & de como o mandou eſperar na barra, & o prenderão em ferros, & o leuarão a Cananor.

AYRES da Cunha, que atras diſſemos, que partio de Cochim, com as cartas pera Lopo Vaz de ſaõ Payo, deuſe tanta preſſa, que chegou a Goa a quatro dias de Março: & deſembarcando, deu ao Gouernador as cartas, & papeis que Afonſo Mexia lhe mandaua em que lhe daua conta, de tudo o que era paſſado com Pero Meſcarenhas, com o que ſe ouue por ſeguro na gouernança. E dando conta do caſo a Eitor da Sylueira, a Pero de Faria, & a outros fidalgos ſeus amigos, lhe aconſelharão que em nenhum caſo conſentiſſe vir Pero Maſcarenhas a Goa: porque ſegundo a gente andaua alterada das couſas paſſadas, & auiaõ que Pero Maſcarenhas era o verdadeiro Gouernador, lhe acodirião todos, & ſe leuantarião contra elle. Pareceolhe ao Gouernador Lopo Vaz de ſaõ Payo muito bem iſto, & logo eſcreueo a Antonio de Miranda, capitão mor do mar, que pellos grandes inconuenientes que auia ao ſeruiço d'elRey vir Pero Maſcarenhas a Goa, que o eſperaſſe no caminho, & o fizeſſe tornar pera Cananor, donde não ſairia ſem ſeu mandado, & não lhe querendo obedeçer, o prenderia, & leuaria em ferros, & o entregaria a Dom Simão, de quem cobraria conhecimento de ſua entregua, & que ſe elle ſe quiſeſſe defender o meteſſe no fundo, fazendolhe primeiro todos os proteſtos & requerimentos neçeſſarios, com o que tornou a mãdar o meſmo Ayres da Cunha, porquem reſpondeo a Pero Maſcarenhas por hũa carta, cujo teor he o ſeguinte. ¶ Senhor, pella carta do veador da fazenda, & pella voſſa ſoube, o que vos aconteçeo em Cochim, de que vos ſenhor tẽdes toda a culpa, pois naõ quiſeſtes obedeçer aos meus regimentos, que vos Afonſo Mexia mandou notificar, pello que não tenho rezaõ de o caſtigar, do q̃ me muito peza: & quanto ſenhor a vos virdes ver comigo, todos os fidalgos que eſtão n'eſta çidade ſaõ de pareçer o não cõſinta, por me aueré por verdadeiro Gouernador, & não ter des juſtiça, pera ſobre eſta materia ſerdes ouuido, pello que não ſeruia voſſa vinda demais, que de dar toruaçaõ a ſe fazer o que he neceſſario pera o reçebimento dos Rumes que eſperamos de que ha nouas muito çertas: pello que vos requeiro da parte d'elRey noſſo ſenhor: & da minha vós peço muito, vos querais

queirais quietar & recolher, pera a fortaleza de Cananor, como o capitão mor do mar vos dirá, & da y podeis mandar requerer o que qui ſerdes. De Goa oje vinte & ſete. E a Ayres da Cunha que leuou eſtas cartas, deu a feitoria, & alcaideria mor de Coulão, mandando prender Anrique figueira, que nella eſtaua por elRey, porque contra forma de ſeu regimento agazalhou Pero Maſcarenhas. Ayres da Cunha deu eſtas cartas ao capitaõ mor, que ſe deſencontrou com Pero Maſcarenhas. Tanto que em Goa ſoou a ſua vinda começouſſe a aluoroçar toda à cidade, & dizião que elle era o verdadeiro Gouernador, & que como a eſſe lhe auião todos de obedeçer, ſobre o que ouue vnioẽs, & deſconçertos, & por ſe reçear Lopo Vaz, que cõ ſua chegada a Goa, ouueſſe grandes deſauenturas, & que foſſe elle depoſto da gouernança, o que quis atalhar com mandar Simão de Mello, ſeu ſobrinho, & Antonio da Sylueira, que auia de ſer ſeu genro, com grande armada de fuſtas, pera tomarem ambas as barras de Goa, & chegando Pero Maſcarenhas o prendeſſem, & o leuaſſe Simão de Mello a Cananor, & iſto fez por lho aconſelharem os fidalgos de ſua parçialidade, de que o principal era Eitor da Sylueira, a quem elle quis encomendar eſta execução, de que ſe elle eſcuſou, por que lhe ſeria mũy tachado. Eſta diligençia eſcandaliſou mais a todos, que tudo o paſſado, & dizião publicamente, que Lopo Vaz trabalhaua por Pero Maſcarenhas não vir a Goa, pella muita juſtiça que tinha, & que o mandaua eſperar com tamanha armada como ſe forão buſcar os Rumes. Iſto, & outras couſas, lhe yão denoite em magotes dizer debaixo da ſua janella onde o elle ouuiſſe. Hum domingo eſtando o Gouernador em ſaõ Franciſco à miſſa, com os mais dos capitaẽs, fidalgos, caualeiros, & pouo, pregou o Guardião, que era homem letrado, no cabo da pregação leo em alta voz a ſoçeſſaõ, por onde Lopo Vaz de ſaõ Payo era Gouernador, & logo prouou com muitas rezoẽs, que eſtaua legitimamente no cargo, & que toda a peſſoa que dizia que elle tomaua por força a gouernança a Pero Maſcarenhas, não ſó lhe aleuantaua falſo teſtemunho, mas cometia treição contra elRey, couſa muito eſtranhada entre os portugueſes, que na fidelidade erão eſtremados, ſobre todas as outras naçoẽs do mundo: o que elle ſe não enuergonhaua de dizer, ſendo caſtelhano, porque era falar verdade: & que auiaõ de cuidar os que duuidauão da juſtiça de Lopo Vaz de ſaõ Payo, que auia elle de falar naquella materia deſintereçado, pois nem com hum, nem com outro tinha rezão algũa. E que ſe naquelle negoçio não falaua toda a

verda

verdade,que entendia, que ali aon de elle eſtaua o confundiſſe noſſo Senhor. Que requeria da parte do ſanto Padre ao vigairo geral, que ali eſtaua preſente, que logo paſſaſſe carta de excomnnhaõ, cõtra todos os que diſſeſſem, que o Gouernador Lopo Vaz de ſaõ Payo, não era legitimamente Gouernador,& que cada peſſoa que foſſe comprendida, pagaſſe dez marcos de prata pera a ſé, & que não podeſſem ſer abſolutos, ſenão pello Biſpo do Funchal, debaixo de cuja iurdiçaõ eſtaua toda a India. E que taõbem requeria ao Ouuidor geral,& a todos os fidalgos, que o lhaſſem por hũa couſa taõ importante ao ſeruiço de Deos, & d'el Rey,& que ſoubeſſem todos, que as guardas que eſtauão nas barras, não era por ſe o Gouernador temer de Pero Maſcarenhas, ſenão por euitar aluoroços, & com iſto acabou ſua arenga. Logo Pero de Faria, capitão da çidade pedio a ſoçeſſaõ ao padre pregador,& abeiou,& pos na cabeça, dizendo que elle a obedeçia,& perguntado a todos os fidalgos que preſentes eſtauaõ ſe fazião outro tanto, diſſeraõ que ſim do que logo mãdou o Gouernador fazer hum auto em que ſe todos aſsinarão, pera ſe aprouei tar d'elle,quando foſſe neçeſſario. Só dom Vaſco de Lima,& Iorge de Lima não quiſerão aſsinar n'elle, pello que os mandou o Gouernador prender em ſuas caſas. E eſte auto mandou o Gouernador aſsinar pellos capitaẽs que eſtauaõ nas barras, que erão Antonio da Sylueira,Simão de Mello,dom Iorge de Noronha, Iorge de Mello, dom Ioão Lobo, dom Anrique Deça,Ioão Pireira,Françiſco Correa. Antonio Caldeira,Gomez do Souto mayor,Lopo Correa, Franciſco de Brito, Payo Rodriguez d'Araujo,Garcia de Mello, Antonio Mendez de Vaſconçellos,Nuno Pereira,Franciſco Ferreira, Gaſpar da Sylua, Fernão de Moraes, Fernão Rodriguez Barbas, & o meſmo aſsinou Antonio de Miranda, capitão mor do mar,que a eſte tempo chegou à barra. Pero Maſcarenhas vindo ſeu caminho topou com Gonçalo Gomez d'Azeuedo, homem fidalgo,de que ſoube a armada que o eſperaua pera o prenderem,& como elle ya poſto a ſofrer tudo o que lhe fizeſſem, & não tratar mais que de requerer ſua juſtiça, não lhe deu couſa algũa antes paſſou a diante ſeu caminho. Chegando à barra de Goa aos dezaſeis de Março lhe ſairão os nauios poſtos em armas como ſe forão eſperar Rax Soleimão capitaõ mor das galés dos turcos, & chegado Antonio da Sylueira a elle o fez amainar, & lhe notificou o mandado do Gouernador, pedindolhe lhe deſſe a menagem, & que debaixo d'ella ſe foſſe meter preſo em Cananor,donde não ſairia ſem mandado do Gouernador

Lopo

Lopo Vaz de ſaõ Payo,ao que elle reſpondeo, que elle era Gouernador por prouiſaõ d'el Rey, & que Lopo Vaz lhe fazia força,& eſtaua aleuantado, com o eſtado da India,que elle vinha pacificamente,n'aquelle catur com ſós dous pagẽs a requerer ſua juſtiça,ſe atiueſſe,& quando não, que não tinha que falar, & que vir pedir juſtiça não era culpa pera priſaõ, nem ſe podia recear d'hum homem que tão ſó ya. Antonio da Sylueira vẽdo que não queria dar a menagẽ, o prendeo, & lhe mandou logo lançar hũs grilhoẽs como mal feitor (couſa vergonhoſa certo, tratarem taõ mal hum taõ bom vaſſalo d'el Rey de Portugal,& de tantos ſeruiços,& merecimentos,vindo a pedir juſtiça,em couſa que tão claramente atinha. E ſe Lopo Vaz de ſaõ Payo logo ſe puſera a direito com elle,como depois fez, não chegaraõ as couſas a tantas afrontas, nem a tantos riſcos,como a diante ſe veraõ: porque Pero Maſcarenhas naõ queria mais ſenão que ſe julgaſſe ſeu caſo,& naõ tendo juſtiça irſe pera Portugal a pedir ſatisfaçaõ de ſeus ſeruiços, mas naõ o querião ouuir n'eſta materia, porque não quis Lopo Vaz de ſaõ Payo fazer duuidoſo,o que tinha nas mãos.) Preſo Pero Maſcarenhas foi logo entregue a Simão de Mello pera o leuar a Cananor. Simão Caeiro, & Lãçarote de Seixas que com elle vinhaõ,foraõ leuados ao tronco de Goa,& carregados de ferros. Simão de Mello chegou a Cananor & entregou Pero Maſcarenhas a dom Simão de Meneſes, de cuja entrega ſe fez hum auto em que ſe aſsinaraõ todos, & tornou a voltar pera Goa, onde deu conta ao Gouernador do que paſsaua. Com iſto ſe touue por quieto, & por ſeguro,& os homẽs ſe aſſoſegarão com o medo do caſtigo.

CAPITVLO VII.

Do que Chriſtouão de Souſa capitão de Chaul eſcreueo a Lopo Vaz de ſaõ Payo, ſobre as couſas de Pero Maſcarenhas: & de como chegou a Goa preſo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, & dos requerimentos que Pero Maſcarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de ſaõ Payo.

CHRISTOVAÕ de Souſa capitaõ de Chaul, ſoubo o modo de como Lopo Vaz de ſaõ Payo queria proceder com Pero Maſcarenhas, & de como o mandaua eſperar na barra pera o prenderem, & das vnioẽs que em Goa auia entre os fidalgos ſobre eſta materia, o que tudo eſtranhou muito, & o praticou com os vereadores de Chaul, que lhe diſſeraõ, que elle como era peſſoa tão principal na India, eſtaua

eſtaua obrigado àcudir áquellas couſas, pello perigo que corrião em tempo que auia nouas de Rumes, pello que eſcreueo logo hũa carta ao Gouernador Lopo Vaz de ſaõ Payo, & amandou a Franciſco de Souſa Tauares ſeu ſobrinho pera que lha déſſe, que chegou poucos dias depois da priſaõ de Pero Maſcarenhas, & Franciſco de Souſa Tauares a deu ao Gouernador, que a abrio, & vio que dizia aſsi.

¶ Senhor muito eſpantado eſtou eſperandoſe cada dia por Rumes que ficaõ em Camaraõ com hũa groſsa armada, & tamanho poder, & o noſso taõ pouco, querelo V. S. ainda diminuir com o diuidir em duas partes, & dar occaſião a bandos, que em todas as partes do mundo he a mais abominauel couſa que pode ſer, quanto mais na India, & n'eſte tempo. E ſe lhe pareçe que a gouernança he ſua, porque ſe não porá em juſtiça com Pero Maſcarenhas, & não tratar de por armas ſe ſuſtẽtar no lugar, & poſſé em que eſta: pello que deue V. S. de querer que ſe dè o ſeu a ſeu dono, & que quem tiuer direito fique por Gouernador. De mim lhe affirmo, que tanto me dá que o ſeja hum como outro, ſó pretendo ver na India quietação, & paz entre os fidalgos. Pello que lhe requeiro da parte d'elRey que ſe ponha em direito com Pero Maſcarenhas, por que lhe certefico que não ei de obedeçer ſenão aquem ſe puzer em direito. De Chaul a dez de Março, de mil, quinhentos, & vinte ſete. O Gouernador com eſta carta achouſe muito ſalteado, pella calidade, & partes de Chriſtouão de Souſa, por ſer a principal peſſoa da India, aquem auião de acudir os mais dos fidalgos & gente d'ella, ſeſe lançaſſe à parte de Pero Maſcarenhas, o que eſtaua çerto fazer como ſe declaraua na carta, quando viſſe que elle vſauade força, & não de juſtiça. Eſta carta encobrio, & não moſtrou ſenão a alguns fidalgos muito amigos, que ficarão com ella aballados: & auendo ſobre iſſo conſelho aſſentouſe, que eſcreueſe o Gouernador a Chriſtouão de Souſa, & lhe notificaſſe a priſaõ de Pero Maſcarenhas, & como ſe fizera por conſentimento de todos os fidalgos, ſem eſtrondo, nem diuiſaõ algũa. E aſsi lho eſcreueo por hũa carta, dandolhe cõta do que paſſaua, pedindo que pois o negocio eſtaua quieto, & elle de todos era auido por Gouernador, q̃ o quiſeſſe elle conhecer por eſſe, & q̃ eſcreueſſe hũa carta a Pero Maſcarenhas em que lhe fizeſſe a ſaber como auia ſua priſaõ por boa, & lhe aconſelhaſſe que deſiſtiſſe de pretender a gouernança, pois nella naõ tinha juſtiça. Eſta carta ſe deu a Chriſtouão de Souſa, que como não pretendia n'eſte caſo mais que a quietação & ſoſego entre os fidalgos, folgou da couſa ſe fazer tão pacifi-

camente,não deixando de lhe parecerem ſi mal, a priſaõ de Pero Maſcarenhas; mas callouſe pello que conuinha ao eſtado da India: que poſto q̃ a Pero Maſcarenhas lhe tomaſſem o que era ſeu, conuinha fazerenlhe entẽder outra couſa, pera que ſe quietaſſe, & el Rey lhe ſatisfaria depois ſua honra. E logo deſpedio o meſmo meſſageiro ao Gouernador, que era hum Parſeo, com hũa carta pera elle, & outra pera Pero Maſcarenhas aberta. O Parſeo tomou o caminho apreſſado, & em poucos dias chegou a Goa, & deu as cartas ao Gouernador,que abrindo a ſua vio que dizia. ¶ Senhor, por eſte Parſeo tiue hũa carta de V. S. em que largamente me dá conta do negocio d'antre elle & Pero Maſcarenhas, muito folgara de o ſaber primeiro,por que dèra antes meu pareçer ſem afeição, como V. S. deue crer & eſperar. E quanto ao que diz, que todos obedecião a ſua prouiſaõ, eu tambem lhe obedeço; & ſei certo que he Gouernador da India por prouiſaõ d'el Rey noſſo ſenhor, por morte do Gouernador dom Anrique de Meneſes que Deos perdoe. E quanto ao que he paſſado ſobre eſte caſo me pareçeo eſcuſado meu pareçer, por ter eſſe negocio ja fim (ſeja Deos louuado) tanto ſem alvoroço, & diuiſaõ, o que ſempre pedi a noſſo Senhor, & eſtaua aſſas confiado ſe faria bem, pello V. S. ter entre maõs; & poi feito tanto em concordia, & não falo niſſo. A carta pera Maſcarenhas vai aberta pe lhe parecer bem, mandarll ſenão faça o que quiſer. Be maõs de V. S. De Chaul oje te & cinco de Março. Lida: ta o fez taõbem a de Pero carenhas, cujo teor he o ſe te. ¶ Senhor, fui informad ſenhor Lopo Vaz de ſaõ Pa todo o caſo dantre vos & el aſsi vi ſuas prouiſoẽs, & os ceres deſſes ſenhores que ſe rão em Cochim, & certo qu do foi feito por ſeu eſtilo: & mo eſtas couſas eſtem em p de direito, que muito bem ſ alguns dos que eſtauão preſe não vos deue de parecer, ſe que ſe fez juſtiça, & que os des, nem eſſes ſenhores vola de querer tomar, por quanto por ſeu habito, & outros po fidalgia tinhão obrigaçaõ au do ſem ſoſpeita como virão. to a meu ver, a vontade de era ſello elle por faleçiment dom Anrique. Eu não fui in mado ſenão a tempo que tud taua feito, por iſſo foi eſcu meu parecer: & pois tudo eſt cifico, auey voſſa priſaõ em çiençia, porque foi neceſſaria pello que vos cumpre, como euitar algũas ſoſpeitas de hon que deſejão diuiſoẽs, o que o tempo em que eſtamos fora

noſo, que muito melhor fora ſer-des ambos mortos. Quis-vos ſe-nhor eſcreuer eſta, poſto que de vos não tenha reçebido nenhũa depois de voſſa vinda, pera nella vos pedir por merce, (como aci-ma digo) ajaes paciencia com voſ-ſas couſas, & queiraes fazer eſte ſeruiço a S. A. de vos não lem-brardes agora de voſſa honra por não vingardes voſſa priſaõ, couſa taõ contraria a ſeu ſeruiço, & certo que recebaes delle por iſ-ſo aſsinalada merçe: & naõ demo-uão voſſo conſelho algũas car-tas de fidalgos da India, por que quem o contrario açonſelhar, não he voſſo amigo, & não deſeja de voſſas couſas ſerem feitas confor-me a voſsa honra como eu: Veja ſe nhor o que de mim manda n'eſ-ta terra faloei, não tocando neſ-tes negocios, (por ja terem fim.) como ſeu ſeruidor & amigo que ſou de muitos dias. Beijo ſenhor voſſas maõs. De Chaul. &c. E aſsi eſcreueo a dom Simão de Me neſes, & a outros fidalgos, cou-ſa que o Gouernador eſtimou muito, & ficou deſaliuado, pa-recendolhe que tinha Chriſto-uão de Souſa da ſua parte. Eſta carta deſpedio logo o Gouerna-dor a Pero Maſcarenhas, que tan to que a vio ficou ſatisfeito: por-que entendeo della, que não auia Chriſtouão de Souſa ſua priſaõ por boa, ſe não por pacificaçaõ da India, & não porque não ti-ueſſe juſtiça: & ficaraõlhe gran-des eſperanças de elle ainda obri-gar a Lopo Vaz, a ſe por com elle a direito, & de Dom Simão que o ſoltaria, porque tinha entendi-do d'elle, que como entraſse o in-uerno lhe tiraria os ferros. Tudo iſto lhe deu ouſadia pera mandar a Goa hum Diniz Camelo taba-lião publico de Cananor, com hum requerimento a Lopo Vaz, que ſe embarcou no meſmo na-uio que leuou a carta. E chegan-do a Goa, eſtando o Gouerna-dor ouuindo partes lhe deu o Di-niz Camelo o proteſto, & abrin-doo o foi lendo, & vio que dizia aſsi. ¶ Proteſto que vos Diniz Camelo aueis de fazer ao ſenhor Lopo Vaz de ſaõ Payo: em que lhe requererеis da parte d'elRey noſſo ſenhor, que n'eſte negocio ſe ponha comigo em juſti-ça, & naõ queira leuar ao ca-bo a força que faz em me to-mar a gouernança da India, que me elRey deu por meus mereci-mentos, & não o querendo fa-zer, proteſto por todas as per-das, & danos, que diſso receber. E lhe requererеis que ſolte Simão Caeiro, & Lançarote de Seixas, pera requererem minha juſtiça, porque eſtaõ preſos ſem culpa, & me paſſareis d'eſte proteſto hũa certidaõ com ſua repoſta, ou ſem ella, pera poder requerer por ella minha juſtiça no Rei-no. O Gouernador em lendo o

proteſto o rompeo logo, & Diniz Camelo, ou por palauras que lhe ali diſſe o Gouernador, ou porque o auiſarão, deſapareçeo de Goa, & ſe tornou pera Cananor, ſem eſperar repoſta. O que ſabido por Simão Caeiro, & Lançarote de Seixas, paſſando poucos dias logo o Gouernador por defronte da porta do tronco, de çima a grandes brados lhe requererão da parte d'elRey, que fizeſſe juſtiça a Pero Maſcarenhas, & que os mandaſſe ſoltar pera a requererem por elle. D'iſto ficou o Gouernador tão agaſtado, que os mandou de nouo carregar de ferros: & defendeo com graues penas, que nenhũa peſſoa mais ſobre eſte caſo de Pero Maſcarenhas, lhe fizeſſe n'enhum requerimento, ſenão o Secretario, porque elle lhe reſponderia. E mandou lançar pregaõ, que ſob pena de morte n'enhũa peſſoa nomeaſſe Pero Maſcarenhas por Gouernador. O Diniz Camelo foi ter a Cananor mũy amedrontado, & d'elle ſoube Pero Maſcarenhas o que paſſara, & como o Gouernador rompeo o ſeu proteſto, & que lhe não déra repoſta do que lhe Pero Maſcarenhas pedio hum inſtrumento em publica forma. Dom Simão de Meneſes ſooulhe aquelle negoçio mal, & bem entendeo que Lopo Vaz de ſaõ Payo, queria nelle vſar de força, & naõ de juſtiça, couſa que muito o abálou, & determinou, ſe quiſeſſe leuar ſua teima adiante de lhe não obedeçer: mas diſſimulou por então com iſto. N'eſte tempo chegou Manoel de Maçedo, que o Gouernador mandou a Ormuz prender Rax Xarrafo como atras contamos, que chegando áquella fortaleza, por euitar alteraçoẽs, diſſimulando com o negocio, eſtando hum dia com o capitão, mandaraõ chamar o Guazil pera çertas couſas, & como o tiuerão na fortaleza o recolherão na torre da menagem, & o guazilado mandou o Gouernador dar a Rax Hamed, hum mouro muito principal, Rax Xarrafo ſe fez preſtes de tudo, & o embarcaraõ na nao de Manoel de Maçedo, que voltou logo pera Goa, onde chegou neſte proprio tempo, em que andamos. O Gouernador o mandou prender na torre da menagem, & depois lhe deu a çidade por priſaõ, & mandou que ſe liuraſſe.

CAPITVLO VIII.

Das reuoltas, que em Goa ouue ſobre as couſas dos dous Gouernadores, & de como Eitor da Sylueira, & Diogo da Sylueira ſe lançaraõ da parte de Pero Maſcarenhas.

Eſtando

ESTANDO as cousas neste estado sendo entrada de Abril, pedio Eitor da Sylueira ao Gouernador, que mandasse Pero de Faria, (que era capitão de Goa,) a seruir a capitania de Malaca, de que estaua prouido por elRey, & que lhe desse a elle a de Goa, do que o Gouernador se escusou, por que Pero de Faria tinha tambem aquella capitania de Goa por elRey, & estaua em sua escolha seruila ou largala, & que sobretudo elle saberia d'elle se auia de ir a Malaca, & que querendo lhe fazer, então lhe daria o que lhe pedia; & dizem que falara a Pero de Faria, & que elle lhe dissera, que não auia de ir a Malaca. E alá o disse o Gouernador a Eitor da Sylueira, o que elle não creo, porque lhe pareceo que aquillo do Gouernador erão comprimentos, & que queria ter comsigo Pero de Faria, porque era do seu bando, & fora do parecer que elle era o Gouernador, sobre elle ter com elle muitos comprimentos, sobre os quaes lhe respondeo Eitor da Sylueira, que bem sabia d'elle a verdade, mas que não lhe poderia mais cousa algũa, nem lhe entraria em casa, & se foy: o que tudo o Gouernador sofreo pello tempo em que estaua. Eitor da Sylueira deu conta disto a alguns seus amigos, principalmente a Diogo da Sylueira, como muito seu parente, a quem aconselhou pedisse ao Gouernador a capitania de Malaca, pois Pero de Faria não queria ir entrar nella: Diogo da Sylueira o fez assi, & o Gouernador lhe respondeo que muito folgara de lha dar, mas que era cousa que não podia ser por estar nella Iorge Cabral da mão de Pero Mascarenhas, a quem jurou por Gouernador, que não a auia d'entregar a pessoa algũa se não por prouisão do mesmo Pero Mascarenhas, como tinhá por obrigação, conforme a menagem que d'ella lhe dera. D'isto ficou tambem Diogo da Sylueira tomado, & não querendo aceitar nenhuns comprimentos do Gouernador, se foy escandalisado. E como todos auião, que elle Lopo Vaz não era o legitimo Gouernador, & que os auia mister a todos, todos se lhe querião vender bem caros. E logo estes dous Syllueiras começarão a publicar Pero Mascarenhas por verdadeiro Gouernador, & que Lopo Vaz pello saberem muy bem, se não queria por com elle em justiça: induzindo muitos fidalgos á ferirem de sua opinião, & a tomarem a voz de Pero Mascarenhas, de que os principaes forão dom Antonio da Sylueira, dom Tristão de Noronha, dom Iorge de Castro, Vasco da Gumbà, dom Anrique de Castro, dom Francisco de Castro, Ioão

Fernandez freire, Iorge da Sylueira, Francisco de Taide, Iorge de Mello, Diogo de Miranda, Ayres Cabral, Simão Sodré, Martim Vaz pacheco, & Simão Delgado quadrilheiro mor: & despediraõ por terra cartas a Pero Mascarenhas, em que o certificauão de suas tençoẽs, por isso, que trabalhasse por acabar com Dom Simão que o soltasse, & que na entrada do verão se fosse pera Goa, por que elles farião com Lopo Vaz, que se puesse com elle a direito. Foi dada esta carta em que todos estes asinaraõ a Pero Mascarenhas, que a amostrou a Dom Simão, pedindolhe que pois aquelles fidalgos estauaõ de sua parte, & apostados a lhe fazerem fazer justiça, que taõbem o deuia de fauoreçer, & soltalo pera a requerer: & que julgandoselhe a gouernança da India elle lhe daria a capitania mor do mar, porque então o naõ poderia ser Antonio de Miranda: porque a soçessaõ que se abrio, em que Lopo Vaz se achou, & que elle estaua declarado por capitaõ mor, não podia auer effeito. Dom Simão lhe prometeo de o soltar se aquelles fidalgos senão mudassem de suas tençoẽs; & que escreuesse elle aos amigos que tinha em Cochim, pera saber se tinhão ainda sua vóz; & que requeresse a Antonio de Miranda, & ao veador da fazenda, que pois crão na India pessoas taõ principaes, fizessem com Lopo Vaz, que se puesse com elle em justiça: & elle o fez assi & lhes mandou sobre isso grandes requerimentos, com cartas a seus amigos que lhos apresentassem. E como o veador da fazenda era muito recatado, temia de Pero Mascarenhas ter algũas intelligencias em Cochim, & por isso tinha suas espias, pera lhe tomarem todas as cartas, & papeis, que lá mandasse. E acertaraõ de tomar hũa carta que tinha o sobrescrito taõ riscado, que se não podia ler, & por isso não se soube pera quem era que dizia. ¶ Senhor, agora nouamente torno a fazer certos requerimentos sobre a gouernança da India, por me ser requerido que os faça, & la senhor, vos ade ser mostrado hum d'elles: sei de çerto que vos ade pareçer bẽ fazelos, pois a todos estes senhores (digo pellos mais d'elles) parece mal o que se comigo vsa: & desejão todos virlhe a mão, poderẽ a leuantar o seruiço d'eRey nosso senhor, & não consentirem em cousas que passaõ contra seu real estado, de que tem que se lhes pode dar muita culpa, pollas consintirem passar. E porem como em Goa não fui ate qui visto, nem ouuido, & não passou o tempo de fazer o que agora faço, beijaruos ei as maõs, porque todos vejaes, & ponhaes ante vos, que Antonio de Miranda, nem Afonso Mexia lhes á nunca de pareçer bem gouernar

nar eu a India, porque gouernandoa não pertence a hum a capitania mor do mar, nem ao outro a capitania de Cochim, o que lhes pertençe gouernando Lopo Vaz, & por isso o querem sustentar: & com tudo vejo que quer Deos tornar sobre isto como cumpre a seu seruiço, & ao estado real d'el Rey nosso senhor. De Cananor a vinte & tres de Abril, de mil, quinhentos, & vinte & sete. A esta carta lhe respondeo Afonso Mexia, que aquelle requerimento fizesse ao Gouernador, & não aelle, porque naõ lhe podia requerer que se puesse em justiça sobre a gouernança da India que era sua por prouisaõ d'el Rey, & o mesmo respondeo Antonio de Miranda. Esta carta de Pero Mascarenhas mandaraõ logo ao Gouernador, pera que soubesse que Pero Mascarenhas não estaua ainda fora de sua opinião, porque cuidaua que o tinha seguro na prisaõ, & que com ella não ousaria mais a falar naquellas cousas. Pero Mascarenhas como tinha cobrado mais algum alento cõas esperanças que aquelles fidalgos lhe deraõ, começou a meudar os requerimentos com o Gouernador, sobre se por com elle em justiça, & algũas pessoas que lhos deraõ mandou prender. Eitor da Sylueira & mais fidalgos estauão tão determinados de obrigarem ao Gouernador a se por em direito com Pero Mascarenhas, que deixaraõ de o acompanhar, & fauoreciaõ as cousas, & requerimentos de Pero Mascarenhas, aquẽ o Gouernador desenganou por hũa carta que lhos naõ fizesse mais, porque era cansarse, porque elle não auia de fazer duuidoso, o que tinha por certo por prouisaõ d'el Rey, do que Pero Mascarenhas auisou a Eitor da Sylueira, & aos da sua parcialidade, escreuendolhes, que o obrigassem a lhe fazer justiça, se não que lhe desobedeçessem, como a homem que estaua aleuantado com a India; porque se antes de entrar o veraõ naõ concluyão aquelle negocio, estaua certo mandalo Lopo Vaz embarcar pera o Reino, assi preso. Sobre isto consultàraõ todos, & assentaraõ que se naõ fizesse mais cousa algũa senão depois de Pero Mascarenhas estar presente, porque entaõ com elle o obrigarião a tudo, & assi lhe escreueraõ que como entrasse o veraõ se fosse pera Goa.

CAPITVLO IX.

Do protesto que Pero Mascarenhas mãdou aos vereadores, & fidalgos de Goa, & de como os apresentarão a Lopo Vaz de saõ Payo.

Vendo

VENDO Pero Mascarenhas que o Gouernador lhe rompera os seus requerimentos, fez outros de nouo, com que despedio logo por terra hum Mem Vaz por quem mandou dous protestos, & requerimentos: hum delles pera a cidade, & camara de Goa, & outro pera todos os fidalgos, & capitaes, com os treslados das sucessões que se abrirão, assi a em que elle socedeo, como a de Lopo Vaz de sam Payo, cõ os autos que Afonso Mexia fez ao tẽpo que se abrirão, em que todos, ou os mais dos capitães (a que mãdaua o tal protesto) tinhão feito juramento de fazer com Lopo Vaz que lhe entregasse a India, tanto que chegasse de Malaca, & que não consentirião mais a Lopo Vaz de sam Payo que fosse Gouernador. Este Mem Vaz deose tanta pressa que chegou a Goa aos sete dias do mes de Agosto: & estando os vereadores, & officiaes em camara lhes apresentou os papeis que trazia pera elles. E o requerimẽto que vinha dirigido ao escriuão da camara, pera que lho notificasse, como logo o fez, & dali se foi correr as casas dos fidalgos, & capitães com hum tabalião, que pera isso tomou, & lhes notificou a todos os requerimentos & protestos de Pero Mascarenhas, & lhes deu copia & vista de todos os papeis & apontamentos que leua pera se mostrarem a Lopo Vaz de sam Payo, nos protestos, & requerimentos, que a huns & a outros mandaua fazer, dizia: como por morte do Gouernador Dom Anrique de Meneses que em Cananor faleçera, se abrira a segunda sucessão, & que elle Pero Mascarenhas socedera: & que por estar em Malaca, o veador da fazenda com parecer de muitos abrira a terceira sucessão em que se achou Lopo Vaz de sam Payo, a quem o mesmo veador da fazenda não quisera entregar a India, ate não jurar que a gouernaria em quanto elle dito Pero Mascarenhas não viesse de Malaca, o que Lopo Vaz jurou, com o que ficara gouernando em sua ausencia, como ja duas vezes o fizera Dom Aleixo de Meneses, em quanto os Gouernadores Lopo Soares, & Diego Lopez de Siqueira forão ao effeito que agora o dito Lopo Vaz de sam Payo estaua alleuantado com a dita gouernança, & lha não quis entregar, como o tinha jurado, mas antes mandara que o não consentissem entrar em Cochim, onde o veador da fazenda lhe despedira o desembarcação, espingardeando a elle, & a seus parentes, & criados. E querendo elle dito Pero Mascarenhas vir a esta cidade de Goa, requerer sua justiça, o mandara Lopo Vaz esperar com hũa

armada

armada groſſa, como amigo, & Antonio da Sylueira o prendera, & lhe lançara ferros nos peis, como a malfeitor, & o mandara pera Cananor onde eſtaua: & que mandando requerer Lopo Vaz que o ouuiſſe, & ſe puſeſſe com elle em direito, nunca o quiſera fazer; antes lhe prendera Lançarote de Seixas, & Simão Caeiro, por requererem ſua juſtiça. Pello que requeria a todos da parte d'elRey noſſo ſenhor requereſſem ao dito Lopo Vaz de ſaõ Payo, que ſe puſeſſe com elle em juſtiça, & não o querendo fazer que lhe deſobedeçeſſem, & o conheceſſem a elle Pero Maſcarenhas por Gouernador, ſegundo a forma de ſua ſoçeſſaõ, & não o fazendo, que elle proteſtaua contra elles todos, por todas as perdas, & danos que niſſo reçebeſſe, & de darem conta a elRey d'aquelle negocio, & elle os caſtigar como foſſe ſeu ſeruiço, & por que em nenhum tempo alegaſſem ignorancia, & que lhe não obedecião por nunca lho requerer, lho fazia agora, & lhes pedia notaſſem bem as rezoẽs que ali lhes mandaua, que eraõ as ſeguintes. ¶ Por eſſe auto que vos mãdo da ſoçeſſaõ que ſe abrio em Cananor vereis como ſou legitimo Gouernador da India, o q̃ me querem vſurpar por cartas miſsiuas, que não tem força contra o meu aluara: quanto mais que ainda eſſas cartas ſaõ em meu fauor, porque em hũa d'ellas (que he feita a trinta de Março) diz el Rey, a Afonſo Mexia que lhe manda aquellas ſoçeſſoẽs, que ſe abriraõ falecendo dom Anrique, & que das outras ſe não vſaria, & as guardaria: do que ſe via muito claro que pois ja eraõ abertas, que ſe não podião guardar nem abrir as outras, que elRey mandaua. E ainda mais claramente ſe via ſer eſta a vontade d'elRey na outra carta miſsiua de quatro de Abril, cinco dias depois da primeira, em que não diz mais ſe não que lhe mandaua duas ſoçeſſoẽs, & que faleçendo Dom Anrique ſe abriſſe, & quando não, que atiueſſe em ſegredo: & não tornou a dizer que ſe vſaſſe d'eſtas, & das outras não: no que ſe via bem, que lembrandoſe elRey neſta carta derradeira, que as ſoçeſſoẽs que qua eſtauão poderião ſer abertas, não diſſe mais que aquillo que com juſtiça podia dizer. O que entendeo muito mal Afonſo Mexia, porque das cartas miſsiuas ſe cumprem as derradeiras palauras, & das ſoçeſſoẽs as primeiras: que pois auia quaſi hum anno que elle tinha ſoçedido na gouernança, ja ſe naõ podia abrir ſoçeſſaõ que diſſeſſe, por morte de Dom Anrique, ſe não de Pero Maſcarenhas, & que tudo fizera Afonſo Mexia por lhe querer mal, o que eſtaua bem prouado, por que o auto que fez ao pé das cartas d'elRey diz,

viſto

carenhas se não vsaria, se não das minhas: & mais nas soçessões não ha tempo atempado, & tudo he d'elRey & podero dar, & tirar, a quem quiser; porque todas as soçessões vem ate sua merçe.

E quanto a dizer que estou aleuantado com a India. A isso respondo que lho nego, & que fala muito descortesmente, que eu tenho a India de bom titulo por proujsões d'elRey muy claras, & muy boas, & aprouadas por todas as pessoas de que elRey confia sua fazenda, justiça, & fortalezas, & por todos estou obedecido por Gouernador natural & verdadeiro. E então o era taõbem, & por elRey gouernaua em sua ausencia, (ate elle vir, ou outro de Portugal.) E não era muito parecer a Afonso Mexia, q̃ não viesse Pero Mascarenhas de Malaca, porque sabia as necessidades que de sua pessoa auia nessas partes de Malaca, Sunda, Maluco, pera prouer áquellas fortalezas, onde elle me bem parecéra, & mais tendo nouas certas dos Castelhanos que na sua companhia vierão, & não virse à India cõ muitos nauios & gente (que la era necessaria) a fazer onioés, & desobedecer as proujsões d'elRey, & inquietar a terra que estaua muito quieta, & muito em justiça, & prestes pera o seruiço d'elRey. & se oje ha alguns desassossegos, ou escandalos, elle os causou com seus requerimentos. Pello q̃ bẽ se ve, que o faz mais por teima, que por cuidar que tem justiça, pois estamos em dez de Agosto, & cada dia esperamos por Gouernador do Reino.

E quanto a tachar minha ida a Ormuz, eu o fiz por cartas que tiue d'aquella fortaleza, em que me requereraõ que fosse la em pessoa, por quanto o Guazil estaua aleuantado contra elRey, & com tudo não quis ir la, sem despachar primeiro a armada do estreito, & da Sunda, de Francisco de Sà, que elRey mandaua fazer: & depois com pareçer dos fidalgos, & capitaés me embarquei, por auerem que era necessario, pera segurança d'aquella fortaleza: fazendo n'aquella jornada muito seruiço a elRey, deixando a terra muy segura & quieta, não fazendo minha ausencia falta na India, porque fui por fim de Março, & tornei em fim de Setembro, deixando Antonio de Miranda capitão mor do mar, com muito boa armada, & gente, & as fortalezas muy bem prouidas: em Goa mil & duzentos homens, em Chaul trezentos & cincoenta: em Cananor passante de duzentos, em Cochim mais de seiscentos, & não leuei comigo algum nauio, se não os que por força auião de ir inuernar fora. Os seruiços que tenho na India feito depois que sou Gouernador, todos os sabem. Este inuerno concertei toda a armada que tenho

prestes

E quanto ao que diz, que por ſer aberta a ſua ſoçeſſaõ ſe não auia de abrir a minha, nem vſar d'ella, & que elRey diz que ſe guardaſſem, & leuaſſem, o que ſe não podia fazer ſendo ja abertas. Reſpondo que queria elRey que ſe não abriſſem aquellas ſoceſſoés por euitar eſcandalos, & eſcuſar alteraçoens. E ſe elRey ouuera por bem que ſendo abertas as ſoceſſoés de Pero Maſcarenhas, que das minhas ſe não vſaſſe, forçado o auia de declarar nas meſmas cartas, por onde ſe moſtra claro querer elRey que ſe abriſſem as minhas ſoçeſſoés, poſto que as de Pero Maſcarenhas foſſem ja abertas. E quanto o que diz na carta derradeira não dizer elRey que ſe abriſſe a minha ſoceſſaõ, baſta dizelo na primeira, pois todas vieraõ em hum anno, & em hũa armada.

E quanto ao que diz, que elRey auia de declarar que elle Pero Maſcarenhas lhe entregaſſe a India. A iſſo digo, que como ma auia de entregar ſe eu era Gouernador por ſoçeſſaõ, & eſtaua em poſſe, & as prouiſoés d'elRey vieraõ a mim, aquem auia eu de entregar a India ſe naõ a mim, pois della eſtaua de poſſe, & d'eſta maneira cumpri o juramento que fiz quando me entregou o veador da fazenda a India, em que me obriguei a entregalla a Pero Maſcarenhas, ou a qualquer outro Gouernador que elRey mandaſſe. E quanto a dizer, que eſta de poſſe, a ſua foy mental, & ciuil, & a minha Real, actual, peſſoal, & corporal, & em quanto de mim a não teue, a ſua poſſe era nenhũa, porque de mim a ouuera d'auer.

E quanto a dizer, que ſe elRey ſoubera que a ſua prouiſaõ era aberta, mãdara que a minha ſenão abriſſe. A iſſo digo que he entendimento de adiuinhar taõ reprouado em direito, eſpecialmente nos mandados d'elRey, cuja vontade he lei, ſe elle quer adiuinhar iſſo, taõbem eu adiuinho, que ainda que elRey ſoubera que ſuas prouiſoés eraõ abertas, me mandara as minhas dobradas, pello que falou por palaura noua, dizendo que das outras ſe não vſaſſe: moſtrando claramente que ainda que d'ellas ſe tiueſſe vſado, d'eſtas minhas que ria que ſe vſaſſe, ainda que elle gouernaſſe a India, que eſta he amor derogatoria, que dizer, ſem embargo, porque he de ſua certa vontade. E quanto à ordenação que alega tenholho em merce porque faz por elRey, por quanto pode tomar os cargos, & officios aquem os tiuer, ſem ſatisfação, nem encargo de conſciencia, & aſsi o tirou a Pero Maſcarenhas, por ſer aſsi ſua vontade. E quanto a outra ordenaçaõ do ſegundo liuro, digo, q̃ por iſſo falou elRey por palaura noua, dizendo, q̃ das de Pero Maſ-

mas, pera eſte negocio: & começouſſe logo hum grande rumor, & oniaõ, por toda a cidade. De todas eſtas couſas não faltou quẽ auiſaſſe ao Gouernador, pello que determinou de prender Eitor da Sylueira, & os mais, & o comunicou com Pero de Faria, aſſentando o modo como auia de ſer, & d'eſte negocio deu conta a Antonio da Sylueira, que tinha caſado de futuro com hũa filha ſua, & a Simão de Mello, & a outros de ſua valia, a que auiſou, que ao outro dia ſe achaſſem armados na rua direita em fauor de Pero de Faria, que auia de fazer a priſaõ. E aſſi ajuntando eſtes fidalgos muita gente de ſua valia mũy bem armada, tomaraõ as ruas direita, & a de ſaõ Iorge, onde pouſaua Eitor da Sylueira, era iſto aos noue de Agoſto. O Gouernador caualgou & ſe foi por na rua direita eſtando todos preſtes & armados, & dalli foi o capitão da cidade com o Ouuidor geral, & meirinho a caſa de Eitor da Sylueira, que pouſaua na rua de ſaõ Iorge, que hé nas coſtas da rua direita, & entrando pella rua achou muita gente que acodio a Eitor da Sylueira, porque ſoſpeitaraõ que o Gouernador o mandaua prender: & por a couſa ſer taõ ſupita, ſoraõ ſós com as eſpadas que trazião nas cintas. Sabẽdo Eitor da Sylueira que Pero de Faria eſtaua à ſua porta aſſomouſe a hum balcão que fazia a eſcada pera abanda de fora, & perguntou lhe que queria, elle lhe diſſe, que o Gouernador o mãdaua prẽder, & que lhe requeria da parte d'elRey que lhe deſſe a menagẽ: ao que lhe elle reſpondeo, que ſobiſſe açima alha tomar, que elle lhe faria o que elle merecia, pois era taõ roim fidalgo que aceitaua iſſo prẽder. Pero de Faria mandou logo chamar o Gouernador, que acudio mũy apreſſado cõ muitos que o ſeguiaõ: & chegando a rua de ſaõ Iorge, vio mũy grande reuolta de gente, que acudia a Eitor da Sylueira cõ muitas lanças, & alabardas, & ja com Eitor da Sylueira eſtauão todos os fidalgos da Liga. Vendo o Gouernador o riſco em que aquelle negocio eſtaua, como era homem de grande animo, foi rompendo por toda a gẽte ate chegar deſrõte das caſas. Diogo da Sylueira chegou ao balcão, & diſſe aos da ſua parcialidade que eſtauaõ na rua, não vedes ſenhores iſto, que quer Lopo Vaz que a y eſtá tomar por força a gouernança da India a cuja hé, naõ hé bem que lho conſintão, (iſto diſſe pera que os da rua começaſſem atrauar abriga, por naõ ſerem elles os primeiros, pera lhes naõ ficar em culpa, o mal que diſſo ſe ſeguiſſe.) Lopo Vaz ouuindo dizer a Diogo da Sylueira, que elle gouernaua a India por força, diſſe alto cõ ira; por força a gouerno, & por força a ei de gouernar. E decẽdoſe do caualo embraçou

prestes, & muito bem prouida, pera ir buscar os Rumes, que tenho por nouas estarem em Camaraõ, & tenho pera isso muitas municoẽs, porque só n'esta cidade estão cento & tantas pipas de poluora, & cada mes se fazem dez doze mil pelouros de falcão, & quatro mil desperas de ferro coado, com muitos outros artefícios: & tenho toda a gente que ganha soldo na India, sem nenhúa ir achatinar, & tenho pagos duzentos mil pardaos de soldos, sem cousa algũa sair do cofre, nem do dinheiro da carga. Pello que vos mando & requeiro da parte d'elRey, que mais não faleis nas cousas de Pero Mascarenhas, nem consintaes falar, nem recebaes mais requerimentos; nem me façaes mais alguns, porque não serue isso de mais que de fazer oniaõ no pouo, perturbar o seruiço d'elRey, & dar causa aos visinhos, tentarem contra nos algũa maldade; & d'esta minha reposta mandareis o treslado a Pero Mascarenhas, & me dareis a mim outro pera o ter pera minha guarda, & os mandou à cidade, onde ainda oje estão os proprios assinados por elle, & Pero Mascarenhas, que nos vimos, & donde tiramos as forças substantias, por estarem em estilo judicial, que he muy prolixo, & comprido.

CAPITVLO XL.

De como os de bando do Pero Mascarenhas, tratarão de prender Lopo Vaz, & das oniões que sobre isso ouue, & de como Lopo Vaz os foi prender a todos.

ESTA reposta de Lopo Vaz foi dada à cidade, que a amostrou aos fidalgos da India, por lho assi requererem, que lida por todos vendo que Lopo Vaz de saõ Payo em nenhũa maneira queria consentir fazeremlhe nenhum requerimento por parte de Pero Mascarenhas (no q̃ claramente mostraua que vsaua de força, & que elle era o que não tinha justiça) ajuntandose todos os da conjuração sobre este negocio em casa de Eitor da Sylueira, assentarão que era caso, pera lhes elRey pedir conta disso, & que lho estranharia muito, porque pera não consentirem tamanhas sem rezoẽs tinha elle na India tantos, & taõ honrados fidalgos. Pello que lhes pareceo que diuião deprender Lopo Vaz, como aleuantado. Assentado em ser assi necessario o consultarão com os vereadores, que lho louuaraõ, & ordenarão o dia pera isso, em que todos auião de acudir com suas ar-

mas, pera este negocio: & começousse logo hum grande rumor, & oniaõ, por toda a cidade. De todas estas cousas não faltou quẽ auisasse ao Gouernador, pello que determinou de prender Eitor da Sylueira, & os mais, & o comunicou com Pero de Faria, assentando o modo como auia de ser, & d'este negocio deu conta a Antonio da Sylueira, que tinha casado de futuro com hũa filha sua, & a Simão de Mello, & a outros de sua valia, a que auisou, que ao outro dia se achassem armados na rua direita em fauor de Pero de Faria, que auia de fazer a prisaõ. E assi ajuntando estes fidalgos muita gente de sua valia muy bem armada, tomaraõ as ruas direita, & a de sãõ Iorge, onde pousaua Eitor da Sylueira: era isto aos noue de Agosto. O Gouernador caualgou & se foi por na rua direita estando todos prestes & armados, & dali foi o capitão da cidade com o Ouuidor geral, & meirinho a casa de Eitor da Sylueira, que pousaua na rua de sãõ Iorge, que hé nas costas da rua direita, & entrando pella rua achou muita gente que acodio a Eitor da Sylueira, porque sospeitauaõ que o Gouernador o mandaua prender; & por a cousa ser taõ supita, foraõ sós com as espadas que trazião nas cintas. Sabẽdo Eitor da Sylueira que Pero de Faria estaua à sua porta assomousse a hum balcão que fazia a escada pera abanda de fora, & perguntou lhe que queria, elle lhe disse, que o Gouernador o mãdaua prẽder, & que lhe requeria da parte d'elRey que lhe desse a menagẽ: ao que lhe elle respondeo, que lobisse acima alha tomar, que elle lhe faria o que elle merecia, pois era taõ roim fidalgo que aceitaua isso prẽder. Pero de Faria mandou logo chamar o Gouernador, que acudio muy apressado cõ muitos que o seguiaõ: & chegando a rua de sãõ Iorge, vio muy grande reuolta de gente, que acudia a Eitor da Sylueira cõ muitas lanças, & alabardas, & ja com Eitor da Sylueira estauão todos os fidalgos da Liga. Vendo o Gouernador o risco em que aquelle negocio estaua, como era homem de grande animo, foi rompendo por toda a gẽte ate chegar defrõte das casas. Diogo da Sylueira chegou ao balcão, & disse aos da sua parcialidade que estauaõ na rua, não vedes senhores isto, que quer Lopo Vaz que a y está tomar por força a gouernança da India a cuja hé, naõ hé bem que lho consintão, (isto disse pera que os da rua começassem atrauar abriga, por naõ serem elles os primeiros, pera lhes naõ ficar em culpa, o mal que disso se seguisse.) Lopo Vaz ouuindo dizer a Diogo da Sylueira, que elle gouernaua a India por força, disse alto cõ ira; por força a gouerno, & por força a ei de gouernar. E decẽdose do caualo embraçou

lhe mandassem a reposta, sua, & delles, & que despidissem Mem Vaz, o que logo fizerão, respondendo a Pero Mascarenhas por boca do Gouernador, que elles o não podião obrigar, nem requerer, que se posesse em direito com elle sobre a gouernança, por saberem que estaua de posse, & obedecido por Gouernador por prouisaõ d'el Rey, & que requerendolhe o que elle queria, parecia por em duuida a prouisaõ d'elRey, que elle só era o que podia julgar estas cousas, & que lhe pedião não quisesse vir a Goa, porq̃ não seruiria de mais, que de fazer aluoroço na gente que era necessario estiuesse quieta, & conforme, pera pelejarem cõ os Rumes que esperauão. Com esta reposta, & com a de Lopo Vaz que lhe deraõ autentica, se partio Mem Vaz outra vez por terra, leuando taõbem cartas dos fidalgos presos pera Pero Mascarenhas, em que se remetião a Mem Vaz nas cousas passadas, pedindolhe de nouo, que em todo caso viesse a Goa, porque tudo se faria bem. Lopo Vaz por não querer ter todos os fidalgos contra si, mandou soltar dos que estauão presos os que tinhão menos culpa, que eraõ, Vasco da Cunha, dom Tristão de Noronha, Martim Vaz pacheco, Iorge da Syluera, dom Anrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Faide, Simão Delgado, Nuno Fernandez Freire, dom Francisco de Crasto, Simaõ Sodré: deixando ficar presos, Eitor da Syluera, Diogo da Syluera, dõ Antonio da Syluera, & dom Iorge de Crasto, por serem cabeças da conjuração, & a Ayres Cabral, & Iorge de Mello, mandou leuar presos pera a fortaleza de Banestarim, por aluoroçadores do pouo, mandandolhes lançar ferros. E no fim do mes de Agosto, por se reçear ainda dos Syluerias, tratou de os mandar presos a Cochim em hum catur muito pequeno, de que elles foraõ auisados, entendendo mũy bem que aquillo trataua o Gouernador mais pera ver se se podião perder no mar, porque o tempo era muito verde, que por lhes estreitar a prisaõ, & lhe mandarão sobre isso fazer protestos, & requerimentos, dizendo nelles que erão os principaes fidalgos que elRey tinha na India, & que não era rezão que os arriscasse em tempo tão perigoso: & que acontecendolhes algum desastre daria conta a elRey de suas vidas: com o que Lopo Vaz desistio de os mandar, tendo sobre elles grandes vigias: & elles mũy grande resguardo em si, porque se temião de peçonha, & segundo a cousa estaua danada de parte a parte, tudo se podia reçear.

LIVRO

los ajuntou no porto de Panéda. E porque será rezão darmos onhecer esta terra, faremos d'ella ia breue descripsaõ, & mostrare nos quaes saõ as Iaoas mayor, & nenor, de Marco pollo, por tirarnos a confusaõ que disso ouue ntre os Geographos modernos. Pello que se de saber, que esta ilha da Iaoa, quasi que quer imitar a figura de hum porco deitado sobre as mãos, por cujo focinho passa aquelle canal que chamão de Balabuão, & por debaixo dos pés o outro aque chamão o boqueirão da Sunda, que hé mũy continuado das nossas naos. Esta ilha está lançada directamente ao Rumo, aque los mareantes chamão Leste Oeste: tera de comprido cento & sessẽta legoas, & de largura no mais largo, sẽta. Aquella parte das costas que lhe ficão da bãda do Sul, não hé tratada de nos, nem se lhe sabem portos, nem bayas; mas da outra parte da barriga, que hé a da banda do Norte, he mũy tratada & cõmunicada de nossos nauios, & tem muitos & bons portos, & ainda que toda a costa hé mũy suja, & cheia de baixias, todauia, pella continuação saõ seus canaes, & sorgidouros mũy sabidos, & raramente aconteçe desastre a nauio algum. Tem muitos reinos por esta bãda do maritimo, hũs sogeitos aos outros, & começãdo da cabeça, ou da bãda do leuãte, iremos nomeando os de que temos conhecimento. O Valle, Paneruca, Agasai, Sodãyo, Panão, (cujo Rey reside pello Sertaõ trinta legoas, & hé como Emperador d'estes, & de outros adiante.) Tubão, Berodão, Cajoão, Iapara, (cuja cidade principal se chama Cerinhamá, tres legoas pella terra d'entro; & a cidade de Iapara esta àborda da agoa,) Damo, Margão, Banta, Sunda, Andreguir, onde ha muita pimenta. Este Reino tem hum rio por onde ella sae chamado Iande; pello Sertaõ tem muitos Reis que se chamão Gunos, que viuem em serras asperissimas, saõ brutos & saluagens, & muitos d'elles comem carne humana. Estas serras como dissemos saõ altissimas, & algũas d'ellas lançaõ fogo pellos cumes, como a ilha de Ternate: cada Reymo d'estes que nomeamos tem lingoa sobre si, mas quasi todos se entendem por ellas, como nós com os Gallegos, & Castelhanos. Este reino da Sunda, de que falamos, he muito prospero & abastado, & fica lançado antre as terras da Iaoa, & Camatra, porque por antre ambas se faz aquelle boqueiraõ que chamão da Sunda. Tem este reino muitas ilhas adiaçentes que correm do longo d'elle, para d'entro do boqueiraõ, mũy perto de quarenta legoas, & fica a çidade de Banta no meyo d'este estreito, que no mais largo téra vinte & çinco legoas, & em partes doze, & no mais estreito seis: todas as suas ilhas tem

muito

muito pouca agoa, mas muita & boa madeira; algũas saõ pouoadas. E hũa pequena que está na entrada do boqueirão da banda do leuante, que se chama Macar, affirmão que tem muito ouro. Os portos principaes do reino da Sunda, saõ Banta, Aché, Xacatara, por outro nome Carauão: aos quaes vão todos os annos mũy perto de vinte somas, que saõ embarcaçoẽs do Chincheo, hũa das prouincias maritimas da China, a carregar de pimenta, porque da este reino todos os annos oito mil bares d'ella, que saõ trinta mil quintaes. A cidade de Banta, está em altura de seis graos do Sul, situada em hũa enceada tão larga, & fermosa, que de ponta aponta tera tres legoas, fica a cidade em meyo, que seria de comprido, oito centas & cincoenta braças, & de longo por hũa das bandas, que he ado mar, quatrocentas: mas pello sertão he mais comprida. Passa por meyo da cidade hum fermoso rio, por que podem entrar juncos, & galés: que deita hũ braço por hũa ilharga da cidade menos capaz, porque não entrão por elle senão embarcaçoens pequenas ate catures. Tem a cidade a hũa parte hũa fortaleza, cujo muro (que hé de adobes) será de largura de sete palmos, & os baluartes de madeira, de dous sobrados, com boa artelharia, esta enceada he limpa, em partes tem lama, & em outras area, auerá por toda ella de seis ate duas braças de fundo. E por entender elRey dõ Ioaõ que tendo ali hũa fortaleza seria senhor de todo aquelle boqueiraõ, & de toda a pimenta d'aquelles reinos: encomendou muito ao Conde Almirante a mandasse ali fazer por Francisco de Sá, & ainda oje se entende que será mais importante, assi pera defender a entrada aos Ingreses, & turcos, como pera segurança do trato, & comercio daquellas partes, que he o substancial da India. E assi se pratica antre os homens velhos & antigos, que tendo elRey de Portugal tres fortalezas, hũa n'esta parte, outra na ponta do Achem, & outra na costa de pegu, ficarião fechadas com tres chaues as partes do leuante, & seria senhor de todas suas riquezas: & pera isso daõ muitas rezoẽs, que nos deixamos por não ser comprido. Tornando à ilha da Ioaoa, he toda ella muito abastada de todas as cousas necessarias à vida humana, & tanto, que della se proue Malaca, Achem, & todos os mais vizinhos. Saõ os naturaes d'aqui, aque chamão Iaos, homens taõ soberbos, que cuidão que nenhuns outros lhes precedem, antes, que elles o fazem a todos: em tanto, que passando hum Iao por hũa rua, se acertar algũa pessoa de outra nação estar sobre algum poyal, ou algum lugar mais alto, que aquelle por onde elle passar se se logo não deçer abaixo, ate que elle passe, o matara,

matara, porque não consente cuidar alguem que pode ficar mais alto que elle: & assi não pora hum Iao sobre sua cabeça hum pezo, ou carga, ainda que por isso o matem. Saõ homens cavaleiros, & tão determinados, que por qualquer offensa que se lhe faz, se fazem à mouços, pera se satisfazerem d'ella: & posto que lhe ponhaõ hũa lança nas barrigas, vaõse metendo por ella sem receyo algum, ate chegaré ao contrario. E porq̃ d'estes a mouços em outra parte damos melhor rezão, o deixamos agora. Saõ todos homens mũy exercitados na arte da navegação, em tanto, que se tem por mais antigos nella que todos ainda que muitos daõ esta honra aos Chins, & affirmão procederem d'elles os Iaos: mas he certo navegarem estes ja ate o cabo de boa esperança, & terem cõmunicação na ilha de saõ Lourenço, da banda de fora, aonde ha muitos naturaes Bassos, & Ajauados, que dizem procederem d'elles. E querendo nos inquirir d'alguns Iaos praticos, d'aquella arvore de que fala Nicolao de Conti Venezeano acharse na ilha da Iaoa, em cujo amago diz nacer, hũa verga de ferro mũy sutil & de tanta virtude, que quem a trazia a par da carne, não podia ser ferido cõ algũa arma, & que muitos Iaos fazião feridas em partes de seus corpos, & que metião pedacinhos deste ferro, & tornandoas a cozer, ficando dentro perpetuamente, nunca ja erão feridos, do que estes Iaos aquem o perguntamos, zombaraõ bem. E considerando em Marco polo, o que fala da Iaoa mayor, & menor, nos parece que esta de que tratamos he a menor, & que a ilha de Camatra, hè aquelle tem pella Iaoa mayor; porque diz que a mayor tem duas mil milhas em roda, & que não se ve n'ella a estrella do Norte, & que tem oito reinos, Faleh, Basma, Camara, Dragojão, Lambri, Faõfur, do que se ve muito claro falar da ilha de Camatra, porque quasi tem a mesma grandeza, que lhe elle da, & nella se não ve o polo Arctico, por ficar debaixo da Equinocial, o que não tem em nenhũa outra ilha d'aquellas da banda do Norte: porque de todas ellas se ve áquella estrella. E ainda isto se ve mais claro nos reinos que nomea por que o de Camara, não ha duuida se não que quis dizer Camatra, Dragojaõ, que he Andreguir, Lambri, ainda oje conserva o nome naquella ilha, & todos os mais que nomea, que a corrupção, que n'elles fez o tempo, os faz ja desconhecer. E deixando isto pera outro lugar (se nos cair mais a proposito,) tornando a continuar com Francisco de Sá, depois de ajuntar os seus navios foi seguindo sua derrota até tomar o porto de Bata, onde surgio mandando a terra recado de amisades, & offerecimentos,

áquelle

áquelle Rey, pedindolhe ouuesse por bem deixarlhe fazer hũa fortaleza, naquelle seu porto, como el Rey seu antecessor o mandara pedir, pera ficar o cõmercio antre elle & os portugueses mais seguro, com o que seus reinos enriquecerião, como fizerão todos os do Oriente, que aceitaraõ a amisade d'el Rey de Portugal. O Rey que era mao homem, parecendolhe que antes se o consentisse perderia o reino (que isso tem os tyrannos, andarem sempre timidos & receosos de lhes tomarem o que elles vsurpaõ,) mandouse escusar, cõ o que Francisco de Sà se resumio em desembarcar em terra, & fazer por força, o que não queria consentir por vontade. E cometendo a desembarcação achou tal resistencia, que com morte de quatro homẽs, & outros bem escalaurados, se tornou a recolher, & não querendo aguardar ali mais, deu à vela pera Malaca, onde chegou pouco depois de Pero Mascarenhas embarcado: & deixandose ficar ali, despedio logo Francisco de Mello por capitão de hũa caravela chamada a Pereirinha, pera leuar cartas ao Gouernador, aquem mandaua pedir mais gente, & armada pera tornar a cometer aquelle negocio. Fráciſco de Mello foi seguindo sua jornada, correndo a costa do Achem, & sobre sua barra, vio estar surta hũa nao à carga pera Meca, & tomando conselho com os companheiros sobre o que faria, assentaraõ que se cometesse, porque não ficasse aquella jornada sem auer hum papo que cute. E postos em armas forão cometer à nao assi à vela: que estaua ja preparada pera se defender, porque logo conbeceraõ à nossa caravela: estauão os de dẽtro taõ soberbos que em nada estimaraõ os nossos, porque eraõ trezentos homens d'armas Achens, & quarenta Rumes & turcos. Francisco de Mello chegando perto d'ella a começou a esbombardear, matandolhe d'aquella primeira salua muita gente, & porque a virão tão cerrada & cheya de gente determinaraõ de abaterem ate a render, porque se não atreuerão a abordala, & assi se puseraõ à trinca batendoa rijamente, & quis a fortuna que lhe acertaraõ com hum camello ao lume d'agoa que a varou d'entro, por onde se encheo d'ella, & os mouros se lançaraõ ao mar pera se saluarem: os nossos fizerão n'elles tal matança que escaparaõ bem poucos, ficando todos desconsolados de se não ceuarem n'aquella nao, que estaua cheya de fazendas, & seguindo seu caminho forão tomar Cochim taõ tarde, que naõ puderão passar a Goa.

CAP.

CAPITVLO II.

De como Dom Garcia Auriquez fez pazes com el Rey de Tidore, & a rezão porque logo as quebrou, & de como faleceo aquelle Rey, & das ſoſpeitas que ouue ſer ajudado a iſſo com peçonha que ſe lhe deu.

ENTREGVE Dom Garcia Anriquez da capitania de Maluco, na vagãte de Antonio de Brito (que logo ſe partio pera Banda eſpera a mouçaõ da India) achando a fortaleza falta de todas as couſas, del pedio logo Martim Correa em hum junco pera Banda, pera ver ſe achaua n'aquellas ilhas algũas embarcaçõis de Portugueſes, em que ſe proueſſe do neceſſario, & fazendo ſua jornada teue hum tão grande temporal que eſteue perdido, & chegou a Banda deſtroçado de todo, onde ainda achou Antonio de Brito, que o ajudou a reformar, & concertar. Poucos dias depois d'elle ſurgiraõ n'aquelle porto hũa ſoma de juncos que yão de Malaca, de que era capitão mor hum fidalgo chamado Manoel Falcão: que Pero Maſcarenhas depois do negocio de Bintão deſpedio pera Maluco com prouimentos que leuaua Fernão Baldaya, que ya por eſcriuão da feitoria de Ternate. Eſtes prouim-
tos recolheo Martim Correa
ſeu nauio com o Baldaya, per
logo ir pera Ternate, pella nec
dade em que ficaua. E antes
partiſse foi auiſado da gente
terra de verem andar per antre
quellas ilhas duas naos grandes
feiçaõ das noſsas, & naõ cuid
do quaes podião ſer, por que M
noel Falcão vinha de Malaca (
de naõ auia couſa algũa pera
der partir pera aquellas ilhas,)
ſentaraõ ſer de Caſtelhanos
que não diuiaõ de ſer ſós, antes
dia ſer da companhia d'algũa g
de armada, o que os ſobreſal
muito, porque ſe tal era, não
pera outra parte, ſe não pera T
nate, com o que correria riſco
quella fortaleza, pella pouca ge
que tinha. Pello que Martim C
rea requereo a Antonio de Br
& a Manoel Falcão da parte
Rey foſſem ſoccorrer aquella f
taleza, que eſtaua atriſcada, ſe
quellas naos foſſem de Caſtelh
nos, mandando fazer hum au
do tal requerimento. Antonio
Brito não quis tornarſe, mas de
da gente, & monições, que leuau
a Martim Correa que ſe fez a ve
com Manoel Falcão, & ambos ſu
giraõ em Talangame, & vendo
com Dom Garcia lhe deraõ cont
do que paſſaua, que com o prou
mento & gente que lhe veio diſſe
que lhe daua muito pouco q. vieſ
ſem dez naos de Caſtelhanos. An

daua

mo todos estauão descuidados de tal, desembarcou dom Garcia cõ todos os que leuaua, & foi entrando a cidade, & pondo lhe logo por algũas partes, que ateou bravissimamente. Ao estrondo & terremoto acodirão todos, não tendo o certo em mais que em saluar suas pessoas, acolhendose pera os mares, ficando os nossos senhores da cidade, que facilmente a sua vontade, achando sete peças de artelharia que dom Garcia mandou recolher, & deixando a cidade posta a ferro & afogo, tornou a embarcar. Ficarão os nossos desse negocio com o certo perdido entre todos aquelles Reis daquelle Archipelago, dizendose publicamente que não guardauamos a fe. Pello que defenderão logo pella mor parte daquellas ilhas nosso cõmercio, não consentindo os nossos nellas. Os Tidores tanto que se embarcou dom Garcia, tornarãose pera a sua cidade, que acharão feita em cinza, & alcantarão logo por Rey Cachil Raxamira, filho d'elRey Almansor o morto, que por ser muito moço se lhe deu por tutor a Rade Cachil, ficando a guerra declarada com a nossa fortaleza, que lhe deu bem de trabalho, como pello descurso da historia se verá.

CAPITVLO III.

Do que aconteceo a dom Iorge de Meneses na jornada de Maluco, & como descobrio as ilhas dos Papuas, & da armada que partio de Malaca pera aquellas ilhas de Maluco, & da derrota que leuou ate ellas.

DOm Iorge de Meneses, de Malaca pera as ilhas de Maluco, como temos dito foi a primeira cousa em que teue Pero Mascarenhas, depois de ter recado que era Gouernador, foi seguindo sua viage pella via de Borneo, como leuaua por regimento. Chegando as ilhas do Mar de Cerca legoas de Ternate indo de noite dar a terra pera surgir, não achou fundo por ser tudo a roda d'aquellas ilhas muy alcantilado, & não poder surgir senão com os proes em terra: & como dom Iorge queria vezinharse tanto a ella, na volta do mar, da ilha forão logo vistos, & sairão duas almadias as naos, & porq não se determinarão serẽ Portugueses, ou Castelhanos, não se ousarão a chegar: dom Iorge lhes mandou capear, & que hũa das almadias se arribou & chegou abordo, do Iorge

companhia de Fernão de Magalhaes, dando q̃ razõ̃ ao Emperador Carlos quinto Maximo (que jaa gouernaua) do descobrimẽto q̃ fizera das ilhas de Maluco, fazendo lhe certo ser ficar em sua demarcaçõ̃, emmendandolhe as riquezas d'ellas, passando logo ordenado no porto da Corunha outra armada de seis velas, de que deu a capitania a Frey Garcia de Loaisa fidalgo Biscainho, Comendador de são Ioaõ. Esta armada deu a vela vespora de Santiago de mil & quinhẽtos & vinte & cinco annos, ya n'ella por sota capitaõ o mesmo Ioaõ Sebastião del Cano. A armada era de quatro naos, dous galeões, & hũ pataxo. Os capitaes eraõ Frey Garcia, Ioaõ Sebastião d'el Cano, dõ Rodrigo da Cunha, & Diogo de Vera: estes yaõ nas naos, os das caravellas não soubemos. Partidos da Corunha foraõ tomar a Gomeira, & correndo a costa de Guine, faltandolhes o tẽpo pera dobrar o cabo de santo Agostinho, por cõselho de todos determinou o General de fazer sua derrota pello cabo de boa esperança, & indo demandar encontraraõ hũ nauio de portugueses, que entre algũas cousas q̃ delles souberão, foi que acharão hũa ilha chamada saõ Matheus, em que fizeraõ agoada, & acharão finaes de ja ser pouoada em algum tẽpo, porque auia ali muitas larangeiras, & arvores d'espinho, galinhas, rasto de porcos, & em alguns troncos de arvores grandes [illegible] raõ letras portuguesas, em qu[illegible] mostraua, que auia oitenta & [illegible] annos, que ja ali estiueraõ ge[illegible] nossas, do que em nenhũa o[illegible] escritura achamos feito meme[illegible] lim fim largando o nauio se[illegible] seguindo sua derrota até passa[illegible] o cabo de santo Agostinho, [illegible] naraõ a demandar o estreito [illegible] Magalhaes, porque lhes entrou [illegible] vento, & indo correndo a costa [illegible] deu hum tempo que apartou o [illegible] neral dos outros nauios, que se [illegible] tomar hum rio fermoso & g[illegible] de, aque mandaraõ o pataxo [illegible] aruoresse sobre a sua barra [illegible] cruz & assi lhe deraõ o nome [illegible] rio de santa Cruz: ao pé d'ella [illegible] xaraõ hũa panella com cartas [illegible] que contauão a jornada que [illegible] zeraõ até ahi, pera o seu General [illegible] ali fosse ter, dizendolhe que [illegible] yaõ esperar ao estreito de M[illegible] lhaes. Partidos d'ali acharaõ [illegible] tro rio, a que puseraõ nome de [illegible] to Eleonso, que era dia de sanhõ [illegible] cuidaraõ ser o estreito: & [illegible] dando Ioaõ Sebastião d'el C[illegible] ouindo elle mesmo a vella, [illegible] na boca d'elle em secco, indo em [illegible] batel, & hũ parente seu em ou[illegible] & fez final as naos q̃ yaõ com[illegible] do a entrada que tornaraõ a [illegible] dar, & Sebastião del Cano, [illegible] outro, passaraõ grandes trabal[illegible] até tornarem as naos. E com[illegible] do outra vez a costa adiante [illegible] raõ com o estreito onde surgi[illegible]

lhe elle dizer, que em doze graos estauão hũas ilhas mũy ricas d'ouro & prata: & indoas demandar á doeceraõ muitos, & falecerão em poucos dias o General, & o loaõ Sebastião del Cano, & o piloto, & thesoureiro, & todos morreraõ de hũas nodoas pretas que lhes saiaõ pellas pernas. Os que ficaraõ vinos elegeraõ por capitão Toribio Alonso Salazar, que se tornou a meter debaixo da linha, & faleceo chegando as ilhas das Vellas, que agora chamão dos ladroes. Por sua morte ouue grande aluoroço sobre a capitania entre Martim Inhegues de Carquicios Alguazil mayor da armada, & Fernão de Bustamente thesoureiro da nao Santo Espirito, a perdida, de que foi capitaõ loaõ Sebastiaõ, que tinha ja ido a Maluco na nao Victoria, & por euitarem contendas, cõcertaraõ se, que ficassem ambos capitaes, & mandassem igualmente, ate chegarem a algũa das ilhas de Maluco, onde se determinaria a quẽ ficaria só: & seguindo sua derrota forão auer vista de Mindanao onde foi Martim Inhegues julgado de todos por capitão, que tão bem era fidalgo Biscainho. Martim Inhegues foi logo demandar Maluco, & chegando a Gope lugar do Merotai Nomoro, tomou refresco, & agoa, d'ali se passou a outro lugar chamado Camafo, que he na Motoloja, cujo sangage era vassalo de Tidore. Foi isto no proprio tempo que Dom Iorge de Meneses se afastou d'ellas, & se foi desguarnado com as correntes, & toda uia foi visto dos Castelhanos, & conheceraõ ser a nao portuguesa; pello que se forão os Castelhanos metendo bem d'entro no golfo de Camafo, q̃ he da outra banda do leuante da ilha do Moro, onde surgirão. A gente da terra foi a nao a visitar o capitão, & o leuaraõ com todos os seus pera terra, & os agasalharaõ bem, pella amisade que sabião tinhão com o seu Rey. Ali souberão como os Portugueses tinhão fortaleza em Ternate, & todas as mais cousas que eraõ socedidas ate então, & da guerra que Dom Garcia fizera ao seu Rey. Os Castelhanos vsando de sua natureza, se lhes offereceraõ pera ajudar o seu Rey contra os Portugueses lançando seus despechos, prometendolhes de os comcrem todos assados. Com isto lhes derão os da terra tudo o que auião mister, & não lhes querião tomar dinheiro, porque esse seria o intento de suas promessas, que bem sabiaõ elles que os Portugueses erão maos de assar, & piores de tragar. Estas nouas d'esta nao, saõ as que deraõ a Dom Garcia Anriquez (como atras temos dito) & certificandose serem Castelhanos, despedio logo Martim Correa, & com elle Diogo da guerra em hũa Corocora mũy ligeira, pera yrem ver o que aquillo era, & pera no-

marem

mandou perguntar pello capitão de Maluco, & pello estado em que a nossa fortaleza estaua, de que lhe naõ souberaõ dar rezão, & por anoitecer se afastaraõ, com alguns panos que lhes mandou dar dom Iorge por irem contentes. De noite acalmou o vento, ficando os nossos nauios anhotos, porque como não auia fundo pera sorgir, nem vẽto pera gouernar, & as agoas por antre aquellas ilhas corrião pera o leuante, como a pedra da mão, foraõ leuados ate os lançarem fora de todas as ilhas em hum golfo de mar mũy grande, onde lhes deu hum temporal mũy grosso, com que foraõ correndo quasi perdidos alguns dias, ate auerem vista de hũa terra que lhe pareceo ilha, que estaua em altura de graos do Norte, & indoa demandar foraõ surgir perto, & em muito bom fundo. Logo vierão algũas embarcaçoẽs a elles, em que vinhaõ alguns homens muito pretos, & de cabellos reuoltos, como os Cafres de Ialofo, ou como os do cabo de boa Esperança pera Mossambique, & ẽtrados nas naos lhes fizerão os nossos grandes gasalhados, mas não ouue quem os entendesse, mandando com elles algũas pessoas a terra a falar cõ o seu Rey & auer o que ella tinha, & acharaõ el Rey que taõbem era preto, como os outros, que os reçebeo bem, fallandolhe por acenos, & viraõ a terra abastada de mantimentos gados, & galinhas, que os nossos mandaraõ resgatar por panos, & por calaim. Vendo dom Iorge que não auia mouçaõ pera tornar pera Maluco, senão d'ali a alguns meses, deixouse ali ficar cõmutando com os da terra tudo o de que tinhaõ necessidade, achando aquelles moradores d'ali domesticos, posto que dizião que pella terra dentro auia naçoẽs que comião gẽtes. Aqui viraõ os nossos alguns dos naturaes, assi homens como molheres, taõ aluos & louros como Alemaẽs, & perguntando como se chamauão aquellas gẽtes, disseraõ que Papuas: & pello pouco conhecimẽto que então tinhamos d'aquella terra, cuidarão os nossos serẽ ilhas, mas quanto a nos pello que depois se veio a alcãsar, esta terra he aquella a que Marco Polo Veneto chama Lochac, que diz ser riquissima de ouro, que diz que estaua setecentas milhas, (que saõ mũy perto de duzentas legoas nossas) da Iaoa, & a poem da outra banda do tropico, & diz que ao derredor estauão as ilhas de Sódur, Pentan, Malayur, & outras, & do que d'ellas depois se soube & descobrio, em outro lugar o diremos. E deixãdo a dõ Iorge em quanto lhe tarda a mouçaõ, tornemos as naos dos Castelhanos, de q̃ em Ternate andaua fama, & diremos que armada era, & o que lhe acõteceo na jornada.

¶ Depois de chegar a Espanha aquella fermosa nao Vitoria, da

lhe elle dizer, que em doze graos estauão hũas ilhas mũy ricas d'ouro & prata: & indoas demandar á doecerão muitos, & falecerão em poucos dias o General, & o Ioaõ Sebastião del Cano, & o piloto, & thesoureiro, & todos morrerão de hũas nodoas pretas que lhes sairão pellas pernas. Os que ficaraõ viuos elegerão por capitão Toribio Alonso Salazar, que se tornou a meter debaixo da linha, & faleceo chegando as ilhas das Vellas, que agora chamão dos ladroẽs. Por sua morte ouue grande aluoroço sobre a capitania entre Martim Inhegues de Carquicios Alguazil mayor da armada, & Fernão de Bustamente thesoureiro da nao Santo Espirito, a perdida, de que foi capitaõ Ioaõ Sebastiaõ, que tinha ja ido a Maluco na nao Vitoria, & por euitarem contendas, cõcertaraõse, que ficassem ambos capitaẽs, & mandassem igualmente, ate chegarem a algũa das ilhas de Maluco, onde se determinaria quẽ ficaria só: & seguindo sua derrota forão auer vista de Mandanao onde foi Martim Inhegues julgado de todos por capitão, que tãobem era fidalgo Biscainho. Martim Inhegues foi logo demandar Maluco, & chegando a Cope lugar do Morotai Nomoro, tomou refresco, & agoa, d'ali se passou a outro lugar chamado Camafo, que he na Morotoja, cujo sangage era vassalo de Tidoro. Foi isto no proprio tempo que Dom Iorge de Meneses se afastou d'ellas, & se foi desguarrado com as correntes, & todauia foi visto dos Castelhanos, & conhecerão ser a nao portuguesa; pello que se forão os Castelhanos metendo bem d'entro no golfo de Camafo, q̃ he da outra banda do leuante da ilha do Moro, onde sorgirão. A gente da terra foi a nao a visitar o capitão, & o leuaraõ com todos os seus pera terra, & os agasalharaõ bem, pella amisade que sabião tinhão com o seu Rey. Ali souberão como os Portugueses tinhão fortaleza em Ternate, & todas as mais cousas que erão socedidas ate então, & da guerra que Dom Garçia fizera ao seu Rey. Os Castelhanos vsando de sua natureza, se lhes offereceraõ pera ajudar o seu Rey contra os Portugueses lançando seus despechos, prometendolhes de os comerem todos assados. Com isto lhes derão os da terra tudo o que auião mister, & não lhes querião tomar dinheiro, porque esse seria o intento de suas promessas, que bem sabião elles que os Portugueses erão maos de assar, & piores de tragar. Estas nouas d'esta nao, saõ as que deraõ a Dom Garçia Anriquez (como atras temos dito) & certificandose serem Castelhanos, despedio logo Martim Correa, & com elle Diogo da guerra em hũa Corocora mũy ligeira, pera irem ver o que aquillo era, & pera tomarem

fazião castellos de vẽto, & que lhes saira aquella preza bem,) armarão suas Corocoras, & foraõ dar em hum lugar d'elRey de Ternate, chamado Gacca, & o roubarão, & queimaraõ: d'isto teue logo Dom Garcia rebate, & armou algũas Corocoras em que mandou Martim Correa, & indo buscar os Tidores, deu com elles vindose recolhendo com a preza, & inuestindoos os axorou, & abalroou, & lhes tomou a mór parte das Corocoras, & da preza que leuauão. Aqui fizeraõ os Ternates que forão cõ Martim Correa, grandes caualarias, & cruezas.

CAPITVLO IIII.

De como dom Iorge de Meneses chegou a Maluco, & de como fez tregoas com os Castelhanos, que se quebraraõ logo, & de como faleçeo el Rey Bayano, & soçedeo seu irmão Ayalo. E de como elRey de Lobu matou os Portugueses que estauão em seu porto, & tomou hũa gale por engano.

OS Castelhanos dãdolhes pouco dos requerimẽtos de Dom Garcia, que lhes mandou fazer por muitas vezes, começaraõ a resgatar crauo por essas ilhas, danando o antigo preço, & fazẽdoo subir em quatro vezes o dobro, com o que lhe acudio todo o d'aquellas ilhas. D'isto foi logo dom Garçia auisado o que sentio muito: & porque se lhe não acudisse seria destruição da fazenda d'elRey, & do seu cõmercio d'aquellas ilhas, mandou negociar algũas embarcaçoẽs, & pedio a Cachil Daroes que o acompanhasse nas suas Corocoras, do que se elle não escusou, & dom Garcia se embarcou com cem Portugueses, & a gente de Daroes, & foi de noite demandar o porto de Tidore, & surgio a tiro de bataria da nao, que logo começou a bater com tres cameletes, que leuaua em hũas embarcaçoẽs que ordenou a maneira de barcassas com suas mãtas & arrombadas. Ali estiueraõ tres dias sem fazerem mais que dar na nao, desfazendoa por çima toda, & fazendolhe por baixo algũs rombos. E porque se lhe acabaraõ as muniçoẽs, recolherãse pera hũa ençeada da mesma ilha, em quanto fossem buscar outras, porque dom Garçia logo mandou cõ muita pressa. Estando n'esta ençeada mandou dom Garçia a Martim Correa, & a Cachil Daroes, que fossem queimar hũ lugar de Mouros que estaua sobre hum tezo, a onde Martim Inhegues mandou por algũs Castelhanos a rogo d'el Rey, porque se reçeou d'aquillo. Partidos elles pera o lugar, deraõ n'elle hũa madrugada, & o queimarão,

meses que tinha chegado a Camafo, onde esteue ate elRey de Tidore o mandar chamar. Logo aquella noite pos a gente & artelharia em terra, aque o ajudou elRey, que o festejou muito. Dom Garçia teue logo vista da nao, & mandou a mesma armada, pera que lhe fosse dar hũa salua, como fez, porque chegandose denoite perto d'ella a começaraõ a bater fortemẽte, matandolhe d'entro dous homens: & ao outro dia taõbem cõtinuaraõ abataria, & quatro arreo mais, sem appoderem meter no fundo, por ser forte, pello que se tornaraõ. Martim Inhegues mãdou meter a nao d'entre do arreçife, como se elles foraõ; & desembarcou tudo em terra, & ordenou com muita pressa dous baluartes de pedra encossa na frõtaria da cidade, & a nao posta em meyo com sua artelharia, como outro baluarte, pera defensaõ do porto, com o que ficou bem seguro. Dom Garcia não deixou de continuar com seus protestos, & requerimentos, sobre que correrão recados de parte a parte, sobre o direito d'aquellas ilhas, que cada hum allegaua pello seu Rey. Martim inhegues dizia, que Fernão de Magalhaẽs vassallo d'el Rey Dom Fernando de Castella, descobrira aquellas ilhas, Dom Garcia allegaua, que muito antes d'aquillo foraõ descubertas por Antonio de Brito, & que o Magalhaẽs fora aleuantado, & que os Reis d'aquellas ilhas, receberaõ primeiro n'ellas os Portugueses, & mãdaraõ requerer a elRey de Portugal, que mandasse fazer fortaleza em suas ilhas, & assentar comercio em suas terras: mandando el Rey de Ternate, & indo em pessoa o de Tidore a Amboino buscar Francisco Serraõ, que ali estaua perdido da companhia de Lourenço de Brito, & sobre quem o agasalharia, & daria em terra lugar pera fortaleza aos Portugueses, tiueraõ muitos desgostos hum com o outro, requerendolhe sempre Dom Garçia, que se fosse pera aquella fortaleza, & que lhe daria hum lugar apartado em que estiuessem todos à sua vontade, ate ser tempo de se tornarem; & que não comprasse nenhum crauo, nẽ danassem o preço que n'elle estaua posto pellos officiaes d'el Rey de Portugal: & que não o querendo fazer, protestaua por todas as perdas & danos que disso resultassem. Martim Inhegues taõbem fez seus protestos, ficando assi o negocio trauado em guerra, & deitarão suas Corocoras ao mar com que andauão fazendo seus saltos. Poucos dias depois d'estes derradeiros protestos tomaraõ duas Corocoras de Geilolo, & hũa chãpana de Ternate, que ya carregada de crauo, & mataraõ hum Portugues que n'ella ya, & algũs Ternateses. Vendose os Tidores fauorecidos dos Castelhanos (que lhes

fazião

fazião castellos de vẽto, & que lhes saira aquella preza bem,) armarão suas Corocoras, & foraõ dar em hum lugar d'elRey de Ternate, chamado Gacca, & o roubarão, & queimaraõ: d'isto teue logo Dom Garcia rebate, & armou algũas Corocoras em que mandou Martim Correa, & indo buscar os Tidores, deu com elles vindose recolhendo com a preza, & inuestindoos os axorou, & abalroou, & lhes tomou a mór parte das Corocoras, & da preza que leuauão. Aqui fizeraõ os Ternates que forão cõ Martim Correa, grandes caualarias, & cruezas.

CAPITVLO IIII.

De como dom Iorge de Meneses chegou a Maluco, & de como fez tregoas com os Castelhanos, que se quebraraõ logo, & de como faleçeo el Rey Bayano, & soçedeo seu irmão Ayalo. E de como elRey de Lobu matou os Portugueses que estauão em seu porto, & tomou hũa gale por engano.

OS Castelhanos dãdolhes pouco dos requerimẽtos de Dom Garcia, que lhes mandou fazer por muitas vezes, começaraõ a resgatar crauo por essas ilhas, danando o antigo preço, & fazẽdoo subir em quatro vezes o dobro, com o que lhe acudio todo o d'aquellas ilhas. D'isto foi logo dom Garçia auisado o que sentio muito: & porque se lhe não acudisse seria destruição da fazenda d'elRey, & do seu cõmercio d'aquellas ilhas, mandou negociar algũas embarcaçoẽs, & pedio a Cachil Daroes que o acompanhasse nas suas Corocoras, do que se elle não escusou, & dom Garcia se embarcou com cem Portugueses, & a gente de Daroes, & foi de noite demandar o porto de Tidore, & surgio a tiro de bataria da nao, que logo começou a bater com tres cameletes, que leuaua em hũas embarcaçoẽs que ordenou a maneira de barcassas com suas mãtas & arrombadas. Ali estiueraõ tres dias sem fazerem mais que dar na nao, desfazendoa por çima toda, & fazendolhe por baixo algũs rombos. E porque se lhe acabaraõ as muniçoẽs, recolherãse pera hũa ençeada da mesma ilha, em quanto fossem buscar outras, porque dom Garçia logo mandou cõ muita pressa. Estando n'esta ençeada mandou dom Garçia a Martim Correa, & a Cachil Daroes, que fossem queimar hũ lugar de Mouros que estaua sobre hum tezo, a onde Martim Inhegues mandou por algũs Castelhanos a rogo d'el Rey, porque se reçeou d'aquillo. Partidos elles pera o lugar, deraõ n'elle hũa madrugada, & o queimarão,

uia, & com aque Antonio de Brito trazia preſes cento & vinte ſoldados, & fazendoſe a vella atraueſſou a outra coſta de noite, & foi demandar o porto de Lobu, ſem elle serem vista da terra. E ſendo paſſado o quarto da Modorra embarcouſe nos nauios ligeiros porque ya na ſua nao, & entrou pelo rio, & ſem ſer ſentido de ſer barcou na cidade, mandandolhe priſtisino que tudo por o fogo por algũas partes, & como era de madeira & palha, ateouſe em toda com taõ grande eſtrondo, & terremoto, que foi couſa eſpantoſa. Como iſto tomou todos repouſando & deſcuidados, não fizerão mais que ſaltar fora das camas, & fugir pera as ruas, onde acharão os noſſos que não fazião mais que matar, & andar, não perdoando a couſa algũa, fazendo tamanha deſtroiçaõ, & tomando tão cruel vingança da afronta paſſada, que ficou perpetuamente per memoria naquella cidade. Depois de deixarem tudo poſto a ferro, & a fogo, embarcarãoſe muito a ſua vontade & tomarão a galé que eſtaua no rio com toda ſua artelharia & outras muitas embarcaçoẽs, & pondo o fogo, a outra copia d'ellas que eſtauão em eſtaleiro ſe foraõ pera Malaca, onde foraõ recebidos com triunfo. Iorge Cabral ſabendo de Antonio de Brito do eſtado em que Maluco eſtaua, deſpedio logo duas nauetas, & hum iunco, cheios de mantimentos & muniçoẽs, & dous mil cruzados em roupas, & cem homens Portugueſes pera ſoccorro. A capitania d'eſtas vellas deu a hum fidalgo chamado Gonçalo Gomez d'Azeuedo. Eſte ſoccorro partio na entrada de Ianeiro de vinte & ſete, quaſi no meſmo tempo que de Maluco partio Martim Correa a pedir ſoccorro, & da jornada d'ambos adiante daremos rezaõ.

CAPITVLO V.

De como dom Simão de Meneſes ſoltou Pero Maſcarenhas, & dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz, & da armada que eſte anno de vinte & ſete partio de Portugal, & de como duas naos d'ella ſe perderão na illa de ſaõ Lourenço.

TORNANDO a continuar cõ as couſas dos dous Gouernadores q̃ deixamos com a reposta que Lopo Vaz deu aos requerimentos de Pero Maſcarenhas, com que chegou Mem Vaz a Cananor, & tanto que foi viſta por Pero Maſcarenhas, & que leo as cartas dos fidalgos que ficauão preſos, bem vio que Lopo Vaz queria leuar aquelle negocio por força, & ajuntandoſe com dom Simão, mandou cha-

mar o feitor escriuães, & mais officiaes, & os casados, & perante todos fez Pero Mascarenhas hum protestoa dom Simão, mandando lhe ler os que mandara fazer a Lopo Vaz, & a reposta que deu a elles, & mandou a Mem Vaz que retirasse ali tudo o que passara, & o modo de como fora a prisaõ daquelles fidalgos. Depois de tudo isto notificado lhe requereo da parte d'elRey, que pois Lopo Vaz se não queria por com elle a direito, antes mostraua vsar de força, que o reconhecessem a elle Pero Mascarenhas por Gouernador da India, conforme àquella soccessaõ d'elRey, & auto da posse que fora dada naquella fortaleza, mandandolhe ler tudo nouamente, & que pois Lopo Vaz não queria justiça que pera isso tinha elRey os fidalgos como elle na India, pera não consentirem cousas tanto contra seu seruiço. Dom Simão ficou de todo escandalisado do modo de Lopo Vaz, & logo mandou tirar os ferros a Pero Mascarenhas, & o leuou a igreija, & presente o pouo todo mandou ler sua soccessaõ, em que elle socedeo por morte de dõ Anrique de Meneses, & o auto da entrega da gouernãça, q̃ foi feita a Lopo Vaz, ate sua vinda de Malaca, & todos os mais que foraõ feitos, & das resistencias que lhe Afonso Mexia fez em Cochim, & todas as mais cousas passadas até aquelle dia. Depois de tudo lido, disse Pero Mascarenhas alto que todos ouuiraõ, tudo aquillo senhores vos foi notificado pera que saibaes quaõ injustamente fui injuriado, prezo, & maltratado, como se eu fora algum malfeitor, & que quisera entregar a India aos mouros, sobre a merce que me fez elRey da gouernança da India, pelos muitos, & muy grandes seruiços que nella, & em outras partes lhe tenho feitos, & agora por remate de todos, com lhes segurar Malaca com a tomada de Bintão, cuidando que vinha receber o galardão d'elles, fui espancado de Afonso Mexia, preso em ferros de Lopo Vaz, cousa tão fea, que ate os mouros, & gentios de todo o Oriente se escandalisaõ disso. Afonso Mexia, que por rezão de seu officio era obrigado a fauorecer o seruiço d'elRey, & não consentir a Lopo Vaz fazerme tamanha força, o fez tanto ao contrario, que como meu imigo capital ordio todas estas discensoẽs, com querer dar entendimento à carta d'elRey, differẽte do que era sua tenção, e tem com isso posta a India em bandos, & diuisoẽs, & em perigo de se perder: & Lopo Vaz o ajuda por sua parte ẽ se não querer por comigo a direito, & por não ir a requerer minha justiça (por saber q̃ a tenho) me empedio a entrada de Goa, mãdãdome preso em ferros, como visres, pera esta fortaleza, como se eu

pretendera entregar o estado da India ao Turco, & publicamente diz que por armas se ade sustentar n'aquelle lugar, & assi parece que quer nellas por sua justiça, pois prende & maltrata a todos, que por minha parte lha requerem, & agora com a prisaõ d'aquelles fidalgos que saõ os principaes que elRey tem na India, ficou tão vfano que segundo tenho por cartas, esta apostado a vir cercar esta fortaleza, & prender o senhor dom Simaõ, que a mim ja o tem feito em tempo que ha taõ certas nouas de galés de Rumes. Todas estas cousas saõ mũy claros sinaes de homem aleuantado, & que lhe da pouco, assi da prouisaõ d'el Rey, como de tão honrados vassallos como tem neste estado, & a todos os que não saõ seus parentes, & criados, parece mal o modo de como procede neste negocio. Pello que senhores vos requeiro a todos os que presentes estaes, & de nouo o torno a fazer ao senhor capitaõ, & officiaes da justiça, & fazẽda d'el Rey, que vista a contumacia de Lopo Vaz, & como quer vsar de força, & não de justiça (pois trabalha tanto por eu naõ chegar com ellle a direito, sobre a gouernança da India, que elRey me tem dado primeiro q̃ a elle,) q̃ todos me ayaes por vosso Gouernador, & me entregueis a India, por vossa parte, pois todos ja me obedecestes, pera que com este fauor, & cõ outros que espero possa constranger a Lopo Vaz, a se por comigo a direito, pera que fique a gouernança a cuja for, porque não pretẽdo outra cousa mais, que paz, & quietação da India, porque se não perca, vindo a ella a armada dos turcos. E torno de nouo a requerer, & a vos notificar, que consintaes no que vos peço, & quando não, protesto d'el Rey volo estranhar, & de lhe dardes conta dos males que socederẽ, & de auer por vossas fazendas, todas as perdas & danos que disso receber. De tudo isto que tenho dito vos tabaliaõ me dareis hum estromento com suas repostas, ou sem ellas, & calouse. Todos os que presentes estauão a hũa voz disseraõ, que não tinha necessidade de cousa algũa, que elles o conheciaõ por seu Gouernador, & que como a tal estauão prestes pera lhe obedecerem, & logo se fez hum auto disso em que todos se assinaraõ, & dom Simão de Meneses assentou na cadeira, & lhe deu menagem da fortaleza em suas maõs, como a Gouernador da India, em nome de elRey de Portugal, de que tudo se fizeraõ papeis, & o Gouernador se agasalhou na fortaleza com dom Simão, correndo com as cousas como Gouernador. E posto q̃ o Castanheda não declara se elRey de Cananoro ouue por Gouernador, & o tratou, & visitou como esse, quanto a nos dõ Simão lho fez primeiro a saber

como

como o fazia a todas as couſas que ſocedião, pella pontualidade com que corrião com elle em amiſade. As nouas diſto chegarão logo a Cochim, que cauzaraõ em todos grande aluoroço, & Afonſo Mexia ficou ſobreſaltado, porque ja lhe não vinha bem gouernar Pero Maſcarenhas, pellas afrontas que lhe tinha feito, de que receaua que ſe vingaſſe. O veraõ entrou logo, & de Cochim & Coulão ſe vierão pera Pero Maſcarenhas algũs capitaẽs de nauios, & outras muitas peſſoas, & lhe derão a obediẽcia, cõ o que elle ficou cõ mais cõfiança de Lopo Vaz ſe por cõ elle a direito, & quãdo por aqui não pudeſſe leuar eſte negocio ao cabo, aueria q̃ não era Deos ſeruido diſſo, & tratou de não lhe ficar couſa algũa por fazer. E porque da carta de Chriſtouão de Souſa (que atras diſſemos) entendeo que auia ſua priſaõ por injuſta, quis darlhe cõta do eſtado em que ficaua, pera ver ſe o podia grangear pera o ter de ſua parte: por que como era hũ dos principaes fidalgos da India, muito aparentado, & rico, & eſtaua certo penderem todos a ſua parte d'elle, cõ o que ficaria ſendo ſua juſtiça mais certa, logo deſpedio hum nauio ligeiro pera Chaul em que foi Franciſco Mendez de Vaſconcellos com cartas pera elle & procuraçõẽs baſtantes pera o q̃ foſſe neceſſario, & os treſlados dos autos de como ficaua obedecido por Gouernador, pedindolhe q̃ requereſſe a Lopo Vaz, que ſe poſſeſſe cõ elle a direito, & quando o recuzaſſe, que lhe obedeceſſe a elle como tinha feito dom Simãõ, pois elle era o que queria juſtiça pera paz & ſoſſego de toda a India: & mandou outro requerimẽto a Lopo Vaz, aſsi por ſua parte, como pella de dõ Simão, em que lhe requerião ſoltaſſe os fidalgos que tinha preſos, eſcreuendo a todos cartas de offerecimẽtos, & eſperanças de çedo ſerem ſoltos. Franciſco Mendez chegou a Goa, & deu os requerimentos que leuaua na mão do Secretario, & as cartas aos fidalgos. O Secretario leuou os papeis a Lopo Vaz, & por elles ſoube como Pero Maſcarenhas ficaua ſolto, & obedecido por Gouernador, & brauejando ſobre iſſo, caindo no erro que fizera em o confiar de ninguem, receando que lhe entraſſe hũ dia de ſupito em Goa, o que ſeria ſua perdição: porque ſabia de certo, que em pondo ali os pés, lhe auião de acodir todos os fidalgos. Pello que deſpedio Simão de Mello em hũa galeota, & hum bargantim pera ſe ir por em Goa a velha, porque não entraſſe por aquella barra: era iſto ainda entrada de Agoſto, & poucos dias logo depois chegaraõ à barra as duas naos da inuernada do anno paſſado, de q̃ erão capitaẽs Vicẽte Gil, & Antonio d'Abreu, q̃ ſurgiraõ aos dezaſeis d'aquelle mes, & deſẽbarcando

cando forão ao Gouernador, que lhes deu conta das cousas dantre elle & Pero Mascarenhas, & lhes mostrou as sucessões, assi hũas como outras, & todos os mais papeis, sobre o que lhes pedio seus pareceres, rogandolhes, que liuremente lhes dissesem se era por virtude d'aquellas prouisões verdadeiro Gouernador da India, & não se contentando com aquillo lhes deu juramẽto dos santos Euangelhos. Os outros como não tinhão mais informação, que aquelle elle mesmo deu, & os tomou depressa pera que logo lhe respõdessem, disseraõ, que pello que lhes tinha dito, & por aquelles papeis, estaua de muito boa posse. D'isto mandou fazer hum termo em que ambos se assinarão. Passado isto, aos seis de Setembro, chegaraõ a barra duas naos do Reino, de cinco que tinhão partido, de que era capitão mor Manoel de Lacerda, que por culpa do seu piloto varou na ilha de saõ Lourenço, & o mesmo fez outra nao que o seguia, de que era capitão Aleixos d'Abreu, que ambas juntas varaõ na baya de Santiago, que jaz da banda do ponente, em vinte graos & meyo: & foi em parte que se saluarão todos em terra: & por se segurarem da gente d'ella, ordenarão hũas tranqueiras em que se recolheraõ com algũas armas que saluaraõ, & com as cousas que tiraraõ das naos, & que depois o mar trouxe a terra, cõ o que se ficarão sustentando miseranelmente, comutando cõ os da terra (que era muito falta de mãtimentos n'aquella parte) algũas cousas poucas, deixandose ficar ali esperando que passasse algũa nao a que fizessem final pera os tomar. Deixalosemos aqui ate tornarmos a elles. ¶ Das outras duas naos que chegaraõ a barra, erão capitaes Baltezar da Sylua, & Gaspar de Paiua, em que vinhão embarcados dom Ioão Deça, cunhado de Lopo Vaz de sãa Payo, que vinha com a capitania de Cananor, apos dom Simão, & Francisco Pereira de Berredo com a de Chaul. Estes fidalgos foraõ mũy bem recebidos de Lopo Vaz, & lhes mostrou os autos, & papeis, & deu conta de suas cousas, como fez aos capitaes da inuernada: & perguntandolhes que lhes parecia, differaõ que estaua de boa posse, dandolhe per isso suas rezoes, de que elle mandou fazer hum termo assinado por elles. Depois d'isto ja no fim do mes chegou a Goa outra nao que faltaua, de que era capitão Christouão de Mendoça irmão de dona Ioana duqueza de Bargança, filho de Diogo de Mendoça que vinha prouido da fortaleza de Ormuz, na vagante de Diogo de Mello. Este anno de vinte & sete foi mũy trabalhoso, de grandes terremotos,

& tre-

emores de terra em Lixboa, que cayo a mor parte d'aquella de, & ouue grãdes danos, mor- uinas, destruições, & andaua nte toda tão assombrada, que ão pellos campos, & desertos, oi tambem o facõ de Roma pel uque de Borbom.

CAPITVLO VI.

rmada que o Turco Soleimão mã lana contra os Portugueses, & das fferenças que ouue entre os capi- ães, & de como mutarão o General, & a armada se desfez.

TVRCO Soleimão, filho de Cely, que soçedeo no Imperio Othomano, os annos do Senhor nil, quinhentos, & dez, o mes- dia que o inuencivel Empera- Carlos quinto foi coroado em piſgrano: o que parece orde- Deos nosso Senhor pera en- r a soberba d'oquelle barbaro, tanto que tomou posse do go no, & começou a sentir o pezo Imperio, entre as cargas que lhe egarão muito foi ade nossas ádas, que todos os annos lhe rauão pello estreito do mar ro fazẽdo por elle grandes danos, truindolhe seus vassalos, & im indolhe a nauegação, & roma- gẽ da sua casa da abominação de Mafamede, com o que o comer- cio & rendas d'aquelle estreito es- tauão totalmente perdidas, sendo sempre as mais importantes que os Imperios Romano, & Egyptio ti- uerão, pella grossidão de suas en- tradas, & continuação de muitas naos, que de todas as partes do O- riente yão aquelles portos, carrega das de muitas & ricas fazẽdas, que rendo acodir a estas cousas, tinha os annos atras passados mandado pera isso ordenar hũa grossa arma da no porto de Sues, pera mandar a India contra os Portugueses, pera o que se leuou hũa grande soma de madeira dos montes negros, & dessas partes de Satalia, muito fer ro, cordoalha, carpinteiros, ferrei- ros, mestres de galés, & todos os mais officiaes d'ellas, o que tudo foi leuado em muitas naos por ve- zes ao porto de Alexandria, a y se desembarcarão, & em barcas fo- rão leuados pello Nilo açima ate o Cairo, onde se carregarão em Ca- melos, & por espaço de vinte & quatro legoas de terra deserta, & sem agoa, foi tudo passado a Sues, cõ despesas mũy excessiuas, onde se começarão armar as vazilhas, & galés, em q̃ gastarão cinco ou seis annos, pella incõmodidade do por to: porque ate a agoa que auião de beber os officiaes, se leuaua em ca- melos de muito longe, & pella mes ma maneira todas as mais cousas que erão necessarias, que tudo

ali chegaua à cuſta de grande ſoma d'ouro: porque como o Turco entraua neſte negocio com o zelo de ſua religião, pera deſempedir aquella romagem da caſa de Meca, tinha mandado ſe gaſtaſſem todos ſeus theſouros, & aſsi a poder d'elles ſe armaraõ ſeſenta & ſeis velas, de todas as ſortes, que ſe acabaraõ eſte anno, nomeando pera General d'eſta empreza a Soleimão Baxa Gouernador do Cairo, homem de grande conſelho & eſforço, dandolhe gente, dinheiro, monições, & artelharia, tirando tamanho cabedal de ſi, ſem embargo de andar occupado contra el Rey Luis de Vngria que com demaſiado eſforço, mas pouco conſelho, lhe apreſentou aquella batalha entre Buda & Belgrado, em que foi morto & desbaratado. Deu o Turco por regimento ao Baxa que fizeſſe primeiro que tudo hũa fortaleza na ilha de Camaraõ, por que não tentaſſe el Rey de Portugal, como ja fizera, mandar fazella ali: & que depois ſe paſſaſſe a India, & lançaſſe d'ella os Portugueſes. E querendoo honrar por eſte negocio em que o occupaua, lhe deu o cargo de Baxa de ſua camara, que he o mais a que ſe pode chegar, mandando com elle Eſcander Can, por ſeu lugar tenente, & mil Ianiſſaros da ſua guarda, homens eſcolhidos, em que entrauão Moſtafa Beran, ſobrinho do meſmo Baxa, filho de ſua irmã. Goge Cafar natural de Otranto, que ja na armada de Mir O Cem (que o ViſoRey dom Franciſco d'Almeida desbaratou, & em Dyo fora por capitão de hũa galé) homem de Ardis, & inuenções, porque uio a valer muito, & a eſte tempo era theſoureiro do Cairo, elle traz ſua molher, & hum filho ja homem, chamado Maarran, (que depois ſe chamou Rume Can, como em ſeu lugar diremos,) & duas filhas mais hũa caſada com Aſete Can, homẽ tão façanhoſo de corpo & forças, que por ellas foi depois chamado Tygre do mundo, de quẽ algũas vezes auemos de falar. Vinha mais neſta enuolta Moſtafa Carmany Elaracen, que depois foi ſenhor de Baroche, & Acem Lan caſado Cherques, que depois teue no reino de Cambaya o titulo de madre Maluco, com quem pello decurſo da hiſtoria auemos de continuar muitas vezes. E na entrada d'eſte veraõ em que andamos partio o Baxa de Suez com eſta poderoſa armada, cuja fama atreeu o mũdo, com que os mouros da India andauaõ aluoroçados, cuidando que noſſas couſas eraõ acabadas de todo. O baxa foi tomar a ilha de Camaraõ, onde com muita preſſa pos as mãos a obra da fortaleza, que acabou por todo mes d'Agoſto, & prouendoa de gente & munições, ſe embarcou pera paſſar á India: mas quis Deos noſſo Senhor que na boca do eſtreito lhe deſſem

ntes de rosto tão rijos, que
ío á voltar pera d'entro, &
do conſelho ſobre o que fa-
ſentouſe que foſſem eſpe-
ponentes de Abril em Co-
f, porto do reino de Zabic,
de Arabia, da outra banda
de Camaraõ, aonde deſem
ó em terra, & armaraõ ſuas
& porque ficauão ocioſos
queſte tempo, determinou
de conquiſtar aquelle rei-
chando contra a cidade de
dez legoas pello Sertão. Sen
elle Rey, que ſe chamaua
Hamede, auiſado da poten
Baxá largando a cidade, fu-
n pera o Sertão, ficando a
ſó, que ſeus moradores taõ
quiſeraõ ſegurar. O Baxá
n'ella, & mádou lançar pre
ellas aldeas vizinhas, pera
dos os da cidade ſe tornaſ-
remente pera ſuas caſas, pro
dolhes honras & fauores,
que acodirão logo. O Baxá
o aquella cidade de guarni
ndo nella por Gouernador
Eſcander, ficando ali eſpe-
a mouçaõ, pera paſſarem a
Mas como Deos noſſo Se-
inha os olhos n'ella, & a que
ardar & defender, pera que
da ella foſſe dilatada ſua
fé, ordenou aquellas couſas
ção, que ſe deſfez a armada,
e ſe paſſara à India n'aquel-
po de tantas diuiſoés, ſem
a ſe perdera de todo. E foi a
couſa deſta maneira. Antre o Ba-
xá & Mir Eſcander, começaraõ a
auer algũs arrufos no principio, a-
inda que pequenos, que creceraõ,
& ſe vierão a acender por eſta ma-
neira. Tiueraõ os Ianiçaros quei-
xas do Baxá, ou ſobre as prezas de
Zebit, ou ſobre a paga, de que elle
fez pouco caſo, & como ſabião o
deſgoſto que Mir Moſtafá tinha
do Baxá, trataraõ com elle em ſe-
gredo de o matarem, o que fize-
rão, dando hum dia de ſupito nas
ſuas tendas que roubaraõ, & eſca-
laraõ. Moſtafa ſobrinho do Baxá
vendo o tio morto, recolheoſe às
ſuas galés com os Ianiçaros de ſua
valia, em que entrauão os que aci-
ma nomeamos, que eraõ capitaés
das galés, & ſe apoderou do theſou
ro, & tratou de ſe fazer cabeça da
armada, ſolicitando a gente pera o
ſeguirem na jornada da India, a-
que o tio ya enuiado, prometen-
dolhes grandes prezas, & riquezas,
de que todos zombarão, porque
yão muito deſgoſtoſos naquella
jornada, por ſer contra Portugue-
ſes cuja fama das vitorias que cada
dia tinhão na India, os trazia aſ-
ſombrados, o que viſto por Moſta
fá com os capitaés de ſua valia, q̃
eraõ cinco, ſe foraõ em ſuas galés
pera outro porto, leuando nellas
quatrocentos turcos, a mor parte
d'elles eſcrauos que foraõ do Ba-
xá, & como tiueraõ tempo, em
Abril ſe paſſaraõ a Xael de que a-
diante falaremos. Os mais capi-

taés

taẽs das galés vendose sem cabeça embarcados nellas se tornarão pera Sues, onde as vararão, leuando noua ao turco do sucesso que em estremo sentio, porque lhe custou aquella jornada hũa grande soma d'ouro, ficando Mir Escander em Zebit com muitos turcos que cõ elle quiserão ficar, & logo se apelidou Rey. Fernão Lopez de Castanheda, & Petro Mapheo, dizẽ que Mostafá & Cogeçofar matarão o Baxá, & que se forão pera Cambaya, no que forão mal informados, porque esta verdade nos a aueriguamos com Caracen, hum destes laniçeros estando por capitão de Baroche, com que conuersamos n'aquella cidade por ser homem muito amigo dos Portugueses: & depois que nos foi encomendada esta historia o tornamos a retificar com hum mouro Arabio chamado Benãoder, que n'este tẽpo estaua em Adem, & nos contou nesta cidade de Goa todas as particularidades d'esta jornada, de que não fazemos menção, mais que das cousas substanciaes que seruẽ pera a nossa historia. As nouas d'este socesso chegarão a Chaul, entrada de Setembro por algũas naos de Meca, que aquelle porto forão, com que Christouão de Sousa ficou desaliuado, & logo as enuiou a Lopo Vaz. Pouco depois chegou aquella fortaleza Francisco Mendez de Vasconçellos, com as cartas de Pero Mascarenhas, do Simão,

autos, & mais papeis que leu
por que soube ficar Pero M
carenhas obedeçido por Gou
dor em Cananor, apresentan
lhe, & notificandolhe com hu
balião o mesmo Francisco M
dez hum protesto, & requerim
to por parte de Pero Masc
nhas, em que requeria a elle C
touão de Sousa que lhe obede
se, & conhecesse por Gouern
da India, conforme a socessaõ
Rey que se abrio por morte d
Anrique, já que Lopo Vaz qu
vsar de poder, & não se queria
com elle a direito, protestand
auer por elle Christouão de S
(não lhe querendo obedecer)
das as perdas & danos que diss
cebesse, & de dar conta a ell
d'aquelle negoçio, & elle lho
tranhar & castigar, por conse
a Lopo Vaz vsar de força. Chri
uão de Sousa vendo aquillo, c
mou a conselho o feitor, Alca
mor, fidalgos, & caualeiros que
se acharão inuernando com
que eraõ muitos, & lhes deu co
d'aquelle negocio, & da prizão
fidalgos, & do escandalo que
todos auia d'ella, & de Lopo V
querer vsar de força & poder
não se querer por a direito c
Pero Mascarenhas, mostrandol
todos os requerimentos, & prot
tos, & todos os mais papeis pedi
dolhes, que lhes dissessem o q
mais lhes parecesse cumpria
seruiço d'elRey. Visto por tod

mui

muito bem aſſentaraõ que obedeceſſe a Pero Maſcarenhas por Gouernador da India, com declaração, qúe a todo tempo que Lopo Vaz ſe quiſeſſe por a direito com elle, tornaſſe a couſa a ficar deuoluta ate ſe aueriguar por juſtiça, a qual d'elles pertencia a gouernança, & que logo ſe auia de acudir aquillo, antes que Lopo Vaz aquiriſſe maiores forças, com que ſe quiſeſſe ſuſtentar n'aquelle lugar por armas, dando pera iſſo muitas rezoés, com que Chriſtouão de Souſa determinou obedecer a Pero Maſcarenhas, mandando fazer hum auto de tudo o que ſe ali aſſentou, com que ſe aſsinarão todos os que ſe acharão n'aquelle parecer, com declaração, que ſe notificaſſe a Lopo Vaz, que ſe puſeſſe a direito com Pero Maſcarenhas, & que então ſe julgaſſe qual era o legitimo Gouernador: & aſsi logo começaraõ a nomear Pero Maſcarenhas por eſſe, eſcreuendolhe Chriſtouão de Souſa pello meſmo Franciſco Mendez de Vaſconcellos, de como ficaua obedecido por Gouernador, mandandolhe o treſlado do auto que ſe fez. O meſmo eſcreueo a Lopo Vaz, de que elle ſe tomou muito, deſpedindo logo Antonio da Sylueira com hũa armada a Chaul, dandolhe por regimento, que requereſſe a Chriſtouão de Souſa, que lhe entregaſſe a armada que tinha em Chaul, mandando embarcar com elle Franciſco Pereira de Berredo pera o meter de poſſe d'aquella capitania, de que era prouido por elRey. Antonio da Sylueira chegou a Chaul, & à barra lhe mandou Chriſtouão de Souſa requerer que não entraſſe d'entro, porque naõ auia de obedecer a nenhum mandado de Lopo Vaz, porque ſó a Pero Maſcarenhas conhecia por Gouernador da India, que ſe ſe quiſeſſe ver com elle, que elle yria em hum catur, & que vieſſe elle em outro ao meyo do rio, onde ſe ajuntarião, & a y falarião, & aſsi ſe fez. Antonio da Sylueira lhe notificou o regimento de Lopo Vaz, aque Chriſtouão de Souſa reſpondeo, que lhe não auia de obedecer, porque tinha mandado em contrario do Gouernador Pero Maſcarenhas, & que não auia de entregar aquella fortaleza a ningem, ſe não por prouiſaõ ſua, ſobre o que hum & outro fizeraõ ſeus proteſtos, & requerimentos, & Franciſco Pereira outros contra Chriſtouão de Souſa, pellos ordenados da capitania, & de tudo tiraraõ ſeus inſtrumentos & papeis.

CAP.

CAPITVLO VII.

De hum aſsinado que Antonio de Miranda d'Azeuedo, deu a Pero Maſcarenhas de lhe obedecer, & do que aſsentaraõ o meſmo Antonio de Miranda, & Chriſtouão de Souſa ſobre as couſas dantre os Gouernadores.

ANTONIO de Mirãda d'Azeuedo, capitão mor do mar, que inuernou em Cochim, tanto que foraõ quinze de Setembro, que o tempo lhe deu lugar negociando ſua armada, deu a vela pera Goa, tomando Cananor, pera prouer aquella fortaleza do que tiueſſe neceſsidade, & ſurgindo na baya, lhe mandou o Gouernador Pero Maſcarenhas fazer hum requerimento, aque foi dom Simão em peſſoa com hum tabalião, em que lhe requeria da parte d'elRey, que pois o meſmo dõ Simão, & Chriſtouão de Souſa, com a maior parte dos fidalgos da India o tinhaõ auido, conhecido, & obedecido por Gouernador, por virtude de ſua ſoceſſaõ, fazendo elle primeiro tantos proteſtos & requerimentos a Lopo Vaz (que indiuidamente ſe apellidaua Gouernador naõ oſendo elle ſe não em ſua auſencia, porque a ſoceſſaõ em que elle ſocedeo não podia ſer aberta, tendoſe ja vſado da ſua,) & que elle Maſcarenhas por paz, & ſo da India, queria por ſuas c em juſtiça, o que Lopo Vaz queria conſentir, ſe não vſar d ça, que pois elle requeria ju diuia elle Antonio de Mira como capitão mor do mar ob cerlhe, & entregarlhe aquella da, pera a tornar a receber d mão, porque aſsi podia ſer q moueſſe Lopo Vaz a ſe por elle a direito quando ſe viſse armada, que elle não queria ſenão que ſe julgaſse qual del uia de ſer Gouernador da I porque ſe o era Lopo Vaz, el ro Maſcarenhas ſe queria ir o reino, a dar rezão de ſi a el porque d'outra maneira dari conta de ſi. E quando elle A nio de Miranda lhe não qui obedeçer, que elle proteſtaua uer por elle ſeus ordenados, elRey o caſtigar como lhe par ſe juſtiça, & o caſo requeria. A nio de Miranda vendo as juſt çoẽs de Pero Maſcarenhas, & tudo o que requeria era juſtiç que Lopo Vaz fugia tanto, re deo ao requerimento, que por ra elle não podia fazer mud de ſi ate ſe não ver cõ Lopo & ſaber d'elle ſeſe queria por reito com elle, & que não o rendo fazer então lhe obede a elle Pero Maſcarenhas, & o ria por Gouernador. Com eſt poſta tornou dom Simão a

Ma

Maſcarenhas, que não ficou ſatiſfeito d'ella, & todauia tornou a mandar pedir por dõ Simaõ, que lhe deſſe hum aſsinado d'aquillo que prometia, ſobre o que debateo com dom Simaõ, & por fim ou ue de o conceder, que continha o ſeguinte. Digo eu Antonio de Miranda d'Azeuedo capitão mor do mar da India, que eu me obrigo ao ſenhor Pero Maſcarenhas de fazer com o ſenhor Lopo Vaz de ſaõ Payo, que hora he Gouernador da India, que ſe ponha a direito com elle (que taõbẽ pretẽde ſello,) ſobre qual d'elles deue de ficar com o gouerno, & não querẽdo elle porſe a juizo, por eſte dou minha fé, & faço preito menagem ao dito ſenhor Pero Maſcarenhas, de me ir pera elle, & lhe obedecer, como a verdadeiro Gouernador. Feito & aſsinado por mim aos dezaſete de Setembro, de mil, quinhentos, vinte & ſete. Dado eſte aſsinado ſoltou a vela pera Goa, onde chegou em breues dias, & vendoſe com o Gouernador lhe deu conta de tudo o que paſſou com Pero Maſcarenhas, & do aſsinado que lhe deu, dizendolhe que pois Pero Maſcarenhas não requeria mais ſe não que ſe puſeſſe com elle a direito ſobre qual d'elles auia deſer Gouernador, que parecia querer vſar de força, não o querer elle conſentir: que ſe lhe parecia que tinha juſtiça deuia de o ſatisfazer, por ſe quietar, & ſe acabarem tantas diuiſoẽs antre todos os fidalgos. Lopo Vaz lhe eſtranhou muito o que tinha feito, affirmandolhe que ſe não auia de por em direito com Pero Maſcarenhas ſobre a merce que lhe elRey fizera, & que bem ſe podia tornar pera elle como ſe lhe obrigara, por que não faltaria aquem dar a capitania mor do mar da India. Antonio de Miranda ſe deſculpou, certeficandolhe, que não déra aquelle aſsinado com tenção de o comprir, ſenão por ſe liurar de Pero Maſcarenhas, pello ver tão danado, que reçeou algum deſmancho. Lopo Vaz esbrauejou, & diſſe a Antonio de Miranda, que logo ſe partiſſe pera Chaul: dandolhe por regimento, que tomaſſe a armada que la eſtaua, & fizeſſe meter de poſſe d'aquella fortaleza a Franciſco Pereira de Berredo. Não faltaraõ homens amigos de nouidades, que aconſelhaſſem a Lopo Vaz, que prendeſſe Antonio de Miranda, & que lhe tiraſſe a armada, o que polla ventura ſeria mais por cada hum d'elles a pretender, que por verem que auia pera iſſo rezaõ. Lopo Vaz diſsimulou aquelles conſelhos, por não fazer com iſſo mor onião nos homens, porque não lhe vinha bem eſcandalizar tantos. Antonio de Miranda chegou a Chaul, onde ainda achou Antonio da Sylueira, que lhe deu conta do que tinha paſſado com Chriſtouão de Souſa, elle lhe pedio

dio ſe detiueſſe ate ſe ver com elle, porque ja ſe leuaua pera dar à vela. E logo mandou recado a Chriſtouão de Souſa, que importaua ao ſeruiço d'elRey vereſſe, ao que lhe reſpondeo, que ſe era pera lhe entregar a armada, & capitania da fortaleza, que ja tinha reſpondido ſobreiſſo a Antonio da Sylueira, & com iſſo lhe mandou fazer hum requerimento pellos officiaes, em companhia de todos os fidalgos, que ali auia, em que dizia: que viſſe bem a força que Lopo Vaz, & Afonſo Mexia fazião a Pero Maſcarenhas, em lhe tomarem a gouernança da India, ſem ſe querer Lopo Vaz por com elle em direito, ſobre a qual delles pertencia, que lhe requeria da parte d'elRey, como a peſſoa tão principal na India, & capitão mor do mar, fizeſſe com Lopo Vaz, que não vſaſſe naquelle negocio, de poder abſoluto, & que conſentiſſe ficar em direito & juſtiça, pera ſe fazer aquem a tiueſſe, & que em ſua mão eſtaua determinarſe eſte caſo, & acabarenſe todas as diſcenſões que auia na India. De tudo que lhe notificaraõ ſe fez hum termo aſsinado por todos aquelles fidalgos. Antonio de Miranda reſpondeo, que elle ſe iria ver com elle à fortaleza, como logo fez, indo ſó, & ambos em ſegredo praticaraõ ſobre aquellas couſas, & por fim vieraõ a cõcluir, fizeſſem com Lopo Vaz, que ſe poſſe a direito com Pero Maſcarenhas, fazendo ambos hũs ap mentos, ſobre o modo que ſe teria, que era o ſeguinte. q julgaſſem aquellas differen antre ambos os Gouernador ſete juizes, que elles elegerão & fizeraõ d'elles hum rol aſsi por ambos, pera ficar em maõs, em ſegredo, ſem peſſe gũa ſaber quaes eraõ, & q não deſcobririaõ ſe não a hor os chamaſſem pera a ſentenç quaes logo nomearaõ, que Antonio de Miranda, dom Deça, Franciſco Pereira de B do, Balteſar da Sylua, Gaſpar lua, Frey Ioão Daltui, da orden menores, Frey Luis da Vitor ordem dos pregadores amb trados. Neſta eleiçaõ ſe con logo a tomar a juſtiça a Pero carenhas, porque todos aq juizes tirando aquelles frad nhão dado aſsinados a Lopo de como elle era verdadeiro G nador, & bem o entenderaõ mas trataraõ de quietar por Lopo Vaz, porque ainda q deſſe por elle a ſentença, ja e depoſſe da gouernança, & Maſcarenhas ainda que por e lhe tomaſſem o direito, depoi ficaria reſguardado pera elR ſatisfazer, porque ſo trataraõ fidalgos de apaziguar a I Chriſtouão de Souſa não quis elle, nem fidalgo algum ſeu p te entraſſe na conta dos juizes que não ficaſſe Lopo Vaz t

pejo nelles: porque tudo aqui ſe trataua a ſeu goſto. Os apontamẽtos que ſe auião de publicar eraõ eſtes. Que Antonio de Miranda daria hum aſsinado a Chriſtouão de Souſa tal como o que dera a Pero Maſcarenhas, & outro em que ſe obrigaſſe a elle Chriſtouão de Souſa, pera poder ir a Goa em ſua companhia, & falar ſegurамente com Lopo Vaz, ſem perjuizo de ſua fazenda, parentes, & amigos, pera que liuremente lhe podeſſe requerer, o que lhe pareceſſe ſeruiço d'elRey, ſem enteruirem palauras fóra da materia: & que chegando todos a Goa, ficaria a armada fora da barra, & Antonio da Syluelra genro de Lopo Vaz d'entro nella, em refens, em poder de peſſoas de cõfiança, & a armada entregue a hum fidalgo que daria a menagem a elle capitão mor: & que declaraſſe que ſendo caſo, que Lopo Vaz prendeſſe a elle Chriſtouão de Souſa, que em tal caſo o que ficaſſe na armada, ſe foſſe com toda ella pera Pero Maſcarenhas, & que lhe obedeceſſe como a Gouernador: & que Chriſtouão de Souſa daria hum aſsinado aſsi por elle, como por todos os fidalgos que eſtauão com elle, em que ſe obrigaſſem a obedecer a elle Antonio de Miranda com toda a armada que em ſeu poder tinha ate chegarem a Goa; & que não querendo Pero Maſcarenhas conſentir no q̃ elles tinhaõ ordenado, ſe foſſem todos pera Lopo Vaz, & lhe obedeceſſem, ſem mais ſer ouuido Pero Maſcarenhas, & que o Alcaide mor que ficaſſe em Chaul, prometeria taõbem de entregar aquella fortaleza a Lopo Vaz pella meſma maneira: & que conſentindo ambos os pretenſores, que ſe puſeſſe ſua cauſa em direito: que antes dos juizes pronunciarem nella couſa algũa, prometerião ambos com juramento, que o que d'elles ficaſſe no gouerno, não entenderia na peſſoa, fazenda, parentes, amigos & criados do outro, nem desfaria o que outro tiueſſe ja feito ate entaõ, & a qualquer d'elles que niſto não cõſentiſſe lhe deſobedeceſſem. E que tanto que ambos chegaſſem a Goa ſerião logo ſoltos Eitor da Sylueira, & os mais fidalgos que eſtauaõ preſos, que taõbem prometerião de guardar o que ali determinauão: & que eſte negocio ſe determinaria em Cochim, onde ſe ajuntarião ambos os pretenſores, & que em partindo Lopo Vaz de Goa deſiſtiria da gouernança, & iria como peſſoa priuada em poder de Antonio de Miranda, & que chegando a Cananor, ſe entregaria taõbem de Pero Maſcarenhas, & que Lopo Vaz ficaria entregue a Chriſtouão de Souſa, ou a dõ Simão de Meneſes, peraq̃ o leuaſſe nos nauios em q̃ foſſem, que alem do ſeguro q̃ Antonio de Miranda auia de auer pera Chriſto

ção de Souſa do Gouernador, lhe
auiſaria outro do capitão & vere-
adores da cidade de Goa, que jura-
rão que não guardando o Lopo
Vaz o ſeguro obedecerião a Pero
Maſcarenhas. Eſta páuta ſe leo p
todos os que eſtauão na fortaleza;
& Chei tolouro de Souſa lhes diſſe
a cauſa porque a fizera, requerẽdo
que lha aſſinaſſem, & por ẽ me ſup-
to; & de tudo ſe fez termo em que
todos aſſinarão, ſendo por Caſ-
par Afonſo tabalião em quatro de
527- Outubro de mil & quinhentos, &
vinte & ſete annos.

CAPITVLO VIII.

De como ſe mostrou a pauta a Lopo Vaz, & de como jurou de a comprir, & ſe partio pera Cochim, aonde ſe auia de julgar a contenda, & do que paſſou em Cananor com Pero Maſcarenhas.

CONCLVIDO iſto que foi o mi-
lhor modo que pode ſer pera a
quietação da In-
dia, partirão to-
dos aquelles fidalgos pera Goa, fi-
cando a fortaleza de Chaul entre-
gue a Aluaro pinto Alcaide mor
d'ella. Chegados a Goa, foiſe An-
tonio de Miranda ver com o Go-
uernador, & perante o Licẽceado
do Ioão de Souto Ouuidor geral,
& o Secretario Antonio Rico,
moſtrou a páuta, dizendolhe
fizera aquillo por comprir aſſ
ſeruiço de Deos, & d'elRey, &
uitarem grandes males, que
tauão ordenados. & q pellos
tos proteſtos que em Chaul lh
zerão conſentira a aquillo, m
contra ſua vontade: por que
ſabia que elle era o verdadeir
uernador, & que pera ſua ju
trabalharia que os juizes fo
ſem ſuſpeita, & ſete ſomente,
ra terem menos que apurar
Gouernador ficou ſobreſal
cõm aquillo, dizendolhe que
tinha a culpa, pois ſe fiara mai
le depois que dera o aſſinado
ro Maſcarenhas, & que ſe cu
ra que fizera aquillo por e
males, que agora ficauão
mais prenhes: & querendolhe
tonio de Mirãda dar mais rez
lhas não quis ouuir, dizend
que ja que aſſi era, entendeſſe
os juizes não auião de ſer ma
ſete como lhe tinha dito, o
lhe elle certeficou que não ſe
mais. E porque vio Lopo
tão acezo, & cheio de pai
ſem embargo do juramento
tinha feito lhe deſcubrio os
zes que eſtauão declarados,
o que Lopo Vaz ſe deſapaixo
ficando mũy deſaliuado, &
pedio lhe deſſe hum aſſindo
de ſerem juizes aquelles que
tinha dito, que lhe elle deu,
que ſe aſſinarão o Ouuidor g

& o Secretario. Lopo Vaz mostrou a pauta a Pero de Faria, & a seus amigos, que lhe aconselharaõ consentisse nella, porque naõ o fazendo se aleuantariaõ todos contra elle, & perderia o direito que tinha na gouernança, & o mesmo lhe disseraõ os vereadores, aquem deu cõta daquelle negocio: & por fim de tudo disse a Antonio de Miranda que consentia na pauta, mas que à uia de ir como Gouernador ate Cananor, & que a honra de Afonso Mexia fosse guardada, & que julgandose o negocio por Pero Mascarenhas naõ o tiraria dos officios que tinha, do que Antonio de Miranda foi contente, & lhe passou disso seu asinado. Pello que logo se soltaraõ os prezos, & passou seguro a Christouão de Sousa pera poder entrar em Goa, por que ate então estaua na barra (onde foi auisado que Lopo Vaz trataua de o prender, & o mesmo a Antonio de Miranda) & deixouse ficar fora sem querer entrar d'entro. Pello que assentou com Antonio de Miranda, que dissessem na aguada hũa missa, & que nella tornassem a reteficar o juramento que tinhaõ feito, & de nouo se obrigauão a Lopo Vaz ir ate Cananor por Gouernador, & assi a segurança de Afonso Mexia, o que juraraõ de nouo aleuantandose a hostia, estando presentes por parte de Lopo Vaz Dom Ioaõ Deça, & o Secretario, que de tudo fez hum assento, em que se declarou, que tanto que Lopo Vaz chegasse a Cananor se desembarcaria do galeão saõ Dinis (por ser tão poderoso que só com elle poderia pelejar com toda a armada da India) & que como reteudo se entregaria a Antonio de Miranda na sua galé, do que Lopo Vaz foi contente, & o jurou estando em saõ Francisco, ao leuantar do santo Sacramento, fazendo algũas declaraçoẽs & protestos que lhe conuinhaõ. Aos vinte & dous dias de Outubro se embarcaraõ todos, & chegaraõ a Cananor aos seis de Nouembro: & desembarcando Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda, forão dar conta a Pero Mascarenhas de tudo o que era passado, dizendolhe elle que tudo consentiria por pacificaçaõ da India, posto que tinha entendido, que todos trataũão de lhe tomarem seu direito, por que ja Antonio de Miranda tinha descuberto o segredo dos juizes a Lopo Vaz como vira por hũa carta sua que ouuera as maõs por suas intelligencias, escrita ao veador da fazenda, em que lhos nomeaua, & antre elles a Frey Ioaõ Dalui, que lhe tinha prometido de votar por elle, mostrandolhe logo a mesma carta, do que Antonio de Miranda ficou atalhado. Pero Mascarenhas lhe requereo, que se lançasse fora Frey Ioaõ Dalui, pois era suspeito, & declarara

declarara sua tenção, & que em seu
dogar entrasse Christouão de Sou
sa: & que bem podia ser hum
dos Juizes pois o era elle Anto-
nio de Miranda razõ bem; mas
Christouão de Sousa se escusou
com dizer que Lopo Vaz o tinha
por mais sospeito que a todos: pel
lo que em lugar de Rey Ioão
Daloi, nomearão aquelles fidal-
gos em segredo entre si cinco jui-
zes mais, que forão Lopo d'Aze-
uedo, Antonio de Brito, que fo
ra capitão de Mulnco, Nuno Vaz
de Castel Branco, Tristão Dega,
& Bastião Pirez Vigairo geral
da India: o que se fez sem em-
bargo de Antonio de Miranda
ter dado o assinado o que dissemos
a Lopo Vaz de não serem mais
de sete: assentado isto ao outro
dia estando todos a missa, virã-
dose Bastião Pirez Vigairo geral,
com o santo Sacramento nas
mãos pera o pouo, jurou Pero
Mascarenhas de comprir a pauta,
em que auia por bem, que fican-
do Lopo Vaz por Gouernador o
pudesse mandar preso pera o rei-
no, & o mesmo juraraõ todos os
do seu bando, de que se fez ter-
mo assinado por elles. Acabado
isto, mandou Pero Mascarenhas
chamar o Secretario, & fez hum
termo em que declarava que os
juizes deputados não auião de
pronunciar mais na causa, se não
qual delles ambos auia de ficar
por Gouernador, por que duja e-

ra a gouernança por direito,
Rey com os seus desembar
res o auião de determinar: n
claramente deu a entender
suspeição dos juizes, que au
ter sentença contra si; mas n
dia al fazer se não cõsentir n
estaua ordenado, & queri
lhe ficasse aucão pera requer
Rey sua justiça. Acabado is
barcouse Pero Mascarenha
galeão de Christouão de S
& Antonio de Miranda se p
do galeaõ saõ Dinis pera t
entrega de Lopo Vaz, sendo
gado o mesmo Lopo Va
sarse pera a sua galè, como
ua assentado na pauta, & j
por todos, do que se Pero
carenhas agrauou, dizẽdo a
touão de Sousa, que ja se q
não os contratos que estau
tos, pois Lopo Vaz se não
ria sair do galeaõ saõ Dinis
desistir do mando & gou
& leuaua ainda bandeira n
uea, como Gouernador, sob
to mandou Christouão de
sa outro recado a Antoni
Miranda, que requereo a
Vaz se mudasse a sua galè
mo estaua assentado, o qu
le não quis fazer, do que s
dos escandalizaraõ, & comẽ
auer onião de nouo, o que
por Lopo Vaz, mandou di
Pero Mascarenhas por dom
Deça, que pois a causa se au
aueriguar em Cochim sem

estarem presentes que o bom seria ficarem n'aquella costa com a armada repartida, fazendo guerra ao Camorim, & defendendo que não mandasse suas naos a Meca, por não leuarem a pimenta que fazia a bater na d'elRey, & que só os juizes fossem a Cochim, & que depois de dada a sentença lha mandarião notificar. Isto cometeo Lopo Vaz, por que ouue que se o negocio ficaua em Afonso Mexia, que era cabeça em Cochim que elle ordenaria com que se desse a sentença por elle, o que Pero Mascarenhas entendeo muy bem, & respondeo que naõ vinha bem a nenhum d'elles, porque o que tiuesse sentença contra si, se auia logo de embarcar pera o reino, pera lo que era necessario estar em Cochim pera se negociar, mandandolhe requerer que se saisse do galeaõ saõ Dinis, sobre o que se passaraõ alguns dias, sem Lopo Vaz querer definir a seus protestos: a que acudio Christouaõ de Sousa, & pedio por merce a Pero Mascarenhas, que deixasse ir Lopo Vaz a onde quisesse, porque nisso ya pouco, pois os juizes auião de julgar a causa, & não os galeoẽs, com o que ouue de o consentir; & dando ambos os pretensores a vela, despararaõ cada hum seu tiro, a cujo final, os homens, que pera isso tinhaõ nas gaueas, tiraraõ as bandeiras juntamente, pera que se entendesse, que por aquelle final desistião ambos do mando, & gouerno, & que ate se julgar a causa ficarião como pessoas priuadas, & ao tirar das bandeiras proteitaraõ ambos, que não desistião da posse que tinhaõ. Feito isto Antonio de Miranda entregou Pero Mascarenhas a Christouão de Sousa, pera no galeaõ saõ Rafael em que ya, o leuar a Cochim, & la lho entregar, & elle tomou entrega de Lopo Vaz, ficando entaõ como capitaõ mor que era da India, a primeira pessoa della, & ambos os gouernadores debaixo de seu poder. E sendo eu moço, seruindo a elRey dõ Ioaõ, na guarda roupa, ouui dizer áquelles fidalgos velhos, d'aquelle tempo, falando nestas cousas, que dissera elRey, que Antonio de Miranda naõ soubera ser Gouernador da India. E em hũa fala que o mesmo Antonio de Miranda lhe fez sobre seus seruiços, dizem que lhe respondera elRey, que de hũa só cousa se não ouuera por bem seruido d'elle, que fora não lhe mandar presos Lopo Vaz, & Pero Mascarenhas depois de os ter em seu poder: o que elle bem podera fazer ficando gouernando a India com titulo de capitão mor, ate elRey aprouer, como logo fez.

CAPITVLO IX.

De algũas deſauenças, que ouue em Cochim entre os Gouernadores, & de como ſe acretentaraõ mais dous juizes por parte de Lopo Vaz, & do que mais paſſou.

SVRTOS todos no porto de Cochim, foi Antonio de Miranda a terra, & deu cõta a Afonſo Mexia do que era paſſado moſtrandolhe a pauta, & todos os mais papeis que eſtauão feitos antre os Gouernadores, de que Afonſo Mexia tomado diſſe, que tal não auia de cõſentir, pois ſe tratara tudo aquillo ſem ſua authoridade, ſendo a ſegũda peſſoa do eſtado, em cargo, que à elle auia elRey de eſtranhar mais aquellas couſas que a todos elles. E com quantas rezoẽs Antonio de Miranda lhe deu, naõ o pode mouer a couſa algũa, porque era homẽ mũy aferrado a ſeu parecer. O que ſabido por Pero Maſcarenhas & pellos de ſua valia, requererão a Antonio de Miranda, & a Chriſtouãõ de Souſa, que pois Afonſo Mexia não queria jurar a pauta, nem conſentir n'aquellas couſas, que eraõ pera paz, & ſoſſego do eſtado, (no que ſe queria moſtrar parte & claramente ſoſpeito a ſuas couſas,) que ſe não determinaſſe aquelle negocio em Cochim ſenão em Coulão, que era d'ali hum dia de caminho. E entendendo elles que Lopo Vaz o não auia de querer, por terem ſabido, que toda ſua eſperança eſtaua no Afonſo Mexia, porque quãto ao direito eſtaua d'elle bem duuidoſo, como na verdade eſtaua ſe o naõ tomaraõ taõ claramente a Pero Maſcarenhas, todos quantos ordiraõ aquella tea; & como elles eſtauão apoſtados a fazerem em tudo a vontade a Lopo Vaz, & acabarſe ja aquella contenda, fizerão com Pero Maſcarenhas, que deixaſſe ſentencear aquelle negocio, poſto que Afonſo Mexia não aſſinaſſe apauta: o que elle conſentio, porque não vieſſe aquelle negocio as armas, pera mais iuſtificaçaõ ſua pera com elRey. Com iſto ſe foraõ a terra Antonio de Miranda, & Chriſtouão de Souſa, & ſe recolheraõ no moſteiro de ſanto Antonio pera nomearem os juizes, inſiſtindo Chriſtouão de Souſa em ſe lançar fora Frey Ioão D'alui, & que em ſeu lugar ſe metteſſem os que ja eſtauão declarados, no que não quis conſentir Antonio de Miranda ate o fazer a ſaber a Lopo Vaz, que tomou muito mal a mudança que ſe queria fazer nos juizes, & diſſe bradando alto, que ja não podia ſofrer mais, & que bem eſcuſado fora enganaremno, & trazeremno aſsi de Goa, que elle tinha diſſo a culpa, & que

a elle

a elle Antonio de Miranda,& a todos os mais eſpetaria em hum pao: & que ſe foſſem logo pera Pero Maſcarenhas, porque ſe não quiſeſſe conſentir no que eſtaua aſſentado,nem elle conſentia em algum dos juizes, nem ſe queria por a direito com peſſoa algũa,que elle n'aquelle galeão pelejaria contra todos,& que a ventura diria quem era o Gouernador,& que elle Antonio de Miranda daria conta a Deos & a elRey de todas as deſauenturas que ſocedeſſem,pois elle ſó fora a cauſa d'ellas. Antonio de Miranda afrontado d'aquellas palauras lhe reſpondeo, que elle não enganaua a ninguem, antes tinha feito o q̃ diuia ao ſeruiço de Deos & d'elRey, & bem, & quietaçaõ d'aquelle eſtado, que elle ſe queixaria a ſeu Rey das injurias que lhe ali dizia,& que elle era o que não queria rezão nem juſtiça, deſentoãdoſe em palaurasque ſe naõ ouuiraõ bem com a grande reuolta dos que ſe meteraõ em meyo: & aſsi apaixonado & blaſonando ſe ſayo do galeão, & ſe paſſou ao de Pero Maſcarenhas. Sabendo elle o que paſſaua lhe requereo que Por virtude da pauta,& juramentos feitos (pois Lopo Vaz quebraua as condiçoẽs d'ella,& não conſentia nos juizes) que o ouueſſe por Gouernador,conforme aos aſſentos que eſtauão feitos,ſem mais ſer ouuido Lopo Vaz, & o meſmo requerimento lhe fizeraõ os fidalgos que ali eſtauão.Antonio de Miranda diſſe que lhe obedecia, mandando fazer hum auto, que pois Lopo Vaz quebraua os contratos,& juramentos feitos,que auia Pero Maſcarenhas por legitimo Gouernador da India; & logo lhe entregou toda a armada que tinha a ſeu cargo,que era a galee baſtarda em que eſtaua Eitor da Sylueira, & a nao de Nuno Vaz de Caſtel branco, duas caravelas de que eraõ capitaẽs Vicente Pegado, & Ioaõ de Sá,hum galeão de que era capitão Simão de Mello, que n'aquelle tempo não eſtaua nelle, & alguns nauios de remo ,& ogaleaõ ſaõ Rafael, em que eſtaua o meſmo Pero Maſcarenhas. Com Lopo Vaz ficaraõ os galeoẽs ſaõ Diniz, & ſaõ Luis, de que era capitão Martim Afonſo de Mello Iuzarte,& o Camorim em que eſtaua Ioaõ de Mendoça,& as galès de Ruy Pereira, & Antonio da Sylueira, a caravela de Fernão de Morais,& muita fuſtalha, que eſtaua no porto de Cochim: & aſsi ſe apartou Pero Maſcarenhas com a ſua armada a hũa parte pondoſe em ordem de peleja, o meſmo fez Lopo Vaz pera aueriguarẽ aquelle negocio por armas,como ja acõteceo antre Auguſto, & Marco Antonio,ſobre o Imperio de Roma,leuando todos ſua artelharia, & aſſacalando ſuas armas,como ſe cada hum d'eſtes Gouernadores ouuera de pelejar com Rax Soleimão

ſe paſ-

ſe paſſara a India. A gente ordinaria de Pero Maſcarenhas bradaua por batalha, dizendo que ja não era rezaõ ſofrer tanto a Lopo Vaz, de ſorte que tudo era hũa confuſaõ, & barbariſſe que metia medo, & eſpanto, porque ſegundo o poder de ambos eſtaua igual, naõ podera deixar de auer a mor deſauentura do mundo, porque eſtaua certo não ſe apartarem ſem a Vitoria de algũa das partes: & aſſi o que ficaſſe com o Imperio do Oriente ſobre que contendião, auia de ſer em eſtado que muito facilmente o poderia logo perder, Porque o Camorim com todos os Reys do Malauar eſtauaõ a mira com grande armada, pera mandarem dar no que ficaſſe, & ſolicitaraõ os Reys de Cananor, & Coulão, pera ſe aleuantarem logo contra aquellas fortalezas, & tudo ſe perdéra ſe Deos o naõ atalhara: Os proteſtos corrião apreſſados de parte a parte, deſcarregando hum ſobre outro toda a culpa dos danos que ſocedeſſem. Antonio de Miranda ſentioſe muito culpado, em ter deſcuberto a Lopo Vaz os juizes, porque da y nacco todo o mal, & foi contra o juramento, & obrigaçaõ que tinha: porque ſe os tiuera em ſegredo, nem Lopo Vaz ſoubera quem auia de julgar a cauſa, nem ouuera mais, que eſperar ſentença, porque a hora que ſe nomeaſſem, ſem ſe bulirem d'ali, ſe auia de determinar o negocio, & por euitar tantos danos & deſauenturas, dizem que mandara dizer em ſegredo a Lopo Vaz, que lhe daua ſua palaura de votar por elle, por iſſo que ſe quietaſſe, como fez por conſelho de Afonſo Mexia: & mandando chamar Antonio de Miranda, pediolhe perdão das palauras que lhe diſſera, & depois de reconſiliados fez hum termo em que conſentia nos juizes, & a requerimento de Pero Maſcarenhas, ſe mudou do galeão ſaõ Dinis a nao ſaõ Roque, & foi entregue a Antonio da Sylueira, & Pero Maſcarenhas ſe mudou a nao frol de la mar entregue a Diogo da Sylueira, & ambos juraraõ de os entregar a Antonio de Miranda quando lhos pediſſe. Com iſto ſe foraõ a terra Antonio de Miranda, & Chriſtouão de Souſa, com todos os fidalgos, pera nomearem os juizes.

LIVRO

LIVRO IIII. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Dos juizes que se acrecentaraõ de nouo, & de como se deu a sentença por Lopo Vaz de saõ Payo, & de como Pero Mascarenhas se embarcou pera o Reino.

RECOLHIDOS Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda em santo Antonio hum dia pella menhã, nomearaõ os juizes que temos dito, estando na capella da igreija, onde logo se disse hũa missa, & aleuantando o santissimo Sacramento juraraõ os juizes, de bẽ, & verdadeiramente julgarẽ aquella contenda, & o Secretario que auia de tomar os votos, taõbẽ jurou de ter em segredo, os taes votos q̃ os juizes lhe auião de dar por seus assinados, & q̃ os não mostraria senão a elRey em Portugal. Estando ja a cousa desta maneira, apartou Antonio de Miranda a Christouão de Sousa, & lhe disse, que elle queria acrecentar mais dous juizes, que eraõ Frey Ioaõ Dalui, & Bras da Sylua d'Azeuedo, o que lhe Christouaõ de Sousa estranhou, debateraõ com elle muito, ate que lhe prometeo se o consentisse de dar seu voto por Pero Mascarenhas, & que o mesmo entendia que auia de fazer dom Ioaõ Deça, porque a justiça estaua muito clara por elle, & que não fazia aquillo se não por pacificar & satisfazer a Lopo Vaz, & por quietação da India, & tantas cousas lhe disse sobre isso que o consentio, sem dar cõta a Pero Mascarenhas, que todos ahdauão a lhe tomar o que era seu: & certo que pareceo cousa escandalosa a deste religioso Frey Ioaõ Dalui, quererse quasi por força meter neste negocio, tanto, que a primeira vez que Pero Mascarenhas teue pejo nelle, logo se ouuera de lançar de fora, & segundo a instancia com que Lopo Vaz insistia em o meter por juiz parecia que lhe tinha prometido sentença, ou o seu voto: em que se mostraua ser bem sospeito. pois se affirmaua que descobrira sua tençaõ contra a obrigaçaõ de sua profissaõ, de que se os religiosos auião muito de afastar, porque seu officio he rogar a Deos pella conseruaçaõ dos reinos, & das respublicas, & deixar o gouerno d'ellas, a quem

quem os Reis as encomendão, que saõ capitaes, & caualeiros que cõ as armas defendem os estados, & os dilatão, ganhando fama perpetua, & gloria eterna, pelejando pella fé de Christo, que os bõs religiosos ganhaõ com oraçoes, & lagrimas. E deixando esta materia tornando as cousas dantre os dous Gouernadores. Christouão de Sousa, & Antonio de Miranda, deraõ juramento a Afonso Mexia, & a dom Vasco Deça, que entregarião aquella fortaleza de Cochim, a qualquer dos dous, por quem se julgasse a gouernança, o que elles fizeraõ com condição, que jurassem todos os que ali estauão, que dandose sentença por Pero Mascarenhas, tomauão sobre si a elles, & Ayres da Cunha capitaõ de Coulão, a Pero Vaz trauassos, & a Diogo Sancho, & aos moradores de Cochim, assi suas pessoas, como fazendas, & lhe fizessem dar a elle Afonso Mexia embarcaçaõ pera o reino, & que o não obrigassem a ficar na India, o que elles juraraõ juntos, & apartados os juizes, deixouse ficar d'entro cõ elles Christouão de Sousa, sem embargo de não querer ser hum d'elles, o que lhe Antonio de Miranda estranhou, pedindolhe se saisse pera fora, tendo elles assentado ambos que estarião ao despacho, o que Christouão de Sousa não quis fazer, sobre o que altercaraõ rezoes, & se atearaõ em palauras, aque os juizes acudiraõ metendose em meyo: & em fim Christouaõ de Sousa se sayo pera fora, entendendo muy bem que se queria roubar a justiça a Pero Mascarenhas, & ficou muy triste, & arrependido dos dous juizes que deixou acrecentar de nouo, & vendo que a cousa toda ficaua à vontade de Lopo Vaz foisse embarcar & entrando no galeaõ de Pero Mascarenhas, chegando a elle muy agastado disse, sus façamos alforges & partamos, que tudo he por demais, & calouse pello juramento que tinha. Bem entendeo Pero Mascarenhas que tudo ficaua sobornado por parte de Lopo Vaz, mas como não queria mais que paz, & quietaçaõ, deixou julgar o negocio como quisessem, porque bem sabia que elRey lhe faria justiça. E querendo os juizes entrar na materia que leuauão ja bem estudada, por parte de Lopo Vaz, chegaraõ dom Vasco Deça, & Simaõ Caeiro, procuradores d'ambos os pretensores, & offereceraõ suas rezoes, & apos elles entrou o procurador da cidade, com hum requerimento dos vereadores, em que lhes pedião da parte de Deos & d'elRey, que não julgassem a gouernança por Pero Mascarenhas, porque se o fazião, juravão de despouoar a cidade, & passarẽse a terra dos mouros, offerecendo pera isso hũas rezoes mũy compridas q̃ por taes as deixamos, em que apontauão

tauão muitas couſas contra Pero Maſcarenhas, porque dizião naõ poder ſer Gouernador. Fechados os juizes começaraõ a debater a materia em que gaſtaraõ parte do dia & da noite, em que os caſados todos de Cochim andaraõ pellas ruas em prociſſoẽs deſcalſos, com ſuas molheres & filhos, pedindo a noſſo Senhor os liuraſſe de Pero Maſcarenhas gouernar, poꝙ receauão q̃ ſendo Gouernador ſe vingaſſe de todos pella reſiſtencia que lhe fizerão. Viſtas pellos juizes as ſocelſoẽs ambas, os autos das poſſes, & juramentos, & as rezoẽs de parte a parte, & depois apartados de dous em dous, deſcutiraõ a materia, & puſeraõ ſuas tençoẽs em eſcrito, & aſsinandoſe nelles os deraõ ao Secretario, que depois de os ter todos os apurou, tomando os votos achouſe mais hum por Lopo Vaz de ſaõ Payo, que ſegundo ouuimos dizer a hum fidalgo honrado, & muito velho na Índia, foi o do padre Frey Ioaõ Dalui. Sendo vencidos os votos por parte de Lopo Vaz, pronunciaraõ os juizes a ſentença neſta forma. Viſtos eſtes autos, & o que por elles ſe moſtra julgamos por noſſa diffinitiua ſentença, que Lopo Vaz de ſaõ Payo ſeja Gouernador neſtas partes da India, & que Pero Maſcarenhas ſe embarque pera o reino, dandoſelhe embarcaçaõ cõforme a ſua peſſoa, & quanto aos ordenados fique pera elRey os julgar como lhe bem parecer, & aſsi todo o mais que cada hum quiſer requerer. E aſsinados todos os juizes publicouſe logo a ſentença, q̃ foi dada aos vinte & hum de Dezembro. Tanto que ſe publicou, embarcaraõſe em hum barguantim Antonio de Miranda, dõ Ioaõ Deça, Bras da Sylua, Triſtaõ Deça, & foraõ a nao de Pero Maſcarenhas, que eſtaua com Chriſtouão de Souſa, & dom Simão de Meneſes, & preſentes todos lhe notificou o Secretario a ſentença q̃ Pero Maſcarenhas ouuio cõ hum roſto muito ſeguro, ſem fazer mudança em couſa algũa, & depois de a ouuir não diſſe mais ſe não que elRey lhe faria juſtiça, dali ſe foraõ a nao de Lopo Vaz, & lha publicaraõ taõbem, que a ouuio com bem differentes exteriores de Pero Maſcarenhas, porque logo nelle & nos ſeus ſe enxergou mũy ſobeja alegria, dando publicamente os agardecimentos aos juizes, & pedindo perdão a Antonio de Miranda: & porque aquillo era ja de noite, a paſſaraõ toda no ſeu galeão em bailos, & tangeres; & pella menhã embarcandoſe o Gouernador em hum bargantim, foi correndo todos os nauios da armada, pera ſegurar os fidalgos, que foraõ do bando de Pero Maſcarenhas, porque receou que ſe quiſeſſem ir pera o reino, & com todos ſe recõciliou, apazigou, & quietou. Dali ſe foi a terra onde foi recebido da

do da cidade com paleo & grandes festas, dando logo ordem à carga das naos. Pero Mascarenhas naõ se desembarcou, antes ficou sempre no mar, mãdando fazer prestes as cousas necessarias pera sua embarcaçaõ: & sendo quinze de Ianeiro se embarcou, entregue por mandado do Gouernador a Antonio de Brito que ya rico de Maluco, & era hum fidalgo muito honrado, que depois de ser em Portugal casou com hũa irmã de Martim Afonso de Sousa, que depois foi Gouernador da India, de quem teue hũa filha que casou com dom Ioaõ da Sylua conde de Portalegre, de quem elle naõ ouue filhos. Primeiro que Pero Mascarenhas se embarcasse mandou citar Lopo Vaz pera em Portugal requerer contra elle a gouernança da India, assi pellos ordenados, como por todos os proes, & percalsos. Castanheda diz, que depois ouuera sentença contra elle pellos ordenados, & o mesmo diz Petro Mapheo, q̃ o segue & acrecenta mais, que fora condenado o mesmo Lopo Vaz, em vinte mil cruzados, que era o ordenado de dous annos, que gouernou depois de abertas as socessoes que vieraõ do reino. Ioaõ de Barros se nos naõ lembra mal, diz, que foi aleiue que Castanheda aleuantou a Lopo Vaz, & parece me que diz mais, q̃ buscara os cartorios pera ver esta sentença, & que em nenhũ a achara. Pero Mascarenhas foi bem recebido d'elRey, que teue sempre muita conta com suas cousas, & lhe deu a capitania de Azamor, & depois de estar ali algũs annos vindo pera o reino perdeose em hũas caruelas. Foi este fidalgo filho segundo de Ioaõ Mascarenhas, & neto de Nuno Mascarenhas, irmão do capitaõ dos Ginetes, Fernão Martins Mascarenhas: foi casado com dona Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que ouue duas filhas, dona Catherina Pereira Barreta, molher de dom Ioaõ de Castel branco, filho do Conde dom Martinho, & dona Elena Mascarenhas, que casou com dom Pedro Mascarenhas, que foi por Embaixador a Roma, & depois por viso Rey da India. Teue mais dous filhos bastardos, Ioaõ Mascarenhas, & Ieronimo Mascarenhas, foi natural da villa de Loule, no Algarue. Depois d'estas differẽças (porque naõ ouuesse outras na India) mãdou elRey dom Ioaõ hum regimẽto, em que diz, que abrindose as socessoes da gouernança da India, se o que nellas socedesse naõ esteuesse desdo cabo de Comorim ate aponta de Dio, não se esperasse pella tal pessoa, & se abrisse a outra socesaõ (o que ja aconteceo quando socedeo dom Diogo de Meneses, como em seu lugar diremos.) Lopo Vaz, depois de despedir as naos pera o reino, tendo ja sabido que a armada dos turcos se tornara

nara a recolher a Sues, tratou de a ir buſcar, & queimar n'aquelle porto, o que pos em conſelho, & foi contrariado de todos, por cauſa da armada que o Camorim tinha feita, aſſentandoſe, que ſe mãdaſſe o capitaõ mor áquelle eſtreito a ſaber a certeza d'ellas, & que não vindo pera o anno Gouernador do reino, então as poderia ir buſcar com mais poder & cabedal. Aſſentado iſto, deſpedio logo Antonio de Miranda com ſeis galenés & hũa caravela, hũa galè, dez nauios de remo, em que yão os capitaés ſeguintes. No galeaõ ſaõ Dinis, elle. Fernão Rodriguez barbas no galeaõ ſaõ Rafael. Antonio da Saylua no Reys Magos. Ruy Vaz Pereira no galeaõ ſaõ Luis. Anrique de Macedo no Camorim grande. Lopo de Meſquita no pequeno. Ruy Gonçaluez na caravela bicha. Ruy Pereira na galè baſtarda. Nos nauios de remo Franciſco de Vaſconcellos, Pero Celas, Franciſco Aluarez, & outros Yrião n'eſta armada mil homens d'armas. deu eſta armada a vela, quaſi juntamente com as naos do reino. Logo poucos dias depois mandou o Gouernador ſeu ſobrinho Simão de Mello as ilhas de Maldiua, eſperar as naos de Meca, & leuou hum galeão, hũa caravela, & dous ou tres nauios de remo, & de ſua jornada adiante diremos. Em quanto o Gouernador fica em Cochim, entendendo em algũas couſas neceſſarias, tornaremos as de Maluco que nos chamão.

CAPITVLO II.

Do que paſſou dom Iorge capitão de Maluco, com dom Garcia Anriquez, ſobre certos apontamentos que leuaua, & de como mandou a Malaca pedir ſoccorro, & prendeo dom Garcia em ferros.

ATRAS temos dado conta das couſas que em Maluco ſocederaõ com a chegada de dom Iorge, & de como ficou correndo em tregoas com os Caſtelhanos. Vindo a mouçaõ em que dom Garcia ſe quis embarcar pera a India, lhe mandou dom Iorge notificar, que ſe foſſe pella via de Borneo, conforme a hum regimento que leuaua de Pero Maſcarenhas, porque deſejaua de ſe fazer ſempre aquella derrota, por ſer mais apreſſada, que a que ſe fazia por via de Banda: que por ſer mais apreſſada, mandou Antonio de Miranda de Brito, ſendo capitaõ de Maluco deſcobrir o anno de vinte & tres, por Antonio d'Abreu ſeu parente, que foy o primeiro que por

a dom Garcia, & que se viesse me-
ter na fortaleza. Dom Garcia com
bidou o Ouuidor, ao q acodio dõ
Iorge a repique de sino, negoce an-
dose pera o ir prender, mandando
dizer o Alcaide mor a lhe requis-
rer q se fosse pera a fortaleza. Dom
Garcia estaua cõ quarenta homẽs
postos em armas, mandou lhe o Al-
caide mor o recado, dizendo lhe q
dom Iorge vĩa por caminho, que a
uia de escusar pendẽsa ao respõdeo,
que se elle ha fosse, que elle o sairia
esperar fora, sabido por dõ Iorge
mandou assentar algũas peças d'ar
telharia nas casas de dõ Garcia pe
ra lhas derribar, mandandolhe fa-
zer primeiro notificação pello Al-
caide mor, & por Tristão Vidira, q
era amigo de dom Garcia, que lhe
disse muitas cousas, q se sayo só de
casa, & chegando a fortaleza disse
a dõ Iorge, eis me aqui, que me que
reis? Dõ Iorge lhe tornou muita
gente, & mandou fazer de tudo hũ
auto pello Ouuidor, ficando na for
taleza alguns dias presos, em que o
Rey de Ceilão por parte dos Cas
telhanos, começou a fazer guerra
aos nossos cõ armadas pello mar,
mandando nos lugares d'el Rey de Ter
nate. Dom Iorge acodio com al-
gũas Corocoras que mandou em
busca dos inimigos. Visto por todos
os da fortaleza a guerra q andaua
pedirão ao dõ Iorge soltasse dom
Garcia, que era hũ fidalgo tão hon
rado, & que cabia de ser capitão
daquella fortaleza, & que os fiou
mos a

ros andauão escãdalizados de ver
antre elles aquellas diseẽsões: mas
como dom Iorge estaua teimoso,
disse que assi preso o auia de man
dar a India: como o que dom Gar
cia lhe mandou requerer que o sol
tasse, & quando não, que o pren
desse em ferros, se não que se auia
de ir pera sua casa, disto lhe man
dou dizer porque sempre cuidou
que dom Iorge não quisesse che-
gar comelle ao cabo) mas dõ Ior
ge que estaua com sua paixão lhe
mandou lançar hum bom grilhão,
com o que os amigos & criados q
erão perto de çincoenta, se amo-
tinarão, tratando de o ir tirar da
fortaleza, mas não poderão: pello
que se determinarão de se irem pa
ra hum lugar forte do Sertão, do
que derão conta a Cachil Daroes,
pera de la mãdarem requerer a dõ
Iorge soltasse dom Garcia, se não
que se passarião pera os Castelha-
nos. Estes tratos descubrio hum
delles a hum Fernão Baldaya, por
saber que o auia de dizer logo a
dom Iorge, como fez pello que de
terminou de prender os principaes
da conjuração, aque acodio Simão
de Vera, & outros, dizendolhe, que
melhor seria soltar dom Garcia, &
dissimularem tudo, como logo fez,
fazendose amigos, & compondo
-as desuaffas ficarão correndo
em amizade.

CAP.

CAPITVLO III.

...no os de dom Garcia, o induzi-...ue prendesse dom Iorge, & de ...no o fez, & se meteo na fortaleza.

OS amigos de dom Garçia, & todos os que pretẽdião ir com elle pera a India, naõ ficaraõ satisfeitos des...isades, reçeando que se du...ı ate se embarcar, não leuas...os, nem era rezão: porque ...a fortaleza só. Pello que co...aõ a semear nouas zizanias, ...dindo a dom Garcia, se não ...de dom Iorge, que por der...o era amigo reconsiliado. ...lhe disseraõ d'isto, que fi... com elle andasse com o o...bre o hombro, começando ...r acompanhado dos indu...s. Por outra parte, alguns ...e mostrauão familiares de ...orge, o auisauão, que não ...se de homem aquem tinha ...alizado, porque a todo o ...o que podesse se auia de sa...er: & que sabião que dom ...a daua muitos auisos aos ...lhanos, & trabalhaua tudo ...podia por Cachil Daroes se ...ntar contra a fortaleza, & ...rouocaua os Ternateses ao o diarem. E não parando aqui o negocio, socedeo vir elRey de Bachaõ a nossa fortaleza a negocio, & tendo suas estancias fora hũa noite deraõ huns poucos nellas, & matandolhe quatro ou cinco homens, ferindolhe muitos, tudo a fim de o omiziarem com dom Iorge. Ao outro dia indo elRey a fortaleza a fazer queixas d'aquillo, lhe sairão Tristão Vieira, Afonso Gentil, & Luis Diaz (que dizião foraõ os da alhada) & como sabião ao que ya o tirarão disso, affirmandolhe que dom Iorge lhes mandara fazer aquillo, em vingança da morte de certos Portugueses que em Bachão mataraõ a seu irmão dom Tristaõ de Meneses, & dos juncos, & crauo que lhes tomaraõ, como na terceira Decada se conta, o que tudo foi facil a elRey de crer, & deixou d'ali por diante de ir a fortaleza, & esteue de todo pera se conjurar com Cachil Daroes, & darem de sobre salto na fortaleza, & tomaremna: mas ordenou Deos que fosse dom Iorge auisado d'este negocio, & de todas as mais cousas em que o culpauão, de que logo mandou tirar hũa deuaça, em que se acharaõ culpadas as pessoas que açima nomeamos, & outros que foraõ auisados, & se acolherão pera o mato: pello que dom Iorge se vio com elRey de Bachaõ, & lhe contou as cousas como passaraõ, com o que ficou desaliuado,

& quieto, & tornou a conferem a-miſade com elle. Não ceſsarão por aqui as maldades dos da parte de dom Garcia, pello que determinou dom Iorge de o mandar pera Talangame, que era outro porto da ilha onde as naos ſurgem: & diſto deu conta ao Alcaide mor, & ao Baldaya, que ou por ſerem amigos de dom Garcia, ou por quererem ver paz & quietação, lhe aconſelharão, que deuia de deſsimular com aquillo por não renouar chagas paſſadas, o que elle fez, porque tambem deſejaua quietação. Mas os maos homẽs que não deſcanſarão em quanto não viſſem aquelles dous fidalgos baralhados, lançarão pella pouoação hũa fama tarda d'amigo em amigo, que dõ Iorge mandaua matar dom Garcia. Depois de ſe iſto diuulgar, ſoccedeo hum negro que dom Iorge leuou da India chamado Miguel Nunez, induzido parece por eſtes ſoccedores, que em muito ſegredo foi dizer ao feitor, que dom Iorge lhe mandaua matar dom Garcia, & que por lhe não parecer aquillo bem ſe queria ir pera os Caſtelhanos. O feitor parecendolhe aquillo muito grande, aconſelhou ao negro que auiſaſſe dom Garcia, o que elle diſſe que não auia de fazer, mas que tambem não auia de cometer hum tão grande crime: o feitor lhe diſſe que deſſimulaſſe, & não ſe paſſaſſe aos Caſtelhanos, por não ſaberem da aquellas deſauenças; ficando ſuſpenſo naquella materia, ſobre que deu mil voltas, cuidando ſe ſeria verdade ou não; & porque tudo podia ſer, determinou de o deſcubrir a dom Garcia, debaixo de graues juramentos, pera andar recatado, porque queria atalhar tamanha deſauentura, ſe era verdade que dom Iorge atentaua: & aſsi lho diſſe, duuidando porem poder conceber dom Iorge em ſeu peito couſa tão fea; mas como as couſas que tocão a vida d'hum homem, não he bem ficarem em duuida, quis ſe ſegurar dom Garcia. E dando conta d'aquelle negocio a Manoel Falcão, a Diego da Rocha, & a Manoel Botelho (de quẽ era muy grande amigo,) & como parecia que o demonio andaua nas couſas deſta ilha, antre os noſſos ſemeando zizanias & diſcordias; aconſelharão lhe eſtes, que cumpria a ſua vida matar dom Iorge, tirando Manoel Falcão, que lhe diſſe, que muito melhor era prendelo: & que tiraſſe deuaſſa de ſuas culpas & o mandaſſe a India, & q̃ ficaſſe elle por capitão ate o Gouernador prouer aquella fortaleza. Iſto ſoou melhor a dom Garcia & dando conta de tudo a Cachil Dares, & a el Rey de Bachaõ, pedindolhes fauor pera iſſo, que lhe elles proueraõ (ficando contentes & alegres, de verem antre aquelles dous fidalgos tamanhas diſcordias; porque por derradeiro eraõ mouros, & folgauão com o noſſo dano.)

dano.) Socedeo n'este tempo, em que estas meadas se ordião mãdar dom Iorge a Cachil Daroes, que fosse d'armada a ilha de Maquuse, com qué se embarcaraõ a mor parte dos criados, & amigos, de dõ Iorge. O que vendo dom Garcia, pareceolhe que o tempo lhe daua todas as occasioẽs pera sua pretençaõ; pello que não quis descuidarse nellas, traçando com os amigos o modo de como prenderia dom Iorge: & porque tinha mũy grande inconueniẽte no Alcaide mor, ordenou com hum Francisco de Crasto, que o conuidasse o dia que elle tinha aprazado, como fez, & o leuou a hũa quinta no lugar que chamaõ Odoloco, hũa legoa da fortaleza, & na sua enuolta foraõ a mor parte dos moradores, & criados de dom Iorge, que ficaua só na fortaleza. Sabendo dom Garçia, q̃ dom Iorge acabara de jantar, mandou Manoel Falcão que se fosse pera elle, & armássem jogo de tauolas, (como muitas vezes fazião.) E estando dom Iorge embebido no jogo, bem descuidado do que se lhe ordenaua, entraraõ pella fortaleza, Pero Botelho, Tristaõ Vieira, & Afonso Gentil (que jaeraõ perdoados do caso d'elRey de Bachaó) leuando ordem do que auião de fazer, hum que tomasse a porta da fortaleza & outro a escada, porque naõ subisse alguem, & outro que fechasse as portas por fora a algũs criados que estauão em suas casas dormindo, porque naõ pudessem acudir ao reboliço. Feito isto entrou dom Garcia com outros armados: & logo os que tinhaõ cuidado das portas as fecharaõ, & sobindo acima, chegandose a dom Iorge liouse com elle dizẽdo, estai preso, & Manoel Falcão, & os mais o ajudaraõ liandose cõ elle; & os outros com algũs criados que ali estauão. Dom Iorge começou a bradar, traição, traição. Hum pagem escapulindo d'ali teue tal acordo que foi repicar o sino, dom Garçia & os outros que estauão ferrados em dom Iorge, tiueraõ muito trabalho em o derribar, porque era homem de grandes forças, & de grande animo, & com a paixão de se ver assi tratado, bracejaua, perneaua, & mordia, de maneira que quasi o não podião ter, & sempre bradou dizẽdo, traidores mataime, não me afrõteis: mas em fim como os outros eraõ muitos, depois de grande espaço deraõ com dom Iorge no chão, & lhe deitaraõ o proprio adobe, que elle mandou lançar a dom Garcia, & tomandoo nos ares deraõ com elle em hũa masmorra debaixo do chão, aonde o amarraraõ a hũas camaras de falcão pera estar mais seguro.

CAP.

CAPITVLO IIII.

Do que fizerão os amigos de dom Iorge, ſabendo ſua priſaõ, & das couſas que ſocederaõ até o ſoltarem: & do que aconteceo aos que dom Iorge tinha mandado a Borneo.

AO repique do ſino que o moço fez, acodio o feitor, que pouſaua fora, & outros Portugueſes cõ armas, ſem ſaberem o que aquillo era, & achando as portas fechadas, cuidando ſer traição, começaraõ alho dar vaiuẽs, & outros trazerem eſcadas pera ſobirem por ellas, fazendo hũa grande matinada. Aqui acudio dom Garcia ao muro, vendo aquelle aluoroço, & lhes diſſe. Senhores aſſoſſegai, que a fortaleza eſtá por elRey de Portugal, & todos ſomos ſeus vaſſallos, & por deſejar a paz & ſoſſego della fiz eſte negocio, contandolhes tudo o que paſſaua, com outras couſas que mais acreçentou: poriſſo vos peço que aiaes por bõ o que tenho feito, & d'eſta fortaleza eu tomo entrega, & della darei conta a elRey, & ao ſeu Gouernador da India. O feitor por ſe achar culpado n'aquelle negocio, em lhe deſcobrir a velhacaria do negro, com muita paixão interrompeo a fala a dom Garcia, queixandoſe d'elle a grandes brados, & deſtemperandoſe bem em palauras Dom Garcia lhe pedio ſe recolheſſe, & que correſſe com ſeu officio; que da priſaõ de dom Iorge elle daria conta a elRey, com o que todos ſe recolheraõ, por não auer ali que fazer. Não tardou muito o Alcaide mor, & os mais amigos de dom Iorge, que eraõ idos ao banquete, & ſabendo o que paſſaua, foi a ſua paixão tão grande que trataraõ de entrar a fortaleza, & ſoltar dom Iorge, & aſsi ſe armaraõ, & foraõ demandar a fortaleza com eſcadas, machados, & outros petrechos pera quebrarem as portas, começando de ſobir ao muro. A iſto acudio dom Garcia com os da ſua valia, & antre todos ſe começou hũa grande briga. ElRey de Bachaõ com muita gente acudio logo por parte de dom Garcia, com diſſimulaçaõ, moſtrando que vinha apaziguar, & trazia hũa adarga embraçada, & hũa lança nas mãos, requerẽdo ao Alcaide mor, & a os mais que ſe recolheſſem que aquelle negocio naõ ſe auia de fazer por armas: & que pois todos eraõ naturaes & vaſſalos d'elRey de Portugal, entendeſſem que não era ſeu ſeruiço auenturarem ſe tantos homens por hum ſó, podendo ſe pacificar tudo ſem tanto dano, como ſe ordenaua, que o tempo curaua tudo, que não ſe canſaſſem que aquillo ſe acabaria em bem de dom Iorge, com iſto ſe recolhe

rão

raõ todos muito tristes. Estas nouas correraõ logo por aquellas ilhas ate chegare a Cachil Daroes, que andaua d'armada. Os amigos & criados de dom Iorge, que com elle andauão, que eraõ quasi todos os que tinha, em as sabendo logo lhe requereraõ que se fosse pera Ternate, pera acudirem à quellas cousas, o que Cachil Daroes fez. O Alcaide mor em chegando a armada a juntou todos os amigos da obrigaçaõ de dom Iorge, que com elle andauão, que serião quarenta, determinou de o ir soltar, & quando o não podesse fazer passarense todos pera os Castelhanos, que se gloriauão d'este socesso. N'isto os fauorecia hum irmaõ d'elRey, chamado Cachil Viaco (hum dos sete bastardos que Bolufe teue,) que era grande amigo de dom Iorge, & imigo de Daroes, por lhe entender suas velhacarias. A primeira cousa que o Alcaide mor fez, foi impidir hũa deuassa que dom Garcia tirana de dom Iorge, em que testemunhauão todos os da conjuraçaõ de dom Garcia, vindo com embargos a ella, protestando por parte de dom Iorge, de lhe não perjudicar. Os da parte de dom Garcia, tambem se ajuntaraõ contra aquelle bando, de que era cabeça o Alcaide mor, tendo determinado de os matarem, porque os outros todos sem elle não fariaõ cousa alguã. Os da parte contraria fauorecia elRey de Bachaõ, & sendo o partido muito de vantagem, pello que o Alcaide mor tratou com Cachil Viaco, de se irem todos os de seu bando pera a Serra, & de la requererem a justiça de dom Iorge, & quando lha não quisessem fazer, passarense aos Castelhanos. O Viaco se foi com elles pera os agazalhar la, posto q̃ nisso ouue algũas differenças com os da terra, por não leuarem licença de Cachil Daroes, que era regedor do reino. Da Serra começaraõ a fazer seus requerimentos, assi a dom Garcia que soltasse dom Iorge, como a Pero Botelho capitaõ do nauio, em que dom Iorge foi de Malaca a Maluco, pera que se ajuntasse com elles, pera soltarem dom Iorge, ao que lhe não differiaõ. & vendo que seus protestos não aproueitauão, mandaraõ hum Embaixador a elRey de Tidore, & a Fernão de la torre, que lhes deu conta de tudo o que era passado. Pedindolhe da parte do Alcaide mor, & dos mais, mandasse requerer a dom Garcia, soltasse logo dom Iorge, & que quando o não quisesse fazer lhes desse licença pera se passarẽ pera elles. ElRey & o Castelhano conhecendo muito mal as cousas que dom Garcia tinha feito: & logo lhe mandaraõ fazer hũ grande requerimento sobre aquilho, protestando de dar conta a elRey de Portugal, de todas as perdas, & danos, que da prisaõ de dom Iorge se seguissem. Com este requerimento se foi do Garça ao Malayo,

por

& muito torvado disse, que lhe tirassem logo aquillo d'ali, & que se fossem os nossos do seu porto, que não queria em sua terra outro Rey senão elle, & que se ali estiuessem mais que os castigaria. Os nossos se virão assombrados. Afonso Pirez, & alguns mouros, quiseraõ tirar a elRey aquella imaginaçaõ, mas naõ poderaõ, & Afonso Pirez se tornou pera Malaca, indo com elle Vasco Lourenço, & os mais se tornaraõ na Corò cora pera Maluco, aonde chegaraõ a saluamento. Este anno indo hum Gomez de Siqueira por mandado de dom Iorge, buscar mantimentos pellas ilhas de Mindanao, desgarrando com o tempo descobrio muitas ilhas juntas, em noue pera dez graos do Norte, que d'elle se chamaraõ as ilhas de Gomez de Siqueira.

CAPITVLO V.

Das cousas em que o Gouernador proueo, em quanto esteue em Cochim; & das armadas que despachou pera fora, & da grande vitoria que dom Ioaõ Deça ouue de hũa armada de Calecut, & de como Christouão de Mendoça foi entrar na fortaleza de Ormuz, & da morte do Guazil Rax Hamade.

DEIXAMOS o Gouernador em Cochim, depois de despedir as naos pera o reino, com quem he necessario continuemos. A primeira cousa que fez foi despedir dom Ioaõ Deça, pera capitaõ mor do Malauar, com hũa galé, & dezaseis nauios, com regimento que como se acabasse o veraõ, fosse tomar posse da capitania de Cananor, por comprir seu tempo dõ Simão de Meneses. E por ser ja chegado Francisco de Mello, com o recado do successo da Sũda (que elRey encomendaua tanto, que hũ dos principaes pontos do regimento do Conde Almirante, quando veyo por visoRey, era, q̃ logo mãdasse fazer aquella fortaleza.) Sabendo o modo de como Francisco de Sá ficaua em Malaca com a mor parte da gente morta, cometeo a Martim Afonso de Mello Iuzarte, irmaõ de Garçia Iuzarte de Vora, fidalgo de muitas partes, pera ir a Malaca ajuntarse com Francisco de Sá pera irem fazer aquella fortaleza. E o que diz Castanheda, que o Gouernador mandaua a Martim Afonso ir fazer esta jornada, & que elle que se escusaua por ser aquella impreza de Francisco de Sá dada por elRey, & mais estando o outro lá em caminho, auemolo por duuidoso, por que nẽ o Gouernador auia de tirar, a hum

fidalgo

fidalgo tão honrado a impreza que tinha nas mãos, pois não deixou de a acabar, se não por falta de gente: nem Martim Afonso auia de aceitar tal jornada, porque nem auia de ir debaixo da bãdeira do outro, nem o outro auia de consentir igual com elle. Mas o que disto podemos alcançar he, que andando o Gouernador ordenando mandar gente a Francisco de Sá, chegou hum Embaixador d'elRey da Cota, vassalo d'elRey de Portugal, a pedir ao Gouernador da parte d'elRey lhe soccorresse, porque o Madune seu irmão lhe queria tomar o reino, com o fauor & ajuda do Camorim: que lhe tinha mandado hũa grossa armada, com que o tinha em muito aperto. O Gouernador pondo aquellas cousas em conselho, assentouse que se diuia soccorrer áquelle Rey com muita presteza: ao que o Gouernador despedio o mesmo Martim Afonso de Mello com onze velas, em que entraua hũa Galé real, & hũa Galeota, & os mais nauios de remo, de cujos capitaes não achamos os nomes, mais que a tres, Thome Pirez, Duarte Mendez de Vasconcellos, & Ioaõ Coelho: dandolhe o Gouernador por regimento, que passasse a Ceilão soccorrer aquelle Rey, & que d'ali se fósse inuernar a costa de Choramandel, & em Agosto fosse a Malaca, & entregasse a armada a Francisco de Sá, lançando fama que auia de ir no verão as prezas á costa de Pegu, porque estaua a viagem da Sunda tão desacreditada, qne não auia soldado, que quisesse receber soldo pera la; & d'esta maneira pella fama que se lançou se embarcaraõ quatrocentos homens. Partido Martim Afonso, despedio o Gouernador Pero de Faria, pera ir entrar na capitania de Malaca, porque desejaua o Gouernador de tirar Iorge Cabral, que estaua prouido por Pero Mascarenhas, & foi em hum Galeão: & em sua companhia mandou o Gouernador Simão de Sousa Galuão, filho de Duarte Galuaõ, pera ir entrar na fortaleza de Maluco, & tirar dom Iorge de Meneses, que era do bando de Pero Mascarenhas, & lhe deu hũa Galè em que foi com setenta homens, & com elle dõ Antonio de Crasto, que ya prouido da capitania mor d'aquelle Archipelago, & da Alcaidaria mor da fortaleza. E assi mandou o Gouernador outro Galeão entregue a Pero de Faria, cõ cento & cincoenta homẽs, pera la o dar a Francisco de Sá pera a jornada da Sunda: pera que com a gente, & armada que Martim Afonso auia de leuar, fosse fazer aquella fortaleza. Assi despachou o Gouernador a Christouaõ de Mendoça pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, a quem deu hũ Galeão, hũa Carauela, & dous Bargantins, em que mandou muitos

prouimentos pera aquella fortaleza, & muita fazenda d'elRey pera se la vender (porque neste tempo não tratauão os Gouernadores, nem tinhão o dinheiro d'el Rey debaixo de suas camas, antes o mercanauão em proueito da fazenda d'elRey, & não no seu.) Esta carauela & bargantins yão deputados pera guardarem aquelle estreito. Com Christouão de Mendoça foi embarcado Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, que Manoel de Macedo trouxe preso, como atras dissemos, que ya liure de todas as culpas que lhe puseraõ: & porque era mortalissimo imigo de Rax Hamedé, que ficou em seu lugar, chegando a Mascate ordenou, por recado que diante mandou, com que o matassem, no que dizem que foi culpado elRey, pello grande medo que tinha do Xarrafo. Partidos todos estes capitaes, de cujas jornadas adiante daremos rezão, o Gouernador se foi pera Goa, ficando dom Ioaõ Deça na costa do Malauar, continuando na guerra contra os Mouros, & tendo auiso que em Mangalor estaua hũa armada do Camorim, foi àquelle porto, & naõ a achando deu n'aquella cidade, & a queimou, & abrazou; & voltando pera o Malauar, encontrou sesenta Paraos, que era a armada de Calecut, de que era capitão hum valente mouro chamado Chinacotiale, que vinha de propósito buscar a nossa armada pera pelejar com ella. Dom Ioaõ tanto que os vio chegou os nauios à Galé, tantos de hũa parte como da outra, & encadeandose, & preparandose pera pelejar com os imigos, que a foraõ cometer com muito grande determinaçaõ. Dom Ioaõ tinha a artelharia dos seus nauios mũy bem carregada, & deixando chegar perto os imigos deraõlhe aquella primeira surriada, de que lhe meterão algũs no fundo, & baralhandose todos, começouse hũa aspera batalha, que foi da nossa parte mũy bem pelejada, & muito arriscada; por serem os imigos tão differentes em numero de nauios, & gẽte, que auia dez pera hũ. Hum capitaõ de hũ nauio aque naõ achamos o nome, ferrou cõ Chinacotiale, & abordados ambos pelejaraõ cõ muito valor, matandolhe muitos dos imigos, & quis Deos que dessem no mouro duas espingardadas, de que cayo, trazendo ja duas cotiladas mũy grandes. Os do seu nauio em o vẽ do cair logo se lançaraõ ao mar. Dom Ioaõ Deça fez n'esta jornada o officio de muito bom capitão, & de valente soldado, pelejando, & gouernando com muito valor, & prudencia. O capitão que rendeo Chinacotiale, logo lhe tirou a sua bandeira da quadra, & a abateo. Correndo a noua pella armada q̃ era morto, logo se pos ẽ disbarato,

& su-

& fugida, ficando todauia em poder dos noſſos, quarenta nauios. Forão mortos dos Mouros mil & quinhentos, & quaſi outros tantos catiuos. Chinacotiale, que ainda eſtaua viuo, foi leuado a dom Ioão Deça, que o eſtimou muito, & ſe recolheo a Cananor, com perda de vinte homens, & muitos feridos, que mandou curar mũy bem: & em Chinacotiale mandou ter grande reſguardo, por ſer Mouro muito principal. E porque ja era o verão gaſtado, deſarmou os nauios, mandando a Galè pera Cochim, em que foi dom Simão, que lhe entregou a fortaleza. Com eſta perda ficarão os Mouros mũy quebrantados, porque alem d'ella, lhe cuſtarão outros vinte Paraos, que ſe lhe tomarão por vezes, em que lhe matarão tãobem mais de mil homens. Chinacotiale ſarou de ſuas feridas, & tratou de ſeu reſgate, que ſe veio a concluir em dar doze Portugueſes, dos que eſtauão catiuos em poder do Camorim, & quinhentos cruzados em dinheiro, de que logo fez entrega, & cõ iſſo jurou em ſua ley, & deu fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portugueſes. & com iſto ſe cerrou eſte inuerno.

CAPITVLO VI.

Do que aconteceo a Antonio de Miranda no eſtreito do mar roxo, & das prezas que fez.

PORQVE ha muito, que deixamos Antonio de Miranda d'Azeuedo partido do mar roxo, ſerá rezão que continuemos com elle. Partido de Goa (como diſſemos) foi ſeguindo ſua derrota ate o cabo de Guardafui, tendo hũa grande tormenta no caminho, & chegando a monte de Felix, repartio a armada em tres partes, mandando tomar as paragens, que as naos coſtumauão ir demandar pera buſcarem o eſtreito. Aſi ſe deixarão andar ao pairo, por não poderem ſurgir, por ſer aquelle mar de muito fundo. E andando em hũa das paragens Anrique de Macedo, com outros dous nauios, hum dia pella menhã ouue viſta de hum Galeão mũy fermoſo, que vinha mũy proſpero de gente, & artelharia, & o nauio em ſi muito grande, & poſſante. Os Mouros que yão confiados na força do nauio, & na muita gente, vendo os noſſos os forão demandar. Anrique de Macedo deu hũ bolſo de vela, & prepa-

rouſe, pondoſe em armas pera o eſperar, o Galeão o foi inueſtir. A eſte tempo eſtaua ſó Anrique de Macedo, porque os outros nauios tinhãoſe apartado. Inueſtidos os Galeoẽs deitarão logo d'entro ſeus arpeos começandoſe atrauar hũa muito cruel batalha, porque os mouros eraõ mais de trezentos brancos, & a mor parte d'elles Rumes. Os noſſos trabalhauaõ d'entrar no Galeão dos imigos, & elles o meſmo por ſe baldearem no noſſo, ſobre o que fizeraõ grandes caualarias, lançandoſe de parte a parte muitas panelas de poluora, lanças de fogo, & outros arremeſſos mortaes. O vento acalmou, ficando as velas aos pés dos maſtos, & como de quando em quando daua hũas lufadas, com que ſe facudiaõ as velas, acertou de dár hũa lança de fogo na do noſſo Galeaõ, ateandoſe nella o fogo, & dando a lufada de vento, quis Deos que ao leuantar da vela foſſe com tanta força que facudiſſe a lança de fogo no Galeaõ dos imigos (que ainda eſtaua ardendo) & dando na vela grande tomou fogo, que ateou taõ brauamente, que foi forçado aos noſſos, por ſe naõ queimarem cortar a balroa, & acodirem ao fogo, que andaua nas ſuas velas, que apagaraõ com muito trabalho. Na nao dos mouros foi o ſeu crecendo deſeiçaõ, que ſe apoderou de toda ella, com tanta braueza, que pór naõ terem outro remedio ſe lançaraõ ao mar. Neſte tempo chegaraõ os dous nauios da companhia de Anrique de Maçedo, que ao tom das bombardadas acudiraõ, & vendo o negocio d'aquella maneira lançandoſe aos bateis foraõ a peſcaria dos Mouros, que andauaõ no mar, matando n'elles a ſua vontade, & cãtiuando alguns que lhes melhor pareceraõ. Os mais Galeoẽs que andauaõ pellas outras paragens, vieraõ lhe cair nas maõs por vezes vinte vellas em que entrauaõ oito naos groſſas carregadas de fazendas, & poſto que ouue algũa defenſaõ, foraõ logo rendidas. E como foi tempo de ſe recolherem, foiſſe o capitaõ mor a Caixem eſperar por toda a armada por lhe ter dado regimento que ali ſe ajuntaſſem com elle, como fizeraõ todos. Eſtando ali o capitão mor teue auiſo que ainda ſe eſperaua por algũas naos do Achem. Pello que deixando ali parte da armada, & Ruy Pereira quadrilheiro mor pera vender as fazendas das naos, elle com alguns nauios ſe foi a monte de Felix a eſperar eſtas naos, que por tardarem muito, ſe tornou pera a armada, & foi tomar Adem, onde achou Ruy Pereira que ali viera a chamado dos regedores: que ſabendo eſtar a noſſa armada em Caixem, como corrião cõ noſco em amiſade, mãdaraõlhe pedir ſe ccor-

ró contra os Turcos, que andauão pella terra d'entro destroindolhe o reino, & elRey não estaua então na çidade. Chegando Antonio de Miranda ao porto, mandou fazer aos gouernadores seus offerecimentos, que estaua prestes pera fauorecer, & ajudar elRey, contra seus imigos, o que elles estimarão muito, mandandolhe agradecimentos, & alguns refrescos. E porque os Turcos souberão logo ser a sua chegada a nossa armada, recolherão se, & despreffarão a terra. Estes erão os da companhia de Mostafa, sobrinho do Soltão Solimão, que (como dissemos) se aleuantou com as cinco galés: que depois que soube ser a armada recolhida pera Sués, se foi pera Camarão, ou pera hũa enceada que esta na boca do estreito da banda de Arabia, donde com o fauor d'elRey do Xaoly pretendeo Mostafa conquistar aquelle reino. Antonio de Miranda soube das Gales, que estauão na boca do estreito, mas não de serem cinco, & cuidou que era toda a armadda: & não tendo al mais que fazer deu a vela, & foi tomar Zeila, com tenção de destruir aquella cidade, que achou despejada, & lhe mandou por o fogo, em que toda se consumio. E por ser tempo de se recolher a inuernar o fez, & foi tomar Mascate, onde deixou os nauios grossos, & por capitão mor Antonio da Sylua, & elle com os de remo se foi inuernar a Ormuz.

CAPITVLO VII.

De como Simão de Souſa Galuão, que ya pera Maluco, foi com tempo forçado tomar a barra de Achem, & da grande & eſpantoſa batalha que teue com hũa armada ſua, em que foi muito ferido, & a Galé tomada.

PARTIDO Pero de Faria de Cochim, com toda a mais companhia, de que atras demos razão, apartouse no golfo de Nicubar, a Galé de Simão de Souſa, com hum tempo que lhe deu muito groſſo, com que foi correndo com velas pequenas, abatendo toda artelharia, porque o comião os mares, vendose muitas vezes perdidos, & alagados; mas como Deos os tinha guardados pera outra morte mais gloriosa, largou o tempo, estando ja sobre a barra de Achem, onde elle os leuou ja taõ cansados todos do trabalho passado, que não podião com sigo. E sabendo aonde estauão, trabalharão por se afastarem d'aquella costa, por saberem que aquelles mouros, erão os mores

imigos que na India tinhamos, mas o tempo lho não deixou fazer por ser o vento trauessia. Os da terra tanto que viraõ a galé, mandou elRey visitar o capitaõ d'ella com muito refresco, & dizerlhe que folgaua muito de o ver n'aquelle seu porto, porque desejaua de tratar amisades com os Portugueses, que lhe pedia quisesse entrar pera d'entro, aonde estaria mais seguro, & seria melhor prouido, porque desejaua de se ver com elle, & que se quisesse que o mãdaria pellas suas Lancharas meter pera d'entro. Simão de Sousa que era homem pretatado, & sabia a malicia d'aquella gente, mãdoulhe agradecer aquella merce, escusandose de naõ aceitar seus offerecimentos, porque ya muito apressado, & que logo auia de nauegar. ElRey como sua tençaõ era danada, quando vio que por comprimentos o naõ podia leuar, mandou de noite embarcar mil homens em vinte Lancharas, & a hum seu capitaõ, que lhe trouxesse aquella galé pera d'entro, (o q̃ teue par facil, porque ja sabia o modo de como estaua destroçada, porq̃ o presente, & recado, foi mais pera espiar que por cuidar q̃ aceitassemos nossos, seus comprimẽtos.) Prestes as Lancharas mandou elRey diante hum Calaluz, & ellas apos elle, que chegou à Galé, & disse à Simão de Sousa, que todauia lhe tornaua elRey a pedir quisesse recolherse d'entro, porque o tempo não cassaua, & que pera o reuocarem lhe mandaua aquellas Lãcharas, (o que fez elRey por se os nossos descuidarem.) Simão de Sousa tornouse a escusar, & vindose as Lancharas chegando, vẽdo n'ellas tanta gẽte, tomaraõ depressa armas. Os Achens, tanto que foraõ perto arremeteraõ a Galé, com grandes gritas, & alaridos, & acercaraõ a roda. Hum fidalgo que ali ya, chamado Manoel de Sousa, foi tão acordado que remeteo a hum falcão, que ya em cima ja ceuado, & o apontou nas Lancharas, põdolhe fogo, & foi taõ bẽ encaminhado o pelouro, & hũa roca de pedras que leuaua, que dando em meyo d'ellas matou muita gente, desaparelhando algũas, as mais começaraõ de longe a combatenos nossos, dandolhes fermosas saluas de espingardaria; algũas d'ellas, em que vinha o seu capitão mor ferraraõ a Galé por popa, por onde se lãçou d'entro hum mũy grande numero d'elles, a pezar de quantos golpes lhes deraõ os nossos cõ que lhes derubaraõ muitos. D'entro na Galé se atecu brauissimamente a briga, com os d'aquella parte porque como todos os mais estauão repartidos por partes, nenhum largou a sua, porque por todas estauão bem apertados dos imigos. Simão de Sousa que com poucos ficou de fora, pera soccorrer aonde ouuesse necessidade, acodio a popa, & remeteo com os imigos com

tamanha

tamanha furia, que matando algũs os leuou de arrancada ate o toldo, aonde apertou com elles de feição que os fez lançar ao mar, com grãde dano seu. A batalha por todas as partes estaua muito arriscada, porque os imigos eraõ muitos, & muito determinadamente cometiaõ a entrada da Galé, com muitos, & ameudados tiros. Os nossos vendo que a saluaçaõ estaua só em Deos, & no esforço de seus braços, fizeraõ todos tamanhas marauilhas, que pasmaraõ os imigos, de que ja eraõ mortos mais de trezentos. Os mais desconfiados de entrarem a Galé, & admirados da valentia d'aquelles homens, que pareciaõ leoẽs famintos, afastaraõ se pera fora, & recolheraõ se d'estroçados, & desbaratados, ficando dos nossos dous mortos, & mais de vinte & cinco feridos, sendo por todos os que yão na galé, setenta. Simão de Sousa mandou curar os feridos mũy depressa, porque bem entendeo que auia de ter mayor trabalho, porque o tempo pera nenhũa parte o deixaua caminhar, & sobre a marra estaua sofrendo sua importunaçaõ, receoso taõbem de dar a costa. As Lancharas entradas d'entro, indo o capitaõ a elRey lhe perguntou pela Galé, elle lhe contou o que vio. ElRey apaixonado canalgou em hum Elefante, & mãdou chamar o seu capitão mor, & lhe jurou por Maramede, que se lhe naõ trazia aquella Galé, que o auia de espedaçar com aquelle Elefante, mandãdo lançar mais Lãcharas ao mar, com que prefez cinqoenta, em que embarcou dous mil homens, & todos foraõ demandar a Galé. O capitaõ da armada despedio diante hũa Lanchara cõ hũa bandeira de paz pera segurar os nossos, que chegando aborda da Galé, falou hum homem em Portugues, & perguntou pello capitaõ dizendo que elRey estaua mũy agastado, sendo taõ amigo de Portugueses, & desejando de lhes fazer honras, & gasalhados, naõ os quererem aceitar d'elle: que lhe fazia a saber, que aquelle capitão que cõ elle pelejou estaua prezo, porque o agrauou & offendeo, em lugar de o seruir como lhe elle tinha mandado, & pera que visse o castigo q̃ por isso lhe queria dar, lhe pedia entrasse pera d'entro pois naõ auia tempo pera fazer sua viagem. Alguns foraõ de parecer, que deuião aceitar aquelles comprimẽtos, que polla ventura seriaõ verdadeiros, porque elles ja não estauão pera mais, & que naõ podia auer tamanha maldade em hũ homem que tinha nome de Rey, que tratasse mal os homens, que o buscauaõ de paz, & confiados em sua palaura, entrauaõ em seu porto. Simaõ de Sousa lhes disse que se não fiassem d'aquillo que dizião, porq̃ aquelle barbaro era o mais cruel, falso, & fementido mouro que auia em toda a India, & que entẽdessem que

selos acolhia, os quais se mariy-
zão, que muito melhor lhes era,
pois auião de morrer, se antes dõ
as armas nas mãos, vingando bem
suas mortes, & o que quando não
podesse saluar as vidas, o farião
as almas, que Deos por sua miseri-
cordia lhes receberia, pois acaba-
rão pelejando por sua santa fé. A-
nimados todos cõ estas palauras
disserão, que o seguirião em tudo,
& logo se puzerão em armas. O
capitão mor da armada fez aque-
la diligencia, tanto por recear a con-
trario lhe outro desbarate, qual o
passado, quanto por lhe encomen-
dar el Rey muito, que lhe leuasse
todos aquelles Portugueses viuos,
do que elle ya desconfiado, porq̃
bem sabia, que elles não se entre-
gauão a ninguem, se não despeda-
çados. Vendo que os não podia le-
uar por comprimentos, meteo a
Galé por todas as partes com ta-
manho estrondo, que poderão es-
pantar muitos homens, & muitos
nauios, dando muitas, & muy apres-
sadas saluas de artelharia, & de ar-
cabuzaria: mas os nossos como es-
tauão determinados a morrerem,
postos em seus lugares, rebaterão
os imigos, que quando entrar a Ga-
lé, vinha com hũa soma d'elles ao
mar bem escandalizados: mas co-
mo as Lancharas erão muitas, &
os imigos muitos, que no lugar dõ
de cahião dez, se punhão trinta.
Apezar dos golpes dos nossos en-
trauão muito poucos na Galé que
logo forão atassalhados, porque
não achauão homens, senão leões,
que reberuião com elles aos dentes
pera os comerem: fazendo aque-
les poucos & cansados homens ta-
manhas caualarias, que de cada hũ
delles se poderão encher muitos
capitolos, quanto mais de tantos,
que nos abreuiamos neste peque-
no, por nos faltarem palauras pera
os engrandecer, como merecem.
Os que estauão feridos do dia-
tes como homens escandalizados,
não dauão golpes que não cortas-
sem pernas, braços, cabeças pello
meyo, não lhe dando cousa algũa
de se lhes renouarem as feridas cõ
outras de nouo, que o furor lhes
não deixaua sentir. E posto que
(como dissemos) todos fizerão tan
to, Simão de Sousa, & Manoel de
Sousa, andauão taes, & tão encar-
niçados dos imigos, fazendo tão
espantosas facanhas, que deixauão
muitos mouros de pelejar pellos
olhar, porque não podião crer, cõ
o verem, que em braços humanos
auia tantas forças, nem em homẽs
mortaes tão pouco receo da mor-
te: porque onde elles viaõ mor pe-
rigo, ali se arremessauão, cortan-
do, ferindo, & destroindo tudo a-
que chegauão. Durou isto tempo
de quasi tres horas, em que os nos-
sos assi os escandalizarão, que se
começarão a alargar da Galé, fican
do todos taes que se não podião
menear, sendo ja alguns mortos,
& todos os mais feridos em mui-

tas partes. Indoſe ja os Mouros afaſtãdo, paſmados do que viraõ, permittio Deos, que ſe deſaferrolhaſſe hum mouro que andaua a banco na Galé, que ſe lançou ao mar, & foi ferrar hũa Lanchara, indo ja afaſtada, & diſſe aos Achẽs, que porque deixauão aquella Galè, que os mais dos Portugueſes eraõ mortos, & todos os outros taõ feridos, que não eſcaparião. ElRey que eſtaua da terra vendo a briga, não fazia ſenão ceuar os ſeus com mais gente: & vẽdo afaſtar as Lanchara, lhes mandou outras de refreſco, com o que tornaraõ a voltar, & inueſtirão a Galè, não achando os noſſos no eſtado em que o Mouro lhes pintou, ſe não tão viuos & eſpertos, como da primeira vez; & poſtos em defenſaõ da Galè, pelejando como deſeſperados, fazião nouas façanhas: mas como o partido era tão deſigual, & muitos dos imigos que vinhão de refreſco, apertarão tanto que entrarão a Galè, não ſendo mais os que podeſſem pelejar que Simão de Souſa, Manoel de Souſa, dom Antonio de Craſto, Antonio Caldeira, & Iorge d'Abreu, todos homens fidalgos (que tinhão feito obras memoraueis, & dinas de ſe recitarem por eſpanto,) que todos tinhão mortaliſſimas feridas. E como eſtes que entraraõ de tropel eraõ mais de trezentos, forão leuando eſtes fidalgos ate o pè do maſto, fazendo todos couſas façanhoſas. Aqui pregarão as mãos com hũa frecha a dom Antonio de Craſto, na haſtia de hũa chuſla cõ que pelejaua, que tinha enſopada nas barrigas de mais de quarenta d'aquella feita: & com as mãos encrauadas, pelejou hum pouco como hum leão, mas com as forças das pancadas, ſe lhe foi tanto ſangue, que cay o morto. Os outros ficarão tendo o impeto aos imigos, matando n'elles como ſe forão moſquitos: & tão grande medo lhes tinhão todos, que não ouſando chegar a elles, de longe os combatião com lanças, & dardos dat remeſſo; de que hum deu pellos peitos a Simão de Souſa, que rompendolhe as armas o paſſou de pãrte a parte caindo logo morto. Aqui acabarão de morrer em ſeruiço de Deos & d'elRey, quatro filhos de Duarte Galuão, Iorge Galuão, Mancel Caluão, Ruy Galuão, & eſte eſforçado caualeiro Simão de Souſa Galuão, que veio ter o fim tão peculiar a elle. Os tres q̃ ficarão eſtauão ja em eſtado que de não poderem menear as armas ſe renderão, ficando os imigos ſenhores da Galè, em que acharão ainda vinte & cinco dos noſſos viuos, eſtirados, & cheos todos de muitas feridas. Eſta foi a mayor, & mais bẽ pelejada briga no mar (com tão grande deſigualdade) q̃ lemos, nem ouuimos, & certo que ſe podera eſte ſoceſſo contar entre os caſos famoſos do mundo, & muito

muito mais pera louuar & engrandecer, q̃ e o d'aquelles Heroas que acompanharão a Iasaõ, que as fabulas tanto louuaraõ & aleuantarão. Os Mouros mágoados de verem ali tantos parentes, & amigos seus mortos, das maõs dos nossos, quiseraõ vingarse, nos que ainda estauão palpitando, mas acodio a isso o seu capitão, que lhos tirou das maõs, porque desejou muito de os leuar assi vios. ElRey esteue vendo como entraua a Galé, & desembarcando o capitão, mandando leuar os nossos as costas dos seus (por que se não podião bolir) lhos apresentou. ElRey por dissimular sua maldade mostrou pezarlhe de os ver taõ mal tratados, & sentio a morte de Simão de Sousa: & mandando recolher os feridos, pera que os curassem, lhes disse, que como sarassem, elegessem entre si hum, pera que fosse a Malaca dizer ao capitão que mandasse buscar a Galé, & aos mais companheiros, porque desejaua muito de ter paz & amisade com os Portugueses: mandando ter d'elles muito bom cuidado, porque queria ver, se com aquelles podia caçar outros.

CAPITVLO VIII.

De como Gonçalo Gomez Dazeuedo, que ya pera Maluco chegou a Banda, & do que ali passou com dom Garcia Anriquez; & de como chegou a Tidore Aluaro de Sayauedra Ceron, que partio da noua Espanha, & do que aconteceo a dom Iorge com elle.

PARTIDO de Malaca, Gonçalo Gomez d'Azeuedo, com o soccorro pera Maluco, como atras cõtamos, foi com bem tẽpo tomar a ilha de Banda, onde achou ainda dom Garcia Anriquez, que estaua com trãqueira, & em terra; que o recebeo bem, & se agasalhou em outra tranqueira que mandou fazer, pera onde se passou Manoel Falcão, porque desejaua de se tornar pera Maluco, & soldarse com dom Iorge, dandolhe conta de tudo o que era passado antre aquelles dous fidalgos, de que elle ficou mũy escandalizado de dom Garçia. Poucos dias depois chegou Vicente da Fonseca, que ya pera Malaca, com as cartas de dom Iorge, com os autos & papẽis contra dõ Garçia, & foi agasalharse cõ Gonçalo Gomez, aque taõbem contou ao que ya pera Malaca, requerendolhe que prendesse dom Garcia,

do

do que ſe elle eſcuſou, mas diſſe que lhe tomaria o nauio, por ſer da obrigaçaõ da fortaleza. Iſto ſe começou logo a romper, o que dõ Garcia não pode crer. Tanto que foi tempo de ir pera Maluco, foi-ſe Gonçalo Gomez deſpedir de dõ Garcia, que foi com elle ate a praya. & embarcado nos bateis chegou as naos, & prepaſſando pella de dom Garçia, lhe meteo d'entro Ruy Figueira com alguns Portugueſes, que fez logo leuar a amarra, & deu à vela juntamente com Gonçalo Gomez. Dom Garçia q̃ andaua ſobre auiſo, & tinha ja enſayado o meſtre do que auia de fazer, & eſtaua preſtes com alguns bateis, em que logo ſe embarcou, foi demandar a nao que ficaua detras por artificio do meſtre, que deu com ella por dauante. Vendo Ruy Figueira vir os bateis, entendeo o negocio, & capeou a Gonçalo Gomez que ya diante, que voltou, & vendo ir os bateis lhes atirou com hum camelo, que foi dar em hũ d'elles, em que ya Manoel Lobo, & lhe matou algũs remeiros. Ruy Figueira acodio as velas, & as fez preparar, & tornou a nao a ſeu caminho, com o que dõ Garcia ſe tornou muito triſte, & magoado, auendo aquillo alem de perda, por afronta mũy grande. As naos foraõ ſua derrota, em que os deixaremos, por continuar com dom Iorge. ¶ Depois de dom Garcia embarcado, ficou continuando na guerra contra os Caſtelhanos, aquem os Reys de Tidore, & Geilolo, fauoreciaõ, & ajudauaõ lançando ſuas armadas no mar, com que defendiaõ os mantimentos que yaõ pera a noſſa fortaleza, com o que a puſeraõ em muito grande aperto. E pera por os noſſos em mor cuidado, chegou a Tidore hum nauio de Caſtelhanos, de que era capitaõ Aluaro de Saya uedra, que tinha partido da noua Eſpanha por mandado de Fernaõ Cortes, cujo parente era, porque ſe lhe offereceo a deſcobrir d'ali Maluco. Partio dia de todos os ſantos do anno de mil quinhẽtos, & vinte ſete, com tres nauios, de que deſappareceraõ dous, ſem ſe ſaber onde, nem como. Eſte chegou a ſaluamento, pera dar tantos trabalhos àquella fortaleza, & foi o primeiro nauio que da noua Eſpanha nauegou pera Maluco, & pos no caminho tres mezes pellas grandes correntes d'agoas que achou per antre aquellas ilhas em ſeu fauor. Foi eſte ſoccorro muito feſtejados dos ſeus, & ainda mais o eſtimaraõ, por ſaberem a nauegaçaõ d'aquellas ilhas pera a noua Eſpanha, porque aſsi podião breuemente ſer ſoccorridos: & aſsi ficaraõ taõ ſoberbos, que ouueraõ que tinhaõ pouco que fazer, em tomarem a fortaleza. E logo os Reys de Geilolo, & Tidore, negocearaõ ſuas armadas pera irem tomar a ilha de Moutel, que era d'el

Rey

de Ternate, do que forão aui coxia, ou por esquecimento, ou pei
os seus sangajes, & morado tado. Este roim socesso sentio mui
& mandaraõ pedir soccorro to dom Iorge, porque lhe não fi-
achil Daroes: dom Iorge man- cauão na fortaleza mais de cinco
em sua cõpanhia Fernão Bal- ta Portugueses. Cachil Daroes a-
ya por capitão da Galeota no- uendose por taõ afrontado d'a-
que ja estaua acabada, & lhe quelle caso soceder estando elle au-
eu trinta & cinco Portugueses, sente, de anojado deixou a arma-
regimento a Daroes, que andas- da em Moutel, & se foi a Ternate.
e no mar da ilha de Moutel, pera Foi isto aos quatro de Mayo, &
ade Maquiem, & que fizessem aos aos oito quando os nossos estauão
imigos toda a guerra que podesse. mais desconfiados, chegou Vicen-
Desta armada foraõ os Castelha- te da Fonseca, (que se tornou con-
nos auisados, & Fernão dela Tor- o soccorro que achou em Banda,
re despedio logo Aluaro de Saya- & deu nouas ao capitão da vind
uedra na Galeota noua que taõ- de Gonçalo Gomez d'Azeuedo,
bem fez, com quarenta Castelha- & do que passara com dom Gar-
nos, & no caminho de Moutel se cia. Fernão dela Torre, tanto que
encontrou com Fernão Baldaya, soube do soccorro, determinou de
que ya apartado de Cachil Da- o mandar esperar ao caminho, &
roes, & como ambos eraõ esfor- armou pera isso as duas Galeotas,
çados caualeiros, logo se comete- & hum Bargantim, em que man-
rão, desparando primeiro sua sur- dou embarcar Sayauedra com cen
riada de bombardadas. E inuestin to & vinte homens. Gonçalo Go-
dose começaraõ hũa mũy trauada mez vindo sua derrota chegou a
batalha, & nos primeiros encon- ilha de Bachaõ, & viose com aquel
tros mataraõ Fernão Baldaya, cõ le Rey, de quẽ soube o estado em
eito Portugueses, os mais (que era que a nossa fortaleza estaua; &
gente muito coitada) logo se rende deixando ali Manoel Falcão, ate
raõ aos Castelhanos, tanto que se que o saneasse com dõ Iorge, foi
viraõ sem capitaõ. Sayavedra se seguindo sua jornada. E indo na
recolheo com a Galeota leuando volta de Ternate, ouue vista da ar-
cinco mortos, & todos os mais fe- mada Castelhana, que logo conhe
ridos, & em Tidore foi recebido ceo, & mãdou embandeirar o seu
com muita festa, & affirmauão os nauio, por lhe mostrar o aluoroç
homens de Maluco, que ouueraõ que tinha de se encontrar com el
os Castelhanos esta vitoria por cul les, porque vissem o pouco que
pa do nosso Condestabre, porque receaua, & pondose em armas
não meteo pelouro no camello da ambos os nauios juntos, tocan

trumentos de guerra os foi
dar. Sayauedra vendo tan-
ança, foi paſſando de lar-
ndo as trombetas, como
ſaluaua. Gonçalo Gomez,
er caſo mais d'elles foi ſur
Ternate, no porto de Talan
d'ali ſe paſſou a fortaleza
i muy bem recebido de dõ
que logo lhe entregou a ca-
mor do mar, & a Alcaida-
da fortaleza; & ſabendo
lorge o dano que tinha re
dos Caſtelhanos, pareceo-
n tratarem de pazes, & aſ-
onſelhou a dom Iorge, pel-
enuiou hum caualeiro hon
Fernão de la Torre, man-
he dizer, que ſempre deſe-
ter com elle paz & ami-
aſsi por ſerem Chriſtãos,
por vaſſalos do Empera-
o liado em parenteſco com
de Portugal, & que ja ago-
ia cuidar, que não come-
uellas amiſades por neceſ-
s que tiueſſe, pois eſtaua
ſoccorro freſco; mas por-
e parecia ſeruiço de Deos,
Rey eſtarem amigos: que
ſeſſe aceitar as pazes, com
es apontamentos que lhe
aua, que eſtaua preſtes pe-
fazer: ſe não que de todas
das, males, & danos, que da
ſocedeſſem, daria conta
perador. Fernão de la Tor-
cheo bem a Iorge Goter-
que aſsi ſe chamaua aquel-
le caualeiro.) & vio os apontá-
mentos que eraõ os ſeguintes.

Que dom Iorge era contente de
fazer pazes com os Reys de Tido-
re & Geilolo, por amor de Fernão
de la Torre, & que lhe daria hum
Caſtelhano que la eſtaua catiuo
do tẽpo de dom Garcia, & que
Fernão de la Torre lhe auia de dar
todos os Portugueſes que foraõ ca
tiuos na Galeota, & tornarlhe a me
tade da ilha de Maquiem, & que
não ajudaria aquelles Reys contra
elle: & q̃ os Portugueſes & Caſte-
lhanos que ſe paſſaſsẽ de hũa par-
te pera outra, não ſendo por caſo
crime, ſe entregaſſem: & o meſmo
os eſcrauos: & que Cachil Daroes,
& elRey de Bachaõ, não farião
mais guerra aos Reys de Tidore.
Fernão de la Torre conſentio em
tudo, ſomente na reſtituição da
metade da ilha de Maquiem, por-
que dizia que era ja do Empera-
dor, & ſem ſua licença o não po-
dia fazer. Iorge Goterres reſpon-
deo, que pois aſsi era, que ficaſ-
ſe como dantes. E deſpedindoſe
d'elle ſe foi pera Ternate, ficando
a guerra aberta. Vendo dom Ior-
ge que Fernão de la Torre eſtaua
alterado, determinou de lhe fa-
zer toda aque pudeſſe, em que ſo-
bre eſteue porque entendeo em
Gonçalo Gomez d'Azeuedo capi-
tão mor do mar, que mais folgaria
de fazer crauo, que guerra: & que
pellos poderes que leuaua o não
podia obrigar a couſa algũa. E por

se não vir depois achar em faltas, despedio Simão de Vera em hum nauio, com as cartas & papeis contra dom Garcia, que eraõ os que Vicente d'a Fonseca tornou à trazer, pedindo assi ao capitaõ de Malaca, como ao Gouernador da India, que o soccorresse com gente, nauios, roupas, & monicoes: dandolhes conta do estado em que aquella fortaleza estava: Simão de Vera se fez a vela, & foi tomar a ilha de Mindanao, pera tomar mantimentos, & ali foi morto pellos da terra, & quantos yão com elle. Fernão de la Torre foi logo auisado do nauio que dom Iorge mandaua a pedir soccorro pello que taõbem despedio Sayauedra na sua haueta pera a noua Espanha, escreuendo àquelle viso Rey, o estado em que ficaua, pedindolhe soccorro. E pera testemunhas das vitorias que tinha auido dos nossos, mandou embarcar com elle, alguns dos Portugueses que forão catiuos na Galeota, em que entraua hum Fernão Moreira, patrão da ribeira, hum Comitre, & hum escriuão do publico judicial da fortaleza, & outros dous que por suas vontades quiseraõ ir naquella jornada, hum chamado Simão de Brito Patalim, & outro Bernardo Cordeiro. Sayauedra se fez à vela a quatorze de Iunho, & fazendo sua derroa foi tomar a ilha Hamei, cento & setenta legoas de Tidore, onde surgio pera fazer agoa, & lenha. Os nossos que yão contra suas vontades, determinaraõ de lhe queimar o nauio, porque naõ podesse ir a noua Espanha: & não podendo achar comodo pera isso, furtaraõ hũa noite o batel, & com quatro escrauos que tomaraõ da nao se foraõ caminhando pera Ternate, de ilha em ilha, sofrendo tantas fomes, trabalhos, & infortunios, que de cansados se deixarão ficar tres d'elles em hũa d'aquellas ilhas: os outros tres foraõ seguindo sua derrota a te chegarem a ilha Grandij, do senhorio de Tidore, onde forão conhecidos, prezos, & mandados a Fernão dela Torre, que sabendo quem erão os mandou meter a tormẽto, & confessando o que passaua, mandou degolar Simão de Brito Patalim, & enforcar Fernão Moreira, o outro ficou catiuo. D'estas cousas teue auiso dom Iorge, que sentio muito, & quis fazer guerra aos Castelhanos, mas Gonçalo Gomez d'Azeuedo se escusou disso, porque não tratou mais que de crauo, & largou os cargos pera que os prouesse em quẽ quisesse, ficando como mercador particular, forrandose de todas as obrigações. Dõ Iorge deu os cargos a hum Lionel de Lima, que fez taõbem tanto como o outro: pello que ficou pairando ate lhe vir o soccorro q̃ mandaua pedir. Aluaro de Sayauedra, vendose sem batel esteue

a risco

a riſco de ſe tornar, mas cometeo a jornada ate tomar hũas ilhas, que por terem muitas aruores, & ſerẽ freſcas, lhe pos nome Beljardim, q̃ eſtaõ em altura de dez graos do Norte, quaſi duzentas & cincoẽta legoas donde tinha partido. Os naturaes d'aqui ſaõ homẽs aluos de olhos pequenos, poucas barbas, parecẽſe muito cõ os Chins, & preſumeſe que ſe perderia ali algum Junco ſeu, & que a gente ficaria na terra, de que ſe veio aprouoar muito, (porque todos trazem çonſigo ſuas molheres per onde vaõ) & como ficaraõ n'aquellas ilhas ſem conuerſaçaõ, fizeraõſe os que d'elles procederaõ taõ barbaros, que pareciaõ ſaluagens. Naõ auia n'aquellas ilhas criaçaõ de aues, nem de gados; veſtiaõ huns panos que fazião de eruas: naõ tinhaõ ferro, porque em ſeu lugar vſauaõ de caſcas de amejas, & de hoſtras, com que cortauaõ as couſas que queriaõ: peſcauaõ em hũas almadias de madeira de pinho, de que auia muitas nas ilhas: o ſeu paõ eraõ cocos ſecos ao ſol, a que na India comummente chamaõ copra. Comiaõ eruas pizadas, & naõ vſauaõ fogo porque nunca o viraõ, ſe naõ depois que eſtes da companhia de Sayauedra lho enſinaraõ a fazer, & comeraõ ate entaõ o peixe cru. Sayauedra deixouſe ficar ali alguns dias, em que lhe entraraõ os ponentes, com que foi forçado arribara Maluco, como adiante diremos. Certo que ſaõ muito pera conſiderar eſtas couſas, & parece que foi permiſſaõ diuina, o mao fim que tiueraõ eſtes dous homens que yão pedir ſoccorro, o Sayauedra, & o Simaõ de Vera, hum por parte dos Portugueſes, & outro da dos Caſtelhanos: no q̃ moſtrou Deos clariſsima mẽte, quã deſeruido era daquellas guerras, q̃ hũs Chriſtãos fazião a outros, entre o mais apartado paganiſmo do Oriente, & onde a ley de Mafamede ſe começaua a atear & que depois acendeo tamanhas labaredas por aquellas partes: mas eſtes auiſos de Deos, naõ deixa entender a cobiça humana, que ſempre mede as couſas, mais por ſeu apetite, que por rezaõ. Deixando eſta materia, tornemos a dom Garcia Anriquez que eſtaua em Banda. Tanto que Gonçalo Gomez d'Azeuedo ſe partio, elle ſe embarcou em hum Junco, & foi ſua derrota pera Malaca: no caminho tomou hũa embarcaçaõ de mouros laos, com algũa fazenda, & chegando a Malaca, antes de ſurgir, mandou pedir ſeguro a Pero de Faria, pera elle & pera todos os que yão com elle, pello negocio de dom Iorge que lhe elle mãdou, & deſembarcãdo em terra, lhes tomou a fazẽda a todos dizendo, que elle lhes naõ ſegurara mais que as peſſoas, mas depois lha tornou com fiança de ſe apreſentar em Goa, o que lhe cõcedeo

por acodir a hũa briga de Amouços que em Malaca ouue, que elle apazigou com morte de oito.

CAPITVLO IX.

Do que aconteceo a Antonio de Miranda que inuernou em Ormuz, & de como Diogo de Mesquita foi catiuo da armada de Cambaya, & foi metido em hũa bombarda, pera que se fizesse moure, & da grande constancia que teue. E de como esta armada pelejou com Anrique de Macedo, & da braua batalha que tiueraõ.

RECOLHIDO como atras dissemos, Antonio de Miranda d'Azeuedo pera Ormuz, com as prezas que tinha tomadas, mandou vender toda a fazenda das naos que tomou, em que se fizerão sessenta mil cruzados: pagou aos soldados, & deulhes mesas. Como entrou Agosto foisse a Mascate, & negociou a armada toda, com que se fez á vela, pera ir esperar as naos de Meca, (que auião de ir pera Cambaya) na paragem da ponta de Dyo, onde todas vaõ demandar. E fazendo sua jornada, tanto que deu na costa da India, achou o tempo tão grosso, que não se atreueo andar ao pairo, porque o comião os mares. E fazendo final a frota foisse na volta de Chaul, pera onde todos o seguiraõ. Somente Anrique de Maçedo, & Antonio da Sylua, que se deixaraõ ficar na paragem de Dyo, por sofrerem melhor o pairo. Os da armada de Antonio de Miranda yaõ trabalhados, o Camorim pequeno de que era capitaõ Lopo de Mesquita, desuiouse da armada, & os ventos & agoas o leuaraõ a enceada de Cambaya, com mares que os comião: onde quis a fortuna que encontrasse hũa nao de mouros mũy bẽ artelhada, que trazia duzentos homẽs de peleja, q̃ taõbẽ ya correndo com tempo, leuando hum bolso de vela, com que yа demandando Surratẽ. Lopo de Misquita posto que não tinha mais de trinta soldados, armouse, & dãdo o traquete foi demãdar a nao, & a inuestio, & da primeira pancada que lhe deu se lançaraõ dentro Lopo de Misquita, & Diogo de Misquita seu irmaõ com alguns vinte soldados, que foraõ recebidos dos imigos com muito esforço, trauandose dentro hũa bem fermosa batalha. As naos como estauão asidas hũa da outra dauaõ tamanhas pancadas, com os mares que traõ banzeiros, que abriraõ por algũas partes, por onde começaraõ a fazer muita agoa: & sempre se desfizera hũa com a outra, se com a força não quebrara a balroa com que estauaõ prezas, com o que se apar-

apartaraõ cada hũa pera ſua parte, ficando Lopo de Meſquita com os ſeus pelejando na nao dos imigos com muito valor, ferindo & matando nos mouros cruelmente. Os do Galeaõ naõ poderaõ tornar a ferrar a nao, & foilhes forçado (pella muita agoa que fazião) dar a vela pera Chaul. Os que ficauão na nao vendo que ſua ſaluaçaõ eſtaua em ſeus braços depois de Deos, determinaraõ de ſe liurar por elles, pelejando como leoẽs famintos, fazendo tamanha deſtruiçaõ nos mouros, que depois de terem os mais d'elles mortos, & os outros feridos, entregaraõſelhe, ficando os noſſos taõbem com muitas feridas. A nao com a muita agoa que fazia yaſe ao fundo, aque os noſſos acudiraõ, huns as bombas, ontros a tapar os buracos, mas a couſa ya em crecimento: pello que Lopo de Meſquita mandou a ſeu irmaõ Diogo de Meſquita, que ſe meteſſe no batel com alguns Portugueſes com elle, & mandou meter muitos caixoẽs d'ouro & prata que a nao trazia: porque ſe ſe ella foſſe ao fũdo, ſe ſaluaſſe aquillo, & não deixou de trabalhar por vencer a agoa. Os do batel auendo que a nao, naõ poderia deixar de ſe ir ao fundo, receandoſe que os ſorueſſe com ella, & que os outros ſe quiſeſſem meter no batel, que era pequeno, o que ſeria cauſa de ſe perderem todos; afaſtaraõſe da nao, & deraõ a vela, ſem Diogo de Meſquita (que gritaua tal naõ fizeſſem) lhe poder valer; & foraõ gouernando pera Chaul, fazendolhe Diogo de Meſquita ſeus requerimentos, & pedindolhe que o poſeſſem na nao onde ficaua ſeu irmaõ, de que lhe a elles deu muito pouco. Lopo de Meſquita que ficou na nao cõ outros tantos como yão no batel, que ſerião oito, ou dez, tãto trabalharaõ ajudados dos mouros, que tomaraõ algũas agoas por partes, com que ficou a nao pera poder gouernar, & deraõ a vela pera Chaul, onde ao outro dia ſurgio, achando ja ali Antonio de Miranda, que ſoube do que paſſaua, & ficou muito agaſtado pellos do batel, que ſe naõ ſabia d'elles. A fazenda d'eſta nao ſe tirou & vẽdeo, dandoſe as partes aos ſoldados, & ficaraõ a elRey forros mais de ſeſenta mil pardaos, a fora o ouro & prata que ya no batel, que montaua mais. Os do batel, que tomaraõ o caminho de Chaul, quis Deos pagarlhes ſua deſumanidade, (porque não cuidé que ha quẽ poſſa fugir a ſeus caſtigos) E aſsi foraõ dar com a armada de Dyo, que ja andaua fora, que ſerião trinta & tres Galeotas, mũy bem pertrechadas, de que era capitão mor hum valente mouro chamado Alixà. Eſte vendo o batel, ſe foi a elle & o tomou, recolhẽndoſe com

hũa preza, tão folgada & que aos nossos custou tanto: & fazendose na volta de Dyo, encontrou com o Galeão de Anrique de Maçedo (que como ja dissemos se deixou ficar com o de Antonio da Sylua naquella paragem, de quem se tinha apartado com o tempo.) Alixa vendo o Galeão, o rodeou com sua armada, começandoo a bater com sua artelharia, de camelos, & falçoẽs de metal, de q̃ trazia muitos. Anrique de Maçedo negociou múy bem o seu Galeão, repartindo o trabalho d'elle pellas pessoas de mais confiança, & recebeo os imigos com muito animo, dandolhes suas saluas cõ a artelharia que trazia lestes: com que lhes desaparelhou muitas das fustas por çima, porque como o Galeão era altero so, passauão lhe os mais dos tiros por alto, por serem as Galeotas rasteiras, que se metião debaixo da sua artelharia, batendo o Galeão ao lume d'agoa, por onde lhe abrirão muitos rombos, & se ouuera de yr ao fundo, senão fora a muita diligencia de Anrique de Maçedo; que acodia a tudo com muita presteza, mandando tapar os buracos com colchas, colchoẽs, & com outras cousas. A bataria dos imigos era cada vez maior, & o Galeão estaua ja todo desaparelhado, os mastos quebrados, as obras deçima desfeitas, de sorte que ficaua raso, & os nossos no comues descubertos a seus tiros, sem deixarẽ seus lugares, pelejando todos com muito valor. Anrique de Maçedo corria o Galeão de popa a proa, animando, & esforçando os seus, tẽdo embaixo algũs homens de muito recado com escrauos, & marinheiros, pera acudirem aos buracos que se abrissem. Todos este dia mereceraõ hum grandissimo louuor porque com andarem feridos de rachas, & frechadas por hũa parte pelejauão com suas espingardas, com que tinhaõ mortos muitos dos imigos, & por outra ajudauão a bornear as pessas da artelharia, fazendo os mais d'elles o officio de bombardeiros; carregando as pessas, & atirando cõ ellas, como se toda a vida o vsaraõ, sofrendo & pelejando, como homens que se vião taõ destroçados, & perdidos, & que querião vẽder múy bem suas vidas. Alixá vendo o Galeão todo arrazado, determinou de o abalroar, & entrar, o que cometeo com grandes gritas, mas custoulhe caro este acometimento, porque achou nos nossos tal resistencia, que com morte de muitos os fizeraõ afastar: & assi por outras algũas vezes que os tornaraõ a cometer. Durou esta briga quasi oito horas, sendo cada vez mais cruel, & apertada, estando os imigos admirados, do trabalho que os nossos tinhão sofrido, & do nouo animo com que cada vez que os cometião, os achauão. Estando neste risco, & o Alixa determinado

do de os não largar atè os render, ſoccorreos Deos com a chegada do Galeão Reys Magos, de que era capitão Antonio da Sylua, que acodio ao tó das bombardadas, & vinha com as velas dadas, & poſtos em armas, & vendo o noſſo Galeão taõ piadoſo, deu graças a Deos pela merce que lhe fizera em o trazer aquelle tempo, & pera alegrar a todos mandou com muito aluoroço tocar as trombetas, q̃ começarão a tanger, alegraiuos, alegraiuos, que aqui vẽ os tres Reys Magos. Chegando às Galeotas, meteoſe em meyo d'ellas, & as começou auarejar com ſua artelharia, em que fez mũy bom emprego. Alixá tanto que vio o ſoccorro, tomando o remo em punho ſe foi ſaindo, & Antonio da Sylua ſeguindoo as bombardadas. fazendolhe o Alixá ſempre roſto, com algũas Galeotas, & tirandolhe taõbem muitos tiros, de que quis a deſauẽtura que acertaſſe hum Antonio da Sylua, de que cayo morto, não perigando outrem no ſeu Galeão. Os ſeus ſoldados ficaraõ muito triſtes, & voltaraõ pera o outro Galeão. E ſabendo Anrique de Maçedo tamanho deſaſtre o ſentio em eſtremo: & porque o ſeu Galeão não tinha maſtos, deulhe os Reys Magos hũa toa, & com muito trabalho o pos em Chaul, tão deſtrocado que naõ aparecia mais que hum pequeno de caſco ſobre a agoa: & aſsi aparece ainda oje nas varandas da igreija das chagas em Goa, onde eſta eſta batalha pintada, & cada anno ſe renoua por memorauel. O Alixá ſe foi recolhendo pera Cambaya, onde chegou, & apreſentou ao Soltão Badur os catiuos, com que elle folgou muito. E como era fraco, & cruel, (couſas que ſempre andão juntas.) & ſobre tudo maliſsimo, mandando leuar aos Portugueſes diante de ſi, os perſuadio a ſe fazerem mouros, apertando muito cõ Diogo de Meſquita, que ſoube ſer homem fidalgo, & grande caualeiro, do que elle ſempre zombou, cõ lhe fazerem muito grandes promeſſas, & mimos. E vendo que por aqui o naõ vencia, o quis fazer por tormentos que lhe mandou dar, de quem ſe elle moueo menos; o que viſto pello tyranno, mandou leuar hũa bombarda muito groſſa, & o mandou meter nella, eſtando elle preſente, aquem o caualeiro de Chriſto com grande conſtãcia diſſe; faze cruel o que quiſeres, que eu por nenhum temor da morte, ei de deixar a fé de meu Senhor IESV Chriſto, pella falſa & mẽtiroſa ley de Mafamede: manda por o fogo, que a morte he breue, & eu gozarei dos bens eternos que ſe não acabão. Tomára que o tormento fora mayor, & mais cruel, & comprido, pera moſtrar o goſto com que deſejo de paſſar todos pella honra de meu Deos. Paſmado o Badur d'aquelle animo & cõſtancia,

ſtancia, o mandou tirar da bombarda. Os mais companheiros cõ uencidos d'aquella firmeza, não ouue em algum d'elles, a quem promeſſas, & ameaſſas mudaſſem, & foraõ todos metidos em hũa cruel prizaõ, donde depois ſairaõ com honra, porque Deos naõ deſempara os ſeus ſeruos. E de Diogo de Meſquita ſabemos que lhe deu el Rey dom Ioaõ ſó por iſto, as fortalezas de Cofala, & Moſſambique como em outro lugar ſe verá.

CAPITVLO X.

Do que aconteceo na jornada a Martim Afonſo de Mello Iuſarte: & de como ſe perdeo na coſta de Bengala, & dos grandes trabalhos que paſſou ate ſer catiuo.

COM todos os q̃ no cabo do veraõ partiraõ pera fora, temos continuado, ſomente com Martim Afonſo de Mello, que guardamos pera eſte lugar, por não contarmos ſuas couſas por pedaços. Partido eſte capitão de Goa, foi tomar a ilha de Ceilaõ, como leuaua por regimẽto, pera ſoccorrer àquelle Rey da Cota, que eſtaua ja deſapreſſado da armada de Calecut. Porque tanto que teue rebate da noſſa, logo ſe recolheo: & o Madune leuãtou o cerco que tinha poſto ao irmão. E porque a cauſa d'eſta guerra, & a origem d'eſtes Reys, adiante em principio da quinta decada damos rezaõ, por nos parecer ali milhor lugar, o deixamos agora. Eſtimou aquelle Rey da Cota eſte ſoccorro muito, & ficou mais obrigado ao ſeruiço d'elRey de Portugal, cujo vaſſalo era. Martim Afonſo não tendo ali mais que fazer deu a vela, & paſſou os baixos a outra banda, & foi inuernar a Paleacate, onde mãdou deſarmar os nauios, & concertalos, & alimpalos muito bem, pera na entrada de Agoſto ſeguir ſua jornada pera Malaca. O ſegredo d'ella naõ pode eſtar tão cuberto, que ſe naõ vieſſe a romper pellos ſoldados, de que ficaraõ taõ enfadados (cuidãdo que yaõ as prezas) que ſe amotinaraõ, & alteraraõ, chegando a a couſa a tanto, que trataraõ de queimar a armada, pello auorrecimento que tinhão todos a jornada da Sunda: & aſsi lhe puſeraõ fogo, aque Martim Afonſo acodio, & quis Deos que o apagaſſẽ, ſem nunca ſe ſaber donde lhe veio. Vindo Agoſto, embarcandoſe Martim Afonſo, deixaraõſe ficar na terra muita parte dos ſeus ſoldados, & elle foi ſeguindo ſua jornada. E por ter nouas que na coſta do Pegu andauaõ algũas fuſtas de Rumes a foi demandar, & ſurgio na ponta de Nagramale, onde ſe deixou eſtar, por ver ſe vinhaõ as fuſ

tas

tas dos Rumes dar com elle. Aqui lhe deu tamanho temporal, que não podendo sofrer a amarra, leuã taraõse,& foraõ correndo com os traquetes por onde cada hum pode. Ao outro dia achouse Martim Afonso sem os nauios, & como a tormenta ceffou, tornou a voltar pera Negramale aos esperar. E nauegando per antre hũas ilhas deu a Galè em hum baixo onde logo adornou. Castanheda diz que era Caruela, mas nos liuros velhos dos prouimentos das armadas desse tempo,achamos nomeada Galè, que naquelle tempo eraõ carracas,na grandeza,& no pezo,& não se remauaõ mais que pera se reuocarem. Martim Afonso teue tal tento, que por sentir reboliço na gente pos cobro na bateira, & mãdou meter n'ella Andre de Sousa, mandandolhe que se afastasse, & não deixasse meter pessoa algũa d'entro: porque tratou de ver, se os podia saluar em Iangadas, que logo mandou ordenar, de paos,tauoas,& remos. E por ser de noite escura,& medonha, com as pancadas acabou á Galé de se abrir,ficando alguns pedaços grandes no seco,em que os Portugueses se deixaraõ estar, fazendose prestes alguns pera se lançarem ao mar, ao que lhes foi a mãõ Martim Afonso,esforçandoos,& animandoos, affirmandolhes que com o fauor diuino,elle trabalharia por saluar todos. E chamando a bateira meteo se n'ella,& recolheo hum & hum, os que elle chamou,& depois de se encher, ficando só seis Portugueses,& os escrauos todos se afastou, por recear que se os tomaua se perdessem, ficando os da Galé pedindo misericordia,com palauras piadosissimas,que cortaraõ bẽ a Martim Afonso,mas não pode fazer outra cousa,prometendolhes,que tãto que lançasse aquella gente nũa terra que apparecia, tornaria auoltar por elles. E foraõ remando cõ muito trabalho até chegarẽ a hũa ilha,distancia de hũa legoa de caminho.E por ser de noite,& o mar fazer grandes escarceos,temeo chegarse a terra; & lançou dous marinheiros a nado,pera verem se auia ali praya ou penedia,que não tornaraõ mais,nem se soube o que foi d'elles, pello que tornou Martim Afonso a voltar pera a Galè,& tomou os Portugueses que nella ficaraõ,& tornouse pera a terra, onde tomou conselho sobre o que faria, & assentou de se ir de longo d'ella ate a Racão,persuadindo,& esforçando a todos, a sofrer os trabalhos da fome,& sede, porq̃ naõ leuauão mais que hum pouco de biscouto que puderaõ saluar, sem agoa algũa, & todo aquelle dia por causa da sede não quiseraõ comer. E indo seu caminho ouueraõ vista de hũa aldea afastada da praya. Martim Afonso mandou à terra hum homem fidalgo chamado Francisco da Cunha, & com elle

hum

hũ Ioão fialho, pera irem a aldea ver se lhe queriaõ dar agoa, & chegados a terra foraõ catiuos dos naturaes, que a vista dos nossos os leuaraõ amarrados. E porque o vẽto & o mar crecia, & elles estauaõ sem agoa, & auia dous dias q̃ naõ beberaõ, requereraõ todos a Martim Afonso, que os lançasse em terra, porque antes queriaõ ser catiuos, que morrerem a sede. Martim Afonso trabalhou de os tirar d'este proposito, com os persuadir a sofrerem mais hum dia de trabalho a té chegarem á Racão, (que era terra onde os Portugueses yão todos os annos cõmutar, & vender) mas elles sem ter respeito a cousa algũa se puseraõ em desembarcar, o que Martim Afonso sentio muito, & fez grãdes estremos. Visto este caso por alguns fidalgos caualeiros, como Simão Ferreira, Andre de Sousa, Gonçalo de Mello, Nuno Freire, & outros dous caualeiros, lançarãose da parte de Martim Afonso, & fizerão com os mais, que desistissem de seu proposito, & que se fossem ate Racão, & que permitiria Deos, que achasse alguns dos nauios de sua companhia, & assi forão correndo a costa. Os dous que ali ficaraõ, forão depois resgatados com Francisco da Cunha, que viueo depois muitos annos no Algarue casado. O batel foi de longo da terra a te darem em hum ribeiro que saya ao mar de agoa doçe, de que mãdou Martim Afonso encher hũa jarra, ao q̃ foraõ Diogo Pirez Deça, & Nuno Fernandes Freire, com outros dous companheiros: porque Martim Afonso sempre seguardou de chegar a terra, porque se não saisse todos, pello risco aque se poriaõ. Ali foi ter com elles hũ negro dos naturaes, com hũa panela pequena de arroz cozido que lhe resgataraõ, com que se recolheraõ pera a embarcaçaõ, aonde se repartio por todos; & como eraõ perto de sesenta pessoas, coube a cada hum seu bocado, & com esse pouco de biscouto que tinhaõ, como tiueraõ agoa ficaraõ satisfeitos, & foraõ seu caminho com prouisaõ na jarra, que era pequena; de que se naõ daua mais raçaõ, que quanto se podia molhar o padar tres vezes ao dia. Com estes trabalhos chegarão a Racão, & tomarão dous ilheos que estauão a entrada, onde acharão logo na praya dous sacos de biscouto todo molhado, & hum caixão com alguns guingoẽs dentro, & pareceolhes que seria d'algum dos nauios de sua companhia. N'estes ilheos acharão agoa roim, & salobra, & hũas fanas como as nossas, hũas verdes, & outras secas de que algũs comeraõ, & no mesmo instante lhes deu hũas desinterias, aque na India chamão corruptamente, mordexim, auendose de chamar morxis, & a que os Arabios chamão sachaiza, que he aquillo que Rasis chama saida: que

he

mandar pera a India, & deu cuidado a peſſoas de recado que os agafalhaſſem, mandandoos logo veſtir, por que yão quaſi nús. Ao outro dia que iſto paſſou, chegarão áquella barra duas fuſtas da companhia de Martim Afonſo, de que eraõ capitaes Duarte Mendez de Vaſconcellos, & Ioão Coelho, que ſouberão de huns peſcadores, como ali tinhaõ chegado huns poucos de Portugueſes que eſtauão na cidade: pello que lançarão em terra hum negro em trajo dos naturaes pera ir ſaber quẽ eraõ, que falou com Martim Afonſo, & ſabendo dos ſeus capitaes, ficou muito aluoroçado, & foiſe logo a Codauaſcan, & lhe pedio licença pera ſe ir, lembrandolhe a promeſſa que lhe fizera. Codauaſcan lhe diſſe, que lhe não negaria irſe pera a India como lhes prometera, mas que por então tinha neceſſidade de ſua ajuda pera contra hum veſinho ſeu: & que mandaſſe recado aos capitaes dos nauios que ſe deixaſſem eſtar, que elle os mandaria prouer de tudo. Martim Afonſo os mandou auiſar do que paſſaua, pedindolhes ſe deixaſſem ficar, como fizeraõ, mandandolhes elRey dar mantimentos, & logo ſe partio pera a guerra, dando armas aos noſſos, que leuou pera guarda de ſua peſſoa. E vindo a batalha com o imigo, fizerão Martim Afonſo, & os companheiros tres manhas caualarias, q̃ elles ſós deſbaratarão os imigos. & Codauaſcan lhe tomou a ſua cidade, & terras, & recolheoſe vitorioſo. Martim Afonſo lhe pedio que pois o tinha ſeruido no que queria, o deixaſſe embarcar nos ſeus nauios, que os eſperauão por ſeu mandado: mas como todos os mouros não amão a Chriſtão, ſe naõ por neceſſidade, ou intereſſe, lhes diſſe, que ſe reſgataſſem, & que então os ſoltaria. Martim Afonſo ficou muito enfadado dizendolhe, que com que ſe auia de reſgatar ſe eſtaua ali perdido como elle via: que puſeſſe elle o preço ao reſgate de todos, & mandaſſe com elle hum homem, que no primeiro porto de Portugueſes lho daria, ſem lhe faltar hum real. Codauaſcan zõbou d'aquillo. Vendo Martim Afonſo & os mais aquella tyrannia, determinarão de fugir, pera o que mandarão recado aos capitaes das fuſtas, pello meſmo negro que lho trouxe d'ellas, em que lhes pedia que em hum certo dia (que lhes limitaraõ) mandaſſe pello rio açima algũas almadias, a ter hum certo lugar pera os recolher. Vindo a noite aprazada ſairão de caſa, porque não tinhão guardas, & eſpalhados forão demandar o lugar das almadias, que era d'ali a quatro legoas. O caminho era mũy roim, & comprido, em que ſe perderaõ alguns, que naõ tiuerão outro remedio ſe não tornarſe pera a cidade, onde entraraõ ainda de noite,

& achan-

& achando que não forão ſentidos ſe deitaraõ nas ſuas camas, pera diſſimulaçaõ, & antre eſtes era Diogo Pirez Deça hum d'elles.) Martim Afonſo cõ os mais foraõ por diante, & como o caminho era peſtifero, tardaraõ tanto, que lhes amanheceo nelle, & foilhes neceſſario embrenharẽſe. Ao outro dia ſoubeſe de ſua fugida, & mandou Codauaſcan leuar perante ſi Diogo Pirez Deça, & os mais, a que perguntou pellos cõpanheiros, elle lhe diſſe que não dera fé de couſa algũa, nẽ os achara menos, ſe naõ pella menhã quando acordara. Codauaſcan deſpedio logo quatro cẽtos homẽs a pos Martim Afonſo, & apellidando a terra forão dar com os noſſos embrenhados, & os tomaraõ. Martim Afonſo diſſe ao capitão (cuidando que Codauaſcan lhes mãdaſſe fazer algũ mal.) que elle ſó tinha a culpa d'aquella fugida, & não ſeus companheiros, por que como ſeu capitaõ os leua ua, que ſe merecia caſtigo, que a elle ſó ſe deſſe. O mouro lhe diſſe q̃ não ſe perturbaſſe, por que não a uia culpa em pretẽder ſua liberdade, que Codauaſcã naõ deixaria de lhe fazer muitos gaſalhados, & de cõprir a palaura que lhe tinha dada. Eſtando n'eſtas praticas, chegarão algũs Bramenes, & peitaraõ aquelles mouros, pera que lhes deſsẽ hũ dos Portugueſes pera o ſacrificaré a ſeus idolos, por que lhe tinhão feito prometimẽto, que ſe lhos deparauão, de lhe ſacrificaré hũ d'elles. Hũ capitão dos mouros lhe entregou hũ Gõçalo Vaz de Mello, q̃ nas guerras paſſadas tiuera hũas palauras em q̃ afrontara o mouro, por que ſe quis vingar d'elle. Martim Afonſo prometeo por elle grã de reſgate, mas não pode acabar com elles couſa algũa, & logo ali a viſta de todos o degolaraõ, moſtrãdo grandes actos de Chriſtão, & muita firmeza na fè de Chriſto. Do ſangue d'elle, & de outros muitos martyres, eſtão todas as prayas do Oriẽte banhadas, pello que ainda ha Deos de permittir, que por todas ellas ſe vejaõ tẽplos leuantados, onde elle ſeja venerado, & louuado. Martim Afonſo ficou muito triſte do caſo, & aſsi foi leuado cõ os mais a Codauaſcan, que o tornou a mãdar pera ſua caſa, como dantes ſem mais prizão, dandolhe todo o neceſſario. Vendo Martim Afonſo que eſte negocio não tinha remedio, eſcreueo aos capitaẽs das fuſtas tudo o que lhe tinha acontecido, mandaudolhes hũa carta pera o Gouernador, em que lhe pedia os mãdaſſe reſgatar (como depois fez, mandando a iſſo hum mouro chamado Cogeçabadim, que os trouxe a Goa, ja em tempo de Nuno da Cunha.) Dos mais nauios da armada de Martim Afonſo, não achamos em lembrãça o que foi d'elles, nem Caſtanheda o diz; mas quanto a nos, a mor parte d'elles ſe perderaõ.

O LIVRO

LIVRO V. DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

De como elRey dom Ioão mandou por Gouernador da India Nuno da Cunha, & do que lhe aconteceo na jornada.

PELLAS naos do anno de vinte & seis, que chegarão da India em Agosto de vinte & sete, de que erão capitães Tristão Vaz da Veiga, Francisco D'anhaya, & outros: teue elRey dó Ioão nouas das differẽças d'antre Pero Mascarenhas, & Lopo Vaz de saõ Payo: & assi mesmo por via de Veneza as teue da armada que o turco fazia, & mandaua ordenar, pera passar à India. E sendolhe necessario acodir àquellas cousas com hũa grossa armada, elegeo pera Gouernador da India Nuno da Cunha seu veador da fazenda, pessoa de muita confiança, & em quem concorrião as partes, que o cargo requeria: ordenandolhe onze naos, & quasi ou muy perto de quatro mil homens. Correo logo a fama, & por ser armada contra turcos, acodiraõ muitos fidalgos & caualeiros a corte a se offerecerẽ a elRey, despachandoos, & fazẽdolhes mercês a todos: mandando dar tanta pressa a armada, que quando foi em Março, estaua toda posta em Bellem, onde elRey foi estar algũs dias pera despachar muitas cousas. Ali deu a Nuno da Cunha grãdes regimentos, cujos principaes pontos erão, que logo fizesse hũa fortaleza na ilha de Dyo pera segurança da India, pera os Turcos naõ virem ali ter receptaculo, porque darião grande oppressaõ ao estado. E que assi mesmo fizesse outra no reino do Camorim, na parte que lhe milhor parecesse, pera ter enfreado aquelle Rey, & pera credito do estado, em lugar da outra que dom Anrique largou em Calecut: & que lhe mandasse preso Lopo Vaz de saõ Payo, & lhe fizesse inuentairo de sua fazenda, que fosse em maõs de pessoas abonadas. Que se os Turcos passassem a India, ajuntasse todo o poder, & se posesse na barra de Goa, ao mar, ate saber aonde yão demandar, & que depois de saber onde os tinha seguros, fosse pelejar com elles: & outros da fazenda, & justiça que não saõ da nossa

histo-

hiſtoria. Embarcados todos, & a armada preſtes pera dar á vela, faltoulhes o tempo, por onde naõ pode ſair pera fora, ſe não aos de zoito d'Abril d'eſte anno de vinte & oito, em que Nuno da Cunha ſe fez à vela com onze naos, de que eraõ capitaés, elle que ya embarcado na nao Roſa: Simão da Cunha copeiro mor d'elRey, em ſanta Maria do Caſtello. E Pero Vaz da Cunha eſtribeiro mor d'el Rey irmãos do Gouernador na nao ſanta Caterina. Dõ Fernando de Lima, em ſanta Maria do Eſpinheiro, Franciſco de Mendoça, em ſanta Maria de Monſarrate. Antonio de Saldanha, em ſanta Maria dajuda. Garcia de Sá, na nao Vitoria, & ya prouido da capitania de Malaca. E dom Franciſco Deça, Ioão de Freitas, Bernardim da Sylueira, Afonſo Vaz Zambujo. N'eſtas naos mandou elRey duzentos mil cruzados em Portugueſes & outras moedas pera as neceſsidades da India, & pera a carga que yão repartidos por todas as naos. Seguindo ſua derrota indo todas em conſerua, na volta das canarias, a nao de Simaõ da Cunha que ya por popa da de Ioaõ de Freitas, por ſe não querer deſuiar o ſeu piloto (q̃ niſto ſaõ todos mũy teimoſos) lhe deu duas pancadas tamanhas, que logo a abrio em dous pedaços, & por leuarem o eſquife em çima ſe lançou com muita preſſa ao mar onde ſe meteo Ioão de Freitas com algũs que poderaõ ſobre o q̃ ouue muitas cutiladas, & mortes: & ſe foraõ pera a nao de Simão da Cunha q̃ logo amainou ſentindo bẽ aquelle deſaſtre, & mandou lançar o batel fora pera recolher a gẽte, que andaua ja a nado, õde pereceraõ muitos: entre eſtes foi hũ homẽ caſado que na nao ya có ſua molher, & tres filhas moças, que vendo a nao aberta, abraçandoſe todos cinco, có hũ pranto piadoſiſsimo, & gritos que penetrauão os ares, aſſi liados todos ſe foraõ com a nao ao fundo, expectaculo, que fez arrebentar a todos em lagrimas, com ter cada hum bem que chorar ſua deſauentura. Socedeo iſto as dez horas do dia, & foi taõ ſupito, que as outras naos que yão a viſta não ſouberão de couſa algũa, ſe não quando viraõ ſubmergirſe a nao debaixo do mar, & acudindo todos com eſquifes fora ſaluaraõ ainda muitos, & afogaraõſe cento & cincoenta peſſoas. Nuno da Cunha ſentio em eſtremo eſte roim ſoceſſo, & ſeguindo ſua viagem foraõ todas as naos, (tirando a de Bernardim da Sylueira que ſe apartou) tomar a ilha de Santiago, onde fizeraõ agoada, & ſe proueraõ de mantimentos, em duas Caraueias que yão carregadas d'elles pera iſſo. Dali as deſpedio Nuno da Cunha có cartas pera elRey, em que lhe daua cõta do ſoceſſo da viagem a te li. E

tomando sua derrota, deraõ na costa de Guine, onde acharão grandes calmarias; & por a nao de Antonio de Saldanha ir muito zorreira, & andar taõ pouco, que toda viagem foi Nuno da Cunha sem velas de gauea por esperar por elle, lhe requereraõ os pilotos que a deixassem, porque melhor era perder hũa nao viagem, que todas. Nuno da Cunha mandou disto recado a Antonio de Saldanha, & que trabalhasse por arrumar a nao, & compassarse, porque lhe era necessario adiantarse, por não perder viagem. Antonio de Saldanha lhe mandou dizer, que se fosse muito em bora, que elle trabalharia tudo o q̃ podesse por ver se auia remedio no andar da nao. Cõ isto deu Nuno da Cunha com as outras naos os traquetes, & em pouco tempo desaparecerão. Antonio de Saldanha ficou triste, & todos os da nao, por se verem ali ficar sós. Ya com elle embarcado o pay de Fernão Lopez de Castanheda, que elRey mandaua a India, pera escreuer os feitos d'aquellas partes: porque foi Rey que se não contentou de pagar a seus vassalos os muitos seruiços que nellas lhe fizeraõ, com outras muitas honras & merçes, mas ainda com lhes ordenar, que viuessem perpetuamente por fama na escritura. Este homem andou na India quasi dez annos, correndo a mor parte d'ella, a te chegar a Maluco, escreuendo as cousas d'aquelle tempo mũy diligentemente, que recopilou em dez liuros, acabando o seu decimo cõ o Gouernador dom Ioão de Castro. Este volume nos dixerão algũas pessoas dinas de fé q̃ elRey dõ Ioaõ mãdara recolher, a requerimẽto de algũs fidalgos que se acharaõ n'aquelle raro & espãtoso cerco, porq̃ falaua nelle verdades. A estes, & a outros riscos se poem os escritores que as escreuem, em quanto viuem os homẽs de quem o fazem; & por isso com menos receio escreuemos as cousas passadas (como el Rey nos mandou) que as presentes, q̃ taõbẽ temos escritas, & assi em hũas, como em outras, nẽ por respeitos, nẽ por temor deixaremos de as falar: & posto que taõ bem em algũ tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro vira em que se ellas manifestem. E tornando a Antonio de Saldanha; os officiaes da sua nao andaraõ vendo donde nacia o defeito d'ella, mudando hũas vezes a carga a proa, outras a popa, andando com os mastos, ora a ré, ora auante, & tantas cousas d'estas fizeraõ a te lhe acertarem o compasso; & começou a nao a andar d'ali por diante muito differentemente, & seguindo sua derrota, encontrou com a nao de dõ Francisco Deça, que se festejaraõ bem, acompanhandose sempre a te irẽ na volta do cabo de boa esperãça,

onde

onde encontrarão as naos de Nuno da Cunha, de Pero Vaz da Cunha de dom Fernando de Lima, & a de Afonso Vaz Zambujo, porque todas as mais erão espalhadas, indo cada hũa seguindo sua derrota, que logo contaremos. Nuno da Cunha tanto que conheceo as naos, foi o seu aluoroço mũy grande, & chegados à fala souberão o que lhes tinha acontecido, & assi todos juntos forão demandar o cabo. No rosto d'elle, a seis de Iulho, lhes deu tamanho temporal, que naõ podendo sofrer o pairo, por serem os mares mũy grossos, & cruzados; foraõ arribando em popa com pequenos bolsos de vela, saluo Antonio de Saldanha que por ter nao noua, pode sofrer o trabalho: dos mais foi cada hũ correndo por onde melhor pode. Ao outro dia acalmou o vento, & Nuno da Cunha, & dom Fernando de Lima vindo à fala sobre o que fariaõ, assentaraõ que fossem por fora da ilha de saõ Lourenço, por que era ja taõ tarde, que por d'entro naõ podiaõ passar a India. E seguindo seu caminho, estando ja do cabo pera dentro, foraõ gouernando a les nordeste, pera se deitarem por fora da ilha: onde os deixaremos por continuarmos com as outras naos.

¶ Dom Francisco decá, Francisco de Médoça Afonso Vaz Zambujo, depois de passada a tormenta dobraraõ o cabo, & tomarão o caminho por d'entro, & foraõ demandar Mossambique, por irem faltos de agoa, & mantimentos; & chegando aquelle porto ao entrar da barra, a nao de Afonso Vaz Zambujo deu na ilha de saõ Iorge, onde ficou pera sempre saluandose toda a gente: & por ser tarde ficaraõ ali inuernando. Bernaldim da Sylueira, que ao sair do Reino se apartou logo, foi seguindo sua derrota, passando alguns temporaes, que lhe deraõ muito trabalho, & depois de dobrar o cabo de boa Esperança, indo demandar Mossambique, foi o seu piloto encalhar no parcel de Çofala, onde se perdeo, afogandose muita parte da gente, & a outra mais que se saluou em terra, foi morta pellos Cafres, o que depois se soube por algũs da terra.

CAPITVLO II.

Do que socedeo ás mais naos da companhia do Gouernador Nuno da Cunha, & de como elle se perdeo na ilha de saõ Lourenço, & do que aconteceo a gente da companhia de Manoel de Lacerda.

Auemos dado relação do ſoçeſſo de cinco naos, agora continuaremos cõ as mais, & como eſta viagem foi deſaſtrada, & teue varios ſoceſſos, he neceſſario que relatemos todos: & aſsi o faremos agora do que aconteceo a nao de Garcia de Sá, & a de Antonio de Saldanha, que de toda eſta armada, ellas ſos paſſarão a India. A nao de Garcia de Sá, depois que fez ſua a goada na ilha de Santiago, logo ſe apartou da conſerua, & foi ſeguindo ſua derrota, achando no roſto do cabo o meſmo tempo que as outras, com que eſteue de todo perdida. Paſſado o cabo foi tomãdo o caminho por fora, padecendo muitas fomes, ſedes, & infortunios, de que lhe morreo muita gẽte, & chegou a eſtado, que não auia na nao mais de hũa pipa d'agoa, mas foi em paragem que ao outro dia ouue viſta da coſta do Malauar, como a diante diremos. Antonio de Saldanha depois de paſſada a tormenta, que elle eſperou ao pairo, foi ſeu caminho a te dobrar o cabo, achando muitos temporaes, & contraſtes, que lhe derão bem de trabalho. E paſſando à viſta da ilha de ſaõ Lourenço, na paragem do rio de Santiago, onde eſtaua a gente das naos de Manoel de Lacerda, & de Aleixos d'Abreu, que ſe ali perderaõ o anno paſſado, como diſſemos, os de todos tinhão padecido grauiſsimas fomes, & trabalhos, eſperando que Deos os ſoccorreſſe com algũa nao que por aquella paragẽ paſſaſſe, pera lhe fazerem ſinal, encomendandoſe ao meſmo Deos em ſeus coraçoẽs, pedindolhe os tiraſſe d'aquella terra: & como ſuas eſperanças eſtauão em elle trazer por ali algũa nao, não tirauão os olhos do mar, onde de continuo os eſtendião, por verem ſe vião velas, & acertando de verem eſta de Antonio de Saldanha, em todos fez grande aluoroço, parecendolhes que ja eſtuão remidos E porque ya anoitecendo fizerão grandes fogos em cruzes, pera por elles moſtrarem aos da nao, que eſtaua ali gente perdida: que forão logo viſtos de todos, & bem entenderão que erão Portugueſes os que lhe farião aquelle ſinal, & tomando os traquetes, puſeraõſe de noite a trinca. Como amanheceo foraõ na volta da terra a que naõ ouſaraõ de chegar por não ſer ſabida, eſperando que da terra lhes vieſſe algum em algũa almadia cõ recado do que era: & aſsi afaſtandoſe denoite da terra, & tornando a ella de dia, andarão ali oito, ſem ſe determinarem a mandar o eſquife, a ſaber d'aquella gente, & no cabo dos oito dias dandolhes hum tempo rijo deſapareceraõ. Os da terra ficarão deſconſoladiſsimos, tanto que deixaraõ de ver a

nao

nao,& tomando conselho sobre o que farião, assentaraõ que se passassem a outra banda, assi porque la terião mais mantimentos,como por serem por la as naos mais cõtinuas,& poderião ser vistos d'algũas que se disposessem a tomalos, ou pella ventura acharião algũa embarcaçaõ da terra, em que se podessem passar a Cofala, ou a Mossambique, fazendo dous esquadroẽs em que aueria trezentas pessoas, tomaraõ o caminho do Sertão, ficando ali hum mancebo doẽte por naõ poder seguilos. Estes homẽs todos desapareceraõ neste caminho,& ate oje se naõ soube delles cousa algũa: por onde parece que foraõ mortos pellos da terra; porque aquelles do Sertão saõ barbarissimos, sendo o remate de todos seus trabalhos, outros tanto maiores, como forão os que lhes custarão as vidas. Vejaõ agora os Reys se ha na vida cousa com que se satisfaçaõ tamanhos trabalhos como seus vassalos passaõ n'esta conquista da India: & que preço ha com que se pague hum so risco da morte, quanto mais tantos quãtos saõ os em que cada dia se vem, no mar tanta tormenta, & perigos, na terra tanto risco entre pelouros,& fogo: comendo mal, dormindo peor: pelejando todas as horas por honra de seu Deos, & de seu Rey. Por onde auião de trabalhar, que os homens que fossem repartidores dos galardoẽs, fossem aquelles que tem visto & experimentado os mesmos riscos,& trabalhos,por que dem com compaixaõ,& naõ taxem cõ escaceza, tendo mais respeito aos merecimentos dos homens, que a pretençaõ que muitos tem, de quererem valer com os Reys, por hum muito mal entendido meyo, como o de quererem acrecentar em sua fazẽda: porque nunca ella cresce mais, que quando justamente se pagaõ merecimentos. Antonio de Saldanha foi seguindo sua derrota, com tantos trabalhos, fomes, sedes, que lhe morreraõ sesenta homens, & lhe adoeceraõ quasi todos, indo mais de hum mes a quartilho de agoa por dia a cada pessoa. E em fim de todos estes trabalhos, auendose cada dia por perdidos, foraõ a ferrar a costa da India, como adiante diremos. ¶ E tornando a Nuno da Cunha, & Pero Vaz da Cunha, & dom Fernando de Lima, depois de passada a tormenta, foraõ sempre em companhia, com roins tempos, & com calmarias que lhe deraõ, & com muito trabalho foraõ ferrar terra na ilha de saõ Lourenço, na paragem do rio de Santiago ja no fim de Outubro, onde lhes foi forçado surgirẽ pera fazerem agoada, de que yão muito faltos. O Gouernador Nuno da Cunha mandou o esquife a terra, pera verem a onde auia agoa, & sendo na praya, acodio a elle aquelle mancebo que atras

tras diſſemos ficara da companhia de Manoel de Lacerda por doente, (que parece que ordenou Deos ficar ali pera ſe ſaluar.) Eſte tanto que vio o batel em terra, remeteo aos que yão n'elle como doudo abraçandoſe com todos, chorando com prazer de os ver; & elles de dó de o verem d'aquella maneira arrebentaraõ todos em lagrimas, & ſoluſſos: & tomandoo no batel o leuaraõ a Nunó da Cunha, a cujos pés ſe lançou, contandolhe ſua deſauentura, & a perdiçaõ d'aquellas duas naos; & como auia mes & meyo que Manoel de Lacerda, & Aleixos d'Abreu, com todos os da ſua companhia, ſe partirão d'ali deſeſperados de poderem ali vir naos taõ cedo. Nuno da Cunha ſentio muito a deſauentura d'aquella gente, & ouueſſe por mofino em não chegar a tempo que os podera ſaluar a todos, mandando a ſeus criados que agaſalhaſſem bem aquelle moço, & o curaſſem: que depois viueo muitos annos caſado em Goa, & foi meirinho. Nuno da Cunha & os mais capitaẽs, mandaraõ fazer agoada em abaſtança. E auendo quatro dias que ali eſtauão, deulhes hum temporal trauеſſaõ taõ rijo, que a nao de Nuno da Cunha, que eſtaua ſobre hũa ſo ancora, começou a caſſar pera a terra, & largando outra que deu ſobre pedra, foi logo cortada, & o meſmo fizeraõ outras a te ſeis, que todas forão trincadas do rato (falando ao modo marinheiro.) De maneira que foi a nao encalhar em terra ſobre hũ areal, a onde ſe encheo de agoa a te a cuberta debaixo da ponte. As outras duas naos quis Deos que tiueraõ amarras de Cairo, que ſe não cortarão, & poderão ter, & ſofrer o tempo, eſtando porem muito arriſcadas. Eſtauão a eſte tempo os bateis em terra fazendo agoada, & querendo acodir a nao, não poderaõ ſair pera fora, porque o vento fazia na boca do rio mũy grandes eſcarceos. A gente da nao ficou toda ſobre os caſtellos, & na ponte, onde eſtiueraõ a te o outro dia, andando Nuno da Cunha toda a noite vigiando, & mandando tirar açima o cofre do cabedal, & algũas couſas, que mais poderaõ: porque ſe não perdeſſe tudo. Ao outro dia acalmou o vento, & vieraõ os bateis, em que o Gouernador mandou embarcar o cofre, & a mais fazenda que pode, & a artelharia que ya por cima: & depois de ter recolhido o q̃ auia elle ſe paſſou cõ parte da gẽte pera a nao de ſeu irmaõ Pero Vaz da Cunha, & a outra mandou pera a de dõ Fernãdo de Lima. D'ali ſe fizeraõ a vela, cõ tençaõ de ſe irem por d'entro de Moſſambique, tomando aquella derrota, em que os deixaremos, por continuarmos com as couſas, que n'eſte tempo ſocederaõ na India, por guardarmos a ordem dos tempos.

CAP.

CAPITVLO III.

*a armada noſſa que partio de Co-
n, & ſe perdeo no rio de Chatua:
de como o Gouernador Lopo
de ſaõ Payo partio pera Co-
n, & desbaratou hũa grande ar-
da do Camorim.*

AFONSO Me-
xia veador da fa-
zenda, que eſtaua
em Cochim foi a
uiſado que o Ca-
morim fazia al-
naos preſtes pera mandar a
, carregadas de pimenta, que
a carga, em differentes rios,
rendo impedir que não ſaiſ
era fora, armou com muita
treze nauios de remo, a cu-
pitaes não achamos os no-
& a oito de Setembro ſe fize-
vela, & indo pera a coſta de
ur, deulhes hũa tormenta, a
hamão a vara de Choroman
ó groſſa & grande, que deu
odos os nauios a coſta no rio
atuá, ſem eſcapar hum ſó,
ndoſe a mor parte dos noſ-
os que ſe ſaluaraõ em terra,
s foraõ mortos pella gente
& d'elles catiuos. O Camo-
ficou ſoberbiſsimo com eſte
ſo, & mandou com muita
a preparar hũa groſſa arma-
juntando todos os ſeus na-
le ſeus portos, pera ſairem a
dar guarda as naos que auia de
lançar fora em fim de Setembro.
Os mouros de Cananor que eſta-
uão de pazes, com eſta deſauentu
ra começaraõſe a alterar: de tudo
foi logo o Gouernador Lopo Vaz
auiſado, & com muita preſteza
deſpedio Simão de Mello em hũ
Galeão, & ſeis Fuſtas pera guarda
d'aquella coſta, & elle ſe ficou pre-
parando pera acodir a ella em peſ-
ſoa, primeiro que os mouimentos
dos mouros de Cananor foſſem
por diante, eſperando por Anto-
nio de Miranda, que ſabia que eſ-
taua em Chaul, que não tardou
muito. O Gouernador o recebeo
muito bem, pedindolhe ficaſſe em
Goa deſcanſando dos trabalhos, &
elle ſe fez a vela com ſeis Galeões,
indo elle embarcado em ſaõ Diniz,
& dos outros erão capitaes, Eitor
da Sylueira, Fernão Rodriguez Bar
bas, Lopo de Meſquita, Anrique
de Maçedo, & Antonio de Lemes
da Troſa, aque deu o Galeão Reys
Magos, que foi de Antonio da Syl
ua, que as Galeotas de Dyo mata-
rão. Leuaua o Gouernador mais
ſete Fuſtas, de cujos capitaes naõ
achamos os nomes de mais que
de dom Triſtão de Noronha. E
fazendo ſua jornada tanto auante
como monte Deli, achou Simão
de Mello com ſua armada, de quẽ
ſoube, como dom Ioão Deça capi
tão de Cananor lhe mandára re-
cado, que em Tremapatão eſtaua
hũa frota do Camorim de cento
& trin-

& trinta velas, seſenta Paraos bem artelhados, & as mais naos & Palgueis de carga que yão pera Meca carregadas de drogas, & que os Paraos lhe yão dando guarda. D'eſta frota era capitaõ hum mouro, natural do reino de Tanor chamado Cotiale, auido entre elles por homem ſanto, que aquelle verão paſſado tinha vindo de Meca, de ſe offerecer á caſa do ſeu ſancarraõ. Tanto que o Gouernador ſoube eſta noua, auendo conſelho com aquelles capitaẽs, aſſentouſe, que ſe lançaſſem ao mar defronte de Cananor, que ali auia a frota de ir dar com elles, porque ſe os tomaſſem á terra auião todos de fugir d'ella. O Gouernador mandou as Fuſtas de longo da coſta, vigiar a armada imiga, & tanto que foi noite, ſurgio com os Galeoẽs, & mandou Serqueira o Malauar no ſeu nauio, que era muito ligeiro, eſpiar os imigos, & ſaber que derrota tomauão. Cotiale ſabendo que Simão de Mello eſtaua á monte Deli, naõ tendo ainda nouas do Gouernador, determinou de ir pelejar com elle, & tomalo, & voltar ſobre a fortaleza de Cananor & comete la, auendo que ſeria facilleua lá nas maõs, & vinha com toda aquella frota, que cobria o mar a vela. O Serqueira em a vendo voltou ao Gouernador, & lhe deu denoite a noua, & logo ſe preparou pera pelejar com elle, mandando recado aos Galeoẽs, pera que ſe fizeſſem preſtes. Cotiale de madrugada, ouue viſta da armada do Gouernador, & cuidando que era Simão de Mello, aſsi a vela como ya a foi demandar. Os noſſos vendo tamanha frota ficaraõ embaraçados, porque tudo o que vião em tanto nauio, era multidão de gente que os cobria, muita & groſſa artelharia que por ſuas proas aparecia, & muitas & baſtas armas de todas as ſortes que reluzião, muitos & muito differentes inſtrumẽtos de guerra que vinhão tocando: em fim tantas carrancas, & ameaſſos de morte, que podera eſpantar outra muito maior armada que aquella. O Gouernador chamou aſi os capitaẽs, & lhes diſſe, que elle auia de pelejar com os imigos, que ſe fizeſſem preſtes. Alguns dos capitaẽs lhe diſſeraõ que parecia temeridade, que o bom ſeria ajuntarenſe os Galeoẽs, & encadearenſe, & fazerenſe fortes pera ſe defenderẽ ſe os imigos os foſſem cometer. Outros foraõ de parecer que pelejaſſem, porque os nauios imigos erão reſteiros, & q̃ forçado auiaõ de receber muito daño. E baralhandoſe o negocio em porfias, chegou Serqueira o Malauar, & como era muito eſforçado, & ſabia bem da guerra d'aquella coſta, & conhecia aquelles mouros, diſſe ao Gouernador: Senhor que eſperais que vagar he eſte? Porque naõ cometeis aquelles imigos que vem chegando? Porque aſsi he muito

peor

peor, que como ſaõ muitos & ſe vos ſentirem receio, aõ vos de fazer dano. Cometei os imigos que vem eſpalhados por hũa ilharga d'aquellas com as fuſtas, & primeiro que os outros lhe acudão, os desbaratareis, & chegaraõ os Galeões com a tormenta de ſua artelharia, & tudo faraõ franco. Ao Gouernador pareceolhe bem, & leuantandoſe diſſe, ora ſus ei de pelejar, a elles com o nome de IESVS, & quem quiſer acõpanhar o ſeu Gouernador, & a bandeira de ſeu Rey, ſigame. E tomando hũa eſpingarda as coſtas ſaltou em hũa Fuſta de que era capitão loão Fernandez o taful, valente ſoldado, & dos do ſeu Galeão ſaltarão com elle Ruy Vaz Pereira, Dom Sancho Manoel, loaõ Rodriguez Pereira, Bras da Sylua d'Azeuedo, Garcia de Mello, Duarte Coelho, Fernão da Sylua, Nuno Pereira, Andre Caſco Deuora, Manoel de Brito Cabral, Franciſco de Bairos de Paiua, & outros fidalgos & caualeiros. Embarcado o Gouernador, achouſe com treze fuſtas, porque aquella hora lhe chegaraõ tres de Cananor, cheas de muita & boa gente, cuios capitaes eraõ, Franciſco Mendez de Braga, Martim da Sylua, & Iorge Vaz, que dom loão Deça lhe mandaua de ſoccorro: porque tanto que teue viſta da armada do Gouernador, & vendo arrancar a do imigo da terra, deſpedio os nauios. De todos fez o Gouernador duas batalhas, ou allas, dando hũa a Simão de Mello, a quem encomendou a dianteira, & com elle Lopo de Meſquita, & Fernão Rodriguez Barbas, nos bateis de ſeus Galeões, & neſta ordé foraõ demandar os imigos que vinhaõ eſpalhados, & os cometeraõ por hũa ponta, dandolhes a primeira ſalua de bombardadas, de que deſtroçarão alguns, & ſem quererem inuiſtir, tornáraõ a meter cargas nos falcoes & derão outra ſurriada, com que taõbem meteraõ alguns no fundo. Sete nauios dos noſſos inuiſtirão logo com outros tantos dos imigos; ſendo os primeiros que ferrarão, Serqueira Malauar, Franciſco Mendez de Braga, & Martim da Sylua todos de Cananor. E deitando logo nos imigos hũa ſoma de panellas de poluora, os abrazaraõ de todo. O Gouernador com o ſeu terço, chegou taõbem àquella quadra, & deu ſua ſalua de que desbaratou muitos, & ferrou com outros com muito animo, ſendo elle dos primeiros que os inuiſtiraõ, & tal preſſa lhes deu, que rendeo toda aquella quadra, primeiro que Cotiale lhe ſoccorreſſe. Os Galeões yão em meyo da armada, ficandolhe toda a imiga deſcuberta, com que tiueraõ lugar pera jugarem cõ ſua artelharia, & como a armada vinha muito eſtendida, & a noſſa pelejaua em hũa das quadras, empregaraõ ſeus tiros de maneira, que mete-

meteraõ muitas naos no fundo. Os noſſos tinhaõ ja axorados mais de vinte nauios; & vendo os mais tamanho dano, começaraõſe a deſmandar & recolher pera a terra. Andaua ja n'eſte tempo, o mar coalhado de corpos mortos, & os Galeoẽs ja baralhados cõ as naos imigas. Durou iſto ate o meyo dia que auiração começou a ventar, com que os imigos deraõ a vela, & ſe foraõ fugindo pera a terra. O Gouernador os naõ quis ſeguir, por que eſtaua com algũs feridos, & todos canſados: & contentouſe com a vitoria que lhe Deos tinha dado, que era tamanha, que ficaraõ dos nauios imigos, antremetidos no fundo, & tomados, trinta & çinco: & foraõ tomadas çincoenta peſſas de artelharia; & mouros antre catiuos & mortos, foraõ dous mil, ſem da noſſa parte auer mais que algũs feridos: o que pareceo milagre, pella multidão das frechas, & pelouros groſſos, & meudos, de que os nauios todos eſtauão encrauados. E o mar parecia de cor de ſangue. A armada imiga que ya fugindo, ya tal & cõ tamanho medo, que algũs nauios vararaõ na primeira terra que acharaõ, ſem irem buſcar rios, ou barras. Foi eſta grande vitoria defronte de Cananor, cuja praya eſtaua cuberta de mouros, eſperando ver o desbarato dos noſſos: & vendo a preſteza com que os ſeus com tamanha armada foraõ diſbaratados, ficaraõ paſmados, & em todo o Malauar ſe fez hum geral pranto; porque poucas caſas ouue em que não faltaſſe marido, filho, ou irmão. Iſto quebrantou tanto a todos, & atemorizou o Camorim de feição, que receando que el Rey de Cochim, com o fauor do Gouernador Lopo Vaz lhe tomaſſe Cranganor, deſpedio com muita preſſa o Principe herdeiro pera ir ſegurar aquella fortaleza. O Gouernador parecendolhe, que Cotiale ſe quiſeſſe deſafrontar, & que ajuntaſſe pera iſſo mais armada, como eſtaua com a maõ leue da vitoria, deixouſe eſtar dous dias eſperando por elle, & vendo que não vinha, determinou de ir por todos os rios em que os ſeus nauios auião de eſtar recolhidos, pera os acabar de abrazar, & aſſolar: mandando diante Simão de Mello que leuou conſigo o Serqueira por eſpia, porque ſabia todos aquelles rios; & achando em hum d'elles doze Paraos varados, entrarão de madrugada de ſupito, & puſeraõlhe fogo, em que todos arderaõ. E deſembarcando Simão de Mello em terra, cortaraõ todos os palmares que auia ao derredor da pouoaçaõ, a que taõbem ſe deu fogo. Dali ſe paſſou ao rio de Chatuá, onde a noſſa armada ſe perdeo, pera dar hum caſtigo a ſeus moradores pella morte que deraõ aos noſſos, & entrando nelle de madrugada, queimaraõ quatorze

Paraos,

Páraos, que eſtauão varados, & a pouoaçaõ, com morte de muitos mouros: & aſsi foraõ deſtruindo outros lugares até chegarem a Cranganor, onde acharaõ hũs nauios noſſos, em guarda d'aquelle rio, que Afonſo Mexia tinha mandado, depois que ſoube, que o Principe de Calecut era chegado, pera defenderem apagaſſem d'aquelle rio aos ſeus.

CAPITVLO IIII.

De como o Gouernador Lopo Vaz de Saõ Payo deſtruyo o Arel de Porca: & da armada que do reino partio, & do que lhes aconteceo na jornada até chegar a Cochim.

CHEGANDO o Gouernador a Cranganor, lembroulhe que tinha adiante o Arel de Porca, que auia vinte annos, viuia a deſpeito do eſtado, recolhendo muitos ladroẽs, & lançando outros de ſeus portos, que fazião muita guerra aos Portugueſes, & lhe tinha dado muitos trabalhos: ſem Gouernador algum o poder caſtigar, tendo por iſſo cobrado tamanho bico, que publicamente deitaua armadas fora, que correndo a coſta até a de Choromandel, roubauão os Portugueſes, com o que ſe tinha feito poderoſo, & rico. E pellos deſcuidos dos Gouernadores, de pobre peſcador ſe fez ſenhor de terras, & eſtados, & imigo declarado da India, o que ſe lhe diſsimulou, pello muito perigo, & pouca hõra que ſe ganhaua có o quererẽ deſtruir: & tinha feitos tantos danos por eſtar bãdeado có o Camorim, que quando o Gouernador dom Anrique eſtaua em cõcerto de pazes cõ elle, a primeira couſa que lhe pedio foi que lhe entregaſſe eſte Arel. E iſto não foi ſo agora, porque inda depois noſſos deſcuidos deixaraõ crecer de nada imigos, q deraõ bem de trabalhos ao eſtado, como polo diſcurſo da hiſtoria apontaremos: o que naceo dos Gouernadores da India eſtarem com o olho em ſeus reſpeitos particulares, & com o tento em ſe lhe virá ſoçeſſor, ou naõ a quem como chegaua lhe lançauão (como la dizẽ) o gato nas barbas: & diſto tem nacido todas as miſerias da India. E certo que parece hum jogo de dochelo viuo, que de mão em mão ſe vai apagando hum pouco: & praza a Deos que o não faça de todo. E deixando eſta materia. Lopo Vaz de Saõ Payo como ya victorioſo, não quis deixar arrefecer ſua fortuna, & determinou de dar hum caſtigo a eſte Arel, porque não viueſſe taõ folgado. E dando rebate aos capitaẽs pera que ſe fizeſſem preſtes, mandou a Simão de Mello, que com a gẽte dos nauios de remo leuaſſe adiantei-

teira, & elle com toda a mais dos Galeoẽs a retaguarda. E chegando de madrugada sobre aquella barra, desembarcaraõ todos em terra em dous batalhoẽs, de quatro centos homens cada hum: & Simão de Mello sem ser sentido entrou a pouoaçaõ, & deu nas casas do Arel, que eraõ de madeira, pondolhe logo o fogo por muitas partes, que começarão a arder cõ grande braueza. O Arel escapou por desastre, & queimouselhe a molher & mais familia, & a pouoação foi metida a ferro, & a fogo, & lhe tomaraõ trezẽtos Paraos, mũy bem feitos, & muitas pessas de artelharia de bronso, falcoẽs, berços, & dous camellos, hũ de metal, & o outro de ferro, & lhe cortaraõ todos os palmares que poderaõ, de sorte que ficou destruido de todo. Feito este negocio q̃ foi muito honrozo, embarcaraõse os nossos a seu saluo, & ao outro dia ẽtraraõ em Cochim, onde o Gouernador foi muito bem recebido. Foi isto aos deza seis d'Outubro, & aos dezasete chegaraõ as naos de Garcia de Sá, & de Antonio de Saldanha cõ muita gẽte menos, & todos os mais doentes, que o Gouernador mãdou desembarcar, & curar muito bem, & festejou aquelles fidalgos muito. D'elles soube como Nuno da Cunha era partido por Gouernador com hũa grossa armada, & que naõ sabião d'elle, mas que conforme ao tempo que se tinhaõ apartado, pois o não achauão na India, que não poderia ja aquelle anno vir a ella. O Gouernador se deixou ficar a te quinze de Nouẽbro esperãdo por elle, pera se embarcar pera o reino, se elle viesse: & vendo que tardaua, affirmãdolhe que estaria em Mossambique, despedio em busca d'elle, hum Bastião Freire em hũa naueta com regimento, que tomasse a costa de Melinde, o mais açima que podesse, pera Guardafui, & que dali fosse descorrendo por ella abaixo a te Mossambique, pera ver se auia algũas nouas do Gouernador Nuno da Cunha. Bastião Freire se fez a vela a vinte de Nouembro; & de sua viagem adiante daremos rezão. O Gouernador ficou despachando as naos pera o reino, & depois de tomarem a carga as fez à vela entrada de janeiro de vinte & noue, em que com o fauor diuino entramos, & não achamos lembrança algũa, de quem foi por capitão d'ellas: por que os q̃ trouxeraõ ficaraõ na India. Partidas as naos, o Gouernador se embarcou, & foi correndo a costa do Malauar, na ordem que leuou quando foi pera Cochim; mandando diante Simão de Mello com a fustalha, & o Serqueira por espia, que entraua todos os rios, & tomaua fala donde auia Paraos: & sabẽdo que em Marabia (que he hum rio do reino de Cananor) estauão recolhidos quatorze nauios de Cale

Aõ 39.

cut:

cut, dãdo rebate a Simão de Mello, (que de madrugada entrou aquelle rio) pos fogo a todos, por se não embaraçar em os tirar, tendo hũa muita arrezoada briga cõ os da terra, que acodirão aos defender (por estarem a mor parte d'elles abicados em terra) em que os nossos saltarão, pera os queimarẽ a sua vontade: & depois de feitos em cinza, se embarcarão a seu salvo, & se forão pera o Gouernador que chegou a Goa, & mandou ordenar hũa armada grande, em que mandou Antonio de Miranda pera o Malauar, de cujos capitães não achamos nomes, somente Christouão de Mello que ya em hũa Galé, & Francisco de Mello em hũa Galeota, & do que lhes aconteceo, adiante daremos rezão.

CAPITVLO V.

De como o Gouernador Lopo Vaz de sam Payo foi auisado de hũa armada de Cambaya que andaua fora, & de como a foi buscar, & pelejou com ella, & a desbaratou de todo.

AVENDO poucos dias q̃ o Gouernador era chegado a Goa, lhe veyo hum recado apressado de Frãcisco Pereira de Berredo capitão de Chaul, em que o auisaua, como ficaua a armada de Cambaya, sobre aquelle porto, & que receaua o quizessem cometer, & que lhe podia acontecer hum desastre, pella pouca gente com que estaua. O Gouernador como tinha ida os Galeões no mar, mandoulhes meter mantimentos & muniçoẽs, & negocear as Fustas que auia com muita breuidade: & começouse a embarcar contra parecer de todos os fidalgos & capitães: por dizerem que era descredito do estado ir a pessoa do Gouernador da India, buscar hum capitão d'elRey de Cambaya, o que podia fazer outro capitão com o mesmo poder que elle leuaua, & deixarse ficar em Goa por opiniaõ do estado: porque sempre se auia de cuidar, antre os imigos, que ficando elle, ficaua mais cabedal. O Gouernador por çima de todas as rezões se embarcou & se fez a vela entrada de Feuereiro, leuando cinco Galeões, duas Galés, & quarenta & quatro nauios de remo. Os capitães que forão nesta jornada, nos Galeões & Galés forão: Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Eitor da Sylueira, Simão de Mello, Anrique de Maçedo: & os capitães das Fustas, adiante nomearemos os mais d'elles. Dando à vela, despedio Eitor da Sylueira com todos os nauios de remo, pera que fosse cingindo a ribeira, & elle cõ

os Galeoẽs & Gales se foi ao mar. Chegando a Chaul não achou os imigos, pello que despedio hum nauio ligeiro a espialos: & elle com toda a armada surgio a hum ilheo, que esta hũa legoa ao Norte d'aquella barra. Alixá capitão mor da armada de Cambaya, estaua com toda ella (que erão sesenta & quatro Galeotas) metido no rio de Bombaim; & sabendo da armada do Gouernador despedio treze Fustas, pera que fossem auer vista d'ella. E o dia que o Gouernador surgio no ilheo, lhe apareceraõ a barauento, estando Eitor da Sylueira a terra com as Fustas furtas. Os imigos depois de notarem tudo, chegaraõ se ao Gouernador a tiro de falcão, & lhe deraõ hũa boa salua. Eitor da Sylueira tanto que os vio, arrácou donde estaua apos elles, que como o virão se foraõ recolhẽdo. O Catur que o Gouernador tinha mandado a espiar os imigos, chegou o mesmo dia & lhe disse, como todos estauão metidos em hũa enseada na boca do rio Bombaim, o que sabido pello Gouernador, chamou todos os fidalgos & capitães a conselho, & lhe disse, que lhe parecia bẽ fazerẽse na volta de Dyo, porque auia de estar fraca aquella fortaleza, & sem gente, porque toda andaua na armada, & que seria muito facil tomarẽna; & que os de dentro quando o vissem sobre aquella barra auião de cuidar, que deixaua a sua armada desbaratada, & que sem duuida o naõ esperarião & lhe largarião a fortaleza: & que depois se buscariaõ os imigos. Antonio de Saldanha, & Garcia de Sá, que voraraõ primeiro, disseraõ que lhes não parecia bem aquillo, que muito melhor seria ir buscar aquella armada, & pelejar com ella, & que depois de desbaratada se poderia fazer o que elle dizia: mas que assi, vendo Alixá que desaparecia, cuidaria que lhe fogião, & cobraria animo, & volraria sobre Chaul, que lhe seria taõ facil de tomar, como elle o fazia a Dyo, & que seria muito grande perda, & afronta, que se não podia sospeitar que estiuesse Dyo taõ desapercebido, que se podesse tomar com a facilidade que dizia. E que taõbem lhes não parecia bem ir sua pessoa buscar as Fustas de Cambaya, que se deixasse ali ficar, & mandasse hum daquelles fidalgos a aquelle negocio, & que todos o acompanharião, & que isso bastaua pera os imigos, & seria maior credito, & reputaçaõ dizerse, que hum capitão disbaratara tamanha armada, que não, que a pessoa do Gouernador se achára nisso. Cõ elle parecer se foraõ todos os mais capitães. O que visto pello Gouernador, deulhe a desconfiança de cuidar, que cada hum pretendia aquella honra pera si, & tomarlha a elle, & disse, que elle auia de ir

pelejar com os imigos,& que quẽ o quiſeſſe acompanhar o fizeſſe: & deſpedio dali Eitor da Sylueira, que foſſe com as Fuſtas todas diante a porſe na barra, & o Gouernador a ſua viſta hum pouco ao mar foi demandar o rio de Bombaim. Eſta noite ſe vio hũa coſa no ceo marauilhoſa, que foi hum final branco & luzente, comprido, a feiçaõ de eſpada larga,que corria do Noroeſte a Sueſte, & ficaua com a ponta pera a parte em que eſtaua Dyo. Os mouros notaraõ iſto a toim final. A eſtes cometas chamão os Gregos Xiphia, por que xiphos he o meſmo que eſpada: & os que eſcreuem d'eſtes cometas, dizem que ſaõ de cor luzente, & que acabaõ em ponta, como eſta tinha, que era aquella que caya ſobre Dyo. O Gouernador amanheceo ſobre Bombaim,aos ſeis de Feuereiro, que foi ao outro dia logo, em que cayo dia de cinza, & ouueraõ viſta da armada do imigo, que eſtaua na ponta d'aquella barra. O Gouernador meteoſe em hum nauio ligeiro, & foi correr as noſſas Fuſtas, & fez a todos hũa muito breue fala,põdolhes diante ſuas obrigaçoẽs, facilitandolhes a vitoria, affirmandolhes que eſtaua ſó no cometimento: que lhes mandaua da parte d'elRey,que nenhum nauio tiraſſe bombardada ſo pena do caſo maior ao tempo do cometimento, por que ſe não eſtoruaſſem os marinheiros, que os aferraſſem primeiro, & que ganhaſſem aquella honra a eſpada,porque aſſi ficaria a vitoria mais fermoza, & ao primeiro que inueſtiſſe nauio lhe prometeo cẽ cruzados, & o nauio,tirando artelharia,encomendãdo a dianteira a Eitor da Sylueira, que pos todos os ſeus nauios em ordem. O Gouernador receando que os imigos lhe fugiſſem pera o rio de Bandora,que eſtaua diãte mea legoa,mãdou a hum capitão, que tanto que a batalha ſe trauaſſe, foſſe com oito nauios (que lhe nomeou,& a quem mandou recado) & tomaſſe a boca d'aqnelle rio. Eitor da Sylueira eſcolheo os melhores nauios pera a dianteira, de que eraõ capitaẽs,Diogo Coelho,Gaſpar Paes, Franciſco Aluarez, Ioaõ Rodriguez o Chatim, Pedraluarez de Meſquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Chriſtouão Louréço Carracão,o Calafate de Chaul, Diogo Quareſma, d'Alcunha o Malu, Pero Barriga, Antonio Colaco, Chriſtouão Correa,Iorge Diaz, & Antonio Fernãdez: com eſte yão embarcados eſtes fidalgos,Chriſtouão de Mello de ſaõ Payo, ſobrinho do Gouernador,dom Franciſco de Craſto, Ioaõ Pereira, Manoel Rodriguez Coutinho, Andre Caſco, Frãciſco de Barros de Paiua, Luis Coutinho, Duarte Coelho, Iorão de Mello, Antonio Barbudo, Ioão da

Sylueira, Manoel do Carualhal, Nuno Pereira, Lançarote D'alpoem. De todos os nauios de remo fez o Gouernador tres batalhas, & nas duas yão as duas Galés, & pera as Fustas se passaraõ todos os fidalgos, & capitaẽs da armada; & assi nesta ordem foraõ demandar o rio. Alixá vendo ir os nossos nauios os sayo a receber com grande determinaçaõ, & chegando a tiro de bombarda, deraõ sua salua sem os nossos fazerem caso d'ella; com shouerem sobre todos os nauios nuuens de pelouros, & passando os nossos polo meyo de todos estes perigos, & bombardadas, os foraõ afferrar, dandolhes ao mesmo tempo a sua surriada, de que lhes mataraõ muitos, inuestindoos logo. E o primeiro que pos a proa em hũa Galeota muito fermosa, foi Antonio Fernandez, com quem yão embarcados os fidalgos, que acima nomeamos: onde se baldeou logo Francisco de Barros de Paiua, que ya no esporaõ, & da pancada que a Fusta deu, tornou a recuar pera fora, ficando elle só dentro sobre apostica que era de apellaçaõ, onde se defendeo com muito valor de muitos que o cometeraõ. A Fusta tornou logo aferrar a Galeota, & os nossos trabalharaõ pola entrar, mas foilhes mũy bem defendida, ficando Francisco de Barros, em grande aperto, porque carregauão sobre elle muitos tiros & golpes, de que se defendia com muito trabalho. Os nossos trabalhauão pello soccorrer, cometendo a entrada sobre o que se fazia hũa muito aspera batalha, porque os imigos erão muitos. Estando a cousa mũy baralhada, acertou de cair da meagauia da Galeota dos mouros hũa panella de poluora na mesma Galeota, do masto à popa, que quis Deos, desse em outras, que todas tomaraõ fogo, com que a Fusta arrebentou, deitando por esses ares, a todos quantos nella auia. Francisco de Barros quis sua ventura que caisse d'entro na nossa Fusta ferido de hũa zargunchada. Ficaraõ mais feridos Ioão Pereira de hũa frechada no rosto, dom Francisco de Crasto de hũa pedrada na cabeça. Eitor da Sylueira que foi dos primeiros que abalroaraõ, trabalhou por chegar a Galeota do Alixá, mas por estar na retaguarda, aferrou em outra que logo axorou, & o mesmo fizeraõ os mais capitaẽs cada hum a sua, apertando tanto com os imigos, que os fizeraõ lançar ao mar depois de mũy bem escalaurados. Alixá vendo o estrago dos seus, mudouse a hum nauio pequeno, & tomando o remo foisse acolhendo. Os mais da sua companhia vendoo ir, trabalharaõ por se saluar: & seguindoos os nossos, os foraõ alcançando, & axorando, ficandolhes d'esta feita nas maõs, quarenta & seis Galeotas, em que se tomaraõ oitenta bõbardas grossas, & outras miudas:

& das

& das outras foraõ queimadas tres. Das quinze que escaparaõ, recolheo Alixá sete, com que se foi pello rio d'entro, ate Tana, as outras se meteraõ pello rio de Nagotana, onde foraõ tomadas pella gẽte do Melique Rey de Chaul. Venceose esta batalha sem custar da nossa parte, mais que hum homem que cayo ao mar. Perderãose dos imigos antre mortos & catiuos, oito centos homens brancos Turcos Rumes, & mais de duzentos bombardeiros, & da gente da terra, mais de dous mil. Foi cousa milagrosa, que o cometa com ser dia claro sempre apareceo no ceo ate aquella hora que se a batalha vẽceo, que se escondeo. O Gouernador Lopo Vaz de saõ Payo, deu muitas graças a Deos por tamanha merce, & armou muitos caualeiros. & pondo em conselho dos capitaẽs se voltaria pera Dyo, com tamanha vitoria cuja fama auião de ter os imigos, espantados, & atemorizados, foraõ muitos de parecer que si, mas Garcia de Sá, & Antonio de Saldanha foraõ do contrario, antes lhe requereraõ da parte d'elRey que não roubassem a honra a Nuno da Cunha, que vinha só aquelle negocio, pedindo ao Secretario que lhe desse instrumento d'aquillo, & o Gouernador taõbẽ lhe pedio outro, de como quisera cometer aquella jornada, & que os seus capitaẽs lha estrouaraõ. E certo que se entendeo que se voltara a Dyo, tomara aquella fortaleza, segundo todos ficaraõ quebrantados, com a perda de tamanha armada, em que elles tinhaõ toda sua força & cabedal. Vendose o Gouernador contrariado, determinou de ir dar em Tana, & destruir aquella cidade, pera dar hum saco grande a sua gente, por irem cheios de honra, & de prouei to, & caminhando com todas as Fustas pello rio d'entro, lá nos passos que saõ perigosos, deu em seco toda a armada onde ficou aquella maré a risco de se perder, trabalhando todos a te lhes rebentar o sangue das mãos. A alguns capitaẽs que ficaraõ em nado, deuselhes pouco do trabalho em que o Gouernador estaua por que como esperauão por outro nouo, ja lhes naõ tinhaõ muito respeito. Como a mare tornou a encher, aleuantaraõse os nauios do seco, & sayraõse pera fora. O Gouernador por não experimentar outra desobediencia, & por ser ja fim do veraõ, determinou de se ir pera Goa, deixando Eitor da Syluei-ra com vinte & sete nauios de remo pera ficar na costa de Cambaya, fazendo toda a guerra que podesse, & elle se recolheo a Chaul, & dali a Goa.

CAP.

CAPITVLO VI.

Da guerra que Eitor da Sylueira fez na costa de Cambaya; & de como destruyo a cidade de Bacaim, & as villas de Tana, Bombaim, & outra: & do que o Gouernador Lopo Vaz de saõ Payo fez em Goa, & do que aconteceo no Malauar.

PARTIDO o Gouernador Lopo Vaz de saõ Payo pera Goa, determinou Eitor da Sylueira, de ir tomar hũa fortaleza afastada da agoa duas legoas por aquelle rio de Nagotana d'entro: em que estaua hum capitaõ d'elRey de Cãbaya, com seiscentos homens de cauallo, & dous mil de pé, & indo demandala naõ pode chegar a ella, por que o esteiro que entraua a tela era baixo, & de pouca agoa, mas desembarcando onde pode chegar a armada, queimou seis pouoações muito grandes que auia naquella parte em que desembarcou. O capitão que estaua na fortaleza, soube de como os nossos andauão em terra, & acodindo cõ toda a gente que tinha, foi a tempo, que os nossos tinhaõ ja tudo feito, & se começauão a embarcar. Os de cauallo que yão diante remeteraõ a elles, cõ grandes gritas, & apupadas, chamãdolhes nomes. Eitor da Sylueira que ainda estaua em terra, foilhe forçado fazer rosto aos imigos, pera terem os seus tempo de se embarcarem: & tomãdo cem espingardas teue lhes o encontro, derribandolhes alguns, cõ que os fizeraõ parar. Hum soldado dos nossos, homem não conhecido, & sem nome, (a que muito desejamos de o saber, pera lho darmos muito honrado nesta historia,) adiantandose hum pouco cõ hũa lança & rodela, esperou hum mouro de cauallo a pé, que despois que vio nelle romper seu encontro, com a lança alta, o soldado correo a sua, & o tomou por debaixo do braço da lança, & passando o todo deu com elle no chaõ: & ainda naõ estaua bem n'elle, quando ja o soldado (que lhe leuou logo as redeas do cauallo na maõ) saltou em çima com muita ligeireza, & ar: & enrestando a lança, voltou a outro de cauallo que remetia cõ elle, & o leuou pellos peitos, dando com elle de pernas açima, muito mal ferido, aque os nossos deraõ hũa grande apupada, & logo surriada da espingardaria. O soldado em derribando o mouro, remeteo ao cauallo & o tomou, pellas redeas, & com muita confiança se veio recolhendo pera Eitor da Sylueira, cauallgado em hum, & com outro a destro: & chegando a elle lhe pedio o armasse caualeiro, o que elle logo fez assi como estaua. Louue agora Liuio o seu Marco Coruino,

imigos, que deu por antre elles sem lhes fazer dano. Eitor da Sylueira desembarcou muito a su võtade, mandando diante hum capitão com hũa companhia pera cometer as tranqueiras, & elle com a bandeira de Christo, & toda a mais gẽte foi na retaguarda. Chegados os nossos a tranqueira, a cometeraõ com muito animo, achãdo os de dentro postos em defensaõ, antre quẽ se ateou hũa muito crespa briga, de que os de dentro ficaraõ de ventagem, porque de çima lançauaõ sobre os nossos toda a cousa que achauão, de paos, pedras, fogo, poluora, & todos os mais instrumentos mortaes; os nossos sem temerem cousa algũa destas as espingardadas fizeraõ afastar os mouros d'alguns lugares, com morte de alguns, com o que outros muitos ajudados huns dos outros caualgaraõ pellos lugares vazios a tranqueira, & de çima apelidaraõ Portugal, Portugal. Os mouros vendo os nossos em çima lugaraõ tudo, & se recolheraõ a çidade, a te onde os nossos os seguiraõ entrando de volta com elles. Alixá não estaua na tranqueira, porque entendendo, que se os nossos desembarcassem a auião de caualgar, foise por em sillada fora da cidade, porque quando os nossos a cometessem lhes saissem, & os desbaratassem. E assi foi, que indo os nossos no alcanse dos seus, a te a cidade, arrebentou da çillada com a gente de caualo, & detras toda a de pè, & foi demandar os que entrauão na çidade. Eitor da Sylueira que estaua fora, vendo os imigos tocou a recolher, & ordenou hum esquadraõ com toda espingardaria a roda, ajuntando todos assi, que logo voltaraõ tanto que sentiraõ os imigos, & assi se pos com proposito de pelejar com elles. Alixá cuidou que os nossos fugião, vendoos recolher ao esquadraõ, & os foi seguindo a te chegar a Eitor da Sylueira, que os de caualo foraõ cometer cõ grande determinaçaõ, cuidando que rompessem o esquadraõ: os nossos desparando sua arcabuzaria, derribando muitos, fizeraõ voltar os mais: porque os caualos com o estrondo, espantados voltauão pera tras rompendo os seus de pé, que vinhaõ chegando, & assi huns & outros se desbarataraõ, deitando a fogir, & sem pararem na cidade se foraõ recolhendo huns pera a serra, outros pera outras partes. Os nossos naõ os quiseraõ seguir por estarem cansados, & mandandoos espiar, sabendo que desempararaõ a cidade, a entraraõ, & saquearaõ, roubando muita fazenda, ouro, & prata, porque estaua rica & prospera: & depois de se fartarem bem lhe puseraõ fogo em que toda ardeo. Eitor da Sylueira esteue sempre a porta, com a bandeira de Christo, & tocando a recolher foi se a tranqueira, & mandou embar

car toda a artelharia d'ella,& poſeraõ fogo a tudo, que ardeo a te os alicerces. No rio tomaraõ tres Taurins cárregados de madeira müy fermoſa, que logo mandou pera Goa, que o Gouernador eſtimou pera o concerto das armadas. Os Tanadares vezinhos ficaraõ diſto tão amedrõtados, q̃ o de Taná mãdou offerecer a Eitor da Sylueira quatro mil pardaos de pareas cada anno, q̃ lhe elle aceitou de que ſe fizeraõ papeis, que não apareçẽ, nem ſaõ neceſſarios: porque o direito ſenhorio deſtas terras ficou depois melhor,,pella doaçaõ, que o ſoltão Badur Rey de Cambaya fez d'ellas aos Reys de Portugal, como adiante diremos. Eitor da Sylueira deu outra volta pella enſeada de Cambaya, & deſembarcou em alguns lugares que deſtruio & abrazou, & como foi tempo ſe recolheo a inuernar a Chaul. O Gouernador tanto que chegou a Goa, deſpachou Garcia Deça, pera ir entrar na capitania de Malaca, mandando prouimentos pera Maluco: & pera Ormuz mandou tres Galeoẽs carregados de fazenda d'elRey, de que eraõ capitaẽs dom Franciſco Deça, Antonio de Lemos, & Lopo de Meſquita. Antonio de Miranda ſabẽdo no Malauar onde andaua que no rio de Chale, eſtaua hũa nao carregada de pimenta, entrou d'entro, & a tomou, & tirou pera fora, & a mandou a Cochim, & queimou aquella pouoaçaõ, & quatro Paraos que eſtauaõ varados, & tomou outros quatro que eſtauão no rio: & depois d'eſte ſoceſſo, andando corrẽdo a coſta, ſocedeo andar Chriſtouão de Mello ao longo da terra cõ a ſua Galé, & ſeis nauios mais, & Antonio de Miranda ao mar d'elle, não ſabendo os mouros do capitão mor, & vendo aquella Galé & poucos nauios de longo da terra, armaraõ cincoenta Paraos, & o foraõ demandar. Chriſtouão de Mello tanto que ouue viſta d'elles, foiſe remando pera o mar, aſsi pellos afaſtar da terra, como pera chegar ao capitão mor. Os imigos cuidauão que lhes fogia, & foraõ no ſeguindo, a te auerem viſta do capitaõ mor, que vendo aquella armada ir apos a noſſa, como tinha obalrauẽto, dãdo a vela deſcarregou ſobre elles, & o meſmo fez Chriſtouão de Mello. Os imigos vendo o capitão mor ficaraõ embaraçados, & voltaraõ pera a terra: Chriſtouão de Mello que lhes ficou mais perto, lhes chegou com ſeus nauios, & pondolhes as proas os foi axorando ficandolhes nas maõs, quatorze nauios, & os mais por ligeiros eſcaparaõ. Eſta victoria foi a derradeira deſte veraõ, & Chriſtouão de Mello ſe recolheo a Goa, & Antonio de Miranda a Cochim.

CAP.

antiga Hierapoly, de Alepio prefeito do Emperador Iuliano, & que d'elle tomou o home. Mas o Bispo dom Ambrosio, penitenciario que foi do Papa Iulio terceiro, que veio à India por Turquia, & Arabia, & esteue nesta cidade de Goa, no conuento de saõ Domingos, de cuja ordem era, homem douto nas letras diuinas, & nas lingoas Chaldea, & Arabia, disse que quando Deos iurara Abrahaõ de Vr cidade dos Chaldeos, fora ter a Alepo cidade cabeça de Suria: & como trazia muitos gados, & era homem de grande charidade, estando aqui aposentado, daua cada dia aos pobres do leite de seus gados, & tinhaõ ja esta racão por taõ ordinaria, que acodiaõ pella menhã, aos criados de Abrahaõ, & lhe perguntauaõ, Ielep, que na lingoa Chaldea quer dizer, ordinhastes ja? E que daqui ficou este nome a esta cidade: & que os mesmos Arabios doutos de Alepo, que assi o tinhaõ em suas escrituras, & que sem duuida esta cidade fora habitada & senhoreada de Abrahão. Isto contaua elle aos padres de saõ Domingos, de quem o nos soubemos. Este Bispo morreo em Cochim indose embarcar pera o reino, & segundo a nossa lembrança, em tempo do Conde do Redondo. Aqui n'esta cidade se deixou ficar Antonio Tenreiro, pera esperar por hum Venezeano chamado Miçer Andreas, pera quem leuaua cartas, & letras, pera lhe dar dinheiro, & auiamento, pera passar a Europa: que era ido a Constantinopla, & ficou esperando por elle: & taõbem porque o inuerno era grande, & de grandes neues, esteue aqui trinta dias, a te vir Miçer Andrea que o auiou, & se meteo em hua cafila que ya pera Tripuli de Suria, onde se embarcou, & foi ter a Chipre, & d'ali se passou a Veneza, passando muito grandes trabalhos, & tormentas, & tomando o caminho por terra, chegou a Portugal pouco depois de ser partido Nuno da Cunha pera a India. ElRey estimou muito as cartas de Christouaõ de Mendoça, & as nouas das Gales serem desarmadas: & por saber que por terra & em espaço de tres meses, podia ter recado de Ormuz, porque naõ pos este homem no caminho ordinario mais: que todo o outro tempo, foraõ detenças, por impedimentos que lhe socederaõ. Esta viagem & chegada de Antonio Tenreiro pos grande espanto no reino, por ser o primeiro que a cometeo só com hum piloto. Socedeolhe no cabo de todos estes trabalhos, que o primeiro dia que chegou ao reino, que esteue com elRey a té bem de noite, dandolhe nouas da India, saindo dos estaos onde elRey pousaua, pera ir descansar, indo vestido em hum albernoz,

com os olhos, erão nuues, & as de areas, soltas & mouodi- que com qualquer vento eraõ das d'hũa parte pera a outra, o fazem as ondas do mar cõ des tempestades: naõ encon- do por todo o caminho, senão s, tygres, leões, lobos, & alima bravas, de que Deos sempre os rdou, gouernandose o Piloto a estrella do Norte de noite, & dia por algũas balisas que os inhantes tinhão postas em pa nos que os ventos as naõ podes arrancar; & assi caminhauão e & cinco legoas por dia, dor- do em çima das camelas, on- aõ bem comiaõ, sem se dese- , assi por amor das alimarias uas & feras, como por se não errarem & sumirem naquelle r de areaes: dando a cada camel ũa quarta de farinha hũa vez dia, & algũa pouca de agoa, & a quatro cinco dias, as farta- d'ella em charcos que a para- s auia, em partes duras, & se- em que as agoas do inuerno se olhião. E em certas paragens no estas se achaõ alarues, gran- imos ladroes, que viuem de sal as Cafilas. A o derredor d'es- charcos se crião alguns cardos uos de que as camelas comião. tonio Tenreiro foi cometido as vezes das alimarias, de que os, & a ligeireza das camelas o araõ. E hũa madrugada fogin à redea solta de dous leões, cor reraõ d'aquella feita duas legoas, ficando a camella de Antonio Tẽ reiro manca de hum pé, dum es- trepe que se lhe meteo, & foilhe forçado deterse, deçerse, & tirar- lho, & curalo como pode, & d'esta feita estetue tres dias se caminhar, nó cabo d'elles tornaraõ a sua jor- nada, padecendo grandes fomes, sedes, & medos: & a cada oito dias achauão aquellas partes secas em que se refazião de agoa ainda que roim, & em cada hũa d'ellas se de- tinhão hum dia, por dar folga as camellas. Em duas partes destas acharaõ dous castellos arruinados, onde ja se agasalharaõ Alarues; & a cabo de vinte & dous dias de ca- minho, chegaraõ a hũa pequena villa acastellada, cercada de muro & taipas grossas, & pouoada de Alarues, na entrada d'ella estaua hũa fermosa fonte, de que regauão suas sementeiras, & por derredor auia alguns palmares de tamaras. Aqui acharaõ hũa cafila ja de ca- minho pera Damasco, em que se meteo Antonio Tenreiro, despe- dindo d'ali o piloto, tendolhe bẽ pago seu caminho. Este dia que partio a cafila, foraõ dormir a ou- tra fortaleza perto, & d'esta a qua renta legoas sairaõ do deserto, & entraraõ pellas terras de Alepo, ci- dade grande de Suria, cercada de muros, prospera de tudo, pouoada de muitos & muy ricos mercado- res, que alguns presumem que fos- se edificada das reliquias da muito

CAPITVLO VIII.

Das cousas que acontecerão em Malaca ate vbegar Garcia de Sá, & dos ardis de que o Achè vsou com Pero de Faria, por ver se podia colher em seu porto algum nauio; & de outras cousas que mais passarão.

COM a tomada da Galé de Simão de Souſa, cómo atras temos contado, ficou o Achem muito ſoberbo: & como era maliſsimo, & falſo, pareceolhe que podia a conta daquelles Portugueſes, que tinha catiuos, colher n'aquelle porto algum nauio noſſo, pera o tomar. Pera iſſo determinou de vſar de ardis, & manhas, com o capitaõ de Malaca; como logo diremos. Andaua elle n'eſte tempo em guerra com elRey Darù, que era noſſo amigo, & como eſſe tinha mandado a Malaca a pedir ſoccorro ao capitaõ, do que logo o Achem foi auiſado, & receou que com o noſſo ſoccorro lhe deſſe aquelle Rey grandes trabalhos: pello que determinou de atalhar, & eſtoruar o ſoccorro que mandaua pedir. E tomando hum dos Portugueſes catiuos da Galè de Simão de Souſa, chamado Antonio Caldeira, com outro companheiro, & lhes deu hum Bantim, mandandolhes que foſſem a Malaca, & diſſeſſe da ſua parte ao capitaõ, que elle deſejaua muito de ter cõ elle paz & amiſade, & que pera principio d'ella lhe queria dar todos os catiuos Portugueſes, & a Galè, com toda a ſua artelharia, & a que tomara na fortaleza de Pacem, & ade hũa nao noſſa que dera a coſta, & que bem podia mãdar logo por tudo. Chegado eſte homem a Malaca (eſtando naquella cidade o Embaixador d'el Rey de Arù, com prometimentos da ajuda que pedia.) E dando recado ao capitaõ Pero de Faria, que o grangeou muito; parecendolhe que Deos lhe abria o caminho, pera auer aquellas couſas em que ganhaua mais que no ſoccorro d'elRey de Arù, que ja negoceaua, tendo cometida aquella jornada a Diogo de Maçedo capitaõ mor do mar de Malaca, que eſtaua com toda a armada que tinha no mar, pello que determinou de a recolher, & fazer pazes com o Achem. Iſto não pareceo bem a Martim Correa, que conhecia a maldade d'aquelle Rey: & diſſe a Pero de Faria, que tanto offerecimento parecia inuençaõ, que aquillo era mais eſpiar a fortaleza, que cometer pazes, & ver ſe daua ſoccorro ao Rey de Arù, pera o fazer ſobre eſtar nelle: por que bem ſabia elle a grande cauſa que auia pera eſtarem eſcan-

eſcandalizados d'elles, pella toma da da Galé: & que forçado ſe auia de tratar de ſatisfaçaõ & vingança por todas as vias, que elle auia de temer, & arrecear, que a mor que por entaõ ſe podia tomar d'elle, era darſe ajuda a elRey de Arú, pera o poder desbaratar, & que entendeſſem que mouros naõ cometiaõ nunca pazes, ſe não por intereſſe, ou neceſsidade, & que eſta não tinha elle agora por parte dos Portugueſes, mas que receaua tela ſe mãdaſſe armada contra elle ao Arù: & que tantas promeſſas juntas, ſem ver ainda o flagello ſobre ſi, era couſa que da ua bem a entender ſua tençaõ. Eſtas rezoẽs pareceraõ bem a Pero de Faria, & diſſe a Antonio Caldeira perante o meſmo Martim Correa, o que lhe elle tinha dito, pedindolhe que lhe diſſeſſe o que ſoſpeitaua & ſe ſe podia arrecear ſerem aquillo inuençoẽs do Achẽ? Antonio Caldeira lhe diſſe, que o que entendia eraõ tamanhos deſejos no Achem de pazes, que ſem duuida daria tudo o que tinha offerecido: & quanto a elle em nenhũa forma deixaria de ſe tornar pera elle, pella vontade que ſentia pera com todos os Portugueſes, & por que lho prometera, que lhe deſſe reposta, por que logo auia de voltar. Com eſta confiança d'este homem ficou Pero de Faria mais crente que o Achem lhe falaua verdade. Pello que determinou de aceitar as pazes, por que deſejaua de auer as maõs os Portugueſes, & tanta artelharia como lhe offerecia, pello que o deſpachou logo, & eſcreueo ao Achem que aceitaua ſua amizade, em nome d'elRey de Portugal, & que dali por diante o auia por amigo, & que como a eſſe o ajudaria em tudo o que lhe foſſe neceſſario, & que logo mandaria pellos Portugueſes, & mais couſas, & que não fauoreceria elRey de Arù, & que logo mandara recolher a armada que pera iſſo tinha preſtes, & mandou com eſte homem hum caſado de Malaca, que ſabia a lingoa Malaya, com procuraçoẽs baſtantes pera aſſentar as pazes com o Achem, mandandolhe por elle algũas peças, & brincos. Eſtes homens foraõ tomar hũa ilha na coſta do Achem, que era pouoada de mouros, que vendo os dous Portugueſes ſós os mataraõ. O Embaixador de Aru que eſtaua em Malaca, eſperando pelo ſoccorro, deſpedio Pero de Faria com deſculpas pera elRey, de lhe não mandar ſoccorro, por que pera auer aquelles Portugueſes, & mais couſas que o Achem offerecia, lhe era aſsi neceſſario: mas que elle era ſeu amigo, & aſsi o moſtraria em todas ſuas couſas que lhe compriſſem. Com eſta reposta ſe foi o Embaixador deſcontente, & ſe embarcou ſem ſe deſpidir de Pero de Faria, de que elle ficou hum

pouco pejado, porque deſejaua de poupar a amizade d'eſte Rey, porque era muito fiel amigo; pello que logo deſpedio Fernão de Morais, que ali eſtaua por capitão de hum Galeão, pera ſe ir ver com aquelle Rey, & temperalo, & darlhe ſatisfaçoẽs das cauſas, por que então o naõ ajudara contra o Achem. Fernão de Morais chegou ao porto de Aru, poucos dias depois do Embaixador, & como elRey eſtaua tomado de Pero de Faria, mandou que nenhũa peſſoa foſſe abordo do Galeaõ. Fernão de Morais eſteue quatro dias ſem vir recado da terra, pello que entendeo que naçia aquillo do agrauo d'elRey, & como era homem de muito animo; muito arriſcado, contra o pareçer de todos ſe meteo em hum Balaõ com alguns criados & foi a terra, & caminhou pera os paſſos, & entrando muito confiado aonde eſtaua elRey, lhe fez ſua corteſia: elRey vendo aquella confiança o agazalhou com bom roſto: Fernão de Morais lhe deu todas as ſatisfaçoẽs que pode, & os reſpeitos por que Pero de Faria o naõ ajudaua por entaõ contra o Achem, & que quanto as obrigaçoẽs que lhe tinhaõ, eſſas lhe naõ podião negar, porque bem ſabião, quão leal amigo fora ſempre do eſtado. ElRey pareceo por então que ficaua deſaliuado com o que lhe elle diſſe, mas era ao contrario, por que o eſcandalo que d'entro tinha, era tal, que determinou de prender a Fernão de Morais, & tomarlhe o Galeaõ, mas quis por entaõ diſsimular a ter ver o que ſocedia a ſua armada, que auia poucos dias era partida a Paçẽ, a buſcar a do Achem: por que ſe vieſſe com vitoria, entaõ faria o q̃ determinaua, & quando não, pella neceſsidade diſsimularia: & por eſta rezão deteue Fernão de Morais oito dias, ſem no Galeão ſe ſaber nouas d'elle, & o tinhaõ ja por morto, & eſtiueraõ algũas vezes pera ſe irem pera Malaca. Paſſados eſtes dias chegou a armada d'el Rey que teue cõ a do Achem hũa grande baralha, de que ſe apartaraõ ſem vitoria de nenhum: eſta armadá trazia outro Portugues dos que eſtauão no Achem que o meſmo Rey tornaua a mandar a Pero de Faria, porque lhe tardaua o recado de Antonio Caldeira, & lhe mandaua por eſte dizer, q̃ mandaſſe logo buſcar a Galè, & Portugueſes, & artelharia, eſte Portugues foi tomado em hum Balaõ. Vendo elRey a armada ſem vitoria, lançando ſuas contas, vio que lhe não vinha bem quebrar com os Portugueſes, porque pella ventura os aueria ainda miſter, ou ao menos por que ſe não ajuntaſſem com o Achem, pello que largou Fernão de Morais, & lhe deu o Portugues. Fernão de Morais chegou ao Galeaõ, onde achou todos

desconfiados d'elle, & fazendose a vela pera Malaca, deu conta a Pero de Faria, de tudo o que lhe socedeo. Os Reys ambos como eraõ mouros ouue pouco que fazer, em se concertarem fazendo pazes, com cocegas que ambos tinhão hum do outro do fauor dos Portugueses. E como o Achem se vio desapressado, não quis mais nada de Pero de Faria, que sem duuida se acodirà, com hũa arma da aquelle negocio, ouueralhe de entregar tudo, ao menos a Galé, & os Portugueses, porque receara q̃ naõ o fazendo, se fosse ajuntar cõ elRey de Aru, & o destroissem. E assi se perdeo esta occasiaõ, & os Portugueses morreraõ em cruel catiueiro.

CAPITVLO IX.

De como elRey do Achem, tomou por engano hum Galeão de que era capitão Manoel Pacheco, & de como foraõ descubertos hũs tratos que Sinaya de Raya Chely de Malaca tratia com o do Achem, & de como foi morto.

NESTE tempo chegou Graçia de Sá, àquella fortaleza, & tomou posse d'ella, do que logo foi auisado o Achem, & ouue que com o capitão nouo faria milhor seu negocio. E porque de ambos os recados que tinha mandado a Malaca, naõ tinha reposta algũa, né sabia o que se la trataua, mandou hũ homẽ seu àquella cidade em muito segredo a saber do Bandora Sinaya de Raya (com que tinha intelligencias secretas) o que se la praticaua sobre as offertas que mãdara fazer, & que gente aueria na fortaleza, porque desejaua de a tomar. Este homem se vio com Bandora, que lhe deu conta de tudo o que Pero de Faria passara com Antonio Caldeira, & como seguro em sua amizade mandaua fazer pazes, & buscar os Portugueses, & que sempre segundara, se não chegara Garçia de Sà. Com este recado despedio o Achem logo hum Embaixador a pedir pazes, & chegado àquella fortaleza, desembarcou em çima de hum elefante com grande acompanhamento que trazia, & foi correndo a cidade de fora, com hum prato de ouro nas maõs em que leuaua a carta, que o Achem escreuia ao capitão, & diante d'elle ya hum homem, como Rey d'armas que ao som de algũs estromentos ya gritando, & publicando alto, que elRey do Achem mandaua cometer pazes, & amizades aos Portugueses. (Esta ordem guardaua em todas as que cometia,) & assi foi leuado ao capitão, que o recebeo com apparato. Elle lhe deu sua embaixada,

cuja

cuja conclusaõ foi desculparse do que fora feito a Simão de Sousa na sua barra pellos seus sem o elle saber, & que estaua prestes pera emendar aquelle agrauo, assi em castigar os culpados, como em restituir a Galé, Portugueses, & artelharia: & que lhe pedia corressem em amizade, & comercio; & que seguramente podião os Portugueses ir & vir a seu porto, comprar & vender, sem receberem agrauo algum. Garçia de Sá ouuio tudo muito bem, naõ lhe parecendo que podesse auer tamanho fingimento & maldade, em homẽ que tinha titulo de Rey, cuja obrigaçaõ era, guardar verdade & justiça. E açeitandolhe as offertas negoceou hum casado, que mandou em companhia do Embaixador, com procuraçõẽs & apontamentos, pera concluir as pazes com o Achem. Chegados àquella cidade, foi o nosso recebido d'elRey com muitas honras, dandolhe peças a elle, & a todos os que cõ elle yão. E praticando nas pazes lhe concedeo tudo o que lenaua por apontamentos, como quẽ se naõ queria desconçertar no preço, pera ver se podia effeituar seus conçertos. Assentadas as pazes, mandouas pregoar por toda a cidade, com grandes solennidades. Feito tudo isto despedio o nosso Embaixador, com mostras d'amor, & aprisado. E embarcado na barra, de noite foi saluado & morto, elle & todos, & o Balaõ sumido por mandado d'elRey, em tanto segredo, que nunca se soube, & Garcia de Sá presumio que se perderiaõ no mar. O Achem foi logo auisado de tudo por Sinaya de Raya, que lhe mandou dizer, que nada sospeitauão, antes o capitão estaua muito satisfeito das honras que elle fizera ao seu Embaixador, com o que o Achem despedio logo outro Embaixador a Garcia de Sâ com o pezame do desaparecimento do seu, que lhe pedia mandasse confirmar as pazes, por algum homem honrado, ja que o outro se perdera com os papeis, & capitolos d'ellas. Garcia de Sá enganado com estas mostras, mandou fazer prestes hum Galeaõ, & Manoel Pacheco pera ir n'elle, auisandoo alguns da maldade d'aquelle mouro, que elle nunca cuidou, que ouuesse tanta em nenhum peito humano, como ouue n'este. Negoceado Manoel Pacheco, embarcaraõse com elle mais de oitenta Portugueses mercadores com muitas fazendas, pello proueito que esperauão d'aq̃lle nouo comercio. Sinaya de Raya, auisou logo ao Achem acõselhandolhe que tomasse o Galeaõ, por que depois seria facil ir tomar aquella fortaleza, pella pouca gente com que ficaua, por que amor parte della ya nelle. Manoel Pacheco foi tomar a barra do Achem, & andando aos

bordos lhe sairão muitas Lancharas, poucas, & poucas que o foraõ demandar, como que yão de paz; & assi carregaraõ tantas que pareceo mal a alguns, que disseraõ a Manoel Pacheco, que bom seria precatarése, & armarése, que aquillo era algũa manha do Achem: Ia no Galeão auia alguns Achens, & derredor d'elle muitas Lancharas que vendo a confiança dos Portugueses arremessaraõse dentro, & remeteraõ com elles, & primeiro que tomassem armas foi morto Manoel Pacheco, & os mais d'elles: & todos os outros foraõ tomados as maõs, sem escarpar hum só. O Galeaõ foi leuado d'entro, & entregues os Portugueses a elRey, que logo os fez matar a todos, & aos que la tinha, & com isto mandou dizer a Garçia de Sà, que lhe agradecia muito o Galeão que lhe mandara, que lhe não faltaua mais que hũ Bargantim que la tinha, que lhe rogaua lho mandasse, se não que cedo o iria tomar. Garçia de Sá vendo tamanho engano & malda de ficou pasmado, & parecia que queria arrebentar de pezar, do que lhe tinha acontecido. Sinaya de Raya, mandou dizer ao Achem que mandasse hũa armada, que elle compriria a palaura que lhe tinha dado, de lhe entregar aquella fortaleza, o que o Achem fez, mandando setenta Lancharas com tres mil homens, que foraõ dar vista a Malaca. Garçia de Sá, com essa pouca gente que tinha se fechou na fortaleza, tendo gran de guarda, & vigia nella. Os Achens andaraõ por aquella costa, aguardando recado de Sinaya de Raya: & permitio Deos pera euitar tamanho mal, que saissem hum dia em terra, & se pusessem ao longo de hum tanque, que chamão d'elRey, a comerem, & beberẽ os Achens cõ os Malayos de Sinaya de Raya, & foi o bãquete de feiçaõ que ficaraõ os Achens bebados, & contaraõ aos Malayos, todos os tratos que seu amo trazia com o seu Rey: & de como tinha ordenado hum domingo (estando o capitaõ com todos os homens na igreija) ter leuado hum camello que estaua de fronte da porta principal, & borneado pera d'entro, & darlhe fogo, com que matasse todos, & abrirlhes as portas da fortaleza. E assi lhe contaraõ da morte do Embaixador, & de Manoel Pacheco. Recolhidos daqui, inspirou Deos no coraçaõ de hum Malayo d'aquelles, que se fosse logo a fortaleza, & contou ao capitaõ tudo o que ouuira, de que Garçia de Sá ficou sobresaltado, & escondendo o Malayo, mandou chamar Sinaya de Raya, que logo foi com hum enteado seu chamado Tuão Mafamede, & recebendoos bem recolheose com Sinaya pera cima onde tinha homens que o tomarão, &

deraõ

deraõ com elle dhũa jaola em baixo, onde se fez em pedaços, por que cayo de altura de cinco sobrados. E vindo pera baixo, disse a Tuão Mafamede o que fizera, & o porque: ao que lhe elle respondeo, que se tal era que fizera muito bem. Garcia de Sa o segurou, & lhe disse, que seruisse el Rey de Portugal, que elle lhe faria muitas honras & merces, & que se recolhesse, & quietasse, mandando acompanhar a re sua casa, & fez merce ao Malayo que lhe descobrio a traiçaõ, que teue em segredo, sem se saber que veyo delle. Logo correo a noua da morte de Sinaya, pello que os Achens se recolheraõ, & o seu Rey ficou mũy magoado do socesso. Tuaõ Mafamede assombrado do que vira logo desapareceo com molher & filhos, & se passou a Viantan, onde estaua o Rey que Pero Mascarenhas desbaratou em Bintaõ.

LIVRO VI. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Do que aconteceo ao Gouernador Nuno da Cunha, depois que partio da ilha de Sam Lourenço, ate chegar a Mombaça.

PARTIDO Nuno da Cunha como a tras disse mos, có a outra nao da ilha de Sam Lourenço por dentro, sendo na altura da ilha Zãzibar, se tirarõ a terra indo nauegãdo de noite, pello q surgiraõ logo. Ho tanto que amanheceo viraõse cercados de ilhas, & restingas, sem poderem entender por onde ali entraraõ, nem verem por onde podião sair: por q de todas as partes rebentaua o mar em flor; & certo que foi cousa milagrosa naõ se perderem, por que o boqueiraõ por onde ambas as naos entraraõ era taõ estreito, que quasi se naõ enxergaua. Nuno da Cunha mandou Manoel Machado seu capitão da guarda no esquife com alguns companheiros, pera irem a terra ver se podião tomar algũa pessoa que lhes desse rezão dõde estauão, & se saberia tirar dali as naos; porque os Pilotos estauão pasmados, & areados. Manoel Machado chegando a terra vio

hũa

hũa pouoação ao longo da agoa, & querendo desembarcar, acodiraõ os negros com frechas & paos tostados, & carregando nos nossos os fizeraõ embarcar com morte de hum grumete, & dous feridos. O Gouernador ficou enfadado, & mandou seu irmão Pero Vaz da Cunha com algũa gente d'armas pera dar na aldea, indo com elle vinte & çinco companheiros todos fidalgos, & caualeiros: & chegados a pouoaçaõ lhe fugiraõ os negros pera o sertão, & os nossos entraraõ n'ella sem acharem pessoa viua: de que Pero Vaz agastado disse aos companheiros, que bem vião os riscos em que estauão aquellas naos, & que se naõ ouuesse algũa pessoa da terra as maõs, pera os tirar d'ali, que perecerião todos. Que era de parecer ficassem ali algũs compartheiros embrenhados por que como fosse noite forçado se auião os negros de tornar pera a pouoaçaõ, & que entaõ se poderia tomar algum desmandado, & que como fosse noite elle tornaria cõ o batel a praya, pera os recolher & fauorecer, porque nisto ganhauão muita hóra, & correrião pouco risco: & ainda que corressem muito, em que negocio se podia arriscar a vida melhor que n'aquelle? A isto se lhe offereceraõ dous mancebos fidalgos, irmãos, filhos do Abade de Pombeiro Ioaõ de Mello, chamados Diogo de Mello, & Tristaõ de Mello: o que Pero Vaz da Cunha estimou muito, por ver nelles o animo cõ que se lhe offereceraõ, & ouue que farião tudo muito bẽ feito, louuandoos, & engrandeçendoos cõ palauras mũy honradas, & lhes disse, que tanto que fosse noite (porque era isto ja sobre a tarde) elle se viria por no mesmo lugar com o batel, pera os recolher, & assi se deixaraõ ficar. Estes fidalgos, & hũ criado seu chamado Ioaõ Rodriguez, cõ espadas & rodellas se embrenharaõ ali, perto da pouoaçaõ, & o batel se tornou pera a nao: & tanto que anoiteçeo voltou logo pera a terra, & se pos no mesmo lugar, prestes pera recolher os nossos. Os negros tanto que viraõ recolher o batel, & que anoiteçia, tornaraõse pera a pouoaçaõ. Os nossos que estauão embrenhados, sentindo que ja vinha gente pera a pouoaçaõ fizeraõse prestes, & quis Deos que viesse dar com elles hum mouro velho, a quem arremetendo Diogo de Mello o leuou nos braços, tapãdolhe logo a boca pera que naõ gritasse, & assi nos ares foi leuado a praya, & embarcado no batel q̃ estaua muito prestes. E tomando o remo na mão se foraõ caminho da nao, & apresentaraõ o mouro a Nuno da Cunha q̃ lhe mãdou dizer que naõ ouuesse medo, que não queria saber mais d'elle se naõ, se auia remedio pera tirarem d'ali aquellas naos. O mouro lhe mandou dizer, que sua dita fora muito

muito grande em o tomarem, por que elle só em toda aquella costa lhe podia ser bom n'aquelle trabalho, porque era o Piloto milhor, & mais antigo que todos d'ella. Nuno da Cunha recebeo aquillo como merce da mão de Deos; & sabendo como Diogo de Mello o tomara, o abraçou muitas vezes, dizendolhe tantas palauras, & de tantos louuores, que causarão enueja a todos os da nao, prometendolhe satisfaçaõ d'aquelle seruiço que fizera a elRey, que fora muy grande. Nuno da Cunha fez muitos mimos ao Piloto, & o mandou agasalhar, tendo vigia n'elle, que não se acolhesse de noite; & ao outro dia tirou as naos fora d'aquelles baixos, por hũ canal taõ estreito que era medo velo, & as leuou a fundear na barra de Zanzibar. O Gouernador lhe mandou pagar muito bem, & darlhe muitas peças, com que ficou taõ satisfeito, que se offereceo leualo ate Mombaça, aonde se assentou que fosse inuernar, porque ja não podião passar a India. Em Zamzibar este ue Nuno da Cunha alguns dias tomando refresco, & por ter nas naos duzentos doentes, os mandou desembarcar em terra, pera se ficarem curando ali, deixandolhes todos os prouimentos necessarios, & por capitaõ d'elles hum fidalgo chamado Aleixos de Sousa Chichorro, que com muito gosto por seruiço de Deos & d'elRey quis ficar com elles. Dali se partio o Gouernador pera Melinde onde se vio com elRey, de quẽ foi muito bem recebido & agasalhado. Aqui neste porto estaua Diogo Botelho Pereira capitaõ de hũa nao que tinha partido do reino por mandado d'elRey dom Ioaõ, em busca da gente da nao de dõ Luis de Meneses irmão do Gouernador dom Duarte de Meneses, que desapareceo indo pera Portugal, & se presumia dera a costa na paragem do cabo das correntes, ou por aquella costa toda, & que a gente toda estaua em terra, por que em Portugal differaõ algũas naos, que por aquella paragem lhes fizeraõ de noite fogos em cruzes, que parecia de gẽte Portuguesa que se por ali perdera: auendo que naõ seria outra se não a da nao de dõ Luis de Meneses, de que Diogo Botelho naõ achou sinaes, nem nouas algũas. D'elle soube o Gouernador o successo da sua viagem. Daqui de Melinde mandou recado a elRey de Mombaça, a pedirlhe licença pera ir inuernar no seu porto, por que em Melinde não podia ser por que era costa braua, & no inuerno perigosa, elRey de Mombaça como era mouro desconfiado, pareceolhe que aquillo era inuenção do Gouernador, para lhe tomar sua cidade, & mandouselhe escusar: de que o Gouernador se tomou muito, & assentou de o castigar, pois o não queria agasalhar,

por

por que taõbẽ não podiaõ as naos inuernar em outro porto, ſe naõ naquelle. Deſta determinaçaõ deu cõta aos fidalgos, & a elRey de Melinde, que lhe pera iſſo offereceo oitocentos mouros: & fazendo o Gouernador alardo da gente que tinha, achou oitocentos homens, com os da nao de Diogo Botelho Pereira, gente mũy limpa, & mũy luſtroza. E mandando elRey de Melinde negoçiar hũa nauera ſua, pera nella, & na nao de Diogo Botelho Pereira ſe embarcarẽ os oitocentos mouros. E deſpedindoſe o Gouernador d'elRey, ſe fez à vela pera Mombaça, a onde chegou ao outro dia pella menham, & ſurgio da banda de fora.

CAPITVLO II.

De como Nuno da Cunha, tomou a cidade de Mombaça, & das couſas que lhe aconteceraõ em quanto eſteue nella.

DEPOIS do Gouernador Nuno da Cunha eſtar ſurto em Mombaca da banda de fora, mandou ſondar a barra por ſeu irmão Pero Vaz da Cunha, que o foi fazer em hum batel com alguns fidalgos, que o acompanharaõ, & foi entrãdo no canal, onde acharaõ a agoa baſtante pera as naos. Na entrada da barra no mais eſtreito viraõ hum baluarte de pedra, que tinha oito bombardas, com que a tiraraõ ao batel, ſem lhe fazerem nojo, & paſſaraõ auante a ré de fronte da cidade, onde acharaõ milhor ſurgidouro. Ali lançaraõ ferro & fizeraõ final a Nuno da Cunha, que tanto que a viraçaõ ventou, mandou dar a vela, & entrando pella barra foi ſurgir a onde o batel eſtaua, tirandolhes do baluarte muitas bombardadas, ſem o Gouernador querer que lhe tiraſſem algũa, por lhes dar a entender que queria amiſades, & eſperou aquelle dia & noite, por ver ſe mandaua elRey ter com elle algum comprimento, por que deſejaua de inuernar ali de paz. O Rey de Mombaca auendo conſelho cõ os ſeus, aſſentou de ſe não fiar dos noſſos, & de lhes deſpejar a cidade, porque depois de paſſado o inuerno a y lhe tornaua a ficar: & aſſi o fez logo de toda a fazẽda, molheres, & mininos, que mandou leuar day a hũa legoa, ficando nella ſó a gẽte que podia pelejar. Nuno da Cunha vendo que lhe não vinha recado, determinou de deſembarcar em terra, & mandou a ſeu irmão Pero Vaz da Cunha de noite, a reconhecer o ſitio da cidade, & onde auia milhor deſembarcaçaõ. Pero Vaz da Cunha ſe foi no batel com alguns Portugueſes, & chegouſe bem a praya, que foi coſteando & notãdo mũy bẽ

seu sitio. E como os mouros tinhão grandes vigias, foi logo sentido, & lhe a tiraraõ frechadas, de que lhe feriraõ alguns companheiros. Pero Vaz depois de notar mũy bem tudo, tornouse pera a nao, & deu conta a Nuno da Cunha do que vira, affirmandolhe, que toda a face da çidade era hũa praya em que se podia desembarcar, mas com a agoa pella cinta. E estando sem se determinarem na desembarcaçaõ, veyo da çidade hum mouro fogindo a nado pera a armada, que foi tomado por hum batel, & leuado ao Gouernador, que o recebeo bem, por que esperaua de se informar d'elle de tudo o que auia na çidade; & dandolhe conta do que se trataua, lhe disse o mouro, que era muyto perigoso o desembarcar na praya, por que pella detença que a gente faria em chegar a terra, se arriscauão a serem todos mortos as frechadas, de que elles se não poderião guardar: porque auião de ir metidos pella agoa, & enuazados, pera se não seruirem da espingardaria: mas que era de parecer, que desembarcassem abaixo da cidade, junto de hũa mesquita em hũ lugar que elle amostraria, onde os bateis podião sem trabalho por as proas em terra, por ser alcantilado. E disse mais, que na çidade auia mais de tres mil homens de peleja, & que não tinha mais que hũa estancia fora de hũa das portas com cinco bombardas de ferro: & que o bombardeiro era hum Portugues arrenegado, & que antre todos era tamanho o medo, que lhes pareçia que em os Portugueses pondo o pè em terra, auião de desemparar tudo. Com isto resumiose Nuno da Cunha em desembarcar na parte em que o mouro dizia, mandandoo agasalhar mũy bem, & ter a bom recado, pera lhes seruir de guia, & ordenou que fosse ao outro dia, dãdo a diãteira a Pero Vaz da Cunha seu irmão, com seis çentos Portugueses, em que entrauão duzentos espingardeiros, de que era capitão Fernão Coutinho (que depois foi a Portugal por terra & fes em Lisboa a quinta que esta junto a igreija dos Anjos) com quem auião de ir mais trezẽtos mouros de Melinde. Passaraõse pera Pero Vaz da Cunha, Manoel de Albuquerque, que ya na nao com o Gouernador, Diogo de Mello, & Ioão de Mello. Nuno da Cunha, & dom Fernando de Lima, & Diogo Botelho Pereira, com toda a mais gente na retaguarda. E pondo as cousas necessarias em ordẽ, ao outro dia tanto que foi manhã metidos nos bateis, & nos esquifes, & em algũas embarcaçoẽs pequenas dos mouros, foraõ demãdar o lugar da Mesquita, onde o mouro de Melide os guiou: & põdo as proas em terra saltaraõ os nossos nella, sem acharẽ resistencia, & a som de

tambo-

tambores & pifaros, & as bandeiras desenroladas, forão matchando em muito boa ordem pera a cidade, pella parte onde estaua a estancia com artelharia, cuio bombardeiro (que como dissemos era Portugues) despatou algũs tiros, que não fizeraõ nojo algũ nos nossos, & logo largou a estancia cõ todos os mouros que n'ella estauão; & se recolheraõ a cidade onde estaua el Rey: que vẽdo a determinação dos nossos a largou de todo, recolhendose pera o Sertão. Os da dianteira entraraõ nella sem acharem resistẽcia algũa. Nuno da Cunha tanto que se vio na cidade, por que era muito grande, mãdou cortar muita parte d'ella, & fazer logo tranqueiras, valos, & cauas, em q̃ por capitães com soldados, de modo que ficarão em hũa parte d'ella muito seguros. O Gouernador apousentouse nos paços d'el Rey, fortificados, & postas guardas, começaraõ a buscar as casas, & cauar chaõs, aonde se achou muito dinheiro, de que alguns ficaraõ mũy ricos. O Gouernador mandou dõ Rodrigo de Lima, irmão de dom Fernando de Lima, com alguns cem Portugueses que fosse tomar o baluarte da barra, què foi cometido & entrado, & mortos os mais dos mouros a espada, & todos os outros catiuos, ficando alguns dos nossos feridos, em que entrou dõ Rodrigo de Lima de hũa frecha da crua da, de que morreo day a algũs dias, & a artelharia foi tomada. Feito isto por ser ja fim de Dezembro, despedio o Gouernador pera Portugal o nauio de Diogo Botelho Pereira, por quem escreueo a el Rey todas as cousas acontecidas á te então: com quem se embarcataõ alguns homens que acharaõ muito ouro, dinheiro, & ambar, no saco da cidade. Diogo Botelho Pereira chegou a Portugal a saluamento no Iunho seguinte, de quem el Rey soube as nouas da India, & da jornada de Nuno da Cunha. Os de Mombaça estauão fortificados meia legoa da cidade, donde todos os dias vinhaõ correr aos nossos, de dia, & de noite, com quem tinhaõ algũas brigas mũy açezas, por que se vieraõ a desauergonhar tanto, que ẽtrauão pella cidade, & cometião os nossos em suas estancias, taõ continuos, que os trazião desuelados, & quebrantados. E hũa vez lhes sayo dom Fernando de Lima com tanta pressa, que não pode tomar hum capacete, & rematando com os mouros lhe deraõ hũa frecha da na testa, aque elle disse alto, amores de minha molher: & apertando com os mouros os desfugio. O Gouernador estaua afrontado com os continuos rebates dos mouros, & porq̃ não sabia o modo de como estauão fortificados, nẽ quantos eraõ pera mandar dar n'elles, dissimulaua, desejando em estremo de tomar algũa lingoa

...per se não tomar da vereda, pela que
...dendo a Diogo de Mello
...lha com fiança que ele lhe ficou
...ado do socesso passado de Zan-
...ibar) que lhe prometeo que ele
...lhe entraria, & offereceo se pera ir
...com elle Christouão de Mello, &
...dous homens de sua obrigação
...de noite se saião da cidade co
...goias ligeiras, & se forão, lançar
...em terra da parte do Arrayal dos
...sobredos. Ali forão dar com elles
...as que os mouros tinhão, &
...bia de Mello se dirão com hum
...de dez mouros brauos, que ló
...guardauão os seus Arrayais, dos
...de tão grande bordo, ob. Diogo
...de, & lhe poserão tanta pressa co
...as vgilias, & tão prestes, & ra
...gurão, que quasi o não podia sof
...prender, nem com os muitos a aju
...dárão: porque dalli a pouquinhos
...com mea bugia, & elles se forão
...os mouros que estauão pera matar Diogo
...de Mello o bom velho, & lhe cor
...rid bom bocado; tomou que se recol
...lhe não pera ella, pera matarem o que
...ficou, & acabarem nos hegarão ò
...dado, & pondo a roda em Nossa Se-
...nhora da Guadalupe, dando Diogo de
...Mello o traidor do mouro por fal
...amarem, pera que lho matasse pe-
...las costas, & se recolhêo. Vendo se
...não fazia causa alguma. Tornou pe
...dir licença ao Capitão, & partio na bar
...dia do Gouernador lhe deo o ro
...bo que passou, & lhe pedio, o
...hum dos do Gouernador lhe deo
...segundo Diogo de Mello, & a bar
...ca

...çou com palauras muy honradas,
...mas lhe mostrou do estar magoa
...do do pouco que fizera, se lhe of
...fereceo pera ir tomar outra espia,
...de que não ouue necessidade, por
...que os mouros ficarão d'aquelle
...socesso tão escaldados, que nunca
...mais tornarão a inquietar os nos
...sos, & assi ficarão quietos. Mas co
...meçarão a adoecer muitos, por ser
...a terra muy doentia. E em quatro
...ou cinco dias morrerão trezentos &
...tantos Portugueses, em que entrou
...Pero Vaz da Cunha, que o Gouer
...nador sentio muito, por ser fidal
...go de muitas partes & calidades,
...pollo que (além do irmão) o ama
...ua muito, & era bem quisto de to
...dos. Foi este fidalgo casado com
...dona Brites filha de André de Sou
...sa senhor de Miranda, & Alcaide
...mor de Arronches, de quem ouue
...a André da Cunha, & Ieronimo
...da Cunha, & ella por morte de seu
...marido se meteo freira na Madre
...de Deos de Lixboa.

Chegou por Gouernador Nuno da Cu-
nha foi o mais, & quarto. Mas
...dia de ...ale a aquelle so-
...tales e ...pre do Rax Xarafa
...obre os ...alem mar o Gran-
...de Bagdá por de ...a Nuno da Cu-
...nha mandou contra ...lle seu irmão
...Simão da Cunha.

Tanto

TANTO que começaraõ a vẽtar os ponentes, que de ordinario entraõ de quinze de Março por diante, os capitaẽs das naos do reino, Simão da Cunha, dom Francisco Deça, Francisco de Mendoça, que estauão em Mossambique, vẽdo que Nuno da Cunha não era chegado, auendo seu conselho assentaraõ de itẽ pella costa de Melinde adiante ate Mombaca, a ver se auia nouas d'elle, & quãdo naõ, passarem a India. E assi se embarcarão com quatrocentos homens menos, que lhes ali morreraõ de infermidades. E dando à vela foraõ por fim do mes de Março tomar Mombaça, a onde acharaõ o Gouernador, que todos festejaraõ muito, & sorgiraõ da banda de foraa indo com elles Alexos de Sousa, que em Zanzibar se embarcou com os que escaparaõ. O Gouernador estimou muito sua vinda, & os mandou meter pera dentro, & recebeo o irmão, & todos os mais fidalgos com grande alegria, porq̃ os tinha por perdidos, & receou q̃ lhe fosse a Antonio de Saldanha, & Garcia de Sâ, de quem nenhũa pessoa daua nouas. E sentio muito a perdiçaõ da nao de Afonso Vaz Zambujo, & de Bernardim da Sylueira de que já em Mossãbique se sabia. E tomando cõselho com os Pilotos, se poderia ainda passar a inuernar à India, assentaraõ todos que era muito tarde. Pello q̃ ouue por milhor ir esperar a Ormuz a mouçaõ, que era é Setẽbro por lhe naõ acabar de morrer ali toda a gente, por ser a terra muito doẽtia. E fazendose prestes pera se embarcar, chegou o nauio de Bastião Freire, (que como dissemos o Gouernador Lopo Vaz de saõ Payo despedio de Cochim, pera ir por toda aquella costa saber nouas de Nuno da Cunha,) que elle recebeo mũy bẽ, & vio as cartas q̃ lhe leuaua de Lopo Vaz de saõ Payo, por onde soube o estado das cousas da India. E porq̃ o nauio era pequeno, o despedio logo cõ outras pera Lopo Vaz, em q̃ lhe daua cõta de sua jornada, & lhe pedia, lhe tiuesse toda a armada prestes, porq̃ lhe era necessario embarcarse logo. Este nauio chegou a Goa ja em Mayo, & Bastião Freire deu as cartas a Lopo Vaz, q̃ em estremo festejou as nouas de Nuno da Cunha, porq̃ andaua ja entre os mouros hũ alueroço grande, pello auerem por perdido. E logo mandou dar grãde auiamẽto a armada. O Gouernador Nuno da Cunha tanto que despedio Bastião Freire, deu a vela pera Ormuz, & com vento prospero chegou a Mascate onde deixou os doentes, que eraõ muitos, & cõ a nao de Simão da Cunha, em q̃ elle ya, & a de dõ Fernãdo Deça, passou a Ormuz, deixando ali os mais nauios, & em poucos

dias chegou aquella fortaleza, onde foi muy bem recebido de Christouão de Mendoça, Rey, & Guazil, & se apousentou na fortaleza, onde começou a correr cõ as cousas dantre o Rey & Xarrafo, que estauão differẽtes, apaziguãdoas, & mandando tirar deuassas em segredo, porque determinaua de castigar quem tiuesse culpa. E assi o deixaremos agora, por cõtinuarmos com Manoel de Maçedo que deixamos partido do reino que seguindo sua derrota sem achar cõtraste algum, embocou o estreito da Persia, & tomou agoada de Tul, aque commummente chamamos de Teiue, vinte & duas legoas do cabo Rosalgate pera d'entro, onde achou nouas de ser Nuno da Cunha passado pera Ormuz, & abrindo ali seu regimento, achou nelle, que lhe mandaua elRey que fosse prender Rax Xarrafo, & lho leuasse pera o reino: o que fizesse sem alteraçaõ algũa. E receando que se chegasse a Ormuz cõ a nao, lhe quisesse Nuno da Cunha tirar a honra de prender o Guazil (por ser cousa que lhe elRey tanto encomendaua no seu regimento) determinou de ir em segredo, se dar conta disso ao Gouernador. E tomãdo hũa Terrada ligeira embarcouse nella, com algũs de que se confiou: mandando ao capitao q deixou, que se fosse apos elle. E pondose ao caminho com muita pressa, chegou a Ormuz hũa manhã muito cedo; & desembarcãdo sem se dar a conhecer a ninguẽ, da praya despedio hum homem, cõ hũa carta pera o Gouernador, em que lhe requeria da parte d'elRey, que tanto que aquella viffe, mandasse gente a casa do Guazil, porque cõpria assi a seu seruiço, & elle se foi a casa do Xarrafo, & sabendo que estaua com elRey foi la, & entrou com elle. O Guazil em o vendo o conheceo, & o abraçou, & recebeo com grandes gasalhados, porque era muito seu amigo. Manoel de Macedo lhe disse, que elRey de Portugal trataua de o mandar leuar preso pera o reino, & que elle se offerecera pera isso, porque não fiaua o bom tratamento de sua pessoa, se naõ d'elle proprio; & ja que elRey o auia de mandar leuar, folgasse que antes fosse por elle que por outrem. O Xarrafo ficou embaraçado com cousa tão supita, & não imaginada d'elle. O homem que leuou a carta a Nuno da Cunha, lha deu, & estando a lendo chegou Simão da Cunha & lhe disse, que Manoel de Maçedo tinha preso Rax Xarrafo, & que andaua ja reboliço na cidade. Nuno da Cunha ficou sobresaltado, & lhe mandou que fosse muito depressa tomarlhe Xarrafo, & que lho leuasse à fortaleza. Simão da Cunha acompanhado de muitos homens entrou em casa d'elRey, & tomou o Guazil a Manoel de Maçedo, sobre o que tiueraõ algũas

gũas palauras. E o leuou a fortale za, onde foi metido na torre da menagem, & logo lhe eſcreueraõ ſua fazenda, ficando el Rey de Ormuz muito afrõtado d'aquelle negocio acontecer em ſua caſa, & em ſua preſença. Nuno da Cunha eſcandalizado de Manoel de Maçedo cometer negocio tão importante, & arriſcado ſem lhe dar conta, o mandou prender, com cor de dizer, que o fazia pera abrandar el Rey de Ormuz, & quietar a çidade que andaua reuolta, por ſer Xarrafo a ſegunda peſſoa do reino, & muito poderoſo, & aparentado. As nouas d'eſta prizão chegaraõ a Barẽ, onde eſtaua por Guazil Rax Bardadim, cunhado do Xarrafo, a quem diſſeraõ como fora prezo em caſa d'el Rey, auendo que fora em conſentimento diſſo, pellas diferenças que tiueraõ pello que ſe alcuantou com aquelle reino de Barem, que rendia a el Rey de Ormuz, quarenta mil pardaos cada anno. Iſto foi logo ſabido por el Rey, & requereo a Nuno da Cunha que pois elle era vaſſalo d'el Rey de Portugal, & pagaua ſeſenta mil pardaos de pareas, que o tornaſſe a reſtituir a poſſe de Barem, ſe não que ſeria forçado a bater nas pareas os quarẽta mil pardaos que aquelle reino lhe rendia, por que lhe não ficaua donde as poder pagar. Nuno da Cunha pos eſte negocio em conſelho com o capitão de Ormuz, & mais fidalgos da armada, que ficaraõ repartidos em differentes opiniões. Por que hũs dizião que mais importaua ir fazer fortaleza em Dyo, como el Rey mandaua, que todas as outras couſas da India, o que ſe podia fazer entaõ mais facilmente por quão deſtroçado ficara o reino de Cambaya com o desbarate, & perda da ſua armada (de que ja ali auia nouas,) & que indo ou mandando a Barem, pella ventura ſocederião as couſas de feiçaõ, que lhes ſeria forçado deterſe, & não poder partir tão çedo pera a India, aque era neceſſario acodirſe, & que as couſas de Barem, ſe poderião fazer depois mais de vagar. Outros foraõ de parecer que ſe não diſſimulaſſe por então com aquelle negocio, pella obrigaçaõ que el Rey de Portugal tinha de ſuſtentar aquelle Rey em ſeu reino, como ſeu vaſſalo que era. E que o negocio de Barem muito melhor ſe faria eſtãdo elle n'aquella fortaleza, em que os mouros tinhaõ os olhos, & eſtauão tão atemorizados, que não auião de bolir comſigo, com o receio do caſtigo. & que ſe entendia d'aquelle Guazil que ſe viſſe la armada, logo auia d'entregar aquella fortaleza, & reino: o que depois não faria, antes cobraria animo, com ver que eſtando elle n'aquella ilha, lhe diſſimulaua ſuas couſas, & que o negocio de Dyo a todo tempo ſe faria, que o bom era ſeguralem, quarenta mil pardaos

de

de renda que elRey de Portugal ti
nhá n'aquelle reino, por que naõ
se podia deixar de descontar àquel
le Rey, aquelles quarenta mil par-
daos que Barem lhe rendia em
quanto estiuesse aleuantado. Com
este pareçer se foi Nuno da Cu-
nha, que logo despedio seu irmão
Simão da Cunha, em hum nauio
de hum Iorge Gomez mercador,
& dom Fradrisco Deça no Galeaõ
de Manoel de Macedo, & dom Fer
nando Deça, no seu, & Manoel
d'Albuquerque em outro que ali
estaua, & Lopo de Mesquita no
Camorim pequeno, & Aleixos de
Souſa em hũa nauecta, & Tristão de
Tride, que com elle vinha do rei-
no em hũa Fusta. E nestas embar-
cações yão quasi quinhentos ho-
mẽs, os mais d'elles fidalgos, & cria
dos d'el Rey. Leuaua Simão da Cu
nha per regimento, que recolhesse
a si Belchior de Souſa, que andaua
com seis nauios de remo por capi-
taõ mor, d'outro no estreito, dan-
do guarda as Terradas que vinhaõ
de Bassora pera Ormuz. Era este
Bechior de Souſa Tauares Alcaide
mos q̃ foi de Portalegre, & Assu
mar aquem elRey tirou aquellas
Alcaidarias, por hum agrauo que
d'elle teue, & lhe deu a renda do
peixe de Aueiro, que então ren-
dia pouco, & oje importa muito,
que anda em seus netos. E dando
esta frota a vela entrada de Setem-
bro, achando os ventos contra-
rios, andaraõ as voltas algũs dias,
com muito trabalho, a te lhes en-
trar tempo com que chegaraõ a
Barem, saluo o Galeaõ de dom Frã
cisco Deça, que por ser roim de ve
la, naõ pode passar. Surtos em Ba-
rem, acharaõ ali ja Belchior de
Souſa Tauares com a sua armada,
que tanto que soubẽ do aleuanta-
mento d'aquelle Guazil, dando de
mão a todos os negocios partio de
dentro do rio Eufrates, onde se a-
junta com o Tygres (que foraõ os
primeiros nauios nossos que ali
chegáraõ) onde estaua esperando
hũa cafila que auia de vir de Baga-
dá, que nos chamamos Babilonia,
por aquelle rio abaixo. & foise de i
tar sobre aquelle porto, defendẽ
dolhe os mantimentos, & fazendo
lhe toda a guerra que pode: que
deu relaçaõ a Simão da Cunha
(que leuaua poderes do Gouerna
dor) do estado em que as couſas
d'aquella terra estauaõ. E foi de
parecer que logo se desembarcas-
se, & se cometesse a fortaleza, por
que a terra era muito doentia, &
em poucos dias lhe auia de adoe-
cer toda a gente, o que Simão
da Cunha deteminou de fa-
zer logo, começando a pôr
em ordem as couſas
necessarias pe-
ra isso.

CAPITVLO VIIII.

De como os nossos desembarcarão em Barem, & dos partidos que o Gouernador mandou conuerter, & de como lhe derão a fortaleza, & das pazes, & sas febres que em todos os Portugueses deraõ, & se embarcarão. E de como faleceo Simão da Cunha de sangue.

SAHIDA a nossa armada defronte de Barem, Rax Bardadim, posto que estaua na fortaleza, com muita gente de guarniçaõ, artelharia, munições, & mantimentos, & quasi que estaua arrependido do que tinha feito, porque qualquer mal que fosse delle aos Portugueses o auia de pagar Rax Xarafo seu cunhado, pelo que mandou logo alleuantar sobre hum baluarte huã grande bandeira branca em sinal de paz, que vista por Simão da Cunha, mandou a terra huã lingoa a saber de Rax Bardadim o que queria dille lhe mandou dizer, que não se leuantara se não pella prizaõ de seu cunhado, de que el Rey de Ormuz fora em consentimento, pois o deixara prender estando em sua casa, mas ja que o Gouernador dorme na sua nao em coniunctura de negocio, & el Rey de Portugal o mãdara fazer, que elle como seruidor, & vassalo leal, queria estar a obediencia do Gouernador da India que estaua em seu lugar, & por tudo o que elle capitaõ mor ordenasse. Que se queria aquella fortaleza elle lha largaria liuremente, & seiria com sua molher & familia pera outra parte, deixando aquella ilha liure & desembargada a el Rey de Ormuz. Simão da Cunha vendo a iustificaçaõ de Rax Bardadim, quisera logo concluir com aquelle negocio, & acabar a fortaleza, pois lha dauaõ feita custo, nẽ trabalho. Mas os capitaes & fidalgos da armada lhe contrariaraõ sua tençaõ dizendo que naõ era bem ficar aquelle mouro sem castigo de suas culpas, & que ao menos lhe ácabassem a fortaleza, ou se saissem a ella, cõ suas pessoas, deixando suas fazendas nella, que isso foi o porq̃ lhes pareceo a final. Porque a cobiça do saco daquella fortaleza, (que cuidauaõ que era muito grosso) lhes naõ deixaua entender em outro que se lhe offerecia na entrega della, se não lhe custar golpe de espada, nem experimentarem as febres pegoadas daquella terra, que em breues dias fez tal estrago nelles, que esse paraõ pouquos, (que estes foraõ os finitos que deixaraõ de sua cobiça) Mas assim acabrutado ouuera Simão da Cunha de engeitar os partidos sobre elles não differaõ, porq̃ bem o sabia, que da medo o fazia:

E dan-

E dandolhe a desconfiança (cousa muito alhea de capitão valeroso, & prudente, porque este he o imigo mais forte & poderoso q todos os cõ que pelejão, de cujas maõs cada dia se vem sair desbaratados, & perdidos.) Entendendo mũy bem que ya contra sua obrigaçaõ, em se deixar entrar d'aquellas desconfianças, mandou dizer a Rax Bardadim, aquillo que aquelles capitaes votaraõ: & dandolhe a lingoa o recado, como elle era homẽ valeroso, & que não mandara cometer aquelles partidos por medo, se não por segurar a vida de seu cunhado Rax Xarrafo, mandou logo aruorar junto da bandeira branca, outra vermelha (que era final de guerra,) & disse a lingoa, que aquella era a reposta que lhe daua, & que escolhesse o capitão mor d'aquellas duas bandeiras qual quisesse. Dada a reposta a Simão da Cunha, vendo a resoluçaõ de Bardadim, por lhe requererem todos os capitaes que aceitasse guerra, & não estiuesse em mais comprimentos, começou a desembarcar a gente em terra, sem auer resistencia. E pondose em lugar de bataria, mandou fabricar suas trincheiras, & valos, & fazer suas cauas a roda, & pos algũas peças d'artelharia nos lugares donde auia de bater a fortaleza prouendo as estancias dos capitaes & soldados, & começou a por as maõs a obra, & dar bataria todos os dias. Rax Bardadim naõ bulio consigo a te os primeiros tiros. E vendo que o batião, naõ dou tirar a bandeira branca, & deixar a vermelha, por mostrar aos nossos que lhe daua pouco da guerra, & porem não tratou mais que de se defender, & repairar por que qualquer roina que se fazia no muro, era logo tapada & concertada taõ depressa, que quasi se naõ enxergaua. Os nossos continuaraõ a bataria, & como leuauão pouca poluora, foiselhe acabando, do que Simão da Cunha andaua bem descontente, & agastado, pello pouco que tinha feito, & em não aceitar a fortaleza como lha dauaõ. E logo despedio hum nauio ligeiro cõ cartas a Nuno da Cunha, em que lhe daua conta do que era socedido, pedindolhe poluora, & monições. Este nauio foi é poucos dias por lhe seruir o tempo, & dando as cartas ao Gouernador Nuno da Cunha, que vendo as cousas como correraõ, ficou muito apaixonado dos capitaes, que foraõ causa d'aquella desordem: & logo tornou a despidir o nauio cõ tudo o que lhe pediraõ, escreuendo a Simão da Cunha o erro que tinha feito. E pello vento ser contrario foi muito deuagar. Os nossos estauão esperando por elle sem fazerem cousa algũa, por não terem monições, o que foi entendido dos mouros da fortaleza, que de cima dos muros todas as noites dauão aos nossos grandes matracas, zombando &

do & esfarnecendo, dizendolhes, que pois os não quiseraõ deixar ir a elles da fortaleza, que auião ali todos de ficar. E assi foi, porque deraõ logo as febres nelles (por ser chegada a mouçaõ dellas) do q começaraõ a morrer muitos. Rax Bardadim mandou dizer a Simão da Cunha, que pella obrigaçaõ q tinha aos Portugueses, lhe aconselhaua, que se fosse logo daquella terra, porque era chegada a monsaõ das febres, de que todos auião de adoecer, & morrer. E que podia ser, que quando o quisesse fazer, naõ podesse. Este conselho q era mais de amigo, que de inimigo, naõ quis Simão da Cunha aceitar por então, & ainda com verem a doecer tantos, dizião os capitães (que fizeraõ fazer aquelle desatino a Simão da Cunha,) que aquelle recado era de homem que estaua com medo, & que desejaua de os ver fora da ilha; mas como o mouro falaua verdade, & os aconselhaua bem, viraõ logo que naõ era medo: porque carregaraõ as febres de feição, que quando chegou o mayo de Ormuz, eraõ ja mortos muitos, & todos os mais estauão enfermos sem se poderem aleuantar. Do que Simão da Cunha andaua enfadadissimo, & receaua que sabendo Rax Bardadim, saisse a dar nelles: mas elle como entendia que as febres os auiaõ de consumir, deixousse estar, sem lhe querer fazer outro dano. Simão da Cunha mandou fazer outra estancia perto do mar, para onde mandou passar os enfermos, porque os ares delle eraõ mais sadios, & foi continuando com a bataria taõ fortemente, que lhe derribou hum lanço do muro todo, pos onde quisera cometer a fortaleza, mas não achou mais que trinta & cinco homẽs saõs, de que ficou tão anojado & triste, que pondo os olhos no ceo, leuantando as maõs disse. Senhor quão pouco vos custara dardes me cem homẽs saõs, (porque sem duuida se os tiuera entrara aquella fortaleza.) & vendo quão mal lhe tinha socedido tudo, naõ quis acabar de se perder, & leuou mão daquelle negocio, mandando embarcar os doentes, & artelharia, o que fez cõ muito trabalho, por não auer saõs mais que trinta & cinco homens, (como dissemos) que a força de braço, & com lhe arrebentare as maõs em sangue, a embarcaraõ primeiro, & depois os doentes, porque eraõ muitos, & por não poder ser menos lhe atauão cordas nos pés, com que os leuauão a rastos até a borda da agoa, aonde os marinheiros os recolhião nos bateis. Foi este hum dos mais piadosos espectaculos que se nunca viraõ, porque os gemidos, gritos, sospiros, & magoas que dizião os tristes dos enfermos, vendose leuar a rasto, fazião arrebentar em pezar, & lagrimas, a todos os que os vião. Neste

trabalho

trabalho ajudaraõ aos noſſos hũs poucos de mouros do Xeque de Angão, que ſempre acompanhou Simaõ da Cunha, que depois de embarcado tudo, o fez elle por derradeiro, com tanta dor & magoa daquella deſauentura, que parecia, que queria morrer de paixão. Chegando a bordo da nao, foi o meſtre d'ella a lhe dar a mão, & elle lhe diſſe: meſtre hũa couſa vos aconſelho, que quando ouuerdes de fazer algũa de voſſa honra, naõ tomeis o parecer de ninguem, ſe não o voſſo. E dando a vela toda a armada foi ſeguindo ſua jornada, lançádo todos os dias ao mar, qqinze, ou dezoito homens que morrião de febres. Simão da Cunha com ſua paixaõ, & nojo, ſe meteo na camara, ſem querer falar có peſſoa algũa, auorreçido da vida, dando laſtimoſos ays, & ſoſpiros, & aſsi ſe foi conſumindo de triſteza de feiçaõ, que aos noue dias morreo, (ſem ter febre, nem outra infermidade algũa) com grande dor, & ſentimento de todos: & aſsi morreraõ no ſeu nauio ſetenta homens, ficando ſó dous ou tres ſaõs. E chegou o negocio a eſtado, que não podião marear as velas, & andaua o Galeaõ a vontade dos ventos: & ſem duuida ſe perderaõ, ſe Deos noſſo Senhor não trouxera Fernão D'aluarez Sarnache (que ali andaua em hũa Terrada,) que auendo viſta da nao a foi demandar, & vendoa taõ deſtroçada ſe meteo d'entro nella cõ os ſeus marinheiros, & a foi mareando ate Ormuz, a onde ſurgio. Nuno da Cunha ſoube do deſaſtrado fim d'aquella jornada, & morte do irmão, couſa que muito o cortou, & recolhendoſe muito anojado & triſte, mãdou deſembarcar ſeu corpo que ya na nao, pera lhe darem ſepultura: & foi acõpanhado d'elRey com do, conforme a ſeu coſtume, & aſsi de todo o mais pouo d'aquella fortaleza: & juntamente foi leuado com elle em outra tumba o corpo de Frãçiſco Gomez filho do Biſpo do Fũchal, que era faleçido do dia dantes. Os mais nauios da armada foraõ depois chegando huns diante dos outros taõ deſtroçados, que quaſi não tinhaõ quem os gouernaſſe. E os que eſcaparaõ por entaõ das febres que não morreraõ logo, duraraõ depois pouco: por que as febres de Barem, onde chegaõ tarde ou çedo mataõ, & muito poucos eſcapaõ: & juntamente com ellas ſe ſoſpeitou, que foraõ os noſſos ajudados mais depreſſa com peçonha que lhe lãçaraõ nas agoas. E por aqui ſe verá quantos erros naçem de hum ſó, principalmente dos da guerra, que nunca tem emenda: por que não ſó foçe deo deſte tantas mortes & deſauẽturas, mas ainda fez perder a Nuno da Cunha a mouçaõ de Agoſto, em que lhe releuaua paſſar a India. E por ſer entrada de Outubro,

bro, deu expediente as couſas d'aquelle reino, mandando entregar o Guazil a Manoel de Maçedo, pera o leuar prezo pera o Reino que ſe embarcou com muitos criados, muita fazenda, grande & rico ſeruiço de ſua caſa: eſcreuendo o Gouernador a elRey por Manoel de Maçedo o ſoçeſſo de ſua jornada ate entaõ: & mandandolhe as deuaças que tirou de Rax Xarrafo. O cargo de Guazil deu a Xeque Raxete, que o fora de Calaiate, & Maſcate, pellos mereçimentos de ſua peſſoa, & grandes ſeruiços que tinha feito a elRey de Portugal, nos aleuantamentos de Ormuz cõtra os noſſos, em tempo do Gouernador Diogo Lopez de Siqueira, defendendo todos os Portugueſes que eſtauaõ em Maſcate, que el Rey de Ormuz mandaua matar, dando com elles batalha a Rax Delamixa, irmão de Rax Xarrafo (que aquelle negocio foi) onde o matou & desbaratou os mouros de Ormuz, ſendo de ſua propia ley & naçaõ, por guardar lealdade, & fidelidade aos Portugueſes que eſtauaõ debaixo de ſua protecçaõ: feito çerto notauel, & dino de ſer engrandeçido & louuado em toda a eſcritura, mas mal ſatisfeito depois a ſeus filhos, como em ſeu lugar diremos. Nuno da Cunha paſſou a Xeque Raxete carta do cargo de Guazil de Ormuz em nome d'elRey de Portugal. E porque em hũa deuaça que mãdou tirar ſobre a morte de Rax Hamede (de q̃ atras demos cõta) achou culpado elRey de Ormuz, o cõdenou é quarẽta mil pardaos mais de pareas, cõ que ficaraõ cẽ mil cõ os ſeſenta q̃ dãtes era obrigado a pagar & deixou prouiſaõ ao capitaõ da fortaleza Chriſtouão de Mẽdoça, feita é vinte & ſete de Agoſto, d'eſte anno de vinte & noue, em q̃ lhe mãdaua, q̃ no rẽdimẽto daquella alfandega, ſe entregaſſe de toda a cõtia acima declarada. Eſta he a rezão d'eſtas pareas, & não aquela Fernão Lopez de Caſtanheda, no ſeu ſetimo liuro, onde diz, q̃ Nuno da Cunha lhe acreçentou mais a elRey de Ormuz, quarenta mil pardaos de pareas por lhe tornar a ſua obediencia a ilha de Barem, o que elle não fez: & nos temos em noſſo poder na torre do Tombo, o treſlado d'eſta prouiſaõ, & contratos. E por que Belchior de Souſa capitaõ mor do eſtreito, tinha ſeruido mũy bẽ, & o Gouernador pellas partes que tinha ſe lhe affeiçoou, lhe deixou hũa prouiſaõ em ſegredo, em que mandaua, que faleçendo o capitão de Ormuz, lhe ſoçedeſſe elle n'aquella fortaleza: & deſpedindoſe d'elRey & capitão, ſe embarcou, indo em ſua cõpanhia os Galeoẽs de dõ Fernãdo de Lima, & de dõ Franciſco Deça, & de Frãciſco de Mẽdoça, & o nauio de Iorge Gomez. E paſſãdo por Maſcate, tomou & leuou cõſigo os mais nauios que ali inuernaraõ.

E dos doentes que ali ficaraõ falecerão muitos, & com toda a armada junta foi na volta da India. Leuaua cõsigo o corpo de seu irmão Simaõ da Cunha, pera o enterrar em Goa, onde lhe fez hũa capella de ouro na Sé. Foi este fidalgo trinchante d'elRey dom Ioaõ, & comendador de saõ Payo, & de Torres vedras: foi casado com dona Isabel de Meneses filha de Ruy Gomez da Grã, Gouernador da casa da excellente senhora a Raynha dona Ioana, de quem ouue estes filhos: Tristaõ da Cunha da Grã, & Ruy Gomez da Cunha, & dona Antonia de Meneses, que casou cõ Diogo Lopez de Sousa Gouernador de Lixboa.

CAPITVLO V.

Do que dom Iorge de Meneses capitaõ de Maluco passou, com Fernão de la Torre, & da vitoria que dom Iorge de Crasto ouue de hũa armada de Geilolo.

PRIMEIRO q entremos nas cousas deste veraõ, será rezão que demos conta, das q soçederaõ em Maluco este passado, por que daqui por diante seguiremos esta ordem, que será no tempo do inuerno darmos rezão d'ellas, pellas não misturarmos com as outras, nem as cõtar por pedaços. Deixamos as cousas de Maluco, em os nossos Portugueses, & os Castelhanos ficarem em guerra declarada, & assi todo este tempo a te gora passaraõ fazendo algũas vezes tregoas, que se concediaõ de parte a parte, cada vez que se pediaõ, porq não fazia mais o que queria paz, que aleuantar hũa bandeira branca, & logo conuersauaõ, comunicauaõ, & se visitauaõ, & como se enfadauaõ, tirauaõ a bandeira, & tornauaõse a recolher. Mas de todas as vezes que se comunicauaõ, sendo Fernaõ de la Torre hospede de dõ Iorge, & dom Iorge seu, nunca elle lhe quis dar os Portugueses, que tinha é seu poder, pedindolhos elle muitas vezes. Estãdo as cousas neste estado, hũa noite quasi no fim do quarto da prima, foraõ ter á nossa fortaleza dous Castelhanos, q foraõ tomados pellas vigias, em tempo que estauaõ de tregoas quebradas, & foraõ leuados á dom Iorge, que os mandou prẽder, pellos auer por de mao titulo, por não leuarẽ carta, né recado do seu capitaõ. Sabido este negocio por Fernão de la Torre, mãdou hũa embaixada a dõ Iorge, cõ tamanho aparato, cõmo se fora de hum grande Principe, no que se vio que era homem muito vaõ: por que o Embaixador ya ricamẽte vestido, & acõpanhado de muitos, & diãte delle, porteiros, farautes, & hũ Rey D'armas desbarretado & assẽtados lhe deu

sua embaixada, cuja substãçia era: espantarse muito de lhe prender os seus homens sendo taõ costumado entre elles & os Portugueses irem folgar huns com outros, que lhe pedia por merec lhos mandasse soltar, porque elle taõbem o saberia seruir. Dom Iorge ouuio a embaixada muito graue, & disse que logo lhe responderia, & o mãdou agasalhar, fazendolhe muitas honras, & o entreteue dez, ou doze dias, sem lhe responder, mandandolhe todos os mimos & iguarias. E hum dia lhe mandou hum pastel, em que yão hum cão pequeno, & hum gato, viuos: & o recado era, que pois aquelles dous animaes sendo taõ contrarios de sua natureza, cabião em hum taõ pequeno lugar taõ paçificos, porque o naõ estauão assi os Castelhanos com os Portugueses, auendo pera isso tanta rezão: assi por serẽ Christaõs, & estarem entre infieis, como por serem vassalos de dous Principes taõ liados em parentesco, & amizade? O Embaixador abrindo o pastel vendo o cão & gato, lhe mandou perguntar, por qual daquelles dous animaes entendia os Castelhanos? Dõ Iorge lhe mãdou dizer que pello gato, que a tẽ gora arranhara, mas que o cão auia de morder dali em diante. O Embaixador dissimulou, & apertou pella reposta, que lhe dõ Iorge deu, desenganandoo, que lhe naõ auia de dar os Castelhanos, se não depois que lhe desse os Portugueses. Despedido o Embaixador, ficou Fernão de la Torre mũy afrontado do desprezo com que dom Iorge tratara a sua embaixada. Pouco depois disto chegou dom Iorge de Crasto, que vinha de Malaca, com soccorro de gente, roupas, & monições, que ya em hum Junco, & em sua companhia Iorge de Brito, por capitão de hũa Fusta. Foi este soccorro muito festejado, & temido dos Castelhanos, que ja não ouzauão de falar. E porque soube dom Iorge de Menses, que na costa de Moro, andaua hũa armada d'aquelle Rey de Geilolo, fazendo guerra nas terras & portos d'el Rey de Ternate nosso amigo: mandou negoçiar as Corocoras que pedio a Cachil Daroes, & na Fusta que veio da India, em que mandou dom Iorge de Crasto, cõ cincoẽta homẽs & a gẽte d'el Rey: & encõtrandose a nossa armada cõ a do imigo a inuistio, trauãdose hũa muito aspera batalha, de parte a parte, em que dom Iorge mostrou bẽ seu esforço, & conselho, & por fim do negoçio, ficaraõ os imigos destroçados, & desbaratados, com morte de muitos, & perda de algũas Corocoras que lhes tomaraõ, & as que escaparaõ foraõ bem destroçadas. Cõ esta vitoria (que quebrantou bẽ aquelle Rey) se recolheo dõ Iorge pera Ternate, onde foi mũy bẽ recebido. Gõçalo Gomez d'Azeuedo, & Lionel de

Lima trataraõ de ſe ir pera Malaca, querendo leuar conſigo alguns homens, a que dom Iorge de Meneſes acodio, & os tomou com muito trabalho, & com lhes dar do ſeu dinheiro pera os contentar, & elles ſe foraõ com alguns criados ſeus. E por que receaua o capitaõ dom Iorge que os Caſtelhanos tiueſſem cedo ſoccorro da noua Eſpanha, & os prouimentos q̃ lhes vieraõ que ſe foſſem gaſtãdo: deſpedio dom Iorge de Craſto no Iueo pera ir a Banda, eſperar quaes quer naũios de Portugueſes que ay foſſem ter, ou d'elRey, ou de partes & lhes tomaſſe os prouimentos q̃ lhes achaſſe, comprados, ou a partido, & que a todos os Portugueſes que ali achaſſe, requereſſe da parte d'elRey que foſſem ſoccorrer aquella fortaleza, & lhes tomaſſe os nomes a todos, & que naõ querendo vir, os mandaſſe ao capitaõ de Malaca, & ao Gouernador, pera os caſtigar. Dom Iorge deu a vela pera aquella ilha, & de ſua jornada adiãte daremos rezão.

CAPITVLO VI.

Da armada que eſte anno de vinte & noue partio do reino, & de como Lopo Vaz de ſaõ Payo ſe embarcou pera Cochim, & Nuno da Cunha chegou a Goa, & partio logo pera Cochim: & de como prẽdeo Lopo Vaz de ſaõ Payo em ferros.

COM as nouas q̃ Lopo Vaz teue do Gouernador Nuno da Cunha, mandou dar muita preſſa a toda a armada, pera a achar no mar quando vieſſe, como lho pedia na ſua carta, mandando recolher muitos mantimentos, & fazer muita poluora, & todos os mais petrechos de guerra: & tudo tanto a ponto, que quando foi por fim de Agoſto, eſtaua no mar a mais poderoſa armada que Rey Chriſtaõ tinha, como adiante diremos. E deu expediente a muitas couſas, & fez deſpachar pera fora pera os reinos do Decan, & Canara, dous mil cauallos, dos que eſtauaõ em Goa, de que vieraõ a elRey oitenta mil pagodes, porque pagaua cada hum quarenta de direitos, que traziaõ mouros & outros mercadores dos portos da Arabia, & da Perſia: a entrada de Goa ſaõ francos & libertos, mas ao ſair pera fora pagaõ aquelles direitos. He eſta couſa de cauallos de tanta liberdade, que a nao que trouxer de dez, ou doze pera çima, não paga direitos de todas as mais fazendas que tras, por muitas & por muy groſſas que ſejaõ. Eſte coſtume & liberdade ficou do tẽpo dos mouros. E tendo Lopo Vaz de ſaõ Payo tudo muito preſtes, chegaraõ a barra de Goa, dia de ſaõ

Bertho-

Bertholameu pella menhã, quatro naos, de que era capitaõ mor Diogo da Sylueira, que vinha prouido da fortaleza de Ormuz. Os mais capitaẽs erão Ruy Gomez da Grã, Ruy Mendez de Miſquita, Anrique Moniz Barreto, que faleçeo no mar; & trazia comſigo dous filhos mininos, Ayres Moniz, & Antonio Moniz Barreto, que depois foi Gouernador da India. Teue eſta armada tão boa viagem, que de quinhentos homens que trazia, ſó Anrique Moniz faleçeo, & todos os mais vinhaõ taõ ſaõs, & bem deſpoſtos, que pareçia, que auia quinze dias que partiraõ do reino. Lopo Vaz de ſaõ Payo recebeo mũy bem Diogo da Sylueira. Pouco depois diſto chegou hum Embaixador de Melique Saca, ſenhor que foi de Dyo (de que em principio d'eſta Década demos rezão, capitulo ſete liuro primeiro, que tinha fugido pera Iaquete,) que vinha muito bem acompanhado; o Gouernador o reçebeo mũy bem, & lhe ouuio ſua embaixada, cujo theor era, que ſe quiſeſſe ir tomar Dyo, que elle ſe offereçia ao acompanhar por mar, & ſeu cunhado por terra com quinze mil de cauallo. Lopo Vaz de ſaõ Payo lhe diſſe, que eſperaua por Gouernador nouo, & que em ſeu nome açeitaua a offerta, mandandolhe dar caſa, & todas as couſas neceſſarias, tendo guardado aquelle aluitre pera Nuno da Cunha, & porque por horas eſperaua por elle, não ſe quis meter em couſa algũa. E todauia vendo que tardaua, deſpedio as naos pera Cochim, pera tomarem a carga: & eſperou a te a entrada de Nouembro: & vendo que não vinha foilhe neçeſſario embarcarſe pera Cochim, aſsi pera dar auiamento à carga, como pera ſe negoçear pera ſe embarcar pera o reino. E aſsi entregou toda a armada, com o Embaixador do Melique Saca ao capitaõ da cidade, a quem deixou cartas pera Nuno da Cunha, em que lhe daua conta de ſuas couſas, & lhe deixou hum rol da armada, mãtimẽtos, moniçoẽs, & artelharia, que na India lhe ficaua, de que tirou çertidoẽs dos officiaes, & aſsi ſe embarcou em hum ſó Galeão, deixando toda a armada negoçeada de verga d'alto: deixandoſe retratado na caſa em que eſtauão os mais Gouernadores, em paineis do ſeu tamanho: onde cõ mais rezão ſe podera por o retrato de Pero Maſcarenhas, q̃ foi o verdadeiro Gouernador da India, como todos: mas deſcuidos Portugueſes lhe roubaraõ eſta hõra: poſto que muito bem ſe pode dizer, o que diſſe Cataõ, quando vio tantas eſtatuas no ſenado, não eſtando elle antre ellas: (que mais queria que perguntaſſem, por que não tinha ali Cataõ eſtatua, que não, porque puzeraõ ali eſtatua a Cataõ?) Auẽdo poucos dias que

era partido, chegou à barra de Goa, o Gouernador Nuno da Cunha, que logo desembarcou, fazendolhe a çidade hum muito grãde reçebimento. E começou de dar auiamento a muitas cousas depressa, porque lhe era necessario chegar a Cochim. E como achou a armada no mar a ponto, despedio logo Antonio da Sylucira, com çincoenta & três Fustas, de cujos capitães naõ achamos os nomes; em que yão noue çentos soldados: mãdandolhe que fosse pellas costas do Reino de Cambaya, & que fizesse toda a guerra que podesse. Dom sua companhia despedio hũa Galé, em que mandou embarcar o Embaixador de Melique Saeá, a quem fez muitas honras, & deu muitas peças, assi pera elle, como pera Melique Saca aquem escreueo, & pedio que se viesse ver com elle a Goa naquella Galé, pera tratarem sobre os negocios de Dyo. Esta Galè foi em poucos dias a Iaquete, & desembarcando o capitão d'ella com o Embaixador, viose com o Melique, & lhe deu a carta do Gouernador, & recado q̃ leuaua taõbem de palaura, dizendolhe q̃ leuaua aquella Galé muito bem nçgoçiada, pera elle se yr ver com o Gouernador. Respondeolhe o Melique, que se fosse elle embora, porque não queria que lhe fizessem como a elRey Xarrafo (porque ja sabia que o leuauão preso pera o reino.) O Gouernador despedio mais Eitor da Sylucira com quatro Galeotes, duas Carauelas, & quatro Fustas pera ir ao estreito do mar roxo, & nisto gastou oito dias, & no cabo d'elles se embarcou, leuando comsigo os nauios que lhe pareceraõ necessarios; & na costa do Malauar deixou Diogo da Sylueira por capitão mor com duas Galeotas, hũa Carauela, & seis Fustas, & de todos os capitaes d'estas tres armadas não achamos os nomes, buscandoos nos nos liuros dos prouimẽtos d'ellas, que saõ todos estragados de andarem aos tombos pellas casas dos Escriuaes da fazenda. O Gouernador Nuno da Cunha chegando a Cananor, sorgio naquella barra, onde foi logo visitado de dõ Ioaõ Deça, capitaõ d'aquella fortaleza, & da parte de Lopo Vaz de saõ Payo, que ainda ali estaua: mandandolhe pedir desembarcasse em terra, & que lá lhe entregaria a India. Nuno da Cunha se lhe mandou desculpar, que a pressa que leuaua lhe naõ daua vagar, que lhe pedia muito se visse com elle no mar, porque tinha que falar com elle cousas do seruiço d'elRey. Lopo Vaz se embarcou logo em hum nauio de remo com Simaõ de Mello, Gaspar de Mello, & outros fidalgos seus parentes, & amigos, & foise ao Galeaõ onde Nuno da Cunha o reçebeo bem, & ali presentes todos lhe entregou a India, de que tirou sua çertidaõ. E depois

pois de lhe dar rezão dos negocios todos, ſe deſpedio d'elle & ſe foi embarcar: & eſtando ja a bordo chegou Simão Ferreira, que o Gouernador trazia pera Secretario do eſtado, & lhe notificou da parte do Gouernador, que ſe embarcaſſe logo pera Cochim em ſua cõſerua. Lopo Vaz ficou tomado do recado, por lhe não dar vagar a ſair do ſeu Galeaõ, & lhe mandou dizer que o faria: & dali ſe foi meter no ſeu Galeão ſem querer ir a terra. O Gouernador mandou logo lançar pregoẽs na fortaleza com trõbetas, que toda a peſſoa que quiſeſſe acuſar, ou demandar Lopo Vaz de ſaõ Payo por algũa couſa, foſſe a Cochim, que la ſe lhe faria juſtiça. Iſto ſentio tãto Lopo Vaz, que ſe lhe mandou queixar & dizer, que aquillo náõ eraõ pregoẽs, ſe não diffamaçoẽs, que quem tiueſſe d'elle queixas, naõ tinha neceſsidade de o eſpertarem cõ trombetas pera requerer ſua juſtiça. Fazẽdoſe a vela chegaraõ a Cochim, onde Nuno da Cunha mãdou pello Ouuidor geral tomar a menagẽ a Lopo Vaz, & eſcreuer toda ſua fazenda, aualiala, & depoſitala em maõs de peſſoas abonadas pera a leuarem pera o reino: o que tudo ſofreo Lopo Vaz com muita diſcriçaõ & animo: & diſſe ao Ouuidor Geral quando o prendeo. Dizei ao Gouernador que eu prendi, elle me prende, la virá quem o prẽda a elle, & aſsi ouuerá de ſer ſe não faleçera no mar indo pera o reino, porque nas ilhas o eſperaõ com grilhoẽs, como em ſeu lugar diremos. Feito iſto, mãdoulhe Nuno da Cunha notificar, que ſe embarcaſſe na nao Caſtello, que auia de ſer a derradeira de carga: mandandolhe elle pedir que foſſe antes na nao ſaõ Roque, que partia primeiro, o que lhe elle naõ quis conçeder: & aſsi ſe embarcou muito infamemente & com poucos gaſalhados, não deixãdo embarcar com elle mais que dous criados pera o ſeruirem, & dandolhe de ſua fazenda aquillo, que moderadamente lhe podia baſtar, & a dez de Ianeiro ſe fez a vela, ſendo a ſua nao a derradeira. Nas ilhas Terçeiras achou hum nauio cõ hũ Corregedor que lhe lançou hũs bẽ grandes grilhoẽs nos pés, & o leuou ao reino, & foi deſembarcado em çima de hũa azemala, & leuado a vergonha pello terreiro do paço a te o Caſtello, onde foi prezo em companhia de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz que Manoel de Maçedo leuou. Ali eſteue dous annos muito auexado, & mal tratado. E porque os merecimentos, ſangue & culpas que poſeraõ a eſte fidalgo, ſe vem na fala que elle fez a el Rey, nos pareceo bem pola aqui, porque he ſuſtancial, & hũ ſumario das couſas de ſeu tempo. E porque he muito grande, & relata os ſeruiços que na Indıa fez, em quãto foi Gouernador, muito

particu-

particularmẽte os deixaremos, por que ficão contados nesta Decada: somẽte diremos todas as mais cousas. E posto que este capitulo seia muito grãde, naõ pode ser menos, nẽ o podemos escusar por ser notauel: porque não sabemos se ha oje esta fala mais que em nosso poder, pello estrago que o tempo tem feito em todas as antiguidades. Mas pera aliuio dos leitores o faremos por itens, como pousos em que se descanse.

CAPITVLO VII.

Que contem a fala que Lopo Vaz de saõ Payo fez a elRey dom Ioaõ em rolaçaõ.

DEPOIS de Lopo Vaz estar prezo no Castello dous annos, & o Procurador d'el Rey vir com libello contra elle, & elle com sua defeza que lhe naõ reçeberaõ; mandando elRey que se proçedesse cõtra elle reguroſamente, & que lhe tirassem suas deuaças, alcãçou por via do Duque de Bargança, que o pedio de merçe a elRey, que o ouuisse em rolaçaõ: aonde se apresentou como reo, estando elRey em mesa, cõ todos os Desembargadores; & posto em pè lhe fez esta fala.

Muito alto, & muito poderoso senhor, por certo, que eu ei esta por hũa das mores afrontas que tenho passadas, auer de defender cõ a lingoa, o que tenho ganhado pella lança com tanto trabalho: & porque a lingoa eu a tenho pouco exercitada, & não sei como me ajudara n'este feito, encomendarme ei as verdades de que sempre vsei. A principal rezaõ porque nosso senhor o vngio em Rey foi, pera fazer justiça, & dar a cada hũ o seu, & julgar com muita clemençia & animo piadoso seus subditos: & com zelo, & amor de Deos os castigar, ou absoluer de seus erros. E se isto assi he, quanto mor obrigaçaõ tera de pagar seruiços, & mereçimentos como os meus. ¶ Pello que muito excellente Principe lhe peço que lançe de si todo o odio, & rancor, & tudo o que mais pode danar sua limpa tençaõ pera me ouuir, & jnlgar; porque fazendoo assi, vsara do sceptro como Deos o manda, & eu ferei çerto de justa sentença: & os que mal informaraõ V. A. Deos auera por bem, que não fiquem sem castigo.

Agora quero dizer a V. A. os merecimẽtos de meu pay, & auos, inda que naõ sejaõ todos. Meu pay foi Diogo de saõ Payo, senhor de Anciães, Vilarinhos, da Castanheira, & Linhares, & de dous mil vassalos: seruio nas guerras de Castella, com quatorze escudeiros, & quarenta homẽs de pé. Na batalha

de

de Toro foi derribado & ferido, de feridas mortaes: & jouue aquella noite no campo, onde pella menhã o acharaõ meyo morto: & disto sera sabedor Fernão Vaz de saõ Payo, & não alego mais testemunhas porque as naõ ha d'aquelle tempo. Foi na tomada de Arzila, com cento & oitenta homens, em duas Caravelas a sua custa, onde foi feito caualeiro por mão d'el Rey dom Afonso o quinto. Meu auo era Ruy Lopez de saõ Payo, & minha auó Costança Pereira era sobrinha do Conde dom Nuno Aluarez Pereira, filha de seu irmão; & naõ nomeio mais de minha linhagé, porque bem sabida esta quão antigua he n'este reino. Meus auos em tempo d'elRey dõ Ioaõ de boa memoria, tomaraõ dez villas aos Castelhanos por força d'armas, com seus parentes, & amigos: que entregaraõ & obedeceraõ com ellas ao dito senhor, & temnas oje seus descẽdentes. ſſ. Fernão Vaz de saõ Payo, seis Ruy Lopez de saõ Payo, tres: a hũa se perdeo não por traiçaõ (que nunca em minha linhagem a ouue) mas por outras differenças Minha máy foi dona Briolanja de Mello, filha de Ioaõ de Mello de Serpa, & de dona Breatiz da Sylueira, filha de Fernão de Sylueira Regedor & Coudel mor. Este Ioaõ de Mello meu auo, foi filho de Garcia de Mello de Serpa, Alcaide mor d'aquella villa De seus honrados filhos naõ falo, porque notorio esta, nunca Principe no reino ajuntar gente pera guerras, & armadas, em que os Mellos naõ fossem dos principaes capitães & caualeiros. E no tempo d'elRey dom Ioaõ o primeiro, nõmeado foi o graõ Martim Afonso de Mello, de quẽ todos vimos.

Eu senhor, passada minha mocidade, & que fui pera tomar armas, logo me lançei a esse vso militar, em que elRey vosso pay que santa gloria aia continuamẽte me occupaua. Depois de andar em muitas armadas, de que aqui não falo, fui com o Conde Prior na armada de Turquia, & sai em Masarquebir, & fiii dos derradeiros que me recolhi. Conto isto, porque n'aquella recolhida ouue muita desordem, afogandose, & perdendose muita gente, & eu fui dos derradeiros, que me fui recolhendo com bom tento, & recado, como disera Ruy Barreto se viuo fora, com quẽ me recolhi: & chegãdo a Corfu, andando passeando pella cidade, se ateou hũa briga, por se aleuãtarem todos contra os Portugueses, em que mataraõ setenta, ou oitenta: nesta reuolta me recolhi a hũa casa com quatro homẽs, que foi combatida de muita gente, de que nos defendemos com muito trabalho, & perigo de nossas vidas.

Tornando a Portugal mandoume elRey com o mesmo Con-

de

de Prior a Tangere, a onde serui dous annos; & fazendo o Conde hũa entrada em Alcaçere Quebir, fui em dos corredores, & por Francisco Pereira Pestana, eu, & outros nos achamos diante, chegando ás portas de Alcaçere Quebir, fomos atalhados de oitẽta mouros de cauallo, de que nos defendemos, matandonos hum dos companheiros, & a Francisco Pereira o cauallo, cõ lhe darem duas feridas, & a mim outras duas, & cõ mo matarem taõbem o meu. Dali me vim a Portugal, donde me elRey logo mãdou a Alcaçere Seguer cõ dom Rodrigo de Sousa, onde estiue tres annos, por me mandar elRey que não me viesse dela escreuẽdomo, & encomendandomo cada anno. E na entrada que dom Rodrigo fez em Gualdiaõ, fui eu por capitaõ dos corredores, & me achei ao pé de hũa serra, com quatro mouros de pé o matei hum, & os tres o fizeraõ ao meu cauallo, & feriraõ me duas feridas muy grandes, & deraõ me hũa pedrada em hum pé de que o ouuera de perder, & disto saõ testemunhas o mesmo dom Rodrigo, & dom Antonio seu irmão.

Passados tres annos vim a corte, & tornoume elRey a mandar a Alcaçere a onde estiue quatro annos, & tres d'elles serui de capitaõ por mandado d'elRey, & na entrada que fez dom Rodrigo, em que se encontrou com Almadarim Alcaide de Tituaõ, & por leuar pouca gente, & todos os nossos virem espalhados começaraõ a fugir, & indo nesta desordem, disse a dom Rodrigo, que fizessemos volta, & morressemos com os rostos nos mouros, & não pellos pescoços como patos. Voltou dõ Rodrigo, & foi tão proueitoso isto, que logo os mouros afroxaraõ, & nos deixaraõ: & por certo que se a volta não fora todos nos perderamos, & Alcaçere corria risco.

Dali me fui a Tangere a onde estiue outros dous annos, em que elRey de Fez cercou aquella cidade, neste cerco pos dom Duarte de Meneses capitaõ suas estancias em que me naõ occupou, deixandome de fora pera acudir a onde ouuesse neçessidade. Os mouros pegaraõ logo com o cubello do Bispo, que foi minado sem lho poderem estoruar: a esta neçessidade me mandou dom Duarte, & me meti no cubello com setenta homens, & os mouros nos combateraõ taõ rijo, que nos derribaraõ hum lanço do cubello, por onde começaraõ de entrar: deitamolos fora com morte de muitos, & grãde risco de minha vida, & foi tanta a pressa que nos deraõ, que de setenta & tantos homẽs que eramos ficamos çinco, & d'estes o mais saõ era eu, que fiquei com hũa espingardada por hum braço, & hũa setada na cabeça, & muitas infindas pedradas, & os que comigo esperaraõ,

peraraõ, foraõ estes, Diogo de Mello, Meestre sala da Emperatris. Sotomayor Galego de Tangere. Martim Lopez d'Azeuedo, & Andre Pirez escriuaõ dos cativos. E assi ferido estiue no muro, sem nunca me ir a pousada, ali me curaraõ, & fiquei a te os mouros alevantarem o cerco. E alem dos que nomeei, será boa testemunha Luis da Syluei ra, que nos viõ neste auto.

A Tangere me mandou elRey chamar pera me mandar a India, dizendome que tinha la necessidade de minha pessoa, o que logo aceitei, & fui sem partido algum, nẽ ordenado, (que elle depois me mãdou la, sabendo o como o eu seruia) chegando a Goa achei Benastarim tomado de mouros, & Goa cercada, & acodindo Afonso d'Albuquerque pera ir buscar os mouros a Benastarim, sairaõ elles pera lhe dar batalha, & não a refusando o Gouernador, ordenou tres esquadroes de toda sua gente, & indoos demandar ouueraõ seu conselho, & tornaraõse a recolher a fortaleza. Afonso d'Albuquerque me mandou com a gente da sua batalha, q̃ me meteesse na enuolta dos mouros, & visse se podia de mestura com elles entrar na fortaleza, o que eu fiz adiantandome só, tanto que cheguei a porta. E quando o primeiro dos nossos chegou a mi, tinha eu ja seis feridas, & ali me lãçaraõ muitas panelas de poluora, & outros materiaes de fogo com que me queimaraõ estas barbas, & estas pernas, & o meu gulaõ, & assi ferido me recolhi com os derradeiros, & certo que isto que fiz foi causa de se aquella fortaleza render tão cedo. D'isto he boa testemunha dom Garcia de Noronha, & Francisco Pereira Pestana, & Iorge d'Albuquerque que se ali acharaõ.

Fui a Adem com Afonso d'Albuquerque, & sobindo aquella fortaleza por hũa escada me derribaraõ com hum canto que me deu antre ambos os olhos, de que ainda oje me sinto muitas vezes, a fora outras pedradas que embaixo me deraõ, de que estiue a morte. Testemunhas Dom Garcia de Noronha, dom Ioão de Lima, & Antonio Ferreira.

Entrando o estreito, de u Afonso d'Albuquerque com o seu nauio em seco mandei sorgir a minha nao, o mais perto que pude delle, contra vontade dos mais officiaes, & no batel foi a sua nao q̃ me elle entregou, pedindome que a soccorresse se podesse, que elle se ya pera a armada, porque o tinhaõ por morto, o que eu fiz com muita diligẽcia & trabalho, pellos mares serem grandes, lançando ancoras, leuando outras, indo eu sempre na proa do batel, por que os marinheiros naõ queriaõ trabalhar, & com hũa espada na maõ lho fiz fazer. Ali fui mergulhado dos mares, & bebi muitas vezes

agoa

agoa salgada, & aprouue a Deos que saluei a nao com toda a gente & muniçoẽs: & yão nella quatro çentos homẽs. Disto sera boa testemunha dom Garçia de Noronha, & Antonio Ferreira.

Inuernamos em Camaraõ com muito risco, trabalho, & fome, & nos morreraõ sete çentos homẽs. Dali nos tornamos pera a India, & deixoume o Gouernador na costa de Cambaya, onde tomei hũa nao de que veio a vossa fazenda oitenta mil cruzados, & outra carregada de marfim, & de outras fazendas, que montou quinze mil. E sabendo que em D'abul, estauaõ outras duas carregadas de espeçiarias pera irem a Adem, fui lá, & as pedi ao capitaõ da terra, & pellos bõs modos q̃ tiue, mas entregou cõ toda a carga, & artelharia, & tinhaõ d'entro em si sete mil quintaes de gengiure, que logo esse anno veio pera o reino, & as naos puslhe o fogo. E assi naquelle veraõ fiz seruiço a V. A. em que lhe dei çem mil pardaos de proueito. Testemunha disto dom Garçia de Noronha, & Antonio Ferreira.

O outro veraõ foi Afonso d'Albuquerque a Ormuz, & determinando de matar Rax Hamed: mouro que estaua aleuantado com aquelle reino, & ordenando de se ver com elle com çertos capitaẽs: escolheo Afonso d'Albuquerque dous, a Pero d'Albuquerque, & a mim, a quem encarregou que o matassemos. E chegando o mouro a Afonso d'Albuquerque o tomei por hum braço, & lhe dei hũa punhalada pello coraçaõ, & desta d'outras que lhe logo deraõ foi morto: & com isto ficou el Rey vosso pay senhor d'aquelle reino sem contradiçaõ, onde fizemos a fortaleza, andando todos com as padiolas as costas, & odia que folgauamos, estauamos armados. Testemunhas disto, os mesmos açima. Dali nos fomos a India: & sendo elRey que Deos aya sabedor de meus bons seruiços me mandou Ormuz, ou Ceilão, qual eu quisesse, o que não ouue effeito por ser eu no reino, por que parti de la, no anno que Lopo Soares foi a India. No reino fui bem reçebido d'elRey, & me fez merçe de hũa comenda, & me mandou pagar tudo o que me era diuido na casa da India, dizendome que me não satisfazia meus seruiços, & q̃ me faria ainda merçe como veria. Depois em Almeirim me cometeo que fosse a China por capitaõ de seis naos, & que da vinda ficasse em Malaca por capitaõ tres annos, & por adoeçer naõ ouue effeito.

Depois me mandou chamar a Euora, & me disse, que determinaua mandar duas mil lanças a Africa, & por capitaõ d'ellas Ruy Barreto repartidas em quatro partes, quinhentas em cada hũa, cometendome com hũa d'ellas, & a Iorge

Barreto,

Barreto, & a dom Rodrigo de Craſto com as outras, o que naõ ouue effeito, pellos annnos ſerem eſteriles. E ſempre eſte Rey moſtrou muitos deſejos de me ſatisfazer meus ſeruiços, de me honrar, & acreçentar: mas quis Deos & meus peccados, que faleceo, & ſe perdeo todo o meu bem, & eſperanças. E por V. A. naõ ter noticia diſto, em começo de ſeu reinado me mãdou prẽder na coua, por ſair a eſtremar hũ arroido (o que todos ſomos obrigados a acudir por ley deſte reino, ſob graues penas, a qualquer q̃ naõ acudir, aquẽ pedir voſſo ſoccorro, bradãdo a que del Rey) no que bẽ ſe vio, naõ ſer V. A. ſabedor de quem eu era, nem de meus ſeruiços & trabalhos paſſados: pello que determinei de me tornar pera a India, a ſeruir de nouo a V. A. por que ſe arrependeſſe do que me tinha feito, pellos bõs ſeruiços que lhe eſperaua fazer, como depois fiz.

Fui a India por capitaõ de Cochim aõ de eſtiue hũ anno: os ſeruiços q̃ ali fiz V. A. o ſabe, pois me eſcreueo cartas de agradecimentos. E falecẽdo naquella cidade o Conde Almirante, à hora de ſua morte me eſcolheo por Gouernador a te ſe abrirẽ as ſoçeſſoẽs, & os ſeruiços q̃ logo fiz ſaõ eſtes. Deſpachei as naos do reino, em q̃ eſtáua o Gouernador dõ Duarte de Meneſes bẽ deuagar, & as naos que eraõ çinco bẽ desbaratadas. Deſpachei hũa armada q̃ foi em buſca de dõ Anrique de Meneſes, q̃ ſocedeo na gouernança, por naquelle tẽpo eſtar em Goa; & mãdei a iſſo quatorze velas. Pera o cabo de Guarda-fui taõbẽ deſpachei Antonio de Miranda cõ outra armada de ſete velas, & fez la prezas de trinta mil pardaos. Fiz outra armada pera as ilhas de Maldiua de ſeis velas pera eſperaré as naos de Meca. Fiz outra pera Melinde, de hũ Galeaõ & dous nauios, & deſpachei quatro naos pera Ormuz: o q̃ tudo fiz de dia de Natal, a te vinte de Ianeiro.

Por falecimento do Gouernador dom Anrique de Meneſes, me elegeraõ por Gouernador, & V. A. deue de ſer lembrado, que eu nunca tal lhe requeri, por mim nem por outra peſſoa: o Duque de Bargança (que eu cuidaua que niſto me tinha algũa culpa, por rezões que pera iſſo auia) me eſcreueo hũa carta em que dizia. Pois el Rey meu ſenhor tene tanta lembrança de voſſa honra & fortaleza, por amor de mim Lopo Vaz que lho pagueis na meſma moeda. E eu por certo ſenhor, que trabalhei de o fazer, & aſsi o fiz de maneira, que eu eſtou bem ſatisfeito, que naõ ei inueja a nenhũ Gouernador paſſado, preſente, nem por vir, fazendo ſempre muita verdade & juſtiça a voſſos amigos, & muita guerra a voſſos imigos. E naõ ſe podera com verdade dizer, que eu diſsimu-

laſſe nunca batalha, que compriſ-
ſe a voſſo ſeruiço, com poucos ou
com muitos, aſsi como me achaua,
aſsi me offerecia: & neſtas bata-
lhas & afrontas Deos ſeja louua-
do, em todas me deu grandes, &
notaueis vitorias.

Aceitei a India eſtando deſ-
baratada, & em grande riſco de ſe
perder, por ter conquiſtá com
tres Emperadores, & hum mũy
poderoſo Rey. ſ. O Emperador
de Alemanha, & Rey de Caſ-
tella, ſobre Maluco. O graõ Tur-
co ſenhor de tres imperios. E o
Rey de Calecut que taõbem he
Emperador. E elRey de Cam-
baya, que poem em campo ſeſen-
ta mil caualos acubertados, & dos
outros innumeraueis, & de grande
poder no mar; que a te o meu tem
po, nunca foi desbaratado. E cui-
do que em açeitar a India deſta
maneira fiz a V. A. hum dos mo-
res ſeruiços do mundo. E o pri-
meiro que fiz foi empreſtar de
minha bolſa oito mil cruzados
pera o gaſto das armadas, por
naõ auer dinheiro. E o primeiro
veraõ fui a Bacanor ſobre ſeten-
ta & tantos Paraos a mor parte
d'elRey de Calecut, carregados
d'eſpeciarias, com mais de ſeis mil
homens de peleja, & hum capi-
taõ d'elRey de Narſingua, com
vinte & cinco mil em ſeu fauor;
& naõ tendo eu mais que mil &
cento, deſembarquei contra pa-
recer dos capitaẽs, & lhe queimei
todos os Paraos, & lhe tomei muita
artelharia, q̃ foi hũa das mores pa-
cadas, q̃o reino de Calecut teue.

E não ſe pode dzer que eſ-
tiue ocioſo o tempo que gouer-
nei, antes o gaſtei todo em o ſer-
uir com a alma, & com a vida, &
acho que fiz em todo o meu tem-
po, trinta & oito armadas, em que
peſſoalmente me embarquei em
tres d'ellas. A primeira a que ja
diſſe, quando desbaratei os Pa-
raos de Bacanor. A ſegunda pe-
ra Ormuz, donde me mandaraõ
chamar com muita preſſa, por
eſtar Rax Xarrafo aleuantado
contra elRey, com arrayaes for-
mados, & Diogo de Mello em me
yo; & concertei eſtas couſas que
eſtauaõ muito arriſcadas. A Ter-
ceira, quando desbaratei as Ga-
leotas de Cambaya. Fizeraõſe
prezas em meu tempo, que vale-
raõ trezentos & ſetenta mil par-
daos. Paguei os ordenados aos ca-
pitaẽs, & feitores, gaſtei muito di-
nheiro em reedificar as fortalezas
todas ſem tirar do cofre de V. A.
hum ſó real, & tudo das merca-
dorias, prezas, pareas, dinheiro dos
caualos, & rendas de Goa. E man
dei a Cochim por vezes dinheiro
pera as obras, por naõ bolirem no
cofre, que foraõ mais de cincoen-
ta mil pardaos.

V. A. ſe quis ſeruir de mĩ no go-
uerno da India, ſẽ lho en requeret
por aderencia algũa; ſométe pello
meu bõ nome, & não deixei delho

reque-

requerer, por cuidar que em mim não auia as calidades que cumprem aos Gouernadores, mas por que nunca fui tão esqueçido de minha honra, nem taõ mingoado de juizo, que não tiuesse sempre representando diante de mim, que onde taõ honrados capitaẽs, & tão valentes caualeiros n'este cargo perderaõ as vidas, honras, & fortalezas, & alguns d'elles arriscaraõ suas almas, eu naõ me auenturasse ao mesmo: & por isso quis antes seguir o exemplo Castelhano, que diz: Mas quiero cardamos em paz, que polhos con agraz. V. A. como digo, se quis seruir de mim na gouernança da India, & por certo que foi grande lembrança, & grande merçe: porem prouuera a Deos que nunca a eu vira em minha casa.

Ia lhe tenho dado conta de meus seruiços, agora lha darei de como deixei a India. Se V. A. bem olhar, achara que em meu tempo naõ veio capitaõ nem official da India rico, como soyão vir: pois este dinheiro que se fez d'elle em meu tempo, em que ouue mais prezas, & mais trato, que em nenhum outro? Por certo senhor que todo este dinheiro ficou no vosso cofre, & no vosso thesouro: por que as vossas fortalezas de pedra & barro, filas eu de pedra & cal, & com cauas chapadas de mar a mar: por onde V. A. deue dormir seu sono descansado, & seguro. E mais tem em outro cofre trezentos mil cruzados, que lhe eu paguei de soldos. As cousas que deixo entregues ao Gouernador Nuno da Cunha, saõ as seguintes. Seis Galeoẽs, seis Carauelas, oito Gales reais, quatorze Galeotas, & cento & duas Fustas, & Barguantins, com toda sua moniçaõ (armada que nunca Principe teue toda sua propria.) Deixei em Goa cincoenta pipas de poluora de bombarda, & duas d'espingarda. Em Chaul, quinze pipas de poluora de bombarda, & duas d'espingarda. Em Cochim trezentos quintaes de poluora. Em Cananor vinte pipas de poluora de bombarda, & duas d'espingarda. Os mantimentos que deixei jũtos pera a armada saõ estes. Mil & quinhentos candis de trigo, & tres mil candis de arroz, seiscentas vacas vitas, quejos, manteigas, em a bastança, muito ferro, muita madeira, & muitos ferreiros, & carpinteiros, & isto em todas as fortalezas.

De como ficaõ os imigos lhe darei conta. No Emperador naõ falo, por que a V. A. darei essa conta, quando de mim a quizer saber. O graõ Turco fica com suas armadas desbaratadas, pellas grandes & muito poderosas, cõ que todos os annos lhe mandei correr a terra do estreito de Meca. E quãdo me entregaraõ a India

estauaõ suas armadas mũy possantes, com muita ouzadia contra nos, trabalhando por virem de maneira que nos botassem fora da India: o que tudo em dita de V. A. & com meu trabalho & astucia se desfez.

O Camorim ao tempo que me deraõ a gouernança, punha no mar quantos Paraos queria, o que na fim do meu tempo ja naõ podia fazer, por que todos lhe destrui, & tomei, nem tinha artelharia, nem bombardeiros, que tudo lhe gastei, & desfiz, pello que cada dia pedia pazes.

O grande Rey de Cambaya, poderoso no mar, mais que todos os da India juntos, veja qual ficaua a minha partida, que lhe naõ ficarião dez Fustas.

El Rey de Bintaõ, eu por certo o destrui, & desbaratei com a armada & gente que mandei a Pero Mascarenhas, encomendandolhe, & pedindolhe, que se naõ viesse de la, sem a destruir, o que elle fez mũy bem.

Em pago de todos estes seruiços me prendeo Nuno da Cunha em Cananor, pella maneira que se sabe, mandando lançar pregoẽs infames contra mim. Em Cochim fui mal aposentado, nas piores casas da cidade, nos esteiros antre os monturos, o que muito senti, por ser contra a humanidade, & a fidalguia, & em cidade onde me fizeraõ Gouernador de V. A. Ali me mandou prender & tomarme toda a fazenda, que foi aualiada com toda a desordẽ, como se eu fora traidor & mal feitor, sofrendo afrontas & iniurias a meus imigos, que todas as noites me passauaõ pella porta com folias. D'ali me embarcaraõ com dous criados na pior nao da carreira, & que partio derradeiro de todas, mãdandome dar hũa camara debaixo da alcaçeua, onde era a estançia dos grumetes, & negros, onde eu comia & dormia as chuuas, a te as ilhas Terceiras. Veja V. A. & ponha diante de si tamanho agrauo como este a hũ homem de minha qualidade, & idade, & de tantos & taõ grandes seruiços, ser mandado em hũa taõ enfadonha viagẽ, em hũa possilga de porcos: que por certo eu tomara antes muitas vezes de muito boa vontade a sepultura, que verme auexar por tantas & tão injuriosas maneiras. E assi me mandou entregar aquem me naõ tinha boa vontade, pera mais me martyrizar.

Chegando as ilhas Terceiras fui tornado a prender, & me leuaraõ em ferros de que estiue pera perder hũa perna, por que ma cortaraõ de feiçaõ, que me apareçião os neruos. E chegando a esta cidade me mandou V. A. tirar çercado de belegins por meyo do terreiro dos seus paços, defendẽdo a todos os meus parẽtes & amigos que naõ chegassem a mim, como

mo ſe eu fora hum traidor ou malfeitor: & aquella vergonha paſſei, eſtando no terreiro toda a corte, & eu çercado de rapazes, & negros, & gente vil, que foraõ çem mil mortes. Fuy leuado ao Caſtello, onde me foraõ poſtas guardas, & defezas, como ſe ſe eſperaſſe procederem de mim grandes crimes, naõ me conſintindo ver nem falar çertos dias com meus parentes & amigos; nem a te o preſente ver minha molher, que ha ſete annos que eſtá viuua de mim, por eu andar ocupado no ſeruiço de V. A. & não a deixarem falar comigo, o que eu mais ſenti que todos os tormentos outros que me deraõ. Ora cuide V. A. ſe tanta deshumanidade ſe vſou nunca com homem de minha ſorte, idade, & ſeruiços, n'eſte reino.

Proceſſaraõ meu feito, contra toda a ordem de juſtiça d'eſtes reinos: aſsi que em mi ſe começaraõ a exercitar todos os nouos coſtumes, & nouas leis, pera ſer deſonrado. Tiraõ meus imigos por teſtemunhas, & eſteue ao perguntar d'ellas Manoel de Maçedo, que deſcubertamente he meu imigo. Fuy lançado de replica, & de outros termos que tinha de dereito diuino, & humano. Ora veja V. A. o que me tem cuſtado ſeu ſeruiço, & a hóra que me deu de Gouernador, que naõ ſei homem que juizo tenha, que iſto quiſeſſe pello preço, muitos frios, muitas calmas, muitas fomes & ſedes, muitos riſcos de minha vida, dádo a comer meu ſangue aos tubaroẽs no mar, aos adibes no reino de Fez, & as gralhas da India. De maneira que poucas conquiſtas tem V. A. onde ſe elle não derramaſſe: & não ſe póde preſumir que poſſa mentir, por q̃ quem em ſua mançebia não vſou de maos coſtumes, & fez ſempre o que diuia, em ſua velhiçe & no fim d'ella, não vſaria das meudezas que me poem, & mais tendo diante dos olhos taes peſſoas.

Dom Duarte de Meneſes, que em bem tenra idade desbaratou dous Alcaides mũy furioſos, & mũy guerreiros, ſeruiço mũy notauel & dino de pérdaõ de grandes culpas: naõ lhe valeo nem ſeruiços do pay, nem dos auos, prezo em carcere perpetuo, tomada a fortaleza Baliza ẽ era eſta pera Lopo Vaz, naõ ſendo inhabil ſe guardar.

Diogo Lopez de Siqueira, tantas vezes catiuo, & ferido, fugido por reinos eſtranhos, tomada ſua fazenda, por merçe tornado ao reino & morreo, & aſsi Deos ſabe de ſua alma. Vi mais Afonſo d'Albuquerque tantas vezes catiuo, & de tanto ſeruiço, que morreo quaſi deſeſperado, dizendo mal, com elRey por amor dos homẽs, mal com os homẽs por amor delRey, acolhamonos a igreija: & morre Afõſo d'Albuquerque

que cumpre a tua honra morreres, que nunca a elle lhe cumprio, cousa que tu naõ fizesses. E com estas palauras deu a alma a Deos, & que lhe não valeo a muita guerra que fez a mouros & gentios, & sua alma corre muito risco. Este bom velho múy sabedor das cousas da India, muito vitorioso nella, a que todos os Gouernadores da India deuem ter acatamento, naõ por cometer maiores feitos dos que eu tenho cometido, mas por os seus serem primeiro. Este costumaua a dizer, sabeis quão ma gente he a da India, que me pozeraõ que era puto, & prouaraõmo; sendo elle taõ honesto, que naõ dirá criado seu que algũa hora lhe visse a ponta do pé. Todo este mal & destruiçaõ dos Gouernadores todos, he causado por homẽs baixos d'al mofaçe. Por certo senhor eu naõ sei como se desculpará, nem que rezão dará, olhando aos homens com que V. A. começou meus negocios, que lhe naõ lembraua hũa cousa taõ diuida como era dizer saibasse que homens saõ estes que se queixaõ dos Gouernadores: & se achar serem homens de bem, fazerlhes justiça múy inteira, & achando serem viciosos, mandalos a cadea, & naõ dar causa ao mao pera fazer mal ao bom.

E quantos fidalgos de mim testemunharaõ a V. A. foi por esta rezaõ. Eu estaua em Cananor onde me vieraõ buscar os Paraosi (como V. A. em meus seruiços ou-uio,) chamei a conselho esses fidalgos, que foraõ de parecer naõ pelejasse, aprouue a Deos que me pareçeo o contrario, & disselhes, que quem quisesse acompanhar o seu Gouernador, & a bandeira de V. A. se embarcasse comigo, o que elles naõ quiseraõ fazer, ficando nos Galeoẽs olhando como eu pelejaua: & disto ficaraõ taõ corridos & enuergonhados, como era rezão; & auendo por certo que eu escreuia a V. A. o feito como passaua, de quem bem, ou mal fizera. O que eu d'elles escreui, V. A. o sabe múy bem, que naõ se achará em carta minha escreuer mal de nenhum fidalgo, se naõ requeret pera todos honras & merçes. Elles por me V. A. ter por sospeito, & me não dar credito, escreueraõ, & testemunharaõ de mim falsamente: & não temendo a Deos acquiriraõ a si outros fidalgos seus parentes, pera que os ajudassem a affirmar suas danadas tençoẽs. Esta ventagem com outras muitas a em mim, que o que disser delles ade ser na praça, & o que elles disserem de mim á de ser múy escondido, porque eu falo verdade, & elles naõ.

De minha genealogia, ouça V. A. hũa cousa que me esqueçeo, de Vasco Pirez de saõ Payo meu quarto auo, que he dina de contar. No cartorio de Fernão Vaz de saõ Payo, se achou hum perdão que di-

zia assi. Pellos seruiços que tenho recebidos de Vasco Pirez de saõ Payo, & esperamos de receber, lhe perdoamos a morte de quarenta escudeiros que enforcou na sua villa de Mos, com huns poucos de homẽs de pé. Veja V. A. que poucos poderiaõ ser de homẽs de pé, onde morrião quarenta escudeiros. Certo, merecimento deuia de ter tal vassalo, & necessidade deuia de ter elRey d'elle, pois tal perdaõ daua. E do grande Martim Afonso de Mello meu auo, notorias saõ suas cousas. Se V. A. deste pardo de caualeiros tem, ou tiuer necessidade, aqui está Lopo Vaz de Saõ Payo seu neto, (que trabalhou muyto pellos arremedar, & escusar,) que esta em mũy boa idade, & em milhor disposiçaõ, & mũy experimentado por mar & por terra; & por certo, elles me perdoaraõ, eu naõ lhes sinto vantagem senaõ nos bons galardoẽs que lhes deraõ, porque, por cada seruiço, lhes dauão villas, jurdiçoẽs, rendas & houras: & a mim por cada hum me deraõ hum tormento.

Pella tomada das Fustas de Cãbaya, que nunca foraõ desbaratadas taõ victoriosas que nunca perderaõ hum remo, antes desbarataraõ per vezes muitos Galeoẽs de V. A. eu as venci & meti no fundo: em pago deste seruiço me mãdaraõ prender. Pellos nauios que desbaratei defronte de Calecut, em que matei dous mil, & tantos mouros; em pago d'isto me mandaraõ tomar toda a minha fazenda. Pellos Paraos que queimei em Bacanor, que eraõ a principal força de Calecut: por este seruiço me mandou V. A. embarcar em hũa nao no aposento dos grumetes. E por que subi pellos muros de Adem, donde me derribarão cõ hũa pedra, de que estiue à morte: em pago disto me lançarão ferros, que me comerão a carne a te os ossos. Pello cubello de Tangere que defendi a elRey de Fez: em pago disto me mandou tirar V. A. a vergonha diante dos seus paços reaes. Pella destruição que fiz no Arel de Porca, & outros muytos seruiços, que aqui naõ digo: em pago d'elles me mandarão que seruisse, & partisse com os escriuaẽs & procuradores do meu dinheiro, que trazia ganhado com tanto trabalho, & com tanto sangue espargido, pera me remediar a minha velhice, & pera criar meus filhos. Veja V. A. se hé bem desuiada esta paga, da que deu elRey dom Ioão de gloriosa memoria a meus auos.

A soma de meus seruiços saõ estes. Onze annos em Africa; & na India, & nas armadas que se fizerão neste reino, vinte & hum annos: naõ falo no tempo que andei na corte, que este ouue pello mais forte de todos, pella muita pobreza cõ q̃ a sostinha. Fuy ferido cinco vezes, hũa em Alcaçere Seguer, outra em Alcaçere Quibir, outra em

em Benastarim, outra em Adem, & outra na ilha Terçeira, dos ferros que me V. A. mandou lançar. Em galardão disto, fuy prezo, auexado, & perguntaraõ contra mim testemunhas inficis, & meus imigos capitaes, & aconselhadores cõtra minha honra, que foraõ na masa de Pero Mascarenhas, & ordenaraõ diffamarem todos de mim, comdarem mas informaçoẽs a V. A. falsas, & mũy contrarias da verdade, pello indinarem cõtra mim. E na India onde o serui de Gouernador, me foi tomada toda minha fazenda, & fiquei sem ella, de maneira que não tenho que comer, nem que dar aquem me defenda minha justiça, d'estes grandes agrauos que me saõ feitos contra toda a justiça por ser sem culpa, & sem erro no seruiço de V. A. & pellos muitos & grandes que lhe tenho feitos, dinos de grandes mercés, a que V. A. deue de respeitar, pello que deuo de ter muita esperança, de me restituir a minha honra, & de me fazer merces, pera exemplo dos que o bem seruem.

Ora senhor isto he feito, naõ pode V. A. deixar de o remediar cõ muita clemençia, & como excellente Principe, criado sobre nossos hombros, & nos criados com suas migalhas, com dar sentença que seja dina de lhe bejar a mão, com descanso pera minha velhice, & pera que possa criar meus filhos pera o seruirem. Aqui acabou Lopo Vaz sua fala, q̃ elRey ouuio mũy bem: & depois lhe foi recitando as culpas que delle tinha, hũa, & hũa: a que yà Lopo Vaz respondendo pella maneira seguinte. Onde está esta letra P. saõ perguntas, & o R. repostas.

CAPITVLO VIII.

Das culpas que elRey deu a Lopo Vaz de saõ Payo, & da sua reposta a ellas.

P.

PORque deixastes regimento a Afonso Mexia, que não consentisse entrar Pero Mascarenhas em Cochim?

R. Senhor, Cochim, & Goa, saõ duas fortalezas as principaes da India, & quasi iguaes. Estando Pero Mascarenhas em hũa & eu em outra, eraõ dous Papas em Roma, & fora causa de nunca se desfindarem estas differenças, & de muitas mortes de homens; & de perecer muito o seruiço de V. A. & aprouadisto he, que em nenhũa fortaleza deixei tal regimento, antes mãdei aos capitaes que o recolhessem, & lhe fizessem muita honra, porque naõ tinha receio de em nenhũa outra se fazer mao recado, senaõ nesta,

Porque

P. Porque mandastes Pero Mascarenhas a Cananor, sem primeiro estar com elle a justiça, & dereito?

R. Porque quando Pero Mascarenhas chegou a Goa, vinha com o coraçaõ ja danado, apelidando toda a India com cartas, & correios: & se entrara em Goa fora muito mor oniaõ, porque elle vinha dizendo, que naõ queria mais, que por os pés em terra, atreuendose nos fidalgos que lhe escreuião ao caminho, & vinha fazendo taes estrondos, que ouue por muito seruiço de V. A. naõ o deixar entrar, nẽ me por então com elle em justiça, a te primeiro naõ quebrar aquella furia: & as mais rezoẽs que pera isso tenho tragoas por instrumentos que mostrarei quando for tempo.

P. Porque jurastes de manter a promessa que antre vos & elle era posta?

R. Iurei a primeira vez por força, & a outra quanto por direito o deuesse manter: & assi o cumpri quanto com justiça deuia. E se o em algũa cousa quebrei, digamo V. A. que eu lhe darei a rezão disso.

P. Porque prendestes Pero Mascarenhas, sem primeiro vos pordes a justiça com elle?

R. Pero Mascarenhas quisera entrar em Cochim por força, pera prender os juizes, & o feitor, & assi logo prendeo os que lhe foraõ ao mar publicar as prouisoẽs de V. A. & sobre isto determinou de sair em terra, com varas alçadas, & officiaes, & foilhe resistida sua entrada, como o eu tinha mandado, & recolheose ao seu Galeaõ, mandãdo logo a terra pregoar por traidores, capitaõ, veador da fazenda, & a todos os da cidade. E dali se foi a Cananor onde lhe foraõ cartas de muitos fidalgos, que viesse desconhecido, & se metesse no mosteiro de saõ Francisco, & que elles o ajudariaõ, quer tiuesse justiça, quer não, estas cartas tenho eu em meu poder: & por me recear disso mandei guardar as barras, cõ regimento aos capitaẽs, que se o tomassem desconhecido o prendessem, por euitar mortes & onioẽs, que com sua entrada estauaõ certas.

P. Por que rezão fostes a Ormuz?

R. Fuy chamado d'aquelle Rey, & por me escreuer Diogo de Mello, que estaua elle, & o Guazil em campo, hum em hum cabo da cidade, & outro em o outro, pera se darem batalha: & se eu não chegara, estaua aparelhado hum grande mal, & cõ minha ida naõ desemparaua a India: porque o tempo que punha no caminho, & la auia de estar encerrado, por causa do inuerno, & tornaua de la em principio do veraõ, o que tudo fiz como cõpria ao seruiço de V. A. & tudo foi com conselho de vossos capitaẽs.

Que

P. Que presente vos mandou Rax Xarrafo a Calaiate, & porque fizestes tanta honra, aquẽ volo leuaua?

R. Porque foi elle muito pera estimar em tal tempo, que era muita agoa, & refresco, vindo nos ja afiada d'agoa, porque nos tomou muito ao mar, & ao mouro por se ir mandeyo embebedar, & folgamos todos com isso.

P. Porque destes licença ao Nacoda Xamerim, mercador da terra, que se foi de Ormuz?

R. Porque aos mercadores naõ se lhes deue estoruar suas idas pera onde quizerem, pois disso viuem, & ennobrecem as cidades: & mais me fora destranhar impedirlhe a ida pera exemplo. Mas eu me affirmo que lhe naõ dei tal licença, nem elle ma pedio.

P. Porque rezão pousastes com Diogo de Mello?

R. Porque todos os Gouernadores pousauão na fortaleza, aonde auia aposentos pera ambos, sem nos vermos hum ao outro.

P. Por que posestes Diogo de Mello a cabeceira de vossa mesa?

R. Por que Diogo de Mello era primo com irmão de minha mãy, & ficauame em lugar de tio, o mesmo era de minha molher irmão de sua mãy, & capitaõ d'aquella fortaleza & mais era de oitenta annos. E sempre foi costume dos Gouernadores fazeremlhe muitas hõras a sua mesa. E eu podia honrar quem quizesse, sem diminuir no estado da gouernança.

P. Por que deixastes ir de Ormuz tres mouros, que Rax Xarrafo degradou?

R. Porque Rax Xarrafo tinha alçada de V. A. pera matar, quanto mais pera degradar.

P. Porque não fizestes vir a Ormuz dous Iudeos que foraõ degradados por Rax Xarrafo, & porque os naõ ouuistes com justiça?

R. Porque os Iudeos foraõ degradados por fazerem moeda falsa, & mereceraõ queimados, & deraõlhes as vidas por aderencia, & foi mal feito naõ os queimarem, porque eraõ onzeneiros.

P. Se tinheis poder pera tornar joyas a Reys & Principes?

R. Pois naõ tinha defeza disso, naõ me era tirado o poder, & se me algũas joyas deraõ, bem lhas paguei em dobro: & se algũas tomei, V. A. as tem, & bem as pode tornar a seus donos.

P. Porque naõ falastes com el Rey de Ormuz de parte, pera saberdes d'elle se tinha algũas queixas d'alguem?

R. Eu falei com elle perante o Secretario Vicente pegado: & mais se me deuera estranhar falar com elle só.

P. Por que naõ fostes logo como chegastes ver elRey de Ormuz?

R. Por que naõ he costume illo ver logo, que lhe aõde dar dous

dias

dias pera ſe aperceber, que elle meſmo o quis aſsi, & o pedem. E illo ver logo aſsi temno por deſacatamento, & aó que lhes deſprezais ſuas honras, & feſtas, & eu naó auia de ir la pera o eſcandalizar com coſtumes nouos.

P. Porque tiraſtes o cargo de capitaó mor do mar de Ormuz a dom Antonio da Sylueira.

R. Eu naó lhe tirey o cargo, antes o dei aquem V. A. o mandou dar. E quanto ao leuar comigo a India, foi, porque la auia muita guerra, onde os taes fidalgos como elle auiaó de eſtar, & aſsi lho diſſe, que ſeja prouido conforme a ſua peſſoa.

P. Porque tiraſtes o Galeaõ a Manoel de Brito, & o deſtes a Fernaó Rodriguez Barbas, criado do Marquéz?

R. He verdade, porque dei a Manoel de Brito duas viagés em que fez muito proueito: & porque V. A. me encomendaua, que repartiſſe por todos o proueito. E porque Fernão Rodriguez he muito fidalgo, & muito bõ caualeiro, & criado de V. A, & muito pobre, & tinha muito bem ſeruido naquellas partes, & ſeu pay em Ceita & ſeu auo em Aragaõ, com ſeſenta de cauallo, por mandado d'elRey dom Afonſo: que era do conſelho do meſmo Rey.

P. Porque mandaſtes embarcar Vicente pegado taó depreſſa?

R. Elle me foi encampar o cargo de Secretario; & porque me reuoluia toda a terra, lhe mandei que ſe foſſe embarcar logo, por eſtar hum Galeaó pera ſe ir, & daya muitos dias naó ouuera outra embarcaçaó, por eſcuſar eſcandalos: & taõbem porque naó tinha muitos eſcudeiros, nem fato.

P. Porque tiraſtes Calayate a hum Pero de Queiros, & o deſtes a hum amo de Diogo de Mello?

R. O cargo he taõ pequeno, que naó ſou lembrado diſſo.

P. Porque deſtes hum Galeaõ velho a Franciſco de Sá, em que ſe auenturaua a gente, & artelharia, que ſe perdeo com elle?

R. Dei a Franciſco de Sá o que foi ordenado por elle meſmo, com os do conſelho, dous Galeoés, duas Galeotas, duas Caranelas, & cinco Bargantins: & eu pera o melhor auiar lhe dei eſſe Galeaõ pera elle la desfazer, & da madeira fazer a fortaleza da Sunda, com o tauoado os ſobrados, & com a pregadura, & pera iſſo foi primeiro viſto por Chriſtouão de Souſa, que o mandou correger em Chaul, & pello meſtre, & officiaes da ribeira: que todos affirmaraõ poder muy bem ſeruir aquella jornada. E eu lhe mandei dizer, que naó meteſſe mais que laſtro, & ſeruidores, pera lhe darem a bomba ſe compriſſe. E ſe o ſobrecarregou, que culpa tenho eu?

P. Porque deſtes a Ioaõ Rodriguez Pereira criado do Du-

que

que hum Galeaõ?

R. Ioaõ Rodriguez he camareiro mor do Duque, & tinha muito bem ſeruido V. A. & por ſua peſſoa, & por amor do Duque, & por bom exemplo, que o viſſem todos os criados dos ſenhores pera aſsi folgarem de ſeruir melhor V. A. & ſaberem que pera todos hé a India.

P. Porque vendeſtes hũa nao em Ormuz, ſem andar em pregaõ?

R. Porque em Ormuz, ninguem compra mercaderia ſe não por mandado do Guazil, & eu o mandei chamar a minha caſa com todos os mercadores, & ali preſentes os officiaes de V. A. capitaẽs, & fidalgos, a vendi: de que tudo ſe fez hum aſſento aſsinado por todos.

P. Porque deſtes de alças a ruina a Chriſtouaõ de Souſa da compra de duas naos?

R. Por que Chriſtouaõ de Souſa, comprou quarenta mil pardaos de fazenda, com dinheiro na mão, & por iſſo lha dei: reſpeitando a ſer eſtilo em couſas d'eſta qualidade fazerſe aſsi, porque de milagre ſe acha dinheiro junto, por que todos compraõ fiado, & da meſma fazenda vaõ pagando: & elle foi o que ficou pior do partido, com todas eſſas alças. Porque em que podera elle empreguar tanto dinheiro em hum anno, que não ganhara mais de trinta mil? E por eu ſer ſabedor, que a fazenda de prezas, que fica em maõs dos officiaes, nunca V. A. come della bom bocado, que com ſuas contas & quebras desfalece tanto que nunca luze, por iſſo o fiz, crendo que fazia hum grande ſeruiço a V. A. por naõ ficar a preza nas maõs dos lobos. E por que lhes eu tirei eſte bocado, ficaraõ elles taõ deſcontentes: que buſcaraõ modos de baixas vinganças, mas aos fidalgos & capitaẽs, pareceo mũy bem o que fiz. E tenho em meu poder hum termo diſſo aſsinado por todos.

P. Porque tiraſtes a nao a Martim Afonſo de Mello quadrilheiro mor?

R. Eu o tirei de quadrilheiro mor, por que foi achado aboyando fazenda, & deitandoa ao mar, pello que foi logo prezo & condenado em muita pena de dinheiro, & degredo. E mandei a nao o Ouuidor com toda a juſtiça, & iſto trago por autos.

P. Quanto dinheiro vos deu el Rey de Ormuz, & Rax Xarrafo?

R. Naõ me deraõ nenhum dinheiro, ſe naõ peças d'ouro & prata, que poderião valer três mil cruzados, de que logo ouueraõ ſeu retorno de minha fazenda, que bem valia o que me deraõ & mais.

P. Porque deſtes hũa ſentença contra Eſteuão Boccarro Alcaide mor de Ormuz, & logo a reuogaſtes?

R. Eſſe poder tinha eu de V. A. pera condenar & abſoluer, quãdo ſe of-

se offereceſſem couſas que pareceſſem ſer mais ſeu ſeruiço fazelo aſsi.

P. Porque fizeſtes com Diogo de Mello, q̃ empreſtaſſe dinheiro a elRey de Ormuz pera pagar as pareas ſobre hum traçado? E porque mandaſtes tomar a Diogo de Mello o traçado, que tinha delRey empenhor do dinheiro?

R. Eu roguei a Diogo de Mello, que empreſtaſse dinheiro a elRey, por que ſempre trabalhei por V. A. ſer pago de ſuas diuidas: & ſe o elle ha por mal, perdoeme. E quanto alhe tomar o traçado, elle eſtáua empenhado por outras diuidas, que elRey de Ormuz deuia a Portugueſes, pello que o mandei pôr em mão do feitor, a te elRey mandar ſatisfazer as diuidas.

P. Porque naõ mandaſtes vir Ioaõ de Santiago prezo como eu mandaua?

R. V. A. naõ me mandou q̃ o prendeſſe, ſe naõ que lhe moſtraſse hũa carta que ſobre iſſo me eſcreueo, em que dizia lhe diſſeſse de ſua parte, que folgaſse de ir pera o reino, que V. A. lhe faria merce, & me encomendaua o entregaſse a hũ capitaõ de hũa nao, que ſeguramente o leuaſſe: porq̃ lhe naõ foſſe feita algũa ſem rezaõ, ou agrauo: & aſsi o cõpri, & elle o aceitou com boa vontade, & foiſse a Narſingua a empregar o ſeu dinheiro em pedraria, porá ſe embarcar, & la foi roubado, & ainda fica prezo.

P. Porque tiraſtes o Galeaõ do rio de Chaul, que eſtaua em guarda da pimenta?

R. Mandeyo leuar pera Goa pera ſe cõçertar, porque era velho: & deixei na coſta o capitaõ mór do mar com quinze velas, que nunca tantas ali andaraõ.

P. Porque naõ foſtes, ou mandaſtes buſcar os Rumes?

R. Eu ſenhor ouue conſelho geral de cento & tantas peſſoas, que votaraõ que naõ foſſe aquelle anno. E o ſeguinte leuantaraõſe os capitaẽs com as fortalezas: & naõ me fizeraõ mantimentos, nem enxarcias: & duraraõ tanto as pendenças de Pero Maſcarenhas, que naõ tiue tempo pera me aparelhar: & com tudo mandei Antonio de Miranda com hũa groſſa armada, que baſtou pera eſpantar os Rumes: que fez prezas, que forraraõ bem os gaitos.

P. Porque leuaſtes a gente de Cochim pera Goa?

R. Porque comiaõ em Cochim os cruzados do cofre de V. A. & em Goa comiaõ do cobre: & por me parecer milhor que a gente foſſe cõ o ſeu Gouernador, que elle ia ſó: & aſsi he bem que ſe faça.

P. Porque deſtes licença a Ioaõ Foſilhaõ Francés, que foſſe a Perſia vender pedraria?

R. Eu ſenhor naõ tolhia aos mercadores vſaſe de ſeu officio, & até

& viten, pera onde fizessem seus proueitos: porque assi as suas custas descubrissem terras, que não era pequeno seruiço de V. A. E mais elle tinha licença sua, & por seu aluara lha dei, por elle a não tomar por si.

P. Porque destes licença a Rax Xarrafo, pera ir a Meca?

R. Deilha porque a tinha do Gouernador dom Duarte de Menezes. E vsou elle de muita cortezia em a pedir, que bem se podera ir sem ella.

P. Porq perseguistes, & tratastes mal os homes q̃ foraõ contra vos?

R. Informarão mal a V. A. por q̃ tal não he, antes fiz tantos bẽs a todos os que estauão mal comigo, que os tornei meus amigos, pella vantagẽ & bõ tratamento que de mim receberão. E se alguẽ se queixou de mim, que o mal matasse, eu darei a rezão porque o fiz.

P. Porque não quizestes ouuir a dom Antonio da Sylueira as cousas que vos queria dizer do nosso seruiço?

R. Defeso ho em direito, que a testemunha que se conuidan, não seja ouuida, & elle era homẽ que vinha dito a outros que não queria que me reuoluessem a terra: & eu presumi que queria elle fazer o contrario. E se elle alguã cousa tinha pera me dizer, elle o dissera a V. A.

P. Por que não tiuestes a direito os Camateiro d'el Rey de Ormuz, que foi degradado com outros mouros?

R. A justiça que aquelle Rey faz com o seu Guazil, não lhe deuem vossas justiças de ir a mão, sem o elles pedirem, & requererẽ de vossa parte. E pois elles tem poder de degradar, & matar, irlhes à mão he leuantar a terra: & saõ onioẽs por cousas que não tocaõ a vosso seruiço. Quanto mais, que esse Camareiro merecera mor pena, porq̃ elle & dous Portugueses foraõ a furtar, & os Portugueses iusticeyos por ladroes; & melhor o fizera ao mouro se não olhara ao mais.

P. Porque destes em casamento a capitania de Goa a vossa filha cõ Antonio da Sylueira?

R. Eu não lha dei se não por elle ser mũy bom fidalgo, que o merecia mũy bem, por ter gastado na India mais que nenhum outro. E entaõ ninguem a merecia melhor que elle.

P. Porque destes Cochim a dõ Vasco Deça, & a não destes a outro de mais merecimentos?

R. Porque eu sabia que esse fidalgo seruio muito bem V. A. em Cafim, onde gastou todo o seu casamento. Era casado, & com filhos; & eu tinha regimento de V. A. em que mandaua, prouesse os fidalgos. E auendo respeito a tudo, & a elle ter prouado ser meu parente dos Reys de Portugal, lhe dei isso, porque o merecia muito bem.

P. Porque deſonraſtes Vicente Pegado, por vos dizer couſas que compriaõ a noſſo ſeruiço?

R. Eu ſenhor nunca lhe vi dizer couſa que cumpriſſe a ſeruiço de V. A. mas ſempre a contrario, por que ſempre foi medianeiro em pendenças: & porque diſto o reprendia muitas vezes, & de açeitar tantos cõuites, que naõ era de ſeu cargo, dizia que o deshõraua.

P. Porque prendeſtes os fidalgos que vos diſſeraõ, que vos puzeſſeis em juſtiça com Pero Maſcarenhas?

R. Prendios, pórque elles meſmos forão em conſelho de eu prẽder Pero Maſcarenhas, & elles foraõ os que me leuantaraõ por Gouernador, & depois por peitas que lhes prometeraõ ſe tornaraõ a deſdizer, & iuraraõ outro por Gouernador, tendome jurado a mim. E por euitar mores omiões que clara mẽte ſe ordiaõ, em que naõ podia deixar de auer muitas mortes, ſe andaraõ ſoltos, os prendi.

P. Por que pagaſtes aos homens ſeus ordenados em cobre?

R. Eu ſẽpre os paguei como V. A. manda em ſeus regimentos, que ſe pagué aos quarteis, & ſe algũ daua ſobejo, era por ſatisfazer aos homẽs, & os ajudar ao ſeruiço, como V. A. faz nas armadas deſte reino: que a muitos manda pagar quarteis adiantados, com fianças, por que ſem eſſas ajudas os homens perecem, & por iſſo fogem. E prouue a Deos que vos caiſſe neſta culpa, & a elle prouueſſe que vos caiſſem todos os Gouernadores, que não aueria na India tantos Portugueſes feitos mouros, que depois pelejão muito valentemente contra nos: & encinaõ aos mouros muitas couſas que naõ ſabião: a fora a ſer o que fiz o mor deſcargo da conſciencia que a V. A. podia fazer. E tinha eu que eſſe era hum dos mores ſeruiços que tinha feitos, & pera me V. A. fazer muita merce por elle.

P. Porq̃ fizeſtes merce a Simão de Mello, de cento & trinta pardaos?

R. Se foi feito merce a eſſe fidalgo, a mi me parece q̃ ſeria de mor cõtia, por que mais merecia: por q̃ ſempre foi capitaõ, & deu de comer a muita gente: & algũas vezes foi capitaõ mor de armadas, em que ſempre deu de ſi muito boa cõta. E eu a cerca das merces fui tão regiſtado, que em quatro annos poderia dar por mandado de V. A. trinta & dous mil cruzados (como ſe verá pello liuro do Secretario) & do meu caixaõ fiz merce, de mais de quatro mil & quinhentos cruzados, por ſoſter homẽs, q̃ muito mais merecião.

P. Porque deſtes a Simão de Souſa a Alcaldaria da Sunda, auendo na India outros homẽs de mais ſeruiço?

R. Ao tempo que iſſo deia Simão de Souſa, não achaua homem que la quiſeſſe ir, & elle ſe

offereceo com oitẽta homens que trazia de Portugal, & mores cargos cabiaõ nelle. E V. A. me escreuia que o prouesse: lembrandome seu pay Duarte Galuão, & dous irmãos que morreraõ na India. E por ao presente naõ auer com que o prouesse, me mandaua que o fizesse eu: & por isso lhe dei aquelle cargo que elle naõ logrou.

P. Porque mandastes vir prezo Rax Xarrafo de Ormuz, & depois o soltastes?

R. Porque o tinha Diogo de Mello prezo, & tanto que o soube, mãdei por elle pera o ter o inuerno na India, por ver que assento tomauaõ as cousas de Ormuz com sua prizão: & vindo o veraõ pus suas cousas em justiça, com os officiaes de V. A. capitaẽs, & caualeiros, & foi julgado, se tomasse pera sua casa, & fosse entregue de seu officio. Esta sentença, & assinados de todos se acharaõ nos meus papeis.

P. Porque fizestes merce de dinheiro a Diogo de Mello?

R. Esse fidalgo foi a India por capitaõ de Ormuz, & o Gouernador dom Duarte não lhe quis dar embarcaçaõ como era obrigado: & elle afretou por mil cruzados. E porque V. A. era obrigado alha dar & elle se ouue nas pendenças d'el Rey de Ormuz muito a seruiço de V. A. auendo respeito a tudo, lhe fiz merce desse dinheiro.

Acabadas estas perguntas, o mãdou elRey leuar outra vez ao castello donde se liurou: mas a sua sentença naõ a achamos neste estado, nem quem d'ella nos soubesse dar informaçaõ: somente o que atras temos dito, ser condenado nos ordenados de dous annos da gouernança pera Pero Mascarenhas. O que nisto passou mais se vera na Chronica d'elRey dom Ioaõ o terceiro, de cuja essencia saõ estas cousas.

CAPITVLO IX.

De como Antonio da Sylueira destruyo as cidades de Surrate, & Reynel, & outras villas, & pouoaçoẽs. E do que aconteceo a Diogo da Sylueira capitaõ mor do Malauar este veraõ.

PARTIDO Antonio da Sylueira de Goa com a armada, entrou na enceada de Cambaya, pera fazer toda a guerra que podesse aquelle reino, como leuaua por regimento. E chegando a boca do rio de Surrate, q̃ he maior de toda aquella enceada, & de mor trato & comercio: em que auia pouoaçoẽs mũy ricas, onde cõcorrião mercadores de todas as partes da India determinou de dar ali hum papo quente a seus soldados; porque cõ maior gosto proseguissem na guerra, por-

ra; porque a principal parte da vitoria está em homés contentes & satisfeitos. E assentando com os capitaés da naquelle cidade, deixou na boca do rio os nauios maiores, & com os de remo entrou pello rio açima, & de hũa, & d'outra banda, foi pondo a fogo & ferro muitas pouoaçoés que auia por ambas as partes, porque tudo se despouoou logo tanto que viraõ a armada, & seus moradores se recolheraõ pera a cidade de Reynel, que estaua pello rio açima quatro legoas, situada da banda do ponente, em hum campo múy razo, afastado da borda d'agoa hum tiro de falcão. Chamouse de Reynel, porque foi ali fundada pellos gentios Reyneis, que ja foraõ senhores de todo o reino de Cambaya, & então era pouoada de mouros Naitias, grandes ladroés, & cossairos, que he a mais baixa casta dos que seguem a ley de Mafamede; vsaõ a arte do mar, & todos saõ marinheiros, pilotos, & mestres: seguem os Arabes em sua seita; & por estes entrou aquella falsa ley de Mafamede naquelle reino de Cambaya, & d'ali se semeou por toda a India, & por todo o Oriente, assi nos reinos das terras firmes, como nos das ilhas de Samatrá, Iaoa, Borneo, Banda, Maluco, & todas as mais aonde chegauaõ com suas naos, que como homés zelosos da falsa seita, fazendo suas fazendas pregauaõ sua ley, a que conuerteraõ infinidade d'aquelles idolatras, & gentios. E tornando a nossa armada. Os naturaes de Reynel, tanto que tiueraõ d'ella rebate, pellos que yão fugindo de seu açoute, sabendo a destruiçaõ que yão fazendo, acodiraõ com muita preste za a se fortificar, ordenando nas bocas das suas tranqueiras de madeira, & na praya na parte da desembarcaçaõ outras muito fortes, que guarneceraõ de muitas peças de artelharia, lançandose quatro centos de caualo fora para defenderem a desembarcaçaõ aos nossos, que yão pello rio açima com a maré até chegarem defronte da cidade, donde lhes atiraraõ muitas bombardadas, de que naõ receberaõ dano algum. Antonio da Sylueira ordenou a armada em duas partes pera desembarcarem em differentes lugares; & chegandose bem a terra varejaraõ com os falcoés a praya de feiçaõ, que fizeraõ recolher os de caualo; & pondo logo a proa nella saltaraõ os nossos, lançando diante quatrocentos espingardeiros, que se poseraõ em hum esquadraõ, até desembarcar toda a mais gente: & sendo cometidos dos de cauallo, os fizeraõ afastar cõ morte de muitos. Postos os nossos em terra, fez o capitaõ mor dous esquadroés, dando hum delles com a diáteira a Manoel de Sousa, filho de hum irmão do Prior de Rates,

mancebo de grandes pensamentos, ficando o capitão mor com o outro em que leuaua a bandeira de Christo, Manoel de Sousa arremeteo com as tranqueiras, com grandes gritas, chamando por Saõ tiago, descarregando sua arcabuzaria nos que a defendião, que por hum grande espaço fizeraõ braua resistencia, mas não podendo soffrer mais o estrago que os nossos nelles fizeraõ, largando tudo se recolheraõ a cidade. Os nossos os foraõ seguindo, a te darem com as tranqueiras das bocas das ruas, & com aquella furia com que yão, pondolhe os peitos abolroaraõ por tudo a te as caualguarem, & entrarem a cidade, em que fizeraõ grandes estragos. Os imigos como yão de vencida, não parando dentro, foraõ atrauessando por ella, & varando pella banda do sertão, ficando a cidade em maõs dos nossos, com todo o seu recheio. Antonio da Sylueira chegando a entrada da cidade, porque não acontecesse algum desarranjo fez alto com a bandeira de Christo, & tocou caixa a recolher, o que todos logo fizeraõ. E lançando espias fora, sabendo serẽ os imigos recolhidos, & que tudo ficaua despejado entrou a cidade, mandando alguns capitaẽs tomar as entradas d'ella pella banda do sertão, pera maior segurança, & mandou aos soldados que a saqueassem muito francamente, o que elles começaraõ a fazer, entrando pellas casas que estauão macissas de fazendas, que escalaraõ, & roubaraõ as suas vontades. E foi o saco taõ grosso de dinheiro, marfim, roupas finas, drogas, & outras mercadorias, que não bastaraõ os nauios pera a quarta parte delle: & tudo o que sobejou mãdou Antonio da Sylueira queimar na praya, como taõbem se fez a cidade, com todo o mais recheio, que era muito grosso, que toda ardeo com espantosos terremotos, & a artelharia das tranqueiras (que era muita) por naõ auer em que a embarcar, a mãdou o capitaõ mor lançar no pego do rio, que foi mũy grande perda para os imigos, porque era toda de bronzo. E assi se pos o fogo a vinte naos que ali estauão, & a muitas Cotias carregadas de fazendas, mantimentos, & madeira: & foi o dano tal, que naõ perdoaraõ os nossos, a jardins, ortas, quintas muito ricas & frescas, que estauão ao derredor da cidade: o que tudo ficou raõ assolado, que não se enxergaraõ mais, que caruoẽs & cinza. Isto pos muito grande espanto & terror em todos os naturaes. Antonio da Sylueira como teue tudo assolado saiose pera fora com sua armada carregada de despojos, & foi correndo por toda a costa de Damão a te Agaçaim, dando em todos os lugares & villas com tanta presteza & crueldade, que parecia hum rayo assolador, que andaua sobre aquellas

aquellas terras, queimando, deſtruindo, catiuando hum grãde numero de gente, de que ſe chuſmaraõ as noſſas Galés. Em quanto eſtas couſas paſſaraõ, ſoccedeo hũa deſgraça múy grande a Franciſco Pereira de Berredó, capitaõ de Chaul: & foi que tendo o Tanadar de Chaul guerra com os capitaẽs del Rey de Cãbaya ſeus vezinhos, que lhe entraraõ por ſeus limites, & demarcaçoẽs, fazendolhe múy grandes danos. Pello que lhe foi forçado ſoccorrer ſe a Franciſco Pereira capitaõ de Chaul, fazendolhe requerimentos, que pello contrato das pazes eſtaua obrigado a lhe dar ſoccorro & ajuda contra ſeus imigos: que ſem ter licença do Gouernador, ajuntando cento & cincoenta de pé, & quaſi vinte de cauallo, em companhia do Tanadar de Chaul com a ſua gente, foraõ buſcar os imigos dali a mais de hũa legoa, que eraõ mais de duzentos de cauallo, & dous mil de pé: que vendo os noſſos ſeré taõ pouccos porque yaõ na dianteira, arremeteraõ com elles, & poſto que nos primeiros encontros fizeraõ os noſſos múy grande reſiſtencia, matando, & derribando muitos, toda uia como o numero era taõ deſigual, & de ventagem, & o Tanadar com os ſeus ſe poſ logo em deſbarate, ficando os noſſos tendo o pezo da batalha, carregando o poder todo ſobre elles, os romperaõ, & poſeraõ em fugida, matando muitos, ſaluandoſe Franciſco Pereira com múy grande trabalho & riſco. Eſta deſgraça ſentio tanto o Gouernador, que o mandou leuar prezo pera Goa. Antonio da Sylueira, que eſtaua no rio de Bombaim, tanto que ſoube deſte negocio, que lhe logo chegou, acodio a Chaul com toda a armada, com cuia chegada os imigos ſe recolheraõ. E por concluirmos com as couſas deſte veraõ de Antonio da Sylueira: elle ſe deixou andar por aquella coſta a reſto do veraõ, fazẽdo cruel guerra a Cambaya, até ſer tempo de ſe recolher a inuernar a Goa; aõde o deixaremos por continuarmos com Diogo da Sylueira capitaõ mor do Malauar.

Andaua eſte capitaõ por aquella coſta fazendo guerra aos mouros, & vindoſe o Gouernador recolhendo para Goa, depois de dar expediente as naos do reino, deixoulhe hum regimento, que ſe foſſe a Galecut ver com o Camorim, a tratar ſobre o negocio das pazes, com que a Cochim o mandou a palgar. Diogo da Sylueira foiſſe por ſobre aquella baya com toda a armada, & mandou viſitar o Camorim, & ſaber delle o modo que queria ter nas pazes que mandara cometer ao Gouernador. O Camorim recebeo eſte recado múy bem, moſtrando grandes deſejos de amizades, mandandolhe dizer que ſua vinda foſſe boa, que logo lhe reſponderia. & na verdade elle deſe-

jaua

jaua muito de acabar a guerra cõnoſco, porque lhe naõ vinha bem della: mas como os moutos, por quem ſe elle gouernaua, eraõ noſſos imigos mortaes, buſcaraõ todos os modos pera eſtoruarem as pazes como fizeraõ, traſtornando o Camorim de ſorte, que quando Diogo da Sylueira eſperaua por boa reposta, lhe acodio com deſpropositos bem grandes, de que elle tomado, ordenou de lhe queimar a cidade. E falando com alguns marinheiros noſſos, cometendoos que foſſẽ em ſegredo aquelle negocio, enſayandoos de como o auiaõ de fazer, contentandoos pera iſſo bem, offereceraõſe pera o que elle pretendia. Diogo da Sylueira mandou aſſeſtar a artelharia de toda a armada na frontaria da cidade, & hum dia de madrugada ſe foraõ a terra certos marinheiros em hũa almadia mũy pequena, & apartandoſe pozeraõ fogo a cidade da banda do mar com panellas de poluora, & como as caſas eraõ de folhas de palma ſecas, & o vento varejaua do mar, aſsi ſe ateeu, que parecia hum diluuio de fogo, recolhendoſe os marinheiros a almadia. A gẽte da cidade ſaltou fora das caſas acodindo pera apagar o fogo, & andando todos a pinhoados, deſcarregou a noſſa artelharia em meyo delles, & fez por toda a cidade hum notauel eſtrago. O fogo foi crecendo, & ſempre ſe conſumira toda, ſe o vento naõ acalmara: & pella muita diligencia que ſe pos, o apagaraõ, ficando todauia duzentas caſas feitas em cinza. Acabado eſte negocio, de que o Camorim ficou muito afrõtado, repartio Diogo da Sylueira ſua armada pellas bocas das barras dos rios principaes por onde coſtumauaõ ſair ſuas naos pera Meca, pera lhe impedirem a viagẽ, (que he a maior guerra que ſe lhe podia fazer) como de feito naõ poderaõ lançar nenhũa fora, no que todos receberaõ mũy grandes perdas, pello que os pozeraõ em grandes neceſsidades. E paſſado o tempo da nauegaçaõ, ajuntou o capitaõ mor ſua armada, & ſe foi recolhendo para Goa, & porque ja ya auiſado, que o ſenhor da cidade de Mangalor, vaſſalo d'elRey de Biſnaga, que era amigo do eſtado, mandaua fazendas do Camorim em ſuas naos pera Meca, o quis caſtigar por iſſo: & entrou aquelle rio de madrugada, ſem ſe os da terra recearem de couſa algũa, & chegados a cidade deſembarcaraõ logo nella, & acometeraõ pondolhe o fogo por muitas partes E poſto que logo acodiraõ os imigos, & ſe poſeraõ em defenſaõ, tanto apertaraõ os noſſos com elles, que com mortes de muitos os arrancaraõ da cidade, ficando os noſſos no meyo della, mandandoa eſcalar, queimar, & aſſolar, achandoſe muitas fazendas de que ſe os noſſos carregaraõ bem: & as

principaes foraõ, coral, cobre, azouque, roupas finas, de que se abarrotaraõ os nauios todos. Acharaõse na cidade perto de sesenta peças de artelharia, as mais d'ellas de brózo, que o capitaõ mor mandou recolher, & depois de naõ auer que queimar, pus tudo ser feito cinza, cortaraõ todos os palmares, & fazendas, que auia derredor da cidade, deixando tudo tão escalado, & destruido, que muitos annos naõ tornou a seu primeiro estado, & com isto feito se recolheo a Goa. O Gouernador despachou no cabo do veraõ, todas as cousas que auiaõ de ir pera fora. Gonçalo Pereira fidalgo, muy bom Christaõ, & muito bom caualeiro, pera a capitania de Maluco, de que era prouido, dandolhe hum Galeaõ, & outros nauios, & muitos prouimentos, assi pera Maluco, como pera Malaca, pronco Ormuz, Cananor, Cochim. Este Abril veyo a Goa Martim Afonso de Mello Iuzarte, có os Portugueses que com elle foraõ catiuos de Codauasem, que foraõ resgatados por ordẽ de Lopo Vaz de Saõ Payo, que a isso mandou Cogesabadim, q̃ os resgatou por tres mil cruzados, que o Gouernador lhe mãdou pagar muito bẽ, & recebeo aquelle fidalgo có muitas honras, fazendolhe merce de dinheiro, a elle & a todos os que có elle vieraõ, pera se vestirem, & remediarem: & com isto se serreou o inuerno.

CAPITVLO X.

Das cousas que aconteceraõ no estreito do mar roxo, & de como Mostafa Baxa, & el Rey de Xael foraõ cercar a cidade de Adem: & do que aconteceo a Eitor da Sylueira, naquelle estreito, & chegou a Adem, & favoreceo aquelle Rey, & o fez tributario ao de Portugal.

NO principio d'esta decada, demos larga conta da armada que o Turco mandaua contra os Portugueses, que naõ ouue effeito pellas desauenças de seus capitaẽs, & morte do seu General. & de como Mostafa sobrinho do Baxa morto, lançara maõ de toda sua casa, escrauos, thesouros, & em cinco Galés se fora para fora do estreito, por onde andou a ter Antonio de Miranda se recolher, ficando fazendo guerra ao Rey de Adem, em fauor d'el Rey de Xael, como ja atras dissemos, que anda naõ em guerras trauadas. E ja o veraõ que Antonio da Sylueira foi ao estreito, se valeo o Rey de Xael, de Mostafa contra o de Adem. E proseguindo na guerra os mandou chamar a Xael, para juntos a fazerem. E vendose todos, tratou com Mostafa conquistarem aquelle reino, fazendo entre si seus partidos: pello que desembarcaraõ sua artelharia,

telharia, theſouros, moniçoẽs, & gente, & ambos entraraõ pellas terras de Adem fazendolhe toda a guerra que poderaõ, no que gaſtarão eſte anno paſſado. E neſte em que andamos, ajuntando exercitos de mais de vinte mil homẽs, tornaraõ a por cerco à Adem pella banda do ſertaõ, onde fizeraõ ſeus vallos, & trincheiras, & aſſeſtarão a artelharia que Moſtafa tomou das Galès, & começaraõ a bater aquella cidade muy rijamente, mandandolhe tomar os paſſos todos, porque lhe não podeſſe entrar couſa algũa de prouimentos, com o que puzerão aquelle Rey em tamanho aperto, que ſem duuida ſe perdera, ſe não chegara aquelle porto a noſſa armada, de que era capitaõ Eitor da Sylueira, que como atràs diſſemos o Gouernador Nuno da Cunha deſpedio de Goa primeiro que ſe partiſſe pera Cochim, que ſe foi por a móte de Felix, onde as naos que vaõ pera o eſtreito de Meca vaõ demandar. Ali lhe vieraõ cair nas maõs algũas naos de mouros carregadas de pimenta, drogas, & roupas, que foraõ cometidas dos noſſos nauios: & poſto que fizeraõ bem de reſiſtencia, foraõ entradas, & aſſoladas, não deixando de cuſtar ſangue d'alguns que ſairão bem feridos. E paſſando as fazendas aos Galeoẽs da armada, deixaraõſe andar naquella paragem até fim de Março, em que ſe auião de recolher a inuernar a Ormuz. como leuaua por regimento. E fazendoſe à vela com as naos de preza, chegado ao porto de Adem ſurgirão, auendo ſeis meſes que aquella cidade eſtaua de cerco. Sabendo Eitor da Sylueira o aperto em que eſtaua, mandou viſitar elRey, & dizerlhe, que por ſaber o trabalho em que eſtaua o vinha ſoccorrer com aquella armada, cheа de muitos & valeroſos ſoldados, todos cõ muito grande deſejo de ſe arriſcarem por ſeu ſeruiço a tudo: que elle eſtaua ali preſtes pera o fauorecer & ajudar naquella guerra, & que eſtiueſſe de bom animo, porq̃ elle o ajudaria a lançar os turcos fora da terra, por que ſeria muito grande dano de toda Arábia merem pé em algũa parte d'ella, por que eraõ gentes infames, & crueis, & onde quer que chegauaõ vſauão grandes tyrannias, & não guardauão fe, nem palaura a peſſoa algũa. Iſto lhe mãdou dizer, porque ſe eſtiueſſe aballado, pella neceſsidade em que eſtaua, a algũa couſa, o tiraſſe de ſua determinaçaõ, com lhe repreſentar os turcos de maneira, que lhe ficaſſem odioſos, & auorrecidos. ElRey que eſtaua medrozo, & atemorizado, eſtimou muito os offerecimentos de Eitor da Sylueira, mandandolhe muitos agardecimentos, & dizerlhe, que pois o ſoccorria em tal tempo, que elle por ſe não moſtrar ingrato, ſe queria fazer vaſſalo d'elRey de

Portu-

Portugal, com as condiçoẽs que fossem justas, pera lhe ficar assi mor obrigaçaõ de o ajudar, & fauorecer: que mandasse a elle hũa pessoa, pera assentar as pazes, & contratos. Eitor da Sylueira mandou logo hum homem de recado, com apontamentos, & poderes, para assentar as pazes; que foi bẽ recebido. E praticando com elRey sobre aquelle negocio, concluirão os capitulos seguintes.

Que elRey de Adem se fazia vassalo d'elRey dom Ioaõ de Portugal, & de todos seus descendentes, com dez mil pardaos d'ouro de pareas cada anno, de que logo entregaria mil & quinhentos (como entregou) pera com elles se fazer em Ormuz hũa coroa d'ouro pera elRey, que se lhe mandaria nas primeiras naos, em primicias d'aquelle tributo.

Que as naos d'elRey de Adem, & de seus mercadores, poderião liuremente nauegar para todas as partes que quizessem, tirando pera Meca, sem nossas armadas entenderem com ellas. E disto diz Castanheda que se fizeraõ papeis, que nos buscamos bẽm nos cartorios da India, de que não achamos rasto, nem no liuro do feitor desta armada, que todo corremos, nem no do feitor que entaõ era em Ormuz achamos carregados estes mil & quinhentos cruzados, onde era obrigaçaõ estarem reçeitados: por onde naõ sabemos onde está a verdade disto, mais que acharmolo em algũas lembranças de mão, & referido em Castanheda, que concorreo neste tempo, & naõ auia de escreuer sem fundamento.

E tornando a nossa historia, os turcos tanto que ali viraõ a nossa armada, leuantaraõ logo o cerco, & se foraõ pera Xael, porque naõ fossem os nossos tomarlhe a sua cidade. Eitor da Sylueira tanto que teue nouas disto, que lhas enuiou elRey, mandoulhe pedir licença, & a despedirse d'elle, & deu a vela pera Ormuz, deixando ali hum nauio de remo, pera fazer arribar as naos aquelle porto, de que era capitão hum foaõ Carualho: ficando em Adem alguns Portugueses, que se quiseraõ fazer mercadores. Chegou a armada a Ormuz onde inuernou, & quasi meyo do inuerno faleceo Christouaõ de Mendoça capitaõ d'aquella fortaleza, & socedeo Belchior de Sousa, por hũa prouisaõ que lhe deixou Nuno da Cunha. Partido Eitor da Sylueira de Adem, chegou aquelle porto hũa nao de Portuguezes carregada de fazendas, & como aquelle Rey tudo o que fez foi com medo, & necessidade, tanto que se vio desassombrado assi da nossa armada, como da dos turcos, quisse pagar dos mil & quinhentos pardaos que dera, & lançou maõ dos mercadores, & fazendas, mandando cortar as cabeças a todos. E assi tomou

mou o nauio de remo, & mandou matar todos os que nelle andauão.

CAPITVLO XI.

Das couſas que acõteceraõ em Maluco, entre Portugueſes & Caſtelhanos, & de cõmo dom Iorge de Meneſes, os cercou na fortaleza de Tidore, & ſe deu ao partido, com condiçaõ que ſe ſaiſſem daquellas ilhas.

TEMOS deixado as couſas de Maluco em tregoas quebradas, antre os noſſos, & os Caſtelhanos: que de trezentos que eraõ, ja naõ auia mais de cento, porque os mais gaſtou a terra, & as infermidades cauſadas das demaſias a que ſe deraõ: eſtes dornaraõ a reedificar & fortalecer os baſtiaes & fortes, que Martim Inhegues fabricou tobre a baya d'aquella cidade, em que ſe recolheraõ, porque taõ bem ſe naõ fiauão da gente da terra, tanto que ſe deſcuidaſſem. E como eſtauão ja deſpezos viuiaõ cõ trabalho: & eſtauão taõ enfadados, & mó menos o eſtauão os noſſos em Ternate, porque de nenhũa parte viaõ virlhes ſocorro, nem da India, nem de Malaca, eſtando com os olhos longos eſperando por dom Iorge de Craſtõ, pera verſe lhe trazia algum de Banda, onde tinha ido: por que auiaõ que na India ſe naõ fazia conta d'aquellas ilhas. O que os tinha poſtos em muito grande deſconfiança, porque totalmente eſtauaõ faltos de tudo, & na fortaleza naõ auia mais de cento & vinte homẽs. De maneira que aſsi os noſſos, como os Caſtelhanos, eſtauaõ em hum eſtado taõ miſeraueł, que ſe os naturaes daquellas ilhas quiſeraõ entender nelles, facilliſsimamente poderaõ extinguir ambas aquellas naçoẽs. Mas como todos eſtauão com o olho no grande intereſſe que do comercio de hũs, & de outros tinhaõ, naõ ſelhes entrou nunca eſta imaginaçaõ, antes parecia que por elles os amauão mais, do que ſe amauão Portugueſes & Caſtelhanos, ſendo de hũa meſma lei, & taõ conjuntos per natureza, & parenteſco, que quaſi eraõ hũs: & cada Rey daquelles eſtaua taõ cioſo do que tinha em ſeu reino, que auião que os ares lhos furtauião. Neſte tempo chegou dõ Iorge de Craſtõ (que como atras diſſemos foi a ilha de Banda, ver ſe achaua algũs nauios noſſos, pera tomar algũs prouimentos & gente,) que nada troixe, porque algũs que achou de mercadores Portugueſes, zombaraõ d'elle, & naõ lhe quiſeraõ dar fuas fazendas, por quão mal os viſo Reys & capitaẽs pagauão as que lhe da-

uam

uão.

uaõ, pera suas necessidades. Em quanto estes em Banda, el Rey de Tidore mandou alguns homens seus em companhia d'alguns Castelhanos aquellas ilhas, a solicitar o comercio, & amizades d'ellas pera el Rey de Castella, engradecendolhe seu estado, grandeza, & poder, & abastendo o de Portugal, & quasi que tiuerão conuencidos todos aquelles Bandezes a seguirem a parte de Castella: o que não bastou como Rey de Bachaõ (com que meteraõ muito cabedal neste negocio), pera deixar o seruiço d'el Rey de Portugal, & amizades dos Portugueses, o que fez ao cõtrario do Rey de Geilolo, que se aluoroçou a parte de Castella, & os fauoreceu a guerra cõtra os Portugueses. Socedeo neste mesmo tẽpo arribar a não de Aluaro de Sayauedra, que atras deixamos partido de Tidore pera a nossa Espanha, carregada de trabalho, que por infortunios que na mar teue, & enfermidades que deraõ em todos, faleceo delle, & a mor parte da gẽte, & a não cõ pouco os que lhe ficaraõ, tornou a arribar as ilhas de Maluco, & não pode tomar senão o porto de Camafo, da ilha do Moro. Diogo de Lemos segundo do Iorge de Menezes sendo capitaõ de Maluco, armado, & armado algũas Outocoraas, & naũios, q̃ ainda não estauão acabados, abarcando se cõ algũs Portugueses, & Cachil Dalmoro tomarão a Tarnate, & dando fogo na povoação do Cabaço, onde as Castelhanos estauão perdidos, & desbaratados q̃ logo se entregaraõ a dõ Iorge, & elle os trouxe cõsigo fazẽdas pera a fortaleza, onde os mãdou curar, & agasalhar muito bẽ, mandando Fernão de la Torre pedirlhos, a que elle não respondeo a proposito. Isto conta o clerigo Francisco Lopez de Gomara na sua historia das Indias, & do Mexico, fol. 82. por bem differente maneira, & muito fora da verdade: porque diz, que dom Iorge catiuou esta gente em Malaca, onde ella fora ter, & que dous annos tiuera todos em carcere, em que morreraõ dez Espanhoes, sendo a verdade o que temos cõtado; & dõ Iorge de Menezes tratou tão bem estes Espanhoes, como se foraõ proprios naturaes: nem elles d'aquella arribada foraõ a Malaca, nem foi dom Iorge de Castro o que os soltou, se não dom Iorge de Menezes, & o verdadeiro padre foi mal informado, ou teue pouco escrupulo de alcunhar aos Portugueses este alcuno. Quasi nesta mesma conjunção se armaraõ alguns senhores da ilha do Moro em guerra contra os Portugueses, & Imuna cõ companhia mandou Fernão de la Torre cincoenta Castelhanos, pera que vissem aquelles Reys, q̃ em estava cõfederados,

o como acodião a fauorecellos. Disto foi logo auisado dom Iorge de Meneses, & sabendo que em Tidore, naõ ficaraõ mais que quarenta, ou cincoenta Castelhanos, determinou de dar naquella ilha, não descobrindo a pessoa algũa sua tençaõ, & fez prestes algũas embarcações, pedindo a Cachil Daroes, que o acõpanhasse cõ suas Coracoras, porq̃ determinaua de ir pelejar cõ a armada de Tidore, & de Geilolo, que andauão fora, o que elle fez cõ a milhor gente que tinha. E dom Iorge de Meneses entregando a fortaleza a Gomez Arres com vinte Portugueses, embarcousse, leuando todos os mais de Ternate, cuidando todos que yã buscar o imigo. E sem dar conta a ninguem de sua tençaõ se fez na volta de Tidore, onde chegou de madrugada, & desembarcando em terra sem ser sentido, cometeo a cidade, onde naõ achou quem lha defendesse, mandando logo por a ferro & a fogo tudo. El Rey que era moço, com alguns que o seguirão, acolheose pera a serra, & estene muito perto de ser catiuo. Dõ Iorge não se sayo da cidade a ca deixar toda assolada, & feita cinza, & como não teue que fazer, foi por terco ao forte em que estauão os Castelhanos, a quem mandou requerer que se entregassem, que elle os deixaria ir honradamente, saõs, & saluos com suas armas & fazendas, & naõ quisessem que terras de gentes taõ barbaras como aquellas fossẽ banhadas com sangue Christão: & que era mũy grande escandalo pera todo o mũdo, sendo dhũa mesma ley, & quasi naturaes, estarem tão diuidos, & tomarem armas huns contra outros, em meyo de imigos que desejauão de lhes beberẽ o sangue: que o Emperador naõ se auia d'auer por seruido disso, nem do direito d'aquellas ilhas ficar nas armas, senaõ na rezaõ, & na justica. A este recado respõdeo Fernão de la Torre cõ palauras mũy soberbas & arrogantes: pello que dõ Iorge mandou desembarcar algũas peças d'artelharia, & assestalas na parte que lhe milhor pareceo, & mandou bater o forte, & ordenar escadas pera lhe dar assalto: o que visto por Fernão de la Torre, mandou pedir seguro a dom Iorge pera se ver com elle, que lho mandou: & logo veyo acompanhado d'alguns poucos. Dom Iorge o sayo a receber fazendolhe grandes honras & gasalhados, & praticando sobre estas cousas, auendo altercaçaõ de parte a parte, vierão á se concluir em pazes antre ambos, com as cõdiçoẽs seguintes.

Que os Castelhanos se saissem d'aquellas ilhas, & se fossẽ pera o lugar de Camaso, na costa do Mar, pera o que dom Iorge lhe daria embarcações para se passarem lá, onde estarião a ter vir recado de Espanha, & de Portugal, pera ve-

sem a determinaçaõ que aquelles Reys tomaõ sobre as cousas destas ilhas.

E que estarião sem tratarem, nem comprarem cravo algum.

E que tornariaõ a ilha de Maquiem que tinhaõ tomado a el Rey de Ternate, & naõ seriaõ contra elle, nem contra o de Bachaõ, nem ajudariaõ a el Rey de Tidore, nem a o de Geilolo contra Portugueses, nem contra os Reys seus confederados.

E que se fariaõ entrega hus aos outros de tudo o que tinhaõ toma-

do na guerra. De tudo se fizeraõ autos & papeis assinados por todos, & juraraõ as pazes solennemente: & logo se fizeraõ entrega das cousas que tinhaõ, & do lorge lhes deu embarcaçoẽs pera todas suas cousas, & os mandou por no lugar de Camafo, do de Fernaõ de la Torre despedio no Galeaõ da carreira hũ Pero de Montemor com cartas pera o Gouernador da India, em que lhe pedia embarcaçaõ, & despacho, pera se passar com todos os Castelhanos à India, & assi os deixaremos até seu tempo.

LIVRO VII. DA QVARTA DE CADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Do contrato, & concerto, que el Rey dom Ioaõ fez, com o Emperador Carlos quinto, sobre as ilhas de Maluco: & da armada que este anno partio do reino.

COMO o Emperador Carlos, quinto, que este anno passado de vinte noue se tinha coroado, por Emperador de Alemanha, estaua muito despezo, pellas continuas guerras em que andaua, & as differenças entre elle, & el Rey dom Ioaõ de Portugal o terceiro: sobre as cousas de Maluco, estauão cada vez mais acezas, & o grande parentesco, & amizade, que antre elles auia, era muito grande freyo, pera não romperem de todo: ordenaraõ de tomar hum meyo honesto neste negocio, com que se acabassem as contendas todas, pera o que fizeraõ seus procuradores bastantes, pera determinarem a causa, que se ajuntaraõ na cidade de Saragoça, onde concluiraõ sobre as cousas de Maluco, & fizeraõ hum

contrato, cujo theor de verbo ad verbum he o seguinte.

A vinte & dous dias de Abril, de mil, quinhentos, vinte, & noue annos na cidade de Saragoça de Aragão, forão juntos Mercurio de Gatinara, Conde de Gatinara, Chanceler mor do Emperador Carlos quinto Rey de Castella, & dom Frei Garcia de Loyasa Bispo Dosma, seu confessor, & dom Frey Garcia de Padilha, comendador maior de Calatraua, procuradores de sua Majestade, & Francisco dos couos seu Secretario, & Escriuão & notario publico, & o Lecenceado Antonio d'Azeuedo Coutinho, Embaixador & Procurador d'elRey dom Ioaõ o terceiro de Portugal. E disseraõ os tres procuradores de sua Majestade, que em seu nome & por virtude de sua procuraçaõ vendiaõ, como deste o venderaõ, d'aquelle dia pera sempre a elRey de Portugal, & todos seus sucessores da coroa de seus reinos, todo o direito, auçaõ, dominio, propriedade, possessaõ, ou quasi possessaõ, & todo direito de nauegar, contratar, & comerciar por qualquer modo que fosse, q̃ o Emperador Rey de Castella dizia, & podia ter, por qualquer via, modo, & maneira que fosse em Maluco, cõ os lugares, & terras, mares, segundo seria ao diante declarado, por preço de trezentos & cincoenta mil cruzados d'ouro & prata que valessem em Castella trezentos & setenta & cinco marauedis cada hũ. E que em qualquer tẽpo q̃ o Emperador & seus socessores tornarẽ o dito dinheiro sem lhe faltar cousa algũa a elRey de Portugal & seus socessores, fica a dita venda desfeita, ficando cada hum com o direito que tinha dantes. E pera se saber a repartiçaõ auiaõ por deitada hũa linha de polo a polo, por hum semicirculo que distasse de Maluco ao Nordeste, tomando a quarta de Leste dezanoue graos, a que respondiaõ dezasete graos escassos em a Equinocial, em que montauaõ duzentas nouenta & sete legoas & mea a Oriente de Maluco, dando dezasete legoas & mea por graõ Equinocial, em cujo meridiano, & rumo de Nordeste, & quarta de Leste, estauaõ situadas as ilhas das Velas por onde passaua a dita linha & semicirculo. E sendo caso que as ditas ilhas estiuessem ou distassem mais ou menos de Maluco, todauia a dita linha ficasse lançada nas ditas duzentas nouenta & sete legoas & mea, mais a Oriente de Maluco; do que se farião dous padroẽs iguaes assinados por os Reys, & sellados de seus sellos, pera ficar a cada hum o seu, pera seus vassallos saberem por onde auião de nauegar.

Que em qualquer tempo que elRey de Portugal quizesse quẽ se visse o dereito da propriedade de Ma-

de Maluco, & as terras contendas no contrato, posto que o Emperador naõ tenha tornado o preço, nem o contrato fosse resoluto, cada hum dos ditos senhores nomeasse tres Astrologos, & tres Pilotos, que se ajuntariaõ em hum dos lugares da arraya que lhe fosse nomeado, aonde assentarião da maneira em que se auia de ir ver o direito da propriedade, conforme as capitulaçoẽs feitas étre os Reys Catolicos, & elRey dom loaõ o segundo de Portugal. E sendo caso que se julgasse o direito por Castella, naõ se executaria, nem vsaria de tal sentença, sem primeiro tornar realmente os trezentos & cincoenta mil cruzados. E que sendo julgado o dereito por elRey de Portugal, seria obrigado o Emperador tornar o dito dinheiro, do dia da sentença a quatro annos primeiros seguintes.

E vindo de qualquer parte algũas drogas, ou especiarias aos reinos de Castella, ou Portugal, serião depositadas a te se saber se eraõ da parte que cabião a Portugal ou Castella, & darse yão a quem pertencessem. E sendo leuadas a terra dos imigos, cada hum dos Reys as poderia pedir por autos, sem outro poder, nem procuraçaõ; o que se naõ entenderia nas que fossem pera elRey de Portugal.

Que da dita linha pera dentro naõ poderiõ as naos do Emperador, nem de seus subditos, & vassallos, nẽ de algũas outras pessoas, entrar com seu fauor & ajuda, nem sem ella tratar, nauegar, comerciar, nem carregar cousa algũa de qualquer maneira & sorte que fosse; & quem o contrario fizesse seria preso por qualquer capitaõ, ou justiça d'elRey de Portugal, & por elles ouuidos, & castigados, como cossairos, quebrantadores da paz, & não sendo achados dentro da linha, & indo ter a algũ porto outro do Emperador, as suas justiças os prẽderiõ & castigarião, como lhe fossem mostrados autos, & pesquisas porque fossem obrigados.

Que o Emperador por si, nem por outrẽ, naõ enuiaria as ditas ilhas, & mares dẽtro da dita linha, nẽ cõsentiriaõ que la fossem seus vassallos naturaes nẽ estrangeiros, posto que naturaes, nem vassallos fossem, nem lhes daria fauor, nem ajuda, antes seria obrigado a defendelo, quanto nelle fosse, & mãdando, ou dando fauor, ou ajuda, & o não estoruasse, & defendesse, que o dito pacto de retro vendido ficasse logo resoluto. E elRey de Portugal naõ seria mais obrigado a receber o dito preço, nem a retro vẽder o direito & auçaõ q̃ o dito Emperador por qualquer maneira podia ter nelle: antes por virtude do contrato tinha vendido, renunciado, & trespassado e elRey de Portugal, & pello dito

firme & irrevogauel, pura & va-
lida pera sempre. Nesta pena
não encorreria, quando algũs seus
vassallos, nauegando por esse mar
do Sul, entrasse com fortuna & tem-
po fortuito a dita linha, por-
que então serião bem tratados co-
mo vassallos d'elRey de Portugal,
& do Emperador seu irmão: & ces-
sando a necessidade, se torna-
rião logo a sair. E passando a dita
linha por ignorancia não encorre-
rião por isso em pena, a tempo não
poderem que estavão d'entro, & se
não saissem, & descobrindoos que
assi entrauão algũas terras ou ilhas
dentro da linha, serião d'elRey de
Portugal, como se as descobrissem
seus capitães & vassallos.

Que as naos do Emperador, &
de seus vassallos & naturaes, pode-
rião nauegar pellos mares, por on-
de as armadas d'elRey de Portu-
gal vão pera a India, tanto quan-
to lhe fosse necessario pera tomar
sua derrota pera o effeito
de Magalhães: & nauegando mais
pellos ditos mares d'elRey de Por-
tugal encorrerão nas ditas penas
acima declaradas, & todos serião
vassallados pellos capitães d'elRey
de Portugal, se por elles fossem a-
chados, indo certas terras do
Emperador, o serião por elles, &
seus justiças, mandandolhe as cu-
pas, em que incorrerão da infra-
ção do contrato sem embargo
de que não entenderia nas armas
das que o Emperador tinha já

dadas áquellas partes, & dó dia
da outorgado contrato em diante,
não poderia mandar ou-
tras de nouo, sem encorrer nas di-
tas penas.

Que elRey de Portugal, não po-
deria fazer nem mandar fazer d'e-
stro da dita linha, nenhũa fortaleza
de nouo, nem se faria naquella fei-
ta, obra de nouo, mas poder
se ya sustentar no estado em que
então estaua & iuraria de o assi
comprir.

Que as armadas que o Empe-
rador la tinha mandadas, serião
bem tratadas, & fauorecidas, co-
mo se fossem d'elRey de Portu-
gal, & não lhes fosse posto embar-
aço, nem impedimento a sua na-
uegação, & contratação: & que se
dano algum ouuessem recebido,
ou recebessem, ou lhe tiuessem to-
mado algũas cousas, seria obriga-
do elRey de Portugal, emendar, &
satisfazer, & pagar logo no em que
o Emperador & seus subditos ou-
uessem sido danificados, & de má-
dar punir os que o fizerão, & de
prouer com que as ditas armadas
podessem ir quãdo quisessem sem
impedimento algum, & o Empera-
dor mandaria logo suas prouisões
para os que estiuessem no dito Ma-
luco, fazerem logo delle, & não o fo-
zessem, não tratarião mais cousa algũa, & lhes
deixarião trazer o que tiuessem
resgatado, cõtratado, & carregado.

Que nas prouisões & cartas q
ás cerca deste contrato o Empera-

dor auia de paſſar, diria ſi que dito era, ſe aſſentaua, capitulaua, cõ trataua, valeſſem bem como ſe foſſe feito, & paſſado em cortes geraes, com o conſentimento expreſſo dos procuradores d'ellas; & que pera validiçaõ diſſo, de ſeu poderio real abſoluto, de q̃ como Rey & ſenhor natural, naõ reconhecente ſuperior em o temporal, ouueſſe de vſar, & vſaua, abrogaua, & derogaua, caſſaua, & annulaua a ſuplicaçaõ que os procuradores das cidades, & villas de ſeus reinos, em as cortes que ſe celebraraõ na cidade de Toledo o anno paſſado de vinte & cinco lhe fizeraõ, a cerca do tocante a contrataçaõ das ditas ilhas & terras, & a reposta que a ello dera, & qualquer ley que em as ditas cortes ſe fez, & todas as outras que a iſto podeſſem obſtar.

Que elRey de Portugal (porq̃ alguns ſubditos do Emperador, & outros de fora de ſeus reinos que o yão ſeruir, ſe queixauão que na caſa da India, & ſeu reino, lhes tinhaõ embaraçadas ſuas fazendas) prometeſſe de mandar fazer clara, aberta, & liure juſtiça, ſem ter reſpeito ao nojo que delles podeſſem ter.

Que as capitulaçoẽs feitas entre os Reys Catholicos, & elRey dõ Joaõ o ſegundo de Portugal, ſobre a demarcaçaõ do mar Oceano, ficaſſem firmes, & valioſas em todo & por todo como nellas era cõtido tirando as couſas em que por eſte contrato lhe era dado, em modo que a venda ficaſſe deſfeita, em tal caſo as ditas capitulaçoẽs feitas entre os Reys Catholicos, & el Rey dom Joaõ, ficaſſe em toda ſua força, & vigor.

Que poſto que o dereito, & auçaõ, que o Emperador dizia ter em Maluco, que aſsi pello modo ſobre dito vendia, valeſſe mais da metade do juſto preço, do que por elle lhe dauão, & ſabia certo, por certa informaçaõ de peſſoas que o bẽ ſabiaõ, & entendiaõ, que era de muito mayor eſtima da metade do juſto preço, & por muito mais grande valia que foſſe, o Emperador a demenuja de ſeus ſoceſſores, & deſmembraua da coroa, de ſeus reinos realmente, durando o tempo do contrato.

Que qualquer das partes que foſſe contra o contrato, ou parte d'elle, por ſi, ou por outrem, ou por qualquer via & modo que foſſe penſado, perdeſſe o dereito que tinha, & ficaſſe logo tudo aplicado, junto, & acquirido, à outra parte que por elle eſtiueſſe, & a coroa de ſeus reinos, ſem pera iſſo o que contra elle foſſe ſer mais citado, ouuido, nem requerido, nem ſer neceſſario pera iſſo ſentença d'algũ juiz, averiguandoſe, & prouandoſe primeiramente o mandado, & conſentimento ou fauor da parte que contra elle foſſe. E alem diſſo pagara dezoito mil cruzados

douro

douro ou prata à outra parte de pena, em que encorrerião tantas quantas vezes cõtra elle foſſe, em parte, ou em todo, & a pena leuada ou naõ leuada, o contrato ficaria valioſo, & firme ja mais pera o que eſtiueſſe por elle. Para o que obrigauaõ todos os ſeus bens, patrimoniaes, & fiſcaes dos conſtituintes, & das coroas de ſeus reinos, & juraraõ ſolennemente, & prometeraõ de em nenhum tempo irem contra o contrato, em parte nem em todo, por ſi, nem por outrem, em juizo, nem fora d'elle, por nenhũa maneira que penſarſe podeſſe. E que em nenhum tempo por ſi nem por outrem pedirião relaxaçaõ do juramento ao ſanto Padre, nem a outro que pera iſſo o poder tiueſſe. E poſto que ſua ſantidade, ou quem pera iſſo poder tiueſſe ſem lhe ſer pedido, de ſeu propio motu lhes relaxaſſe o dito juramento, que o naõ aceitarião, nem em nenhum tempo vſarião da dita relaxaçaõ, nem ſe ajudarião d'elle por nenhũa via nem maneira que podeſſe ſer. Cõ iſto ficou o reino deſaliuado, & el Rey mandou negociar ſeis naos para mandar à India, que partiraõ entrada de Março, ſem capitaõ mor. Os capitaes d'ellas eraõ, Franciſco de Souſa Tauares, Fernão Camello, Vicente Pegado, Manuel de Brito, Pero Lopez de ſaõ Payo, & Luis Aluarez de Paiua. E mandou os contratos de Maluco, pera la eſtarem regiſtados. De ſua jornada a diante daremos rezão.

CAPITVLO II.

Dos grandes apercebimentos que o Gouernador Nuno da Cunha fez pera continuar na guerra de Cambaja, & da muito grande & poderoſa armada com que partio pera Dyo.

COMO o Gouernador a principal couſa que trazia encomẽdada d'el Rey, era o negocio de Dyo, determinou de por eſte veraõ as maõs aquella obra, pera o que mandou ajuntar, & negociar, mũy grandes apercebimẽtos pera aquella jornada, em que ſe auia de meter toda a potencia do eſtado, & eſcreueo no inuerno a Afonſo Mexia, capitaõ & veador da fazenda de Cochim, que lhe fizeſſe preſtes todos os nauios que naquelle porto ouueſſe, aſsi d'elRey, como de partes, & pagaſſe toda a gente que podeſſe achar pera elles, & lhes mandaria dar embarcaçoẽs, ſoldos, & mantimentos, porque naõ queria que gaſtaſſem de ſua fazenda couſa algũa: pera o que paſſou prouiſoẽs ao veador da fazenda, & a todos os officiaes, pera fazerem eſtas deſpe-

zas, encomendando a todos
gente d'elRey de Cochim ſe
izeſſe muitos mimos, & ne-
n agrauo: gaſtando o Gouer-
r todo o inuerno no aperce
nto da armada, & das cou-
ceſſarias pera a jornada, viſi-
o todos os dias em peſſoa a
a das naos Galeoẽs, & Galés,
ue auia mil homẽs Portugue
denados pera ſeu ſeruiço, an-
eſtres, pilotos, bombardeiros,
ites, carpinteiros, & marinhei
endo & prouendo os alma-
e artelharia, munições, & má
ntos: de todas as couſas neceſ
pera a jornada, no que gaſ-
os dias da ſomana, & aos Do
os atarde ſe ya ao campo cõ
ſoldadeſca que auia em Goa,
lando fazer barreiras, aque to
atirauão com ſuas eſpinguar
pera os adeſtrar & exercitar,
que daua no aluo leuaua hũ
preço que o Gouernador ali
a logo pera iſſo, & o meſmo
aos bombardeiros, dando &
ndo pagas a todos, com o que
uaõ contentes, & ſatisfeitos:
imauão muito ſuas armas, &
gardas, trazendoas limpas, &
aladas, & não empenhadas
s tauernas pera comer, como
em outro tempo vimos, por
naõ pagarem. Neſtes exerci-
gaſtou o Gouernador todo o
rno, & tanto que o veraõ en-
começou por a armada no
, & mandar embarcar moni-
çoẽs, mantimentos, & artelharia,
eſcadas, & todos os outros petre-
chos de bataria, & de eſcalar forta-
lezas. E nos primeiros nauios de
mercadores que foraõ pera Cam-
baya, deſpedio dous mercadores
gentios, que tinhaõ ſuas caſas em
Goa, homẽs de recado, & confian-
ça: pera irem a Cambaya, & a
Dyo, eſpiarem as couſas como eſta
uaõ, & verem a fortaleza gente &
artelharia que nella eſtaua, pera
lhe ſaberem da rezão, auiſandoos
que lançaſſem fama, da grande ar
mada & poder, com que elle fica-
ua no mar, encarecendolhes tudo
o que podeſſem ſua potencia, por
que com a fama deſte terror ſe mo
ueſſe Melique Tocão, irmão de
Melique Saca (que então era ſe-
nhor d'aquella ilha) a fazer com
elle pazes, & a lhe dar a fortaleza,
dandolhes por regimento, que ate
vinte de Ianeiro ſeguinte foſſe ter
com elle a ilha de Beth, aonde os
eſperaria. Deſpedidos eſtes homẽs,
ficou o Gouernador Nuno da Cu
nha eſperando pellas naos que a-
uião de vir do reino, que não tarda
raõ mais que a te dez de Setem-
bro, em que vinhaõ dous mil ho-
mẽs, gente mũy limpa, & mũy luſ
troſa, com que o Gouernador fol-
gou muito pera a jornada, & an-
tre as inſtrucções que o Gouerna-
dor teue d'elRey, era hũa: que má
daſſe Afonſo Mexia pera Portu-
gal, & que lhe fizeſſe inuentario de
toda ſua fazenda, que lhe manda-
ria

ria repartida pellas naos, entregue a pessoas de confiança pera se dar no reino, aquem elRey mandasse, & que prouesse o cargo de veador da fazenda, aquem lhe bem parecesse, & isto mandou pellas culpas & capitolos q̃ Pero Mascarenhas deu contra elle. O Gouernador despedio prouisoẽs a Cochim sobre este negocio, & não achamos a pessoa aquem o encomendou, somente a receita que se fez de toda a fazenda de Afonso Mexia, que era muita pedraria, perolas, pessas douro & prata, alcatifas, & outras cousas ricas, que tudo se carregou sobre Manoel de Sá, feitor, & thesoureiro de Cochim, & se entregou a os capitaens das naos, em que o mesmo Afonso Mexia se embarcou em laneiro, de trinta & hum, & o cargo de veador da fazenda naõ quis o Gouernador prouer, dizendo que elle faria tudo, porque era homem, que entendia mũy bẽ a ordem d'ella, como quem o era de todo o reino. Escreueo taõbem a elRey de Cochim, & aos officiaes, que dessem pressa à gente q̃ lhe auia de mandar, & a armada toda que la auia, por que só por isso esperaua, que se fazia prestes com muita diligencia, por que tinha el Rey dados mil & quinhentos naires pera a jornada, que se repartião por quinze ou vinte nauios d'el Rey, & de partes, que Afonso Mexia tinha pera isso negociados. E o Arel de Porca taõbem se fez prestes, com gente sua, & tres nauios, pera ir acõpanhar o Gouernador nesta jornada, & assi a elle, como à gente d'elRey de Cochim, se lhe deu todo o necessario mũy compridamente, & toda esta armada partio a te quinze de Nouembro. O Gouernador deu grande expediente à escritura do reino, & ao despacho das naos, despedindoas para irem tomar sua carga. E ficando desoccupado mandou fazer gẽte da terra pellas ilhas de Goa, & de todas ajuntou mil & quinhentos lascarins, os que lhe milhor pareceraõ pera as armas, que repartio por naiques, & capitaẽs, fazendolhes suas pagas, & dandolhes seus mantimentos & embarcaçoẽs separadas. E fazendo alardo da gẽte Portugueza, que estaua pera ir n'aquella jornada, achou quatro mil homẽs, em que entrauão muitos fidalgos & caualeiros. E mandando embarcar tudo, & tendo a festa do Natal em terra, depois de estar aos officios, em que comungou, & o mesmo fez a mor parte da gente, se embarcou, & se fez a vela, com cento & oitenta velas, em que entrauaõ trinta naos, Galeoẽs, Carauelas, doze Galés, tres Barcassas, & tudo mais Galeotas, Fustas, Bargantins, Tauris, & outras embarcaçoẽs da terra, & os capitaẽs que nesta jornada o acompanharaõ, dos que podemos saber os nomes, saõ os seguintes. Antonio de Saldanha, Diogo da

teira, Garçia de Sá, Antonio da
ueira, Manoel d'Albuquerque,
o Vasco de Lima, Iorge de Li-
, Tristão Homem, Francisco
iá, Ruy Vaz Pereira, Antonio
iá o Rume, Nuno Pereira de
erda, Iorge Cabral, Manoel de
sa, Martim Afonso de Mello
arte, Francisco de Vascõcellos,
guel Carualho, Vasco Pirez de
Payo, Antrique de Macedo,
reim de Freitas, Eitor da Syluei
dom Roque Tello, Gõçalo Vaz
utinho, Manoel de Miranda,
noel Rodriguez Coutinho,
ristouão de Paiua, que ya por
or da armada, Ruy de Mello,
po Pinto filho do Bailio de Le-
Pero Botelho, Iorge de Sousa,
tonio da Cunha, Francisco de
sa, Antonio da Sylua, Lopo de
squita, & outros muitos fidal-
, & caualeiros. E da barra de
a, despedio o Gouernador al-
s Catures ligeiros pera que fos-
esperar a armada que vinha
Cochim, & darlhe presta arte
aul, onde a esperaua: & elle foi
indo seu caminho até chegar
ella cidade, onde foi muito bẽ
ebido do capitão, & posto, &
tado do Tanadar de Chaul de
a. Aqui se deteue o Gouerna-
alguns dias até chegar a arma
de Cochim q̃ não tardou mui-
com o que perfez de vantagem
duzentas velas, & com todas jũ
foi a Baçaim, donde atraues-
a outra costa, & em tres dias
foi auer vista da ilha de Beth, oito
legoas de Dyo, & d'algũas embar-
caçoẽs que tomou n'aquella costa
soube, que naquella ilha estaua hũ
capitão d'elRey de Cãbaya, turco
de naçaõ, com dous mil homẽs de
guerra. E chamando os capitães a
cõselho, lhes disse, q̃ elle estaua de-
terminado de dar naquella ilha, &
meter todos os que nella estiuessẽ
à espada, assi pera terror & espan-
to dos de Dyo, (porque não aguar
dassem a experimentar outra tal
crueza, & lhes dessem a fortaleza
liuremente,) como pera terem me
nos aquelles dous mil homẽs que
eraõ os escolhidos de Cambaya:
que forçado a viaõ de ir soccorrer
Melique Tocaõ, & era bõ naõ lhe
deixarmas costas aquelle soccor-
ro. Aos capitães lhes pareceo bẽ es
ta determinaçaõ (que foi causa de
se perder a empreza de Dyo, por-
que se logo o cometeraõ sem duui
da o tomara.) O Gouernador mã-
dou logo rodear a ilha pellos na-
uios ligeiros, porque se naõ saisse
d'ella. Tinha elRey de Cambaya
esta gente nesta ilha, porque se re-
ceaua que mandasse o Gouerna-
dor fazer ali algũa fortaleza, por
meterem pé no reino de Cãbaya,
como ja por algũas vezes se ten-
tou: & tinha este capitaõ hũ forte
muy arrezoado sobre hum rezo
no meyo da ilha, pera seu recolhi
mento, & defensaõ, com muita ar
telharia, & munições.

CAP.

CAPITVLO III.

De como o Gouernador Nuno da Cunha cometeo a ilha de Beth, & a tomou, & do espantoso caso que nella socedeo, por que se deu aquella ilha o nome que oje tem, da ilha dos mortos.

VRTO o Gouernador de derredor da ilha, mandou (recado ao capitão Turco que lhe entregasse aquella ilha, & se pozesse em suas mãos com toda a gente, ficando á sua mercee, & que vsaria com elles de piedade. O capitão turco mandou hum mouro honrado, que foi leuado ao Galeão do Gouernador, & vendo á porta da camara daquella armada, fiou com elle de feitiçaõ, que por hum espaço não falou. Passado aquelle primeiro termo disse ao Gouernador, q̃ o capitão daquella ilha lho mandara dizer, que se espantaua muito delle, indo cõ hũa armada tão poderosa sobre a fortaleza de Dyo, querer se embarcar em cousa tão pequena como era aquella ilha: q̃ lhe fazia a saber, que elle, & todos os que com elle estauão, auião de morrer sobre sua defensão, & que não faria mais (querendo se meter,) que quebrantar os espiritos dos seus soldados, porque posto q̃ elles matassem todos quantos ahi estauão naquella ilha, não auia de ser tanto a seu salmo, que lhe não custasse muito: & assi ficariaõ atterrados da furia que leuauão contra Dyo. O Gouernador o tornou a despedir mandandolhe dizer, q̃ se se não entregasse á sua mercee, não vsaria de piedade algũa com elles: por isso que se determinasse até o outro dia. Isto foi contra o parecer de todos os capitães, porque cuidauão que o turco lhes mandaua conselho de amigo, & assi disseraõ algũs ao Gouernador que lhes parecia bem dissimular cõ aquelle negocio, porque se ali lhe acontecesse hum desastre, ficariaõ os soldados taõ medrozos, & quebrantados, que depois não poderiaõ fazer cousa algũa em Dyo, pera o que lhe era necessario os homens saõs, & muito ousados. O Gouernador não aceitando aquelles conselhos, mandou dar ordem a desembarcação. O capitão da ilha vendo a resolução da repulsa do Gouernador (segundo diz Fernão Lopez de Castanheda, & outros) tornou lhe a mandar dizer pello mesmo mouro, que deixasse sair da ilha com suas pessoas, mulheres, armas, & fazendas, lha entregaria logo livre & desembaraçada. Mas algũs homens casados de Dyo, que se acharaõ nesta jornada nos disseraõ (imitando nos naquella fortaleza) que o turco com medo

os mais

os mais, eſtauão tão obſtinados, que não quiſerão cometer partido algum, como o mouro que andaua com os recados, os perſuadir muito a iſſo, depreſentando-lhes a potencia daquella armada, & o perigo que todos corrião. Mas o mais certo he, que por tres vezes mandou o capitão eſſe mouro falar com o Gouernador ſobre concertos, mas, não querendo nunca aceitar outros ſe não os que primeiro pedio, nem o Gouernador querêrſe decer da ſua primeira opinião. O que viſto pello Embaixador, da derradeira vez, vendo o deſengano do Gouernador, deixouſe ficar no Galeão por ſaluar ſua peſſoa, porque ſabia o propoſito com que eſtauão os da ilha. O Gouernador mandou fazer preſtes as couſas neceſſarias pera ao outro dia deſembarcar, dando a dianteira a Eitor da Sylueita, & de toda a gente fez ſeis bandeiras, de que erão capitães Eitor da Sylueira, Antonio de Saldanha, Diogo da Sylueira, Garcia de Sá, Antonio da Sylueira, & a outra era a do Gouernador, que leuaua a bandeira de Chriſto. E deu ordem aos capitães das bandeiras, que deſembarcaſſem pella ilha em roda, em differentes paragens por que ainda que os imigos ſe determinaſſem a lhes defender a deſembarcação, não podeſſem acodir a tantas partes. O Gouernador mandou mudar toda a gente aos nauios de remos, & aos bateis das naos & Galeões, dando tantas embarcações a cada capitão, pera por ſuas partes cometerem a ilha. Ao outro dia pella manhã, forão cometer a terra, onde ſaltou Eitor da Sylueira com a ſua bandeira, pera quem ſe paſſarão muitos auentureiros, & fez em terra hum eſquadrão de mais de mil homens. Os mais capitães ſaó bem deſembarcarão nas partes aſsinaladas a cada hum, & forão ſe ajuntar a Eitor da Sylueira, & o Gouernador deſembarcou por derradeiro, ſem auer em alguã d'eſtas partes reſiſtencia. Poſtos todos em terra, mandou o Gouernador deſembarcar algũas peças d'artelharia pera bater a fortaleza, & muitas eſcadas pera a eſcalar; negociado tudo forão marchando pera a fortaleza, & a tiro de falcão d'ella, aſſentarão o arrayal, fortificandoo logo a roda com ſeus vallos, & trincheiras fortes. Ao outro dia ſe começou a bataria com tanta força que lhe derrubou algũas partes, por onde ja ſe podia cometer; durou iſſo a tarde a noite. Ao outro dia prepararão-ſe pera lhes darem o aſſalto. Os de dentro vendoſe d'aquella maneira, deſconfiados de todo o remedio, & entendendo bem que os Portugueſes lhe auião d'entrar a fortaleza por força, & que

forçado todos os que dentro eſtauão auião de morrer em ſua defenſaõ, & que ſuas molheres, filhos, & fazendas, naõ poderião deixar de ficar por deſpojos a os Portugueſes, o que ſentiaõ em eſtremo. E trazendolhe o demonio hum brutaliſſimo remedio a memoria, ajuntou o capitaõ todos os mouros, & lhes fez eſta breue arenga.

Bem vedes amigos & companheiros meus, como tentei todos os remedios, quantos a honra & a obrigação mederaõ lugar, por ver ſe podia ſaluar as molheres, & filhos, de todos os que aqui eſtamos, que he o que ſó deſeja ua: pois que nos como ſomos homẽs mais auemos de pretender hũa morte honroſa, que vida com vituperio, de que naõ podemos eſcapar, ſegũdo eſtes imigos eſtão encarniſſados contranos. Mas por que depois de todos acabados em noſſo officio, & obrigaçaõ, naõ fiquem noſſas molheres & filhos em ſeu poder, nem as fazendas que cõ tanto trabalho acquirimos: ſou de parecer, que antes ſe conſuma tudo a noſſas maõs entregandoas ao duro fogo, pera que as gaſte & conſuma, & depois com odio deſta magoa mais entranhauel, & com aira deſta crueza mais açeza, ſayamos aos imigos, & tomemos nelles vingança d'eſta deshumanidade que auemos de vſar, cõ noſſas proprias molheres & filhos. E quando todos acabarmos a ſuas maõs, não lhes ficara couſa de que ſe poſſaõ louuar de nos, & aſsi ficaremos hum raro exemplo ao mundo. A todos pareceo bem aquelle conſelho, & ſaindoſe d'ali com aquella furia, cada hum ſe foi a ſua caſa, & nos innocentes filhos & molheres, que eſtauão reponſando, banharaõ as crueis eſpadas, abrindolhes as entranhas ſem piedade algũa (o que todos fizeraõ em hum meſmo tempo) naõ perdoando a pays, máys, molheres, filhos, irmãos, nẽ a toda mais gente & familia. Eſta crueza executaraõ, ſem lhes mouer as entranhas, o choro do tenro filho, nem as lagrimas, & piadoſas lamentaçoẽs da chara, & amada eſpoſa. Acabado eſte ſanguinoſo, & cruel expectaculo, tomaraõ todas ſuas fazendas, ouro, prata, drogas, alcatifas, & todos os mais moueis ricos, & corioſos, & poſto tudo em hum grãde monte, no terreiro da fortaleza, ajuntandolhe muita lenha, & palha, lhe puzeraõ fogo, começando a arder tudo ſoberbiſsimamente. E tomando os corpos das molheres, filhos, & mais familia, que eſtauão ainda palpitando, & reuoluendoſe no quente ſangue, os foraõ lãçar no meyo d'aquellas ardentes chamas, conſumindoſe tudo em cinza, em hum muito breue eſpaço. Imitando n'eſta brutal façanha os antigos Numantinos. Foraõ viſtas dos noſſos aquel

las

las chamas & labaredas com muito grande espanto, sem poderem cuidar o que seria. Feito aquelle barbaro incendio, ajuntaraõse setecentos dos principaes, & foraõse á Mesquita, & nella fizerão grandes votos á Mafamede, de morrerem todos em vingança d'aquelles innocentes: & pera final daquelle voto, raparão logo ali as cabeças a maneira das tonsuras dos nossos clerigos; que he hũa superstiçaõ que vsaõ os que se offereçem a morrer, & a desprezar a vida. A estes homens chamão na India, amoucos, de quem em outra parte daremos mais particular rezaõ. Passada aquella desesperadã, & triste noite, pera elles; em rompendo a lux da manhã, poseraõse os nossos em ordem de escalar a fortaleza, leuando pera isso suas escadas, mantas, vaiuens, & todas as mais cousas necessarias, & remetendo cõ os muros por quatro partes, arrudraraõ logo nelles suas escadas. Eitor da Sylueira que foi o primeiro esquadraõ, foi demandar a porta, com grande estrondo, & alaridos dos nossos, & encostando as escadas huns começarão a sobir & outros arrombar as portas. Os mouros como estauão tão desesperados, apresentaraõse naquelles lugares por que se repartiraõ, pondose nelles em defensaõ, esperando ali a morte a pè quedo, ferindo & matando taõbem nos nossos, bem à sua vóntade. Depois da referta da subida durar por espaço de hũa hora, caualgaraõ os Portugueses o muro, o que não foi tanto a seu saluo, que não custasse a vida a Eitor da Sylueira, que ficou caido de hũa bombardada que lhe deu por hũa perna, de que logo cayo: & sendo recolhido & leuado aos nauios, foi curado, mas como tinha seu termo acabado, não durou mais de tres dias, (o q foi grande perda pera a India, por ser hum dos capitaes que em seu tempo cruue, & dino por certo de ficar aquella ilha mais famosa no mundo por sua morte, que naõ pella causa, porque oje he conhecida nelle.) E tornando aos nossos: subidos nos muros, foraõ matando & ferindo nos imigos, que naõ fogião à morte, antes se offereciaõ a ella, trabalhando pella vingar. Neste tropel foi morto o capitão turco, que primeiro fez espantosas caualarias, & não achamos a certeza de quem o matou. Os seus tanto que se viraõ sem capitão, começaraõ a desordenarse, & os nossos a matar nelles, sem perdoarem a algum.

Contasse aqui hum caso espantoso, & foi, que arremetendo hum soldado nosso com hũa lança nas maõs a hum daquelles amoucos, naõ fez elle mais que darlhe a barriga a lança, & metendose por ella, foi correndo pella astea a diante a te

chegar ao soldado, & lhe deu hũa cutilada por hũa perna, que lha decepou toda, caindo ambos mortos a hum tempo. A porta da fortaleza foi arrombada, entrando por ella todo o mais corpo de gente, com o que se acabou de conseguir aquelle negocio, não escapando de dous mil mouros que eraõ, hum só. E desta crueza, & da que elles executaraõ com suas molheres & filhos, se deu houue mente nome aquella ilha chamandose a dos mortos. Todauia não foi isto sem perda, porque na entrada morreraõ dez a sete Portugueses, em que entraraõ alguns fidalgos mancebos, & feridos passaraõ de cento & vinte. Acabado este negocio forão dar busca a fortaleza, & não acharaõ mais que a quentezinha, de todas as riquezas, molheres, & meninos, daquella ilha, & só das armas dos mouros se aproueitaraõ.

CAPITVLO VIII.

De como chegou a Dyo Mostafa Baxa, & todos os mais turcos que estauão em Xael, & forte ficaraõ naquella ilha: & de como o Gouernador Nuno da Cunha cometeo a fortaleza de Dyo, & se retirou com dano seu.

DESTRVIDA & assolada a ilha dos mortos, mandou o Gouernador embarcar algũas peças d'artelharia que se acharaõ, com municoẽs, & mantimentos. Feito isto embarcouse o Gouernador, deixandose ficar naquelle porto, esperando pellas espias que tinha mandado a Dyo, como que não continuamos, porque o deixamos pera aqui. Foraõ estes homens aquella ilha, onde andaraõ vendo & notando tudo, mas pellas grandes guardas & vigias q̃ auia na fortaleza, naõ poderaõ entrar nella. E porque no mesmo tempo socedeo chegar aquella ilha Mostafa Baxa (como logo diremos.) ficaraõse entretendo, por verem a ordem que logo deu pera defensaõ d'ella. O Gouernador passados oito dias, que se ali detinha, vendo que lhe não vinha auiso de cousa algũa, deu a vela pera Dyo, & esta detença foi a total saluaçaõ da fortaleza, & ilha de Dyo, & perdiçaõ d'esta jornada. Porque espalhandose a fama da potencia da armada Portugueza, ficou d'ella taõ assombrado Melique Tocão, & ainda o ficou mais depois que soube a crueza da ilha dos mortos, que acabante aquelle feito se fora, logo o Gouernador sorgir sobre aquella ilha, sem duuida

se lhe

solhe despejara toda, & alcansara o que tanto desejaua, sem golpe d'espada. Mas quis a fortuna que naquelles dias que se deteue esperando pellas espias, chegassem aquella ilha os turcos. Mostafa, Cogeçofar, & outros, que como dissemos, depois de descercarem Adem se forão inuernar a Xael, & de duas naos q̃ ali auia, fizeraõ dous Galeoẽs em que se embarcaraõ, com todos os seus thesouros, & artelharia, & entraraõ pella barra de Dyo tres dias antes que o Gouernador chegasse, Melique Tocão os recebeo com grandes honras, & lhes deu conta da armada Portuguesa, & do negocio da ilha dos mortos. Mostafa sentindo nelle grande medo, & temor, lhe disse que se segurasse, que elle lhe defenderia aquella fortaleza, a outro mor poder & armada que aquella. Cõ isto ficou Melique Tocão desaliuado, & lhe entregou o gouerno de tudo, que elle tomou a sua conta; começando logo a entender nas cousas que conuinhaõ pera a defensaõ da cidade: deitando fora d'ella toda a gente inutil, deixando só a que podia tomar armas, que seriaõ dez mil homẽs, & mandou com muita pressa reedificar, & fortalecer os muros, & baluartes, guarnecendoos de muita artelharia, pondo n'elles por capitaẽs, Rumes de sua companhia, & por derredor dos muros da banda de fora mandou fazer muitas minas cheias de poluora, pera se os nossos quisessem cometer os muros com escadas, lhe darem fogo. Pella mesma maneira prouco o baluarte do mar, (que defende a entrada da barra,) de artelharia, & de muniçoẽs, pondo nelle hũm capitaõ Rume, com hũa companhia de soldados. E a cadea de ferro que Melique As ordenou pera defensaõ da entrada do rio, mandou que se reformasse, & a atrauessou do baluarte do mar a te o outro da terra, que estaua no lugar em que oje esta a nossa fortaleza, ficando a cadea pouco mais de hum palmo escondida debaixo d'agoa. E quando queria entrar algũa embarcaçaõ sua, abaixauão tudo o que queriaõ, & a tornauaõ a aleuãtar, com çabrestantes, que pera isso tinhaõ sempre guarnecidos. Isto tudo estaua feito quando o Gouernador sorgio sobre aquella ilha, que foi a quatro de Feuereiro, cobrindo todo aquelle mar com a sua armada, que era cousa que naõ deixou de fazer temor, & espanto a todos. O Gouernador tratou logo com os capitaẽs, sobre o modo de como se auia de cometer aquella entrada, porque depois de estarem d'entro tratariaõ do que mais compria. Por todos foi assentado, que sem se ganhar primeiro o baluarte do mar, se naõ poderia fazer cousa algũa, que se tratasse de o ganhar, & o outro de sobre a barra, & que então depois Deos

encaminharia aquelle negocio como fosse seu seruiço. Com esta resolução encommendou o Gouernador a bataria destes baluartes a estes capitães ss. aos tres das Galés, que erão Francisco de Sá dos oculos, Antonio de Sá o Rume, & Nuno Fernandez Pereira, mãdou que se chegassem bem ao baluarte do mar, & forgisse perto delle, pera o baterem, & tres barcassas que leuauão pera isto, de que fez capitães dom Vasco de Lima, Iorge de Lima, & Tristão homem, que estauão guarnecidas de fortes arrombadas, com bazaliscos & agueas reaes, mandou que batessem o mesmo baluarte por outra parte, & encarregou mais a noue capitães que erão Manoel d'Albuquerque de hũa Galeaça, Iorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Afonso de Mello Iuzarte, Francisco de Vasconcellos, todos quatro capitães de Galés, pera que cometessẽ o baluarte de Diogo Lopez de Siqueira, que estaua pella banda da costa braua, porque se assentou q̃ lançassem por ali taõbem gente em terra. E o baluarte de sobre a barra da outra banda do mar, encarregou a bataria delle a quatro capitaes. ss. Miguel Carualho de hũa albitoça, & Vasco Pirez de saõ Payo, Anrique de Maçedo, & Martim de Freitas, em outras tres barcassas, com suas mantas & arrombadas. E Antonio da Sylueira cõ trinta nauios de remo, mandou q̃ fosse fauorecer os que batião os baluartes da barra, & toda a mais armada repartio por outras partes da banda de fora, para diuertir os imigos. E todo aquelle dia que ali chegarão, & a noite seguinte gastarão todos em se fazerem prestes pera a bataria. E tanto que rompeo a luz da manhã fez o Gouernador final aos nauios, que arrancarão cada hum pera o posto que lhe era ordenado: & as barcassas que auião de cometer o baluarte do mar, forão endereitando com elle, & o dianteiro foi o dom Vasco de Lima, fidalgo mancebo & desejoso de ganhar honra, que largou por popa hum estandarte todo negro, com hũa morte pintada taõ fea, & medonha, como o ella he, diuiza que entristiçeo a todos: & parece que nella proferizou a morte que ali recebeo. Dos baluartes do mar & da terra, em vendo leuar as embarcaçoẽs, começarão a dessparar aquella furia infernal de bombardas, taõ espessas que parecia chouerem pelouros do ceo, & foi a fumaça ramanha, & taõ grossa, que perderão os nauios a vista do baluarte, & os bõbardeiros naõ vião onde apontar sua artelharia. Dom Vasco de Lima com muito grande animo, sem lhe dar dos pelouros que chouião d'entro na sua barcassa, mandou remar auante, & disse ao patraõ d'ella que lhe pozesse a proa no baluarte, que não se contentaua o seu animo, se não das

couſas que parecião impoſsiueis, porque elle lhas fazia todas façeis. Mas Deos que tinha poſto ali ſeu termo, permitio que lhe deſſe hũa bombardada pella cabeça que logo lha fez em pedaços, & matou outro ſoldado, que eſtaua junto d'elle, com iſto ſe teue a barcaſſa, & tornou pera tras, porque ja naõ tinha quem a mandaua de auante, & quem animaua a todos os que nella yão. Os outros capitaẽs das barcaſſas naõ menos animoſos quiſerão paſſar auante, mas a multidão dos pelouros os deteue: & o meſmo aconteceo em todas as outras partes que foraõ cometidas dos noſſos, em que forão tão fuſtigados, da artelharia, que ſe tornarão a recolher deſtroçados, & com alguns nauios arrombados, & muitos mortos & feridos. O Gouernador bem vio que tinha feito erro n'aquelle negocio, & que ali não fatia mais, que arriſcar toda a armada, porque tãobem elle la no ſeu Galeão, não eſtaua tanto a ſeu ſaluo, que lhes não feriſſem as bombardadas muitos homẽs, & fazendo ſinal a recolher, elle ſe afaſtou pera fora, tendo recebido nos nauios, grãdes danos. Recolhidos os nauios, o Gouernador muy triſte, & maléconizado pello ſoceſſo, deu a vela, & fés ſe na volta de Chaul, & do caminho deſpedio Antonio de Saldanha com quarenta nauios ligeiros, pera ir fazer guerra por toda a enceada de Cambaya. Chegado o Gouernador a Chaul, deſpachou Antonio da Sylueira pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, & aſsi proueo em algũas couſas. Dali ſe paſſou a Goa, & deſpachou logo Garçia de Sâ pera ir entrar na capitania de Malaca, por acabar ſeu tempo Pero de Faria, mandando prouimentos pera Maluco. Moſtafa Baxa, tanto que o Gouernador ſe partio de Dyo, logo ſe partio pera a cidade de Amadaba, com todos os de ſua companhia, & ſe apreſentaraõ ao Soltão Badur, offerecendoſe lhes para o ſeruirem, o que elle eſtimou muito, pella fama que d'elles tinha d'aquelle negocio de Dyo. Ficando Moſtafa Baxa grande ſeu aceito, & lhe deu o titulo de Rumecan, que quer dizer, o ſenhor Rumẽ, & o fez General de ſeu exercito.

CAPITVLO V.

Da grande & cruel guerra, que Antonio de Saldanha fez por toda a enceada de Cambaya.

PARTADO Antonio de Saldanha do Gouernador, como diſſemos, tornouſe a paſſar a ilha dos mortos, para d'ali começar a guerra. D'ali foi de longo da coſta pella enceada d'entro, queimando, deſtruindo, & aſſolando todos os lugares

gares marítimos, como foraõ, Madrefaqual, Faloja, Gengimelu: não perdoando em todos estes lugares a sexo, nem a idade alguã, nem ainda aos brutos animaes, porque a este fenecião a furia dos nossos. E porque creo por nouas que a cidade de Goá, que era hũa das mayores, & mais opulentas em trato, riquezas, & poder, de todas as de Canbaya, ordenou de dar nella, pera o que lhe foi necessario ir-se detendo, & esperando por agoas viuas, pella poder entrar dentro. Jaz esta cidade quasi no cabo da enseada, da banda do poente, especificada em hum estilo muy raro, & em algũas ruinas de edificios que ainda hoje se vem, parece que foi antigamente, cousa muito grãde, & sabrea da de algũs estrangeiros, porque em muitas partes mostra ainda pedaços de muros müy largos, de que ella foi toda cercada, todos de cantaria, d'hũa pedra parda, que cada hũa hé de mais de quatro palmos de comprido, & muito perto de tres de largo, & outro tanto de alto, que se não liaõ hũas com outras com betume, nem cal, somente feitas hũas encaixas no meyo de cada pedra em igual distancia, com hũas mechas de pao ferro, é que as pedras de çima se vão encaixar, tão justas, & tão primas, que parece parede de hũa so pedra. E no modo d'este edificio, andando o nos vendo, & notando, nos pareceo obra dos Chins, que deuião ja de ser senhores d'algũas partes d'aquelle primor, como vimos nos espantosos edificios dos pagodes da ilha de Salcete, que sem duuida se tem por obra sua. Está esta cidade de Goá assentada da agoa hum tiro de berço, pera onde se entra por hum esteiro que chega ao bem dentro da povoação, de hũa vaza tão solta, & delgada, que fumiu qualquer cousa que lhe lançarem. Este esteiro será de largura de pouco mais de hum tiro de pedra, & nas agoas viuas metem por elle suas naos, porque fica tendo mais de quatro braças de fundo, & quando vaza fica tudo seco: & espraya alta maré tanto, que escaçamente se alcança com a vista; & em certas partes tem canais, & poços, onde as naos surgem. Este esteiro entra por derredor da cidade, que quasi a cerca, & fenece se por algũas pontes pera fora. Além d'este esteiro, que lhe servia de cava está a cidade fortificada com algũas tranqueiras nas partes quebradas que vão fechar no antigo muro, & por nenhũa parte se podia defenbarcar, se não entrando pello esteiro, porque todo a roda por todas as partes era alagadiço. Antonio de Saldanha tanto que as agoas vierão, tomando Pilotos que sabião os canaes & entradas, foi demandar a cidade entrando pello esteiro dentro com toda a armada, & chegando ao caiz, saltárão todos em

terra

terra com grandes grites, & alaridos posto que acharaõ em terra hum corpo de mais de dous mil homens, que acodiraõ a lhes defender a desembarcaçaõ, mas a artelharia das fustas os fez afastar pera fora. Postos todos em terra arremeterão com os imigos, com que trauaraõ hũa boa batalha, mas affi apertaraõ com elles, que com morte de muitos os arrancaraõ do campo leuandoos diante de si a tè a çidade, em que entraraõ de enuolta. Os imigos como yão cortados do medo, vararão logo pella outra parte do Sertão, deixando a cidade em maõs dos nossos, que meteraõ a espada toda a cousa viua que acharão, naõ perdoando nem aos tenros meninos nas teras das mãys, que apertandoos comsigo, eraõ passados ambos da cruel alabarda, & da aguda espada: vsando nisto crueldade alhea de natureza Portugues, mas pareceo assi necessario pera terror. Antonio de Saldanha mandou dar fogo a cidade, por se não embaraçarem os seus soldados com os despojos d'ella de que alguns não deixaraõ de se carregar bem. Isto foi tão apressado, que antes que a marè se acabasse tornaraõ a sair pera fora, dãdo fogo a vinte & cinco nauios q estauão no esteiro, carregados de roupas, drogas, & outras fazendas, o que tudo se consumio em cinza, como taõ bem o fez á cidade, ficãdo os mais dos moradores de Cambaya pobrissimos: porque como ali era a mor escala do reino, todos tinhaõ ali suas fazendas. Antonio de Saldanha passouse a outra costa por onde destruyo muitos lugares, como foraõ, Balcar, Tarapor, May, Quelme, Agaçaim, até o rio de Bandorá, deixando tudo metido a ferro, & a fogo, & a gente toda em pranto: porque os que poderaõ saluar suas pessoas, huns perderaõ molheres, outros filhos, outros fazendas. De sorte que em todo o reino de Cambaya, outra cousa naõ auia, se não prantos, queixas, & lamentaçoes, com que os miseraueis acodiraõ a corte, sem auer quem lhes desse remedio a seus males: o que elRey sentio em estremo, porque lhes naõ podia ser bom aquellas cousas. Antonio de Saldanha gastou por aqui todo o veraõ, & sendo tempo de se recolher a Goa o fez, deixando Diogo da Sylueira com vinte nauios, pera ficar por aquella costa o resto do veraõ, & pera ficar inuernando em Chaul, como leuaua por regimento, pera no principio do veraõ tornar a continuar n'aquella guerra. Diogo da Sylueira tornou a voltar a te Daman, fazendo muitos danos por toda aquella costa, & tomando muitas embarcaçoes q se recolhião pera os portos de Cambaya, & como lhe deraõ ameaços do inuerno recolheose a Chaul.

CAP.

CAPITVLO VI.

Das desauenças que o Accedecan teue com o Idalcan, & das preeminencias d'aquelle cargo: & de como deu a el Rey de Portugal as terras firmes de Salçete, & Bardes.

NA segunda decada de Ioão de Barros, se deu conta d'aquelle Cufo Larym, que em tẽpo de Afonso d'Albuquerque veyo sobre Goa a segunda vez que a tomou. E por que muitas vezes pello descurso da historia auemos de falar n'elle, o daremos a conhecer.

Era este mouro natural do reino de Lara, vezinho ao de Ormuz, seu proprio nome era Cufo, & por que era natural do reino de Lara, tomando o sobre nome da terra, ficouse chamando Cufo Larym. Este sendo mancebo veyo ter ao reino do Idalcan, & se pos com elle a soldo, seruindo o nas guerras cõtra os Portugueses taõbem, que vagando o cargo de Accedecan do reino (que em dignidade correspõde ao de Condestabre do reino) lho deu a elle, & cõ isso inda mais o gouerno do Concan, pera onde se elle foi, & ordenou pera sua estancia a fortaleza de Ponda, que mandou fazer de nouo pera sua segurança, por que ficaua muito vezinho da ilha de Goa. Este cargo de Accedecan n'este reino he de tamanha preeminencia, que quem o tem, não entra em casa d'elRey a lhe fazer cortezia, a que elles chamão sumbaya, nem guarda n'isto a ordem dos outros capitães que he esta. Ha n'aquelle reino trinta ou quarenta d'elles, em que entraõ algũs de dez mil homẽs, outros de tres, & quatro mil: outros de menos conforme as terras que lhes daõ, porque segundo seu rendimento, assi lhes assinão a gẽte que aõde ter, & sustentar. De maneira que sempre nestes reinos do Decã tem aquelles Reys perto de quarenta mil homẽs de cauallo, de ordinario pagos, & á todas as horas que quizer por se com elles em campo, o pode fazer. Estes capitães saõ obrigados a ir à corte todas as lũas nouas, a dar vista a elRey, & a lhe fazerẽ sua veneraçaõ, & sumbaya, por esta maneira. Assoma se elRey a hũa varãda, que cae sobre hum campo mũy formoso, & grãde por onde vaõ os capitães passando cada hum por si, com suas insignias, & bandeiras de suas cores, com seus instrumentos de guerra, camelos, & elefantes, diante tudo por sua ordem, & emparelhando com a varanda em que elRey esta fazem sua sumbaya, que he ir com a mão direita ao chaõ, & depois polla sobre suas cabeças: em final que tomão a terra debaixo dos pés d'elRey, & assi como vão passandó lhos vaõ dando a conhecer,

nhecer, os que eſtão com elle. Só o Accedecan guarda outra ordem, porque não tem mais obrigaçaõ, que certas vezes no anno ir fazer eſta ſumbaya a elRey, & ao dia que ade ſer, caualga elRey, & vai a hũa quinta fora da cidade a folgar, aonde o Accedecan vai cõ dez ou doze mil caualos que ſuſtenta, & faz ſua ſumbaya: ſe elRey eſtá a caualo, a caualo: & ſe a pe, a pe: quando ſe aſſenta he a mão direita d'elRey, acima de todos os capitaés & ſenhores do reino, porque precede a todos. Eſte Cufo Larym (como he natural em todos, os reinos, ſerem enuejados os que mais podem) foi mexiricado cõ elRey, que lhe começou a ter ma vontade, do que elle foi auiſado: & receandoſe que vieſſe perder o lugar que tinha, & ainda a vida, (porque pera hum d'eſtes Reys cortar a cabeça, naõ ſó a ſeu capitão, mas a ſeu irmão, baſta hum pequeno mexirico,) querendo ſegurar a ſua com os Portugueſes, carteouſe cõ o Gouernador Nuno da Cunha, & lhe offereceo as terras firmes de Salçete, & Bardes, que ja foraõ do eſtado, pella doaçaõ que d'ellas fez elRey de Biſnagua, cujas foraõ ſendo o Gouernador Diogo Lopez de Siqueira no eſtreito, & Ruy de Mello capitão da cidade de Goa, que logo foi tomar poſſe d'ellas, como ſe verá na terceira decada de Ioaõ de Barros. Eſtas terras deu o Accedecan com condiçaõ, que ſe o Idalcan foſſe ſobre elle q o recolheſſem em Goa, com toda ſua fazenda & familia, & lhe deſſem ſeguramente embarcaçaõ pera ſe paſſar a Meca, ou a Cãbaya. D'iſto lhe paſſou o Gouernador ſeguros Reaes, & fizeraõ ſeus papeis. E logo mandou tomar poſſe d'aquellas terras pello capitaõ da cidade, & pello Tanadar mor, a quem os officiaes do Accedecan as entregaraõ liuremente, pondo nellas recebedores de ſua mão, & recolhendo os foraes, para por elles ſe arrecadarẽ as rendas das aldeas. E pera ſegurança d'ellas, mandou o Gouernador fazer hũa tranqueira no lugar de Mardor, junto da aldea Verna, duas legoas de Agaçaim, onde eſtaua hũ pagode muito forte, que o capitão mandou cercar de paredes groſſas, ficando elle no meyo como caualeiro, & nelle deixou por capitão Chriſtouão de Figueiredo, Tanadar mor de Goa, com duzentos Portugueſes, & muitos piaés da terra. D'ali começou a grangear os naturais mandando ſeguros a muitos que andauaõ auſentes, & de ſorte negoçeou iſto, que acodiraõ todos com ſeus foros, mas não durou iſto mais de tres annos, porque tornaraõ as terras ao Idalcan, como no fim d'eſta decada ſe verá. O Accedecan depois que fez entrega das terras, fortificouſe na fortaleza de Ponda, por eſtar mais perto de Goa, porque ſe o Idalcan foſſe ſobre

bre

pra elle pudesse passar se logo pera a ilha. Nestas cousas gastou o Gouernador o inuerno, & em preparar a armada pera na entrada do verão seguinte, mas porque estaua assentado em conselho, que fizesse tanta guerra pella costa de Cambaya, & que assi lhe impedisse a nauegação, trato, & comercio d'outras partes, que obrigasse a elRey a lhe dar fortaleza em Dyo; porque estauão desenganados os do conselho, de se fazer por força; & que esta guerra se fizesse com catureligeiros. E que elle Gouernador fosse ao Malauar fazer hũa fortaleza como lhe elRey mandaua, assentandose que seria milhor no rio de Chale, assi por ser duas legoas de Calecut, como pella commodidade do porto, que era capaz de recolher nossas armadas até Galés. Com esta resolução mandou o Gouernador fazer muita cal, & ajuntar muitos pedreiros & cauouqueiros, & toda a mais fabrica pera aquella obra, trazendo suas intelligencias com o Rey de Chale, & Tanor, por que o Camorim estaua de guerra cõ o estado.

CAPITVLO VIII.

Das cousas que este anno se cederão em Malaco, á te chegar Gonçalo Pereira, & da morte d'elRey Bayano, & dãs crueza & desumanidades que dom Iorge de Meneses vsou com os Ternateses.

DEIXAMOS as cousas de Maluco o anno passado com as pazes feitas entre os Portugueses & Castelhanos: & elles saidos de Tidore pera o lugar de Gamafo. Depois d'isto, recolhido elRey de Tidore pera aquella ilha, vendose desabrigado dos Castelhanos, com quem tinha edbrado biro, achando a sua cidade assolada & destruida, começou a puxar por pazes, pera se quietar, & viuer sem sobresaltos. E praticandose nellas, vieraõse a concluir com as condiçoẽs seguintes.

Que elRey de Tidore pagaria certos bares de crauo, (cuja cantidade não achamos na verdade) Que nunca mais recolheria em seu reino Castelhanos, nem os fauoreceria, nem ajudaria mais contra Portugueses nem contra seus amigos, & aliados. Estas pazes se juraraõ, & celebraraõ em ambos aquelles reinos de Ternate & de Tidore: começando d'ali em diante a correrem em amizade huns com os outros, & com isto tiueraõ os Portugueses mais algum folego, porque estauão trabalhados, & cansados da guerra. Pouco depois disto faleceo na nossa fortaleza elRey Bayano, aque outros chamão Bõhar, que foi filho de Boleife, o primeiro que nos agazalhou n'aquellas ilhas, que faleceo os annos de

mil

mil quinhentos & vinte, ficando-lhe tres filhos legitimos. ſ. eſte Bayano, que agora faleceo, Ayalo, & Tabarija, que ficaraõ taõ moços, que o mais velho naõ paſſaua de ſeis annos. Teue mais ſete filhos baſtardos homens, de que o mais velho era Cachil Daroes, que ficou por tutor dos irmaõs legitimos, & Gouernador do reino, com a Raynha ſua mãy, em quanto o Bayano naõ era de idade. E o anno de vinte & hum, que Antonio de Brito fez a fortaleza de Ternate, pera mor ſegurança della, recolheo o Rey Bayano, que era minino com ſuas amas, & ayas pera o criarem, dandolhe gazalhados ſeparados pera iſſo: o que foi muito mao de ſofrer a Raynha ſua mãy, que como diſſemos, gouernaua o reino com o enteado Daroes. Com iſto começaraõ logo a ſe pejarem os naturaes com os Portugueſes, & com a fortaleza, por que tanto que tiueraõ forte em que ſe recolherem, começaraõ a gouernar com ſeueridade, tomandolhe o ſeu Rey por força, pera os terem ſopeados. Foi o moço criandoſe na fortaleza, a te ſer de idade pera lhe entregarem o reino. Sendo eſte anno em que andamos o Rey de dezoito, & depois de tomar poſſe do reino, aſsi no catiueiro veyo a falecer em poucos dias, & naõ ſem ſoſpeitas de peçonha, & ſe affirmaua que lha mandara dar Cachil Daroes, por que lhe era muito doce o reinar. Por morte do Bayano que a mãy ſentio muito, fez logo jurar o filho ſegundo Cachil Dayalo, a quem dom Iorge teue modo pera taõbem o recolher na fortaleza: requerendolhe a mãy, que lhe deſſe ſeu filho, por que receaua que hum & hum, lhes foſſem todos morrendo daquella maneira. A iſto lhe não diſſirio dom Iorge, por que como Cachil Daroes lhe vinha bem gouernar, fauorecia dom Iorge n'iſſo, por que elle foi o que teueo aquellas meadas, & o que deu a ordem pera ſe recolher elRey na fortaleza, pelo que lhe niſſo ya. Socedeo depois diſto arrufarſe o Daroes do capitaõ, porque fauorecia muito hum homem principal chamado Cachil Vayaco, de cuja amizade elle andaua muito çieſo, porque receaua, que pella muita conta que delle o capitão fazia, vieſſe elle a deſcair, & a pagar ſuas maldades. E aſsi lhe veio a tomar tamanho odio que tratou de o matar, do que elle logo foi auiſado. E como tinha menos poſſe que o Daroes, acolheoſe a fortaleza pera ſegurar ſua vida. Daroes tanto que o ſoube, como o odio era entranhauel mandou requerer a dom Iorge, que lhe entregaſſe Vayaco, como a Gouernador daquelle reino, porque tinha delle culpas, &

queria fazer juſtiça. Dom Iorge como era amigo do Vayaco, deſejou de o ſaluar, & chamou o Alcaide mor, & capitão mor do mar, & algũas outras peſſoas principaes, & tomou com elles parecer, ſobre o que faria n'aquelle negocio. Alguns dizião que era obrigado ao entregar, outros que naõ, mas que trataſſe de moderar Cachil Daroes, dando hũs & outros ſuas rezoẽs, eſtaua o Vayaco recolhido em hũa camara, & ſabia muito bem o que ſe tratáua, & pode ſer que o ouuiſſe, porque o negocio tratouſe hum pouco deſentoado: & receandoſe que o entregaſſem a Cachil Daroes, couſa que elle ſentiria mais que a morte, quis antes tomala por ſi, que irlhe cair nas mãos; & não achando com que ſe matar, remetendo a hũa janella, lançouſe d'ella abaixo, & feſſe em pedaços. Iſto ſentio dom Iorge muito, & ficou tendo auorrecimento ao Daroes, deſejando de ſe lhe offerecer occaſiaõ em que ſe vingaſſe d'elle. Socedeo poucos dias depois diſto matarem hũa porca pequena, que dom Iorge tinha, de caſta da China muito fermoſa, que andaua por derredor da fortaleza de dia, do que dom Iorge ficou taõ apaixonado, que mandou inquirir ſobre a morte da porca, & achouſe culpado (ou quis elle que ſe achaſſe.) Hum Cachil Vaydua muito parente do Daroes, & douto na ley de Mafamede, principal Caſsis & Sacerdote entre elles, a quem dom Iorge logo mandou prender na fortaleza. A iſto acodio o Daroes có muitos principaes a lho pedir, o que fez quaſi com oniaõ: dom Iorge mandou hum criado ſeu homem baixo chamado Pero Fernandez, que lhe foſſe trazer Cachil, Vaydua, & parece que ou dom Iorge o tinha enſayado do que auia de fazer, ou elle de mao ou gracioſo, tomou hũa poſta do touçinho da porca, & tirandoo do tronco lhe vntou a boca mũy bem com elle, naõ lhe dando dos gritos que o mouro daua chamando por Deos, & pello capitão, & aſsi o leuou aonde elle eſtaua, que era a porta da fortaleza, cõ os que lho foraõ pedir. O mouro tanto que vio o Daroes lançouſe no chaõ, & começou a esbraueiar, & a chorar, contandolhe o que lhe fizeraõ com muitas lagrimas, o capitão lho entregou, & o Daroes o mandou pera ſua caſa, onde fez grandes purificaçoẽs, porque o porco he muito abominauel a elles, & ſentio aquelle negocio tanto, q̃ ſe foi d'aquella ilha deſterrado, & ſe paſſou por todas as outras, & por ellas andou pregando a afronta que os Portugueſes fizeraõ ao Sacerdote de Mafamede: pedindo, & requerẽdo a todos q̃ quiſeſſem acodir por ſua honra. Não pararaõ ainda nuſto as couſas, mas ordenou o demonio ainda outro caſo,

pera

pera acabarem os Portugueſes, de ſer auorrecidos n'aquellas ilhas, que foi eſte. Como faltauão os mantimentos, & o Galeaõ da viagem tardaua, & naõ auia com que fazer paga aos ſoldados, buſcauão elles ſeu remedio por onde o achauaõ, entrando pellas tendas & caſas dos naturaes, & lhes tomauão os mantimentos ſem lhos pagarem. iſto indinou tanto a todos, que mandou o Daroes que ſe não trouxeſſe mais couſa algũa a cidade pera ſe vender, & que ſe fechaſſem as tendas como fizeraõ. Começando a faltar tudo, & os da fortaleza padecerem tantas neceſſidades, que amotinados os ſoldados diziaõ grandes males do capitão, & do Gouernador da India, indo todos a porta da fortaleza, ao modo de motim, requerendo que lhes pagaſſem, & lhes deſſem mantimentos, a iſto lhe não podia ſer dom Iorge bom, pella falta que auia de tudo na fortaleza: & foilhe neceſſar o mandar Gomez Ayres em algũas Corocoras, com alguns ſoldados por eſtas ilhas a reſgatar alguns mantimentos com algũa roupa que ainda auia. Eſte homem chegando a hũa d'aquellas ilhas perto, deſembarcaraõ certos ſoldados em hum lugar chamado Tobana, & como yaõ famintos entraraõ pellas caſas, & lhes tomaraõ o mãtimento que lhes acharaõ, ſem lho pagarem, naõ vendo quam pouCOS eraõ, & o riſco que corrião. Tãtos roubos & deſatinos fizeraõ, que naõ podendo os moradores ja ſofrer mais, deraõ n'elles, & naõ querendo matar algũm, os eſpancaraõ mũy bem, & lhes tomaraõ as armas em paga de ſeus mantimentos. Aſsi eſpancados & moidos ſe embarcaraõ, & ſe foraõ pera Ternate, & ſe apreſentaraõ ao capitão, com os foçinhos inchados & eſcalaurados, contandolhe o caſo. Dom Iorge como era apaixonado, & de forte natureza, mandou chamar o Daroes, & lhe diſſe que logo lhe mandaſſe trazer os autores d'aquelle negocio, pera os caſtigar conforme a como o caſo requeria: affirmandolhe que ſe logo o não fazia que n'elle auia de tomar ſatisfaçaõ d'aquellas affrontas. Cachil Daroes com ter ja ſabido que os Portugueſes tiueraõ a culpa d'aquelle deſaranjo, calandoſe, mandou trazer o Gouernador de Tobana, & dous homens outros principaes, & os entregou a dom Iorge, auendo que ſe ſatisfaria com iſſo, & quando muito, q̃ os teria prezos algũs dias. Mas dõ Iorge vſando de ſua ma natureza, mandou logo ali cortar as mãos a dous; & ao Gouernador da ilha mandou matar d'hũ genero de morte muito cruel, & nunca vſado entre os Portugueſes. Porq̃ aſsi como eſta naçaõ igualou a todas as do mũdo, em acquirir, conquiſtar, & ſuſtẽtar tãtos & taõ

apartados reinos, & imperios: aſſi ſe eſtremou na miſericordia, & piedade, que ſempre vſou com os vencidos, couſa taõ natural de animo nobre, & Chriſtaõ, quanto o outro he de barbaros, & inhumanos. Cachil Daroes, & todos os mais da ilha ficaraõ com tamanho odio contra dom Iorge, que trataraõ de o matar, & o meſmo a todos os Portugueſes & Caſtelhanos, por ſe verem liures d'eſtas gentes, que por caſo taõ nefando tinhaõ rezão de lhes auorrecerem. E dando conta d'eſte negocio a alguns ſeus familiares, aconſelharaõ ſe, que conuocaſſem todos os Reys d'aquellas ilhas, a hũa liga geral cõtra todos os Chriſtaõs, o que logo Daroes pos em execuçaõ, deſpedindo peſſoas de cõfiança, a dárem conta a Cachil Catabruno, que gouernaua o reino de Geilolo, pello Rey ſer minino, & lhe mandou pedir, que em hũ certo tempo ſe leuantaſſe contra os Caſtelhanos que eſtauaõ n'aquelle reino, & os mataſſe a todos, & que taõbem o fizeſſe ao Rey minino, & ſe aleuantaſſe por Rey, que elle o fauoreceria em tudo: porque elle auia de fazer outro tanto aos Portugueſes, & ao moço Dayalo, & ſe auia de aleuantar por Rey d'aquellas ilhas, onde nunca mais auia de conſentir Portugueſes, por ſuas tyrannias. Eſtando eſte negocio aſſi ordenado, permitio Deos eſtoruar tudo: porque eſperaua ſer ainda por todo aquelle Archypelago, ſeu ſantiſſimo nome louuado, & exaltado. Porque naõ ficaſſe parte no mundo, em que elle não foſſe honrado & conhecido; & aſſi ſe veyo a deſcubrir a conjuraçaõ. E como Cachil Daroes pera mais diſſimulaçaõ nunca ſe auſentou, antes ya muitas vezes a fortaleza, aſſi por ſua vontade, como chamado do capitão. Hum dia lhe mandou elle recado que ſe foſſe pera elle, & leuaſſe Cachil Tamarano, que era capitão do mar, & Cachil Boyo, juſtiça mor do reino, por que tinha negocios que tratar com elles. Cachil Daroes innocente do que dom Iorge determinaua, ajuntando os outros ſe foi a fortaleza, & o capitaõ os recolheo em hũa camara, & lhes mandou dár tratos ſobre o caſo, & n'elles deſcobriraõ a conjuraçaõ; do que mãdou fazer hum auto judicialmente, por que os condenou a morte. E logo mandou ordenar no terreiro da fortaleza da banda de fora, hum cadafalſo alto, onde mandou tirar Cachil Daroes a viſta de todos, & ſobido em çima hũ pregoeiro notificou em altas vozes ſuas culpas, por que fora ſentenciado que foſſe degolado: & logo hum algoz lhe cortou a cabeça. Dos outros dous não achamos em lẽbrança o que ſe fez d'elles: mas o certo he que taõbẽ morreriaõ. A Raynha & todo o pouo

ficaraõ tão escandalizados deste negocio, que logo despejaraõ a cidade, & se recolheraõ a hũa serra muito forte, & se aposentaraõ no lugar de Toruto. D'ali mandou a Raynha pedir a dom Iorge o filho que lhe tinha prezo, ao que lhe elle não respondeo. Pello que logo mãdou lançar pregaõ por toda a ilha, que sob pena de morte nenhũa pessoa vendesse aos Portugueses mantimentos, nem outra cousa algũa. Com isto os poseraõ em taõ extrema necessidade de fome, que começaraõ a adoeçer, & a cair pellas ruas de fracos. E sem duuida morreraõ todos, se Deos naõ trouxera aquelle tempo, o Galeaõ de Gonçalo Pereira, que o anno atras passado (como dissemos) tinha partido de Goa, com o que os homés tornaraõ a resuscitar. Gonçalo Pereira tomou posse da fortaleza, & fez paga aos soldados, que achou tão fracos & debilitados, que se naõ podiaõ mouer. A Raynha tanto que soube, que era chegado capitaõ nouo, o mandou visitar, & fazerlhe queixas de dom Iorge, a que lhe elle respõdeo muito bem, & que lhe faria justiça. E como elle leuaua por regimẽto do Gouernador, pellas culpas que de dom Iorge lhe tinhaõ mandado, que tirasse d'elle deuaça, & achandoo comprendido n'aquelles crimes que lhe apontaua, o prendesse, o que elle fez, & o meteo na torre da menagẽ, o que lhe foi taõbem necessario por apaziguar a Raynha, & deu mais liberdade ao filho da que tinha falandolhe todos os que querião, & passeando por toda a fortaleza, & com isto mandou pedir a Raynha, que se tornasse pera a cidade, & corressem em amizade como dantes, porque elle lhe faria justiça muito inteira. A Raynha vendo que lha começaua a fazer na prizão de dõ Iorge, & na liberdade do filho que dantes estaua retcudo em hũa casa, logo se tornou pera a cidade com todos os seus, & mandou que corressem as cousas como dantes. Gonçalo Pereira achou a fortaleza mũy desbaratada, & tratou de a reformar, mandandolhe fazer baluartes, por que ate entaõ naõ era mais que hũa parede tosca. E pera isto mandou pedir a Raynha ajuda de officiaes & materiaes, prometendolhe, de como a fortaleza fosse acabada, de lhe entregar seu filho, com o que lhe ella mandou acodir com todo o necessario: & como foi tempo de o Galeaõ ir pera India, mandou embarcar dom Iorge prezo em ferros, com os autos de suas culpas. E neste estado ficaõ as cousas de Maluco, a te ser tempo de tornar a ellas.

CAPITVLO VIII

Da deſcripſaõ, de todo eſte mar do leuante, & quaes ſaõ as verdadeiras ilhas de Maluco. E da diuiſaõ dos cinco Archypelagos em que ſe reparte, & dos coſtumes, & condiçoẽs de ſeus naturais.

POSTO que Ioaõ de Barros tenha eſcrito muito bem d'eſtas ilhas de Maluco, de ſua pouoaçaõ, & principio de ſeus Reys, todauia quizemos aqui fazer eſta nouua deſcripſaõ, porque depois que elle eſcreueo, viemos a alcançar muitas couſas, que n'aquelle tempo ſe não ſabiaõ, que ſaõ couſas muito neceſſarias & corioſas. E pera milhor declaraçaõ, & intendimento d'eſta deſcripſaõ, diuideremos eſte grande Archypelago, & mar d'eſta banda em cinco partes: dandolhes termos, & limites a cada hũa, pera ſe poderem conhecer.

A primeira parte he o Archypelago de Maluco, aque os naturais naõ ſabem dar quantidade, mas o mais certo he que começa paſſando Mindanao, & tudo pera la chamaſſe Maluco, em cujo meyo ficão as cinco ilhas do crauo, Ternate, Tidore, Maquiẽ, Bachaõ, & Moutel. E poſto que Bachaõ he diuidida em muitas ilhas cortadas por muitos braços de mar, que ſe nauegão com embarcaçoẽs ligeiras: todauia por ſer de hum ſó ſenhor, a nomeamos por hũa ſó. Por çima d'ella corta a Equinocial, & ao Norte d'ella corre a ilha de Ternate, que ſe aparta hum grao pera o Norte, ficando entre hũa & a outra, as ilhas de Moutel, & Maquiẽ, todas a viſta hũas das outras por eſpaço de vinte & cinco legoas, & todas ſe corrẽ Norte & Sul. E poſto que debaixo d'eſte Archypelago ſe comprendão outras muitas ilhas, todauia quando ſe nomeão as de Maluco, naõ ſe entende mais que d'eſtas cinco ilhas, por ſerẽ as ſenhoras, & principaes de todas, & aſsi por excellencia ſe chamão Moloc (que he o ſeu verdadeiro nome,) & não Maluco, que he corrupto d'elle; cujo nome na ſua lingoa propria quer dizer, cabeça de couſa grande. Eſtas cinco ilhas, & todas as mais, que ſe comprẽdem neſta primeira parte, ou Archypelago de Maluco, ſaõ ſenhoreadas de tres Reys, o de Bachaõ, o de Tidore, & o de Ternate, eſte ſenhorea as tres principaes do crauo, que ſaõ Ternate Moutel, & Maquiem. E poſto que eſte Rey ſe intitule por de Ternate, naõ he por ſe chamar aſsi a ilha (cujo verdadeiro nome he Gape) ſe não porque a principal cidade d'ella ſe chama Ternate. E pella meſma maneira

a ilha

a ilha de Tidore ſe chama Duco,& a ſua principal cidade Tidore, de que aquelle Rey ſe honra & intitula. Aſsi como os Reys de Frãça, de ſenhores de Paris.Mas entre todos eſtes Reys,ao de Ternate ſó por excellencia intitulamos por Rey de Maluco, aſsi por ſer ſenhor das principaes tres ilhas do crauo, como ja diſſemos, (& de outras muitas d'eſte Archypelago,) como pella autoridade, & em certo modo ſuperioridade que com a noſſa fortaleza alcançou ſobre os outros Reys.

A ſegunda parte, ou Archypelagó he o do Moro, que fica perto de ſeſſenta legoas de Maluco ao Norte,& começa nas ilhas de Doe duas legoas a re da pouta de Bicoa,& naõ adiante como anda nas cartas de marear,no cabo de Bato china. São eſtas ilhas pouoadas de gentes Sylueſtres. A ilha de Batochina terá em circuito duzentas & cincoenta legoas,& nella ha dous Reys,o de Geilolo,& o de Loloda, algũas vinte & cinco legoas do outro junto de huns ilheos onde acaba eſte Archypelago da banda do Norte. E eſte Rey he o mais antigo de todos os de Maluco, & de todos os d'aquelle mar, mas oje he o mais pobre & fraco de todos. Os habitadores d'eſta ilha da banda do Norte ſaõ ſaluagẽs,ſem ley,& ſem Rey,& não têm pouoações ſe não pellos matos. Mas da banda do Leſte he pouoada de lõgo do mar,& tem grandes & bons lugares,que cada hum tem lingoa ſobre ſi,poſto que todos ſe entendem. A eſta coſta chamão Morotia,que quer dizer o Moro da terra:& as ilhas de defronte chamão Morotai, que he moro do mar, & a todas as ilhas juntamente chamaõ o Moro.Seus habitadores ſaõ homens falſos,brutos,& puſilanimes: & antre elles ha hum pouo chamado Momoja muito belicoſo careceraõ ſempre de Rey, ley, eſcritura,praça,pezo,medida, moeda,ouro,prata, & de todo o outro metal; mas ſaõ todas eſtas ilhas muito abaſtadas de mantimentos, & d'ellas ſe proue Maluco: as molheres ſaõ os lauradores, & trabalhaõ em tudo,gouernaſſe cada lugar por hũa peſſoa principal que ſocede por deſcẽdentes, aque não pagaõ tributo algum, ſe não algũ peixe quando vem de peſcar. Foraõ grandes idolatras, adoraũão paos, pedras, & ainda a figura do Diabo,que pintauão com grandes fealdades. Os Reys de Maluco tanto que foraõ mouros começaraõ a conquiſtar eſtas ilhas, & cada hũ tomou o que pode: mas o milhor quinhaõ tomou o de Ternate. E depois lhe tomou o de Tidore alguns lugares com o fauor dos Caſtelhanos,como em ſeu lugar diremos.

O terceiro Archypelago he o dos Papuas,que eſtá a Leſte de Maluco, que he pouco frequentado pellas

pollas ilhas ſerem muitas & cheas de baixos, & reſtingas. Os naturaes d'eſtas ilhas ſaõ pobriſsimos, negros como Cafres, com cabello reuolto, magros, feios, & de grãdes & creſpas grenhas. Chamãolhe Papuas, que em lingoa dos naturaes quer dizer pretos. ſaõ homens rijos, & aturadores do trabalho, & muito habiles pera toda a maldade, & traiçaõ. Tem todas as ilhas Reys, & ha nellas ouro, mas vem pouco as outras ilhas, porque não tiraõ mais que o que aõ miſter pera joyas. Antre elles ha alguns tão aluos & louros, como Alemaẽs, & & com o ſol ſaõ como cegos: ha antre elles muitos ſurdos, & ſegundo a informaçaõ que ha d'eſtas ilhas, correm de longo de hũa gran de terra que dizem que fecha no e treito de Magalhaẽs porque algũs Pilotos Caſtelhanos nauegaraõ de longo d'ella mais de quinhentas legoas.

O quarto Archypelago he o dos Celebes, que eſtá a Loeſte de Maluco: ha n'elle muitas ilhas famoſas, de que as principaes ſaõ Mindanao, & a propria dos Celebes em que ha muitos Reys, de que em outra parte fazemos memoria. Tem mais as ilhas Bi aya que tem muito ferro, & Maſcaga, Masbate, que ambas tem muito ouro, que taõbem ſe acha em Mindanao. E a ilha do Sologo que tem muitas perolas, que naõ ſabẽ os naturaes urar. Tem todas eſtas ilhas, & ou-

tras muitas que não nomeamos, muitos mantimentos, Sandalo, Aguila, Canela, Canfora, Tartaruga, Gẽgiure, Pimenta longa & algũas d'eſtas ilhas obedecem ao Rey de Borneo, & outras ao de Ternate, & Tidore: ſaõ ſeus naturaes muito atraiçoados, andão nus encachados, & trazem os corpos pintados com muitos lauores, vſaõ o cabello cortado nas fontes ao antigo Portugues, & por detras muito comprido, & atado no toutiço. Tem todos as teſtas muito batidas pera tras por onde lhes ficão os roſtos parecendo mayores, trazem os dẽtes limados & pretos, & as orelhas furadas. Saõ os Celebes taõ ſujos & torpes, que tem mancebia de homẽs; tem pequenas pouoaçoẽs & em cada caſa mora toda hũa geraçaõ: & penduraõ ao derredor de ſuas caſas as cabelleiras dos que matão na guerra, & quem tẽ mais he mais honrado. Ha n'eſtas ilhas muitas monſtruoſidades, de que não falamos, & antre ellas hũa aruore, que quem ſe poem à ſombra do ponente mata logo, ſe não vaõ buſcar a ſombra do leuãte, que he ſeu Antidoto.

O Quinto Archypelago he o de Amboino, que eſta ao ſul de Maluco, tem muitas ilhas que ſe gouernão por ſuas cabeças: as proprias de Amboino ſaõ abaſtadas de mantimentos, & de muitas & freſcas ribeiras de ſingular agoa; nunca foraõ ſogeitos a alguẽ mas

depois

depois foraõ conquiſtados dos Reys de Ternate, & Tidore, a que ficaraõ ſogeitas algũas d'aquellas ilhas: mas pellas auexaçoẽs que d'elles receberaõ ſe rebelaraõ, & deraõ a obediencia a Raynha de Iapara, & alguns lugares que ſaõ de Chriſtaõs obedecem aos Portugueſes. Colherſeaõ n'eſtas ilhas, dous mil quintaes de crauo cada anno, que lograõ os Iaos, porque o vaõ reſgatar em ſeus Iuncos ſem lhoningem poder defender. Ha muitos pouos por eſtas ilhas em que os filhos comem os paes como ſaõ velhos: tem muitos ritos & coſtumes barbaros, que nos não relatamos por fogir prolixidade. Daõſe n'eſtas ilhas hũas vergas compridas a que chamão rotas, que affirmão alguns homens verem algũas de cincoenta braças de comprido, & a mais groſſa he como hum dedo meiminho d'elgado. Ao Sul de Amboino, eſtaõ as ilhas de Banda, & a Leſte d'ellas perto de trezentas legoas, ſegundo alguns affirmão, eſta hũa ilha de muito ouro, cujos naturaes não paſſaõ de quatro palmos d'alto: & ſe aſsi he, ſaõ os verdadeiros Pigneos.

CAPITVLO IX.

Do que ſe tem da antiguidade, & pouoaçaõ das ilhas de Maluco, com as aruores do crauo, & dos nomes que eſtas drogas tem por todo o mundo.

ESTAS ilhas de Maluco, ſegundo ſe ve por ſeus habitadores, foraõ no principio pouoadas de differentes naçoẽs: o que ſe infere da variedade das lingoas que em todas há, porque cada hũa a tem de por ſi, ſó Maquiem, & Ternate, de ferem pouco, como Portugueſes & Galegos. Mas a lingoa mais comũ, & de que todos vſaõ, he a Malaya: que por ſer mais doce, & de milhor pronunciaçaõ, ſe lhe afeiçoaraõ todos. Os mais antigos deſcobridores, & pouoadores d'eſtas ilhas ſe acha ſerem os Chins, porque taõbem ſe tem pellos primeiros inuentores das embarcaçoẽs, & da arte de nauegar, de todos os do Oriente. Alguns tem pera ſi que os Iaos as deſcobriraõ, & que os Maluco procedem d'elles: mas o mais certo he procederem dos Chins, que paſſando ha muitas centenas de annos, por aquelle mar em ſeus Iuncos, aportãdo n'aquellas ilhas, vendo ſua ſuauidade, cheiro, & fruito da terra, carregando de ſeu crauo, que a tenraõ não era conhecido

nhecido no mundo, foraõſe, deixandoſe ficar muitos d'elles por aquellas ilhas, que pouoaraõ algũas partes d'ellas, cuja memoria ainda oje dura, cõmo ſe ve na Batochina do Moro, & em Batochina de Muar: que quer dizer, terra dos Chins do Moro, & terra dos Chins de Muar, & em outras muitas partes. E como ficaraõ aquellas ilhas conhecidas, & ſabidas d'elles, foraõ buſcar o ſeu crauo, que por ſeu cheiro, goſto, & mais qualidades, foi muito eſtimado de todos, os que o viraõ. Pello que continuaraõ aquelle trato, leuãdoo em ſeus Iuncos aos eſtreitos Perſico, & Arabico, de cnuolta com outras louçainhas & riquezas da China, que por maõs dos Perſas & Arabios, paſſaraõ aos Gregos & Romanos, que as eſtimaraõ, & cobiçaraõ tanto, que trataraõ alguns Emperadores Romanos, de conquiſtarem o Oriente. E como as mais das drogas foraõ ter a Europa, por maõs (como ja diſſemos) dos Perſas & Arabios, & elles as ouueraõ dos Chins que lhas leuauão, não lhe ſabendo ſua origem, & nacimẽto, cuidando que tudo trazião da ſua prouincia da China, deraõlhes ſeu proprio nome a muitas, como foi a Canela, que Auiçena, & Raſis, nomeaõ por dous nomes; Dareine, que quer dizer pao da China ſendo ella de Ceilão, & cinamomo, que quer dizer pao cheiroſo da China. He tão antigo eſte conhecimento do crauo, que ja Plinio (que concorreo no tẽpo do Emperador Domiciano,) teue d'elle noticia, porque no ſeu liuro duodecimo, capitulo ſetimo diz, que auia na India hum grão ſemelhante ao de pimenta, ſenão, quanto era mais comprido, que ſe chamaua Cariofilum: & outros o nomeaõ por Gariofilum. Os Perſas o nomeão por Calafur. E falando niſto com licença dos medicos, nos parece que o Cariofilum dos Latinos he corrupto do Calafur dos mouros: porque ha tem algũa ſemelhança, & como eſta droga paſſou à Europa por maõs dos mouros, com eſte nome de Calafur, parece, que lho não mudarião. Os Caſtelhanos lhe chamaraõ Gilope, porque o que leuaraõ foi da ilha de Geilolo. Os Malucos lhe chamão Chanque. Os medicos Bramenes, o conhecem por Lauanga, poſto que tãobem o nomeão, pello nome dos mouros: mas cada hum lhe quer dar o ſeu, como nos tãobem fazemos: porque os primeiros noſſos que foraõ ter aquellas ilhas, tomãdoo na mão, & vẽdo a ſemelhança que tinha com hum crauo de ferro, lhe ficaraõ chamando crauo, por onde oje he tão conhecido no mũdo. E poſto que diſſemos, que ſó nas cinco ilhas (que no capitulo atras nomeamos) ha crauo, não he porque o deixe de auer em outras, ſe naõ pella grande quantidade que n'ellas ſe colhe:

porque cada anno reſpondem, cõ quatro mil bares, de quatro quintaes & meyo, & vinte & quatro arrates obar, que iſſo tem o de Ternate, & pella conta do terço que lhe tiraõ pello baſtaõ (porque aquelles ſaõ limpos) daõ ſeis mil bares, mas taõbem o ha nos ilheos de Ires, & Meitarana, circunſtantes a Ternate, & em Pulo Cauali, junto a Tidore, & em Gcilolo, Sabugo, & Gamoconora, lugares da Batochina: & em Amboino, & na ilha de Varenula, onde ſe da mais crauo que todas, mas pior & menos grado. E porque falamos em crauo limpo faremos declaraçaõ da differença que tem de limpo a ſujo.

Quando ſacodem eſte crauo das aruores que ſe apanha, alimpano, & apartaõlhe a hũa parte os paozinhos, aque os Caſtelhanos chamão fuſte, (que ſaõ aquellas põtinhas em que nace o crauo, que taõbem cheiraõ, & requeimão: & partes ha na India, em que valem em igual preço do crauo, mas commummente daõ por elle as trespartes menos.) E taõbem lhe apartão outro crauo a que chamão, madre, que he o que ficou de hum anno pera o outro, & por iſſo engroſſou, & val bem na laoa, & tiradas eſtas duas couſas fora, todo o mais crauo que fica he apurado, & lhe chamão limpo de pao & de baſtaõ, & eſte de ordinario val mais a terça parte, que por alimpar. Eſtes craueiros ſaõ muito grãdes, verſudos, & pontagudos, porque tendoos pés groſſos, deitaõ muitos, & delgados ramos; a folha ſe parece cõ a dos loureiros, & que brada entre os dedos, cheira, & requeima algũa couſa, mas nada a caſca & a madeira, que he muito forte, & de muita dura. He eſta aruore taõ qualida que naõ deita de ſi goma, como Auiçena, por ma informaçaõ eſcreueo no liuro ſegundo, capitulo trezentos & dezoito. Onde diz que a goma da aruore do Cariofiliom, era ſemelhante à trementina em virtude: & muito aueriguado, & experimentado eſtá por todos os naturaes, que as aruores muito quẽtes, & muito frias, naõ deitaõ goma, & ſó as do meyo a produzem, como vemos n'eſtas aruores, & nas de pao preto, & pao ferro, & em outras em que ſe nunca achou. Naçe o crauo em cachos como mortinhos, & depois de maduro, que ſe conhece pella cor que he roxa, o tiraõ, & o ſecão ao ſol por eſpaço de tres dias, em que toma aquella cor preta ſobre cinzenta, que ſempre tem. Mudaõ ſe eſtas aruores em ſuas nouidades como maleitas, o que lhe procede do muito ſol, & da muita chuua, que contino tem, por eſtarem debaixo da Equinocial. Começaõ a abrolhar em Feuereiro, & em Março, & de Setembro por diante a colher: & conheceſſe a quantidade, de pouca ou muita nouidade, pella

pella flor muita ou pouca. Os craueiros nacem ſem beneficio algũ, como todas as aruores do mato, porque eſte he o deſtas ilhas: & he tamanha ſua quentura, que chupa toda a humidade da terra, & não lhe deixa virtude pera produzir erua algũa ao derredor. E naõ ſó acontece iſto nas eruas, pera quẽ naõ he neceſſario muita humidade: mas ainda em todo o aruoredo. Porque ſe querem diſpor hum craueiro, buſcão parte onde eſtão outras aruores, pera que chupandolhe o humor creçaõ. E aſsi como vaõ ſobindo, vaõ as outras a roda ſecandoſe, a te de todo perderem a virtude, & aſsi vem a meſma qualidade em ſeu fruito: porque ſe meterem em hũa adega de pipas de vinho quantidade de craue, chupa a ſi todo o vinho, & por tempos deixara as pipas vazias. E ſe na caſa aonde eſta lançarem muita agoa, em breue tempo aſorue toda, de maneira que fica a caſa ſeca, como ſe nunca lhe lançaraõ agoa. E aſsi os homens na India que o guardaõ, mandaõ agoar as caſas em que o tem com agoa do mar, ſque lhe he mais natural, & o conſerua, o que a doce naõ tem, que o dana) pera que lhe naõ falte. O craue que fica nas aruores, que chamão madre, dizem que depois de groſſo o comem os pombos torcazes, que ha muitos em Geilolo, & que dos catoços que purgaõ naçem os craueiros que la tem. Eſtas aruores a os ſete annos dáõ fruto, & de tres em tres annos a nouidade grande: porque ſempre tomão hum anno de folga, como as oliueiras da noſſa Europa, & as mangueiras da India, pera criarem nouos olhos & folhas, mas nem por iſſo deixão de dar cada anno craue, ainda que pouco. E alguns cuidaraõ mal que lhe vinha iſſo de o varejarem, cõ o que lhe quebrauão os olhos, porque em Bachaõ lhos cortão pera dar mais craue, o que ſe ve bem claro nos ramos baixos, que naõ ſaõ taõ açoutados & varejados, por ſe colherem a mão, porque nẽ n'eſtes nace o craue, ſe não quando he a mouçaõ. Alguns taõ bem tiueraõ pera ſi, que eſtas aruores naõ ſe dauão perto do mar, o que foi engano, porque ja ſe viraõ, & taõ frutiferas como as de mais: mas naõ as auer a borda da agoa, naçe da frequentaçaõ da gente as danificar, & iſto ſó na noſſa ilha de Ternate, que na de Tidore, & nas outras as ha muito perto do mar, porque a agoa ſalgada os conſerua. Do meyo dos montes para çima naõ ſe criaõ os craueiros, pello grande eſcozimento do vento & frio, que lhes ſaõ contrarios.

CAP.

CAPITVLO X.

Muitas couſas notaueis que ha neſtas ilhas de Maluco, & dos fogos que algũas lanção.

ESTAS cinco ilhas, aque propriamente chamamos de Maluco, ſaõ todas de hũa feiçaõ, & grãça, porque nenhũa d'ellas paſſa ſeis legoas em circuito. São redondas, & querem imitar hum peo coſcuzeiro, cujas abas ſaõ ellas chans que todas tem em q nacem os craueiros, & que pouoadas de ſuas cidades & vil. E do meyo de todas ſe alcaõ huns montes muito altos, todas muito alcantiladas, & ondas, pello que carecem de ns portos pera ambas as mous, Noroeſte, & Sul, ſó Ternate o porto de Talangame, hũa ba da fortaleza, onde os naſ Galeoés inuernão. Tem outro legoa d'eſte, chamado o tolo, em que podem as naos eſtar n prancha em terra. E quando ey mandou, que ſe fizeſſe forza naquella ilha, não ſe fez algum d'eſtes portos, por ficar ge da cidade onde o Rey viue. m ambos eſtes portos o roſto eſte. Ha por todas eſtas ilhas alguns arrecifes que ſeus moradores abriraõ, pera entrarem ſuas embarcaçoés. E a ilha de Ternate tem hum defronte da noſſa fortaleza, o que tem antre a terra, & elle hum poço onde podem entrar Caruelas de prea mar, d'agoas viuas deſcarregadas, & no poço eſtarem ſurtas a ſua vontade. Todos eſtes arrecifes principalmente eſte, ſaõ de pedra que ſe gera do coral, que depois de velho indureſſe, & com ter muitos ramos ſe ajuntraõ & conuertem em pedra de que ſe faz muito boa cal. Eſtá eſte arrecife poſto por tal ordem que quem vai do mar demandalo, parece que ve fermoſos edificios feitos ali pera defenſaõ d'aquelle porto. Eſte monte de Ternate, que ſe alcuanta do meyo da ilha, ſerá de altura de duas legoas, he todo cheio de aruoredo, & palmares: no cume d'elle tem hũa eſtranha coua que parece que deſſe ao centro, que he taõ larga na boca que eſcaſſamente ſe enxerga hum homem de hũa banda a outra, & por ſua muita largura ſe enxerga deçima hũa praça direita, como hũa grande eira de pedra & terra mouediça, que algũs homés foraõ ver, principalmente Gabriel Rebello, ſendo ali feitor, & Alcaide mor, & medio a altura com muitas linhas de peſcar que ajuntou hũas as outras, & achou ter quinhentas braças. La embai-

xo arrebenta hũa fermosa fonte que corre pera hũa parte, cuja agoa ninguem chegou aprouar, nẽ se sabe se he doce se salgada. Este chão que em baixo aparece (que como dissemos he de pedra & terra mouidiça, como hum entulho) ferue de combro, com a força do fogo que tem por baixo, & lança pera çima muitas vezes hum tão espeço, & sedorento fumo, que parece cousa que se pode palpar, & sede a enxofre: & parece que por debaixo he este monte oco, por que neste tempo vai sumido aquelle entulho (que decima se enxerga.) pera baixo como faz o trigo na tremonha da atafona, & muitas vezes acontece, quando lança aquelle espeço fumo fazer tamanhos terremotos & trouoes, que parece aos que estão em cima, que cae todo o monte, & a voltas d'elles lança hũa grande quantidade de pedras vermelhas como fogo, que se espalhão pellos ares, como se saillem de bocas de furiosas bombardas, & espalhandose por toda a ilha com grandes terremotos, caem sobre a nossa fortaleza, & sobre a cidade. & algũas vezes se achou irem dar nas ilhas dos Meaos, & dos Cafures, dezoito vinte legoas de Ternate. O fumo que lança he de muitas cores, & esta he a rezão porque esta ilha he mais doentia que todas, por causa dos maos vapores, & corrupsão do ar, & das agoas, porque muitas vezes caem aquellas pedras nas fontes de que bebem, que parece que as corrompe. Sobindo por esta serra açima a te hum terço d'ella, será pouoada, no mais alto faz grande frio, mas não tem bicho, nem aue, mais que moscas. Decima aparece gran le distancia de mar, & grande quantidade de ilhas, porque a pureza do ar faz descobrir muito. No cabo da terça parte do caminho da serra, a te onde he pouoada, se acha hũa fermosa fonte de agoa tão fria, que se não pode beber senão a tragos; & la na altura afastado hum pedaço da boca que deita fumo, arrebentou o monte por hũa ilharga, & lançou em dous dias muita agoa, & hũa quantidade de grandes penedos, que foraõ fazendo pella serra abaixo, grandes concauidades a te o mar, leuando comsigo montes, & arnores com grandes terremotos. Tem mais este monte emçima hũa grande alagoa de agoa doce, cercada toda de arnoredo, sobre que andaõ muitos lagartos de hũa braça decõprido a te apõta do rabo, & quãdo sente gente, saltão decima d'entro na alagoa. No Moro ha outra cousa em outro monte que taõbem lança fogo, & fumo. N'estas ilhas e das naõ ha verão nem inuerno, & a chuua não tem tẽpo certo, mas he mais geral cõ o Noroeste

que

que com o Sul. Ha n'estas ilhas cobras de mais & menos de trinta pés, & conforme a este comprimento lhe a grossura, não são daninhas, ligeiras, nem venenosas, dizem que quando lhes falta o comer, mastigaõ certa erua que conhecem, & trepandose em algũas aruores que estaõ sobre o mar, a lançaõ mastigada n'elle, aque acode grande cardume de peixes a comer, com que se embebedaõ, & ficaõ sobre a agoa, & então se lançaõ as cobras deçima no mar, & fartaõ se d'aquelle peixe. O mar cria Crocodilos, que saõ mais daninhos na terra, & no mar taõ couardos que se deixaõ amarrar debaixo da agoa, quando dessem a elles alguns negros juntos com matinada. E hum padre da Companhia que esteue nestas ilhas disse que vira prender hum d'estes, tem quatro olhos & muito pequeno coraçaõ. Ha huns bichos a que chamaõ Cuços, que habitão nas aruores de cujo fruito se mantem; saõ como coelhos, o pelo espeso, crespo, & aspero, antrepando & ruiuo os olhos redondos & viuos, mũy pequenos pés & mãos, & rabos cõpridos sem pelo algum, por onde se dependuraõ, pera milhor poderem chegar ao fruito, fedem muito a Rapozinhos, naõ se lhes enxerga a natura as femeas, porque tem hũa abertura na barriga que se não enxerga de fora, & apertada com as mãos fica hum bolso sem pelo, como carne bem esfolada, & o corpo inteiro, em cujo meyo tem hũa tripinha em que esta pegado pella boca o filho, quando andaõ prenhes, & ali géra, & creçe, a te nacer, & se perfeiçoar, & depois lhes fica aquelle bolso & ninho onde andaõ a te se poderem sustentar por si: & quando andão no campo ao pasto abrem os bolsos, & deitão os filhos a pascer, & se sentem gente, tornaõ a recolhellos dentro, & fogem pera as aruores sem lhes cairem. Nos matos ha muitas aues brauas, & domesticas, & algũas das que ha na Europa. Ha hũa sorte de papagayos, aque chamão Nores de cores muito fermosas, & ainda ẽ gritaõ muito, falão algũas cousas bẽ. Contão os homens de Maluco de hum que estando saõ gritara alto, morro, morro, & batendo as asas cayra morto: & de outro que vindo de Amboino, no payol de hũa Fusta, fora hum rato pera o tomar, & elle gritara chamando por Bastião (que era hum moço que tinha cuidado d'elle,) & com isto se liurou. Ha huns passaros mais pequenos que patos, de grandes pescoços todos ruiuos, & todo o mais corpo muito negro, tem os pés muito curtos como papagayos, & andaõ de saltinhos, tem o bico grãde, & com tantos debrũs nelle, como quantos annos tem, porque cada anno lhe nace hum. A femea quando choca não sae do ninho

todo aquelle tempo, & ali a mantem o macho em quanto ali esta perde toda a pena, & lhe nace outra de nouo igualmente com os filhos, com quem juntamente sae do ninho renouada. O macho he taõ cioso, que em quanto a femea esta no ninho, naõ deixa passar alguem por perto, & logo arreme te a morder, principalmente molheres prenhes que perseguẽ mais. Ha tamanhos morcegos, que diz Gabriel Rabello, que medio hum que tinha sete palmos de hũa ponta da aza, a outra. Tem Guinchos, Andorinhas, Zorzaes, Arucolas, Gauiaes, Mochos, Corujas, & outras muitas sortes de passaros, & aues. No mar tem muitas sortes de pescados, baleas, botos, toninhas, peixe Vaca, como o do Brasil. Nos arrecifes se tomão huns cranguejos mũy conhecidos dos outros, por certo pelo, & comendo de hũa certa parte, matalo em vinte & quatro horas. Ha outros, que por outro tanto espaço fazem grandes febres aquem os come, & hũa muito alegre doudice, porque em todo aquelle tempo naõ deixa de saltar, bailar, sem comer, beber, nem dormir, & passado o termo, tornaõ em si como d'antes. Estes cranguejos se criaõ aos pès de hũas aruores que ha na praya, debaixo de cuja sombra adoeceraõ alguas pessoas da mesma doudice: estas aruores saõ mũy conhecidas, & em todo o chaõ que sua sombra toca, he taõ seco & escaldado, que nenhũa erua produz. Ha outros cranguejos como lagostas, ainda que de menos pernas, com hũas bocas de dentes brancos, com que quebraõ os caroços pera lhe comerem a amendoa: criaõse em couas no mato, tomãos de noite com fogo, ou ao lũar, & tem o corpo & as pernas a mesma carne de lagosta: no rabo tem hum bolso de hũa certa maca de mũy grande gosto; pello que saõ taõ estimados, que valem tanto como hũa galinha. Em hũa certa lũa perto da nossa pasco a lança de si o mar do Moro hũa grande quantidade de hũa immũdicia como minhocas, de que todo o mar se coalha: & como os naturaes ja esperaõ por isto com seus barcos, enchemnos muitas vezes d'aquillo, & fazem hum betume que os sustenta todo o anno, & em nenhũ outro dia se ve mais. Ha na ilha do Buro hum rio doce, & onde a maré naõ chega faz hum pego em que andaõ muitos sermoes mũy bons, & gordos, que nas agoas vivas de outra lũa saem dali & vaõse ao mar, que lançaõ entaõ outra grande quantidade de peixe miudo, que he tanto, que se fartaõ elles, & os pescadores daquellas ilhas enchem seus barcos, & os formoes se tornaõ a recolher a seu pego, sem os naturaes lhes fazerem mal: porque dizem, que por seu respeito lhes da Deos

aquella multidaõ de peixe, que ali naõ aparece mais que aquelle dia, & o que tomão lhes dura seco, & salgado todo o anno. Ha n'estas ilhas de Maluco hum pao que tira a vermelho, que arde no fogo, & faz chama & braza sem se gastar, & parece que tem natureza de pedra, porque se desfaz facilmente entre os dedos, & tratado entre os dentes trinca, & quebra. A porta da fortaleza de Ternate, esta hũa fermosa aruore chamada Catopa, de que caem hũas folhas mais pequenas que as geraes, cujo pé he cabeça de hum bicho, ou borboleta, & o talo, o corpo, & as veyas que procedem d'elle pès & mãos, & as folhas azas, cõ que logo voão, ficando perfeita borboleta, & folha. E quando esta aruore renoua cada anno, lança algũas candeas como de Castanheiro: & do pedaço de hũa, diz Gabriel Rebello, que vio hum bicho seruindolhe os graõs a roda dos pés: & o talo de corpo: & as folhas nouas criaõ hũs bichos como de ortaliça, que caẽ deçima pendurados por fios como teas de aranha, que acodem a apanhar hũa casta de bespas, & as metem em seus ninhos que fazem de lama dentro nas casas, & enchẽ doas d'aquelles bichos, tapaõ hũ pequeno buraco que tinhaõ pera seruintia, & vaõse as bespas pera outro pouso: & d'estes bichinhos que ficão nos ninhos se geraõ outras bespas, que por tempos saem d'ali a buscar mantimento. Fazem n'estas ilhas o sal, de lenha das aruores que se crião ao longo do mar, & se lhes falta esta, da que da o mato, que queimão & vaõ coá do o fogo com a agoa salgada, & depois a cinza que fica poẽnse em hũ pano comprido, alto do chaõ quanto hũa vara de medir, & vaõlhe lançando por çima decoada quente da mesma cinza, & vai gotejar em testos postos sobre brazas, & ali se coalha aquelle licor, & faz hum paõ duro que salga muito bem. Outras cousas muitas ha muito notaueis, que deixamos por não enfastiar.

CAPITVLO XI.

Da armada que este anno de trinta & hum partio do reino: & de como Manoel de Macedo se perdeo em Calecare, & do que ali passou. E de como o Gouernador Nuno da Cunha partio com hũa grossa armada pera o Malauar. E da grande batalha que dom Roque Tello teue com hũa armada de Calecut.

COMo as nouas q̃ elRey teue por Manoel de Macedo, que leuou Rax Xarrafo prezo, soube, ficar o Gouernador Nuno da Cunha na India chegado de pouco, pello q̃

determinou de prouer nas cousas da India, sem embargo dos grandes trabalhos que no reino auia: porque este anno foraõ tamanhos os terremotos em todo elle (principalmẽte em Lixboa, Azambuja, Almeirim, Santarem & outras partes) que cayão a mor parte dos edificios: & foi no mar a tempestade tamanha, que destroçou, & quebrou todas as naos que estauão no porto de Lixboa, & se affirma que o rio Tejo se abrio pello meyo, apartandose suas agoas, deixando caminho de feiçaõ, q̃ appareceraõ as areas. Com isto foi tamanho o medo nas gentes, que se foraõ morar aos campos, em lapas, & tẽdas. Os mesmos terremotos ouue em Africa no reino de Tunes, & nos estados de Frandes, & ouue nos ceos grandes & espãtosos sinaes, de que os homens andauão como pasmados. Com todos estes trabalhos não se descuidou el Rey das cousas da India, mandando negociar cinco naos de que não fez capitão mor, & nellas mandou embarcar mil & quinhentos homens. Esta armada se fez a vela em Março. Os capitaes d'ellas eraõ, Archiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, (que Nuno da Cunha mandou ao reino estando em Mombaca, como ja dissemos.) Ioaõ Guedes, Manoel Botelho, & Manoel de Macedo, que leuou Rax Xarrafo, a quẽ el Rey fez merce da fortaleza de Chaul. E indo seguindo sua derrota, foraõ as quatro d'ellas a India a saluamento com taõ prospero tẽpo, que se affirma que Archiles Godinho, em menos de quatro meses surgio na barra de Goa. Manoel de Macedo pella ma nauegaçaõ do seu piloto, se foi meter do cabo de Comorim pera dentro sem saber por onde ya, & foi varar cõ a naõ na Restingua da ilha dos Iogues defronte do lugar de Calecare, que esta nã terra firme, antes de chegar aos baixos de Chilao. Este lugar he poueado de mouros, Naires grandes ladroẽs. Manoel de Macedo tanto que se vio perdido, desembarcou na restingua, que era hũa ponta de area, onde se fortificou com muita pressa, com pipas, paos, tauoas, & madeira que tirou da naõ, mandando desembarcar todo o mantimento, & agoa que auia, por que logo conheceo a terra. E aparelhando o esquife embarcou n'elle alguns homens de confiança, com cartas pera o capitaõ de Cochim, pera que lhe soccorresse com nauios, em que se podesse saluar. As nouas da perdiçaõ da naõ correraõ logo pella terra, com que os mouros de Calecaré, & dos mais lugares visinhos, auendo que tinhaõ hũa grossa preza, ajuntando todos os nauios que poderaõ, foraõ demandar os nossos que estauão nos baixos, & os começaraõ a bater com muitas peças d'artelharia, cercando a ponta em que estauão a roda, trabalhando por

desem-

deſembarcarem em algũas partes, pera os cometerem d'entro nas trã queiras. Manoel de Macedo que era muito esforçado caualeiro, defendeoſe d'elles com muito valor, & esforço, dez, ou doze dias, ſem tomar repouſo de dia, nẽm de noite, a te lhe chegar o recado de Cochim, cujo capitaõ em vendo as cartas armou cõ muita preſſa duas Caruelas, & alguns nauios de remo, q̃ deſpedio logo. E chegãdo a Calecarè, que os mouros viraõ o ſoccorro, foraõſe recolhendo; & Manoel de Macedo ſe recolheo nas caruelas, com toda a gente, cabedal, artelharia, moniçoẽs, & toda a fazẽda da nao, ſem lhe ficar mais que o caſco, & ainda a eſſe pozeraõ o fogo, porque ſe naõ aprouei taſſem os imigos de couſa algũa, & d'ali ſe foraõ pera Cochim. O Gouernador eſtaua eſperando pellas naos com hũa armada muito groſſa, preſtes, & preparada, pera ir ao Malauar, por eſtar aſſentado em conſelho, que ſe fizeſſe hũa fortaleza no rio de Chalè, pera o que ſe tinha carteado cõ aquelle Rey, perà lhe dar lugar n'aquelle rio, oferecendolhe grãdes partidos, que lhe elle açeitou. E tinha taõbem negociado com elRey de Cochim, pera lhe dar dous mil Nayres, pera o acompanharem n'aquella jornada, a quem tinha mandado que ſe lhes deſſem embarcaçoẽs & todas as couſas neceſſarias, com ordem ao capitaõ de Cochim, que a gente q̃ o auia de acompanhar a tiueſſe preſtes a te ver ſeu recado. Todas eſtas couſas negoceou por cartas no inuerno, pera eſtarem preparadas como eſtauão, quando as naos ſoſſegaraõ na barra de Goa. E logo deſpedio Antonio de Saldanha pera ir a te Cochim recolher toda a armada, & gente, que la eſtaua preſtes, dandolhe por regimento, que por todo Nouẽbro o eſperaſſe ſobre o porto de Calecut. E mandou dar muita preſſa a toda a fabrica que auia de leuar pera a obrà da fortaleza, que mandou embarcar em muitos Tauris, & Cotias. E tanto que entrou o mes de Nouembro poſe o Gouernador no mar, com cento & cincoenta embarcaçoẽs, entre Naos, Galeoẽs, Caruelas, Galés, Fuſtas, Bargantins, em que embarcou tres mil Portugueſes, & mil Laſcarins da terra. Naõ nomeamos os capitaẽs d'eſta armada por que os mais delles, ou todos eraõ os que o veraõ paſſado acompanharaõ n'ella o Gouernador a Dyo. Com toda eſta frota ſe fez a vela, & foi ſeguindo ſeu caminho deuagar. Antonio de Saldanha que partio diante, tanto que chegou ao rio de Panane, ſoube que eſtauão d'entro duas naos do Camorim a carga, & porque naõ ſaiſſem, deixou ſobre aquelle rio dom Roque Tello capitaõ do Galeaõ Lambeamorim cõ alguns nauios de remo, & elle paſſou a Cochim a fazer o negocio a que ya. Os mouros que

ſaõ

saõ os que no reino Malauar nos fazem a guerra, foilhes mao de sofrer, verem aquella barra tomada, porque perdião muito em as suas naos deixarem de fazer viagem; & azedado sobre este negocio o Camorim, offereceraõ se lhe pera iré pelejar com o Galeaõ, fazendolhe muito facil renderemno, o que elle aceitou mandando cõ muita presteza armar quarenta nauios; & as naos que estauão a carga se fizessé prestes pera darem a vela, tanto q̃ rendessem o Galeaõ. E primeiro q̃ Antonio de Saldanha tornasse de Cochim; negociados os nauios, & cheios da milhor gente que auía antre os mouros, sairaõ todos juntos hũa manhã, muito crespos, & com muitos instrumẽtos de guerra. Dõ Roque Tello tanto que vio a armada, assentou de a naõ esperar sobre amarra, & leuando ancora deu o traquete, & afastouse hum pouco da terra, recolhendo as Fustas por derredor do Galeão, que preparou muito bem, fazendo sua artelharia Lestes, & repartindo os homens de mais confiança, pellos lugares mais importantes. Os imigos vinhaõ voga arrancada, & chegando ao Galeão o rodearão, & começaraõ a descarregar n'elle sua artelharia, & arcabuzaria, & taõ espessas nuuens de frechas, que empenaraõ o Galeão, pellos mastos, vergas, & por todas as obras de cima. O Galeaõ que era muito grande & possãte, começou a laborar, & visitar com sua artelharia pera todas as partes, & foi tão bẽ empregada que lhe arrombou muitos nauios. As nossas Fustas que erão cinco ou seis, cõ as popas no Galeão, taõbem fizeraõ seu emprego nos imigos, desaparelhandolhes algũs nauios, & matãdolhes d'entro muita gente. O Galeão como andaua com o traquete mareauasse pera onde queria, fazendo seus empregos muito a sua vontade. O capitaõ mor da armada Malauar, vendo que o yaõ destroçando, reforçou os mayores nauios de sua cõpanhia, & com grande determinaçaõ inuistio o Galeaõ pella banda das escoteiras, & começo a subida: os nossos acodindo ali lha defenderaõ com muito valor, lançando ao mar, hũs mortos, outros feridos, fazendo em todos grande estrago. Vẽdo os mouros o destroço que era feito nelles, ouueraõ por seu partido afastarense, o q̃ fizeraõ com mais de dez nauios menos, & nos outros a mor parte da gente perdida: & destroçados, & desacreditados, se tornaraõ a recolher, leuando cõsigo as naos pera d'ẽtro, porq̃ ja yão saindo pera fora. Dõ Roque Tello, posto que lhe feriraõ algũs homẽs, naõ recebeo mais dano, & tornou a sorgir no mesmo posto, esperando por Antonio de Saldanha, q̃ em Cochim deu pressa ao soccorro, & armada que auía de leuar, com que tornou a volear pera o Gouernador.

CAP.

CAPITVLO XII.

De como o Gouernador Nunò da Cunha chegou a Chale, & se vio com aquelle Rey, sobre o lugar que lhe auia de dar, pera fazer a fortaleza, & dos tratos que ouue entre elle & o Camorim, sobre pazes, & de como se concluirão, & se começou a fortaleza.

DEIXAMOS o Gouernador dado a vela pera o Malauar, que foi continuando seu caminho muito deuagar, por causa da grande frota que leuaua: & meado Nouembro foi deitar ferro sobre a barra de Chalé, metendo tamanho terror & espanto, em todo o Malauar, que encolheo todos aquelles Reys. O Camorim como mais culpado, se forteficou, & repairou, porque naõ sabia aquelle negocio em que veria à parar. O Gouernador achou ja ali Antonio de Saldanha, com hũa grande frota de muita, & muito boa gente, & deixãdo os Galeoẽs & naos fora, passandose aos nauios de remo, entrou no rio aonde foi logo visitado da parte de Vnirama Rey de Chale, & depois de tratarẽ sobre as vistas, & elRey eleger o dia que seus Bramenes lhe asinaraõ, vieraõ a fala à borda da praya, onde o Gouernador o esperou com todos os fidalgos & capitaẽs da armada, & as Fustas cõ os proizes em terra, com toda a gẽte posta em armas ElRey chegou ao mesmo tempo, acompanhado de alguns senhores visinhos, & de todos os principaes de seu reino. O Gouernador o recebeo cõ grandes honras, & lhe fez muitos offerecimentos da parte d'elRey de Portugal, & ali logo assentaraõ as pazes, & amizades, que juraraõ ambos a seu modo. E lhe prometeo elRey em aquelle seu porto hum lugar pera fazer fortaleza na parte que elle escolhesse, de que passou suas ollas, & asinados. E logo o Gouernador deu a elRey hũa espada, & adaga douro muito rica, & algũas peças de veludo de cores, & de borcado, asi pera elle, como pera seus Regedores, de que todos ficaraõ contentes. O Gouernador notou logo o sitio em que se poderia fazer a fortaleza, que era em huns palmares que ficauaõ sobre o rio da banda do Sul, por terem algũs poços de agoa boa pera beber: & porque eraõ de partes, os comprou por ordem d'elRey muito a vontade de seus donos. Logo ali mandou traçar a fortaleza, & derribar os palmares, o que se fez aquelle dia. Ao outro desembarcou o Gouernador, & pos toda a sua gente em terra, pera começar a por as maõs na obra, assentando o

seu

seu exercito na parte que lhe pareceo sobre o rio, & por detras o mãdou forteficar muito bem, no que gastou aquelle dia. Ao seguinte, mandou abrir os alicesses, sendo elle o que deu as primeiras enxadadas ao som de muitos instrumentos de alegria, & saluas de artelharia de toda a armada. Estando el Rey presente com os seus, que taõ bem festejaraõ aquelle auto, com outros instrumentos a seu modo. Os capitaẽs, fidalgos, & principaes da armada, tomaraõ a sua conta a obra do alicesse, repartindoa entre si, em que os trabalhadores, que eraõ muitos, foraõ pôdo os maõs, correndo os fidalgos & soldados com os cestos do entulho que se tiraua, tudo com tanto regozijo, & contentamento de todos, que era muito pera ver. Os aliçesses foraõ abertos em poucos dias, pella multidaõ dos trabalhadores que auia, & logo começou a correr a obra de pedra & cal, de que foraõ muitas Cotias carregadas de Goa. O Gouernador andaua antre os trabalhadores apegando taõbem das padiolas, & com a bolsa sempre aberta, dando a todos muito liberalmente. Aqui veyo Nirange, hũ Rey da outra banda de Chale, a visitar o Gouernador, que elle recebeo com grandes gazalhados, & lhe deu peças & brincos, que he cousa em que estes Gentios todos trazem o olho. A obra ya crecendo a olho porque os officiaes d'ella eraõ repartidos pellos baluartes, & cada hum trabalhaua no seu, de que eraõ os olheiros os capitaẽs mais velhos, pera assi virem todos juntos a hum tempo sobre a terra. E porque de fronte do lugar em que se fazia a fortaleza, estaua hũa mesquita de mouros antiga, & grãde, que lhe ficaua em padrasto, tratou o Gouernador em segredo cõ o Rey mãdala derribar: & primeiro que o acabasse com elle, teue muito grande trabalho, & o peitou com muitas peças ricas, & contra vontade dos mouros, que se a isso opposeraõ, a Mesquita foi derribada, & a pedra trazida pera os muros que alumiou muito na obra, que ya crecendo a olho. O Camorim que estaua encolhido com ver o Gouernador em Chale, tãto que soube das pazes que tinha feitas cõ aquelle Rey, & que ja se começaua a por as maõs a fortaleza, auendo seu conselho, pareceolhe que lhe conuinha tratar de amizades com o Gouernador, porque com aquella noua fortaleza ficaua taõ sogeito todo o seu reino, que de nenhum rio d'elle podia sair naõ sua pera Meca, o que seria total destruiçaõ sua. E naõ se descuidãdo n'esta materia, foise ver com el Rey de Tanor, & lhe pedio que fosse terceiro antre elle & o Gouernador, & os concertasse, o que elle prometeo de fazer. E logo se foi a Chale ver com o Gouernador, que o receberaõ com grande aparato,

parato, & lhe deu hũa espada douro esmaltada, com outras peças curiosas. E depois de passada a primeira vista se tornou a ver com o Gouernador, & tratou com elle sobre as cousas do Camorim sobre o que o Gouernador o ouuio, & lhe concedeo tudo o que sobre isso lhe pedio: mostrando que o fazia com muito gosto, por elle ser o terceiro nellas. Logo vieraõ Embaixadores do Camorim, & assentaraõ, & juraraõ as pazes com o Gouernador, cujos capitulos não achamos n'este estado. O Gouernador despedio os Embaixadores, & com elles hum daquelles capitaés, aque naõ sabemos o nome, pera ir visitar o Camorim, & a ver jurar as pazes por elle, mandandolhe hum rico presente, & muitas peças pera o Principe, & pera os Regedores. Este homem leuou doze nauios consigo & foi a Calecut, onde o Camorim o recebeo com muitas honras, & tornou a jurar as pazes de nouo, com grandes solennidades, & aluoroço de todo o pouo, pello proueito que disso tinhaõ. O Embaixador se despedio do Camorim, & tornouse ao Gouernador, que estimou muito as pazes por fazer aquella fortaleza mais a sua vontade. Cõ estas pazes começaraõ a vir alguns senhores de Calecut a visitar o Gouernador, & antre elles foi Páná ache pay do Principe, herdeiro do Camorim, a que o Gouernador recebeo muito bem, & lhe deu muitas peças, porque com estes Gentios primeiro se ade dar que negociar. A obra da fortaleza foi correndo taõ apressadamente, que aos quinze de Dezembro ja estaua toda a roda em altura de hum homem: & escreuendo a elRey o estado das cousas da India, despedio as naos pera irem tomar a carga a Cochim, porque a te então as teue consigo. Estas naos acharaõ a carga prestes, & tomandoa em breues dias, deraõ a vela pera o reino, onde todas chegaraõ a saluamento.

CAPITVLO XIII.

Da armada que o Gouernador Nuno da Cunha mandou ao estreito de Meca, de que foi por capitão mor Antonio de Saldanha, & da guerra que Diogo da Sylueira fez, por toda a costa de Cambaya.

VENDO o Gouernador a fortaleza em estado que ja se podia defender, & que estaua amigo & quieto com todos aquelles Reys: despedio Antonio de Saldanha pera o estreito de Meca, a esperar as naos de Cambaya & do Achem, a quem deu seis Galeões, de que eraõ

rão capitaẽs, elle que ya em saõ Matheus, dom Roque Tello no Lambea Morim, dom Fernando Deçaio narigaõ em hũa Galeaça, Antonio de Lemos da Trofa nos Reys Magos, & Francisco da Cunha em outro Galeaõ. Deulhe mais doze nauios, cujos capitaẽs eraõ Tome Bayaõ, Fernão Lourenço, Diogo Gõçalues, Ioaõ Correa, Tristaõ Dorta, Gaspar de Lemos, Christouaõ Rangel, Francisco Mendez, Antonio Fernandez, & outros. O Gouernador deu por regimento a Antonio de Saldanha que fosse inuernar a Ormuz. Esta armada se fez a vela por fim de Ianeiro deste anno de trinta & dous em que entramos, & de sua jornada a diante daremos conta por que he rezão que continuemos cõ Diogo da Sylueira que deixamos inuernando em Chaul: a quem o Gouernador escreueo que de la se passasse a enceada de Cambaya, & fizesse por ella toda a guerra que podesse; mandandolhe pera isso mais gente & prouimentos. Na entrada de Setembro sayo d'aquella barra com quarenta nauios de que a fora elle (que ya na Galé conceiçaõ) eraõ capitaẽs Manoel de Miranda, Ioane Mendez de Macedo, Pero Preto, Diogo Dalua, Antonio Borges, Iorge Pirez, Gonçalo Fernandez, Antonio de Faio, Christouão de Crasto, Felippe Aluaõ, Belchior da Veiga, Ayres Dias, Manoel Rodriguez Coutinho, Luis Coutinho, Francisco da Sylua, Afonso Aluarez, Bertholameu Vaz Zambujo, Anrique Amado, Francisco de Sousa, Ioaõ Correa feitor da armada, Antonio Velozo, Nuno Dandrade, Payo Rodriguez Daraujo, Ruy Freire, Diogo Porsee, Iorge Diaz, Diogo de Lemos, Rodrigo Giraõ, Balthesar da Sylua, & outros: & com toda a armada se passou a ponta de Dyo, a esperar as naos, que auiaõ de vir de Meca, & de Ormuz, onde andou todo Outubro sem lhe ir cair cousa algũa nas maõs, porque as naos de Meca eraõ chegadas a Dyo primeiro que elle. Vendo que o tempo se lhe ya gastando, voltou pera a enceada de Cambaya, & foi demandar a cidade de Bandora, que he a primeira do reino de Cambaya da banda do Sul; que estaua muito prospera & rica, por ser de grande trato & commercio. E assentando com os seus capitaẽs de dar n'ella, a cometeo hũa madrugada por duas partes; & pojando em terra acharaõ na praya perto de mil & quinhentos homẽs, que sairaõ da cidade a lhe defender a desembarcaçaõ, como fizeraõ: mas a nossa arcabuzaria os afastou de feiçaõ, que tiueraõ lugar de saltarem em terra, onde tiueraõ hũa grande batalha, mas como a nossa arcabuzaria era muita, fez nelles tal estrago que os arrancaraõ do campo, & os foraõ leuando a te a cidade, em que entraraõ

deen-

de enuolta com elles, taõ apreſſadamente, matando & ferindo n'elles, que lhes não deraõ tempo pera ſe determinarem, antes com o medo que deuauaõ, foraõ ſaindo pella outra porta fora, pera a bãda do ſertão, ficando a cidade em mãos dos noſſos dõ todo o ſeu recheyo, de que foi ſaqueado o milhor, & a tudo o mais ſe deu fogo, em que a cidade ardeo eſpantoſiſſimamẽte. Diogo da Sylueira ſe recolheo perdendo neſta jornada dous homẽs, a fora feridos que ouue algũs. D'alli ſe paſſou ao rio de Bõbaim, & por elle d'entro foi demandar a cidade de Taná, que com as coſtas & fauor do Melique Tocão eſtaua rebellada, & não pagaua as pareas. E chegando a ella com a enchente da mare, deſembarcou taõ bem em duas partes. E poſto que acharaõ muitos mouros pera lhe defenderem a deſembarcaçaõ todauia a pezar ſeu ſaltaraõ em terra, & cometeraõ a cidade, em que acharaõ muito grande reſiſtencia: mas os noſſos com grande eſtrago dos mouros a entraraõ, & foi aſſolada, & deſtruida, & poſta a fogo & a ferro, o que tudo ſe fez em taõ breue eſpaço, que ſe tornaraõ a embarcar primeiro que a mare vazaſſe, porque ali fica tudo em ſeco. E ſaidos do rio voltaraõ pera a enſeada de Cambaya, & d'ali a te Surrate foraõ dando em todas as aldeas, & pouoaçoẽs que acharaõ ſobre o mar, em que catiuaraõ, & mataraõ muita gente, pondo tudo a ferro & fogo, naõ perdoando a couſa algũa. Aqui defronte de Surrate deu hum tempo a armada, que eſtaua perigoſa, com que o nauio de Franciſco da Sylua foi dar a coſta, mas ſaluouſe toda a gente, que foi tomada dos outros nauios. Paſſado o tempo, & não auendo por aquella coſta mais que fazer, paſſaraõſe a outra de Dyo, & o meſmo dano fizeraõ nos lugares do Caſtelete, Taloya, Madrefaual, queimando n'aquelles portos muitos nauios carregados de fazendas. Em fim tantas cruezas fez eſta armada eſte veraõ, que todos os moradores do maritimo deſpouoaraõ ſeus lugares, & foraõ a corte com grãdes prantos & queixas, que Sultaõ Badur ſentio muito. Diogo da Sylueira, andou todo o veraõ por aquella enſeada, & como foi tempo ſe recolheo com mais de quatro mil catiuos, & carregados todos de riquezas, & deſpojos.

CAPITVLO XIIII.

Do que o Gouernador Nuno da Cunha fez em Chalè, & acabou a fortaleza, & aprouco de Capitaõ. E das cerimonias que os Nayres guardão no negocio das jangadas, & que coſa ſaõ Amouços.

FOI o Gouernador Nuno da Cunha cõtinuando na obra da fortaleza cõ tanta preſſa, que quãdo foi por fim de Feuereiro a pos em ſua perfeiçaõ, fazendolhe caſas pera o capitão, & pera ſoldados, almazés, igreija, & todas as mais touſas neceſſarias. E pera mor ſegurança da fortaleza, mandou derribar todas as caſas, & palmares, a roda, pera lhe deixar terreiro, o que tudo fez a poder de peitas, comprando a ſeus donos os chaõs muito bem. E tendo tudo feito a ſua vontade, proueo a fortaleza de capitão; pera o que elegeo Diogo Pereira hũ fidalgo velho, & muito honrado, & lhe aſſinou duzentos & cincoẽta ſoldados de guarniçaõ, com alguns capitaẽs pera lhes darem mezas: que deixou ali com ſeus auios, & guarneceo a fortaleza de boa artelharia, que mandou tirar dos Galeoẽs, & deſeus bombardeiros, & os almazés proueo de muitas monições, & mantimentos, de trigo, & arroz, pera aquelle inuerno. E pera mayor ſegurança da terra, tomou por jangada da fortaleza, ao meſmo Rey de Chalé, dandolhe por iſſo hũa têça cada anno. E ſendo têpo de ſe recolher pera Goa, ſe deſpedio d'elle, & o mandou fazer do Camorim & deu a vela.

E por que eſte negocio de jangadas naõ he entẽdido na Europa, daremos rezão da ordẽ que niſto guardaõ os Nayres de todos eſtes reinos. Eſta prouincia Malauar, he toda pouoada de Gentios idolatras, muy ſuperſticioſos, & differẽtes em caſtas, & ritos. Hum d'elles chamados Nayres (q̃ ſaõ os principaes de todos, & muy dados ao exercicio das armas em que todos ſaõ muy deſtros.) Outros chamados Tibas, que ſaõ lauradores, peſcadores, & que vſaõ toda a mecanica: outros chamados Poleas, que he a mais infame de todas, & taõ auorrecidos dos mais, que naõ podem viuer entre os outros, nem cõmunicalos, nem tratalos, (como antigamente eraõ os do pouo de Samaria, com os Iudeos.) Eſta caſta baixa vſaõ os officios de magarefes, de lauandeiros, çapateiros, pedreiros, alimpadores de ruas, & que leuão as immundicias das caſas fora. Os Nayres como ſupẽriores de todos, ſaõ taõ ſoberbos & arrogantes, que pellas ruas por onde paſſaõ, vaõ bradando alto, pó, pó, que quer dizer, afaſta, afaſta. E aſſi tanto que ſaõ ouuidos de todas as mais naçoẽs inferiores, logo lhes deſpejão as ruas, & ſe eſcondẽ pellos becos, & pellas caſas. Os mouros que ſaõ foraſteiros naquelles reinos, vſaõ a arte do mar, & da mercancia, ſaõ todos Arabios, ou ſeguem ſua ſeita, de hũa caſta chamado Naiteas. Eſtes vindo ter aquela pro-

la prouincia, misturaraõse em casamento com os naturaes, tirando Naires, (que esta casta não se mistura com outra.) & dantre elles nacerão huns mestiços, de que toda aquella fralda do Malauar he pouoada: os mais falsos, maos, & enganosos mouros, que ha entre todos os do mundo, estes viuem n'esta prouincia como catiuos dos Nayres, que tem liberdade pera lhes entrarem por suas casas cada vez que quiserem, quer estejão nellas, quer não: & elles não podem entrar na de algum Nayre. E em tudo o mais, no modo de falar, no desprezo, os tratão como escrauos: porque cuida o Nayre q̃ naceo pera ser senhor de todas as mais naçoẽs. E assi saõ tão soberbos, que andão sempre assoprando. Todos em geral saõ homẽs mũy bem despostos, de cor bassa, andão nus da cinta pera çima, & cingidos com hũs panos brãcos grandes, com que daõ muitas voltas ao redor de si a te os giolhos. As cabeças trazẽ descubertas, os cabellos mũy grandes & crecidos como molheres, & apanhados no meyo d'ella, trazẽ de cõtino espadas & rodellas, & nos braços manilhas douro, & pedraria la encima nos buchos: & isto trazẽ os que na guerra fazẽ feitos assinalados, que he a sua insignia de hõra, como entre nos os habitos das cauallarias. As molheres Nayras saõ fermosas, & bem despostas, vestem panos aluos, & com hũa volta por hum hombro, naõ cobrindo os peitos a te a ilharga da outra bãda, andaõ sẽpre limpas, & luzidas, vntadas d'azeites cheirosos. Ouuimos em Portugal no paço, contar aos homẽs velhos, que aquelles Embaixadores, que elRey de Calecut mandou a elRey dõ Manoel, tendoos em hum seraõ de festa, por lhes mostrar a grandeza de sua corte, estando as damas (que então auia muitas & muito fermosas, & ricamente vestidas, & adornadas.) lhes mandara elRey perguntar que lhes parecião aquellas damas? Ao que os Nayres responderaõ, que muito bem: mas q̃ toda uia, naõ auia cousa como hũa Nayra, que com hũa bochecha de agoa lhe lauauão todo o corpo. São estas molheres comũas pera os parentes dos maridos, & assi viuẽ todos tão seguros de ciumes, que indo hum pera sua casa, se acha a porta da bãda de fora a rodella do outro que está d'entro com sua molher (porque he obrigado a deixar aquelle final fora.) torna a voltar & vaise a passear, a te q̃ lhe despejem a casa: & esta he a rezão porque seus filhos naõ saõ seus herdeiros, se não os de suas irmãs, porque estes hão por de seu sangue, sejaõ seus payos quaisquer que forem. Guardão estas gentes hum costume com os estrangeiros, mũy dino de louuar, & engrandecer. E este he, que tendo hum forasteiro necessidade

cessidade do fauor de hum d'estes Naires pera passar de hũa parte pera outra, pera segurar sua pessoa de ladroẽs, & salteadores: chegasse a hum Naire, & lhe pede seja sua jangada, & lhe da por isso algum dinheiro, valia de meyo cruzado. Este Naire, tanto que lhe toma o seu dinheiro lhe da a maõ em final que o toma em sua guarda, & assi o leua comsigo, a te onde o outro lhe teleua, muito seguro, & sem receber afronta de pessoa algũa. E se a caso este forasteiro for auexado ou afrontado de algũa pessoa, fica esta afronta & injuria tanto à conta d'este Naire, & de toda sua geraçaõ, que logo se ajuntaõ todos, & se offerecem a morrer a te satisfazerem aquella afronta, vsando certas cerimonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de hũa ilharga, que he o final de homens determinados a morrer, a que elles chamão Amoucos: & juntos todos daõ naquelle lugar onde lhe fizeraõ a afronta, & o destruem, & abrazaõ. Pello que he isto tão arreceado em todo o Malauar, que se hum Portugues (que he a mais odiosa naçaõ de todas com os mouros,) quiser passar de Cananor pera Cochim, por todo aquelle Malauar, posto que esteja de guerra, & por meyo dos mouros, que lhe beberaõ o sangue, tomando sua jangada, vai com ella taõ seguro, como por Alentejo, sem lhe ninguem perguntar donde vem, nem pera onde vai. E se este Naire que se fizer jangada for minino, ainda esse he muito mais seguro: porque a afronta que se faz a hum d'estes, a satisfazem mais, que aque se faz a hum homem grande, porque dizem, que quanto menos força este tem pera se defender, tanto he mor a obrigaçaõ dos parentes em acodirem pella afronta que se lhe fizer. Em outro negocio se fazem estes homens amoucos, que he quando na guerra lhe mataõ o seu Rey, ou tão todos os seus criados, familiares, & todos os que d'elle tem tenças, ordenados, & comedias, logo se fazem amoucos, & se determinão a morrer em vingança do seu Rey: que saõ taõ receosos, & precatados, que por essa causa nas batalhas nunca se atira bombardada, espingardada, nem frechada, a onde está hum sombreiro alcuantado, que he a insignia d'elRey, pera que saibão que está elle ali. E por esta rezão as nossas fortalezas do Malauar tem jangadas, a que elRey da tenças, que saõ obrigados com todos os parentes & criados acodirem as afrõtas que os visinhos lhes fazem. D'estes amoucos achamos que Cesar no seu Bello Gallico fez taõbem menção: porque diz, que andãdo Publio Crasso em Guiana, & estãdo sobre hũ lugar dos Sõciates, fora de d'etro Adjantana, que era aly Gouernador com seiscentos

Soldrios

Soldeios, que hé o meſmo que offerecidos: que tinhão por ley morrerem & acompanharem em todos os trabalhos aquelle aquem ſe offereceſſem, por amiſade, ou ſeruiço: & que jamais ſe achou eſcuſar ſe nenhum destes da morte, vẽdo matar aquelles aquem ſe offereceraõ: que hé o meſmo que tem estes amoucos. D'estas dangadas dos Nayres, faz taõbem Sabelio menção, & diz que os Nayres do Malauar guardauaõ a ordem da cauallaria: & que andauão pellos caminhos defendendo as donas, & donzellas, & satisfazendoas de seus agrauos. O Gouernador depois de chegar a Goa, despedio os prouimentos pera Malaca, Maluco, & mais fortalezas, & com isto se serrou o inuerno.

LIVRO VIII. DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Das couſas que eſte anno paſſado aconteceraõ em Maluco, & de como os da terra mataraõ o capitão Gonçalo Pereira, & lhe ſocedeo Vicente da Fonſeca.

DEIXAMOS as couſas de Maluco em Gonçalo Pereira capitão d'aquella fortaleza correr em pazes, & amiſades, com a Raynha, & com os Ternateſes, pella promeſſa que lhe tinha feito de lhe dar el Rey, & lhe dauão todas as ajudas neceſſarias, pera a obra da fortaleza, em que ya trabalhando com muita preſſa, por eſtar rota por muitas partes; & vendo que a terra eſtaua de paz, começou a por em execuçaõ certos regimentos que leuaua ſobre o crauo d'aquellas ilhas, que nunca comprendem os capitaẽs das fortalezas ſenaõ os pobres dos moradores d'ellas, que as ſuſtentão no tempo das neceſſidades com ſeu braço, com ſeu ſangue, & com ſeu dinheiro: & os capitaẽs acabaõ os ſeus tres annos, & vaõſe pera Portugal cheios douro, deixando as fortalezas eſtragadas, & os veſinhos eſcandalizados com ſuas deſordẽs, & tyrannias, & a terra de guerra, & ſem prouimentos, & os moradores cõ os trabalhos, & ſem proueitos: porque eſſes pou-

nos que tem, a y homens taõ zelosos do seruiço do Rey, & taõ amigos de sua fazenda que lha queré acrecentar com diminuiçaõ da de seus vassallos, dando aluitres pera isso, que todos vem a redundar em proueito dos capitaẽs; & ratamente n'este negocio de acrecentar, se fala verdade ao Rey, porque como trataõ de seu particular, ou pera enriquisserem, ou pera medrarem, mostraõ os proueitos, & encobré as perdas: & as que os Reys mais sentem, saõ as de seus vassallos, que todos desejaõ de apoupar & conseruar, porque Rey de vassallos pobres não pode ser rico, & as perdas que estes desejosos de enriqueçer o Rey lhe encobrem, debaixo de hum pequeno de dourado, he como pirola dourada, que se o Rey amastiguar, forçadamente lhe ade amargar, & como Catholico & Christaõ a de sentir as perdas de seus vassallos: estas perdas, & crecensas, nos algũa hora apontaremos, se nos cair a pello, posto que muito claramente o temos ja feito no nosso Dialogo do soldado pratico. E tornando ao capitaõ de Maluco, como se vio quieto, & que não auia mister os homẽs, mãdou lançar pregoẽs, que nenhũa pessoa comprasse crauo em todas aquellas ilhas se não o feitor d'el Rey, & com isso mandou pellos officiaes, entrar pellas casas dos casados & tomarlhes todo crauo, que lhe achassem, pagãdolho pello preço da terra: & todos os pezos, & balanças, medidas, & toda a outra cousa d'esta qualidade que por todas as casas achou, mandou queimar publicamente. Esta cousa escandalizou tanto os moradores de Ternate (por que ficauão sem remedio algum, & naõ tinhaõ pera que viuer na terra se lhes tolhião o comercio d'ella.) que se ajuntaraõ todos em casa do Vigairo da fortaleza (que com o braço Ecclesiastico, muitas vezes fazem taõbẽ por todas as fortalezas bem de sem rezoẽs.) E ali trataraõ sobre naõ consentirem aquelles agrauos & injustiças: fazendose cabeça hum Vicẽte da Fonseca, & assentaraõ que se fosse fazer hum requerimento ao capitão, que os deixasse viuer na liberdade em que estauão: & que quando naõ quisesse, que deixassem todos a fortaleza, & se passassem hũs pera os Castelhanos, & outros pera a pouoaçaõ dos mouros. Isto ouueraõ alguns que era caso mũy rijo desemparar a fortaleza d'el Rey, & que menos mal seria solicitarem a morte ao capitaõ por via dos naturaes. E andando assi indeterminados, socedeo mandar o capitão prender Vicente da Fonseca por hũas palauras que teue com hum sobre rolda: isto escandalizou tanto aos da conjuraçaõ, que logo se foraõ alguns em segredo a casa da Raynha, & com ella, & com seus Regedores trataraõ os agrauos do capitaõ, dizendolhes,

que

que era hum tyranno, & mao, & que fora pera aquella ilha pera deſtruiçaõ de todos, & que ſoubeſſe de certo que o juramento que tinha feito de lhe entregar o Rey que tinha na fortaleza, que o naõ auia de comprir: antes eſtaua determinado de aprender a ella, & aos Regedores para ſe milhor ſegurar, porque outra vez com qualquer achaque lhe naõ tolheſſem os mantimentos, como ja fizeraõ, & que lhe certeficauaõ que ſe o naõ matauão, que elle poria todos os d'aquella ilha no mais miſerauel eſtado em que nunca ſe viraõ, & que todos os Portugueſes auiaõ de folgar com ſua morte, & que quando lha quiſeſſem ordenar a naõ auiaõ de impedir, antes fauorecer. A Raynha & os Regedores ficaraõ muito contentes de verem aquellas diuiſoẽs, porque eſperauaõ de por ellas tornarem a cobrar a liberdade d'aquella ilha, & lançarẽ fora todos os Portugueſes: & vendo que ſe lhe offerecia tamanha occaſiaõ, naõ a quiſeraõ perder. E fazendo a Raynha ajuntamento de todos os principaes da ilha, lhes fez a todos eſta fala. Bem vos lembra amigos meus aquem eu ſempre amei como filhos, que vindo os Portugueſes ter a eſtas ilhas perdidos, os mandou elRey Boleife meu marido buſcar, & trazer pera eſta ilha, onde com honras & mimos os recebeo, & agaſalhou, & deu fortaleza, perdendo por amor d'elles a amizade dos Reys viſinhos & parentes. E depois que os recolheo n'eſta terra, pellos ſuſtentar, & defender nella, teue muitas guerras, perdas, & danos, & arriſcou muitas vezes a vida, & o eſtado, tratandoos em quanto viueo com mais amor que a ſeus proprios filhos: mas elles em ſatisfaçaõ d'eſte hoſpicio, gaſalhados, mimos, & fauores, fechando elRey meu marido os olhos, quiſeraõ logo lançar maõ de mim, que lhes eſtapei, andando muitos tempos por matos, & por brenhas, paſſando muitas miſerias, & deſauenturas, tomãdome meus filhos mininos com engano, & quando meu filho Bayano começaua a entrar em idade pera tomar poſſe do reino, mataraõmo com peçonha, & pode bem ſer que ſe naõ acodir o façaõ a eſſoutro que tem na fortaleza, taõ mal tratado, como ſe fora algum malfeitor, & fugitiuo. E alem diſto, aſsi quiſeraõ tratar noſſas fazendas, caſas, & ainda noſſa propria patria, como ſe fora todo ſeu, & nos foramos os foraſteiros, auexandonos ſobre iſto, fazendonos guerra, vſando as crueldades que ha poucos dias viſtes nos noſſos proprios naturaes, deitandoos aos caẽs, como alimarias brutas. Qualquer d'eſtas couſas era muy baſtante pera trabalharmos de ſacodir de noſſos peſcoços, hum taõ duro & pezado jugo: quanto mais tantas quantas pera iſſo temos. E ſobre tudo iſto, o

que

que he mais de sentir, a afronta que se faz a nossa religião, auexando nossos sacerdotes, desprezando nossos templos, & vituperando nossa ley. Lo porisso temporhos offerecemanha ocasião, como aquele em que ha com razão desauentagados Portugueses com seu capitão, lancemos mão d'ella pois temos em nosso fauor todos os Portugueses, & entrão nyrmãos fiz depois matarmos todos, & darmos liberdade ao nosso Rey, & a vossa patria, & se não contentir mais hospedes, que tão mal nos dão de pagar o galhardão. A todos moueraõ as rezões da Raynha, aquem não faltaraõ lagrimas, em quanto renouou as cousas passadas, & todos ali se lhe offereceraõ pera dar a execuçaõ aquelle negocio, tratando logo pelo modo, & dia, em que auia de ser. Assentando isto entre elles, para mor dissimulaçaõ, mandaua a Raynha correr com as cousas necessarias pera a obra da fortaleza, em muita abastança, dizendo publicamente (pera que o capitaõ o soubesse) aos officiaes, que dessem pressa as obras, porque nisso estaua auer seu filho, como lhe tinhaõ prometido. E vindo o dia ordenado em que auião de matar o capitão, ajuntaraõse os Ternates com suas armas na força do meyo dia, & foraõse huns poucos meter em hũa mesquita que estaua detras da fortaleza, & outros em hum bosque, que ali estaua perto, com ordem que como vissem sinal da fortaleza arremetessem a ella por hũa parte que ainda estaua quebrada. E entre os officiaes que yão a obra se meteraõ alguns com armas secretas, em trajos de trabalhadores, & os criados d'elRey, que yão & vinhaõ a fortaleza falar com elle, & ferulo, taõbem leuaraõ suas armas. Estes entrados na fortaleza sem lho ninguem impidir, como homẽs, que eraõ ali continuos, entraraõ aonde estaua elRey, & lhe deraõ auiso pera que estiuesse prestes. D'ali seforaõ a casa do capitaõ, que estaua dormindo a sesta, sem auer ninguem nas casas, por serem todos os seus criados, & familiares recolhidos. Os Ternateses poseraõ os hombros as portas, que estauão fechadas, & dando com ellas d'étro arremeteraõ ao capitaõ (que as pancadas tinha ja acordado) & leuando de hũa espada & rodella, se defendeo hũ pedaço: mas como os imigos eraõ muitos carregaraõ sobre elle, & o atassalharaõ, fazendo n'elle anotomias espantosas. E hũa escraua ouuindo o reboliço começou a gritar. Os Ternateses que estauaõ detras da mesquita sentiraõ taõbem o estrondo, & sem esperarem o final sairaõ fora, & deraõ com hũ Portugues, com quem arremeteraõ pera o matar, mas elle foi fogindo & gritando, mouros, mouros. Ja neste tempo os criados do capitaõ tinhaõ acodido com suas armas aos gritos

da escra-

da escraua, & sobindo a torre da menagem, onde o capitão se agasalhaua, acharaõ dentro os que o mataraõ, & remetendo com elles, os fizeraõ lançar pellas janelas fora, fazendose embaixo todos em pedaços, & acodindo as portas as fecharaõ com muita pressa. Os Ternatezes que estauão em boscados, não ouindo o final que lhes auião de fazer, & sentindo o repique na fortaleza (que tanto que fecharaõ as portas logo o deraõ) auendo q̃ eraõ descubertos, recolheraõse pera a cidade. Os Portugueses da cõjuraçaõ que foraõ n'aquelles tratos, acodiraõ com suas armas pera dissimulaçaõ, & entrarão na fortaleza, & acharão o capitão morto. E acodindo o Alcaide mor requereo a todos, que conforme ao regimento d'elRey de Portugal, o ouuessem por seu capitão, aque elles não quiseraõ differir, antes se atranéssou o Vigairo da fortaleza, chamado Fernão Lopez, & fazendose cabeça de todos, fez eleger Vicente daFonseca (que estaua prezo) por capitão, que logo tomou posse da fortaleza. Isto foi cousa muito escandalosa, & contra o seruiço d'elRey. Tanto que Vicente daFonseca tomou posse da fortaleza por ordem do Vigairo, sem auer quem fizesse justiça ao Alcaide mor, lançou logo mão d'elRey, & o teue, & a primeira cousa em que entendeo foi largar outra vez o trato do crauo como dantes. E porque todos foraõ em consentimento da morte do capitão fez se d'ella pouco caso, porque nem de uaça se tirou d'ella, naõ deixando de correr em paz & amisade, com a Raynha, & Ternateses. A Raynha mandou de nouo pedir ao capitão que lhe entregasse seu filho, pois ella tinha dado toda a ajuda que lhe pedirão pera a fortaleza, que estaua acabada. Vicente da Fonseca pos aquelle negocio em parecer dos casados, & todos assentaraõ que não era licito entregaré aquelle Rey, a te se naõ fazer a saber ao Gouernador o que era passado. D'isto se escandalizou a Raynha, mas dissimulou alguns dias, não deixando de requerer o filho com rogos, & com peitas. N'este estado deixaremos as cousas d'este anno, de que auisaraõ ao Gouernador, pedindolhe que prouesse n'ellas.

CAPITVLO 11.

Da armada que este anno de trinta & dous, partio do reino, & do que aconteceo a dom Estenão da Gama na costa de Melinde, E da grande guerra que Diogo da Sylueira fez no reino de Cambaya, & de como destruyo as cidades de Por, & Managalor.

Sem

SE M embargo d'este anno de trinta & dous, andar elRey dom Ioaõ occupado, em ajudar com dinheiro, & outras couſas, ao Emperador ſeu cunhado, que ſe fazia preſtes pera ir buſcar (como foi a Viena) o Turço Soleimão, que nha entrado por Alemanha, com com tençaõ de ganhar Auſtria; todauia não deixou de prouer nas couſas da India, pera onde deſpachou hũa armada de cinco naos, de q̃ deu a capitania mor ao Doutor Pero Vaz Damaral que tinha deſpachado por capitão, & veador da fazenda de Cochim. E porque a Chriſtindade da India ya em grã de crecimento, & a mingoa de biſpo deixauão de ſe ordenar muitos em ſacerdotes, & de benzerem os ſanctos oleos, & de adminiſtrar o ſacramento da Confirmaçaõ, elegeo elRey pera iſſo ao Biſpo Frey Fernãdo Vaqueiro, da ordem dos Menores, que deuia ſer Biſpo d'anel do Biſpo do Funchal, debaixo de cuja jurdiçaõ eſtaua toda a India, como milhor ao diante diremos. Era eſte homem natural d'Euora, varaõ religioſo, & deulhe o Papa titulo de Biſpo Aurenſe, & elRey lhe paſſou prouiſoẽs, pera como paſſaſſem tres annos ſe tornar pera o reino: & lhe mandou dar todo o neceſſario pera ſua embarcação, & o mandou embarcar neſta armada na nao de Vicente Gil. Eſta armada partio em Março, & os mais capitaes, erão, dom Eſteuão, & dom Paulo da Gama, ambos filhos de dom Vaſco da Gama, primeiro Conde Almirante, q̃ yão prouidos da capitania de Malaca hum apos o outro: porque antre as merces que elRey dom Ioão fez ao meſmo Conde quando o mandou por viſoRey da India (ſegundo em Portugal ouuimos) foi darlhe a fortaleza de Malaca pera todos os ſeus filhos que ſeruirão os quatro d'elles, & neſta armada vinhaõ tres, eſtes dous, & dom Chriſtouaõ da Gama, que ya embarcado com dom Eſteuão, que era o mais velho d'elles. E aſsi tinhaõ n'aquelle tempo os Reys, medidas & regiſtadas as merçes aos homens, que quando os deſpachauão com as fortalezas era pera entrar logo, & de marauilha ſe achauão mais de dous prouidos de hũa fortaleza, porque goſtauão os Reys de verem lograr a ſeus vaſſallos as merces que lhes fazião. Iſto ſe veyo depois a corromper tanto, que de todas as fortalezas vimos deſpachados dezoito, & vinte, que ſaõ quarenta, & ſeſenta annos. E por certo que por de mais animo ſe deuem de ter os homens, que vão viuẽdo em eſperanças taõ compridas, que por cometerem Elefantes, & Tygres brauos. E tornando a noſſa ordem: os mais capitaes das naos da companhia do Doutor Pero Vaz

Damaral

maral, erão Vicente Gil, Anto-
Carualho, & fazendo sua via-
apartadas hũas das outras, co
he ordinario nesta carreira; as
tro d'ellas foraõ tomar Goa en
da de Setébro. A outra de que
capitaõ dom Esteuão da Ga-
errando Mossambique foi buſ
Melinde pera fazer agoada,
taõbem não pode tomar, pel-
que foi demandar Sacotorá. E
no as agoas ali correm muito,
os desuiando: & vẽdo que não
diaõ tomar a ilha foraõ a Xael,
costa de Arabia, cujo Rey era
igo do estado: & conhecendo
ao ser de Portugal, mandou a el
mbarcaçoẽs com refresco, que
m Esteuão estimou muito. E
dose tão perto da terra, & que
forçado ir o batel fazer agoa,
no ya enfadado, desejoso de
a terra embarconse nelle, & le-
com sigo dom Manoel de Li-
, & dom Fernando de Lima,
e yão embarcados com elle, &
gados a terra estiuetaõ na pra-
em quãto se fazia agoada: mas
s a desauentura que n'aquelle
npo desse hũa tormenta tama-
a, que não a podendo sofrer a
, que andaua as voltas com o
que te, foilhe necessario virar em
pa, & ir correndo por onde po-
O vento era leuante, & quan-
ali começão saõ tormẽtos os &
sem poderem alfazer foraõse
mandar a costa de Melinde ven
se muitas vezes perdidos: &

não podendo ferrar terra, por que
ficaraõ os leuantes cursando, pas-
saraõ auante, & foraõ tomar Mos-
sambique com infinito trabalho,
& com a mayor parte da gente
morta. Indo dom Christouão da
Gama nella que com ser mancebo
assi corria com os homens, & assi
se negoceou, que elle foi a vnica
occasião de se saluar aquella naõ.
E tornando a dom Esteuão, ficou
em terra esperando hum dia ou
dous conjunçaõ pera ir buscar a
sua naõ, & passada aquella primei-
ra pancada, embarcouse no batel
que leuaua cheio d'agoa, carnei-
ros galinhas, & outros refrescos, &
foi ao mar a buscar a naõ, cuidan-
do que andasse por ali as voltas, &
não a vendo ficou muito enfada-
do. E tomádo parecer sobre o que
faria, assentaraõ que fossem a to
Sacotorá por que forçado a auião
de achar la, & assi foraõ deman-
dar aquella ilha, & nem ali a acha
raõ, do que ficou muy apaixona-
do. Os officiaes da naõ que yão
no batel lhe disseraõ, que aquelle
tempo era leuante, & que ja ali a-
uia de cursar a ce o inuerno, que
sem duuida a naõ auia destar em
Melinde, porque os ventos, & as
agoas, a auião de lançar pera la
que o buũ seria ir demandar Me-
linde: & quando a desauentura
fosse tamanha q a naõ achassem,
que fizesse o que lhe parecesse. Af-
si se deixaraõ ir pella costa adian-
te, & depois que passaraõ o cabo

de Guar-

de Guardafui, indo dom Eſteuão tão triſte que queria morrer de pezar, chegados a Magadaxo, fizeraõ agoada. E ſabendo o Rey da terra, que ali ya hum filho do Conde Almirante, de que todos tinhão grande conhecimento, por ſer o primeiro que deſcobrio, & nauegou, por aquella coſta, o foi ver a praya, & lhe fez grandes offerecimentos de tudo o que ouueſſe miſter. Dom Eſteuão lhe pedio hũa embarcação mayor, & amarinheirada, & com algum Piloto pera o poder leuar a te Melinde, o q̃ lhe elle logo mandou negocear, & lhe deu muito refreſco da terra. Partidos daqui chegaraõ a Melinde, onde eſtaua por capitão hum caualeiro honrado chamado Nuño Fernandez, que os agaſalhou muito bem, & delle ſoube como a ſua nao era paſſada pera Moſſambique, por que algũas embarcaçoẽs que auiaõ paſſar muito ao mar, lho diſſeraõ. Com iſto ficou dom Eſteuão deſaliuado, & Nuno Fernandez lhe deu hũa Fuſta mũy bem concertada, & tudo o mais de que tiueraõ neceſsidade. Partidos dali como yaõ com leuantes rijos, em poucos dias foraõ a Moſſambique, onde a nao eſtaua, & dom Chriſtouão ſeu irmão deſconfiado de poderem ſer viuos: & acodindo a praya ao irmão ſe feſtejaraõ grandemente. Ali ſe deixaraõ ficar eſperando a mouçaõ de Agoſto. As outras naos chegaraõ a Goa, & o Doutor Pero Vaz Damaral foi metido deposſe da capitania de Cochim, & do cargo de veador da fazenda, & logo ſe embarcou pera dar ordem á carga das naos. N'eſta armada mandou el Rey hum aluara a Nuno da Cunha em que lhe fazia merce de quatro mil cruzados, pera ajuda de ſuas deſpezas. E mandou o cargo de capitão mor do mar a Diogo da Sylueira, com quẽ he rezão que continuemos, em quanto o Gouernador deſpede as naos pera Cochim.

Atras temos cõtado como Diogo da Sylueira ficou inuernando em Chaul; que tanto que o veraõ entrou armou hũa Galé, cinco Galeotas, & quinze nauios, com que ſe paſſou a ponta de Dyo, a eſperar as naos de Ormuz, & de Meca, que auiaõ de ir pera aquella ilha, onde ja eraõ recolhidas quaſi todas as que eſperauão, & todauia lhe vieraõ cair nas maõs duas, que ſem cuſto ſe renderaõ, & deſpedindoas com gente pera Goa, paſſouſe a coſta de Por, & Mangalor, que eſtaua ainda inteira, & ſem ſe tocar nellas. Ali começou pellos lugares maritimos (que eſtauão deſcuidados de tal açoute) a eſcalar, deſtruir, & abrazar, matando, & catiuando muita gente, & aſſi foi a te chegar a cidade de Pate, que tinha hum porto mũy freqũẽtado de naos & nauios de todas as partes, a onde concorrião muitos

merca-

mercadores grossos, porque desejou de dar hum papo quente a seus soldados. E desembarcando n'ella hũa madrugada com quinhentos homens, a cometeo, tendo hũa muito aspera batalha com seus moradores, que sairaõ a lhe defender a desembarcaçaõ, com qué apertaraõ de feiçaõ, que os foraõ metendo pella cidade, entrãdo de enuolta com elles, destruindo, & assolando tudo, vsando espantosas cruezas, por que parecia ser assi necessario, pera o que o Gouernador pretendia, ou o permittio Deos, pella maldade do Soltão Badur, por que muitas vezes pellas dos Reys castiga seus pouos. Os soldados deraõ hum fermoso saco a cidade, onde acharaõ muitas riquezas, & tantas, que naõ foi possiuel recolherense todas, mas tomou cada hum o que lhe milhor pareceo, & o que poderaõ leuar. Tudo o mais se entregou a hum cruel & espantoso fogo, em que toda aquella cidade se consumio, com grandissimo espanto & terror dos naturaes, porque os que poderaõ escapar, estauão de longe vendo as labaredas & fumaças em que se desfazião suas fazendas. Pella mesma maneira se queimaraõ todas as embarcaçoẽs que auia no porto carregadas de differentes fazendas. Feito isto, tornaraõse os nossos a embarcar sem custo, mais que de algũs feridos. E passando pella costa adiante foraõ assolando tudo ate chegarem ao lugar de Patan, que taõbem era hũa escala bem grande de muitos & mũy ricos mercadores, onde taõbem desembarcaraõ: & posto que acharaõ grande resistencia a entraraõ, & fizeraõ n'ella outro semelhante estrago, que em Pate. Dali passaraõ a cidade de Mangalor, que era mayor, & mais prospera de todas, & desembarcando nella, com mais tento que nas outras, acharaõ taõ bem bem differente resistencia, porque tinha muita & muito boa gente de guerra, mas por fim do negocio a cidade foi entrada, & escalada, matandolhe muita gente, & a mor parte d'ella, molheres, & mininos, que naõ poderaõ fugir. Os nossos tomaraõ o que quiseraõ & o mais entregaraõ ao fogo, em que toda a cidade se cõsumio. No porto auia muitas embarcaçoẽs carregadas de mantimentos, de que toda a armada se proueo, & depois as entregaraõ todas ao furioso, & espantoso fogo. Feito isto embarcaraõse logo, & passaraõse a costa de Cambaya, por onde fizeraõ crueliſsima guerra.

CAPITVLO III.

Das cousas em que o Gouernador Nuno da Cunha proueo. E da grande armada com que partio pera o Norte.

DEterminaua o Gouernador Nuno da Cunha de ir paſſar todo eſte veraõ pello Norte, pera cõtinuar na guerra de Cambaya, & ver ſe por algũa via, lhe abria o tempo occaſiaõ pera lançar mão da fortaleza de Dyo, pera o que deu preſſa as naos do reino, pera irem tomar a carga a Cochim. E deſpidio por capitão mor do Malauar Manoel de Souſa, hum fidalgo, filho de hum irmão do Prior de Rates, que foi aquelle que depois morreo no rio de Dyo com Soltaõ Badur, (como na quinta decada ſe verá.) Eſte fidalgo partio em fim de Outubro, com hũa Galè em que elle ya, & quinze nauios, de que eraõ capitaẽs dom Luis, Gonçalo Pereira, Anrique de Souſa, Aluaro de Siqueira, Vicente Rodriguez, Diogo Pirez Deça, Martim de Craſto, Fernão Vilela, Fernão Gil porcalho moço da camara do Iffante Dom Luis, & outros. Depois de deſpedidas as naos, & armada, chegou a Goa Antonio de Saldanha com a ſua armada, de que não damos rezão, por que não achamos informaçaõ, do que ſocedeo na jornada: ſomente tomar algũas naos ricas, com muitas prezas, & ir inuernar a Ormuz, & ſobre as prezas teue o Gouernador com elle algũas rezoẽs, de que ſe elle enfadou, & ſe foi embarcar pera o reino. Depois da ſua chegada logo o Gouernador ſe embarcou, & deu a vela com hũa armada de mais de cento, & cincoenta velas: em que entrauão vinte Galeoẽs, & naos, muitas Galés, & Galeotas. Os capitaẽs q̃ n'eſta jornada yão ſaõ os ſeguintes. Garcia de Sá, dom Fernando Deça, Antonio da Sylua, Manoel d'Albuquerque, Iorge de Lima, Franciſco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá, o Rume, dom Paulo da Gama, Nuno Pereira de Laçerda, Triſtão Homem, Iorge Cabral, Martim Afonſo de Mello Iuzarte Franciſco de Vaſconcelos, Vaſco Pirez de ſaõ Payo, Anrique de Macedo, Martim de Freitas, dom Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodriguez Coutinho, Chriſtouão de Craſto, Luis Courinho, Franciſco da Sylua, Payo Rodriguez Daraujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Iorge de Souſa, Antonio da Cunha, Franciſco de Souſa, Pero de Meſquita, Afonſo Figueira, Antonio Ribeiro, Franciſco da Coſta, Gaſpar Luis, Bertholameu Vaz, Iõão Fernandez o taful, & outros muitos fidalgos & caualeiros. N'eſta armada yão de ventagem de tres mil homens Portugueſes, & quaſi mil & quinhentos Laſcarins da terra, q̃ yão embarcados em dous Iuncos, de hum d'elles era capitão & ſenhorio Diogo Rodriguez d'Azeuedo

zenedo, & do outro não achamos cujo era. E primeiro que partisse de Goa, entregou o Gouernador a Simão Caciro Ouuidor geral hũ irmão do Soltão Badur, que Antonio da Sylueira capitão de Ormuz tomou n'aquella cidade, q̃ ya fugido da ira do irmão, porq̃ o queria matar. A este Principe naõ soubemos o nome, né onde morreo; mas alcançamos homens n'esta cidade de Goa, que o viraõ andar este inuerno pella cidade bebado em çima de hũ elefante, o q̃ fazia os mais dos dias, & não pella rezão porque o fazia aquelle filho do graõ Turco, que estaua em Roma catiuo, q̃ dizia que se embebedaua por não sentir os desgostos do catiueiro: mas estoutro embebedauasse, por q̃ lhe soube muito bẽ o vinho do reino. A este Principe fez o Gouernador muitos gazalhados, & lhe deu casa hõrada, & despeza, mas não achamos (como ja açima disse mos) em toda a India homẽ que nos dissesse do fim d'este Principe. Porque quãdo o Gouernador Nuno da Cunha matou é Dyo el Rey Soltão Badur, como logo adiãte se verà, vinha o reino a este homem, porque o Badur não tinha filhos; & em defeito de herdeiros elegeraõ os ponos Soltão Mahamede seu sobrinho, & não declaraõ as historias se era filho d'este irmão, se do outro aquẽ elle tomou o reino. E tornãdo ao Gouernador, foi seguindo sua jornada ate a fortale za de Chaul, onde estaua Manoel de Macedo por capitão, que lhe fez grande recebimento. Aqui tomou informaçaõ das cousas de Cãbaya, & soube estar na cidade de Baçaim Melique Tocão, senhor de Dyo, que Soltão Badur tinha mandado com dez ou doze mil homẽs, pera se meter n'aquella cidade, pellas nouas que auia dos grãdes apercebimentos que fazia o Gouernador pera sair fora este verão. Melique Tocão estaua muito forteficado, & soberbo, pello socesso passado de Dyo, de q̃ o Gouernador andaua bẽ desconfiado, & desejaua desatisfazer aq̃lla quebra. E tomando conselho sobre o que faria, significando a todos os capitaens o desejo que tinha de dar na cidade de Baçaim, por ser das principaes do reino de Cambaya, & donde se prouia de mantimentos. A todos pareceo bem, & lho aprouraõ sem embargo de lhe representarem no conselho, o grande poder com que Melique Tocão estaua, por que quanto mayor lho pintauão, mais lhes crecia o desejo a todos de se veré as maõs com os imigos: porque os fidalgos deste tempo não buscauão outras fazendas, & fardos, se não pelouros, & bombardas, honra, & fama. Em fim assentado no conselho este negocio, logo o Gouernador despedio Manoel d'Albuquerque no Galeão em que ya, cõ quinze nauios mais de remo, pera se ir por sobre a

barra de Baçaim, porque não entrasse nem saisse cousa algũa. E por que soube que Diogo da Sylueira estaua cõ toda sua armada na ponta de Dyo, o mandou chamar pera que o fosse esperar em Baçaim; & lhe mandou o alvará d'elRey por que o fazia capitão mor do mar da India. Com este recado se fez Diogo da Sylueira a vela, & atrauessou a Baçaim, & surgio sobre aquella barra, aonde ja estaua Mafamed Albuquerque. O Gouernador lhe pos que deu despacho a alguns negocios, deu a vela pera Baçaim, & surgio naquella barra com hũa tamanha armada que cobria o mar, & dando cõta a Diogo da Sylueira do que estaua determinado, lhe mandou que fosse reconhecer o sitio, & fortificação da cidade, & que notasse a parte por que se podia desembarcar. Diogo da Sylueira se fez prestes, escolhendo pera isso algũs nauios muito ligeiros, pera ao outro dia de madrugada cometer aquelle negocio.

CAPITVLO LIIII.

Do modo da fortificação da cidade de Baçaim, & de como o Gouernador N. mandou hũa barca desembarcar nella, & a entrou, & desbaratou de todo.

O outro dia, em rompendo a manhã se embarcou Diogo da Sylueira em hum nauio muito ligeiro leuando comsigo alguns capitães & fidalgos da sua companhia, que pera isso escolheo, & outros algũs nauios de remo, com algũs Pilotos da armada pera irem sondado a barra, & o rio todo. E cometendo a entrada na repõta da maré, foi muito deuagar notãdo o modo da fortificação, que era por esta maneira. Sobre o canal da barra da bãda do Norte, estaua hũ baluarte muito grande cõ hũa caua muito larga em roda, que se enchia cõ a agoa do mar. Do baluarte corria hum muro pera dentro de longo da praya, que era a face da cidade, que ficaua pera o sertão. Por elle muro auia muitas torres, & guaritas, todas guarnecidas de muita & boa artelharia, & gente de guarnição. Entre este muro, & a cidade auia hũa boa fortaleza, posta sobre hum tezo grande, & fermosa, com seus baluartes, & reuestes, & não se podia passar pera a cidade, sem ho mar primeiro os baluartes, & fortes da praya, porque morendose algũ exercito em meyo ficaua arriscado a se perder, por causa da muita artelharia que d'ambas as partes lhe ficaua. Diogo da Sylueira foi vendo & notando tudo, sem o perturbarem as muitas & ameu-

dadas

dadas bombardadas, que ſobre el le chouião, & paſſando pellos fortes notou que a diante d'elles, pello rio bẽ açima, auia hum lugar em que ſe podia deſembarcar, & cometer a fortaleza, que eſtaua entre a cidade, & as fortificaçoẽs da praya pella outra face, ſem ſe meterem em meyo dos fortes. Notando tudo muito bem tornouſe ao Gouernador, ſem lhe acontecer deſaſtre algum: & preſente todos os capitaẽs vẽlhos, lhe deu relaçaõ do que vira, com que ſe aſſentou, que ſe cometeſſe a cidade por aquella parte, & que foſſe ao outro dia, pera o que ſe fizeraõ preſtes, ordenando as couſas neceſſarias pera o cometimento da fortaleza, no que gaſtaraõ todo aquelle dia & noite ſeguinte. E tanto que amanheceo pos o Gouernador em ordem a deſembarcaçaõ, ordenando de toda a gẽte tres eſquadroẽs. O primeiro que era adianteira, deu a Diogo da Sylueira, pera quem ſe paſſaraõ todos os fidalgos auenturẽiros da armada. Do ſegundo eſquadraõ era capitão dom Fernando Deça. O terceiro tomou o Gouernador pera ſi com todos os fidalgos, & capitaẽs velhos: ordenando o Gouernador, que as Galés & duas barcaſſas que leuaua, ſe puſeſſem a bataria com os fortes da praya. Ao outro dia tanto que a marè começou a encher, foraõ entrando o rio com todos aquelles nauios de remo, que eraõ mais de cento & vinte, fermoſamẽte embãdeirados, tocando muitas caixas, & pifaros, trõbetas, & charamelas, meſturando, cõ as couſas de guerra, outras de alegria, pera moſtrarẽ o furor & aluoroço que leua não. Diogo da Sylueira ya diante cõ toda a ſua armada, & foi paſſando pellos fortes cõ grandes ſaluas da artelharia, arcabuzaria, & gritas de todos os marinheiros, com que meteraõ mũy grande terror, & eſpanto nos imigos, que acodiraõ aos fortes da praya cuidando que os quiſeſſẽ cometer. Diogo da Sylueira como ya deſpedido do remo, foi paſſando por meyo de nuues de pilouros, & de fumaças, que aſſi da terra, como da noſſa armada eraõ tantas & taõ eſpeſſas, que cobriaõ o rio, & parecia q̃ a terra & o ceo ſe deſfazia em coriſcos. E paſſando adiãte foi por a proa na parte que tinha notado, em que logo ſaltou cõ todos os ſeus, & formou em terra o ſeu eſquadraõ, q̃ era de mais de mil e quinhẽtos homẽs, cõ ſuas bandeiras deſenroladas, & ao ſom de caixas & pifaros, foraõ marchando a fortaleza, donde lhes atiraraõ infinitas bombardadas, que todas dauão em meyo d'elles ſem fazer dano algum o que foi couſa milagroſa. Diogo da Sylueira que ya demandando a fortaleza pella face da banda do Leuante, achou ja no campo Melique Tocão com dez mil homens, poſto em ordẽ de batalha. Diogo da Sylueira

ueira animando os seus breuemẽ-te, apelidando Santiago, remeteo com os imigos baralhandose todos em hũa cruel batalha, derribandolhe os nossos d'aquella primeira salua da arcabuzaria mais de quatro centos, & vindo a espada começaraõ a fazer nelles grande destruiçaõ, & como yão com aquele primeiro impeto & furor, não estimando os imigos em cousa algũa, assi apertaraõ com elles que os fizeraõ voltar. Melique Tocão vendose desbaratado, naõ se quis recolher pera a fortaleza, mas foise de longo d'ella pera o sertaõ. Os que estauão na fortaleza, vẽdo ir Melique Tocão fogindo, não ousando a esperar os nossos, lançaraõse pella outra parte fora, & foraõ seguindo os seus, deixando a fortaleza despejada. Diogo da Sylueira chegando a porta, vendo que a vitoria estaua por sua, não quis entrar dentro, & esperou pello Gouernador. Isto tudo foi taõ apressado, que quando chegaraõ os outros esquadroẽs era tudo concluido. O Gouernador chegou a porta da fortaleza aonde achou Diogo da Sylueira, cõ a sua bandeira encostado n'ella, & leuandoo nos bracos lhe disse muitas palauras de louuores, engrandecendo a Deos com hũa tamanha vitoria sem custo algum. E mandou a Diogo da Sylueira que entrasse na fortaleza, & a desse a saco aos seus soldados: a volta delles entraraõ todos & a escalaraõ. O Gouernador mãdou recolher toda a artelharia, de que se acharaõ quatro centas peças, muitas muniçoẽs, & petrechos de guerra. Depois de tudo escalado, mandou o Gouernador fazer algũas minas, que encheo de barris de poluora, & dandolhe fogo arrebentou toda a fortaleza a teos ali cesses. Dali se foraõ aos fortes da praya que ja estauão despejados, & lhes mandou fazer o mesmo, mandando primeiro lançar todos os corpos mortos dos imigos, (que eraõ mais de quinhentos & cincoẽta,) dentro na caua, & sobre elles cayo toda aquella machina dos edificios, quando arrebentou. Feito isto mandou o Gouernador talhar os campos todos a roda, & cortar os palmares, & destruir as pouoaçoẽs, que estauão pello rio dentro de longo da agoa, de hũa & da outra parte. E deixando tudo assolado, abrazado, & feito em cinza, mandou dar em Taná, Caranja, Carapusa, Brundim, Galiana, Bombaim, & em todos os mais lũgares d'elRey de Cambaya, em que fizeraõ grandes danos, & catiuaraõ muita gente. Feito isto recolheose o Gouernador pera Chaul.

CAP.

CAPITVLO V.

De como Diogo da Sylueira partio pera o estreito de Meca, & o Gouernador Nuno da Cunha pera Goa, ficando Manoel d'Albuquerque com hũa armada na costa de Cambaya & do que lhe aconteceo.

DEPOIS de ser o Gouernador ẽ Chaul, negociou Diogo da Syluei ra pera o estreito de Meca as prezas, que partio entrada de Feuereiro, leuando cinco Galeoẽs, de cujos capitaẽs naõ achamos os nomes, mais que de Vaseo Pirez de saõ Payo, & vinte nauios de remo de que eraõ capitaẽs Rui de Mello, Lopo Pinto, Afonso Figueira, Bertholameu Vaz, Gaspar Luis, Felipe Bayão, Pero Botelho, Iorge de Sousa, Ioaõ Fernandez o taful, Gonçalo Esteuẽs, Antonio Fernandez, Diogo Goncaluez, Aluaro Mẽdez, Belchior Gonçaluez, Antonio Ribeiro, Francisco da Costa, Antonio da Cunha, & outros. E d'esta jornada adiante daremos rezão. O Gouernador depois de prouer em muitas cousas, & lhe era necessario irse pera Goa, ordenou hũa armada pera ficar naquella costa, de que fez capitaõ mor Manoel d'Albuquerque, aquem deu hũa Galé, & vinte & hum nauios de remo: dandolhe por regimento que fizesse pella costa de Cambaya toda a guerra que podesse. Despedida esta armada, deu o Gouernador a vela pera Goa, aonde chegou em breues dias, & tratou de prouer nas cousas de Malaca, & Maluco, & por que achou cartas da morte de Gonçalo Pereira, & dos desarranjos d'aquella terra, aque lhe era necessario acodir, despachou Tristão de Tayde, que estaua prouido d'aquella capitania, pera ir entrar nella, & lhe deu por regimento que lhe mandasse prezo em ferros Vicente da Fonseca, & lhe escreuesse toda sua fazenda, que viria entregue em maõs de pessoas abonadas. Em sua companhia mandou embarcar Pero de Monte mor o Castelhano, (que atras dissemos,) que os perdidos que ficauão em Maluco da companhia de Sayauedra mandaraõ ao Gouernador a pedirlhe licença pera se irem pera a India, a quem escreueo cartas de muita honra, & mandou que selhe desse embarcaçaõ, & todas as cousas necessarias. E pera Malaca despachou dom Paulo da Gama, por não auer nouas de seu irmão dom Estcuão. Estes capitaẽs partiraõ entrada de Abril. O Gouernador mandou a Manoel de Sousa que estaua no Malauar que se recolhesse, & deixasse alguns nauios & gẽte na fortaleza de Chale pera inuernarem, & lhe mandou dinheiro pera pagas, & prouimentos pera

mesas.

meſas. Com iſto concluyo o Gouernador todos os negocios d'eſte veraõ: & nos o faremos taõbem com as couſas que ſocederaõ a Manoel d'Albuquerque, & a Diogo da Sylueira, o que tudo faremos neſte capitulo, por naõ gaſtarmos outro, pellas muitas couſas que temos com que continuar.

E tratando de Manoel d'Albuquerque. Tanto que o Gouernador o deſpedio, logo ſe fez na volta da coſta de Cambaya, por onde andou fazendo toda a guerra que pode, dando em todas as pouoaçoẽs que auia de Bacaim ate Tarapor, queimando & aſſolando tudo, & tomandolhes muitas embarcaçoẽs com fazendas: & a torna viagem achou na barra de Bõbaim, hũa nao que auia pouco tinha vindo de fora, & eſtaua ja deſcarregada, com medo da noſſa armada: que tanto que foi viſta da terra, receando que lha queimaſſẽ, veyo hum mouro em hũa almadia cõm hũa bandeira branca, & foi leuado a Galẽ do capitão mor, & lhe diſſe que era hum mercador eſtrangeiro, que aquella nao era ſua, que lhe pedia lha naõ mandaſſe queimar, que elle daria quinhẽtos pardaos pera ajuda dos prouimentos d'aquella armada. Manoel d'Albuquerque lhos aceitou, viſto ſer eſtrangeiro, & elle logo os mandou buſcar, & entregou. E deixandolhe a ſua nao foi entrando por aquelle rio dentro dando em algũs lugares da ilha de Salcete, que ja ſe começaua a pouoar: & porque todauia o dano não foſſe por diante, acodiraõ algũs Tanadares d'ella & offereceraõ ao Gouernador pareas, cõ tanto que lhes não queimaſſem ſuas pouoaçoẽs, & pella meſma maneira as mãdaraõ offerecer os Tanadares de Tana, Bandora, Maym, Bombaim, & concertandoſe com todos prometeraõ quatro centos pardaos cada hum d'eſtes Tanadares cada anno, & deſte anno pagaraõ logo todos em prata que ſe vendeo a rezão de noue Xerafins o marco: cuja contia a chamos carregada ſobre o feitor d'eſta armada, cõ declaraçaõ que era de pareas. Feito iſto por ſe vir chegando o inuerno, recolheoſe a inuernar em Chaul, pello aſsi mandar o Gouernador.

E continuando com Diogo da Sylueira, foi ſeguindo ſua viagem ate o cabo de Guardafui, onde as naos que vaõ do Achem pera Meca ſempre vaõ demandar. Ali lhe foi cair hũa nas vnhas, que logo foi rendida, poſto que com trabalho por ir forte, & com muita gente, & foi tomada com todo ſeu recheo, & os que eſcaparaõ viuos foraõ catiuos. Aqui ficou a armada ate ſer tempo de ſe recolher como fez pera ir inuernar a Ormuz, como leuaua por regimento. E chegãdo a Sacotora o Galeão de Vaſco Pirez de ſaõ Payo, que ſe adiantou da armada, ouue viſta de hũa nao

de

de Ruimes, grãde & poderosa, que tanto que conheceo o Galeaõ, foisse em outro bordo. Vasco Pirez a seguio por que o seu Galeaõ era veleiro, & alcançouá em poucas horas, & deulhe hũa fermosa salua de bombardadas, & depois á inuistio com todas as velas, cometendo a entrada com muito valor & esforço, porque achou nos mouros (que eraõ mais de duzentos) muy grande resistencia, auendo mortos & feridos d'ambas as partes: mas os nossos entraraõ a nao a poder de golpes, & no conuez delle se trauou hũa fermosa batalha, mas por fim do negocio, os mouros foraõ rendidos, depois de serem os mais d'elles mortos. E tomando a nao com sigo ficou esperando pella armada que chegou logo, & fazendo agoada em Sacotora, foraõ seu camiolho. No cabo de Fartaque, deu Vasco Pirez de saõ Payo com outra nao que taõ bem abordou & rendeo, que leuaua muita fazenda. Diogo da Sylueira deu com outra poderosa nao, & atirandolhe a amainar, o fez o capitão d'ella, & se foi no batel ao Galeaõ de Diogo da Sylueira, & lhe apresentou cõ grande confiança hũa carta que era de hum Portugues que estaua catiuo em Iuda, que trazia como saluo cõduto, por lha pedir o mesmo mouro, abrindoa vio que dizia assi: Peço aos senhores capitaes d'el Rey que encontrare esta nao que a tomem de preza, porque he de hum muito roim mouro, a quem passei esta por não poder fazer mais, & ao pe d'ella se assinou. Vendo Diogo da Sylueira a cõfiança do mouro, & a velhacaria do Portugues, pello credito que cõuinha a Christão aprouuelhe o seguro: & rompendolho porque naõ soubesse o engano, & lhe fizesse dano cõ qualquer outro capitaõ que achasse, passoulhe outro em forma, com que o mouro se foi sem sentir o engano. Inda este foi mayor feito que o de Scipião o Mayor, que tomando hũa nao de Cartaginenses, com que o Imperio Romano estaua de guerra, & os que yão n'ella por se saluarem, lhe disseraõ, que yão por Embaixadores a Roma: & ainda que elle entendeo, que por se salvarem do perigo se aproueitauão do nome de Embaixadores, sem lhes mostrarem mais authoridade largou os liuremente, porque quis antes que a fé dos Romanos fosse enganada, que deixala em algũa maneira sospeitosa. E posto que isto fosse feito valeroso, o d'este nosso capitão se pode ter por mayor, por ser menos cobiçoso: porque antes quis perder hũa nao carregada douro (o que os Carthaginenses naõ leuauão) que quebrar a fe de nenhum Portugues, vindo aquelle mouro tão confiado n'ella. E tornando á nossa historia Diogo da Sylueira foi passando adiante, & embocou o estreito

de

de Persia, & foi demandar Mascate, a ōde auiaõ de ficar os Galeoẽs: no porto achou Ioaõ Fernandez o taful, que indo diante hũa nao, q̃ lhe disse que trazia cartas, & pedindolho o achou falso, pello que a reprezou a te chegar o capitão mor que a julgou por perdida, & se vendeo n'aquelle porto, & montaria tudo o que tinha sete mil cruzados. O capitão deixou os Galeoẽs em Mascate, & elle se passou aos nauios de remo, & n'elles foi a Ormuz onde inuernou. Aqui o deixaremos a te tornar a elle.

CAPITVLO VI.

Das cousas que este anno aconteceraõ em Maluco, & do grande aperto em que a Raynha pos aos da fortaleza, & de como lhe entregaraõ por partido seu filho el Rey Ayalo, & de como se passou pera Tidore. E Vicente da Fonseca aleuantou por Rey seu irmão Tabarija.

Continuãdo com as cousas de Maluco, por nos caberem n'este tempo. Depois da morte de Gonçalo Pereira, & soceder em seu lugar Vicente da Fonseca, (como atras temos dito.) Vendo a Raynha quaõ mal lhe socedera aquelle negocio, & que todauia seu filho ficaua na fortaleza reteudo como dantes, cuidando que pello auorrecimento que todos tinhão a Gonçalo Pereira, & pella largueza que com elle tinha vsado Vicente da Fonseca, em lhes largar o comercio do crauo, lhe concederião seu filho, grangeando pera isso a todos os casados, & mandou em segredo peitas a Vicente da Fonseca, pera que lhe desse seu filho. Vicente da Fonseca receando de bolir n'aquelle negocio, desenganou a Raynha, que lhe cortarião a cabeça se tal fizesse, sem o Gouernador da India o mandar. Vendo a Raynha que não podia auer o filho as maõs, nem por peitas, nem por rogos, determinou de o auer por força, pera o que cõuocou ajuda de todos os Reys vesinhos pera contra os Portugueses: & mandou recolher todos os mantimentos, pera que naõ fossem a fortaleza, nem por mar, nem por terra: com o que começaraõ os nossos a sentir grande falta de tudo. E assi chegou a cousa a tanto estremo, que assentaraõ pedirem pazes a Raynha, & cõcederemlhe seu filho, que era o que ella pretendia, por que isso era menos mal que perderse a fortaleza. E assi lhe mandaraõ falar por algũas vezes, & seu filho lho mandou pedir por termos, que veio a conceder pazes com todas as condiçoẽs que os nossos quiseraõ, com lhe entregarem seu filho, com o que ella ficou taõ apaziguada, & quieta, que tor

non

nou logo apouoar a cidade & a correrem os mantimentos em abaſtança, & os noſſos a ſairem fora das neceſsidades em que eſtauão. ElRey como eſteue em poder da Raynha, logo ella lhe entregou a gouernança do reino, em cujo principio elle começou a moſtrar ſeueridade, & aſpereza com os principaes, & a deſcubrir mocidades, que a te então não pode, com o que ſe tornou a fazer tão auorrecido a todos, que ja o tomaraõ antes prezo como eſtaua. Eſtes deſgoſtos nunca pode temperar ſua mãy, porque o moço não tinha natureza pera iſſo. Eſtando as couſas entre os Ternateſes aſsi arroinadas, ſocedeo, irem hũs tres homẽs Portugueſes de baixa ſorte, a pouoaçaõ dos Ternateſes, ou a roubar, ou a fazer força a algũas molheres (no que eſtá gente baixa he mũy deſcomedida, pello pouca diſciplina que n'eſtas partes ha.) a iſto acodiraõ algũs mouros, & dando n'elles os mataraõ. Sabido eſte caſo por Vicente daFonſeca, mandou tirar grandes inquiriçoẽs d'aquellas mortes, & como elRey eſtaua odioſo a todos, foraõ certos Ternateſes principaes a fortaleza, & em ſegredo fizeraõ crer ao capitão, que elRey mandara matar aquelles homens, ajuntando a iſto outras culpas, & mexericos, com que o indinaraõ contra elRey, tratando logo de o auer as maõs pera caſtigar. Iſto não pode ſer em tanto ſegredo que elle não foſſe auiſado, & como ficara eſcaldado da priſaõ, nunca mais quis conuerſar a noſſa fortaleza, andãdo mũy precatado, & receoſo do capitaõ. Por que como no peito malicioſo he muito natural, imaginar em todo o outro algum engano como elle faria, aſsi eſte nunca mais ſe quis fiar do capitão. E vendo elle que o naõ podia auer as maõs, começouſe a declarar, & a lhe fazer guerra, por que bem entendeo que eſtaua tão mal quiſto, que o não auião de ajudar os ſeus. E armando algũas embarcaçoẽs, lhe mandou dar em algũas pouoaçoẽs, em que fizeraõ bem de dano, & catiuaraõ muitas peſſoas, & o meſmo fez o capitão em peſſoa ſaindo da fortaleza a darlhe alguns aſſaltos na ſua cidade, com que o inquietou muito. E como elle eſtaua odioſo a todos, vendoos retirar, & não o ajudarem, receandoſe que hum dia deſſem n'elle, & o entregaſſem ao capitaõ, não ſe auendo por ſeguro naquella ilha, paſſouſe a Tidore, onde aquelle Rey o recolheo contra o contrato das pazes. Sabido iſto por Vicente daFonſeca, mandou logo chamar os Gouernadores de Ternate, & hum irmão do Rey fugido mais moço, chamado Tabarija, & o aleuantou por Rey de Maluco, com as cerimonias entre elles acoſtumadas. D'iſto ſe eſcandalizaraõ algũs dos naturaes, & outros folgaraõ. Antre

os

os Portugueſes naõ faltauão taõ bem deſgoſtos, porque vião que Vicente daFonſeca fora injuſtamẽ te eleito por capitaõ, tendo culpas, & eſtando prezo por crimes: & mais auião que elle fora o principal induzidor da morte de Gonçalo Pereira: & elle andaua taõbẽ tão pejado, que como homem que lhe remordia a conſciencia, naõ ſe quietaua, nem largaua as armas da mão temendoſe de todos, viuendo triſte & malenconizado, deſejando de ſe ver fora d'aquella obrigaçaõ. ElRey Tabarija, tratou de proceder no gouerno mais ſuauemẽte que o irmão, correndo em amizade com os Portugueſes, couſa que o irmão muito ſentio: que como foi ſempre imigo dos Portugueſes, tratou de homiziar el Rey de Tidore, & os mais viſinhos com elles, & aſsi teceo eſtas couſas, que começou elRey de Tidore a ſe declarar por imigo, lançando maõ de achaques bem pequenos. N'eſte eſtado eſtauaõ as couſas de Maluco, quando chegou àquella fortaleza Triſtaõ de Taide, como adiante diremos.

CAPITVLO VII.

De como elRey dom Ioaõ deſpedio eſte anno de trinta & tres, tres armadas pera a India, duas em Março, & hũa em Outubro de dez Caruelas, de que veyo por capitão dom Pedro de Caſtelo branco, & do que aconteceo a Diogo da Sylueira, que inuernou em Ormuz.

ERA tamanho o cuidado que elRey dom Ioaõ tinha de prouer nas couſas da India, que tendo nouas pella armada que eſte Setembro de trinta & dous chegou ao Reino, de como Nuno da Cunha ficaua ſobre Dyo, ſem ſaber ainda o que lhe tinha ſocedido: mandou negociar ſete naos pera lhe mãdar eſte anno de trinta & tres, que repartio em duas capitanias. Da primeira que partio em Março, era capitaõ mor dõ Ioaõ Pereira, pay de dom Martinho Pereira, que em tempo d'elRey dom Sebaſtião gouernou o reino, a quem elRey deſpachou com a capitania de Goa, & foi embarcado na nao flor de la mar: & os capitaẽs da ſua companhia eraõ Vaſco de Paiua na nao ſanta Barbara, Diogo Brandaõ na nao ſanta Clara, & dom Franciſco de Noronha na nao ſaõ Ioaõ. E logo na entrada de Abril, deraõ a vela as outras tres naos, de que era capitão mor dom Gonçalo Coutinho, que taõbem ya deſpachado, com a capitania de Goa, & os mais capitaẽs de ſua companhia eraõ Simão da Veiga, & Nuno Furtado. Neſtas naos mandou elRey hum aluara ao Gouernador Nuno da Cunha,

Cunha, feito em Euora por Pero d'Alcaçoua Secretario, em que mãdaua a todos os capitães das fortalezas da India, que acodissẽ cõ as menagens d'ellas aos Gouernadores, & lhe obedecessẽ como a sua propria pessoa: por onde parece q̃ até então erão todos isentos dos Gouernadores da India, & não conheciaõ outro superior se não o Rey em cujas maõs dauão as menagẽs de suas fortalezas. Depois d'estas armadas partidas, chegaraõ as naos da cõpanhia do Doutor Pero Vaz D'amaral, por quẽ elRey teue nouas do roi socesso da jornada de Nuno da Cunhà em Dyo, & como estaua assentado, que pera segurãça da India, era necessario fazer se fortaleza n'aquella ilha, & determinou de mãdar mais poder: & logo mandou tomar Caruelas por villa de Cõdé, & por Viana, & ajũtãdo dez, as mãdou negocear com muita breuidade, & fazer por todo o reino dous mil homẽs pera mandar nellas. E por capitão mor d'esta armada elegeo dõ Pedro de Castello brãco, aque deu quatro ãnos da capitania de Ormuz. Esta armada deu a vela ẽtrada de Nouẽbro: os mais capitaẽs eraõ Nicolao Luzarte, Balthezar Gonçaluez, Antonio Lobo, Lionel de Lima, Eitor de Sousa, Frãcisco Pereira, Gõçalo Fernãdez, Joaõ de Sousa, & Francisco Leme. Todas estas Caruelas eraõ latinas, somente dõ Pedro yano Galeaõ Saluador, que era hũa fermosa peça, & todas yaõ ordenadas pera ficarẽ na India. E de sua viagem adiante daremos rezão. E cõtinuando com as duas armadas que partiraõ primeiro, tiueraõ ambas taõ boa viagem, que foraõ em Setẽbro tomar a barra de Goa: sometẽ a nao de que era capitaõ dõ Francisco de Noronha, que se socobrou na paragẽ do cabo de boa Esperança a vista das outras, com hũ tempo grosso que lhe deu. N'esta cõpanhia veyo dõ Esteuaõ da Gama, que estaua em Mossambique de inuernada. O Gouernador folgou muito com esta armada, porque determinaua de meter todo o resto nas cousas de Cãbaya. Pello que logo mandou dar auiamẽto as cousas de sua embarcaçaõ, porque determinaua de se partir tãto, que despedisse as naos pera Cochim: a que mãdou dar muita pressa & elle escreueo a elRey o estado em q̃ a India ficaua. E metẽo de posse da capitania de Goa a dõ Ioaõ Pereira. E em quanto o Gouernador se não embarca, continuaremos cõ Diogo da Syluciera, capitão mor do mar que deixamos inuernãdo em Ormuz.

Tãto q̃ entrou Agosto foise pera Mascate a onde estauaõ os Galeoẽs, & fazendolhes seus prouimẽtos, deu a vela pera Goa com toda a sua armada junta. E indo ja demandar a costa de Dyo, da outra banda de Por deulhe hũa tormenta mũy grande, com que toda

a armada ſe eſpalhou, correndo cada hũ como milhor pode: & a Fuſta de Felipe Bayão que era velha foi comida dos mares, ſẽ aparecer mais couſa algũa d'ella. Vaſco Pirez de ſaõ Payo que foi no ſeu Galeaõ correndo à võtade dos vẽtos, tãto q̃ a tormẽta ceſſou, ouue viſta de hũa nao de Meca, aque deu caça muitas horas, & alcançandoa, a abordou, deitandoſe logo dẽtro cõ os ſeus ſoldados, & depois de grande reſiſtẽcia da parte dos mouros a rẽdeo cõ grãde dãno dos imigos, & paſſando o capitaõ da nao, cõ os mais que eſcaparão ao ſeu Galeão, metẽdo algũa gẽte na nao q̃ eſtaua chea de fazẽda, aleuou cõſigo, & foi demãdar a ponta de Dyo, a onde toda a armada ſe auia de ajũtar. E indo ja perto, ouue viſta d'algũs nauios da armada que yão correndo a hũa nao de Meca, & como o tẽpo era groſſo, por ſer ainda em Setembro, prepaſſou hum dos Galeoẽs da cõpanhia (que ja ſe tinha ajuntado) pella nao que Vaſco Pirez leuaua tomada, & deu lhe hũa pancada tamanha que a abrio toda & ſe foi logo ao fundo, ſaluandoſe porem os Portugueſes que nella yão que erão cinco ou ſeis. Os nauios que yão ſeguindo a nao de Meca forão apos ella a te a barra de Surrate, onde a alcançarão, & renderão, & tomandoa cõſigo a leuarão pera Chaul. E quaſi no meſmo tempo chegou taõbem o capitaõ mor aquelle porto, & deſpedio os nauios groſſos, pera ſe irẽ concertar, & elle ſe embarcou na Galé de Manoel d'Albuquerque, & mãdou negociar os nauios de remo, & armou outros que alli achou, & prefazẽdo copia de vinte, foiſe continuar na guerra de Cambaya, & ſe pos na enceada, & totalmente defendeo a nauegação aos imigos, com que os pos em grãdes neceſsidades, aſsi por lhes não entrar couſa algũa de fora, como por não poderẽ leuar ſuas fazẽdas a outras partes. E andãdo na paragẽ de Surrate foi ter com elle hum nauio ligeiro de Cambaya, em que ya hum pagem do Soltão Badur cõ hũa carta pera o Gouernador, & dando rezão ao capitaõ mor de ſi, & ao que ya, lhe fez muitas honras, & gaſalhados, & mandou em ſua companhia dous nauios, & chegando aquella cidade foi leuado ao Gouernador, que o recebeo mũy bem, & vio a carta de Soltão Badur, em que lhe pedia que ſe foſſe ver com elle a Dyo, porque compria aſsi ao ſeruiço d'elRey de Portugal. O Gouernador mandou agaſalhar o meſſageiro, & põdo eſte caſo em conſelho, foi aſſentado por todos os fidalgos, & capitaẽs, que era neceſſario irſe ver com aquelle Rey, porque poderia ſer lhe quizeſſe dar fortaleza em Dyo, pella neceſsidade em que eſtaua, & pello aperto em que o tinhão poſto, com a continua guerra que lhe tinha feito. Com iſto mãdou o

Gouer-

Gouernador lançar a armada ao mar, por que queria meter n'esta jornada todo o resto de sua potencia; & despachando as naos pera Cochim, escreueo de nouo a el Rey a jornada pera que se ficaua fazendo prestes.

CAPITVLO VIII.

Da rezão por que Soltão Badur mandou pedir ao Gouernador Nuno da Cunha que se viſse com elle. E da grande armada que se chamou das vistas, com que o Gouernador partio pera Dyo. E do desafio que ouue antre Manoel de Macedo, & o Runecan, de tantos, por tantos.

COMo as grandes guerras, que nossas armadas fizeraõ estes tres annos passados à qlle reino de Cambaya, andaua Soltão Badur taõ assombrado, (porque cada dia tinhã prantos & choros de seus vassalos, que yão fogindo das mortes, dos danos, dos incẽdios que recebião) que se não sabia determinar. E como era máo, cruel, & tyranno, & Deos o qria castigar, lhe chegaraõ taõbẽ nouas, que os reinos de Chitor, & do Mandou, (que elle tyrannicamẽte tinha tomado aos vezinhos) se lhe tinhão rebellado. Istó acabou de o melanconizar de feiçaõ, que perdeo o cõselho, por que se via em meyo de duas tallas, que o não deixauão bolir cõ sigo, hũa, a cruel guerra que o Gouernador lhe fazia, outra os reinos que se lhe aleuantaraõ, a que se quizesse acodir, auia de desemparar as cousas de Cãbaya, & arriscar a lhe tomar o Gouernador Dyo, de que elle estaua tão cioso, se se descuidasse dos outros reinos, & viſſem que se lhes não acodia, podiaõ se rebelar os mais que tinha pera aquella parte, como Vzem, Agatá, Nagaor, Agimir, & outros. E entendendo que a indeterminação n'aquelle negocio podia ser de muito dano, chamou a cõselho Mostafa Baxá, Cogeçofar, Caracem, Aminacẽ, & todos os mais capitaẽs grãdes, & cõ elles tratou sobre o modo que teria pera nẽ perder os reinos que se lhe tinhão rebelado, nẽ desẽparar a ilha de Dyo, em q̃ o Gouernador trazia tãto os olhos? E debatido este negocio, assentarão todos, que mãdasse chamar o Gouernador da India, & lhe cõcedesse a cidade de Baçaim com suas tãnadarias, & jurdiçaõ, que era pousa de mais importancia no rendimento q̃lle Dyo, & que fizesse sũ elle hũas firmes pazes, & que cõ ellas ficaria õ seus vassallos respolegando, & tornariaõ aleuantar cabeça, & elle poderia acodir as outras cousas, sem sobresalto algum. Com esta resolução despedio o Badur aquelle pagem que era hum dos do seu seio, com a carta que dissemos.

O Gouernador depois de despachar as naos pera Cochim, & prouer a costa do Malauar com algũs nauios por não ficar desemparada, embarcouse entrada de Dezẽbro, em toda a armada que a India tinha, em que leuaua de ventagẽ de cinco mil homẽs, & dando a vela foi tomar Chaul, onde se foi ajuntar cõ elle Diogo da Sylueira, & depois de dar despacho a algũas cousas, deu a vela pera Dyo, & sorgio sobre aquella barra com duzentos nauios que enchião todo aquelle mar, dando a mais soberba mostra, & salua de artelharia que podia ser. Soltão Badur que estaua na cidade de Nouanager, dali a duas legoas, mandou logo visitar o Gouernador, & elle lhe pagou a visita mandandolhe o Secretario, & Ioaõ de Santiago por lingoa, & a voltas disso mandou tratar com elle sobre o modo de como se auião de ver. Sobre isto correraõ muitos recados de parte a parte, em q̃ se detiueraõ algũs dias; & por não satisfazer ao Gouernador o modo que elRey queria que se tiuesse nas vistas, o naõ quis açeitar. Sobre este modo ha differẽtes opiniões, mas açerta he que queria o Gouernador que lhe fosse elRey falar a borda da agoa, hum da terra, & outro do mar: elRey q̃ não, se não que o fosse ver a terra na villa dos Rumes em suas tendas, pello que não se concluyo em cousa alguã. N'estes dias que se detiueraõ socedeo este caso. Como os nossos estauão em tregoas, vinhaõ os grãdes de Cambaya ver a armada, & os Portugueses yão a terra a villa dos Rumes, auer o exercito que ali estaua (que era cousa fermosissima de ver.) Entre estes foi hum dia Manoel de Macedo capitão de Chaul (que tinha ido com o Gouernador pera o acõpanhar) & andando vẽdo, & notãdo o exercito, encontrouse cõ hũ Rume, que se chamaua entre os mouros, o Tygre do mundo, genro de Cogeçofar, homẽ façanhoso assi em corpo, como em forças, q̃ era como Guarda mor d'elRey, & andaua sempre ao longo d'elle. Este como se prezaua de grãde caualeiro, & era muito soberbo & arrogãte, ẽ passãdo pellos Portugueses parece q̃ os encõtrou de ma feiçaõ, & foi torcẽdo os bigodes por bizarrisse. Tomado Manoel de Macedo d'aq̃lle negocio, foise pera o Galeão do Gouernador, & lhe cõtou o caso, pedindolhe licẽça pera mãdar desafiar Rumecã, porq̃ cõuinha assi a sua hõra: o Gouernador como tinha grãde cõfiança em Manoel de Macedo, & aquelle negocio todo vinha a redũdar em gloria & honra dos Portugueses, concedeolho, o que elle ouue por merce mũy assinalada. Logo fez hũ cartel de dezafio ao Tygre do mũdo em lingoa Persia, & lho mãdou por Ioão de Saõtiago, em q̃ o desafiaua de pessoa a pessoa, ou tãtos por tãtos, & que o lugar

gar foſſe entre a fortaleza de Dyo, & o exercito, cada hum em ſua Fuſta de remo. O Tygre do mundo aceitou o deſafio de tantos por tantos, porque quis nelle meter algũs Rumes ſeus amigos. Eſte numero de quantos foraõ naõ achamos na fortaleza, & n'eſte negocio ha nos homẽs grandes deſconcordancias; porque hũs dizem que foraõ dez por dez, outros que trinta por trinta. Em fim como quer que foſſe, começou a auer antre os Portugueſes grandes aluoroços, porque os mais dos fidalgos & capitaẽs queriaõ ſer do numero: mas o Gouernador mandou que foſſem os que primeiro ſe offereceraõ a Manoel de Macedo, que foraõ Manoel Rodriguez Coutinho, Antonio de Sà o Rume, ſoaõ Iuzarte Ticão, Gonçalo Vaz Coutinho. Eſtes fidalgos ſós achamos nomeados: & porque os ſoldados ſe não agrauaſſem de ficarem de fora em negocio tão hõrado, eſcolheo o Gouernador dous, hum chamado Ioaõ Velho, & outro Franciſco Gonzaluez das armas, pellas ter ſempre muito boas, & ſe prezar muito d'ellas. E o dia aprazado ſe veſtiraõ todos muito rica & loucãmente, leuando todos collares de hombros, medalhas, perolas, & eſpadas ricas, porque tudo iſto lhes deraõ com muito goſto os que o tinhaõ. As armas que leuauão eraõ eſpadas & adagas, & rodellas. E aſsi muito cuſtoſamente atauiados ſe embarcaraõ em hũa Galeota rija & forte, que pera iſto eſcolheraõ, guarnecida com ſeu toldo de ſeda, & de fermoſas bandeiras de cores, cõ charamelas, & outros inſtromentos de alegria, & foraõ ſaluar o Galeaõ do Gouernador, & entraraõ n'elle a lhes dar ſua viſta. O Gouernador os ſayo a receber fora da tolda, abraçando a todos mũy alegre, folgando de os ver tão gentis homẽs, & acompanhandoos ate o bordo do Galeaõ, ao deſpedir lhes diſſe. Senhores fidalgos & caualeiros, eu não tenho que vos lembrar, mas ſó vos lembro que ides pelejar por honra de noſſa naçaõ: a victoria eſtá certa, va Deos conuoſco. Embarcados na Galeota foraõſe por no poſto a eſperar os imigos. Na armada auia grandes aluoroços & inuejas, & as enxarceas dos Galeoẽs, & as gaueas, eſtauão todas cheas de gente pera verem o deſafio, ainda que de longe. Os noſſos eſperaraõ todo aquelle dia ſem os imigos virem, & tanto que anoiteceo recolheraõſe pera junto da armada, & em amanhecendo tornaraõſe ao poſto ſem taõbem os virem demandar, nem ao outro dia que foi o terceiro. E acabado o dia auendoſe por deſobrigados, ſaluaraõ a cidade com algũas bombardadas, & depois com charamelas & trombetas, & foraõſe recolhendo pera a armada, & nunca ſe ſoube a rezão porque os imigos lhe não ſairaõ: mas ſoubeſſe que

Rumecan capitaõ geral do exercito ficara múy pezaroso, & sentira muito aquella afronta, ficando d'esta vez os Rumes múy descreditados.

CAPITVLO IX.

Da differença que ha entre os Rumes, & Turcos: & por que se chamão Rumes. E do que fez o Gouernador Nuno da Cunha, & de como Diogo da Sylueira foi com hũa armada ao estreito.

IA que falamos em Rumes (porque muito poucas pessoas sabem a differença que ha d'elles aos Turcos,) & donde vem este nome Rume, o diremos breuemente He de saber que os verdadeiros Turcos saõ aquelles que deceraõ dos montes Caspios, & foraõ conquistar toda essa Natolia, toda essa Grecia, & o grande imperio de Constantinopla. E porque a primeira parte que pouoaraõ foi a de Natolia, se chamou d'elles a graõ Turquia, por que elles trouxeraõ ja cõsigo este nome de Turcos, por que deceraõ da prouincia de Turchestan, como adiante milhor se verá quando falarmos da origem dos Magores, & reprouamos a opinião que algũs tiueraõ em dizeré, que os Turcos se chamaraõ assi, dos Teucros que foraõ os Troyanos, ou porque pouoaraõ aquella parte que os Teucros possuiraõ: esta opiniaõ parece que tomaraõ da semelhança do nome. Os Rumes saõ todos aquelles naturaes da prouincia de Tracia, & d'aquella parte de Cõstantinopla que se chamou Romania, d'aquelle priuilegio que o Papa Syluestre concedeo ao Emperador Constantino, (segũdo Platina.) que querendo gratificar aquelle Emperador, quando lhe largou a cidade de Roma, pera n'ella assentar a cadeira de saõ Pedro, mudandose pera Constantinopla, mandou que aquella cidade se chamasse d'ali por diante Roma, concedendolhe grandes priuilegios, & liberdades. Dali por diãte se ficou chamando toda aquella parte de Tracia, Romana, & seus naturaes Romanis: & os Turcos depois corrompendolhe o nome lhe chamaraõ Rumeli, & nos depois Rumes. E naõ só os que se passaraõ a ley de Mafamede, depois que aquelle Imperio se perdeo, mas ainda os de toda Grecia, que ficaraõ na sua antigua: porque como os Gregos eraõ muitos, & andauão mesturados com hum mesmo trajo sem fazer differença o mouro do Christaõ, mandou hum d'aquelles Principes Turcos, q̃ os Christaõs trouxessem nas cabeças toucas pretas pera serem conhecidos & differenciados, & assi o faõ tanto de todos,

que

que os nomeão por eſte nome Cara Rum, que quer dizer, os Rumes da diuiſa preta. E aos Iudeus mandou que trouxeſſem toucas amarelas, & os mouros todas brancas. Iſto mudou Soltão Amurat filho de Soleimão, & neto de Celym. E mandou que os Chriſtaõs trouxeſſem barretes pretos, & os Iudeos vermelhos, & os mouros ſeus turbantes brancos. Eſtes Rumes como procedem dos Gregos, tem ſe por mais hõrados que os Turcos, & na verdade lhe ſaõ auentajados em coſtumes, limpeza, & valor: & onde quer que chegaõ logo ſe nomeaõ por Rumes a boca chea. E a mor afronta que ſe lhe pode fazer he, chamar a hũ deſtes, Turco, por auerem a todos por baixos, torpes, & deſprimoroſos: eſta he a rezão deſte nome de Rume, & não aquedão algũs mal viſtos nas hiſtorias, que dizem chamarenſe aſsi por procederem dos Romanos, que ficaraõ n'aquelle Imperio do Egypto, depois que veyo a poder dos Soltãos.

E tornando a continuar com o Gouernador. Depois de ſe deter na barra de Dyo algũs dias, vendo que Soltão Badur naõ queria conceder nas viſtas, mandoulhe pedir por Ioaõ de Saõtiago, que lhe fizeſſe merce de Diogo de Meſquita, & de todos os Portugueſes que tinha catiuos, que lhe elle negou, & naõ aguardando mais fezſe a vela, com toda a ſua armada, ſem ter mais comprimentos, & foi tomar Chaul. Ali ſe deteue alguns dias em negociar Diogo da Syluei-ra, que auia de ir ao eſtreito de Meca as prezas: por que naquelle tẽpo aquillo era o que ſuſtentaua a India, & taõ grandes armadas como então ſe fazião, por que os rendimentos das entradas eraõ poucos. Partio Diogo da Sylueira de Chaul, em Feuereiro com ſeis Galeoẽs, & vinte nauios de remo. Dos Galeoẽs eraõ capitaẽs a fora elle que ya no Reys Magos, Dõ Roque Tello do Camorim grande, Antonio de Lemos da Troſa, em outro. Dos mais capitaẽs naõ achamos os nomes. Os capitaẽs das Fuſtas eraõ quaſi todos os que leuou da outra vez ao eſtreito, que ſempre o acõpanharaõ: & de ſua viagẽ adiante daremos rezão. Deſpedida eſta armada o Gouernador ſe foi pera Goa, a onde começou a entender nos prouimentos de Malaca & Maluco, deſpachando dom Eſteuão da Gama pera ir entrar na fortaleza de Malaca, por ſer primeiro em tempo, que ſeu irmão dom Paulo, que la eſtaua: dandolhe poderes de veador da fazenda, & hũa prouiſaõ pera ſeu irmão dom Paulo ficar por capitão mor do mar todo o ſeu tempo, a te lhe tornar a caber a capitania que era aos elle: por que eſtaua o Rey de Viantana de guerra, & era neceſſario acodir aquellas couſas, pera o que deu a dom Eſteuaõ tres Galeoẽs,

leoẽs, de que a fora elle traõ capitaẽs Simão Sodre, Antonio de Brito, que auia de ir a Banda, & algũs nauios ligeiros em que yão Andre Casco Deuora, Ioaõ Rodriguez de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa & dom Francisco de Lima. N'estas vazilhas iriaõ quatrocentos Portugueses. Esta armada se fez a vela de quinze de Abril por diante, indo embarcado com dom Esteuão seu irmão dom Christouão da Gama, com prouisaõ, pera que se dom Paulo seu irmão não quizesse la ficar por capitão mor, o ser elle. N'esta conserua foi tãobẽ Vasco da Cunha na nao santa Cruz, pera em Malaca, carregar de drogas & de pimenta da Sunda (que estaua ja feita em Malaca) & irse pera Portugal, la pello boqueirão da Sunda fora.

CAPITVLO X.

Do que aconteceo a Diogo da Sylueira na viagem do estreito. E de como chegou a Goa dom Pedro de Castello branco com as Caruelas.

PARTIDO Diogo da Sylueira, de Chaul com toda sua armada junta, sem lhe acontecer desastre algum, foi auer vista da costa de Arabia, & a móte de Felix se deixou andar, com os nauios postos por paragens. Ali lhe forão dar nas mãos algũas naos de Cambaya, & do Achem, que logo forão rendidas, & algũas de pouco porte, & depois de lhe tirarem o sustancial lhe derão fogo, por se naõ pejaré com ellas, & outras deixarão com as fazendas, que leuarão com sigo ate Mascate, onde ficarão os Galeoẽs: & o capitão mor em nauios de remo se foi inuernar a Ormuz, leuando as naos de preza, que se venderão com as fazendas, o que tudo importou perto de oitẽta mil pardaos, que fizeraõ as despezas da armada. Aqui os deixaremos, por que he rezão que cõtinuemos com dom Pedro de Castello branco, q̃ deixamos partido do reino.

Seguindo esta armada sua viagem, hora com bonanças, hora cõ contrastes, forão em Feuereiro tomar Mossambique, aonde todas as Caruelas se ajuntaraõ, reformandose, & aparelhandose de muitas cousas de que tinha muita necessidade, com os tempos que passaraõ, tomando agoa & refresco: & de quinze de Março por diante se fizeraõ a vela pera Goa, achando no caminho muitas calmarias, que lhe deraõ trabalho, & os deteue ate entrada de Mayo, que chegaraõ a barra de Goa, a onde forgiraõ. O Gouernador tanto que teue nouas acodio a barra com muitos officiaes da ribeira, & muitas barcas em que mandou descarregar o Galeão

leão, porque era grande, & metelo pera dentro com as Caruelas, por que as não tomasse fora o inuerno porque cada dia esperauão. E recebeo dõ Pedro de Castello brãco com muitas honras, & o leuou com sigo pera a cidade, onde o mãdou aposentar muy bem, & aos reinoes da armada, (que assi chamão a todos os que vaõ do reino o primeiro anno.) mandou o Gouernador pagar seus quarteis. Cõ estas armadas, de dom Ioaõ Pereira, dom Gonçalo Coutinho, & esta de dom Pedro que toda veyo ordenada pera ficar na India, ficou ella prospera de nauios & officiaes. Esta he a rezão porque n'aquelles tẽpos auia tamanhas armadas, & porque a ribeira d'elRey estaua tão prouida de mestres, pilotos, bombardeiros, marinheiros, calafates, & todos os mais officiaes de que sempre auia perto de mil homens d'estes, aque se pagauão seus soldos, & mantimentos. Que por regimento que auia, naõ podiaõ ser passados em algum tempo a titulo de soldados, nem seruirem em outra cousa, se não nas armadas, em que estes Gouernadores tinhão tal ordem, que todas as naos, & Galeoẽs d'elRey (que eraõ de ventagem de vinte & cinco, (tinhaõ capitaẽs nomeados, que vencião ordenados todo o anno, quer fizessem viagem, quer naõ: & o mesmo o mestre, piloto, bombardeiros, & mais officiaes, ordenados a cada nauio, que erão obrigados a terẽ seus aparelhos lestes, & preparados, de feição, que se em dous dias quisessem guarnecer todos os Galeoẽs, o podião fazer sem embaraço: porque cada mestre com os marinheiros de sua obrigação acodião ao seu Galeão, sem ter cuidado de outra cousa, & assi era elRey muito bem seruido, & os seus Galeoẽs reformados, concertados, & vigiados & durauão muitos annos: & cõ a India não render mais que a metade do que depois rendeo, auia dinheiro pera isto, & pera se pagarem quatro mil soldados à quatro quarteis cada anno, & pera se fazerem naos, Gales, Galeoẽs, quasi todos os annos nouos: & mais não auia tanto veador, & superintẽdente da fazenda, como ha oje pellas fortalezas, que os Gouernadores, & Viforeys, ordenão pera aproueitar a fazẽda d'elRey, que nunca foi tão desaproueitada como em seu poder. E n'aquelle tẽpo seruiaõ os officiaes seus cargos inteiramente, sem as anexaçoẽs que oje tem os feitores, assi dos capitaẽs, como dos veadores da fazenda, que muitas vezes naõ saõ, nem de tanto saugue, nem de tanto merecimento. E n'este tempo em que as cousas corriaõ via ordinaria, auia tudo de sobejo, mas depois veio isto a descair tanto, que com render a India duas vezes mais que n'aquelle tempo, chegou a ribeira d'elRey, a naõ ter mais que cinco,

ou

òu seis officiaes Portugueses, & a se irem os Galeoẽs ao fundo cõ agoa, surtos no porto, por não terem quem lhes désse a bomba, nem quem os vigiasse, & escaçamente se poderẽ fazer duas armadas de nauios de remo pera o Malauar, & pera o Norte, muito mal prouidas, com mil & duzentos homens que podem andar nellas, pagos a hum quartel cada anno; & com isto acontecer, deixarse de prouer Maluco por falta de hum Galeaõ, pello naõ auer na ribeira. A rezão destas cousas naõ foi de algũa mudança dos ceos, nem da terra, porque os elementos sempre foraõ huns, a terra & os campos assi mesmo acodem com seus fruitos a sua rezão como dantes: por onde a mudança deue de ser, á dos homẽs, das leys, & dos costumes taõ differentes em tudo d'aquelles cõ que a India se ganhou porque diz Seneca, que os estados he necessario sustentarense com as mesmas artes com que se ganharaõ. Logo parece, que tanto que nellas ouuer mudanças estaraõ a risco de se perderem. A India ganhouse com peitos desinteressados, & com o intento no seruiço de Deos, & d'elRey, com desejos de honra & fama: cõ se estimarem os homẽs: com os capitaẽs naõ terem outros arreyos, nem tapeçarias mais que muitos soldados em suas casas: com poucos desembargadores, & ouuidores: o que depois veyo a ser tão differente, que ja oje ha poucos que pretendão fama, se não renda. Trocaraõse os ardis da guerra, em ardis de fazenda, & recolher os soldos temse ja por doudice, & por isso andaõ muitos pellas portas dos mosteiros. Costumaua a dizer dom Antaõ de Noronha, sendo VisoRey da India, que ella naõ duraria mais, que em quanto n'ella ouuesse doudos. E perguntandolhe, que doudos auiaõ de ser; respondeo, que fidalgos que sayaõ ricos de suas fortalezas, & tudo o que d'ellas traziaõ, tornauaõ a despender, no seruiço d'elRey: & praza a Deos que naõ venha a ser verdadeira sua opiniaõ, porque oje assi se fechaõ os capitaẽs com seu dinheiro, que naõ ha poder entrar com elles mais que a morte, que parece que de proposito os espreita: porque em os vendo ricos, & prosperos, vem hũa dor de cabeça, & acabaõse todos os seus castellos de vento. E pello discurso da historia apontaremos tempo em que nenhum capitaõ logrou o que acquirio, pellos meyos que elles sabem. Deixemos esta materia que he perigosa, & continuemos com nossa historia.

CAP.

CAPITVLO XI.

Do que accnteceo a dom Eſteuão da Gama a te chegar à Malaca. E de como Lac Ximena capitão d'el Rey de Viã tana foi dar viſta a Malaca, & dom Paulo da Gama lhe ſayo, & da cruel batalha que tiueraõ, em que dõ Paulo foi morto, & deſbaratado.

PARTIDO de Goa dom Eſteuão da Gama, como atras diſſemos, tendo ſempre boa viagem, foi a Malaca entrada de Iunho, ſendo muito bem recebido de ſeu irmão dom Paulo, que o tinha por morto, & logo lhe entregou a fortaleza, ſem os inconuenientes, & embargos, que oje tem os capitaẽs, & mais officiaes, porque n'aquelle tempo, todo o capitão a todo tempo que chegaua a India, ſendo primeiro em tempo que o outro que ja eſtaua na fortaleza, o podia ir tirar, o que depois el Rey reuogou com hum aluara, em que mandaua, que tanto que hum capitão eſtiueſſe de poſſe o naõ foſſe tirar outro vindo do reino, poſto que foſſe primeiro em tempo, o que fez por euitar muitos inconuenié tes. E auendo perto de quinze dias que dom Eſteuão era chegado, ſocedeo a deſeſtrada morte de ſeu irmão dom Paulo da Gama: que foi por eſta maneira. O Rey de Bintão, que Pero Maſcarenhas desbaratou & deſtruyo, (como atras temos dito.) paſſouſe pera a terra firme de Malaca, & fundou naquella ponta da terra, a que chamão Viãtana hũa fermoſa cidade: E como eſtaua eſcandalizado dos Portugueſes, buſcaua todos os modos & ardis pera ſe ſatisfazer d'elles, lançando armadas por aquelles eſtreitos de Sincapura, & Sabão, por onde corrião todos os mantimentos, drogas, & fazendas, de todas as ſortes, deſde as partes da China a te Malaca, pera aquella fortaleza, impedindolhe a paſſagem, & recolhẽdo em ſeu porto, todos os nauios que as leuauão, com que o engrandeceo muito, fauorecendo aos mercadores aſsi em ſeus dereitos, como em ſuas compras, & vendas: o que tudo foi em dano da fortaleza de Malaca: que começou a ſentir aquella mudança em ſuas entradas, & a padecer falta de todas as couſas: com o que aquelle Rey andaua tão ſoberbo, que quaſi ſe tinha feito ſenhor do mar, trazendo de contino ſuas armadas n'elle, cõ que fazia guerra a Malaca. E porque todas forão como coſſairo, & muito meudas, as não quiſemos particularizar em ſeus lugares, por não encher mos eſta noſſa hiſtoria com couſas pequenas, tendo tantas & tão grandes pera eſcreuer. E como eſte imigo ſe tinha ja feito poderoſo, & andaua fauorecido da fortuna,

fortuna, quis festejar o nouo capitaõ de Malaca, com ver se por ardil podia acolher algũs nauios as maõs: pera o que despedio Lac Ximena seu capitão geral, com hũa armada de setenta velas, muito bem petrechadas, com que se foi lançar detras da ilha aque os noſſos chamão das naos, mas os naturaes Põgor, que está duas legoas de Malaca, & dali despedio oito, ou dez Lanharas, pera que corressem a terra a vista da fortaleza, pera verẽ se lhe sayão algũas embarcaçoẽs, como sempre sazião, & que lhe fossem fogindo a terra a ilha onde elle ficaua escondido, o que tudo socedeo como elle imaginou: porque chegando os nauios a vista de Malaca, andaraõ fazendo algũas sobrançarias. Dom Estevão da Gama acodio ao Cais, & com elle dom Paulo seu irmão, & mandaraõ cõ muita pressa negociar alguns Bantis, & tres Bateis das naos, metendolhes falcoẽs, & muitas monições, & dom Paulo da Gama se embarcou em hum barel, & nos outros dous yão Andre Casco, & Simão Sodre: & nas mais embarcaçoẽs, que serião perto de quinze, yaõ Ioaõ Rodriguez de Sousa, Balthesar Leite, Luzarte Freire, & outros caualeiros honrados: & tomando o remo foraõ demandar os nauios dos imigos, que foraõ manquejãdo, & fogindo pera a cilada. Dom Paulo da Gama os foi seguindo a terra dar nella: & sendo pegado com a ilha lhe sayo Lac Ximena com grandes gritas & alaridos. Dom Paulo vendo a grande copia dos nauios, entendeo o ardil dos imigos: & posto que vio que algũs de sua companhia sem curarem de pontos de cortesia se foraõ recolhendo, não fez cousa algũa abalo em seu coraçaõ, porque era fidalgo orgulhoso & muito caualeiro. Ioaõ Rodriguez de Sousa, Andre Casco, Simão Sodre, Luzarte Freire, Balthesar Leite, como eraõ homẽs de opiniaõ, & que não aurão de largar o seu capitão mor, por todos os perigos da vida, chegaraõ se a elle pera saberem o que determinaua, sendo o primor de todos tal, que nenhũ quis ser o primeiro que perguntasse o que farião, pondose todos em armas, & negoceando os seus nauios, porque os dos imigos ja se yão chegando. Dom Paulo da Gama que era todo cheo de opiniaõ, estaua apostado a morrer antes q̃ fogir, & vendo que os de sua companhia se faziaõ prestes, & se preparauão pera a peleja, encadeouse cõ todos, porque os imigos os não rompessem & dividissem. Algũs homẽs velhos de Malaca dizem, que vendo dom Paulo a grande armada dos imigos, bem entendeo que se auia de perder, & quando vio chegar a elle os outros capitaẽs, & que lhe não dizião cousa algũa, começara a cantar assi em tom baixo aquella cantiga velha que diz, Oliual olival verde, azei-

tona

toria preta quem se colhesse o que
dissera por ventura algum lhe dizia,
que não era isso, e mandar os imigos, & quem se recolhesse. Mas
como no meio destas couas o primeiro
(ou por agouro dizer, tinha Deos
ali ordenado o fim de Dom Paulo & doutros) dandolhe a desconfiança, vendo que todos se calauão, disse ainda, anafite, & foi remando pera os imigos. Como
quer que fosse, elles se inuistirão
dandose primeiro sua salua de artelharia, metendolhes os nossos alguns naios no fundo das primeiras falcoadas & assi se começou antre todos hũa muito cruel & arriscada briga, ferindoos os nossos cõ
muitas panelas de poluora, & lanças de fogo, com que queimaraõ
muitas das Lachatas. Da parte dos
imigos chouião muitas de setas ervadas que encrauaraõ os mais
dos nossos, & mataraõ muitos.
Dom Paulo, Ioaõ Rodriguez de
Sousa, Simão Sodre, fizeraõ este
dia espantosas caualarias, & o mesmo todos os mais, porque pelejauão em defensaõ da vida, obrando todos cousas não esperadas de
homẽs, senão de leoẽs brauos. E
por não particularizarmos golpes,
a crueza foi tamanha, que quando
a noite os apartou, já dos nossos eraõ mortos sessenta, & todos os
mais feridos mortalmente. Dom
Paulo da Gama fez este dia o officio de bom capitão, & de muito valeroso soldado, recebendo
muitas feridas, & em quanto as
forças lhe deraõ lugar, sempre o
acharaõ diante obrando cousas dignas de seu sangue. Mas faltandolhe elle, pellas muitas & mortaes
feridas que tinha, cayo entre os
bancos do seu batel, Ioaõ Rodriguez de Sousa, & Andre Casco
depois de fazerem grande estrago
nos imigos ficaõ mortos de crueis
frechadas. Vindo a noite, ficaraõ os
imigos em tal estado, que naõ poderaõ leuar os nossos bateis que
andauão anboros, & se recolheraõ
com a mor parte da gente morta,
& Lac Ximena ferido mortalmẽte,
ficandolhe a mor parte de suas embarcaçoẽs metidas no fundo, &
destroçadas. Algũs dos nossos que
ficaraõ viuos, ainda que mal feridos, vẽdose liures dos imigos (que
os deixaraõ ẽ estado, q̃ quais quer
dous Bantis, os poderá leuar à todos,) dando a vela chegaraõ à Malaca, aonde logo se soube a desauentura. Dõ Esteuão acodio ao cais,
& desembarcou seu irmão, que
ya ja na derradeira, & achou os Bateis, & Bantis, alastrados de corpos
mortos, cousa que muito o cortou. E com hum animo muito seguro mandou dar a todos sepultura, & a seu irmão mandou curar
cõ muita diligencia, & os mais feridos: huns foraõ recolhidos no
hospital, & outros pellas casas dos
casados, a ôde se cuararaõ, & destes,

E e morre-

morreraõ muitos. A Ioaõ Rodriguez de Souſa, negouſelhe a ſepultura em ſagrado, porque diziaõ que tiuera hũas paixões com hum pregador, & que lhe dera hũa bofetada. As peſſoas principaes que aqui morreraõ foraõ, o meſmo Ioaõ Rodriguez de Souſa, Andre Caſco, Miguel Freire homẽ fidalgo, Sancho Sanches filho do Cõmendador de Calatraua, que era caſado em Eluas com hũa molher do apellido dos Gamas, Bernardo Queimado, Iorge Fernãdez Borges, Luis Aluarez, & outros. Dõ Paulo como ya ferido mortalmente durou poucos dias, falecendo depois de ter feitos todos os autos de Chriſtãos. Deixou em ſeu teſtamento a ſeu irmão dom Eſteuão da Gama por ſeu herdeiro & teſtamenteiro, & nomeou nelle dous annos, que lhe ficaraõ por ſeruir da ſua fortaleza, que depois el Rey lhe confirmou no meſmo tempo, ſeruindo cinco annos. Sentio dom Eſteuão muito a morte de ſeu irmão, porque o amaua muito, & fezlhe o officio funeral com o mor aparato que pode ſer: prometendolhe em ſeu coraçaõ hũa muito grande vingança de ſua morte, como logo tomou. Foi eſta batalha tão famoſa (& aſsi eſtá oje tão freſca na memoria dos Malayos, pello grãde dano q̃ nella receberaõ) que ſe tem em cantigas, que elles muitas vezes cantão com grande ſentimento. E porque começaõ logo em louuor de dõ Paulo, nos pareceo bem por aqui os primeiros verſos, por q̃ o teſtemunho dos imigos he de mais fe que todos, & eſtes o ſaõ do valor deſte fidalgo. Começa a cantiga em Malayo aſsi. Capitaõ dõ Paulo, bapararam de Punigor, anga dia malu, ſitapacaũ dob. Que quer dizer: Capitaõ dom Paulo pelejou em Punigor, & antes quis morrer, que recuar hum palmo. Os oſſos de Ioaõ Rodriguez de Souſa, mandou depois ſeu irmão Martim Afonſo de Souſa, ſendo Gouernador da India, leuar pera Goa, & os foraõ deſenterrar do cãpo dos Iaos onde eſtauão, com grande acõpanhamento, & vaidade do mundo. E porque auia muitos annos que acontecera o caſo, & depois ſe enterraraõ naquelle lugar muitos Iaos, & a cova de Ioaõ Rodriguez tinha ja perdido o final, & cauataõ onde lhes pareceo, & os oſſos q̃ atharaõ foraõ leuados cõ grãde põpa: indo Ruy Vaz Pereira, q̃ entaõ era capitão acompanhandoos, & vendo aquella pompa, & que os clerigos yão cantando aquelles reſponſos coſtumados, diſſe alto, cantai vos embora quanto quiſerdes padres mens, q̃ a y leuais vos os oſſos de hum valente Iao. Baſta, quaeſquer que foraõ, ſe embarcaraõ pera Goa, onde foraõ recebidos com a mor pompa, & aparato funeral que pode ſer, & depoſitados na capella mor da Sé Matris, na parede da

de da parte do Euangelho, a on-
de estão com hũa fermosissima pe-
dra de marmore, muy bem laura-
da, & com suas armas & letreiro, &
em çima outra pedra mais pequê-
na, que tem hum letreiro em que
diz, que o Sũmo Pontifice cõcede
grandes perdoẽs a toda a pessoa
que rezar hum Pater noster, & hũa
Aue Maria pella alma de Ioaõ Ro
driguez de Sousa. E foi a vaidade
do Gouernador tamanha, q̃ pos
os ossos do irmão, açima da sepul-
tura do visoRey dõ Garçia de No
ronha, fidalgo taõ velho, & taõ hõ
rado, que está lançado no chaõ da
mesma capella, & quasi aos pes de
Ioaõ Rodriguez de Sousa.

CAPITVLO XII.

De como dom Esteuão da Gama, foi contra o Rey de Viantana, & lhe destruyo a cidade de todo. E dos proueitos que el Rey tem das ilhas de Bãda, & da calidade de seus fruitos.

POSTO que estas cousas aconteceraõ em Outubro, que vem, por nos não sairmos de Malaca, quisemos aqui concluir com ellas, por não pejarmos o veraõ em q̃ entramos, por que temos muitas cousas que escreuer. E assi continuaremos com dom Esteuão da Gama, que não querendo deixar passar a paixão da morte do irmão, nem que lhe arrefecessem os desejos de sua satisfaçaõ, ordenou logo em fresco tomar d'ella muito bastante vingança, pera o que se fez prestes pera in em pessoa contra aquelle Rey, & deitalo fora d'aquelle porto. E fazendo alardo da gente que auia pera leuar, achou perto de quinhentos Portugueses, & duzentos homens da terra. E entrando Outubro se embarcou leuando çinco naos, de que eraõ capitaes à fora elle, Vasco da Cunha, Antonio de Brito, dom Christouaõ da Gama, & dom Francisco de Lima. Leuou mais doze Fustas, de que eraõ capitaes, Balthesar Leite, Iuzarte Freire, Thome Raposo, Fernão Gomez Cabreira, Diogo da Cunha, Aluaro Carualho, Lourenço D'abreu, Gaspar Soares Pimintel, Antonio Ferraz, Manoel Pinto, Manoel Mendez, Francisco Mendez, & Diogo Vaz feitor da armada. Yão tambem alguns Bantis, em que ya a gente da terra. E passando com toda esta frota o estreito de Sincapura (que alguns tem pella Zaba de Ptholomeo) que he hũa passagem que se faz entre as ilhas de Bintaõ, & a terra firme de Malaca: que por outro nome se chama, o Canal de Varela. E passando o estreito foraõ surgir na boca do rio de Ior, onde aquel-

le Rey tinha feito seu posto. Fica este rio antes de chegarem aquella pōta derradeira da terra de Malaca, que está em altura de dous graos do Norte; a quem os nossos que por ali primeiro nauegaraõ, chamaraõ a ponta de Romania: porque acharaõ sempre por aquella paragem hũas fruitas que parecião romãs pequenas. Dom Esteuão da Gama entrou no rio cõ toda a armada, & ao outro dia se embarcou em algũs nauios ligeiros, & foi reconhecer a cidade, que estaua pello rio dentro hum bom espaço, & chegando a vista anotou, que estaua toda estendida do longo do rio sobre hum tezo, hum pouco afastada da agoa, & a face que d'aquella parte aparecia, era cercada de hũa fermosa tranqueira de mastos muito grossos de duas faces com seus entulhos, & tres baluartes de pedra, & terra, mũy grandes & fortes, guarnecidos de muita, & muito fermosa artelharia, de que por aquella face só auia de ventagem de quatro centas peças; & na praya em baixo auia algũas tranqueiras de madeira com artelharia, & gente de guarniçaõ. ElRey estaua na cidade com perto de oito mil homens, & andauase forteficando a mor pressa: porque em a armada partindo de Malaca, teue logo auiso d'ella. Dom Esteuão tanto que reconheceo bem o sitio, & a parte em que se podia desembarcar, que não auia outra se não aquella praya, nem se podia passar pera a cidade, se não por çima dos fortes, naõ lhe parecendo aquillo duuidoso a seu animo, mandou entrar toda a armada, & sorgio defronte da cidade, o mais perto que pode ser: & logo mandou bater pellos Galeoẽs com grande terror & espanto por dous dias cõtinuos em que ordenou cõ os capitaẽs, o modo da desembarcaçaõ, que se assentou fosse por esta maneira. De toda a gente Portuguesa fez duas batalhas, de duzentos & cincoenta homens cada hũa. A primeira que auia de ser adianteira, deu a dom Francisco de Lima, & com elle dom Christouão da Gama, Simão Sodré, & os capitaẽs das Fustas que ja nomeamos. A outra batalha tomou pera si, ficando cõ elle Antonio de Brito, & Vasco da Cunha. E porque as particularidades d'esta desembarcaçaõ, & cometimento da cidade naõ podemos nunca achar a certeza d'ellas, nem alcançamos pessoas que n'ella se achassem, a contaremos assi em summa. Desembarcaraõ os nossos, & acharaõ Lac-Ximena no campo com tres mil homens, pera lhes defender a desembarcaçaõ, & cõ elle tiueraõ os da dianteira, hũa aspera batalha, em que ouue grande dano de ambas as partes: mas a seu pezar & com morte de muitos largou a

praya,

praya, leuandoo os nossos de vencida a te os fortes debaixo, a onde alguns se recolheraõ, & os outros foraõ passando pera a cidade. Chegados os nossos aos fortes os começeraõ com grande determinaçaõ, & depois de muita resistencia os entraraõ. Dom Esteuão chegou aqui com o resto do poder, & formando seus esquadroẽs, foi marchando pera a cidade, não cessando em todo este tempo a bateria assi do mar como da terra, que foi a mais espantosa cousa que se podia ver, porque tudo o que se via & ouuia, eraõ trouoẽs, relampados, fogo, & fumo, em que a cidade & toda a armada, estauão escondidas. Dom Esteuaõ começou a cidade por hũa ilharga, pelejando de fora & de dentro, cõ grã de valor & esforço, cortandose cõ machados algũs mastos, abrindo caminho por onde os nossos entraraõ cõ grande dano & custo, porq se perderaõ muitos. Dentro tiuerão hũa muito cruel batalha: mas no fim d'ella foraõ os imigos desbaratados de todo, fogindo el Rey pera o sertaõ. Os nossos ficaraõ senhores da cidade, que foi metida a saco, achãdose nella muitas & ricas fazẽdas, que foraõ roubadas por todos francamente. Dom Esteuão entretanto que os seus soldados se ceuauão, mandou embarcar a artelharia pellos marinheiros. Depois da cidade toda roubada, & escalada, lhe deraõ fogo, em que toda se cõsumio a te os alicesses, que foi cousa temerosa de ver, por ser toda de madeira, cujas labaredas parecia que chegauão a os ceos, & a todas as embarcaçoẽs que estauão varadas, & outras no mar, tambem se lhes deu fogo, de maneira que tudo ficou feito cinza. Dom Esteuão se recolheo de noite a armada, por não auer já que fazer, deixando bẽ vingada a morte de seu jrmão dom Paulo. O numero dos nossos que morreraõ não soubemos em certo, nem de pessoa assinalada, que se ali perdesse. Foi esta hũa das famosas vitorias que os Portugueses alcançaraõ na India, que foi muito festejada em Málaca, & dom Esteuão recebido com triumfo ficando aquelle Rey destroido de todo. Dom Esteuão da Gama depois de ser em Malaca, entẽdeo na carga da nao santa Cruz, que auia de ir pera o reino, de que era capitão Vasco da Cunha, que logo partio o Dezembro seguinte, & teue muito boa viagem, & Vasco da Cunha foi bem recebido, & el Rey o despachou cõ a capitania de Chaul, & o tomou por fidalgo, que a te então o não era. Taõbem despedio dom Esteuão Antonio de Brito pera ir fazer as viagens de Banda. E porque a te gora d'stas ilhas, & de seu comercio nhũ temos dado relaçaõ, o faremos agora aqui o mais abreuiadamente que pudermos.

Estas ilhas quando foraõ des-

cubertas por outro Antonio de Brito nos annos de mil quinhentos & onze, fez elle hum cõtrato com os Regedores d'ellas (porque eraõ em tão isentas,& gouernauãose como republica) por este modo: que darião aos capitaẽs do nauio do trato que elRey de Portugal mandasse aquellas ilhas o bar da noz a tres cruzados de Malaca: porque em todas aquellas partes não corria outra moeda se não cruzados, & caixas, (que he moeda de cobre meuda como os nossos reaes, de q trezentos & sesenta fazem hum cruzado) & com cõdiçaõ,que em cada sete bares da noz serião obrigados alhe dar hum de massa, & por elle lhe pagarião o que valesse sete de noz,que erão vinte & hum, cujo preço ainda a te gora duraua, & depois se veio a alterar pellas desordẽs dos capitaẽs que la foraõ Este comercio montaua a elRey cada anno sesenta mil cruzados,sem meter mais cabedal,que o Galeão que sempre era o de mayor porte que auia na India, & de ordinario carregaua mil & duzentos bares de nos,& massa, porque he droga que auoluma muito.Os proueitos que elRey tinha eraõ estes. Toda a pessoa que na nao d'elRey carregasse os bares que quisesse de massa,ou de noz,tiraria em Malaca outros tantos pello pezo d'aquella cidade,que eraõ tres quintaes, duas arrobas,dez arratẽs,& tudo o que sobejasse, & crecesse do pezo de Banda,que era sete arrobas em cada bar,fosse pera elRey, porque o bar de Bãda,he de cinco quintaes, hũa arroba, & dez arratẽs, estes proueitos eraõ muito grossos mas ao diante pellas desordẽs dos Gouernadores & visoReys, das grandes & largas mercẽs que vieraõ a fazer a parentes, & criados desta noz& massa que vinha a elRey, ou de liberdades pera não pagarẽ cousa algũa, veyo muitas vezes elRey apor,como la dizem,as linhas de sua casa: pello que se largaraõ, como em seu lugar diremos. São estas ilhas outras cinco,como as de Maluco,Loutor,Neira,Puloay,Pulorum,& Gunuape,jazem em quatro graos & meyo do Sul, & corrẽ todas Norte & Sul. E no numero, grãdeza, perpetua verdura, & em tudo o mais se parecẽ cõ as de Maluco: só nos fruitos differẽ. Estas ilhas foraõ primeiro descuberras, & tratadas dos Iaos, Malayos, & Chins, que as de Maluco, porque em principio quando forão ter a estas ilhas os das de Maluco,lhe leuauão la a vender o seu crauo, & ficauão aquellas ilhas de Banda, sendo de mor comercio, & trato que todas,por concorrerem nellas todas aquellas naçoẽs estrangeiras que açima nomeamos. Pello que mais antigo foi o conhecimẽto da noz,& massa, dos Persas, & Arabios,que do crauo, posto que Plinio da muita rezão do crauo, & nenhũa da noz & massa. Nem se

acha

acha ſegundo ſoubemos de muitos & bós medicos que a India paſſaraõ, que os Gregos tiueſſem conhecimento da noz & maſſa, porque o Macer de Galeno, que algũs cuidaraõ ſer a maſſa, dizem os noſſos modernos, que differe muito na qualidade, & ſo pella aparencia cuidaraõ ſer ella: porque os Gregos pintaraõ eſte fruito vermelho. Nomeaſſe a maſſa entre todas as naçoẽs do Oriente por differentes nomes. Na ſua propria terra lhe chamão a noz pala, & a maſſa buna pala. Os Dacanis chamão a noz Iapatri, & a maſſa jaifol: os Arabios lhe chamão Geauzibãda, que quer dizer noz de Banda, & a maſſa bisbaeſe. E poſto que elles taõbem chamão ao coco da India geauz, todauia logo lhe acrecentão geauzi Indij, que quer dizer nos da India. E quem ler em algũs medicos modernos, principalmente no doutor Horta (no ſeu tratado que fez de todos os ſimples da India) geauzi alindi, entenda que he grãde corrupſaõ, o que auia de nacer de traduçaõ do Arabio. Eſtas aruores da noz ſaõ do tamanho dos noſſos pereiros, alargaõ mais do que ſe aleuantão, a folha he redonda, & quaſi quer parecer com as das nogueiras. São todas eſtas aruores taõ mimoſas, que ſe lhe daõ hum pequeno furo no pè, ou lhe metem hum prego, logo ſe ſecão, dão tres ou quatro nouidades cada anno, & colheſſe muito grãde quantidade, de que vaõ muitos Iuncos da Iaoa carregados, com não vir a luz a mor parte do fruito, por cair facilmente antes de madurecer, com as trouoadas. Naõ dão eſtas aruores flor algũa, porque logo ſae fruito branco, & como amadurece fica amarelo, & depois de maduro incha, & rompe a primeira caſca q̃ he da groſſura de tres toſtoẽs, & como ſe abre toda, fica aparecendo a noz por dentro, que he hum bugalho cuberto todo de hũa delgada caſca preta, rodeada da fermoſa maſſa, & aſsi como vai o fruito crecendo & abrindo, o vai taõbem fazendo eſta maça a partes, de feiçaõ que parece hũa muito fermoſa broſladura douro ſobre preto. Da caſca de fora que he groſſa, como diſſemos, fazem conſerua, ou de a ſucar, ou de vinagre, & o bugalho de dentro lançano ao Sol, có cuja quentura ſe deſpede a maça, mudado ja a cor, & fica a outra caſca do bugalho, que não aproueita pera couſa algũa. E o miolo de dẽtro que he a noz, felo a natureza tão mimoſo, que como lhe toca agoa logo apodreſſe, como taõbem o faz á maça. Fazem em Banda hũ oleo d'ella, que depois de frio endurece, & quaſi que quer imitar os jaboneres de Flandes, & he muito bom pera mal de frio, porque he quente, & eſfregado entre as mãos vntando, & correndo as partes agrauadas metiga a dor. E nos ja vzamos d'ella pera hũa gota artetica

tetica de frio, de que ha annos fo-
mos enfermo, & posto que não ti-
rou a dor de todo, abrandoua, he
quente & seca no terceiro grao.

CAPITVLO XIII.

Das cousas que este anno socederão em Maluco. E dos senhores d'aquelle Archypelago que se fizerão Christãos. E de como Tristão de Taide, prendeo el Rey Tabarija, & o mandou a India, & alevantou por Rey seu irmão Leiro, & da crueldade que vsarão com sua mãy por lho não querer dar.

NA que estamos
d'esta parte, bem
he que continue-
mos com as cou-
sas de Maluco.
Deixamos atras
Tristão de Taide partido pera a-
quella fortaleza, onde chegou & to
mou posse d'ella achandoa no es-
tado em que o anno passado a dei
xamos. Vicente da Fonseca logo se
embarcou pera a India, onde o Go
uernador o prendeo por muitas
culpas que lhe mandarão de Ma-
luco, & o castigou por ellas: Tris-
tão de Taide achou aquella ilha to
da escandalizada, & em nenhũa
outra cousa se occupou, se não em
temperar a Raynha, & el Rey, quie
tandoos algũa cousa, & começan-
do a correr algũs mantimentos, &
a se concertarem as cousas: porque
este fidalgo entrou gouernando
branda & suauemente, o que logo
se lhe mudou, porque os maos ho-
mẽs que viuem por todas estas for
talezas, são a principal causa dos
trabalhos d'ellas com os seus capi-
taẽs, pellos mexericos, imuenções,
& ardis com que lhes vão cuidan-
do que os agradão, & todos em
prol de suas fazendas, que he o que
elles pretendem, contra a obrigã-
ção da alma, & do serviço do Rey.
Socedeo em principio de seu go-
uerno, item duas Gorocoras de
mouros, a dar em hũa cidade do
Moro chamada Momoya, cujos na
turaes etão idolatras, & a saqueá-
rão & destruyrão, escapando o se-
nhor d'ella, que era hum Sangage
gentio homem moralmente vir-
tuoso & honrado. Estaua naquel-
le tempo hum Portuguez chama-
do Gonçalo Veloso, em hum lugar
ali perto, fazendo suas mercancias.
Este depois disto passado foi ter a
cidade de Momoya, & viose com
aquelle Sangage que lhe fez gran-
des queixas d'aquelles mouros
seus vizinhos, pedindolhe conse-
lho de como se vingaria & satisfa-
ria d'elles, porque estaua muito es-
candalizado. Gonçalo Velozo mo
uendolhe Deos a lingoa, lhe disse:
que o remedio estaua certo, se o
elle quisesse tomar, que era man-
dar pedir ao capitaõ de Maluco

pazes,

paz es, & comcorter em amizades com os Portugueses, porque como os tiuesse por amigos, nenhũ Rey, nem senhor, lhe faria afronta, que lha elles logo não satisfizessem a te auenturarem as vidas, & o estado, porque assi o mandaua o seu Rey. Mas que pera aquillo se fazer milhor & com mais gosto era necessario fazerse Christão, porque com isso seguraua sua alma (que era o que mais importaua) & possuiria seu senhorio em paz, & quietação. Com isto lhe falou das cousas de nossa fe, tão altamente, que ficou o Sangage pasmado: & touãdoo Deos cayo naquella verdade, & disse a Gonçalo Veloso que lhe falaua como amigo, que lhe pedia quisesse ir a Maluco com algũs homẽs seus a pedir ao capitão desse ordem como fosse baptisado. Gõçalo Veloso partio cõ este alujtre, em companhia de algũs homens honrados, que o Sangage elegeo pera esta jornada, que foraõ em Ternate mũy bem recebidos. E taõ satisfeitos ficaraõ das honras que lhes fizeraõ, & do modo dos Portugueses, que pediraõ a Tristaõ de Taide os mandasse fazer Christaõs, o que elle logo ordenou celebrandose aquelle auto cõ muitas festas & alegrias, sẽdo Tristaõ de Taide seu padrinho, que os vestio a Portugueza mũy bem. Depois os despedio mandando louuar ao Sangage a vontade que tinha de receber a lei da verdade, & de engeitar por ella as cerimõias feas & abominaueis das idolatrias, em que ate então viuera. E que a ordem de como auia de receber o santo Baptismo, & como, & onde, elle o auia de eleger, que que se faria como elle quisesse & ordenasse. Chegaraõ estes homens a Momoya, & disseraõ ao seu Sangage tudo o que era passado, & da repostа que lhe o capitaõ mandaua, & com isto lhe disseraõ tantas cousas dos bons costumes dos Portugueses, & dos gasalhados & honras que lhes fizeraõ, que o mouerão a se embarcar logo pera Ternate, em algũas Corocoras em que leuou algũas pessoas principaes da cidade. Tristaõ de Taide lhe fez hum grande recebimento, & o mãdou agasalhar mũy bem, & entregandoo a hum padre virtuoso pera o Catechisar, a elle, & a todos os seus em que gastaraõ algũs dias, & como estiuerão aptos, & sufficientes, pera receberem o santo Sacramento do Baptismo, lho deraõ a elle, & a todos, pondo nome ao Sangage, dom Ioaõ. Isto se fez com as mores festas que Ternate podia dar de si. Depois de se desenfadar aquelle senhor Christaõ ali algũs dias, em que o capitaõ o banquetеou, despediose d'elle muito contente, & se tornou pera o seu senhorio leuando comsigo hum Sacerdote que se chamaua Simão Vaz (que foi o que o catechizou) pera o instruir bem nas cousas da

religiaõ

religião Christã. Este bom Sacerdote viueo n'aquella cidade algũs tempos, com grande exẽplo, exercitando o officio da charidade, & com grande zelo & amor de Deos fez a mor parte dos moradores de Momoya Christaõs. E porque era só, & não podia sem tãto (por ser a gente que corria ao bautismo muita.) mãdou pedir a Tristaõ de Taide lhe mandasse outro Sacerdote pera o ajudar, que logo lhe mandou o padre Francisco Aluarez, & ambos em poucos dias fizeraõ Christaõs todos os moradores d'aquella cidade, & de outros lugares, derribando todos os Pagodes, & purificando os principaes; & das casas que eraõ de abominaçaõ fizeraõ templos, em que o altissimo Deos começou a ser acatado, venerado, & louuado. Tristaõ de Taide fauoreceo tanto este Sangage, nouo Christaõ, que lhe mãdou algũs soldados Portugueses pera o acompanharem, & pera guarda de sua cidade. Estando as cousas neste estado, & o Rey Tabarija odioso de algũs que lhe desejauão de vr dir a morte, como logo fizeraõ; tratando em segredo com o capitão, & affirmandolhe, que el Rey solicitaua sua morte, como ja fizera ao capitão Gonçalo Pereira, & tomar aquella fortaleza, & lançar todos os Portugueses fora d'aquellas ilhas. E como isto era cousa q̃ tocaua na vida, & no perigo da fortaleza, foilhe muito facil de crer, & mais tendo exemplo taõ fresco, como na morte do outro capitão, & dissimulando o negocio o milhor que pode, ordenou com algũs Portugueses, que trouxessem el Rey a fortaleza, como q̃ o tomauão pera comelle por valedor, (como muitas vezes costumauão a fazer.) E sendo chamado de algũs, como elle estaua innocente, & não se receaua de cousa algũa, vindo a fortaleza foi logo prezo & metido em ferros, tirando deuaça do caso em que testemunharaõ os mesmos imigos que o accusaraõ: pello que foi por sentença julgado que fosse a India liurarse; & assi o embarcou na mouçaõ seguinte. Mas permitio Deos per sua innocencia, que onde Tristaõ de Taide cuidaua, que lhe fazia mal, lhe fizesse hum taõ grande bem, como foi fazerse Christaõ (como é seu lugar diremos.) porque muitas vezes permite males, pera d'elles nacerem muito grandes bem. Tristão de Taide tanto que o embarcou, mandou buscar outro irmão chamado Soltão Aciro bastardo, filho de outra molher, de casta Iaoa, que seria de idade de doze annos. Os que o foraõ buscar a casa da mãy, (que eraõ Portugueses criados do capitão) dizendolhe que era pera ser Rey: vendo a mãy o infelice estado que os passados tiueraõ, depois que os Portugueses entraraõ n'aquella ilha, querendo antes seu filho seguro, em estado priuado,

priuado, que tão arriſcado nó de Rey, abraçandoſe cõ o filho o não quis largar, dizendo grandes laſtimas, & dando tantos gritos, como ſe lho leuaraõ pera o matarẽ. Os homẽs que foraõ a eſte negocio, em vez de ſe compadecerem das lagrimas da triſte mãy, & conſolaréna, figurãdolhe a vida do filho: irãndoſe contra ella, lho arrancaraõ por força dos braços, & a ella lançaraõ por hũa janela fora, fazendoſe embaixo em pedaços, & o filho foi leuado a fortaleza, & aleuantado por Rey com muitas lagrimas ſuas. Eſta deſumanidade & caſo brutal foi tão auorrecido em todas aquellas ilhas, que de nouo trataraõ conjuraçaõ contra os noſſos, parteãdoſe todos aquelles Reys hũs com outros. E vindo as viſtas, os mais d'elles concluiraõ, que era intoleraueł ſofrer que homẽs que elles agaſalharaõ, & deraõ fortalezas em ſuas terras graciоſamente, viеſſem a tanta ſoberba, poder, & atrogancia, que diſpoſeſſem, & aleuantaſſem os Reys que quiſeſſé, ſem os naturaes niſſo terem voto, nem parecer. El Rey ficou reteudo na fortaleza, & com o medo de o matarem, eſtaua tão humilde como ſe fora catiuo do capitão. A mãy foi enterrada pellos naturaes muito hõradamẽte, & cerro que ſe podiaõ fazer da morte deſta molher grandes exclamaçoẽs, mas faltanos pera iſſo o taléto, & o eſtilo, ſomente diremos, que merece ſer mais engrãdecida ſporque antes quis morrer que ver ſeu filho Rey, que não a mãy daquelle cruel Nero, por dizer que reinaſſe ſeu filho, ainda que elle a mataſſe. As couſas de Maluco tornaraõ ao pior eſtado que podiaõ ter, porque por mar, & por terra, lhe começaraõ a faltar os mantimentos. E aſſi os deixaremos.

CAPITVLO XIIII.

Da jornada que o Turco Soleimão fez contra o Xathamas Rey de Perſia, & de como lhe entrou por ſeus eſtados até a cidade de Tabriz. & de como ao recolher, deraõ os Perſas ſobre elle, & o desbarataraõ, & de outras couſas.

PORQVE as guerras d'antre o Turco, & o Rey de Perſia, foraõ em detrimento & dano da alfandega, & rendimento da fortaleza de Ormuz, & couſas que entraõ n'eſte noſſo Oriente, & ſua conquiſta: nos pareceo bem fazermos d'ellas mençaõ, como faremos com o fauor diuino, pello diſcurſo de noſſas decadas adiante. Pello que ſe a de ſaber, que por falecimẽto do Graõ Dos Ilmael, que foi nos an-

nos

nos de vinte & çinco lhe ficaraõ quatro filhos, o mais velho que lhe socedeo chamado Xathamas. O segundo Becramo, a quem ficou o gouerno de toda Amedia, Hiberia, & Albania. O terceiro Hescas, aquem o pay deu Babylonia, Assyria, & Mesopotamia. O quarto filho foi Osem mirza, que ficou cõsenhorio dos Coraçones. Todos estes irmãos foraõ amigos, & muito grandes inimigos do nome Othomano, & affeiçoados todos aos Principes Christaõs. E como o graõ Cofi tinha em sua vida feito hũa muito honrada paz com o graõ Turco, desejou seu filho Xathamas de a conseruar, porque lhe era necessario assi pera o fazer a seus reinos: & assi gastou noue ou dez annos em os segurar: & em algũas guerras com os Hyrcanos, & Thacataes, tudo sobre pontos de sua ley. Mas como os Turcos saõ homẽs insolentes, & indomaueis, fizeraõ tal visinhança ao Xathamas, que escandalizados os Persas romperaõ a paz, & fizeraõ algũas entradas pellas terras do Turco, em que elle recebeo bem de dano. O Turco Soleimão sendo d'estas cousas auisado, desejou de se satisfazer, & de fazer hũa jornada de proposito contra Xathamas, pera de hũa vez lançar fora aquelle vesinho em que o Imperio Othomano sempre teue tamanho & taõ importuno imigo. E declarando esta sua tençaõ, achou grande cõtradiçaõ em sua mãy, & em sua molher Roxolana, aquem elle por sua fermosura estaua taõ sogeito, que se não ousaua a apartar d'ella. E assi por isto, como pello natural odio que estas molheres tinhaõ ao nome Christaõ, lhe aconselharaõ que fizesse antes guerra a Vngria, ou a outro algum Rey Christaõ, & que naõ gastasse o tempo, nẽ seus thesouros contra homẽs de sua propria ley: pois tinhaõ por expetiencia quão infelices foraõ sempre as jornadas que seus passados fizeraõ contra a Persia. Só Habrão Baxa seu grande priuado foi de cõtrario parecer, por que fundaua por muitas rezoẽs não lhe vir bẽ fazer guerra contra Christãos, onde auia hum Emperador tambem afortunado, & tres naçoẽs, (entre outras) taõ valentes, & exercitadas, como erão Espanhoes, Italianos, & Tudescos: & que era muito necessario por de hũa vez toda sua potencia contra aquelle Imperio de Persia que lhe pertencia por direito, & tirar dali hum visinho que se ya fazendo poderoso, & que depois quando o quisesse fazer, pella ventura que naõ poderia. Todas estas rezoẽs & outras muitas que Abrahaõ Baxa lhe deu, alem de lhe parecer conuirlhe assi, o principal intento seu era desuiar o Turco de fazer guerra a Christaõs, aquem era muito afeiçoado, como quem procedia delles: & desejaua de desuiar todo o dano a Christandade,

dade. E por isso em todas as cousas dos Christaõs elle as fauorecia tanto & assi lhes era afeiçoado, q̃ escaçamente o podia dissimular; tãto, que a mãy & molher do Turco lhe chamauão Turco fingido, & Christaõ dissimulado. Em fim, pella autoridade que elle tinha com o graõ Turco, que auia que lhe falaua sempre verdade, & o aconselhaua cõmo prudente, deixou a guerra de Vngria, & determinou de passar a Asia cõtra o Xathamas. E logo começou a fazer suas preparaçoẽs, & em pouco tempo se pos em cãpo com trezẽtos mil homẽs, com que entrou pella prouincia de Licaonia, leuando cõsigo por guia a Hulamanes hum grande capitaõ Persa, que se tinha passado pera elle: passou pacificamente & & sem dano por toda Mesopotamia: & em cinco'ta & quatro dias chegou a cidade de Coy, em Armenia mayor, a te onde naõ achou que lho defendesse, do que se embaraçou, porque sẽpre imaginou que o Xathamas o esperasse, & lhe apresentasse batalha, mas elle tomando milhor parecer, quis que o mesmo Turco se desbaratasse por si & sem risco seu, & metelo bem pella Persia dentro, pera da volta dar sobre elle, & o desbaratar. E assi se recolheo pera as montanhas, mãdando despouoar as cidades, & talhar os cãpos, porq̃ não tiuessẽ os imigos de que se prouer, nẽ em q̃ se ceuar. O Turco foi por suas jornadas cõtadas ate a cidade de Tabris, a onde foi recebido dos moradores sem contradiçaõ, por lho assi mandar o Xathamas. E não se detendo ali passou a Sulthama, por ser muito fertil & abundante de tudo. Ali se deteue algũs meses, auẽdo que o Xathamas decería dos montes ao buscar. No tempo que aqui esteue, lhe socedeo hũa braua fortuna de neue & frio, que cayo hũa noite sobre o exercito, que matou muitos, & esteue todo o exercito perdido, & ainda o graõ Turco se vio em muito grande perigo. E sempre os Turcos tiueraõ pera si que lhes viera aquelle mal por encantamento do Xathamas, porque o tinhaõ por hum grande feiticeiro. Ao outro dia que foi muito claro, aleuantou o Turco o exercito por conselho de Hulamanes, & foi marchando pera Babylonia, por ser falecido Berchramo irmão de Xathamas, & ficara em seu lugar Mahometes grande amigo de Soleimão, que esperaua que lhe entregasse aquella cidade, o que não foi: porque chegando a ella naõ quis Mahometes recolhelo, antes se pos em ordem de se defender. Mas os naturaes receando a potencia daquelle barbaro, aleuãtaraõse contra Mahometes, & o lançaraõ fora da cidade, & recolheraõ nella Soleimão com grande majestade por se dizer ser aquella cidade a mayor do mundo: & tambem por que n'ella residia o

seu Calipha, de cujas maõs tomou a coroa, & as insignias de Soldão de Babylonia, conforme ao antigo costume dos Soldãos passados. Ali foraõ Embaixadores de todas as prouincias comarcãs a lhes darem obediencia, & reconhecerem vassalagem, quasi todas as cidades de Assiria, Mesopotamia, a te Baçora na boca do rio Eufrates. Abrahaõ, & Hulamanes apertaraõ com Soleimão que seguisse a vitoria, & q̃ fosse buscar o Xathamas, por que nisso estaua fazerse senhor de toda Persia com o que elle sayo de Babylonia na primauera do anno de mil quinhentos trinta & seis, & foise na volta de Tabris, por ser auisado que o Xathamas decera ja dos montes, & que estaua naquella cidade, como defeito assi era. E sendo auisado de como o Turco tornaua a caminhar pera lá, tornouse a recolher as montanhas, & deixou em algũs passos difficultosos gẽte de guarnição, pera q̃ inquietassem os imigos como os vissem descuidados. Chegou o Turco a Tabris, & sabẽdo como ali estiuera o Xathamas, & que se recolhera, ficou taõ anojado que mandou por a saco a cidade, & derribar pello chaõ todos os sepulchros & ornamento do grande Osembel, Oseucasan, & de seus descẽdentes q̃ ali estauão, que eraõ soberbissimos, & lustrosissimos, & tomando hũ numero de catiuos, tornouse pera a prouincia de Mesopotamia. D'esta retirada foi auisado o Xathamas, & ajuntando sesenta mil caualos escolhidos o foi seguindo com muita pressa, por que se determinou de lhe dar na retaguarda. O Turco teue logo rebate de sua ida, & por que leuaua suas gentes enfermas, gastadas, & debilitadas do caminho, deulhe aquillo grande cuidado, & apressado foise recolher na cidade de Caranuda. Xathamas sabendo apressa que o imigo leuaua, & que ya tanto adiante, que não era possiuel podelo alcançar, pella grande recouagem com que caminhaua, recolheose na cidade de Coy, a onde se fortificou muito bem. Dali despedio hum capitão chamado Delamethes, cõ vinte mil caualos, pera que fosse em seu seguimẽto, & lhe desse nas costas. Este capitaõ foi caminhando apressado, cõ proposito de ir esperar os Turcos nas raizes do mõte Tauro, a õde lhe seria muito facil darlhe hũ grãde toque, & assi como o traçou, assi lhe socedeo: por que chegando a Bethlis, hum lugar daquella prouincia, achou em hum vale certos esquadroẽs de Turcos, bẽ descuidados, & sabẽdo q̃ não era sẽtido esperou pella noite, & na força d'ella deu de sobresalto nelles com tamanha furia, q̃ antes q̃ se podesse reuoluer, lhe tomou toda a bagagẽ, & matou hum grande numero delles, & catiuou oito centos laniceros, & algũa outra gente lustrosa de sorte que

te que foi o dano tamanho, que de muitos annos a te então se affirma que nunca os Turcos o tal receberaõ. Com esta vitoria se tornou o Delamethes pera o Xathamas, que o recebeo honradissimamente, & mandou que pera sempre se festejasse aquelle dia entre os Persas, que foi a dez do mes de Outubro. O Turco Soleymão sentio tanto em estremo aquelle desastre, que sem se mais deter deu volta pera Constantinopla, com grande ira & paixão contra Abrahão Baxá, por ser o principal autor daquella jornada. E assi por isto, como por todos os grandes, que andauaõ pejados cõ sua muita valia (que lhe vrdiraõ a morte) veyo a tanto auorrecimento do Turco, que o matou. O modo como não se sabe, porque o mandou chamar a sua camara, & aquelle dia desapareceo, que nem viuo nem morto lhe acharaõ mais seu corpo. Era Abrahão Baxá Albanes, de hum lugar chamado Ponga de pays Christaõs, & em moço foi catiuo & vendido a Escander Baxá grande priuado do Turco Bajazeto, & depois por degraos lhe veyo a fortuna a dar tudo o que podia na casa do Turco: porque chegou a Ser Vizir, que he como Graõ Condestabre, & o principal do reino.

LIVRO IX. DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

De como Martim Afonso de Sousa partio do reino por capitão mor das naos, & do mar da India. E de como o Gouernador Nuno da Cunha se fez prestes pera ir ao Norte. E dos recados que se passaraõ entre os Reys dos Magores, & o de Cambaya.

DEPOIS que el Rey despedio a armada de dom Pedro de Castello branco, como atras dissemos, determinou de prouer nas cousas da India mais de proposito: parecẽdo lhe bẽ prouer o cargo de capitaõ mor do mar, pera ajudar nos trabalhos ao Gouernador, & pera elle elegeo Martim Afonso de Sousa, fidalgo em que auia muitas par-

tes de prudencia, cautelaria, & outras. E mandou negociar cinco naos, de que elle auia de ir por capitão mor, pera o que mandou pagar dous mil homens. Esta armada se fez a vela meado Março d'este anno de trinta & quatro em que andamos. Os mais capitães erão Diogo Lopez de Sousa, Antonio de Brito, Simão Gudes, (que ya prouido da capitania de Chaul.) & Tristão Gomez da Mirra. Esta armada chegou toda a Goa sem lhe acontecer desastre, & posto que o Gouernador se pejou com Martim Afonso de Sousa por vir prouido daquelle cargo, não deixou de o receber bem. Com a chegada das naos mandou o Gouernador dar grãde pressa a armada toda: porque determinou de se embarcar logo por hum auiso que teue de Cãbaya, de como Soltão Badur se fazia prestes pera ir a Chitor, & a Mandou, o que ja o verão passado deixara de fazer, pellos respeitos que dissemos. E como aquelles grandes apercebimentos, q̃ pera aquella jornada tinha feitos, forão logo soando por esse Industan acima, chegando as orelhas da Raynha de Chitor que auia pouços dias viuuara, ficandolhe hum filho minino herdeiro do reino: & como era molher fraca & coitada, receãdo a ira de Soltão Badur, despedio recados a Hamau Paxá Rey dos Magores pedindolhe cõ grandes piedades lhe quisesse valer naquelle negocio, & diurala das mãos de Soltão Badur, pois só elle era poderoso pera isso. O Hamau Paxá tanto q̃ teue este recado, despedio hum Embaixador apressado, por quem mandou dizer a Soltão Badur, que não quisesse mostrar sua potencia cõtra hũa molher viuua & fraca, porque soubesse em certo, que a auia de ajudar, & fauorecer, pella obrigaçaõ q̃ os Reys tinhaõ de soccorrer as viuuas desemparadas. Soltão Badur como era o mais poderoso Rey q̃ auia em todo o Oriẽte, teue ẽ pouco a amoestaçaõ, & recado de Hamau Paxá, despedindo o seu Embaixador descontente pondose elle logo em campo pera caminhar. E porque todauia naõ perdia os Ciumes de Dio (por onde ja o veraõ passado deixara de por em effeito aquella jornada, por não acabar de concluir com o Gouernador nas vistas pera confirmar as pazes) determinou de mandar Embaixadores ao Gouernador, & cõcederlhe Baçaim, cõ todas as condiçoẽs que quisesse. Despertes recados & apercebimẽtos teue o Gouernador logo auiso, pello q̃ determinou de se por no Norte cõ todo o poder, pera que em virãdo Soltão Badur as costas, visse se podia leuar Dyo nas vnhas. E despedio diante Martim Afonso de Sousa com quarenta nauios, pera se ir por na enceada de Cãbaya, a ver o q̃ socedia a te elle chegar. E em sua companhia despedio algũs mercadores

dores mouros pera a cidade de Armadaba a espiar o que fazia Soltão Badur, & outros a Dyo a notarem como ficaua aquella fortaleza, dandolhes por regimento, que fossem ter com elle a Baçaim, onde os esperaria Martim Afonso de Sousa. Deu a vela em trada de Outubro, os capitaes que com elle forão, dos que podemos saber os nomes, são os seguintes. Manoel de Sousa de Sepulueda, dom Diogo D'almeida Freire, Fernão de Sousa de Tauora, Francisco de Sá dos oculos, Martim Correa da Sylua, todos estes que vierão com elle de Portugal. Pero Botelho, Iorge de Sousa, Antonio da Cunha, & outros. E correndo a costa toda foise por na enseada de Cambaya, a vista de Surrate, a onde se deixou estar. Ali foi ter com elle Diogo da Sylueira que vinha de inuernar em Ormuz, aonde o deixamos. E sabẽdo que viera por capitão mor do mar da India, entregoulhe toda a armada, & se passou a Goa em hũ Catur ligeiro, & despedindose do Gouernador se foi pera Cochim, & day pera o reino, por capitão mor desta armada, em que Martim Afonso de Sousa veyo, pello mandar assi elRey: em que tambem se embarcou Iorge Cabral, & outros fidalgos. Todas estas naos chegaraõ a saluamento. O Gouernador depois de despachar as naos pera irem a Cochim tomar a carga, o fez tambem a dom Pedro de Castello branco, pera ir entrar na capitania de Ormuz, por acabar seu tẽpo Antonio da Sylueira que la estaua. E dãdo expediente aos mais negocios, se embarcou em trada de Dezembro em hũa armada de Galeões, Gales, & Fustas, q̃ eraõ mais de cem velas, & em poucos dias foi surgir na barra de Baçaim, onde se detue esperando pellas espias que tinha mandado a Dyo, & a Cambaya: que hão tardaraõ muito, & lhe deraõ relaçaõ da jornada que Soltão Badur fazia, em que tinha em campo mais de quinhẽtos mil homẽs, & que Meliquez Tocão ficaua em Dyo, cõ dez ou doze mil de guarniçaõ, & a cidade muito fortificada, & prouida de todas as cousas necessarias: & que ficaua despedindo hum Embaixador pera elle com negocios que elles não poderaõ alcançar, & que não poderia tardar dous dias. O Gouernador tanto que soube aquillo mandou preparar a armada, pera o receber com grande magestade. Day a dous ou tres dias chegou o Embaixador a armada em tres nauios ligeiros. (Era este Embaixador pessoa principal na casa d'elRey, & chamauase Xacoes, homẽ de graõ prudentia, & conselho. O Gouernador sendo auisado de sua vinda, o mandou buscar por muitos nauios de remo, & foi leuado ao Galeão saõ Dinis, que estaua rica & fermosamente embandeirado, & paramentado por dentro. O Gouernador

uernador o esperou na tolda, que estaua cuberta de panos douro, assentado em hũa rica cadeira, & todos os capitaes & fidalgos velhos em pe, de hũa & outra parte, muito bem ataviados. E ao entrar do Galeaõ saludou elle com algũas ipeças de artelharia, & logo toda a armada, com aquella tormenta de bombardas que pos grande espanto nos mouros. O Embaixador chegando a elle se lhe lançou aos pés, o Gouernador o leuantou cõ honras & gasalhados, mandando-lhe perguntar (por Marcos Fernandez lingoa do estado) pella saude d'elRey, & a elle como vinha da jornada. O Embaixador respondeo com palauras geraes, humilhandose por aquella honra. O Gouernador lhe disse, que se fosse descansar, que depois o ouuiria de vagar. Dali foi leuado as suas embarcaçoẽs, com outra salua de nono, assi de artelharia, como de rambores, trombetas, charamelas, & de todos os mais instrumentos de guerra, & de paz.

CAPITVLO II.

De como Soltão Badur mandou offerecer ao Gouernador Nuno da Cunha a cidade de Baçaim. E dos capitulos & condiçoẽs com que se assentarão as pazes.

DEIXOV o Gouernador descansar o Embaixador dous dias & por não mostrar tambem alueroço o não quis ouuir logo, passados elles o mandou leuar ao Galeaõ, & o ouuio na sua camara, sendo presentes algũs capitaes velhos, & o Secretario Simão Ferreira, & as lingoas Marcos Fernandez, & Cogeperedi homem Parsio, & auisado por parte do Embaixador. Que apresentou ao Gouernador hũa carta de crença com o sinal & sello d'elRey Soltão Badur, & hũa procuraçaõ, em que lhe daua & cõcedia, todos os seus poderes pera tudo o que determinasse & assentasse com o Gouernador, em o negocio de pazes & amisades que lhe mandaua cometer. Depois de vistos estes papeis, & auidos por solenes, o Gouernador mandou dizer ao Embaixador, que podia falar tudo o que quisesse, com o que o Embaixador deu sua embaixada, cuja sustancia era Que elRey Soltão Badur seu senhor desejaua muito de ter paz, amizade, prestãça, & comercio, com elRey dom Ioaõ de Portugal, & com elle Gouernador, que estaua em seu lugar & que em começo deste amor & amizade, daua & doaua, doje pera todo sempre a cidade de Baçaim com todas suas Tanadarias, & jurdiçaõ a elRey de Portugal,

por

por ser couſa grande, & que importaua muito, & que por iſſo não queria mais que algũas condiçoẽs que foſſem juſtas, & honeſtas. O Gouernador lhe mandou reſponder com palauras mũy graues, tendo em merce aquella viſitaçaõ, que elRey ſeu ſenhor lhe mandaua fazer, & que eſtimaua muito aquelles deſejos, de ter paz & amizade com elRey de Portugal ſeu ſenhor, & que aceitaua por ſua parte os offerecimentos da cidade de Baçaim, não tanto por ſua importancia, quãto pello goſto com que lha offerecia, que naõ podia deixar de nacer de muito amor, como elle tambẽ lhe moſtraria em todas ſuas couſas, & elle Gouernador como ſeu vaſſallo o ſeruiria em tudo o que lhe mandaſſe. E que quanto as capitulaçoẽs & condiçoẽs, que pedia, que tudo remetia ao Ouuidor geral, Secretario, & mais officiaes d'elRey de Portugal, pera cõ elle Embaixador as concluirem & aſſentarem. Com iſto ſe deſpedio o Embaixador muito ſatisfeito, mandandolhe dar algũas peças muito ricas. E ajuntandoſe per vezes com os officiaes aquem o Gouernador o remeteo naquelle negocio, apreſentandoſe capitulos de parte a parte, vieraõ a concluir as pazes com as condiçoẽs ſeguintes.

Que, elRey Soltão Badur daua & doaua a elRey de Portugal d'aquelle dia pera todo ſempre, a cidade de Baçaim, com todas as ſuas terras, aſsi firmes, como ilhas, & mares, com toda ſua jurdiçaõ, mero & miſto Imperio, com todas ſuas rendas, & direitos reaes, aſsi & da maneira que elle Soltão Badur Rey do Guzarate a tẽ então as poſſuira, & poſſuiraõ ſeus capitaẽs & Tanadares. E que d'ali por diante deſiſtia de todo o direito q nas ditas terras, ilhas, & mares tinha: & que todo treſpaſſaua, & aplicaua a elRey de Portugal. E que auia por bem que logo per ſeus officiaes mãdaſſe tomar poſſe de todo o ſobre dito.

Com condiçaõ, que todas as naos que partirem dos Reinos & ſenhorios, d'elle Soltaõ Badur, pera entrarem das portas do eſtreito pera dentro, yriaõ a Baçaim, tomar ſaluo conduto (aque elles chamão Cartazes) dos capitaẽs d'el Rey de Portugal, que ali eſtiuer, & que da torna viagem tornarião a dita cidade a pagar ſeus direitos ſob pena de ſerem perdidas pera elRey de Portugal. & que as poderiaõ ſeus capitaẽs tomar, como de boa guerra, ſem elRey do Guzarate o contrariar, nem auer por mal.

Que, todas as naos do ſeu reino, que nauegarem pera todas as outras partes naõ ſendo pera Meca, leuariaõ os meſmos Cartazes, & que os capitaẽs lhes naõ leuariaõ por cada hum mais de hũa taça, & que com iſſo nauegariaõ

liuremente pera onde quisessem, sem terem outra obrigação, senão que isto se não entenderia nas Gotias, Galueras, & vazilhas pequenas, q costumauão a nauegar de longo da costa.

Que, em nenhum porto, assi do reino Guzarate, como dos mais senhorios que possuya dali em diante, se faria nauio algum de guerra, & os que ouuesse feitos não auergarião mais, mas que poderião fazer todas as naos que quisessem a seu modo, pera seus tratos, & comercios.

Que, elRey Soltão Badur não recolheria em porto algũ de seus reinos & senhorios, Rumes algũs, nem lhes daria mantimentos, fauor, gente, ajuda, nem cousa algũa que em suas terras ouuesse.

Que, todo o dinheiro das rendas de Baçaim, que estaua a ter então por arrecadar do que Melique Assuia de auer, desque entrou o anno dos mouros até aquella hora, poderia o Gouernador mandar arrecadar pera elRey de Portugal.

Que, entregaria logo Diogo de Mesquita, Lopo Fernandez Pinto, Manoel Mendez, Ioaõ de Lima, & todos os mais Portugueses que em seu poder estauão catiuos. Estes sete capitulos de condiçoẽs, que os officiaes d'elRey de Portugal apresentarão, aceitou o Embaixador d'elRey Soltaõ Badur, & se obrigou aos comprir, ter, mãter, & guardar em todo & per todo, como se nelles, & em cada hum delles continha, sem engano, nem cautela, cõ toda a verdade & segurança d'el Rey. E logo o Embaixador apresentou outros capitulos por parte d'elRey Soltão Badur, que saõ os seguintes.

Que, todos os caualos que viessem do estreito de Meca, & das partes de Arabia, os primeiros tres annos, depois da fortaleza de Baçaim ser acabada, virião a ella, pera elle Soltaõ Badur & seus vassallos os mandarem ali comprar, pagando os direitos d'elles a elRey de Portugal, assi & da maneira que se pagauão na cidade de Goa, & que não iriaõ aos portos do Decan, Canara, nem Malauar. E que não se cõprãdo os taes caualos em Baçaim, seus donos os poderiaõ leuar pera onde quisessem.

Que, vindo algũa nao do reino de Cambaya cõ caualos, pera elle Soltão Badur, de qualquer parte que fossem, não pagarião dereitos a te conta de sessenta.

Que, vindo algũa nao de mar em fora desgarrada de qualquer parte que fosse tirando do estreito de Meca, & com tempo fortuito fosse tomar Baçaim, vindo pera o reino do Guzarate, depois que fosse dentro naquelle porto, ninguem entenderia com ella, & se poderia tornar cada vez que quisesse.

Que, cinco mil tangas larins, que estauão aplicadas nas rendas

de

de Baçaim pera as Meſquitas, ſe lhe pagariaõ ſempre nas meſmas rendas, & que com as Meſquitas das terras de Baçaim, & pregaçoẽs que nellas ſe fizeſſem, não entenderia peſſoa algũa, nem ſe faria miſſo inouaçaõ algũa.

Que, duzentos pardaos que ſe pagauaõ nas rẽdas de Baçaim aos lascarins das duas fortalezas, Acciara, & Coeja que eſtão entre as terras de Baçaim, & as dos resbutos, ſe pagariaõ ſempre nas meſmas rẽdas, como até então ſe pagauão.

Eſtes cinco capitulos concedeo o Gouernador em nome d'elRey de Portugal, & ſe obrigou aos cõprir & guardar, ſem cautela, nem engano algum, & logo com muito grande ſolennidade ſe juraraõ as pazes, aſsi pello Gouernador, como pello Embaixador, cada hum em ſeu modo, de que ſe fizeraõ autos em Parſeo, & Portugues, aſsinados por elles, & pellos officiaes d'el Rey. Declarou & acrecentou mais o Gouernador que elle Embaixador iria com elle pera Goa, a onde inuernaria, & ficaria em refens do Embaixador que auia demandar a confirmar as pazes com elRey de Cambaya, & pera tomar entrega dos catiuos. O Embaixador deſpedio logo correos pella poſta cõ recado de tudo o que era paſſado, pera elRey Soltão Badur, que ja ya marchando pera Chitor. O Gouernador deu peças ricas ao Embaixador, & lhe fez muitas hõras.

Ao outro dia deſembarcou em terra com o Embaixador, & elle lhe fez entrega da cidade de Baçaim, acodindo a obediencia os principaes d'ella, & o Embaixador mandou por todas as Tanadarias apregoar as pazes, & notificar aos Tanadares & Pateis, que foſſem dad a obediencia a elRey de Portugal, & ao ſeu Gouernador. No meſmo dia que elle tomou poſſe da cidade, foi logo com todos os fidalgos & capitaẽs, notar o ſitio pera fazer hũa fortaleza, pera ſegurança da terra, que traçou hum pouco afaſtada da agoada, porque a praya era toda de hum areal ſolto, & pera ſe começar a obra, mandou deſembarcar toda a gente, & aſſentou ſeu arrayal, & o forteficou muito bem, & por ordem do Embaixador mandou trazer de todas as aldeas vezinhas, muitos ſeruidores, pedreiros, & cauouqueiros, & mandou cortar a pedra pera a fortaleza da outra banda do rio, a onde auia hũa muito fermoſa pedreira, & hũa agoada muito boa, de que toda a cidade ſe prouia pera beber, por ſer a agoa em ſi excellente.

E aos vinte do Janeiro deſte anno de trinta & cinco, em que com o fauor diuino entramos, dia do martyr ſaõ Sebaſtião, deitou o Gouernador a primeira pedra no fundamento, veſtido elle & todos os fidalgos muito laucãmente, dãdo nome a fortaleza do ſanto Martyr, em cujo dia aquelle auto ſe celebrou,

lebrou com as mores festas & alegrias que podiaõ ser. E logo se começou a correr com a obra da fortaleza com muita pressa, sendo o Gouernador, & os capitaẽs, & fidalgos os primeiros que apegauão das padiolas, & que acodião ao trabalho. Os Tanadares começaraõ a correr a darem a obediencia, leuando comsigo todos os Pateis, & rendeiros, com os foraes, que se apresentaraõ ao Gouernador, de que mandou fazer nouos tombos. A todas estas pessoas deu peças & cabayas ricas, cõ que ficaraõ mũy contentes & satisfeitos, mandãdo que corressem os arrendamentos como estauão, sem innouar nelles cousa algũa. E porque a fortaleza ya crecendo, & o veraõ se ya acabando. Despedio o Gouernador Simão Ferreira Secretario pera ir a Cambaya a ver jurar as pazes por Soltão Badur, que auia de vir, & inuernar da jornada em que era. E delle a diante daremos rezão, porque nos pareceo aqui bem continuarmos com Soltaõ Badur.

CAPITVLO III.

De como Soltão Badur foi contra o reino de Chitor, & tomou aquella cidade. E do que passou Simão Ferreira a te se ver com o Badur. E das cousas em que o Gouernador Nuno da Cunha proueo a te partir pera Goa.

TANTO que Soltão Badur despedio Xacoes, logo se pos no caminho do Mandou, & Chitor, pera aueriguar aquelle negocio, primeiro que o inuerno entrasse. Leuaua este barbaro o mais potente exercito que podia auer no mundo, porque passauão de quinhentos mil homẽs os que podião pelejar, a fora hũa grande multidão de gente inutil, de camellos, bois, & mais seruiço da recouagem, artelharia, muniçoẽs, & mais petrechos de guerra. D'este grande exercito era General Mostafa Baxa, q̃ tinha o titulo de Rumecan (como ja dissemos.) Leuaua elRey pera guarda de sua pessoa, Diogo de Mesquita, Lopo Fernandez Pinto, Duarte da Gama, & todos os mais Portugueses que la tinha catiuos, que serião perto de sesenta, a quẽ deu armas, caualos, seruidores, & todas as cousas necessarias em muita abastança; porque tinha nelles tanca confiança, que os naõ apartaua de si. E por suas jornadas foi ter a cidade de Chitor, dõde todo aquelle reino toma o nome. Estâ esta cidade de Chitor em altura de perto de dezanoue graos do Norte, conforme a situaçaõ que seus naturaes lhe dão, & assentada em çima de hũa altissima serra, que a natureza fez tão inexpugnauel, que se não pode sobir a ella se não

por

por hum ſó caminho muito ingre me, que eſtá fortificado de muitos & fortes paſſos. A cidade he grande,& cercada de fermoſo muro, & de grandes & fortes baluartes,& ella tamanha em ſi, que tinha de ventagem de ſeſenta mil peſſoas, & toda a ſerra tão freſca & viçoſa, que lhe deraõ os naturaes o nome de Chitor, que algũs dizem que he o de hum paſſaro que ha naquelle reino muito fermoſo, & de muitas cores, inda que outros Guzarates dizem que Chitor quer dizer, debuxo. Soltão Badur chegando a ſerra,aſſentou ao pe em roda o ſeu exercito, & ſoube eſtar a Rainha dentro com muita gente & muitos mantimentos: & porque pera cometela pello paſſo,era difficulto ſo, mandou por mais de vinte mil gaſtadores minar a ſerra por algũas partes,em que mandou meter muitas pipas de poluora, aque ſe deu fogo,& arrebẽtando a mor parte da ſerra por eſſes ares, deixou por ella açima muitas roinas, por onde foraõ fazendo caminho a te cima a força de braços. E com grandes engenhos & forças, leuaraõ algũas peças de artelharia açima,& o Badur pos todo o ſeu exercito ſobre a cidade,& a começou a bater por algũas partes, por onde fizeraõ grandes entradas, por onde foi cometida, dando elRey a dianteira a Diogo de Meſquita com todos os Portugueſes,que na entrada fizeraõ tantas couſas,que eſpantaraõ a todos. E ainda nós achamos em Dyo,onde inuernamos o anno de ſeſenta,Guzarates que ſe acharaõ neſta jornada,& contauão diſto couſas monſtruoſas,que deixamos,porque naõ ſoubemos as particularidades.Em fim a cidade foi entrada,& a Raynha & o filho catiuos Soltão Badur reformou a cidade, & deixou nella alguns capitaẽs,com cincoenta mil homẽs de guarniçaõ, & depois diſſo andou ganhando as mais cidades & villas d'aquelle reino,no que gaſtou a te todo mes de Março, que ſe recolheo pera ſeu reino. Caſtanheda, & Petro Maſeo,que o ſegue, contão iſto d'outra maneira,& dizem que a Raynha,com o filho, deſeſperada de ſe poder defender fugiraõ hũa noite, & que a mais gente achandoſe ao outro dia ſem o Rey, fizeraõ grandes fogeiras em que ſe queimaraõ, com todas ſuas fazendas, & que quando a cidade fora entrada não acharaõ nella peſſoa viua: couſa que naõ achamos na lembrança dos Gentios d'aquelle tempo, & achamos em hum liuro de regimentos velhos, que andaõ na caſa dos contos de Goa, feita memoria deſta jornada por Gaſpar Pirez de Matos (que ſeruia de eſcriuaõ do Secretario Simão Ferreira, que de la trouxe Diogo de Meſquita,& os mais Portugueſes,que lhe contaraõ o ſucceſſo deſta jornada.) que falãdo nas couſas de Dyo,diz eſtas pontuaes palauras.

lauras. Neſte tempo partio pera Chitor Soltão Badur com grande exercito, leuando comſigo Diogo de Meſquita, Lopo Fernandez Pinto, Manoel Mendez, Duarte da Gama, & os outros Portugueſes que la eſtauão catiuos, & poſ cerco aquella cidade, & aconſeteo, & entrou ſendo os primeiros que ſobiraõ os muros los Portugueſes que la eſtauão catiuos, que moſtraraõ bem neſta entrada o valor de ſeu esforço, catiuandoſe a Raynha & ſeu filho. A iſto ſe deue dar mais credito Soltão Badur chegando a cidade de Amadaba achou nella o Secretario Simão Ferreira & pelas cartas do Embaixador Xacoes tinha ja ſabido tudo o que era ſocedido, pello que o mandou buſcar por peſſoas principaes de ſua caſa, & o receboo com muitas hõras & moſtras de grande amizade. Simão Ferreira lhe deu as cartas do Gouernador, & o preſente que lhe mandaua, que eraõ peças muy ricas, & tratou com elle o negocio aque ya, pedindolhe que o deſpachaſſe, pera tornar a inuernar a Goa; o que el Rey fez, jurando logo as pazes com grande ſolennidade, & confirmando os capitulos que por ſua parte eſtauão concedidos, & mandandoos apregoar por todo o reino: & fazendolhe entrega de Diogo de Meſquita, & de todos os Portugueſes, dandolhe muito dinheiro & peças os deſpedio: & foraõſe embarcar a Cambayete, onde tinhaõ nauios ligeiros.

¶ E tornãdo ao Gouernador, que eſtaua em Baçaim, continuando nas obras da fortaleza, ſendo ja o mes de Março, lhe deraõ cartas de dom Ioaõ Pereira capitão de Goa, em que lhe dizia, que o Idalcan tentaua nouidades, & que fazia preſtes capitaẽs pera mandar ſobre as terras de Salcete, que deuia de acodir áquellas couſas. O Gouernador tendo ja a fortaleza em altura pera ſe poder defender, a guarneceo de artelharia, & proueo os almazẽs (que ja eſtauão acabados,) de muitos mantimẽtos & munições. E andãdo pera eleger capitão, chegou de Ormuz Antonio da Sylueira ſeu cunhado, que acabara de ſeruir aquella fortaleza, & lhe deu a capitania de Baçaim, aſſinandolhe oito centos homẽs pera ficarem com elle, & muitos fidalgos & capitaẽs. Eſte Março em que andamos, faleceo em Ormuz O biſpo Fernando Vaqueiro, que foi o primeiro Biſpo que a India veyo, & foi ſepultado na capella mor da igreja de Ormuz: & tem hũa ſepultura de pedra branca muy boa com ſuas armas lauradas, que ſaõ hũa vaca, ou touro; & o letreiro diz aſsi: Ferdinandus Epiſcopus Aurenſis. Faleceo aos quatorze de Março de mil quinhentos & trinta & cinco. O Gouernador Nuno da Cunha, quis prouer nas couſas de Ormuz, primeiro que ſe partiſſe de

ſe

se de Baçaim, porque Antonio da Sylueira lhe trouxe nouas de como era falecido o Guazil Xeque Raxete, & com elle tinhaõ vindo procuradores de mouros principaes a requererem o cargo, pello modo que sempre se costuma a fazer: mas o Gouernador o deu a Xeque Hamed filho do morto, assi pellos merecimentos do pay, como pellas partes que pera isso tinha. Feito isto despedio se de Antonio da Sylueira, & deu a vela pera Goa, onde chegou em poucos dias, & começou a entender nos prouimentos de Malaca & Maluco, que logo despedio: & assi mandou inuernar gente a Chale, & a Cananor. Depois disto chegou Simaõ Ferreira cõ os Portugueses de Cãbaya, que o Gouernador recebeo muito bem fazendo merces a todos. E logo despedio o Embaixador de Cambaya, que estaua em Goa em refens, & lhe deu dous navios pera o leuarem. Foi este mouro tão satisfeito das hõras que lhe o Gouernador fez, que depois o auisou de muitas cousas, como em seu lugar diremos.

CAPITVLO IIII.

Da conjuração que ouue entre os senhores das ilhas de Maluco contra os nossos, & do grande aperto em que os puserão.

POIS este he o tempo, em que nos cabẽ as cousas de Maluco, cõtinuaremos cõ ellas, que deixamos o anno passado, em aquelle grande escandalo, que todos os Reys d'aquelle Archypelago tiueraõ dos nossos, pella grande crueza que vsaraõ com a mãy d'elRey Aeiro, & prizão de Tabarija. E carteandose, se ajuntaraõ todos, tratando de tomar satisfaçaõ de caso taõ abominauel: ajuntando pera isso em segredo as cousas que lhes pareceraõ necessarias. E pera mais fazerem odiosos & auorrecidos naquellas ilhas todos os Portugueses, vrdio o demonio outro caso taõ escandaloso, ou mais a seumodo que os passados: O caso que nouamente socedeo que nos acabou de fazer auorrecidos foi este. Mandou Tristão de Taide nesta mesma conjunçaõ hum soaõ Pinto a descubrir as ilhas de Mindanao, & ás vezinhas a ella, pera se prouer de mantimentos, porq̃ em todas as de Maluco lhes tinhaõ tapados os portos, por onde lhes corrião. Partido este homẽ ẽ hũa naueta, chegou a ilha de Mindanao, a onde desembarcou, & vio a quelle Rey, que lhe fez muitos gasalhados, & assentado cõ elle pazes & amizades, vẽdeo o que leuaua, & comprou o que quis muito liberalmente, & a sua vontade. D'ali

se passou a ilha de Seriago, onde o Rey lhe fez os mesmos gasalhados, & assentou tambem com elle pazes: que celebrarão com hũa cerimonia entre elles guardada tão inuiolauelmente, que nunca jamais se quebraua: que era, beberẽ os que fazião a amizade o sangue hum do outro como penhor do amor que se auião de ter, por que dizem que assi mete cada hum em si a alma do outro: & assi ficarão d'ali por diante correndo com os nossos em tanto amor & amizade, que yão a sua nao comprar & vender sem receio de engano, porque elles o não tratauão com pessoa algũa depois d'aquella cerimonia celebrada. O capitão do nauio vendo quantos concorriaõ á sua nao, entrando a cobiça de fazer preza nelles, & de leuar hũa boa copia pera vender, depois que fez seu negocio, o dia q̃ se auia de partir forão perto de quarẽta pouos & poucos a venderem a nao suas cousas, que assi como entrauão os leuaua abaixo da cuberta, pomo que lhes ya mostrar algũa cousa, & lá os fechaua. Mas permitio Deos, que hum dos prezos debaixo quando leuauão outros tiuesse modo de escapulir, & se lançou no mar, & foi a terra a dar conta a elRey do que passaua. ElRey cheio de paixão de quebrarem os Portugueses assi aquelle taõ firme vinculo de amizade entre elles guardada, como cousa religiosa, mandou com muita pressa meter muita gente em algũas embarcações que estauão no mar, & lançar a elle outras que estauão em estaleiro, & mandou cometer a nao que foi rodeada & combatida asperamente. O capitaõ Pinto andaua ja leuando ancora, por que tinha visto os nauios & a gente em terra, & acodindo as armas cõ vinte & cinco homẽs que cõ sigo leuaua, pos se em defensaõ, porque ja o entrauaõ por algũas partes, & os officiaes foraõ largando as velas, mas os Seriagos ferrados na nao trabalharaõ pella entrar, & sem duuida o fizeraõ se naõ sobreuiera hũa serraçaõ, descarregando logo hũa tronoada taõ soberba & medonha em força & carrancas, que parecia ira dos ceos. Os Seriagos largaraõ a nao, & se acolheraõ a terra: os da nao foraõ correndo com hum bolso de vela a vontade dos ventos & mares que os comião: & foilhes necessario alijarẽ ao mar todas as cousas que por cima leuauão, & ainda toda a artelharia: porq̃ se viraõ muitas vezes alagados & sosobrados. Duroulhes este castigo algũs dias, deixandoos taõ destroçados, desbaratados, & medrosos, que com os homẽs que tinhaõ visto tãtas vezes a morte, estauão como alienados, & assi foraõ ter a Ternate taõ cortados do temor, q̃ estando em terra, ainda lhes parecia que corriaõ as mesmas tormentas, que ainda ali a ira de Deos os ameaça-

ameaçaua pello peccado que cometeraõ, em violaré a ſanta lei do hoſpicio: couſa tão fea & auorrecida ainda entre taõ barbaros como eſtes. Sabendo todos os Reys daquellas ilhas hũa maldade taõ grande, acabaraõ de ſe reſoluer q̃ lhes eraõ periudiciaes os Portugueſes, & quão neceſſario era lançaré nos fora d'aquellas ilhas, pello que logo trataraõ & poſeraõ em execuçaõ hũa liga geral contra elles, mandãdo lãçar por todas aquellas ilhas hũ edicto geral, pera q̃ logo mataſſem todos os Portugueſes q̃ por ellas andaſſem, & que totalmẽte ſe recolheſſem os mantimentos todos, & ſe tiueſſe nelles tal guarda, q̃ né por mar né por terra entraſſé na noſſa fortaleza, ja q̃ naõ tinhaõ artelharia pera a bater, pera que auieſſem tomar a fome: & que quando iſto não baſtaſſe, & na fortaleza ouueſſe mantimẽtos pera ſe ſuſtentaré até irem os Galeoẽs da India, então que os Ternatezes deſpejaſſem aquella ilha, & ſe paſſaſſem pera as outras, cortando primeiro todas as aruores do crauo, & deixandoa deſerta: porq̃ naõ podeſſem os noſſos lograrſe de ſeus fruitos, que era o porque elles tinhaõ vſado com elles tamanhas crueldades & deſordẽs n'aquella ilha: & yaõ de taõ lõge por taõ grãdes riſcos & perigos, é buſca d'elle: & que como elles ſe viſſem ſem ſe poderé lograr do que tanto cobiçauaõ, forçados da neceſsidade deſpejariaõ a fortaleza, & ſe tornariaõ pera a India, & elles quietariaõ & viuiriaõ em ſuas terras ſem aquellas opreſſoẽs, & tyrãnias. Cõ iſto começaraõ a por aquellas couſas em execuçaõ, fazendo cabeça da liga elRey de Tidore, por andar cõ elle elRey de Ternate, que la eſtaua homiziado pella morte de Gonçalo Pereira. Os Ternatezes deſpejaraõ logo a cidade, mandando ſuas fazẽdas pera as outras ilhas. E porque entendeſſem os noſſos que de todo ſe deſnaturauão, mãdaraõ por fogo a toda a cidade, em que ſe cõſumiraõ todos os edificios que foraõ de ſeus ante paſſados, tãtas cẽtenas de annos a tras. Triſtaõ de Taide vendo aquella deſeſperaçaõ, quis acodir a iſſo, mandãdo muitos recados a Raynha & aos Regedores, cõ promeſſas & ſatisfaçoẽs, que naõ aproueitaraõ couſa algũa. Poſtos os Ternatezes nos matos ſayão muitas vezes em cilladas a eſperar os Portugueſes que yaõ fazer lenha & agoa, matando & ferindo algũs. Em todas as outras ilhas ſe começou a executar o edicto, matando todos os Portugueſes que por ellas andauão. Na cidade de Momoya mataraõ ſete ou oito que eſtauão com o padre Franciſco Aluarez, que eſcapou milagroſamente, & ſe recolheo a hũa embarcaçaõ com muitas feridas. Na ilha de Chião principal de Morotay, mataraõ Simão Vaz outro Sacer-

dote: & hum mouro daquelles tomou hũ retauolo de noſſa Senhora, que o padre tinha, & o quebrou em pedaços, & naõ ſofrendo Deos eſta offẽſa feita a ſua ſacratiſsima mãy, logo ali ſupitamente ſe lhe aleijaraõ as mãos àquelle mouro, & morreo em poucos dias. E ainda ſe notou mais, que d'entro em hum anno morreo toda a geraçaõ que eſte mouro tinha de deſaſtres, & o derradeiro foi meterlhe hum peixe agulha o bico por hum olho eſtando peſcando: & o lugar todo que era muito grande em mũy poucos annos ſe conſumio, & deſfez por guerras, & por deſaſtres de maneira, q̃ delle naõ ha ja memoria algũa, o que notaraõ os Portugueſes que la eſtauão, & outros de Maluco, de quem ſoubemos iſto. Triſtaõ de Taide foi logo auiſado de tudo, & o ſentio em eſtremo, & bem entendeo que ſe lhe offereciaõ grandes trabalhos, & mãdou por muito reſguardo & regra nos mantimentos que auia, deitando muitas eſpias pera ſaber dos deſenhos dos imigos, & em elRey Aeiro que eſtaua na fortaleza por grandes vigias, & guardas, naõ lhe deixando mais que as amas que o criauão, & deitou algũas peſſoas que apalparaõ a Raynha cõ pazes, & o meſmo a elRey de Tidore, cometẽdoſelhe por ſua parte muitos partidos, ſem elles diffirirem a couſa algũa. N'eſte tẽpo Catabruno Gouernador de Geilolo, & tutor do Rey minino, o matou cõ peçonha & ſe aleuãtou por Rey: quiſeraõ dizer, que Triſtaõ de Taide fora em conſentimento diſſo, & que lhe mandara hũa cabaya de veludo azul, com que ſe aleuantou por Rey. E como era mao & tyranno, & começou a vſar de ſua natureza metendoſe logo na liga contra os noſſos, foi o mor imigo, & de quem mor dano receberaõ os noſſos, que de todos os outros. Neſte eſtado deixaremos as couſas d'eſte anno, que era o pior que podia ſer.

CAPITVLO V.

De como Hamau Paxa, Rey dos Magores foi buſcar Soltão Badur, & lhe tomou os reinos de Chitor, & Mandou, aque acodio Soltão Badur, & das grandes couardias que fez, & de como o Magor o deſtruyo, & desbaratou.

VENDO Hamau Paxa Rey dos Magores o pouco caſo que Soltão Badur fizera de ſeus recados, & que ſobre elles fora cõtra o reino de Chitor, & o deſtruira, ficou muito afrontado: & como ja eſtaua eſcandalizado dantes, por recolher em ſeu reino Omir Mahamede Zaman, ſeu cunhado irmão de ſua

de ſua molher, (que foi o que vrdio eſtes odios, antre eſtes dous poderoſos barbaros.) Porque como era ambicioſo, & deſejoſo de reinar, quis ver ſe podia por eſte modo chegar ao que tanto deſejaua; porque entendia que ſe elles vieſſem a rompimento de batalha, hũ delles forçado auia de ficar quebrado, com o que lhe ficaria lugar pera poder meter pé em algum d'aquelles Imperios, no que o naõ enganarão ſeus penſamẽtos, por que lhe veyo a fortuna a comprir ſeus deſejos, como logo diremos. Hamau Paxá (como yamos dizendo) tanto que teue nouas da tomada de Chitor, tomando aquella afronta muito a ſua conta, partio logo da cidade do Deli com trinta & cinco mil caualos, & tomou o caminho de Chitor mũy apreſſadamente cuidando que ainda ali achaſſe Soltaõ Badur. Pello caminho lhe foraõ acodindo vaſſallos, com que perfez o numero de ſeſenta mil caualos. E chegando a Chitor ſoube que eſtaua pello Soltão Badur, & logo lhe pos cerco. Os de dentro ſabendo ſer elle chegado, como o nome do Magor entre todas aquellas naçoẽs era hum terror, & eſpanto grande em ſeus ouuidos, logo lhe mandaraõ cometer partidos, & ſe entregaraõ. O Hamau ſem ſe deter nada, como hum rayo mũy apreſſado foi paſſando adiante entrando por todas as cidades & villas com tamanho eſtrondo & temor de todos, que tudo ſe lhe largou ſem achar impedimento, & aſsi foi correndo ate o reino de Mandou, em que não teue que fazer: porque como todos yão fugindo da ira dos Magores, & o medo lhes fazia parecer mayor o numero do que era, vinhão apregoando hum tão groſſo poder, que a toda a parte a que chegauaõ achauão tudo deſerto, & deſpouoado. Soltão Badur teue logo auiſo do Magor, & com ter hum exercito o mais potente, que no mundo podia ſer, foi tamanho o ſeu medo, pello que via trazer aos ſeus que vinhaõ fogindo, que de todo eſteue pera ſe recolher, ſe não fora Rumecan que o fez ſobre eſtar, animandoo pera ir buſcar o imigo como fez. E leuando ſeu exercito foi caminhando ate a cidade de Arrayol, hũa das principaes do Guzarate, óde foi auiſado q̃ o Magor ſe vinha chegãdo, encõtrãdo por aquelles caminhos infinidade de gente q̃ vinha fogindo, tão aſſõbrados de ſuas crueзas q̃ cõ acharem o ſeu Rey com tão potẽte exercito, não parauão ali, por que o temor lhes não daua lugar a ſe ſegurarem com couſa algũa. Soltão Badur vendo vir decendo aq̃lla multidão de gẽtes, cõ aquelle medo & deſatino, ficou ẽbaraçado, & não quis paſſar adiãte, aſſẽtãdo ſeus exercitos ao pe de hũa ſerra fortiſsima, onde ſe fortificou muito grandemente, mandando recolher

a ella todos os mantimentos que pode. E como o Magor vinha detendo com tamanho impeto & furia, (como costumão a trazer os arrebatados & poderosos rios na força do inuerno, que vem alagando tudo por onde passão; assi este barbaro, trazendo diante de si todas aquellas enchētes dos que vinhaõ fogindo delle) chegou a vista do exercito do Badur, & não muito longe d'elle assentou o seu, trauandose logo entre elles algũas escaramuças com dano de ambas as partes, sem o Badur ousar a se bolir nem dar batalha, tendo duzentos mil de cauallo, a fora a infantaria que era em dobro, quatrocentos elefantes, & setecentas peças de artelharia de toda sorte, (poder, que se não fora gouernado por hum homem taõ fraco & pusilanime, podera dar batalha a todo o mundo, quanto mais a hum imigo tão inferior em poder como temos dito, & em seu proprio reino & terras.) O Magor entendeo logo a couardia do imigo quando vio q̃ com tão potente poder o não saya a buscar pello que o cometeo rijamente na serra, trabalhando pella entrar, o que naõ pode fazer pella difficuldade de seus passos, perdendo n'estas cometidas algũa gente. O Badur como tinha ja cobrado em seu coraçaõ tamanho medo, determinou de se defender na serra & deixarse estar, porque o imigo não podia deixar de se recolher Rumecan capitão geral de seu exercito, vendo tamanha couardia em hum homem tão poderoso, como era astuto, & experimentado no conhecimento dos casos da guerra, não duuidou perderse o Badur n'esta jornada, & ficar o Magor senhor d'aquelle Imperio do Guzarate. E querendo segurar sua pessoa, & acrecentar seu estado, teue modo com que se carteou com o Magor, fazendo seus partidos pera se passar pera elle. E depois de assentados a sua vontade, o mandou auisar, que tomasse hũ passo da outra banda da serra, por onde se metiaõ mantimentos n'ella, o que elle logo fez, começando elles logo a faltar no exercito do Badur. Rumecan em quem Soltaõ Badur tinha todo seu remedio & conselho, como vio tempo occasionado passouse pera o Magor, com sete ou oito mil de cauallo de sua couadeira. Isto acabou de descoraçoar o Badur defeicaõ que se ouue por perdido, & logo tratou de saluar sua pessoa, buscando modos & ardis pera isso sem o dar a entender a pessoa viua. E como o passo por onde a serra se prouia estaua tomado, & a gente que na serra estaua era muita, começaraõ a faltar os mantimentos, & chegaraõ a estado que comeraõ os elefantes, cauallos, eruas, raizes, & todas as mais cousas desta qualidade. Vendose o Badur de todo perdido, dãdo conta do que determinaua, a

algũs

algũs capitães ſeus mais fieis, como o Magor naõ podia ter tanta vigia que ſe não deſcuidaſſe: Hũa noite ſe ſayo o Badur com os do ſeu ſeyo, & pella poſta foi caminhando pera Cambaya leuando comſigo a mor parte dos ſeus theſouros, douro, pedraria, & perolas, que era infinito. Iſto não pode ſer tanto em ſegredo que não foſſe logo ſabido na ſerra, & todos os que poderaõ ſe foraõ por aquelle paço vazandoſe por elle a mor parte da gente, que foraõ tomando differentes caminhos. Em amanhecendo teue o Magor rebate do negocio, & cometendo a ſerra ouue pouco que fazer em a entrar, porque os que nella eſtauão, ſe lhe entregaraõ. Elle ſe apoderou d'aquelle poderoſiſsimo & riquiſsimo exercito, de tendas, elefantes, artelharia, & de todas as mais riquezas, em que os Magores ſe ceuaraõ bẽ. O Badur tomou o caminho tão apreſſado, como lho fazia leuar o medo que tinha cobrado ao imigo, & ſem deſcanſar perdido o animo & conſelho, foi parar na cidade de Champanel, que eſtá ſituada em hũa ſerra tão alta, que tem quatro legoas & meya de ſubida, & no cume della eſtá a cidade muito forte, aſsi pello ſitio, como pella induſtria: Será eſta cidade hũa jornada do Deberedora, ou Barodar, aque comũmente chamamos Verdora. Ali ſe deixou ficar o Badur, prouendoſe de mantimentos, & de outras couſas neceſſarias, cuidando que o imigo o não ſeguiria mas não foi aſsi, porque depois de o Magor ſe apoderar de ſeu exercito, começou logo aſſeguilo: auendo que eſtaua o remate & a honra da vitoria, em lhe não dar tempo, pera ſe fortificar em parte algũa, (no que ſe pode ter por mor capitaõ que Annibal, porque ſe ſeguira a vitoria fora ſenhor de Roma) O Hamau Paxa, naõ ſe embaraçãdo com couſa algũa foi paſſando auante a te chegar a Champanel, onde o Badur eſtaua, que teue logo rebate de ſua vinda, & acabou de lhe cair o coraçaõ aos pés de todo, moſtrando neſta jornada bem differentes effeitos do que ſeu nome ſignificaua: porque Badur, na lingoa Guzarata, quer dizer caualeiro. E não querendo aguardar ali o imigo, largou a cidade hũa noite, mandando primeiro queimar muitas riquezas que comſigo naõ podia leuar, & foiſe caminhãdo pera Dyo, por que era onde podia ſegurar ſua peſſoa. E com tamanhas deſordens fez eſte caminho, que deu occaſiaõ aos ſeus pera o roubarem, vzando niſto o q̃ coſtuma a gente vil, que he deſemparar com a fortuna o ſeu Rey. E vendo elle como ella o perſeguia, tomando ſuas joyas, pedrarias, & ouro, (que era hũa ſoma mũy grãde) mandou tudo diãte pera Dyo: & a tudo o mais que lhe podia ſer eſtoruo ao caminho mandou por o fogo

chicus, onde mete Colchi, em Porju, que por ſem duuida ſe tem ſer Cochim, que n'aquelle tempo diuja de ſer hum grande ſeyo: porque das eſcrituras da India ſe tem, que ja o mar naquella parte chegou a te o pe do Gate, & que depois recolhendoſe em ſeu centro, deixou aquella faxa de terra, que oje chamão Malauar.

A quarta enceada he o ſino Agarico, que elle mete do cabo Comori pera o Gange, q̃ he aquella que ainda oje ſe ve de Beadala ate Negapataõ.

A quinta he o ſino Gangetico, em que vai deſcarregar aquelle famoſo em nome, & ſoberbo em agoas Gange; &, da confuſaõ que depois os Geographos fizeraõ nos dous ſinos, Cantincolpus & Barigazeno, fazendo dambos hum, naceo a cidade de Conſamba, que Ptholomeo mete no ſino Cantincolpus em vinte graos fazerem na cabeça do reino de Cambaya, ſendo eſta a Barigaza que o meſmo Ptholomeo mete no ſino Barigazeno em graos: por onde fica confundido o erro dos mapas, & entendido bem os termos, & fins do reino Guzarate, em que elles tanto variaraõ. E quando falarmos em hũa armada que foi de ſoccorro ao Cinde, ſendo Gouernador Franciſco Barreto, moſtraremos claramente donde naceo o erro dos modernos chamarem aquella prouincia Dyul Cinda, ſendo Dyul hũa couſa, & Cinda outra. Como tambem com o fauor diuino pello diſcurſo da hiſtoria moſtraremos muitos nomes proprios de cidades, villas, rios, promontorios, & muitas outras couſas, que andão adulteradas nos eſcritores Italianos, que a India vierão antes dos Portugueſes, como foraõ Marco Polo Veneto, Micer de Conti, & outros: porque de traducaõ em traducaõ, vindo a mudar ſyllabas & letras, perderaõ de todo os nomes verdadeiros, & muito poucos, dos que elles nomeaõ ſaõ oje conhecidos neſte Oriente, deixamos Gregos & Latinos, que iſſo he hum pego infinito, dõ que tẽ nacido taõ grãde confuſaõ nos nomes dos ſimples entre os medicos, & naõ nos tem dado pouco trabalho as informaçoẽs que tomos Mouros & Gentios tomamos: porque eſcreuendo hum nome proprio de hũa couſa com as meſmas letras que elles dizem, quando lha tornauamos a ſa recitar, ja pello aſſento & pronunciaçaõ o naõ conheciaõ, porque ſaõ lingoas groſſeiras, & os caracteres muy differentes dos noſſos.

CAP.

CAPITVLO VII.

De como Soltaõ Badur tratou de se ir pera Meca, & foi contrariado dos seus. E de como mandou pedir soccorro ao Gouernador Nuno da Cunha contra os Magores prometendolhe fortaleza em Dyo. E de como foi ter com elle Martim Afonso de Sousa.

TOrnando a continuar cõ as cousas de Soltaõ Badur, que deixamos recolhido na ilha de Dyo, depois de tornar em si, & perder parte do medo que leuou, que lhe naõ deixou sentir o que perdeo, veio a cair na conta, & começou a entristicerse, por ver que por sua fraqueza & mao conselho, perdera em taõ pouco tempo, o mais poderoso, mais rico, & mais estendido Imperio, que todos os do mundo naquelle tempo: que via em poder de hum imigo cruel & tyranno, & de que cada dia tinha nouas, que sem piedade algũa punha tudo a ferro & a fogo, & vsando com seus naturaes as mores desumanidades que se podiaõ imaginar. Isto sintia na alma, & lhe fazia de nouo resuscitar o medo com que lhe fugio, porque temia o fosse ainda cometer naquella ilha, onde lhe naõ poderia escapar, que quãdo a naõ podesse entrar por armas o faria por fome. Porque posto que nella tiuesse muitos mantimentos, a gẽte era tanta, que receaua faltarem lhe. Com estas imaginaçoẽs naõ se quietaua, cuidando no que faria, E como era fraquissimo de animo, & de condiçaõ vil & baixa, trataua de prouer mais a sua vida, que a seu estado, fazendo muitos discursos pera a poder saluar. E em fim de todos veyo a determinarse de se ir pera Meca: tomando por escusa de sua fraqueza, que de auorrecido do mundo, desejaua de ir seruir Mafamede, o que da vida lhe restasse: mandando pera isso com muita breuidade preparar sete naos, em que entrauaõ dous Galeoẽs, pera se embarcar com suas molheres, & thesouros, começando a mandar embarcar, cousas necessarias pera a jornada, & quasi quatro milhoẽs douro em moeda, & pedraria, com outras riquezas, de peças, & louçainhas, sem conto: & com isto a sua principal molher, com suas donas & donzelas. E querendo vltimamente embarcarse, foi impidido de algũs grandes, que ainda o acompanhauaõ, persuadindoo cõ muitos rogos, que não fizesse tal jornada, porque era cousa indina de hũ Rey taõ nomeado no mundo, de rico & poderoso, porque todos os que o soubessem, o auiaõ de atribuir mais a couardia, que a deuaçaõ. Que elle tinha hum

remedio muito a mão, & muito certo pera tornar a cobrar seu reino, que era o fauor, & ajuda dos Portugueses, que cõ lhes dar fortaleza naquella ilha, que era o que o Gouernador da India, tantos annos auia que pretendia: & que cõ os ter nella, podia quietarse, & naõ recear o imigo: & que tanto que seus vassallos ouuissem, que se preparaua pera tornar a cobrar seu reino, & que os Portugueses o fauoreciaõ, estaua muito certo acodirem lhe todos. E que pello contrario, vendoo embarcar, entregariaõ liberalmente o reino aos imigos, & ficaria o Imperio do Guzarate (que tantos annos foi senhor supremo) debaixo de jugo alheio. Com estas & com outras muitas cousas que lhes differaõ, cobrou algum alento, & começou a respirar. E vendo que o aconselhauaõ bem, como era mao, naõ deixou logo de conceber em seu animo, que posto que por entaõ concedesse fortaleza em Dyo: tanto que tornasse a cobrar seu estado, todas as vezes que quisesse lha tornaria a tomar. E mudando parecer, como foi tempo despedio as naos que estauão de verga dalto, & fez dellas capitaõ hum mouro muito seu aceito chamado Cafarcan, a quem entregou seus thesouros, & sua molher, dandolhe por regimento, que se naõ partisse de Iuda a te naõ ver recado seu. A tençaõ do Badur mandar estes thesouros, & a molher foi, naõ lhe sair de todo o medo, & a desconfiança de poder tornar a cobrar seu estado: porque quãdo de todo em todo a fortuna nisso o quisesse perseguir, a ylhe ficaua entaõ lugar pera fazer a jornada que pretendia, & passarse a Meca ainda que fosse em trajos mudados, pera o que queria la ter todas aquellas cousas. Despachadas estas naos, despedio logo por Embaixador Xacoes, que era ja conhecido do Gouernador com cartas pera elle, & procuraçoẽs bastantes, pera lhe poder offerecer hũa fortaleza na ilha de Dyo, pedindolhe que logo se fosse pera elle, com todo o poder que tiuesse junto. Dandolhe por regimento, que passasse por Chaul, onde estaua Martim Afonso de Sousa, capitaõ mor do mar da India inuernando, & lhe desse cartas que lhe escreueo, em que lhe dizia, que logo sem fazer dilaçaõ se fosse pera Dyo, porque importaua assi ao seruiço d'elRey de Portugal. Xacoes partio logo em hum nauio muito ligeiro, & em tres dias chegou a Chaul, & se vio com Martim Afonso de Sousa, & lhe deu as cartas de Soltaõ Badur, & seu recado, com que se aluoroçou muito: & porque tinha toda a armada varada por ser ainda entrada de Setembro, embarcousse logo em quatro nauios ligeiros, cõ muitos fidalgos & caualeiros, & deu a vela pera Dyo: escreuẽdo ao Gouernador,

pello

pello meſmo Embaixador a jorna da que fazia,deixando em Chaul ordẽ,pera logo ir apos elle toda a armada, que o capitaõ de Chaul com muita preſſa fez lançar ao mar, & embarcandoſe ſeus capitaẽs o foraõ ſeguindo. Martim Afonſo de Souſa atraueſſou o golfo, & foi ferrar a outra coſta, & demãdou a barra de Dyo, & entrou por ella muito embandeirado ſalũdo a cidade,& foi ſorgir defrõte dos paços d'elRey, que eſtauaõ hũ pouco açima, donde oje eſta a Alfandega: & logo deſembarcou acompanhado de todos os que com elle foraõ, & entrou na caſa d'el Rey,que o mandou receber pellos ſeus grandes, & chegando a elle ſe lhe humilhou,mandandolhe dizer que era ali vindo pera o ſeruir: & que por acodir a ſeu chamado deixara toda a ſua armada, que logo chegaria,cõ que elle eſtaua muito preſtes pera o ſeruir em tudo o que lhe mandaſſe: que quanto aos Magores,que bẽ ſe podia ſegurar,porque em quanto ali eſtiueſſem os Portugueſes,elles naõ chegariaõ a viſta d'aquella ilha,& que o Gouernador naõ tardaria muito, & que então ſe faria tudo o que elle mandaſſe.Soltaõ Badur o recebeo honradamente, & lhe agardeceo ſeus offerecimentos, & lhe diſſe que elle eſtaua preſtes pera dar ao Gouernador o lugar que quiſeſſe na ilha,& que pera iſſo o mãdara chamar, que entre tanto viſſe elle onde ſe queria agaſalhar que o fizeſſe,& que ſe lhe daria tudo o neceſſario. Martim Afonſo eſcolheo apõta de ſobre a barra onde eſtaua hũ baluarte, & ali eſteue a te chegar a ſua armada que era de quarẽta nauios.E deſembarcãdo toda a gente pos eſtancias em terra, & aruorou ſuas bandeiras, & cõmeçou a correr com o ſeruiço de Soltaõ Badur, mandando rodear a ilha pellos catures, pera defenderẽ os paſſos,ſe os Magores os vieſſem cometer, do q̃ elles naõ tratauaõ, porque andauão eſpalhados pello reino a roubar;& algũs regulos reſbutos,por remirẽ ſuas vidas & eſtados ſe foraõ pera o Mãgor, & ſe fizeraõ ſeus vaſſallos,mas outros q̃ viuiaõ em ſerras, & paſſos eſtreitos,fortificaraõſe nellas, & ſe defenderaõ, & todos os mais foraõ deſtruidos dos Magores,& os q̃ podiaõ eſcapar de ſuas maõs, vinhaõ fogindo pera Dyo, aonde eſtaua Soltão Badur,cuidãdo q̃ ſe ſegurauaõ: porq̃ na verdade,naõ ha couſa q̃ mais anime os vaſſallos, que a preſença do ſeu Rey, quãdo elle não he taõ fraco & acouardado, como eſte barbaro: q̃ niſto paſſou tanto os limites da natureza, que nẽ cõ quantas ſeguráças o capitaõ mor lhe daua,& por muito que trabalhaua pello animar,nada baſtaua: porque como cada dia vinhaõ os pobres & miſeraueis fogindo de todas as partes pera aquella ilha, atroando o mũdo com as cruezas

dos Magores, aſsi ſe lhe reſfriaua o ſangue, & lhe corria pellas veas hũ humor frio & malenconico, que quaſi perdia o ſentimento: & naõ auia momento que não tiueſſe ſo breſaltos, & que lhe naõ pareceſſe que os Magores eraõ cõ elle.) Quã to pode hũ animo fraco de hũ capitaõ, que elle ſõ he baſtante pera fazer perder tamanhos exercitos como eſtes que o Badur tinha: que ſempre foraõ vencedores, & nũca vencidos. Aqui ſe comprio bem aquelle dito antigo. Que antes tomariaõ hum exercito de ouelhas com hum liaõ por Gouernador, que naõ hum de lioẽs com hũa ouelha por capitaõ.

CAPITVLO VIII.

Da armada que eſte anno de trinta & cinco partio do reino, & de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, & o Gouernador Nuno da Cunha mandou com elle Simaõ Ferreira, pera aſſentar com o Badur o contrato das pazes, & dos capitulos com que ſe concluiraõ.

PARTIDO o Embaixador de Cãbaya de Chaul, deoſe tanta preſſa que chegou a Goa em tres dias, & ſendo o Gouernador auiſado de ſua vinda, o mãdou receber mũy honradamẽte por algũas Galés, & ſendo trazido diante d'elle o recebeo mũy bem, & vio as cartas d'elRey & do capitão mor, de que ſoube tudo o que era paſſado. O Embaixador lhe diſſe de palaura que elRey ſeu ſenhor ficaua em Dyo, muito aluoroçado eſperãdo por elle, porque deſejaua muito ſua amizade, & de lhe dar fortaleza naquella ilha, pera mor liança della: que lhe rogaua & pedia, que ſem fazer detença algũa foſſe ter com elle, por que compria aſsi a ſeruiço d'elRey de Portugal. O Gouernador lhe agardeceo aquella vontade que elRey tinha, & fez ao Embaixador muitos comprimẽtos, mãdandoo agaſalhar mũy bem. E vendo que aquillo naõ era negocio pera ſe diſsimular, deſpedio logo o Embaixador, & com elle Simão Ferreira com poderes baſtantes pera o capitaõ mor Martim Afonſo de Souſa, com elle, aſſentarẽ & confirmarẽ de nouo pazes, dãdolhe algũas inſtrucçoẽs & apontamẽtos, dizendolhe que em Baçaim eſperaua por reſpoſta ſua: porque logo partia apos elles. Eſcreuendo a Soltaõ Badur grandes agardecimentos d'aquella merce, & que ſe ficaua embarcando com muita preſſa pera o ir ſeruir; & que entre tanto lhe mandaua o Secretario, pera com o capitaõ mor aſſentarem com elle as couſas que cõpriaõ a ſegurança da paz & amizade, que ja em ſeu animo ficaua firme & ſegura. E ao Embaixador

fez

fez o Gouernador muitas merces, & deu muitas peças, & de ſua jornada a diante daremos rezão. O Gouernador mandou logo com muita preſſa negocear Galeoẽs, & Gales, Tauris, & Cotias, pera leuarem pedreiros, cauouqueiros, ſeruidores, ferramẽta, & mais petrechos neceſſarios pera a obra da fortaleza, de que mandou ajuntar grande copia pellas tanadarias de Goa. Poucos dias depois do Embaixador partido, chegaraõ a barra de Goa as naos que eſte Março paſſado de trinta & çinco tinhaõ partido do reino, q̃ eraõ ſete, de que era capitão mor Fernaõ Perez D'andrade, & os outros Martim de Freitas, Thome de Souſa, Iorge Maſcarenhas, Luis Aluarez, Fernaõ Camelo, & Fernaõ de Moraes. Eſtas naos mandou elRey cheas de muita & boa gente, & com muito dinheiro & cabedal: ſem embargo de outra muito grãde que em Portugal ordenaua, pera mãdar de ſoccorro ao Emperador ſeu cunhado, q̃ ſe fazia preſtes pera ir reſtituir a ſeu reino elRey Muça Azei, Tunes, por lho ter tomado Barbaroxa. E o Iffante dõ Luis deſejoſo de o acõpanhar neſta jornada partio fugido, & afforrado pella poſta. ElRey ſeu irmaõ depois q̃ o ſoube, mãdoulhe hũa grãde armada, de q̃ foi por capitaõ mor Antonio de Saldanha: & daua Deos naquel tẽpo dinheiro pera todas eſtas deſpezas, não rendendo a India a metade do q̃ depois veio a rẽder: & chegou o reino có iſto a eſtado, que eſcaſſamente podia armar quatro naos, pera eſta carreira. Cõ a chegada d'eſta armada, ſe embarcou o Gouernador deixando encarregadas as couſas ao capitaõ da cidade dom Ioaõ Pereira, com ordem pera deſpedir as naos, pera irem tomar a carga a Cochim, por que elle auia de deſpedir de Dyo as vias. Leuou o Gouernador cem nauios groſſos & meudos, em que ya embarcada muita & mũy luſtroſa gente, & todas as couſas que lhe pareceraõ neceſſarias pera a fabrica da fortaleza: deixando ordem pera ſe lhe mandar ainda mais, que ſe ficauão fazendo & negociando. Dada a vela com eſta frota, foi ſeguindo ſua jornada, em que o deixaremos, porq̃ he neceſſario continuar com Simaõ Ferreira. Que tanto que partio de Goa, em companhia do Embaixador do Soltaõ Badur tanta preſſa ſe deu, que antes de quinze de Setembro chegou a Dyo Simão Ferreira ſe deſembarcou na eſtancia do capitaõ mor, & lhe deu as cartas do Gouernador, inſtrucçoẽs & procuraçoẽs que leuaua. O Embaixador foi dar cõta a el Rey da jornada, & da vinda de Simaõ Ferreira, a que elle logo mandou buſcar pello meſmo Embaixador, & por todos os grandes de ſua caſa q̃ o leuaraõ, indo elle acõpanhado de muitos Portugueſes.

O Badur o recebeo cõm muita hõra, & elle lhe deu a carta de crença do Gouernador, alem doutra que lhe eſcreueo de comprimentos. El Rey moſtrou folgar com aquella preſſa, & remeteo todos os negocios a Xacoes, & a Medinarraõ capitaõ da cidade, & a outros officiaes de ſua caſa; porque todos cõ o capitaõ mor capitulaſſem as pazes: o que logo ſe fez ajuntandoſe na eſtancia do capitaõ mor, a onde ſe apreſentaraõ os apontamentos de parte a parte, que viſtos & praticados ſe vieraõ a concluir na forma ſeguinte.

Que, elRey Soltaõ Badur, ſe obrigaua a dar logo hum lugar naquella ilha na ponta de ſobre a barra pera ſe nelle fazer hũa fortaleza, da grandura, & tamanho que o Gouernador quizeſſe.

Que, lhe concedia & daua o Baluarte do mar, ſem a ſua artelharia.

Que, de nouo lhe daua, & confirmaua a cidade de Baçaim com ſuas terras & jurdiçaõ, aſsi & da maneira que ja pello outro contrato lhe tinha dadas. Eſtes ſaõ os capitulos que o Badur concedeo. Os ſeus que lhe concederaõ ſaõ os ſeguintes.

Que, todas as naos de Meca, q̃ pello primeiro contrato eraõ obrigadas irem a Baçaim, dali por diãte iriaõ a ilha de Dyo aſsi como dantes coſtumauão, as quaes ſe lhe não faria força algũa, & que querendo qualquer dellas por ſua võtade ir a Baçaim, o poderia fazer: & aſsi o fariaõ todas as naos de todas as mais partes, que nauegariaõ aſsi a ida, como a vinda, pera onde quiſeſſem liuremente, mas que todos ſerião obrigadas a tomar ſaluo conduto dos capitaẽs d'elRey de Portugal.

Que, naquella ilha de Dyo, não teria elRey de Portugal, nenhũas rendas, direitos, nem entradas, nem jurdiçaõ algũa ſobre ſeus naturaes: & q̃ ſomente poſſuiria a fortaleza das portas a d'entro.

Que, os caualos da Perſia & Arabia, que pellos contratos paſſados eraõ obrigados a ir a Baçaim, dali por diante yrião a Dyo: a onde pagariaõ direitos a elRey de Portugal ſegundo o coſtume de Goa. E que os caualos que ſe ali naõ compraſſem, poderião ſeus donos tornar a leuar liuremente pera onde quiſeſſem. E que iſſo meſmo, todos os caualos que vieſſem dos portos de Meca ſerião liures, & naõ pagarião direitos algũs.

Que, elRey de Portugal, & ſeus Gouernadores, naõ mandariaõ fazer guerra ao eſtreito do mar roxo, nem nos lugares da coſta de Arabia: & que todas as naos daquellas partes, nauegariaõ liuremente ſem as noſſas armadas entenderem com ellas. Mas que auendo armada de Rumes & Turcos, então os poderião ir buſcar, & fazerlhes guerra.

Que

Que, os Reys de Portugal, & os de Guzarate, ſeriaõ amigos de amigos, & imigos de imigos. E que o Gouernador Nuno da Cunha ſeria obrigado a ajudar a elle Soltaõ Badur com todo o ſeu poder por mar & por terra contra ſeus imigos.

Eſtes contratos aſsinou Soltão Badur, & jurou de guardar & cõprir, perante o capitaõ mor, Simão Ferreira, & capitaẽs da armada, de que ſe paſſaraõ dous inſtromentos, hum pera ficar em poder dos officiaes do Soltão Badur, & outro pera ſe leuar ao Gouernador a Baçaim, a onde auia de eſperar por recado. Soltaõ Badur deſpedio logo o Embaixador Xacoes com o treſlado dos capitulos, & lhe eſcreueo elle, & o capitão mor, pedindolhe que logo ſe foſſe pera Dyo. Chegado Xacoes a Baçaim, ja achou o Gouernador: & dandolhe as cartas & capitulos os feſtejou muito. E porque a carta do Badur he ſuſtancial, nos pareceo bem ir aqui junta, que continha o ſeguinte.

Nomeado do grande Rey, leaõ do mar, das agoas Azuis, Nuno da Cunha, por merce d'elRey, ſeu capitão mor. Sabereis que o Secretario Simão Ferreira fiel priuado em ambas as partes, & Xacoes filho dourado, vieraõ a mim, & me deraõ a carta que me enuiaſtes, onde vi, & entendi mũy bem voſſa vontade & deſejo, o que antes diſſo Xacoes me tinha declarado: mas agora por boca de Simão Ferreira me acabei de certeficar da noſſa amizade. Pello que o que tãtos annos ha que ſe não pode comprir, nem vos ouuera de vir as maõs taõ cedo (que he lugar pera eſtarem os Portugueſes em Dyo) eu vos faço merce d'elle da banda que quiſerdes, aſsi como me mandais pedir com todas as condiçoẽs que Simaõ Ferreira por virtude da voſſa procuraçaõ outorgou, como ſabereis por ſua carta & por palaura de Xacoes que la vai. Agora he neceſſario, que tanto que eſta vos for dada, ſem dilaçaõ algũa vos venhaes com Xacoes. Eu tinha eſcrito ao capitaõ mor que ſe vieſſe pera mim, & tanto que vio meu mandado, logo ſe veyo a minha caſa, cõ o q̃ eu folguei muito & o detiue pera me ſeruir. Feita em Dyo a vinte & oito de Setembro. O Gouernador tanto que vio os capitulos & contratos, largãdo tudo embarcouſe com muita preſſa, & atraueſſando aquelle golfo, foi ſurgir aos dez dias de Outubro na barra de Dyo, a onde logo foi viſitado da parte do Soltão Badur, pedindolhe que deſembarcaſſe em terra, que lhe darião lugar pera ſe apoſentar com toda ſua gente. O Gouernador lhe reſpondeo, que logo lhe iria bejar as maõs, & ſeruilo em tudo, porque pera iſſo era ali vindo. Martim Afonſo de Souſa logo ſe vio com o Gouernador,

& lhe

& lhe deu conta do eſtado em que as couſas eſtauão, & chamando todos capitaẽs & fidalgos velhos a conſelho tratou com elles ſobre o modo que teria nas viſtas com Soltaõ Badur. E por todos foi aſſentado, que agora que elle eſtaua quebrado, & em eſtado que ſe valia d'elle que o foſſe viſitar a ſua caſa, ſem outros pontos nem cerimonias, porque taõbem elle eſtaua em cama mal deſpoſto, & que agora ja ſe viaõ como amigos. Cõcluido iſto mãdou o Gouernador recado por toda a armada, pera que todos ſe preparaſſem o mais cuſtoſamente que podeſſem pera o dia da deſembarcaçaõ.

CAPITVLO IX.

De como o Gouernador Nuno da Cunha ſe vio com Soltaõ Badur, & de nouo confirmaraõ as pazes, & ſe começou a fortaleza, & de algũs ſoccorros que o Gouernador deu ao Soltaõ Badur contra os Magores.

AO terceiro dia da chegada do Gouernador, em que tinha ordenado verſe com elRey, paſſando toda a gente aos nauios de remo com a enchente da marè foi entrando pera dentro, porque a te entaõ eſteue de fora do baluarte no pouſo das naos. Yaõ os nauios fermoſamente toldados, & embandeirados de ſedas de cores, tangendo muitos inſtromentos, a te defronte das caſas d'elRey onde ſorgio, & ſaluou com toda a artelharia, & o meſmo fizeraõ os Galeoẽs de fora, dàndo hũa mũy ſoberba & fermoſa moſtra. O Gouernador mudouſe da Galè em que ya, a hum Bargantim toldado de borcado, & fermoſamente embandeirado, & foiſe entretendo a te todos os nauios porem os proizes em terra, de longo da praya, de fronte dos paços d'elRey: tendo o Gouernador dado ordem a todos, pera que eſtiueſſem preſtes & armados, pera tudo o que ſocedeſſe. Depois de todos os nauios terem chegado a terra, foi o Gouernador paſſando por entre elles, que o foraõ ſaluando por ordem, & pondo a proa defronte dos paços, deſembarcou, acompanhado do capitaõ mor. de Garcia de Sa, Pero de Faria, Fernão Rodriguez de Caſtel branco Ouuidor geral, & de Ioaõ da Coſta Trauaços, que aquelle anno chegara de Portugal prouido do cargo de Secretario. A borda da agoa achou o Gouernador a Xacoes, & a Medinarraõ capitaõ da cidade, & com elles Alucan, Cogeçofar, Zengircan, & outros capitaẽs que o eſperauão por ordem d'elRey, a quem o Gouernador fez muitos gaſalhados, porque lhos deu Xacoes a conhecer: & aſsi acompanhado

nhado de hum grande tropel entrou em casa d'elRey. Ya o Gouernador vestido a Espanhola. Calsas inteiras ricas, çapatos de veludo, sayo preto a te os giolhos aberto, com mangas cortadas, tomados os golpes com pontas & botoẽs de pedraria, & os braços tirados pellos golpes do sayo, & por détro hũa coura de seda rica guarnecida douro, aos hombros hum rico cellar esmaltado, na cabeça gorra com plumas, & medalha, espada adaga, & talabartes douro, & na mão hum bastão, assi & da propria maneira que oje está retratado na casa dos Gouernadores. E como era hum dos grandes & fermosos homẽs de Portugal, em pondo os olhos n'elle, quem o naõ conhecera, logo o julgara por quem era & certo que em tudo parecia dino do cargo que representaua. Ao entrar da camara em que elRey estaua, o naõ fez cõ elle mais que Xacoes, & os lingoas, Marcos Fernandez, & Cojepercoli, & fidalgos Martim Afonso de Sousa, Garcia de Sa, Pero de Faria, Ouuidor geral, & Secretario. A casa em que elRey estaua, era cuberta de alcatifas ricas por baixo, & as paredes de panos douro & seda. Iazia elRey em hũa camilha muito rica, vestido em hũa cabaya muito fina, & com hũa touca branca na cabeça, & nos dedos aneis muito ricos. O Gouernador foi entrando pella casa com grande continencia, repouso, & grauidade, & antes de chegar hũ pouco a cama d'elRey, tirou a gorra, & lhe fez mesura, ao modo Portugues, elRey se sospendeo todo da cama, & o agasalhou com hum repouso alegre & gracioso. Algũas pessoas dizem, que o mandou assentar: outros nos affirmaraõ que lhe falara de pe, & que logo o despedira: mas as palauras pontuaes que lhe elRey disse foraõ estas. Venhaes embora liaõ do mar, folgo de vos ver, cousa que muito desejaua. Como vindes do caminho? O Gouernador fazendo lhe sua cortezia, lhe mandou respõder pella lingoa, que vinha mũy bem pera seruir a sua Alteza como amigo que era d'elRey de Portugal seu senhor; pera o que estaua prestes com todo o poder que na India tinha. ElRey mostrou folgar muito com aquelles comprimentos, & lhe disse: que fosse repousar, que Xacoes, & Medinarraõ correriaõ com elle em todas as cousas que fossem necessarias, por que pera tudo lhes tinha dado seus poderes. O Gouernador se despedio d'elle, & se tornou a embarcar, acompanhandoo a te a praya todos os da casa d'elRey, & leuando ancora foi sorgir com toda a arma da defronte da ponta onde estaua o capitaõ mor. Ao dia seguinte desembarcou & mandou armar suas tendas, & logo foraõ a elle Xacoes & Medinarraõ, & começaraõ a tratar os negocios, & de nouo

uo tornaraõ a renouar as capitulaçoẽs,&ſe juraraõ as pazes aosvinte & cinco dias do mes de Outubro,aſsi por elRey a ſeu modo, como pello Gouernador: o qne ſe fez com a mor ſolẽnidade, pompa,& maieſtade que podia ſer, cõm muito goſto (ſegundo entaõ parecia) d'elRey,que na verdade o naõ tinha,como depois moſtrou E logo o Gouernador correo com Medinarraõ, Xacoẽs, & mais officiaes d'elRey, que foraõ ver & marcar o lugar pera a fortaleza, que o Gouernador eſcolheo a ſua vontade, & lhe pos ſeus marcos & baliſas,de que foi logo metido de poſſe pellos officiaes d'elRey,& aſsi do baluarte do mar tirandolhe primeiro a artelharia que dentro tinha conforme ao contrato. Eſta poſſe ſe celebrou com grande aparato, & inſtrumentos de alegria: & de tudo ſe fizeraõ autos & papeis, aſsinados por elRey & por ſeus officiaes, que deuem deſtar na torre do tombo do reino, porque na India naõ ha mais que algũas lembranças em algũs liuros velhos,de regimentos d'aquella fortaleza,dõde nos tiramos a ſubſtancia. Feito iſto mãdou o Gouernador deſembarcar as couſas neceſſarias pera a fortaleza,& toda a gente Canarim que de Goa trouxe, aſsi de armas, como de officiaes,que ſe apoſentaraõ em hũa parte da ilha ſeparada,que deſeu nome ſe ficou chamando Canarim Vara,que em ſua lingoa quer dizer, pouoaçaõ dos Canarins. E os officiaes d'elRey mandaraõ trazer das aldeas vizinhas hũa grande copia de cauouqueiros & pedreiros, com que logo mandou o Gouernador por maõs a obra dos aliceſſes, dando elle as primeiras enxadadas ao ſom de muitos iſtrumentos,feſtas, & alegrias. Foraõſe abrindo os aliceſſes de mar a mar cõ tanta preſſa,que quando foi aos vinte & hũ do mes de Dezembro(dia do bem auenturado Apoſtolo ſaõ Thome, padroeiro da India) lançou o Gouernador com ſua maõ a primeira pedra do baluarte, aque ſe deuo nome do ſanto, o que ſe fez com grande ſolennidade de preladosreueſtidos, que como he coſtume a benzeraõ. Começouſe com muita preſſa a por as maõs a obra, ſendo os primeiros que apegauão das padiolas,& dos ceſtos de cal os fidalgos & capitaẽs, achandoſe ſempre o Gouernrdor preſente a tudo, & feſtejandoſe tanto a obra da parte dos naturaes como da noſſa, andãdo ſempre o Gouernador cõm a maõ na bolſa, dando aos pobres & miſeraueis que trabalhauaõ, & fazendo merces a muitos outros, com o que acodiaõ tantos que ſobejauõ. A hum fidalgo honrado d'aquelle tempo ouuimos dizer, que vendo Nuno da Cunha o ſitio da fortaleza, & a preſſa cõ que ſe fazia,olhando pera certos fidalgos que eſtauaõ junto d'elle, lhes diſſera.

dissera. Vedes vos senhores esta fortaleza, que com tanto aluoroço se faz, sabei que ainda ade ser sepultura de muitos Portugueses. & praza a Deos que se tenha comprido esta profecia nos que morreraõ naquelles dous espatosos cercos que adiante tratamos na quinta & sexta decada. Indo a obra crecendo, naõ deixauão de acodir a Dyo os rebates dos Magores, que ainda andauaõ pellas terras do reino de Cambaya a sua võtade, & naquelles dias chegou hũ Catur de Baroché com cartas d'aquelle capitaõ, em que pedia a elRey o soccorresse, porque tinha por nouas que os Magores determinauaõ de ir cometer aquella cidade, pera o que elle se quis valer do Gouernador, & lhe mandou pedir algum capitaõ com soldados pera se irem meter nella, & fauorecerem os seus, porque com verem Portugueses, se animariaõ todos a se defenderem O Gouernador encomendou aquelle negocio a Manoel de Macedo, aquem deu dous nauios com setenta Portugueses: mandando Soltaõ Badur em sua companhia hum capitaõ seu com quinhentos homẽs em outros nauios. E fazendose a vela chegaraõ a Baroche, & Manoel de Macedo se foi meter na cidade, & com o capitaõ d'ella andou vendo os muros & baluartes, prouendoos de gente & capitaõs, & renouãdo algũas partes rotas & danificadas: deixandose elle ficar de fora com os seus soldados pera acodir onde fosse necessario, animando, & esforçando os naturaes pellos ver acouardados & atemorizados, das cousas que cada dia ouuião dos Magores. Hamau Paxa, que andaua ja senhor de todo o Imperio Guzarate, estaua na cidade de Amadaba, & dali despedio seu irmão Ascan Mirza, com dez mil caualos pera ir dar na cidade de Berodora & Baroche que eraõ grandes & ricas. Este pello caminho foi destruindo todas as villas & lugares, a te chegar a cidade de Berodora, que era riquissima, em que se fazem as mais finas roupas de cores, & capas pera as colchas, de todo o Guzarate. Esta cidade tanto que teue nouas de sua vinda, se lhe despejou por ser toda de Gentios mecanicos: & entrandoa os Magores sem resistencia a saquearaõ & roubaraõ, destruindo & assolando seus edeficios que eraõ muitos, mũy grandes, & sumptuosos. Depois de fartos de roubos & cruezas, foraõ caminhando pera Baroche, leuando diante de si muita gente que lhe ya fugindo, que deu nouas em Baroche, como os Magores vinhaõ apos elles. Isto meteo tamanho medo nos naturaes, que sem esperarem ver o rosto aos imigos, largando tudo começaraõ a fogir, & a desemparar a cidade, que era cercada a roda de muros & baluartes, & por nenhum caso os Magores os podiaõ entrar, se

ouuesse

ouueſſe qualquer defenſaõ. Manoel de Macedo vendo aquelle medo & deſatino, tanto nos grandes como nos pequenos, acodio com muita preſſa a os deter, esforçandoos & animandoos, & perſuadindoos a lhe ajudarem a defender ſua cidade, que elle cõ os Portugueſes que tinha a defenderiaõ a te morrerem todos: & que era pouquidade & couardia de animo fogirem ſem verem de que: que eſperaſſem os imigos, & que quando viſſem que elle os naõ rebatia & afaſtaua, dos muros daquella cidade, que entaõ fizeſſem de ſi o que lhes milhor vieſſe: dandolhes muitas rezoẽs pera naõ auerẽ de recear os Magores, & que de hum dia pera o outro terião muitos ſoccorros do Gouernador. Mas como o medo tinha ja entrado em ſeus coraçoẽs, nenhũa destas couſas os quierou, antes deſordenadamente ſe foraõ da cidade largandoa, & deixandoa deſerta, aſsi os moradores, como o capitaõ & gente que elRey mandou em ſua companhia. Vendo Manoel de Macedo aquelle deſatino, deixouſe ficar na cidade a te apareceremos imigos. E naõ ſendo poſsiuel defendela, por ter mais de hũa legoa em roda, tambem ſe embarcou em ſeus nauios, & ſe fez a vela pera Dyo & deu conta ao Gouernador de tudo o que paſſou, & elle lhe teue muito a bem o que fez.

CAPITVLO X.

De como Haman Paxa Rey dos Magores ſe recolheo pera ſeus reinos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes, & de como Soltaõ Badur o foi ſeguindo, indo em ſua companhia Martim Afonſo de Souſa, & do que lhe na jornada aconteceo.

VA o Gouernador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tãta preſſa, que aos noue dias de Feuereiro, dia de ſanta Apolonia eſtaua ja toda em roda na altura do andar das ameas, & ao meſmo tempo ſe acabou a caua: porq̃ pella multitudaõ dos trabalhadores ſe repartiraõ os baluartes de feiçaõ, q̃ quãdo ſe acabou hũ, acabaraõ todos. Soltaõ Badur trazia grandes eſpias ſobre os imigos, & cada dia era auiſado do que faziaõ, & perto dos quinze dias de Feuereiro, teue rebate que os Magores ſe recolhiaõ pera ſuas terras mũy apreſſados, por lhe virem nouas que os Patanes vinhaõ ſobre ellas. Com eſtas nouas reſolegou o Badur, & começou a fazer preparamentos, & ajuntar a gente decaualo, que eſtaua recolhida pellas aldeas

aldeas da outra banda, pera ir apos os imigos, mandando diãte algũs capitaẽs, pera que fossem ajuntando toda a gente que podessem, como fizeraõ. Elle se pos em campo com dez mil de cauallo, que eraõ os ordinarios, & que o seguiaõ sempre: & mandou pedir ao Gouernador que lhe desse Martim Afonso de Sousa com mil Portugueses, pera o acompanhar n'esta jornada. O Gouernador vendo que pello contrato das pazes estaua obrigado a lhe dar todo o fauor & ajuda que lhe pedisse, & por outra parte entendendo, que se lhe concedesse o que pedia, punha toda aquella gente, a muito grãde risco & perigo: por que naõ sabia se aquella retirada dos Magores seria inuençaõ & ardil de guerra, pera ver se podia auer as maõs o Badur: porque sendo assi, & voltando os imigos, estaua muito certa sua perdiçaõ, por sua grande couardia, & que os Portugueses auiaõ de ficar todos na cilada, porque não auião de fogir. E praticãdo todas estas cousas em conselho com os capitaẽs & fidalgos velhos, lhes pedio seu parecer. Mas primeiro que falassem, como Martim Afonso precedia a todos por capitão mor do mar, leuantouse em pe, disse, que elle estaua prestes pera n'aquelle negocio arriscar a vida, honra, & liberdade: porque menos era perder tudo isto, que hũa tamanha occasiaõ de mostrar a lealdade, & valor Portugues, & ganhar n'aquella jornada hũa tamanha honra, & que quanto mayor fosse o perigo, tanto mayor era o desejo que tinha de se ver n'elle. Quanto mais que nada se arriscaua, em seguir homens que ja por si yão desbaratados & desmandados, acodindo a suas terras: que lhe fizesse merce concederlhe aquella jornada, porque negandolha, mayor risco corria a fama do nome Portugues que sua vida, & mais estando taõ obrigado pello contrato das pazes que tinha juradas, de lhe dar todo fauor & ajuda necessaria, pera tornar a cobrar seus reinos, & que por cima de tudo, só pella confiança que aquelle Rey atribulado tinha nos Portugueses, se lhe auia de conceder o q̃ pedia. O Gouernador lhe louuou aquelle zelo & vontade, com que se offerecia pera aquella jornada, assi por seruiço do seu Rey, como por honra de sua naçaõ, & assi lha concedeo, assinandolhe quinhentos homẽs, o que lhe elle teue em merce. E logo lhe acodiraõ a se lhe offereceré os milhores & mais lustrosos de toda a armada. Soltaõ Badur estimou muito aquelle soccorro, por que lhe foi Martim Afonso dar mostra com a sua gente, que foi hũa cousa fermosissima de ver: & mandou dar caualos a todas as pessoas q̃ os quiseraõ, & todas as mais cousas necessarias.

ElRey páſſouſe logo á outra banda, & começou a marchar, leuando ſempre apar de ſi Martim Afonſo com todos os Portugueſes, que tomou pera goarda de ſua peſſoa. Os fidalgos & peſſoas principaes que foraõ n'eſta jornada, erão Manoel de Souſa primo com irmão de Martim Afonſo de Souſa, Fernaõ de Souſa de Tauora, Franciſciſco de Sá dos ocolos, dom Diogo d'Almeida Freire, Martim Correa da Sylua, Manoel de Souſa de Sepulueda, Antonio Moniz Barreto, & hũ foão Freire que era prouido da capitania de Cananor, & outros. ElRey foi caminhando apreſſadamente, & antes de chegar a cidade de Amadaba, teue rebate q̃ os imigos tornauaõ a voltar, & apos o recado começou a vir o tropel das gẽtes das aldeas q̃ vinhão fugindo. Soltaõ Badur ficou tão ſobreſaltado, q̃ perdido o animo pergũtou a Martim Afonſo de Souſa q̃ faria, (que como eſtaua fora do medo q̃ elle tinha, & naturalmẽte era reſoluto, & de grãde conſelho) diſſe, que ſe recolheſſe a hũ monte grãde que eſtaua no cabo do cãpo em que elles eſtauão (pera onde vio recolher toda aquella gẽte que vinha fogindo, que eſtaua todo cuberto della) & que ali no cume delle poſeſſe as inſignias reaes, porque vendoas os imigos, & cuidando que toda aquella gente era de guerra, eſtaua certo naõ o ouſarẽ a cometer. E poſto que o quiſeſſem fazer, o monte era grãde, & accommodado pera ſe defenderẽ nelle, & que ſe ſeguraſſe, porque elle & todos os Portugueſes o defenderiaõ ao mundo todo, & que primeiro auião de morrer diante d'elle, por defenſaõ de ſua peſſoa, que ſeus propriosnaturaes. O Badur pareceolhe bẽ aquelle conſelho, quietandoſe cõ ver o animo & ſeguran ça de Martim Afonſo de Souſa, & foiſe recolhẽdo pera o monte ſempre no meyo dos noſſos, & ainda naõ era bem em çima, quando arrebẽtou pello cãpo Aſcari Mirza irmaõ do Rey dos Magores, cõ oito mil de caualo eſcolhidos, que ſe vinha recolhendo de Baroche, por elRey ſeu irmaõ lhe ter mandado recado que ſe recolheſſe, & ficaſſe com aquella gente na ſua retagoarda, como o ya fazendo. E eſtando na cidade de Amadaba teue auiſo de como Soltão Badur ya apos elle com pouco poder: pello que tornou a voltar, por ver ſe o podia colher. E tanto que chegou aquelle campo, que vio a multidaõ de gẽte ſobre o monte, conhecendo as inſignias reaes, cuidando (como Martim Afonſo de Souſa diſſe) que toda era de guerra, foi dando viſta pello pé do monte, & cingindo o cãpo deſapareceo delle. Martim Afõſo de Souſa cõtra võta de d'elRey, cõ eſſes poucos de caualo de ſua cõpanhia deceo abaixo pera tomar viſta dos imigos, & os vio entrar por algũas aldeas

aque

aque derão fogo: & vendo que naõ podia remediar aquelles danos por naõ ter gẽte, tornouse a recolher muito pezaroso de lhe naõ poder dar hum toque. O Badur ficou ali toda aquella noite, cõ grandes vigias, deitando espias a pos os Magores, & ao outro dia soubese ré recolhidos. E receandose de outras cilladas tratou de se recolher a Dyo, mandando algũs capitaẽs cõ caualos ligeiros pera seguirẽ os inigos a te de todo os lançarẽ fora do reino. ElRey chegou a Dyo muito contente dos nossos, & fez a todos muitas merces; & entre tãtos males hũ so bem tinha, que era ser muito liberal, & grandioso: & tanto, que se affirma, que visitãdoo Martim Afonso de Sousa dia de Reys, lhe dera elle peças d'ouro & pedraria, que valiaõ vinte mil cruzados, porque lhe disse Ioão de Santiago, que naquelle dia se costumauão a dar Reys. Assi deixaremos agora estas cousas, por darmos a conhecer os Magores, em que a te gora falamos, porq̃ he assi necessario pera a historia.

LIVRO X. DA QVARTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I

Da origem & principio dos Magores & Tartaros, & prouincias que possuiraõ, & do tempo em que receberaõ a ley de Christo, & de como entre elles se constituyo a dinidade do Preste Ioaõ, que chamaõ das Indias. E de como se trespassou no Emperador da Ethyopia.

IA que a te gora tratamos dos Magores, (de que muitas vezes auemos de falar) rezaõ sera que os demos a conhecer ao mundo, & mostremos donde tiueraõ principio, & origẽ: porque nos naõ lẽbra termos visto escritura algũa, que nos desse verdadeiro conhecimento d'estes barbaros, posto que cõfusamente muitos autores escreuessem d'elles, auẽdoos por Tartaros,

o que tudo logo apõtaremos,& tra remos a verdade à luz,porque a ti ramos de ſuas proprias hiſtorias,q̃ em lingoa Perſica achamos em pò der de hũs Embaixadores dos meſ mos Magores,que a eſta cidade de Goa vieraõ. E porque auemos de tomar a couſa de lõge, & forçado nos auemos de eſtender, nos deuẽ perdoar os litores, poſto que iſto ſeruira ſó pera corioſos de antigui dades,que nos deuẽ bem de agar decer o trabalho, que niſto toma mos,por tirar a confuſaõ que a te gora ouue n'eſtas couſas.

Pello que ſe ade ſaber, que nas hiſtorias Tartaras & Perſicas,ſe a cha procederem eſtas gentes de hum dos netos de Noe, (aque el les chamaõ Noa) filho de Iaphet, chamado Turc, que na repartiçaõ do mundo dizẽ caberlhe eſta par te de Aſia. Deſte Turc naõ acha mos feito memoria em eſcritura algũa outra: porque nem na ſa grada, nem em Ioſepho de anti quitatibus, nem em Beroſo, nem em todos os mais autores que eſ creueraõ da pouoaçaõ do mundo depois do diluuio, naõ achamos nomeado a Iaphet, mais deſtes ſe te filhos, Gomer, Magog, Medir, Iauan, Tubal, Moſcho, & Tiras: que pouoaraõ toda a regiaõ que jaz do monte Amano, & Tauro a te o Tanais. D'eſtes dizem, que o ſegundo chamado Magog, & pel la ventura, que eſte ſeja o Turc, formou de ſi os Magogas aquem os Grẽgos chamaõ Scithas. Por onde pois daõ as eſcrituras Tarta ras a eſte Turc ſeu principio, & af firmão ſer filho de Iaphet, deue ſer eſte o meſmo Magog & pella ven tura que o Turc ſeja filho d'eſte, que niſſo vai pouco. Eſte Turc, entre alguns filhos que teue, o mais velho ſe chamou Acharus, que tambem teue muitos filhos, & o maior foi Huncha, d'eſtes na ceraõ outros, o primeiro foi Deba cu, eſte gerou a Cuiue, com ou tros irmãos de Cuiue naceo Alan gim, & outros filhos, porque elles não fazem mençaõ mais que dos primogenitos, q̃ ficauaõ antre elles como cabeças & juizes dos mais. Eſte Alangim teue muitos filhos, & os dous primeiros ſe chamaraõ Tartar & Mongal, eſtes ſendo ho mẽs (por auer já grande multipli caçaõ, & hum grande numero de homẽs & molheres, diuididos em tribus, gouernados & regidos pel los irmaõs mais velhos) trataraõ de ſe diuidirẽ & apartarẽ: aſsi por que a parte em q̃ viuião os naõ po dia ſuſtentar ja a todos, como por que entraua já cõ elles a cobica de reinar. E aſsi o Tartar mais velho, eſcolheo aquella parte debaixo do Norte, que jaz de ſeſenta & ſeis graos pera çima fora do Imao, a que Ptholomeo chama Scithia. E porque a te entaõ nenhũa terra d'aquellas tinha nome proprio, nem auia cidades, nem pouoaçoẽs por viuerem debaixo das Lapas,

pos o Tartar aquella parte que eſcolheo Tartaria. O ſegũdo irmaõ Mongal, foi decendo pera baixo com ſua familia, & com muitos tribus que o quiſeraõ ſeguir, & foi parar do Imao pera dentro, de ſeſenta graos pera baixo, & parecendolhe a terra bem, deixouſe ficar nella, pondo nome a toda aquella prouincia Mongalia, & por tempos todos os ſeus pouoadores d'ella ſe chamaraõ Mongales, que he o ſeu verdadeiro nome, & naõ Magores, como corruptamẽte lhe chamamos. E ſocedendolhes os filhos mais velhos no gouerno vieraõ a formar pouoaçoẽs, & diuidir toda aquella parte em prouincias, como ade Sanchion, Saccuir, Campion, Georza, Bargu, Carcorim, Tangut, & outras: que todas tomaraõ o nome de ſeus pouoadores, ficandoſe chamando Mongalia. Deſta prouincia nos deraõ conſuſamente conheciméto os padres Frei Odorico de Friuoli da ordem dos Menores, que faleceo nos annos de mil, trezentos, trinta & hũ; ſanto & fazendo milagres: & o padre Frey Anſelmo Dominico, que nos de mil, duzentos, quarenta & ſete, o Papa Innocencio quarto, mandou por Embaixadores ao graõ Caõ, ſenhor do Cathayo, q̃ era Chriſtaõ (como o refere Marco Polo Veneto no ſeu Itinerario.) que naõ fazendo differenças d'eſtas prouincias, Tartaria & Mongalia, as fazem ambas hũa, como ſe ve no primeiro capitulo do ſeu Itinerario, que d'aquella jornada fizeraõ, que anda junto ao de Marco Polo: onde dizem, acharſe nas partes do Oriente hũa prouincia chamada Mongal ou Tartaria; & que eſtaua ſituada naquella parte que o Oriente ſe ajunta com o Aquilon: & que não tinha cidades, nem villas, ainda que ſométe hũa chamada Corcorim. Abifalda Iſmael, que foi hum ſenhor da Suria grande Coſmographo (que concorreo nos annos de Mafamede, ſete centos & quinze, que ſaõ de noſſa redempçaõ, mil, trezentos & oito) na deſcripſaõ que faz da prouincia da China, diz, que da parte do Poniẽte té a India do meyo dia o mar Indico, do leuante o mar Oriental, & da Tramontana, as prouincias de Magog. Muſtero na ſua Coſmographia, diz no ſeu quinto liuro, que Mongalia & Tartaria, ſaõ hũa meſma prouincia. Marco Polo Veneto, no ſegundo liuro do ſeu Itinerario, fol. 16. falando da prouincia Tendur, diz que junto della ha duas regioẽs chamadas, Og & Magog, & os que nellas moraõ ſe chamaõ Vng & Mongal: em cada hũa d'ellas ha hũa naçaõ de gente, & que os de Vng, ſaõ Gog, & & os de Mongal, ſaõ Tartaros. Deſta confuſaõ (que auia de nacer da traduçaõ do ſeu liuro) vieraõ os noſſos modernos a fazerem os Magores & Chaquetaes (de que logo falaremos) Tartaros, ſendo bem

differentes nas prouincias, posto que todos descendão de hũs mesmos auoengos: como por exemplo vemos nos Espanhoes & Portugueses: que procedendo todos de Tubal, que pouoou as Espanhas, hũs se chamaraõ Espanhoes de Hispan, filho de Hispalis, & os outros Lusitanos de Luso, filho de Siceclio, que foi o primeiro que naquella parte reinou antes da vinda de Christo, mil, quinhentos & cinco annos, segundo Beroso. Assi todos os que ficataõ pouoando aquella parte que ja mostramos, que coube ao irmaõ Tartar, se ficou chamando Tartaria & seus naturaes Tartaros. E a que coube ao irmão Mongal, se chamou Mongalia, & todos os habitadores d'ella Mongales. Estes foraõ sempre mais famosos & poderosos que os Tartaros: & conquistaraõ mais prouincias & reinos que elles, como adiãte se verá. Esta gloria lhe tem roubado o tempo pella confusaõ que ouue em os auerem por Tartaros, todos os que ate oje escreueraõ. E deixando os descendentes do Tartar, continuaremos com os de Mongalo.

A este naceo hum filho com as maõs fechadas, & abrindolhas lhe acharaõ dentro postas de sangue: pello q̃ lhe puseraõ nome Ogus, que quer dizer abrir. Este teue seis filhos, & o mais velho se chamou Gun, que foi o primeiro que começou a gouernar antre elles cõ mais superioridade, tomando titulo de Can, aque commumente chamamos Caõ, que antre elles quer dizer senhor: ficandose chamando Gunchan. Este teue muitos filhos, & o que lhe socedeo na gouernança se chamou Hiel dux chan: que quer dizer em sua lingoa, estrilla por ser fermoso: & affirmaõ que naceo com hũa na testa. A este socedeo seu filho Mungel Chan, & a elle seu filho Tanguis Chan, & apos elle socedeo seu filho Hil Chã. No tempo deste reinaua na prouincia Tartaria hũ senhor chamado Feridum. Todos estes Magores teue este debaixo de seu domi nio, & descorrendo pera o Ponente, sogeitou toda aquella prouincia que corre dos desertos de Lop, ate o rio Iasartes, por quarenta & oito graos ate os cincoenta: onde deixou hum filho chamado Turc, que deu nome a toda aquella regiaõ de Turc, & Estan, que quer dizer, prouincia de Turc. E sogeitou tambem pera o Ponẽte Alogdiana, Bactriana, Aracosia, & outras prouincias. E porque ate então naõ auia cidades, nem pouoações por aquellas partes, por serẽ todos os seus naturaes como brutos, edeficou este barbaro de nouo algũas. Na Mongalia fez hũa fermosa cidade chamada Maoerena, de que oje naõ ha noticia: mas por conjeituras julgamos que deue de ser a de Tendul, que sempre foi cabeça & assento dos Reys que ali

reina-

reinaraõ. Outra cidade edeficou na Sogdiana, aque chamou Cormarcant que ate oje conserua seu nome. Outra fez na prouincia Bactriana, chamada Bale, aonde jaa te sidiraõ seus Reys, & oje he muy conhecida, por ser hũa das principaes cidades do Imperio Coraçone, aquem depois os Husbeques a tomaraõ, como em seu lugar diremos. Desta feita ficaraõ os Tartaros senhores de ambas as prouincias Tartaria & Mongalia, perto de duzentos annos: a te que hum senhor de Mõgalia chamado Hiel Dux, ajuntando os Magores que andauaõ derramados pellos campos, fazendose cabeça de todos elles, tornou a senhorear toda aquella prouincia, & ainda parte de Tartaria, matando aquelle Rey em hũa batalha. Tornaraõ assi os Tartaros a ficar sem cabeça, viuendo pellos campos sem ordem, cõ seus gados & familias, fazẽdose os Reys que foraõ socedendo na Mongalia muito poderosos, ate que o filho de Deos veio a terra, a remir o genero humano, & seus discipulos se espalharaõ pello mundo a pregar a lei de graça, que os Magores receberaõ logo no principio. Mas como naquelle tempo, naõ vsauão a jnuẽção de letras nem caracteres, nem tinhaõ conta de annos, nem entendiaõ as reuoluções da lũa, naõ sabẽ dizer em que tempo, nem por quem foraõ feitos Christaõs. E reuoluendo nos sobre isso muitos liuros, por sem duuida temos, que o bemauenturado Apostolo saõ Thome foi o primeiro que lhes pregou a ley Euãgelica, & q̃ deu ordem aquella Christandade, que se infere muito claro daquellas palauras de santo Isidro, no seu liuro, de Ortu, & obitu sanctorum, onde diz assi. O santo Apostolo Thome pregou o Euangelho aos Parthos, Medos, Persas, Balotrianos, & passando adiante as partes Orientaes, & a terra dos Indios, pregou ate sua morte que foi as lãçadas. E como os Tartaros & Magores mesturados, andauão conquistando aquellas prouincias, de crer he que o santo os conuerteria facilmente, porque a te entaõ viuiaõ sem ley, & adorauão o Sol, como autor de todas as cousas criadas. Sabto Antonino na primeira parte falando do Apostolo diz estas palauras: E depois disto foi o santo Apostolo a India superior, onde fez muitos milagres, & conuerteo muita gente. Donde se ve claramente que passou as partes acima da India, bem pera baixo do Norte, aque os Geographos modernos chamão India superior, ou India mayor, em differença da nossa que he a menor. E o que certifica mais esta nossa opiniaõ, foi o testemunho de hum Bispo Armenio natural de Babilonia, que na cidade de Malapior, foi perguntado por cousas do santo, em hũa inquiriçaõ que elRey dom Ioaõ mandou tirar da

vida

vida & morte, & milagres d'este ſanto, em cujo teſtemunho diz o Biſpo eſtas palauras. Que auia quinze annos que eſtaua naquella cidade de Meliapor, & que ouuira dizer a muitos Chriſtaõs & Gentios velhos de Biſnaga, & em Babilonia donde era natural, que o Apoſtolo ſaõ Thome fora enuiado por Deos noſſo ſenhor a eſtas partes da India em companhia de Iudas Thadeo, & que foraõ ter a Babilonia, & que dali ſe paſſaraõ atrauez de Baçora a hũa terra chamada Calacadaca onde ſaõ Iudas ficara, & ſaõ Thome ſe paſſara a Arabia, & fora a ilha de Sacotora, aonde fez muitos Chriſtaõs, & hũa caſa de oraçaõ, & que d'ali ſe paſſara ao reino de Narſinga, & na cidade de Meliapor fizera muitos Chriſtaõs. E depois de gaſtar ali algũs annos ſe fora pera as partes da China, & que eſtiuera em hũa cidade chamada Cambalia, a onde hum Rey reſidia, & que ali fizera grande Chriſtandade, & aleuantara templos, & que dali ſe tornara a Meliapor, a onde fora morto. De tudo iſto ſe ve bem claro, que aquella Chriſtandade que fez por aquellas partes, a que chama, pera banda da China, foraõ eſtes Tartaros & Magores: porque a cidade de Cambalia que nomea ſabidamente he a de Cambalec: ainda que comummente lhe chamaõ Cambalu, mas o ſeu proprio nome he Cambalec, a onde oje viuem os Emperadores do Cathayo que ſaõ Chriſtaõs d'eſtes que fez ſaõ Thome: o que parece que antes que ſe tornaſſe d'aquellas partes, vendo que deixaua muita Chriſtandade, ordenaria alguns Biſpos, & conſtituiria aquella dinidade (aque comummente chamamos Preſte Ioaõ.) pera que tiueſſe ſuperioridade ſobre todos no ſpiritual, & com que nomé o intitulou naõ o achamos, mas as eſcrituras Tartaras lhe chamão Hũchan, outros lhe chamaõ Iouano, dizem que de Ionas Propheta. Depois por tempos foraõ algũs Reys d'aquelles Chriſtaõs, a conquiſtar terras, & affirmaõ que hum d'elles chegou a te Suria, donde leuou cõſigo muitos d'aquelles Chriſtaõs Neſtorianos, que o inſtruiraõ a elle, & a todos, em ſeus erros. Eſte pode bem ſer que lhe deſſe aquelle nome de Iouano. Eſte Pontifice & cabeça d'eſta Chriſtandade, leuaua diante de ſi cada vez que caualgaua hũa cruz alçada, como o eſcreue Antonino Arçebiſpo de Florença, & ainda oje o vſaõ aquelles Reys Chriſtaõs, ſe naõ quanto affirmão muitos que leuaõ tres cruzes, ſſ. hũa d'ouro, outra de prata, outra de ferro, ou metal. A fama d'eſte Rey Chriſtaõ da India, & que trazia diante cruz alçada, ſe eſtendeo pella Europa, com eſte nome de Preſte Ioaõ das Indias, o que parece leuaraõ la algũs Italianos, que muito antes de nos entrarmos

trarmos na India, paſſaraõ áquellas partes. E quando elRey dom Ioaõ o ſegundo de Portugal quis deſcobrir a India, pella fama de ſuas riquezas mandou a iſſo por terra Pero de Couilhã, & Afonſo de Paiua, a quem deu por regimẽto, que buſcaſſem hum Rey, que trazia hũa cruz aleuantada diante. Eſtes homẽs apartaraõſe, & o Couilhã foi ter a cidade de Ormuz, que era mũy proſpera, & cõtinuada de todas as naçoẽs, & perguntando por hum Rey Chriſtaõ, que trazia cruz diante, naõ lhe ſouberaõ dar a rezaõ, ſe não de hum que auia na Abaſia. E paſſãdo em companhia de algũs mercadores a ſua corte ficou n'ella, & ainda o achou la dom Rodrigo de Lima, que Diogo Lopez de Siqueira mãdou por Embaixador. Daqui ſe ficou eſte Rey da Ethyopia chamãdo Preſte Ioaõ das Indias, por outras rezoẽs mais que ſe veraõ em Ioaõ de Barros, decada 3. liuro 4. E do pouco conhecimento que ate gora ouue d'eſtas gentes, naceo entre os eſcritores, hũa grande cõfuſaõ, & mayor em Pero de Mariz no ſeu dialogo da varia hiſtoria dos Reys de Portugal: a onde falãdo nos Tartaros, na vida d'elRey dom Afonſo o ſegundo, diz eſtas palauras. Sayraõ de ſuas terras os Tartaros, & fizeraõſe ſenhores de todo o Oriente, & da grande Ethyopia, eſtenguindo o nome do Emperador d'ella chamado Preſte Ioaõ. Eſte erro naceo a eſte eſcritor de naõ ter conhecimento dos Tartaros, como nos aqui o damos: nem de ſaber o ſitio das terras que habitarão, porque naõ ſabemos outra mais apartada que a Scythia da Ethyopia.

CAPITVLO II.

Que trata de como eſtes Reys Chriſtaõs conquiſtaraõ o Turcklan, & das gentes que lhes foraõ fugindo ate Aſia menor, de que ſe ſenhorearaõ dandolhe o nome da graõ Turquia, & dos Reys dos Magores que ouue deſdo Graõ Tamorlaõ, ate eſte Haman Paxa.

POR QVE capitulos muito compridos enfaſtião, quizemos cortar eſte pera mor ſabor & clareza da hiſtoria que imos tratando, em que he neceſſario diuidirmos os tempos & as couſas. E continuando com eſte Rey Chriſtaõ, que ficou tendo ſuperioridade ſobre todos, deixou aſsi o eſtado, como a dinidade a ſeu filho, & aſsi o foraõ herdando os deſcendẽtes, que por tempos ſe foraõ fazendo taõ poderoſos, que ſogigaraõ todos os vizinhos: & ainda paſſaraõ a tãto,

que

que pretẽderaõ meter debaixo de ſeu dominio toda Aſia. E hum d'elles entrando pella prouincia Turcſtan, a ſogigou toda, vſando com os naturaes grandes crueza, que por fogirem do ſeu açoute, ajuntandoſe grandes multidoens d'elles, com molheres & filhos, foraõ pera o Ponente buſcar habitaçaõ, & chegarão ate pararem naquella parte chamada Aſia menor, que por lhes parecer bem, conquiſtaraõ & ſenhorearaõ perto dos annos de oitocẽtos da vinda de Chriſto, ſegundo Othom Arçebiſpo de Florença, dandolhe o nome da terra em que naceraõ, & que deixaraõ, que era Turcſtan, chamandolhe d'ali por diante Turchia, & a elles chamaraõ depois d'ella Turcos. Eſta he a origem d'eſte nome, & naõ por deſcenderem dos Troyanos, aquem chamauaõ Teucros, como alguns diſſeraõ. Guilhelmo Arçebiſpo de Tyro, no liuro que compos da conquiſta da terra ſanta, falando do principio dos Turcos, diz que ſairaõ das partes Septentrionaes & que pararão no Turcſtan: a onde viueraõ muitos annos gouernados por cabeças de tribus, & que depois ſe paſſaraõ a Perſia, onde habitaraõ outra temporada, & ali foraõ crecendo & multiplicando muito. E que vendo aquelle Rey o poder que yão tendo em ſeu reino, temendoſe d'elles os lançou fora, & ſaidos d'ali foraõ pera o Ponente, & pararaõ na Suria onde ſe deixaraõ ficar. Depois por tẽpo ajuntandoſe grandes exercitos d'elles forão conquiſtar a Perſia, de que forão ſenhores muitos annos, & eſtes ſe ficaraõ ali chamando Turchimanes. Os que ficarão nas partes da Suria, tambem por tẽpos ſe fizeraõ ſenhores de toda aquella prouincia da Aſia menor, aque deraõ o nome de Turchia, ali receberão a falſa ſeita de Maſamede, porque a acharaõ conforme a ſuas barbariçes. E fauorecẽdoos a fortuna, em poucos annos ſe fizeraõ ſenhores do grande Imperio que oje poſſuem, ſendo ſempre os mores perſeguidores que a igreija Romana teue. Eſtes ſaõ os que eſtauão figurados naquelle quinto corno, que vio o Profeta Daniel, q̃ era o quinto reino que auia de oprimir a terra ſanta, porque o primeiro foi dos Babylonios, o ſegundo dos Perſas, o terceiro dos Gregos, & o quarto dos Romanos. E parece que d'elles tambem ja eſtaua profetizado em Ezechiel aos vinte & quatro capitulos, a õde diz que Gog & Magog dariaõ grandes trabalhos aos ficis, por que entendem os Theologos innumeraueis gentes da Scithia. Como tambem o tinha profetizado ſaõ Ioaõ no Apocalypſe, aos vinte, dizendo: Sera ſolto ſathanas do ſeu carcere, & enganara as gentes que ſaõ ſobre os quatro cantos da terra, de Gog & Magog, que ſaõ as prouincias que atras temos moſtrado, donde

eſtas

eſtas gentes em ſeu principio ſairaõ a conquiſtar o Turcſtan, & depois a Aſia menor, & a Terra Santa, & o grande Imperio de Conſtantinopla, a te chegaré a Monarchia em que oje eſtaõ. E com o conhecimento que temos dado d'eſtas gentes, & d'eſtas prouincias, parece que ficão milhor entendidas as profecias ditas. Poſto que alguns Theologos tambem entẽdaõ por ellas o Ante chriſto, & ſeus ſequazes, que como a de ſair da banda do Norte, conforme ao que eſta profetizado, pode bem ſer, ſeja d'eſtas prouincias açima. E tornando aos Magores, ficaraõ eſtes ſenhores Chriſtaõs poderoſiſsimos, oprimindo & mal tratando os Tartaros, que eraõ ſeus vaſſallos, tomandolhes groſſos direitos de ſeus gados & criaçoẽs, & obrigandoos a muitos ſeruiços em que ſe gaſtauão & conſumiaõ. Vendoſe elles taõ aperreados, trataraõ entre ſi de ſua liberdade, ſaindoſe grandes multidoens d'elles apouoar nouas terras, lançandoſe pera o Ponente, tomaraõ aquella prouincia, ou parte, que ſe chamaua Scithia Europea, em que ſe deixaraõ ficar, pondolhe o nome de Tartaria, como aquella em que naceraõ. D'ali ſe eſpalharaõ pera muitas partes da Europa, que ſenhorearaõ, de q̃ ainda oje viué aquelles que ſe chamão Tartaros Preçopenſes, ſobre o mar mayor, pouoando, & dando nomes a muitas prouincias. E ſe auemos de crer a Beroſo, Diodoro Siculo, Meſtre Anio, & outros autores grauiſsimos, tambem os Eſpanhoes deſcendem d'eſtes Tartaros & Magores: porque dizem elles que quaſi nos annos de cento & oitenta, antes da vinda de Chriſto, quando Dionyſio Rey do Egypto (por outro nome Oſiris) foi a Eſpanha, & matou o tyranno Gerion, que ja vinha de rodear toda Africa & Aſia, & os deſertos, & vltimos fins da India, & que da Scithia leuara hũas gentes chamadas Hiſpalos, & que indo ter à prouincia Bethica, fundara ali a famoſa cidade de Seuilha, que pouoou d'aquellas gentes, & lhe chamou Hiſpalis. Iſto refere ſanto Iſidoro, dõ Rodrigo Ximenes na Chronica geral de Eſpanha, & elRey dom Afonſo o Sabio. Os Tartaros, que ſe naõ poderaõ apartar da ſua prouincia, nem ſeguir os outros, vendoſe taõ aperreados dos vezinhos, elegeraõ entre ſi hum capitaõ que os gouernaſſe, chamado Tamochim, (da caſta dos antigos Reys que ſe extinguiraõ) filho de Macuça, que teue vinte & noue filhos. Eſte ajuntando grandes exercitos, ſayo d'aquellas partes de Georzà & Bargù, nos annos de mil, cento, ſeſenta, & dous de Chriſto, (ſegundo a conta de Marco Polo, liuro 1. fol. 14.) & entrando pellas prouincias Turcſtan & Cathayo, a poucos golpes as ſogeitou cõ ſeu muito ſaber & eſforço, & aſſentou ſua

cadeira

cadeira na cidade de Cambalec, que engrandeceo & reformou. Ali se fez tamanho senhor, que tomou o titulo de Can, que quer dizer senhor sobre todos, como Emperador, mudando o nome proprio de Tamochin, em Chinguis, ficandose chamando Chingiscan. Blondo diz, que se leuantou este barbaro nos annos de mil, duzentos, vinte & dous, em que diz que os Tartaros começaraõ a ser conhecidos no mundo, saindo da Scithia, debaixo do seu capitaõ Canguista, auendo de dizer Chinguiscan: & por naõ ter este conhecimento que nos temos dos Magores os faz Tartaros. Este Chinguiscan por lhe Ohuncan Rey dos Christaõs naõ querer dar hũa filha (que ainda lhe era parenta) pera casar com ella, auendoo por afronta, ajuntando suas gentes entrou pella prouincia Tenduc, onde Ohuncan lhe sayo & lhe apresentou batalha em que Ohuncan ficou morto & desbaratado, & o Chinguiscan, se apoderou do estado, & casou com sua filha. Esta batalha foi perto dos annos do senhor de mil cento oitenta & sete: segundo a cõta de Marco Polo, porque de entaõ pera ca começa elle a contar a Genealogia dos Emperadores do Cathayo. Algũs escritores dizem que este Chinguiscan deu hũa parte do reino ao filho de Huncan, & que recolhendo toda aquella Christandade, ficara elle, & seus herdeiros depois naquelle pequeno estado, & que este Chinguiscan se afeiçoara tanto a molher, que a seu rogo se fizera Christaõ. Isto naõ o auemos por muito certo: porque no catalogo dos Emperadores do Cathayo, naõ se faz mençaõ de Rey algum Christaõ a te Magucan, que foi o coarto do numero, que a rogo de Airon Armenio, que foi a sua corte recebeo nossa ley, quasi nos annos de duzẽtos cincoenta & tres. Este foi o que mandou seu irmaõ Halaõn a cõquista da terra santa, que tornou a arrancar das maõs dos Califas, matando ao Mustacẽ Mubila, perto dos annos de mil, duzẽtos cincoenta & oito: em que se acabaraõ os seus Califas. E tornando ao Chinguiscan, vendose taõ grande senhor, & taõ poderoso, sayo a conquistar toda Asia sogeitãdo Asogdiana, Bactriana, Aracosia, Aria, Parthia, Persia, Armenia, & todos os mais estados que jazẽ de hũa & da outra banda do mar Corazu, ou Caspio: repartindo tudo com seus filhos: dando a hum o estado da Persia, (de que depois daremos rezaõ.) & a outro chamado Chachatai deu Asogdiana, & ordenou por cabeça a cidade de Camorcant. A outro filho chamado Husbeque deu a parte do Turcstan, ao que ficou senhoreando Asogdiana ficou cõ tudo o que jaz entre o Oxo & Iasartes, (aque oje chamão Cheser Ebiamu.) chamãdose aquella prouincia d'ali em

diante

diante Chachata, do nome do ſeu Rey, & os naturaes Chachatais, a quem todos os Geographos modernos commũmẽte chamaõ Zagatais. E ainda ha mapas, que os mete na da outra banda do Iazartes pera a Tartaria, como tambem o tẽm pera ſi Paulo Iouio, o que com reuerencia he erro múy grande: porque muito auerigoado he que a antiga Scithia, & a Tartaria ſe diuidem da Sogdiana, da parte que corre da Volga pera o mar Caſpio, & da banda do Turoſtan, pello muito celebrado rio Iazartes; & tudo o que jaz fora delle pera o Norte, & pera o Leuante, tudo he Tartaria. A eſte Chinguiſcan, que conquiſtou eſtas prouincias, nomea Ruy Gonçaluez de Clauijo (que elRey dom Anrique o coarto, mandou ao graõ Tamorlão com Embaixada) por Emperador da cidade de Dorgancho (como ſe ve no itinerario que fez deſta jornada.) E diz que eſte nome Dorgancho, quer dizer, theſouro do mundo, de que naõ faz Marco polo mençaõ: mas auia de ſer nome impoſto pellos Cathainos a cidade de Cambalec, que elle tanto engrandeceo: que ſe affirma que era a maior, & mais fermoſa que ſe ſabia no mũdo Mas em tudo o mais como nos filhos, & em outras couſas conformaõ ambos.

E tornando a noſſa ordem: Cõquiſtada a prouincia Sogdiana, ficou nella reinando Chataĩ, que depois foi morto por hum ſenhor que ſe leuantou contra elle, que ſe fez Rey, ſendo ja ſeu pay no Cathayo falecido, & reinaua ſeu filho Ocdacan, como lhe chamaõ as Chronicas Perſicas, & Aiton Armenio Ocotacan, Marco Polo Sincan, & os frades que foraõ ao Cathayo, Cuican. Eſte ſabendo da morte do irmaõ, foi com grandes exercitos contra o tyranno, perto dos annos de mil duzentos, coarẽta & tres. E vindos a batalha o matou, & lhe tomou o reino, em que deixou ſeu filho Sodochi, por cuja morte herdou o reino ſeu filho Barach: porque quando Miſer Nicopolo, pay de Marco Polo foi ter a Baçora, os annos de mil duzentos cincoenta & dous, reinaua eſte Barach, a eſte ſocedeo Chapart a eſte Soltaõ Hamed, & a elle Incan, todos Reys Chachatais. No tempo deſte ſe leuantou o Graõ Tamorlaõ, cujo proprio nome he Tamur, nos annos de mil, trezentos & nouenta, ſegundo a mais comum conta; reinando no Cathayo Chuinſcan, oitauo do numero d'aquelles Emperadores, cujos vaſſallos ſempre foraõ os Reys de Camorcant: porq̃ Ruy Gonçaluez de Clauijo, eſtando na corte de Tamur, nos annos de mil, coatrocẽtos & tres, falou com hũs Embaixadores do Cathayo, q̃ vieraõ pedir ao Tamur as pareas, o que elle tomou taõ mal, que eſteue

pera os mandar enforcar. Era eſte barbaro Tamur, natural de hũa villa chamada, Quex, junto de Camorcant, da caſta Chacatai, nobre, de pouca poſſe, mas de grandes penſamentos. E vendoſe ja homem, & pobre, ajuntando alguns que o quiſeraõ ſeguir, andou alguns annos pellos caminhos ſalteando as Cafilas, em que enriqueceo; & taõ liberal ſe moſtrou na repartiçaõ dos roubos, que ſe lhe ajuntaraõ tantos, que veyo a formar hum múy arrezoado exercito. Neſte officio de ſalteador foi ferido em hũa perna de que ficou aleijado: & por que naquella lingoa, langar, quer dizer manco, lhe chamaraõ Tamur Langar, & vindoſe a adulterar eſte nome lhe chamaraõ Tamorlaõ. Eſte vendoſe rico & poderoſo, chamandoo ſua fortuna pera mayores couſas, ſabendo que elRey deſejaua de o auer as maõs, entrou hum dia na cidade de Camorcant, com os que o ſegriaõ, & tomando elRey deſcuidado, entrou em ſeus paços, & o matou, & como tinha poſſe & cabedal mandou cometer a todos os principaes grandes partidos, dando muito dinheiro a muitos que logo lhe acodiraõ; em fim elle ſe fez Rey pacifico & quieto. E por aqui ſe veraõ erro que tiueraõ (Bautiſta Ignatio, & Bautiſta Fulgoſſo nas Collectanias; & o Papa Pio na ſegunnda parte do liuro de ſua Geographia, & Platina na vida de Bonifacio; Mattheo Palmeyrino nas addiçoẽs a Euſebio, Cambino Florentino na hiſtoria Turqueſca, Paulo Iouio na deſeu tempo, & ainda o noſſo Ioaõ de Barros na ſua Aſia,) em os fazerem huns Partho, & outros Tartaro, ſendo puramente Chacatai, como ja diſſemos. Eſte barbaro depois de ſe ver Rey, & taõ mimoſo da fortuna, auendo ainda aquelle eſtado por eſtreito pera ſua condiçaõ, formando groſſos exercitos ſayo a conquiſtar as prouincias de Coraçone, Perſia, Armenia, & todas as mais que jazẽ perto do mar de Abacu, (a que os Turcos chamaõ Danguis Xor, que quer dizer mar ſalgado, & os Armenios Xorguilan, que he o meſmo q̃ mar de gilan, por hũa fermoſa cidade deſte nome, que tem ſobre ſuas ribeiras) todos eſtes eſtados repartio com os filhos que tinha, deixando na Perſia o mais velho chamado Mirza Miruxa, & dos outros logo falaremos. Recolhido o Tamur pera Camorcant, ſayo logo a conquiſtar o Induſtan, onde teue hũa grande & muito cruel batalha com hum Rey do Deli, que o ſayo a buſcar, em que o Tamur foi vencido por cauſa dos muitos elefantes que aquelle Rey trazia. O Tamur refazendo ſeu exercito, volton contra o imigo que o eſperou, & poſtos em campo pera romperẽ batalha, ao cometer

d'ella

d'ella lhe lançou o Tamur diante, grande numero de camelos carregados de palha, aque ſe deu fogo, que foi taõ brauo & medonho, q̃ os camelos com aquelle impeto foraõ rompendo pellos imigos, fazẽdo fogir os elefantes que traziaõ diante, que com o medo de fogo taõ eſpantoſo voltaraõ pera tras, & romperaõ os ſeus. O Tamur vendo o imigo desbaratado deu nelle, & o acabou de deſtruir, & vitorioſo ſe recolheo a Camorcant, deixando hum neto ſeu chamado Pirmahomed (filho de Ianguir ſeu filho mais velho que ja era morto) naquella parte que ganhou fora do Oxo pera a banda da India, cujas principaes cidades eraõ Bel, Nibab, & Cabul: & neſta aſſentou ſua cadeira. Foi iſto perto dos annos de mil trezentos & nouenta & coatro. Depois nos de mil trezentos nouenta & ſeis tornou com groſſos exercitos, com tenção de paſſar a Europa, & ſaindolhe ao encontro o Turco Bajazeto, vindos a batalha foi o Turco desbaratado & prezo, & o Tamur lhe mandou fazer hũa gayola de ferro em que o trazia. E contente com eſta vitoria ſe recolheo a Camorcant, onde logo morreo: tendo reinado onze annos, & faleceo nos de mil coatrocentos & cinco. Ficaraõlhe tres filhos, Omar Miruxa, que eſtaua na Perſia; Xarola que deu o eſtado do Coraçone, o outro Haomarxac, que algũs nomeaõ por Balobo, que era moço & ficou ſem nada, porque os outros dous irmaõs lançaraõ maõ de tudo o que poderaõ, ficando a inda em guerras trauados ſobre os eſtados. Eſte Haomarxac, ou Balobo, vendoſe desherdado, determinou ſeruir a Mafamede, & ſaindoſe dos eſtados que foraõ de ſeu pay em trajos de Calandar, (que he peregrino) foi caminhando pera as partes da India, & atraueſſou todo o Induſtan, & foi parar no reino de Deli, donde ſe deixou ficar. Ali lhe acoditaõ outros Calandares a ouuir ſua doutrina, a fama de ſua vida & religiaõ, que era eſpantoſa. Reinaua n'aquelle reino hum filho d'aquelle Rey, com quem o Tamur teue as batalhas que acima contamos. Cobrou eſte Calandar tamanho credito & authoridade naquellas partes, que o adorauaõ todos como a ſanto; & aſsi creceo o numero da gente que o ſeguia tanto, que bem ſe podera d'ella formar hum muito arrezoado exercito. E como eſte homem era aſtuto, & conhecedor dos tempos, entẽdendo que a fortuna o ya fauorecendo, tratou de ſe fazer Rey d'aquelle reino: & aquirindo ſecretamente armas, ſendo hum dia o Rey a caſſa aforrado, o ſalteou, & matou, & em freſco ſe foi apoderar da cidade, õde ſe fortificou a te ſe quietar como fez, acodindolhe

todos os do reino a lhe dar obediencia. Dali sayo a conquistar muitos reinos do Industan, de que se fez senhor ficando ja poderoso. E indo estas nouas ter a cidade de Camorcant, lhe acodiraõ muitos dos naturaes, fogindo das guerras que auia entre os filhos do Tamur, & alguns capitaes dos principaes, que se pera elle viraõ eraõ de casta dos Magores, & o mesmo a mor parte das gentes que os acompanhauaõ. Estes naquellas conquistas, se assinalaraõ sobre todos, ficando os Magores mũy nomeados em todo o Industan, & assi os estimou o Balobo, que se intitulou Rey dos Magores. Este foi o principio d'este reino, que veyo a sobir a tamanha Monarchia, como a diante se verá. E com isto fica confundido o erro de Baptista Fulgoso nas Collectanias: & o de Platina na vida de Bonifacio, que affirmaõ que por morte do Tamur, naõ ficara memoria de seu senhorio, nẽ de homem que procedesse de sua geraçaõ: sendo oje os mais poderosos dous barbaros, que ha em todo o Oriente (Magor & Husbeque,) seus quintos netos. Por morte deste primeiro Rey dos Magores, ficou herdando aquelle reino seu filho Abusseir, que ainda a crecentou mais terras a seu estado. A este Abusseir socedeo seu filho Babur, que herdou os estados de Camorcant, por morte de hum primo seu aque naõ ficaraõ herdeiros, & per sua morte socedeo seu filho Hamau Paxa (que he este de que tratamos) que tomou o reino de Cambaya, que foi homem muito valeroso, & que engrandeceo seu estado muito. E por aqui temos bem dado a conhecer estes Magores, com quem (com o fauor diuino) auemos de continuar por todo o descurso de nossa historia. Saõ todos homẽs soberbissimos, & crueis, grandes archeiros, muito destros a caualo, & todos os seus saõ aquartalados, mũy grandes corredores, & aturadores do trabalho, & algũs taõ andadores, que muito fara hum bõ ginete á redea solta, se os aturar. Seguem aos Arabios em suas maximas, & saõ sonis, aque os Persas chamaõ, homens desencaminhados, pellos auerem por taes em sua doutrina. Saõ homẽs muito comedores, grandes de corpo, & espadaudos, de rostos mũy larges & barbudos.

CAPITVLO III.

Da rezão porque se recolheo Hamau Paxa, & largou o reino de Cambaya. E de como se leuantou nas partes de Bengala hum Patane chamado Cirean, & dos estados que conquistou, & de como destruyo, & desbaratou Hamau, & lhe tomou seus reinos.

Andando

ANDANDO Hamau Paxá, Rey dos Magores vitorioſo por todos os reinos de Cambaya, como ſenhor d'elles, acodindolhe muitos Regulos Resbutos a darlhe obediencia pera ſegurarem ſeus eſtados, determinou de ficar ali inuernando, pella fertelidade, & abundancia da terra, tendo ja juntos d'elia muitos & groſſos theſouros. Mas a fortuna que ſe naõ deſcuida n'eſta parte, naõ tardou com ſeus eſcarneos & reuezes: porque eſtando eſte barbaro na mor felicidade, que podia ter & deſejar, bem deſcuidado de taõ ſubito reuez, lhe vieraõ nouas, que hum Rey dos Patanes lhe entrara pello reino do Dely, & pellos mais: & ſe ſenhoreara d'elles, tomandolhe ſuas molheres & theſouros, & que tinha ſua corte na cidade do Dely. Eſtas nouas foraõ de tamanho eſpanto, & dor pera Hamau Paxá, que parecia querer arrebentar, & largando tudo, ajuntando ſuas gentes, começou a caminhar pera ſeus reinos com hũa mũy grande preſſa largando os alheos. Aqui entra o eſcarneo da fortuna, & pera milhor falar a juſtiça diuina, que permite, que por cobiça do alheo, ſe venha a perder o proprio. E de todos os eſtados de Cambaya naõ reſeruou eſte barbaro pera ſi, mais que a cidade de Agará, & a do Mandou, em que deixou ſeus preſidios. E foi continuando ſeu caminho, em que o deixaremos, por darmos rezaõ d'eſte Rey que lhe tomou ſeus reinos.

Andauaõ na corte d'elRey de Bengala eſtes annos atras paſſados, dous irmaõs de caſta Patanes, grandes caualeiros, que de homẽs pobres & particulares vieraõ a ſer dos principaes & mais poderoſos d'aquelle reino. E por hum deſgoſto que elRey veyo a ter d'hum delles, por mexericos (officio muito certo da inueja, a que os q̃ priuaõ andaõ ſempre arriſcados) lhe mandou cortar a cabeça: porque as leys de todos os Reys mouros, ſaõ como as de Draco, que todos os caſos pequenos & grãdes caſtigaõ cõ morte. O irmão do morto que ſe chamaua Xircan ficou taõ eſcandaliſado, que logo em ſeu animo tratou de ſua ſatisfaçaõ: & foi diſſimulando cõ o negocio o mais que pode, a te buſcar occaſiaõ, que a fortuna nunca nega, porque pera eſtas couſas ſempre eſtá pronta & aparelhada com ſeus fauores. Eſte homem era muito rico, & tinha muito poſſe no reino, & muitos amigos, & como os homẽs todos o ſaõ de nouidades, ſẽtindo em algũs humor pera o q̃ pretendia, lhe comunicou ſua tençaõ; & como todos eraõ eſtrãgeiros, logo ſe lhe afeiçoaraõ. Porq̃ eſtes Reys do Oriẽte ſaõ todos gouernados

por elles, que como não entraõ cõ amor natural neſte negocio, ſe não com intereſſe proprio, andaõ ſempre com o olho vigiando as occaſioẽs da fortuna, & todas as vezes que lhe ella da geito, mataõ o Rey, & tyrannizaõ o reino. O que he taõ ordinario, que em ſete ou oito reinos de mouros, com quem na India vezinhamos, todos eſtaõ em poder de eſtrangeiros; do que os naturaes eſcandalizados, fauorecẽ ſempre a parte que mais póde, & a da fortuna. Pello que deuẽ os Reys do mundo trabalhar muito, por trazerem no ſeu gouerno vaſſallos naturaes, porque eſtes ſempre trataõ as couſas com amor & lealdade, eſtimãdo mais a vida de ſeu Rey, que a ſua propria. E vay tanta differẽça neſte negocio de hũa couſa a outra, como he a de eſcrauos a filhos: porque eſtes arriſcaõ ſuas vidas pella do ſeu Rey, & os outros venlhe milhor Rey eſtrangeiro como elles, por que ſe lhe auorrece hum, logo negoceão outro, porque não entraõ n'eſta materia ſe naõ com o olho em ſeu goſto & intereſſe. Aſsi eſte Patane, fiandoſe d'aquelles eſtrãgeiros como elle, achandoos facilliſsimos pera ſua tençaõ, ajuntando gente da ſua valia em ſegredo: andando el Rey hum dia folgando, deraõ ſobre elle & o mataraõ. E voltando pera a cidade, meteoſe o Xircan nos paços, & apoderouſe dos theſouros, que começou a repartir taõ liberalmente pellos que o ſeguiraõ, que em poucos dias ſe fez Rey d'aquelle reino por vontade de todos. Eſte como era homem de grãdes penſamentos, & muito grande caualeiro, quis agaſalhar os mimos da fortuna, & ajuntando grande poder foi ſobre o reino dos Patanes donde era natural, & com grande induſtria o ſogeitou todo, & aſsi a mór parte dos ſeus vizinhos, ficando hum dos mais poderoſos Reys do mundo. E eſtando na cidade de Patane donde o reino tomou o nome, ſoube que o Hamau Paxa Rey dos Magores, era a conquiſtar os reinos de Cambaya, & naõ ſe contentando com os eſtados que poſſuya, querendo ſubir a mor Imperio, ajunteu muito groſſo poder, & entrou pello reino de Dely, que tomou logo: ſenhoreandoſe d'aquella cidade, em que eſtauão os theſouros & molheres do Magor, que logo teue auiſo d'eſte negocio: pello que largou tudo, & acodio com preſteza, & com a diligencia que diſſemos. Xircan que eſtaua no Dely foi logo auiſado como o Magor ya em buſca delle, com groſſo poder, & ajuntando o mais que póde, o foi eſperar ao caminho. E ajuntandoſe ambos, trauaraõ hũa das mais crueis batalhas que no mundo ſe viraõ, em que d'ambas as partes ouue caſos notaueliſsimos, que deixamos, porque naõ conuem a noſſa hiſtoria. Depois

de

de durar hum dia todo em que ou ue grandes eſtragos de parte a parte, ficou o Magor desbaratado, & deſtruido de todo, perdẽdo a mor parte de ſua gente, & elle com muito trabalho ſaluou ſua peſſoa. O Magor vendoſe naquelle miſerauel eſtado, como homem deſeſperado, ſe foi com algũs poucos que o ſeguiraõ, tomando o caminho do Cinde, com grãde deſconſolaçaõ & triſteza: por ſe ver em hum taõ breue eſpaço, de hum taõ grande Monarcha, em tal eſtado, que naõ ſabia a onde ſe recolheſſe. E aſſi o leuou a fortuna a ter à cidade de Thatha, a onde o Rey do Cinde tinha ſua corte. Era eſte Rey de caſta Magor, & chamauaſe Mirzã can o can, filho de Xabil can, o primeiro Rey Magor que cõquiſtou aquelle reino, como em ſeu lugar diremos Sabendo eſte Rey da vinda, & deſauentura de Hamau Paxa, o ſayo a receber com muita hõra, conſolandoo de ſua deſauentura, offerecendolhe ſeu reino, & theſouros. O que lhe Hamau Paxa agardeceo muito, dizendolhe que ſua intençaõ era paſſar a Perſia, a pedir ajuda & fauor ao Xathamas, que ſó queria d'elle modo pera fazer eſta jornada. ElRey lhe mandou negocear muitos camelos, & encaualgaduras, & lhe deu joyas, dinheiro, & muito honrado ſeruiço de ſua caſa, com o que ſe poſ no caminho da Perſia. Naõ deixaremos de louuar & engrãdecer a grandeza do animo deſte Rey do Cinde, que com lhe o Hamau terfeito muitas vezes guerras ſobre pretençoẽs daquelle reino (como em outro lugar milhor diremos) quando ſoube que ya perdido, & em taõ miſerauel eſtado, compadecendoſe da miſeria, & deſauentura de hũ tamanho Rey, eſquecido dos agrauos paſſados, o foi buſcar, & o negociou & remediou, como diſſemos: porq̃ o animo real, de nẽhũa couſa mais ſe cõpadeſſe que das infelicidades de outro Rey, poſto que ſeja imigo: porque bem ſabe que não ha na vida, quem eſteja ſeguro dos reueſes da fortuna. Em fim eſte Hamau paſſou a Perſia (poſto que algũs dizem que naõ, mas que mandou ſeus Embaixadores: mas todos os Magores, que ate oje tem vindo a Goa, & ainda Perſas, conformaõ com o que nos dizemos.) O Xircan tanto que desbaratou o Magor, tomoulhe todos os theſouros que leuaua de Cambaya, & a ſua principal molher & com tudo ſe recolheo pera a cidade do Dely. Era eſte barbaro taõ grandioſo de animo, que viſitando aquella Rayuha catiua, vendoa taõ deſcõſolada & miſerauel, & que naõ atiſia couſa que lhe enxugaſſe ſuas lagrimas, entregoulhe todas ſuas joyas, donas, donzelas, & todo o mais ſeruiço de ſua caſa, dandolhe camelos, carretas, & caualgaduras, & a deſpedio cõ muita honra,

dizen-

dizendolhe que ſe foſſe pera ſeu marido. Auentajandoſe niſto ao grande Alexandre, no que vſou com a molher de Dario. Eſta ſenhora foi tomando o caminho do reino de Cabul, a onde reinaua hũ jrmaõ do marido chamado Aycá mirza, que a recebeo muito honradamente. O Xircan vendoſe taõ mimoſo da fortuna, em poucos tempos conquiſtou os reinos do Magor todos, com o que ficou tamanho ſenhor, que ſe affirma terem ſeus eſtados mais de mil & quinhentas legoas em roda. E naõ tendo mais que deſejar, tomou hũ titulo ſoberbiſsimo, que foi o de Xa Holaõ, que quer dizer ſenhor do mundo. O que tambem lhe durou taõ pouco, como em ſeu lugar diremos.

CAPITVLO IIII.

Que trata de como os mouros conquiſtaraõ o Decan, & de todos os Reys que ouue a te Iſmael, que faleceo eſte anno em que andamos. E da antiguidade & nomes da ilha de Goa, & de como o Accedecan deu as terras firmes de Salſete & Bardes ao Gouernador Nuno da Cunha.

PRIMEIRO que tratemos das guerras que eſte anno fez o Idalxa ao eſtado ſobre as terras firmes de Salſete & Bardes, que deraõ muito trabalho ao eſtado da India, nos pareceo bem darmos rezaõ de todos eſtes Reys mouros de Viſapor, & do tempo em que ſe conquiſtou eſte Decan: poſto que Ioaõ de Barros o tinha ja feito. Mas ficaraõlhe muitas couſas, de que o naõ ſouberaõ informar, que nos alcançamos & ſoubemos, pella comunicaçaõ de muitos annos, que tiuemos n'eſta cidade de Goa, com os Embaixadores d'eſtes Reys, em cujo poder achamos as Chronicas d'aquelles reinos. E tambem he neceſſario ſaberſe, a rezaõ porque ſe deraõ as terras firmes de Salſete & Bardes, ao Gouernador Nuno da Cunha, & em que tempo, porque de induſtria o deixamos pera eſte lugar.

Pello que ſe a de ſaber, que perto dos annos de noſſa redençaõ de mil, trezentos & doze; ſe leuantou hum Rey do Dely, que foi o mayor ſenhor que a te entaõ ouue em todo o Oriente. E ſaindo de ſuas terras com grandes exercitos, entrou pellos reinos do Decan, que eraõ de Gentios ſogeitos aos Reys do Canara, & a poucos golpes os ſogeitou a todos. E nelles deixou por Gouernador hum filho ſeu, (ainda que outros dizem que ſobrinho) chamado Thogalaça, que he he aquelle, aquem Ioaõ de Barros nomea, por Abetxa, no que nos não embaraçamos, porque pode múy bem ſer, que eſte foſſe o nome

me depois de ſer Rey, & outro o ſeu proprio que dantes teria, por que todos eſtes Reys tem muitos nomes: & todauia nas Chronicas dos mouros nomeaõ a eſte Thogalaça pello primeiro Rey do Decan: & foi o primeiro mouro que n'elle começou a reinar. Eſte ſemeou por todos aquelles reinos a falſa ley de Mafamede, que aſsi frutificou por noſſos peccados, que ja no tempo em que deſcobrimos a India era tudo vntado d'ella. Recolhido o Rey do Dely pera ſeus reinos, dey a algũs annos faleceo ſocedẽdolhe ſeu filho, aque naõ ſoubemos o nome. Eſte foi o que teue aquella grande batalha cõ o graõ Tamorlaõ, que no capitulo atras tratamos. Morto o Rey do Dely, ficou no Decan Thogalaça, que ja tinha corte na cidade de Vltadab, onde depois de reinar dezanoue annos, faleceo. Socedendolhe no reino ſeu filho Soltaõ Singabupa. Eſte foi o que intitulou eſtes eſtados, & reino do Decan, donde os ſeus naturaes ſe chamaraõ Decanis, que em ſua lingoa quer dizer, meſticos, porque quaſi todos os que vieraõ com ſeu Auo, que ali ficaraõ, eſtauaõ meſturados por caſamentos, com os naturaes gentios. Eſte Singa bupa reinou cinco annos, & dezoito dias. Socedeolhe no reino ſeu filho Peru Soltaõ, q̃ mudou ſua corte pera a cidade de Cabum Bargui, a onde reinou dezoito annos & coatro meſes, & aſsi foraõ ſoçedendo os filhos hũs aos outros, por eſta maneira. Singa reinou cinco annos, & ſete meſes & meyo. Mahamede Alaudym, vinte ſete annos, & tres meſes. Mugerdar, dez annos & ſeis meſes & meyo. Soltaõ da Vl, ſete annos & dez meſes Soltaõ Mahamed, cinco annos & dous meſes. Xadom Dilagar Soltaõ, coatro annos & coatro meſes. A eſte ſocedeo ſeu filho Soltaõ Piros, que fundou hũa fermoſa cidade, a quem do ſeu nome chamou Piros Zobat, que oje he das principaes do reino do Idalxa. Eſte andando a caſſa em hũs matos, bem ao Norte deſta cidade, deitando hum caõ a hũa lebre, em o ella ſentindo virou, & remetendo a elle o fez fogir. O que viſto por elRey diſſe, que aquella terra era boa pera criar peitos esforçados, & mandou logo fazer n'aquelle meſmo lugar outra fermoſa cidade, aque pos nome, Xar bedar, que quer dizer cidade ſem medo, por cauſa da lebre que o naõ teue do caõ: & mudou pera ella ſua corte. Foi eſte Rey grande Philoſopho, virtuoſo mortalmente & amador dos pobres & pequenos, em tanta maneira, que ainda oje, quando ſe nomea entre todos aquelles Reys, & em todos aquelles reinos, lhe chamaõ pay dos pobres. Eſte fez hũs verſos na ſua lingoa, que mandou por a porta dos ſeus paços, pera que todos os viſſẽ, que ainda oje duraõ, & conſeruaõ

ſua

ſua memoria. Eſtes por ſerem muito notaueis, de muita ſentença, & muito pera todos os Reys Chriſtaõs os ſaberem, nos pareceo bem por aqui.

Com os grandes ſer temeroſo, com os pequenos amoroſo.

Aos grandes dou eu o meu, os pequenos me daõ do ſeu.

O grande ſempre quer muito, o pequeno folga com pouco.

Os peixes que andaõ no mar, os homẽs que andaõ na terra, aos pequenos fazem guerra.

Aos pequenos ſe a de ter amor, que aos grandes naõ falta fauor. Enuergonhenſe os Reys, & grandes do mundo de verem tanta virtude em hum barbaro, que a couſa que mais eſtimaua em ſeus reinos, eraõ os pequenos & pobres: de que todos, ou os mais dos grandes fazem taõ pouca conta, ſendo taõ obrigados pella ley que profeſſaõ, aos fauorecer & emparar: couſa taõ encomendada de Deos, como ſua propria: dizẽdo por ſaõ Matheus no capitulo 25. O que a hum d'eſtes fizerdes, a mim o fazeis. Vejaõ agora os poderoſos & priuados, que mandaõ tudo, o como ſe aõ com eſtes pequenos, & o como trataõ o negocio de hum pobre, porque aſsi ſe a Deos de auer com elles. E deixando eſta materia, em que auia bem que bradar, & tornando a noſſa ordem: Os Reys que ſocederaõ a Soltaõ Pyros em Xarbedar, que reinou cinco annos, ſaõ os ſeguintes. Soltaõ Mahamede, doze annos & cinco meſes. Homahu Soltaõ, treze annos & cinco meſes & meyo. Soltaõ Hamed, hum anno, dez meſes, & ſeis dias. Homem Soltaõ, coatro annos. Soltaõ Mahamed, dezanoue annos, & ſete meſes, & vinte dias. Valebur Soltaõ, cinco annos, & dez meſes. A eſte ſocedeo ſeu filho Daudar Soltão, homem apoucado & de pouco gouerno. Eſte repartio a prouincia do Decan em gouernanças, aſsinalando limites a cada hũa por eſta maneira. Em tudo o que jaz de Angediua a te Cifardão, que ſaõ ſeſenta legoas por coſta pos por Gouernador a hum capitaõ chamado Adelcan, que era juſtiça mayor de ſeus reinos, a eſte chamamos corruptamẽte Idalcão. Na outra parte que jaz de Cifardaõ a te Nagotana, q̃ ſeraõ por coſta perto de quinze legoas a te vinte, pos outro capitaõ, que era page de ſua lança chamado Nizaman Moluc, que quer dizer, pagem de minha lança: a que tambem adulteradamente chamamos Iza Maluco. Eſtes dous ſós ficaraõ tendo quinhaõ n'aquella parte que ſe eſtẽde ſobre o mar chamada Concan. E outro capitaõ eſtrangeiro chamado Coth Moluc, que quer dizer, recebedor de rendas, porque era Theſoureiro mor d'elRey de caſta Coraçone, pos por Gouernador na comarca dos Talingas, que ſaõ os Gentios

mais

mais apurados no lingoagem, que todos os do Decan. Esta comarca fica ao leuante d'estoutras, & parte com o reino do Canara pella banda do Norte, & com o de Orimá pello nacente, cuja principal cidade se chama Paliconda: a este capitaõ taõbem chamamos erradamente Cota Maluco. Naquella parte chamada vulgarmente Berar, sendo seu proprio nome, hada verar, que quer dizer, terra de casamentos, (porque ali vaõ todos os gentios do Decan fazer suas vodas, por ser de muitas ribeiras, & muito abastada de mantimentos) que fica ao Noroeste do reino do Tamaluco, & confina com os estados do Miraõ, & Virgi, que ja saõ do de Cambaya. Aqui pos outro capitaõ chamado Idmad Maluco, que quer dizer, capitaõ fiel, por q̃ era Condestabre mor dos reinos, de casta Charques, Christaõ arrenegado. A estes coatro capitaens deu elRey jurdiçaõ, ciuel, & crime, em suas gouernanças. Reinou elRey Soltaõ Daudar sete annos, & faleceo ficandolhe hum filho minino, debaixo da tutoria de hũ capitaõ chamado Virido, Vngaro de naçaõ, armeiro mor d'elRey, em que elle tinha muita confiança, que ficou na cidade de Xarbedar, com o minino em seu poder. Mas como n'este negocio de reinar naõ ha fe, vendo todos estes Gouernadores o Rey minino, fazêdo a cobiça seu officio, carteando-se todos de comum consentimento, se aleuantaraõ com o que cada hum gouernaua, ficando o moço entregue ao Virido, que o tinha em hũs fermosos paços em grande custodia, dandolhe todo o necessario. Os aleuantados tomaraõ titulos de Reys: & pera encobrirẽ suas tyrannias, mandauaõ todos os annos dar a sua obediencia por seus Embaixadores a este minino, nomeandose todos por seus escrauos. Este Principe como teue idade, o casou o Virido seu tutor (q̃ se apelidaua, Rey de Xarbedar) com hũa filha sua, de que teue hũ filho, que depois veyo a herdar o reino, por morte de seu auo Virido, porque lhe naõ ficaraõ filhos machos, este foi depois casado cõ hũa filha do Idalxa. E este he o verdadeiro herdeiro de todos estes estados, & ficou com o menor quinhaõ d'elles. Foi este aleuantamento perto dos annos de mil coatro centos nouenta & hum. E deixando todos mais aleuantados pera seu tempo, continuaremos com o Soltaõ Adelcan, que pos sua cadeira na cidade de Visapor. Andaua na sua corte hum Turco chamado Cufo, que em tẽpo de Daudar Soltaõ foi ter a Xarbedar em hũa cafila de mercadores, sendo ainda mancebo. Este Turco era de tantas forças, & taõ grande lutador, que naõ auia em todo aquelle reino quem o derribasse, pello que elRey folgaua muito cõ elle.

Algũs

Algũs dizem que aquelles mercadores da Cafila lho deraõ de presente, outros, que elle mesmo se vẽdeo a elRey, por se ver ali muito pobre & desemparado. Isto naõ queria consentir seu filho Meale (estando em Goa como adiante diremos) com quem praticamos estas cousas: somente confessaua, que fora em moço lutador, & que tinha outras abelidades, com que ganhaua sua vida. Este Cufo nos alevantamentos se passou pera o Adelcan, que se lhe affeiçoou tanto, que lhe encarregou cousas de muita importãcia de que deu sempre mũy boa conta: & assi pouco a pouco o foi a fortuna encaminhando pera o que lhe tinha guardado (o que elle com sua muita prudencia soube conseruar mũy bem,) ate o por no supremo lugar do reino, gouernãdo elRey absolutamente. E como a fortuna nũca sobe a hũs, sem abaixar outros, permitio Deos, que este Adelcan fosse morto a traiçaõ por hũs capitaẽs seus, pella de que elle vsou cõ o seu Rey: porque este he o fim, q̃ todos os maos vem a ter, como o tiueraõ todos estes alevantados, que vieraõ a morrer mal, & seus herdeiros naõ lograrẽ seus reinos, porque todos tornaraõ a poder de outros tyrannos, como pello discurso da historia diremos. Morto o Adelcan, acolheose o Cufo na corte, & logo lançou maõ de hum filho d'elRey minino, fazendose seu tutor, com cuja cor acquirio os grandes de sua parte, tendo tanta astucia & saber, que proueo as fortalezas principaes, de capitaẽs de sua valia, & como teue tudo seguro, & por si, dizem que ajudou o minino, que faleceo dentro em hũ anno depois do pay morto, & logo se fez alevãtar por Rey, no que ouue pouco que fazer. Este Cufo estendeo ainda os limites do seu reino tudo o que pode, a ter ir em pessoa conquistar a ilha de Goa, que era cousa muito grossa em renda: que possuya hum senhor Canara chamado Sauay, vassallo do Rey Canara. Que naquelle tempo tinha sua cidade, na parte que oje chamaõ, Goa a velha, onde sempre foi o assento dos senhores todos antigos d'aquella ilha, ate os annos de mil, coatrocentos setenta & noue, que entraraõ os mouros n'ella, vindo fogidos de hũa conjuraçaõ, que contra elles ouue no reino de Onor, que seriaõ perto de coatrocentos homẽs: cuja cabeça era hũ mouro chamado Melique Ocem, que se concertou cõ o senhor que entaõ era d'aquella ilha, & lhe deu a parte em que oje esta a nossa cidade de Goa, que entaõ era tudo mato, a onde os senhores d'aquella ilha, yaõ matar porcos, & veados: que os mouros cortaraõ & rossaraõ, fazendo suas pouoaçoẽs sobre o mar, ficando ali mais acommodados que em Onor, por ser o porto & rio, mais capas pera as

suas

ſuas naos. N'eſta parte ſendo ainda mato, tinha o Sauay ſenhor de Goa hũas caſas em q̃ ſe elle apoſentaua quãdo ya a caſſa: E aſsi meſmo Cufo Idalcaõ o fazia, depois de conquiſtar aquella ilha. Eſtas caſas conſeruão ainda oje a memoria do gentio Sauay, chamandoſe as caſas do Sauayo: que depois foraõ muitos annos apoſentos dos Gouernadores da India. E porque naõ ſouberaõ dar verdadeira informaçaõ ao noſſo Ioaõ de Barros deſtas couſas, confundio o nome do gentio Sauay, com o de Cufo Adelcan, dizendo no quinto liuro de ſua ſegunda Decada, que quando entramos na India era ſenhor de Goa hum mouro chamado Soay, aque comummente chamamos ſabayo vaſſallo do Rey do Decan, Parſeo, natural da cidade Saua. Diſto ſe riraõ ſeus filhos bem, quando lhe liamos iſto, dizendo que ſeu pay naõ era ſe naõ Turco, nem ſe chamaua ſe naõ Cufo. Eſta ilha de Goa he taõ antiga, que ſe naõ acha nas eſcrituras Canaras (cuja ſempre foi) o principio de ſua pouoação. Mas achaſſe que foi ſempre taõ continuada dos eſtrangeiros, que andaua entre elles por adajo, vamonos recrear as freſcas ſombras de Goa, & agoſtar da doçura do ſeu betre. E aſsi lhe chamauaõ por excellencia Goe moat, que na ſua antiga lingoagem, quer dizer, terra freſca & fertil. E pella continuaçaõ do nome ſe veyo a abreuiar, & a lhe chamarem Goe, & nos mudandolhe a letra, E, lhe chamamos Goa. Os naturaes Canarins d'ella lhe chamaõ, Tis Vari, que quer dizer, trinta aldeas, por ſerem tantas as que eſta ilha tem, que todas louuado Deos, ſaõ oje pouoadas de Chriſtaõs, & repartidas por doze ou quinze freguеſias. Viueo eſte Cufo Adelcan, a te os annos de mil, quinhentos & cinco. Ficaraõlhe dous filhos, hum chamado Iſmael, & outro Mealé. E d'eſte auemos muitas vezes de falar pello diſcurſo da hiſtoria, que por iſſo o damos aqui a conhecer, que eſtando o pay no artigo da morte, pedio ao filho Iſmael, que lhe ſocedia no reino, que a ſeu jrmaõ Meale, que ficaua moço, o naõ mataſſe, & o fizeſſe religioſo. (porque antre eſtes mouros, he milhor ſer porco de Herodes, como la dizem, que jrmão d'elRey: porque a primeira couſa que fazem em herdãdo o reino, he mataré todos, ou quando menos tirarem lhe os olhos, por ſe naõ temerẽ delles.) A eſte Iſmael tomou o noſſo valeroſo capitaõ Afonſo d'Albuquerque a ilha de Goa. Reinou eſte Rey vinte & oito annos, & faleceo eſte paſſado, antes de o Gouernador Nuno da Cunha partir pera o Norte Ficaraõlhe dous filhos, hum chamado Malucan, & o outro Abrahemo. O Malucan q̃ era mais velho,

auiaſſe por filho ſoſpeitoſo por ſer muito negro,& aſsi o tinhão feito crer ao pay: pello que algũs capitaẽs (de que era cabeça Icuf Xandiuan,homem poderoſo) tratarão de aleuantar por Rey ao Abrahemo,& o Accedecan,que era a mayor peſſoa do reino com outros que o ſeguiaõ, trabalharaõ de aſſentar n'aquella cadeira a Mealecan,irmão do Rey morto, ſobre o que ſe atearão grandes bandos, ao que acodio Babugi, molher q̃ foi do Cufo Adelcan,auo dos moços, que era hũa ſenhora muito valeroſa,& tal manha teue que contra o poder de todos fez aleuantar o neto Malucan por Rey: & logo mandou meter ao irmão, & ao tio em maſmorras,& perſeguio o Accedecan,que fauorecia o tio,que por ſe liurar d'elle paſſouſe a Pondá, & dali ſe carteou com o Gouernador Nuno da Cunha, pera que ſendo caſo que o Rey o perſeguiſſe de todo, & o foſſe buſcar, o recolheſſe na cidade de Goa, & lhe deſſe liure embarcaçaõ pera Meca, pera o que deu ao Gouernador as terras firmes de Sálſete, & Bardes, q̃ eraõ ſuas, de que o Gouernador logo mãdou tomar poſſe por Chriſtouaõ de Figueiredo tanadar mor de Goa: aquem mandou que fizeſſe hum forte em que ſe recolheſſe, elle o fez aſsi. E achando em hum lugar,que ſe chama Mardor,hum grande & forte pagode, o mandou cercar em roda de tranqueiras fortes, deixandoo no meyo, & ali ſe recolheo com duzentos homens q̃ leuou, & muitos piaẽs da terra: & d'ali ſaya a recolher as rẽdas, & foros das aldeas. Eſte Rey Malucan, q̃ ſe tinha por adulterino, foi tão ma couſa,tão torpe,ſujo, & vicioſo,que auendo pouco mais de ſeis meſes que gouernaua, foi morto eſte Agoſto paſſado, pello capitão Icuf Xandiuan: porque lhe trazia hum filho ſeu por manceba E tanto que o matou logo entrou nas prizoẽs, & tirou o Abrahemo, & o jurou por Rey Eſte como era amigo do Accedecan,era bom homem,& pretendia de reinar pacificamente, não querendo vaſſallos deſcontẽtes, paſſou logo hum formão & perdão geral ao Accedecan,confirmandolhe as terras que elRey ſeu pay lhe tinha dado, & o mandou chamar, & recebeo com muitos mimos Vendoſe elle ja reconſiliado com elRey, & que não auia miſter o Gouernador pera couſa algũa; tratou de lançar mão das terras que lhe tinha dadas em quanto o Gouernador andaua no Norte,& deſpidio com muita preſſa hũ capitaõ Turco chamado Soleimão Agá, cõ noue mil homẽs de pè,& duzentos & cincoenta de caualo,pera que ſe foſſe meter n'ellas, como fez: & apoſſandoſe das aldeas de Cocoli, Aſolona,& Margaõ, ſe deixou ficar ali recolhendo os rendimentos.

CAP.

CAPITVLO V.

Dos recontros que os noſſos tiueraõ com os mouros. E de como dom Ioaõ Pereira pelejou com elles & os desbaratou. E das couſas em que o Gouernador Nuno da Cunha proueo em Dio & em Goa.

CHRISTOVAÕ de Figueiredo, q̃ eſtaua por capitaõ em Mandor, teue logo rebate, de como os imigos erão entrados nas terras, & forteficandoſe mũy bem, deſpedio Miguel Froes feitor de Goa, (que era ſeu gẽro, & viera ali arrecadar as rendas) com quinze de caualo, & algũs piaẽs, pera que foſſe eſpiar os imigos, & ver que gente ſeria. Miguel Froes chegou a aldea de Verná, mea legoa da tranqueira, a onde deu de roſto com os imigos, & tão perto que não pode virar, ſem riſco de ſe perder de todo. E em os vendo arrancou, com os de cauallo com grande furia, & os foi cometer, derribando algũs dos primeiros encontros. E como era grande homem de caualo, & de muito animo & eſforço, tanto que quebrou aquella primeira furia dos imigos que ſe acharaõ embaraçados com aquelle arreuimento, foiſe recolhendo com grande ordem, leuando todos os de pé diãte, tendolhes o encontro dos imigos, porque os não rõpeſſem: fazẽdo muitas voltas a elles, de q̃ ſempre eſcalauraua algũs. Todauia os mouros apertarão tanto cõ todos, que lhes derribaraõ oito companheiros. Mas Miguel Froes com os poucos que lhe ficaraõ, foi ſempre ſuſtentando o pezo da gẽte as voltas a te perto da tranqueira. Chriſtouão de Figueiredo foi auiſado do negocio por algũs piaẽs que foraõ fogindo, & ſaindo fóra com toda a gente que tinha pera ir recolher o genro, achou o ja perto da tranqueira mũy baralhado com os imigos, & dando Santiago n'elles com grande furia os fez parar, trauandoſe hũa muito arriſcada batalha, porque ficaraõ todos baralhados. N'eſte encontro fizeraõ os noſſos o que ſe delles eſperaua, & derribaraõ muitos mouros. mas como elles eraõ tãtos mais tornaraõ a carregar ſobre os noſſos, que ſe foraõ recolhendo, ficando detras o ſogro & genro, tendolhe o encontro: & aſsi chegaraõ ao forte ja tudo rõ baralhado & trauado, q̃ ouuerão de entrar de enuolta hũs cõ os outros. Perderãoſe neſta jornada ſeis Portugueſes, & trinta piaẽs da terra, cõ dous Naiques valentes homẽs Gorça Naique, & Malu Naique, naturaes de Goa velha, que pelejarão como leoẽs brauos. Recolhidos os noſſos ao forte, foraõ cercados a roda dos mouros, ſem lhes darem lugar

pera poderem lançar hum piaõ pe ra leuar recado ao capitaõ de Goa: que naõ deixou de o ter por al gũs piaẽs que fogiraõ, que ſe naõ poderaõ recolher ao forte. Tan to que dom Ioaõ Pereira capitaõ de Goa teue auiſo do trabalho & perigo, em que os da tranqueira fi çauaõ, negoceouſe cõ muita preſ ſa pera os ſoccorrer, mandando ajuntar todos os piaẽs das ilhas de Goa, & moços dos caſados, que to dos fariaõ hum corpo de mil & quinhentos homens, & prouen doos de lanças, eſpingardas, & ou tras armas, paſſouſe a Gaſſaim cõ todos os caſados, e algũs frõteiros que eſtauaõ em Goa que ſeriaõ ſe tecentos homẽs, em que entrauaõ cento & oitenta de caualo, & paſ ſou a outra banda, & foi marchan do em muito boa ordem, leuando diante algũs caualos ligeiros pera deſcobrirem o campo. Gaſtou niſ to oito dias, em que ſempre de dia & de noite o forte foi cometido por todas as partes, com que de raõ aos cercados infinito traba lho, porque naõ largaraõ em to dos elles as armas das maõs, defen dendoſe muito valeroſamẽte, naõ deixando de auer mortos de parte a parte. Soleimaõ Agá teue logo a uiſo, da vinda do capitaõ de Goa, & tomando parecer ſobre o que fa ria, aſſentaraõ que ſe foſſem pera Vernâ, que era hum cãpo mũy lar go & grande & que ali eſperaſſem os Portugueſes, & pelejaſſem com elles, & aſsi o fizeraõ. Dom Ioaõ Pereira chegou a Mardor, ſaindoo a receber Chriſtouão de Figueire do, & Miguel Froes com os mais Portugueſes, & d'elles ſoube o que lhes era acontecido com os mou ros: & do poder que era, & onde eſ tauaõ, porque ja os tinha manda do eſpiar. E tomando ali parecer, aſſentaraõ que aquelle dia deſcan ſaſſem, & que ao outro foſſem buſ car os imigos, & pelejaſſem com el les, pera o que ſe todos prepararaõ. Ao outro dia pella menhã, orde nou o capitaõ ſua gente toda, fazẽ do da de caualo duas batalhas, hũa deu a Iurdaõ de Freitas, & a outra tomou pera ſi, com quem ficarão os cidadoẽs & caualeiros princi paes, que ſe acharaõ neſta jornada, que eraõ os ſeguintes. Galuão Vie gas Alcaide mor de Goa, & ſeu ir mão Galas Viegas, Viçẽte Colaço, Iorge Garces, vereadores daquelle anno. Pero Preto ſogro de dõ Dio go d'Almeida Freire, Sebaſtião da Fõſeca, Gregorio Martins, Franciſ co de Mendoça, Manoel de Vaſcõ çellos, Afonſo Pirez do Vale, & ou tros. Da gente de pè fez tres bata lhas, duas dos Portugueſes, de que deu a capitania a Chriſtouão de Fi gueiredo, & a Miguel Froes. E a ou tra que era de toda a gente da ter ra deu, & fez capitão d'ella Icuf, ta nadar mouro valente homem, neſ ta ordẽ comeſſaraõ a marchar pe ra Vernâ. E chegando a viſta, a chou ja os imigos em campo, com

as costas em hũa serra, com toda a gente de pé em dous esquadroẽs de quatro mil & quinhẽtos cada hum: & em cada ponta cento de cauallo, & cincoẽta que eraõ acubertados na testa do exercito, pera sustentarem o primeiro encontro. Dom Ioaõ Pereira posto que visse o grande poder dos imigos, & a boa ordẽm em que estauaõ naõ fez aballo algum em seu coraçaõ, naõ deixando de o fazer nos mais dos da sua companhia, q̃ ficaraõ embaraçados vendo tamanho exercito, o que dom Ioaõ logo entẽdeo, & receãdo que mais os desbaratasse o medo dos seus, q̃ o poder dos imigos, foi descorrẽdo por todos cõ hũ rosto mũy alegre, dizendolhes Que he isto caualeiros, & cõpanheiros meus, aqui temos estes mouros imigos de nossa ley, q̃ saõ os mesmos q̃ vos desbaratastes muitas vezes, naõ aja nouidades, seguime q̃ Deos he cõ nosco, & a vitoria está certa. E com isto despedio Iurdaõ de Freitas pera que pegasse com os de caualo de hũa das pontas, & mandou aos de pe que trauassem a batalha, & elle com os da sua companhia remeteo cõ os caualos acubertados dando nelles Santiago com tamanho impeto, que d'aquelle primeiro encontro lhe derribou algũs, & os mais fez recolher aos escoadroẽs. Os de pé romperaõ batalha com os mouros, de que derribaraõ muitos das primeiras surriadas da arcabuzaria. Christouaõ de Figueiredo & Miguel Froes andaraõ sempre diante de suas companhias, trazendo tanto o tento em os seus, como em os imigos. O Tanadar Icuf mouro, com os piaẽs & escrauos cometeo os imigos por hũa das ilhargas de hum escoadraõ cõ que trauou mũy determinadamẽte, derribando logo muitos, andando elle diante de todos em hum fermoso cauallo, fazendo marauilhas, matando & derribando nos mouros á sua vontade, metendose tanto antre elles que lhe mataraõ o cauallo de hũa espingardada, ficando a pé cercado de muitos, que trabalharaõ pello matar, porque era mũy conhecido de todos, mas os seus piaẽs & naiques lhe acodiraõ com muita pressa & lhe deraõ outro cauallo que leuaua a destro, em que caualgou, & fez muitas marauilhas. Os escrauos dos casados pelejaraõ aqui como leoẽs, fazendo nos mouros grande estrago, mas naõ sem dano seu. Dom Ioaõ Pereira sobre quem carregaua aquelle negocio, depois de romper os caualos acubertados, pegou com os outros, que estauaõ na outra ponta do escoadraõ, ficando assi todas as batalhas trauadas cõ tamanha crueza, que naõ faziaõ se naõ cair de ambas as partes: mas como os imigos eraõ tanto de ventagem, cercaraõ os nossos de feiçaõ, que esteue a cousa taõ arriscada, que algũs

guns dos Portugueſes de caualo ſe começaraõ a recolher, & naõ deixaraõ de ſer viſtos de dom Ioaõ, que poſto que pelejaua como caualeiro, naõ deixaua de ver & prouer a tudo como capitaõ. E remetendo com os que ſe ſayaõ da batalha, os afrontou de palauras; & ainda deu com a lança, dizendolhes; voltai ludeos, onde vos ides? Porque quereis deſonrar a voſſa naçaõ Portugueſa? Elles enuergonhados diſto voltaraõ pera os imigos pelejando de nouo valeroſamẽte. E por naõ particularizarmos tanto golpe, a batalha eſteue muitas vezes declinada contra os noſſos, mas Deos que naõ tirana os olhos d'elles, deu animo & esforço a dom Ioaõ, & aos mais capitaes, & caualeiros cidadoẽs de Goa (q̃ foraõ os que ſuſtentaraõ todo aquelle pezo,) que apertaraõ tanto com os imigos, que os arrancaraõ do campo, ſendo ja coatro horas da tarde, (que tanto durou eſte cõ flito.) Dom Ioaõ Pereira que ſentio a vitoria por ſi, esforçando os ſeus lhes diſſe, ah esforçados caualeiros, a vitoria he noſſa, vos a ganhaſtes por voſſo valor, ſabey a ſeguir, & naõ perdoemos a eſtes mouros noſſos imigos. E arrancando apos elles, os foraõ ſeguindo todos com hum nouo animo a tal de todo os desbaratarem, recolhẽdoſe Solcimaõ Agá ferido, ficandolhe hum ſobrinho morto, com mais de oitocentos dos ſeus. E por que o dia ſe ya gaſtando tocou dõ Ioaõ a recolher, o que os Portugueſes fizeraõ; mas os eſcrauos & piaes com o Tanadar Icuf ſeguiraõ os imigos ate o rio de Candor, no cabo das terras de Cocolym (perto de tres legoas donde ſe a batalha deu,) & ao paſſar deſte rio apertaraõ os noſſos piaes tanto cõ elles, que com a preſſa fizeraõ afogar mais de quinhentos, matandolhe inda mais no alcanſe, & daqui ſe voltaraõ. Dom Ioaõ Pereira tomou o arrayal dos imigos com todo o ſeu recheo, muitos caualos, bois, tendas, & toda a mais bagagem, de que os noſſos ſe carregaraõ. Morreriaõ n'eſta jornada cincoenta Portugueſes, & cem piaes, & eſcrauos, a fora muitos feridos. Mataraõ dous caualos a Pero Preto, & a Icuf outros dous, & oito ou dez mais a cidadoẽs, que o Gouernador depois lhes pagou mũy bẽ. Dom Ioaõ Pereira proueo o forte de Mardor mũy bem, & recolheo ſe pera Goa, deſpedindo logo recado ao Gouernador do que era paſſado. Eſte chegou em poucos dias a Dyo, & com elle deu o Gouernador muita preſſa as couſas d'aquella fortaleza, pera acodir as de Goa, & pera prouer as fortalezas de Malaca, & de Maluco, porque ſe ya acabando o veraõ. E tendo ja a fortaleza em altura que ſe podia defender, elegeo pera capitaõ d'ella a Manoel de Souſa, aſsi pellas partes & calidades de ſua peſſoa, como

mo por ſer primo com irmaõ de dom Antonio de Tayde, Conde da Caſtanheira, que começaua a priuar com elRey dom Ioaõ, & todos o auiaõ miſter. Ordenou oito centos homẽs pera ali ficarem de preſidio, guarnecendo a fortaleza de artelharia, que tirou dos Galeoẽs, & a proueo de muitas monições & mantimentos, deixando algũs nauios ordenados pera a ſeruentia da fortaleza. E deſpedio Iſac do Cairo Iudeu, pera ir por terra ao reino com cartas a elRey, de como tinha feito aquella fortaleza: & deſpedindoſe d'elRey deu à vela pera Goa, onde chegou em poucos dias. E logo começou a entender nas couſas da guerra, ſobre o que tomou parecer, & aſſentouſe que ſe mudaſſe a tranqueira de Mardor pera Raichol, por ficar ſobre o rio, & em parte que por mar podia ſer ſoccorrida com pouco ou nenhum riſco. Aſſentado iſto mandou dom Gonçalo Coutinho, a que deu poſſe da capitania de Goa (por ter dom Ioaõ Pereira acabado ſeu tempo,) que foſſe aquelle negocio, mandando comelle o Tanadar mor com todos os piaẽs, & gente de ſeruiço d'eſta armada, das tanadarias, & muitas embarcaçoẽs pello rio acima. Dom Gonçalo chegou a Mardor, & mãdou tirar tudo o que auia na tranqueira, a que ſe deu fogo por naõ ficar em pé, & paſſou tudo a Raichol, onde fabricou logo outra ſobre hum tezo que caya ſobre a agoa, que ſe fez de madeira groſſa de duas faces com ſeus entulhos, & algũas guaritas fortes. Iſto tudo ſe fez com muita preſteza, por auer ja nouas que deçia gente do Idalcaõ. O Gouernador pos nella por capitaõ Aluaro de Caminha caualeiro muito honrado com duzentos Portugueſes, & algũs naiques & piaẽs, & ordenou dez ou doze nauios de remo pera andarem naquelles rios, de que fez capitaõ mor Ruy dias Pereira. E porque era neceſſario acodir as couſas de Maluco, deſpachou por capitaõ d'aquella fortaleza Antonio Galuaõ: que poſto que entendeſſe o pouco proueito que podia fazer, pello modo de como aquella fortaleza ficaua, naõ deixou de a aceitar, pello deſejo que tinha de ſeruir a Deos & a elRey. E por que faltaua dinheiro pera os prouimentos, empreſtou dez mil cruzados da fazenda que achou na India de ſeu pay, de que elle era herdeiro, com que ſe negoceou o prouimento. Pello que ſe pode com muita rezaõ dizer, que Antonio Galuaõ reſgatou a fortaleza de Maluco cõ ſeu dinheiro, & com ſeu ſangue, o que lhe foi taõ mal pago, como adiante ſe verá. E porque deſejou de pouoar, & engrandecer aquella cidade de Ternate, ſolicitou algũs caſados pobres pera que ſe foſſem com ſuas molheres & filhos viuer a ella: & o meſmo fez a algũas molheres

lheres Portugueſas que viuiaõ mal, pera la as caſar: empreſtando dinheiro a todos pera ſe auiarem, o que fizeraõ como foi tempo. E com iſto concluymos com as couſas d'eſte veraõ, & entramos nas de Malaca & Maluco, que ſempre guardaremos pera o inuerno, pellas naõ contarmos a pedaços.

CAPITVLO VI.

Das pazes que dom Eſteuaõ da Gama fez com el Rey de Viantana. E das couſas que aconteceraõ em Maluco todo eſte veraõ, & de hum raro caſo que aconteceo a hum d'aquelles ſenhores Chriſtaõs.

AÕ deſtruido ficou el Rey de Viãtana, das maõs de dom Eſteuão da Gama, & em eſtado taõ miſerauel, que nunca mais pode leuantar cabeça, nem ouſou a fazer pouoaçaõ algũa, nem ſair dos matos, onde eſtaua. E lançando ſuas contas, aſſentou, que pera viuer quieto & ſeguro, lhe era neceſſario ter pazes com os Portugueſes, & concederlhes tudo o que elles quiſeſſem. Com eſta reſoluçaõ deſpedio por Embaixadores Curutaule da Raya, Lacximena, Taucaõ da Raya, & Turcão Marcar filho do ſeu Bandara, por quem mandou viſitar dom Eſteuão da Gama, & a pedirlhe que lhe quiſeſſe conceder pazes, porque elle eſtaua bem arrependido das guerras paſſadas, & que eſtaua preſtes pera todas as ſatisfaçoẽs que quiſeſſe. Eſtes embaixadores chegaraõ a Malaca, com oito ou dez embarcaçoẽs embandeiradas, com grandes ſinaes de alegria. Dom Eſteuaõ da Gama os recebeo com grande aparato, & ouuio tudo o que lhe diſſeraõ da parte do ſeu Rey com roſto alegre: & mandandoos agaſalhar, tomou logo parecer com os capitaẽs & caſados antigos d'aquella fortaleza, ſobre aquelle negocio, & todos aſſentaraõ, que lhes deuiaõ conceder as pazes com condiçoẽs honeſtas, pera aſsi ficar aquella fortaleza deſaſombrada & deſapreſſada. Em fim comunicando tudo com os Embaixadores, concluyraõ as pazes com as condiçoẽs ſeguintes.

Que, toda a artelharia que ouueſſe por todo o reino de Viantana, com as armas d'el Rey de Portugal, de muitas embarcaçoẽs que por ſuas coſtas ſe perderaõ, ſeria logo tornada, & trazida a Malaca.

Que, nunca mais el Rey de Viantana faria em porto algum dos ſeus, Lancharas nem outras embarcaçoẽs de guerra, & todas as que ſe fizeſſem ſem o el Rey ſaber,

ber, tanto que foſſe a ſua noticia as mandaria a Malaca com os donos d'ellas. E que todas as que ao preſente eſtiueſſem feitas, aſsi ſuas como de ſeus vaſſallos, mandaria logo entregar a peſſoa que com elles Embaixadores pera iſſo auia de ir.

Que, nunca ja mais faria tranqueiras, nem fortes algũs em Bintaõ, nem em Viantana, & que ſe paſſaria logo pera o rio de Muar, por ficar mais perto de Malaca, pera delle conuerſarem, & comercia rem como amigos: E que n'aquelle lugar taõbem não faria trãqueira, nem forte algum.

Que, todas as diuidas q̃ Tuão Mafamede deuia aos mercadores de Malaca das fazendas que tinha tomadas antes da guerra, as tornaria logo a ſeus donos, & naõ podendo ſer tudo, foſſe parte. & a demaſia pera o anno, de que elle Rey ficaua por fiador.

Que, todos os eſcrauos de Portugueſes que eſtauaõ fogidos de Malaca, & dali pòr diante fogiſſem ſe tornariaõ logo: E ſe algum ja foſſe mouro o pagariaõ a ſeu dono, & o meſmo ſe faria em Malaca aos fogidos de Viantana. E ſe ainda ouueſſe em ſeus reinos algũs filhos & filhas de Portugueſes que ſe perderão auia annos na ſua coſta em hum junco que ya de Borneo pera Malaca, ſe tornarião logo com todos os ſeus eſcrauos, & eſcrauas.

Que, deixaria nauegar liuremente todas as embarcaçoẽs de quaes quer partes que foſſem pera Malaca, com fazendas ou mantimentos, ſem as obrigar a tomarem ſeus portos: & que entrando algũas nelles com tempo fortuito, elRey lhe daria toda a ajuda & auiamento pera irem pera Malaca.

Que, mandaria a ſeus vaſſallos que foſſem com ſuas fazendas a Malaca pera as venderem, & comprarem outras como amigos, a qué ſe faria fauor & amizade, & o meſmo ſe faria em ſeus portos aos Portugueſes.

Eſtes capitulos de pazes jurarão os Embaixadores em nome do ſeu Rey, & dom Eſteuão da Gama os mandou apregoar pella cidade cõ grandes feſtas & alegrias. E logo negoceou peſſoas pera as irem ver jurar a elRey em companhia dos Embaixadores que deſpedio contentes & ſatisfeitos, dandolhes peças & brincos pera lhe leuarem. El Rey os feſtejou muito, & jurou as pazes, & as mandou apregoar por ſua cidade, mandando logo fazer entrega das couſas que eſtauaõ capituladas. E elle ſe mudou pera Muar, aonde fundou noua cidade, começando a correr em grande amiſade com os Portugueſes. Aqui os deixaremos, por continuarmos com as couſas de Maluco, que metemos aqui, por naõ fazermos capitulos pequenos.

Deixa-

Deixamos as couſas d'aquellas ilhas com o tyrãno Catabruno ſe aleuantar por Rey de Geilolo, & com ſuas armadas andar fazendo guerra por todas aquellas ilhas aos Chriſtaõs d'ellas: a quem cõ ameaças fazia tornar a tras. E ajuntando ſeu poder foi contra a cidade de Momoya, em que reſidia hum Principe Chriſtaõ chamado dom Ioaõ, de que ja em outra parte falamos. Eſte naõ ouſando a lhe dar batalha ſe recolheo em hum forte com ſua molher, filhos, & familia: & algũs Portugueſes que Triſtaõ de Taide lhe tinha mandado, naõ ouſando a ficar com elle ſe recolheraõ aos matos, a onde logo foraõ mortos pello edicto que era lá çado, da parte dos da liga. O Catabruno entrou na cidade de Momoya, ſem achar reſiſtencia algũa, & fez nella muito grandes cruezas: porque os pobres & miſeraueis naõ ſe quiſeraõ bolir, nem mudar d'ella, fazendo retroceder todos os Chriſtaõs com tormentos, medos, & ameaças. E como teue feito nella o que quis, foi cercar dom Ioaõ no forte em que eſtaua, dandolhe grandes aſſaltos por todas as partes, aquẽ elle como valeroſo acodio defendendoſe mũy bem: mas entendendo nos ſeus grande temor, & receãdo que elles meſmos o entregaſſem ao imigo, quis prouer nas couſas da alma de ſua molher & filhos: porque ſabia que Catabruno, o de que mais trataua era do zelo da ley de Mafamede, & de fazer tornar atras todos os Chriſtaõs, receando que ſua molher & filhos, de fracos ſe lhe rendeſſem indo ter a ſuas mãos. E mouido de aquelle zelo, mas enganado de taõ peruerſa opiniaõ, matou com ſuas proprias mãos ſua molher & filhos. E querendo vltimamente fazelo a ſi proprio, foi eſtoruado dos ſeus, que pera ſe ſanearem com Catabruno lho entregaraõ com grande magoa & dor de ſeu coraçãõ, por naõ poder effeituar o ſeu deſejo. Catabruno tendoo em ſeu poder, ſabendo o que fizera, lhe perguntou como tomara hũa taõ cruel, & barbara determinaçaõ? como a de matar ſua molher, & filhos com tãta deſumanidade? Dõ Ioaõ com muita ſegurança lhe reſpondeo, que naquella materia tratara mais da ſaluaçaõ de ſuas almas, que do remedio de ſuas vidas: porque receou que de fraços com medo vieſſem a negar a ſe de Ieſu Chriſto, em cuja confiſſaõ eſtaua a verdadeira ſaluaçaõ das almas. Mas que elle como homem firme & conſtante, & que naõ receaua medos, nem tormentos, eſtaua muito preſtes pera ſofrer todos os q̃ ſe lhe deſſem por ſua fe. Porq̃ eſſes magoauaõ o corpo, mas fazião a alma muito fermoſa diante de Deos, onde logo ya gozar de ſua diuina viſaõ, & de hũa gloria que nunca jamais ſe acabaua. Catabruno cheio de colara, & irado d'aquella

quella liberdade com que lhe falou o mandaua matar, mas os seus lhe foraõ a mão, pedindolhe que lhe desse a vida: o que elle fez a seus rogos, deixandoo em seu senhorio. Caso foi este da constancia d'este barbaro pera confundir & enuergonhar a tátos Christaõs da Europa, criados, & sustentados cõ o leite da santa madre igreija, de qué por bem pequenos, & particulares apetites se apartaõ fazendose perseguidores della. E este sendo barbaro, nacido tantas mil legoas apartado da Igreija Romana, foi hum taõ grande pregoeiro, & confessor da fé de Christo, como se ve. Tristaõ de Taide a tribulauãno muito estas cousas, & ainda mais a grande falta que auia na fortaleza de tudo, pello que receaua hũa grande desauentura: & certo lhe socedera, se Deos naõ trouxera no mesmo tempo hum Galeaõ que dom Esteuaõ da Gama lhe mandara de Malaca carregado de mantimentos & muniçoẽs, por ser auisado do perigo em que estaua. Deste Galeaõ ya por capitaõ Simaõ Sodre, que foi recebido de todos como homem que os ya resgatar. Com isto leuantaraõ os nossos algũa cousa a cabeça, & começaraõ a entrar pella ilha a fazer saltos na gente da terra, que estaua toda recolhida na serra. Queimaraõ lhe desta vez as ponoaçoẽs de Trutupalete, Calamata, & Isico: posto que acharaõ em todas grande defensaõ, custandolhes bem de sangue: & duas vezes sairaõ a pelejar com a armada de Tidore, que chegou a te a vista da fortaleza, mas de ambas as vezes se recolheraõ os nossos desbaratados, com mortos & feridos, naõ ficando porem os imigos louuandose muito da vitoria. Os da liga lançaraõ grandes armadas no mar, com que encurralaraõ os nossos na fortaleza, a onde estiueraõ muito trabalhados, a te chegar Antonio Galuaõ, como adiante diremos. Este anno foi ter Aluarado Castelhano as ilhas dos Papuas, indo por mandado de Fernaõ Cortez as de Maluco: & daõ lhe a elle a honra d'este descobrimento, sendo ella de dom Iorge de Meneses, que á ellas foi ter o anno de vinte sete, como atras temos dito. Este Aluarado descobrio n'esta jornada outras ilhas, aque chamaõ Gelles, em hum grao da banda do Norte Leste Oeste com a ilha de Ternate, cento & vinte legoas do Moro. Saõ os naturaes dellas da cor dos Malucos, & tem lingoa sobre si.

CAPITVLO VII.

Dos capitaẽs que o Idalcaõ mandou sobre as terras de Salsete, & da armada que este anno veyo do reino, & de como dom Gonçalo Coutinho capitaõ de Goa passou em busca dos imigos.

Assi

ASSI ficou afrontado, & offendido o Idalcan com a perda & disbarato de Soleimão Agá, que esbraueiaua contra os seus capitaés, despedindo logo Accedecan com grosso poder pera ir tomar satisfaçaõ d'aquella quebra. O Accedecan chegou a Ponda, & dali despedio pera as terras de Salsete hum capitaõ chamado Badurcan com quinze mil homés. Este foi logo cercar o forte de Rachol, & lhe deu muitos assaltos achando em Aluaro de Caminha, que era capitaõ, mũy grande resistencia, tendo nos nauios que andauaõ no rio mũy grã de fauor & ajuda. Era isto em Iunho. E porque as terras estauão alagadas, tendo o Gouernador recado, mandou gente por mar pera mor segurança da fortaleza, & despedio muitos nauios pera irem pello rio açima dar nas aldeas do Idalcan, como fizeraõ, queimando lhe muitas, & destruindolhe os cãpos, & as sementeiras. Vendo Badurcan, que em quanto os nossos nauios tiuessem passagem franca pello rio acima, com os soccorros que cada dia lhe vinhaõ, naõ podiaõ tomar aquella fortaleza, deixou nas terras outro capitaõ chamado Carnabet, com oito centos cauallos, & quatro mil de pé, & elle se passou com toda a mais gẽte por hum passo do rio que se chama Obory, por ser o mais estreito do rio por causa de hũa ponta darea que da outra banda lança o mar (que se chama Lotilin) & na quella parte aonde se pos auia hũ grande penedo que ficaua sobre a agoa, de longo de quem as embarcaçoés que auião de ir pera Rachol forçado auiaõ de passar. E sobre o penedo fez hũa tranqueira em que assestou algũas peças d'artelharia, com que defendeo a passagem aos nossos, que todauia cometiaõ de noite, ainda que com risco. O que sabido por Badurcan, mandou atraueſſar o rio desdo Bory ate a ponta da area de Lotilin (que era distancia de pouco mais de hũ tiro de pedra.) com traues grossas metidas na vaza: & de hũa a outra mandou atraueſſar cadeas de ferro, com o que a passagem ficou de todo impedida: porque sua tençaõ foi defender os soccorros & prouimentos porque lhe entregasse os nossos a fortaleza. O Gouernador sendo auisado do negocio o sentio muito, pelo risco em que a fortaleza estaua, & bem entendeo que lhe auia aquelle negocio de dar trabalho: & com muita pressa se foi pera o passo de Agassaim pera acodir aquellas cousas, porque lhe ficauaõ mais de quatro centos homés cercados & arriscados na fortaleza, & muitas fustas & manchuas das estacadas pera d'entro, como em redes. Dali se embarcou o Gouernador em algũas manchuas,

manchuas cõ algũs fidalgos & capitaẽs velhos,& foi reconhecer o ſitio,& ver com o olho o que ſe poderia fazer pera ſe franquear a paſſagem.E notando tudo muito deuagar, vendo a ponta da area de Lotilin que era delgada, mandou ver ſe ſe poderia cortar pera lançarem o canal pera aquella bãda, ao que foraõ algũs homẽs praticos na terra cõ algũs Pilotos, que foraõ lançados em terra mũy eſcondidamente,& vendo, & notando tudo affirmaraõ ao Gouernador que ſe podia cortar, & q̃ ficaria ali canal ao menos pera almadias & manchuas. E querendo por as maõs aquella obra,mãdou leuar duas grãdes barcaſſas cõ mantas & arrõbadas,de q̃ fez capitaẽs Diogo d'Azãbuja,filho de Diogo d'Azambuja o velho,& Lionel de Lima, que foi hũ dos capitaẽs das carauelas da cõpanhia de dõ Pedro de Caſtello brãco. Eſtes fidalgos eraõ ambos mancebos de grande opinião. O Gouernador mãdou que foſſẽ ſorgir as eſtacadas, & que bateſſẽ o Bory, & trabalhaſſem por arrancar,ou quebrar os paos & cadeas: & eſcreueo a Aluaro de Caminha capitaõ de Rachol, que em hũ dia que lhe limitou,mandaſſe os Naiques & piaẽs,a Lotilin,pera ajudarem a cortar aquella ponta,& mandou ao capitaõ de Goa dõ Gõçalo Coutinho com doze ou quinze nauios,& muitos ſeruidores cõ enxadas & codilins, pas, & ceſtos, pera correreẽ cõ aquella obra,deixãdoſe o Gouernador ficar ẽ Agaſſaim em hũ palmar de hum Fernão Nunez natural de Meijaõ frio, cidadaõ hõrado,& que ſe tinha achado na tomada de Goa,& em outras couſas: pello que lhe deu elRey a capitania d'aquelle paſſo de Agaſſaim em ſua vida, & pera caſamento de hũa filha, & ainda oje viue hũ ſeu filho chamado Iorge Fernandez, neſte meſmo palmar,que ſe achou neſta guerra de Bory, & da della muito boa rezão. As barcaſſas depois de ſurtas entre as eſtacadas começaraõ a bater o Bory,com grãde furia & terror,& tambem receberaõ d'elle ſua repoſta, matandolhe algũs homẽs, & arrombandolhe algũa parte d'ellas: mas os capitaẽs d'ellas que eraõ valeroſos,naõ deſiſtiraõ da obra,antes foraõ continuando a bataria, desfazendo muitas das eſtacas,& matando no Bory muita gẽte. Em quanto ſe iſto continuaua, dõ Gonçalo Coutinho deſembarcou abaixo de Lotilin,& foi caminhãdo por terra a tẽ a põta da area,onde achou o capitaõ do campo de Rachol,cõ todos os piaẽs,& pondo maõs a obra cortaraõ a ponta de mar a mar com grande riſco & perigo, porque todo aquelle dia choueraõ peloutos do Bory ſobre os noſſos, que mataraõ algũs dos ſeruidores. Cortada a ponta, como aquella parte era muito baixa,acodio a agoa cõ a enchente, & ficou daquella feita

hũm canal que de maré chea podião paſſar embarcaçoẽs pequenas, por onde começarão a ir os ſoccorros a Rachol, mas ſempre cõ riſco por couſa da artelharia do Bory, que de dia & de noite naõ ceſſaua de varejar aquella parte. Eſte trabalho durou todo o inuerno, em que os da fortaleza tiueraõ alguns aſſaltos, que por naõ ſeré de ſuſtãcia deixamos de eſcreuer. Entrando o veraõ ſorgiraõ na barra de Goa cinco nãos, de que era capitaõ mor Iorge Cabral, que tinha partido do reino o Março paſſado de trinta & ſeis. De que a fora elle eraõ capitaẽs Vicente Gil, Gaſpar d'Azeuedo, Ambroſio do Rego, & Duarte Barreto. Eſte anno foi muito famoſo no reino, por duas couſas. Hũa porque foi muito nomeado, que ſe chamou o de ſaõ Bras, que foi de tanta ſeca, que todo o anno até o dia de ſaõ Bras Biſpo, que a Igreija celebra a tres de Feuereiro, naõ tinha chouido hũa gota d'agoa, & n'elle por merecimentos do ſanto, choueo tanta que parecia hũ diluuio, & as ſementes que eſtauaõ lançadas a terra (que parece, ſe tinhaõ nella ſuſtẽtado cõ algũs orualhos) foraõ rebentando taõ proſperamẽte, que em toda a parte do reino reſpõdeo a ſeſenta por hũ: & valeo o alqueire de trigo a vinte & cinco, & a trinta tres. A outra foi. Que eſte anno entrou em Portugal a ſanta, & geral inquiſiçaõ, impetrada por elRey dõ Ioaõ do ſummo Pontifice: porque andaua o reino mũy iſcado da peſte Iudaica. Pello que mouido da honra do ſenhor Deos, mandou por Embaixador a Roma dõ Anrique de Meneſes, filho do Conde Prior, dõ Ioaõ de Meneſes, que em Roma ſolicitou eſte negocio com o ſummo Pontifice, que mouido do ſanto zelo d'elRey, lhe concedeo a elle, & a todos os ſeus ſoceſſores o titulo de zeladores da fè. Eſte anno tambem caſou o Iffante dom Duarte irmaõ d'elRey dom Ioaõ, com a Iffante dona Iſabel irmã do Duque de Bargança.

CAPITVLO VIII.

De como dom Gonçalo Coutinho, foi morto & desbaratado no Bory, pellos capitaẽs do Idalcan.

COM a vinda deſtas naos, que trouxeraõ muita gente, determinou o Gouernador de tomar concluſaõ nas couſas da guerra de Salſete, porque tinha muitas que fazer: & a fortaleza de Rachol eſtaua muito arriſcada, & ſeus ſoccorros dauaõ grande opreſſaõ ao eſtado: porque cuſtauão muitas mortes, danos, & deſpezas: porque a mor parte do inuerno eſteue o Gouernador em Agaſſaim, donde prouia naquella guerra, que lhe conſumia muito. E pondo em conſelho de

todos

todos os capitães àquelle negocio, assentouse que se lançasse o imigo do Bory, & que se desentopisse o rio,& se fizesse hũa fortaleza em Rachol forte, & que fosse modera da,& capaz de so cem homẽs,porque naõ estiuessem os Portugueses arriscados de tras de paos. Assẽ tado isto,cometeo o Gouernador, a jornada a dom Gonçalo Coutinho capitaõ de Goa, aquẽ deu seis cẽtos homẽs,que partiraõ em muitos nauios grandes & pequenos:Leuando ordem pera desembarcar em duas partes: hũa pouco antes de chegar ao Bory, & outra adiante delle. Porque como aquelle penedo entraua pella agoa, deixaua de ambas as ilhargas calhetas aque os nauios podiaõ chegar, & lãçar gente em terra.Destas duas partes se temiaõ ja os imigos, & tinhaõ prouido n'ellas desta maneira. Na parte antes do Bory (que era hũa preza d'agoa, que saya ali ao mar, & que tinha hũas portas, & hũa ponte de grossas traues) enceuarãnas mũy bẽ. E na outra parte que era chã, abriraõ grandes couas, & mũy fundas, que taparaõ por çima de canas, palha,& terra: & em estas ambas tinhaõ gente de guarniçaõ, & vigia. Chegado dõ Gonçalo Coutinho as barcaças (que sempre foraõ continuando na bataria) tomando a gente d'ellas,ordenou que fosse ao outro dia pella manhã a desembarcaçaõ nesta forma. Lionel de Lima,& Diogo d'Azambuja, com trezentos homens auiaõ de desembarcar nas portas, & o capitaõ com todo mais resto, no lugar mais acima. E preparandose todos aquella noite,tãto que rompeo a manhã, começaraõ as barcaças sua bataria, & o mesmo fizeraõ as Fustas,que foi hũa cousa muito pera temer. E apartando se os nauios foraõ cometer os lugares determinados os que auiaõ de cometer as portas da preza : poseraõ nellas as proas, & os primeiros que saltaraõ sobre a ponte foraõ Lionel de Lima, & Diogo d'Azãbuja có algũs companheiros, & como yão de salto dando no ceuo, escorregãdolhes os pés cayraõ no mar,õde logo foraõ afogados, por causa das armas, & pella mesma maneira o fizeraõ mais de cento & cincoenta dos que ali desembarcaraõ. Destes hũs foraõ afogados, & outros espedaçados dos imigos, q̃ assi as espingardadas,como as frechadas,naõ faziaõ se naõ ensoparnos nossos, que estauaõ embaraçados na ponte hũs sobre os outros. Dõ Gonçalo Coutinho passou auante, & foi por a proa na outra calheta, & arremessandose a terra os primeiros que desembarcaraõ que foraõ mais de duzentos, dando nas trapeiras foraõse com elles abaixo,ficando enterrados hũs em çima dos outros.Ali acodiraõ os imigos, & fizeraõ nelles matança bem a sua vontade. Dom Gõçalo saltou taõbem em terra mas ficou

fora com algũs que o ſeguiraõ,ſobre quem carregaraõ os mouros. E poſto que dom Gonçalo & os mais pelejarão valeroſamente, foraõ logo desbaratados, & dõ Gonçalo foi recolhido com trabalho, com hum golpe por çima de hum hombro,que o eſcalaraõ todo, & aſsi ſe acabaraõ de desbaratar todos: ficando ali mortos mais de trezentos, & todos ou os mais dos que eſcaparaõ, foraõ com muitas feridas de eſpingardadas,& frechadas. Os das Fuſtas que ainda eſtauaõ por deſembarcar,vẽdo tamanha deſauentura, recolhendoſe foraõ tomando pello mar muitos dos noſſos,aſsi mortos como feridos.E tomando as bárcaças a toa, foraõſe pera Agaſſaim, com os nauios alaſtrados de corpos mortos: E chegaraõ ao meyo dia, eſtando o Gouernador Nuno da Cunha pera ſe por a meſa com todos os fidalgos. E dandolhe a triſte noua, deu de pe as meſas,lançando tudo pello chaõ,foiſſe aparta do ſó,dizẽ do mal a ſua ventura: mandando que ſe deſembarcaſſem os feridos, & que os curaſſem, como ſe logo fez: & foraõ todos deſembarcados,aſsi elles,como os mortos,pera lhes darem ſepultura, que encheraõ todo aquelle palmar, que era couſa muito laſtimoſa de ver. O Gouernador acodio a cura rompẽ do elle meſmo as toalhas & guardanapos da ſua meſa pera fios & ataduras, recolhendo dom Gõçalo pera a caſa em que ſe agaſalhaua, mandandoo curar com muito reſguardo, & o mandou pera Goa, mas como as feridas eraõ mortaes durou pouco. Os mais feridos depois de curados os mandou pera Goa nos meſmos nauios, & d'eſtes morreraõ mais de a metade. De ſorte que n'eſte negocio ſe perderaõ perto de quatrocentos homẽs, em que entraraõ muitos fidalgos & caualeiros,a fora mais de quarẽta que ficaraõ catiuos em poder dos imigos. Eſtes foraõ leuados ao Accedecan que acodio ali cõ muita preſſa.E o primeiro homem que lhe apreſentaraõ, foi hum Franciſco Diaz que elles primeiro deſpiraõ todo,deixandoo nu. Accedecan vendoo aſsi, pezoulhe muito dos ſeus vſarem aquella deſumanidade. E tirando hum camarabã do que tinha ſobre a touca laurado douro,lho deu pera que ſe encachaſſe, como fez, reprendendo os que lho leuaraõ aſsi, dizendolhes,que os Portugueſes naõ ſe auiaõ de tratar d'aquella maneira.

CAPITVLO IX.

Dos recados que o Gouernador Nuno da Cunha teue de Dyo, & das pazes que fez com o Accedecan, & lhe tornou a largar as terras de Salſete, & Bardes.

Eſtando

ESTANDO o Gouernador com eſte grande enfadamẽto, ao outro dia lhe chegaraõ cartas do capitaõ de Dyo em que lhe pedia que em todo o caſo acodiſſe ao Norte, por que Soltaõ Badur fazia grandes ajuntamentos de gente, & que ſem duuida era pera por cerco aquella fortaleza. Iſto embaraçou o Gouernador, & o cortou muito, porque o tomou com hum taõ freſco nojo como o paſſado, naõ ſe ſabẽdo por entaõ determinar no que faria, por q̃ ſe largaua aquella guerra, perdia as terras de Salſete, ſenaõ acodia a Dyo, que era mais importante, arriſcaua aquella fortaleza: n'eſtas talas andaua ſem ſe poder acabar de determinar, nem bolir. Naõ comia, nem repouſaua, porq̃ via muitos mares aleuantados por proa. Mas acodio Deos logo à tudo, como elle ſempre faz, por que eſtando na mayor indeterminaçaõ que ſe nunca vio, nem imaginou, chegou hum recado do Accedecan, a lhe pedir licença, pera lhe mandar hũ Embaixador, porque tinha negocios que importauaõ tratar com elle. O Gouernador lho concedeo. E vindo muito bem acõpanhado o ouuio, preſentes os fidalgos do conſelho. Elle lhe propos ſua embaixada da parte de Accedecan, cuja ſuſtancia era: Que a elle lhe peſaua muito do caſo paſſado, por que era muito ſeu ſeruidor, & affeiçoado aos Portugueſes, que lhe pedia por merce, quiſeſſe eſcuſar tantas mortes & perdas, ſobre couſa que elle naõ podia lograr, que as terras de Salſete eraõ do Idalcan, & que elle as auia de poſſuir & arrecadar, ſem ter contenda cõ os Portugueſes: que quãdo lho elles quiſeſſem impidir, era forçado defenderlho: & que pera ficar ſó tẽdo fortaleza em Rachol, naõ ſeruia de mais, que de lhe fazer muitas deſpezas, que elle naõ queria contender com ella, que ali eſtaria, & os Portugueſes encurralados dentro. Que lhe pedia muito lançaſſe bem ſuas contas, & achando que lhe falaua como amigo & ſeruidor, a mandaſſe tirar dali, & deſiſtiſſe das terras, & que elle eſtaua preſtes pera ſeruir el Rey de Portugal, & conceder todos os partidos juſtos & honeſtos que podeſſe. O Gouernador depois de ouuir o Embaixador, o mandou agaſalhar em hũa quinta perto, ate lhe reſponder. E pondo aquellas couſas em conſelho, debatendoſe bem, & dandoſe muitas rezoẽs de parte a parte, vieraõ a cócluir, que pois as terras ſobre que ſe contendia, ſe naõ podiaõ poſſuir nem arrecadar, ſem mais deſpeſas do que montaua o rendimento dellas, & que o imigo a deſpeito do eſtado as auia de comer, que o bom ſeria largarſe a tranqueira de Rachol, pois na ſuſtãcia naõ era mais que tran-

tranqueira de paos,& naõ fortaleza, & que aquillo naõ ſeruia de mais, que de fazer gaſtos & deſpezas,& de embaraçar a elle Gouernador, pera naõ poder ſair de Goa, acodir as couſas de que ouueſſe neceſsidades. E que a todo tempo que o eſtado podeſſe, & o Gouernador da India eſtiueſſe deſoccupado de guerras, a y eſtauaõ as terras, que ſe poderiaõ tomar todas as vezes que quiſeſſem. Cõ eſta reſoluçaõ reſpondeo o Gouernador ao Embaixador, que elle largaria a tranqueira de Rachol, com condiçaõ que auia de ſer desfeita, & que em quanto ſe recolheſſem os Portugueſes que n'ella eſtauaõ, auia de mandar afaſtar ſeus capitaẽs,& deſempidir a paſſagem do rio, pera ſe recolherem a ſua vontade,& que lhe auia de entregar todos os Portugueſes, que em ſeu poder eſtiueſſem catiuos. Tudo iſto accitou o Embaixador, & paſſou diſſo ſeus papeis & aſsinados. E logo mandou o Gouernador hum capitaõ com muitos nauios pera recolher a gente & artelharia de Rachol, o que elle fez achando ja o rio deſentupido. E depois de ter tudo embarcado, mandou dar fogo a tranqueira, em que toda ſe cõſumio. Feito iſto recolheraõſe pera Goa, & o Accedecan mandou logo todos os Portugueſes que la tinha. Com iſto ſe começou o Gouernador a preparar pera ir a Dyo, dando expediente as naos do reino, pera irem a Cochim tomar a carga. E por aqui concluymos cõ as couſas deſta quarta Decada: porque nos pareceo milhor entrarmos na quinta, com as couſas que começaraõ a ſoceder em principio deſte ueraõ que ſaõ muitas, & muito notaueis.

FIM.